

Ivanhoe

Walter Scott

Capítulo I

E assim cismavam os bem cevados porcos, caminhando ao fim da tarde, para o seu abjecto abrigo Forçados e relutantes, lá iam para as suas pocilgas, grunhindo, desordenada e ruidosamente, e soltando dissonantes berros.

Odisséia de Pope

Naquele aprazível rincão da alegre Inglaterra, banhado pelo rio Dom, existiu, em tempos que já lá vão, uma grande floresta recobrando os belos montes e vales estendendo-se entre Sheffield e a deliciosa cidade de Doncaster. Os restos dessa imensa mata ainda se percebem junto dos nobres assentos de Wentworth, de Wharncliffe Park e ao redor de Rotherham. Ali vagueou, no passado, o Dragão de Wantley, lá se travaram muitas das mais desesperadas batalhas da Guerra Civil das Rosas e ainda naqueles lados viveram outrora, aqueles bandos de galantes proscritos cujos feitos os cantares ingleses tão populares tornariam.

Será este o nosso principal cenário, decorrendo a nossa história no período final do reinado de Ricardo I (1157-1199), quando no seu retorno de demorado cativo, concretizou algo que os seus súbditos, desesperados, mais desejavam do que esperavam, enquanto iam sendo submetidos a todos os gêneros de opressão.

Os nobres, cujo poder se exorbitara, durante o reinado de Estêvão (1135— 1154), e de quem a prudência de Henrique II (1154-1189) quase não conseguira obter um mínimo de sujeição à coroa, usufruíam, no momento, da sua anterior licença sob a mais vasta forma, desprezando a débil interferência do Conselho de Estado inglês, fortificando os seus castelos, aumentando o número dos seus dependentes, obrigando a vassalagem todos à sua volta e tudo fazendo para conseguirem juntar forças bastantes para lhes concederem um lugar cimeiro nas convulsões nacionais que pareciam aproximar-se.

A situação da classe mediana, os rendeiros-livres, como lhes chamavam, a quem a lei e o espírito da Constituição inglesa concediam independência da tirania feudal, era agora verdadeiramente precária. Se, como era frequente, se colocavam sob a proteção de algum reizinho das vizinhanças, ocupando posições dentro da engrenagem feudal do paço, a ele se prendendo por laços de tratados de aliança e proteção mútuas, ou apoiando-os nos seus empreendimentos, conseguiam, por vezes, um repouso temporário, obtido claro é, com o sacrifício da independência pessoal, sempre tão arraigada no íntimo de todos os ingleses, e sujeitando-se ao perigo de se verem envolvidos, como elementos de qualquer irrefletida expedição para a qual a ambição dos seus protetores os arrastasse.

Por outro lado, era tanta e tão variada a capacidade de humilhação e opressão de que os grandes fidalgos gozavam, que nunca conseguiam pretextos e raramente a força de vontade para importunar mesmo quando à beira da própria destruição, os seus menos poderosos vizinhos que tentassem fugir à sua autoridade procurando proteção contra os perigos do tempo numa conduta inofensiva nas leis da terra.

Uma das causas que grandemente concorriam para o aumento da tirania da nobreza e sofrimento das classes inferiores advinha das consequências da conquista, pelo duque Guilherme, da Normandia. Quatro gerações não tinham sido bastantes para ligar os sangues incompatíveis de Normandos e Anglo-Saxões, ou, mesmo: para unir, por uma língua única e interesses comuns, duas raças hostis, uma das quais ainda vibrava com a altivez da vitória, enquanto a outra prosseguia gemendo sob o peso da derrota.

Como resultado da batalha de Hastings (1066) o poder passara totalmente para as mãos da nobreza normanda, mãos que, como nos contam os livros de história, não o empregavam com muita moderação. Toda uma geração de príncipes e nobres saxões fora extirpada, ou deserdada, com poucas ou nenhuma exceções, da mesma forma que poucos eram os das classes logo abaixo deles e das mais inferiores ainda que possuíssem, como proprietários, terras no país dos seus pais.

A política real fora, desde sempre, a de enfraquecer por quaisquer meios uma parte da população que era vista, e com realismo, como sentindo a maior das antipatias para com o seu vencedor. Todos os monarcas de raça normanda continuamente evidenciaram a mais marcada das preferências pelos seus súbditos normandos. As leis da caça, um exemplo entre muitos, e outras, igualmente desconhecidas pela menos rigorosa e de espírito mais aberto Constituição saxônica, haviam sido carregadas ao serviço do povo já subjugado, acrescentando-lhes mais peso ainda às correntes feudais que já arrastavam.

Na corte e nos castelos dos grandes nobres, que imitavam a pompa e a forma de agir dos cortesãos, o francês da Normandia era a única língua a ser utilizada. Nos tribunais, nos debates e nos julgamentos empregava-se também o mesmo idioma. Resumindo, o francês era a fala da honraria, da cavalaria e até da justiça, enquanto o mais masculino e expressivo anglo-saxão fora deixado para uso de rústicos e bisonhos labregos que mais não sabiam.

No entanto, a necessidade de inevitáveis contatos entre os senhores da terra e os oprimidos seres inferiores que as cultivavam já começavam a levar à gradual criação de um dialecto feito duma mistura de francês e anglo-saxão, através do qual se iam entendendo uns com os outros. Seria a partir desta mesma necessidade que, lentamente, se formaria a estrutura da nossa língua atual, o inglês, onde os falares dos vencedores e vencidos, em harmoniosa fusão, se entrelaçaram, enriquecendo-se depois com aquisições aos idiomas clássicos e às línguas europeias do Sul.

Entendi ser este apontar de fatos necessário para a maioria dos leitores, que talvez possam esquecer que, embora não tenha ocorrido nenhum fato histórico do tipo de insurreição, apontando os Anglo-Saxões como um povo distinto a partir do reinado de Guilherme II (1087-1100), o caso é que existiam enormes diferenças entre eles e os seus dominadores, mantendo-se viva a memória colectiva, daquilo que tinham sido em relação ao que foram reduzidos a ser, até ao tempo do rei Eduardo III (1327-1377), conservando-se abertas as feridas, pela Conquista causadas, e as linhas de cisão entre Normandos, vencedores, e Saxões, vencidos.

O Sol punha-se numa das luxuriantemente relvadas clareiras da floresta que citei no princípio deste capítulo. Centenas de carvalhos de largas copas, curtos troncos e longos ramos, que, quiçá, tivessem presenciado a disciplinada marcha dos legionários romanos, abriam os seus nodosos braços por cima da fofa alfombra; em alguns pontos cresciam a par de faias, azevins e segundas crescenças de várias outras espécies, tão juntos entre si que chegavam a interceptar os raios do poente; noutras lugares afastavam-se uns dos outros, formando aquelas extensas vistas ao longo das quais os olhos se deleitam, perdendo-se, enquanto a imaginação as transforma em sendas dirigindo-se a cenas mais selvagens ainda de silvana solidão.

Aqui os rubros raios do Sol estendem-se em luminosidades, de onde em onde quebradas e difusas, que pairam sobre os ramos partidos e os musgosos troncos, iluminando brilhantemente porções de erva, ao longo da qual vão rompendo caminho. Um considerável espaço livre no meio desta aberta parecia ter anteriormente sido aberto para servir os ritos da superstição druídica, até porque no cimo dum montículo, tão regular a ponto de parecer artificial, ainda se erguia parte dum círculo irregular de toscas pedras não lavradas, de grandes dimensões.

Sete mantinham-se de pé. As restantes tinham sido retiradas da sua posição, talvez pela força do fanatismo de algum recém — converso ao cristianismo, jazendo perto umas, nas faldas do monte outras. Uma grande pedra caíra no sopé, alterando o curso dum plácido e até aí silencioso pequeno regato que corria, lentamente, em torno da elevação, murmurando debilmente.

Eram dois os homens contemplando esta paisagem, ambos com a aparência e vestes rusticamente bravias das florestas de West Riding, no Yorkshire de então. O mais velho era de semblante severo, selvagem e agreste. As suas roupas eram do mais simples que se possa imaginar, consistindo numa jaqueta com mangas, de pele curtida, onde os pelos se tinham em princípio deixado ficar, mas que agora estavam tão puídos que era impossível, pelos seus restos, identificar de que animal teria sido feita. Esta veste primitiva descia do pescoço até aos joelhos, cumprindo ela só aquilo que normalmente se exige das roupas. O rasgo da gola não era mais largo do que o preciso para permitir a passagem da cabeça, donde se poderia concluir que se vestia enfiando-a, como se enfia uma camisa moderna ou uma cota de armas antiga.

Sandálias, com ataduras de couro de javali, protegiam-lhe os pés, enrolando-se as últimas pelas pernas acima até pouco abaixo dos joelhos, nus, como Os dos montanhesees da Escócia. para melhor ajustar a jaqueta ao corpo, usava um cinturão largo, que se fechava com uma fivela de latão, num dos lados da qual pendia uma espécie de alforje e do outro um corno de carneiro ao qual fora adaptado um bocal, para que pudesse ser usado como instrumento de sopro.

Ao cinturão estava presa também uma daquelas compridas, largas e afiadas facas de dois gumes, de cabo de chifre de veado, fabricadas nas redondezas e marcadas, já nesse remoto período, com o nome dum cuteleiro de Sheffield. Nada trazia na cabeça, que estava coberta por espesso, desgrenhado e enriçado cabelo, a que o sol dera uma cor vermelho-arruçada, muito contrastando com as barbas, recobrando-lhe as faces, de tom mais para o ambarino.

Falta descrever uma peça da sua indumentária, demasiado importante para se poder esquecer: trata-se dum anel de latão, parecendo uma coleira de cão, sem qualquer cobertura, contudo, pois fora soldada em torno do pescoço, folgada bastante para não atrapalhar a respiração, mas, mesmo assim, suficientemente justa para não se poder retirar sem recorrer a uma lima. Neste curioso gorjal estava gravado, em escrita saxônica, a legenda "Gurth, filho de Beowulph, escravo nato de Cedric de

Rotherwood".

Ao lado do porqueiro, pois era essa a sua ocupação, sentava-se, num dos monumentos druídicos, outro homem, aparentando dez anos menos do que aquele que descrevemos e cujas roupagens, ainda que, no feitio, semelhantes às do companheiro, eram de artigo melhor e de aspecto mais extravagante. A jaqueta fora tingida dum tom púrpura vivo, sobre o qual havia esboços de ornamentos de várias cores. Por cima da jaqueta trazia uma capa curta, mal lhe chegando ao meio das coxas. De tecido carmesim, cheio de nódoas, debroado a amarelo forte, muito mais larga do que comprida, podendo facilmente passar-se dum ombro para o outro ou ser enrolada em torno do corpo, era perfeitamente fantástica.

Nos braços, delgados braceletes de prata e, ao pescoço, uma gorjeira do mesmo metal, com a inscrição "Wamba, filho de Witless, escravo de Cedric de Rotherwood". Calçava o mesmo tipo de sandálias que o seu camarada, só que, em vez dos nagalhos de couro, as pernas tinham a cobri-las uma espécie de polainas, uma vermelha, outra amarela. Ostentava um gorro com alguns guizos, mais ou menos do tamanho dos que se prendem aos falcões, nele pendurados, que tilintavam sempre que movia a cabeça.

Como raramente estava queto, quase que se poderia considerar aquele tinir como constante. Em volta do gorro corria um rígido rebordão de couro, com a parte superior revirada e recortada como um coronel, dele subindo uma longa saca, que depois caía por um dos ombros, lembrando um antiquado barrete de dormir, um coador de geleia ou mesmo o chapéu dos atuais hussardos. Aqui prendiam-se as campainhas.

Tudo isto e a sua expressão meio louca, meio astuciosa, mostravam pertencer ele àquela categoria de palhaços domésticos, ou bobos, que os ricos mantinham nos seus solares para quebrar o tédio das monótonas horas que eram obrigados a passar dentro de portas. Como o seu companheiro, usava, ao cinto, um alforge, mas não carregava nenhum corno ou faca, provavelmente por pertencer a uma classe tida como demasiado perigosa para se lhe poderem confiar instrumentos cortantes.

Em lugar disso ostentava uma espada de pau lembrando aquela com que o Arlequim executa todas as suas malabarias nos palcos de agora. A aparência destes dois personagens era ainda menos contrastante do que os seus ares e comportamentos. Os do servo ou escravo eram tristes, taciturnos. Caído, inconformado, quase se diria apático se o fogo que ocasionalmente lhe faiscava dos olhos não revelasse que, debaixo de toda a sua desanimação, dormitavam um repúdio pela opressão e um desejo de resistir imensos. Wamba, por seu lado, aparentava, como é costume na gente da sua espécie, uma distraída curiosidade e uma irrequieta impaciência, que não lhe permitiam qualquer pouso ou repouso, a par da mais completa autossatisfação no respeitante à própria situação e aparência.

O diálogo que mantinham era em anglo-saxão, a língua geral das classes inferiores, como foi dito, se se exceptuarem os soldados normandos e o pessoal imediatamente dependente dos grandes nobres feudais. Transcrever a sua conversa no vernáculo nada representaria para o leitor hodierno, pelo que me permito traduzi-la como segue.

— Que a maldição de Santo Withold caia sobre estes recos do Inferno — bradou o porqueiro, após ter soprado a sua trombeta, com estrépito, para reunir a dispersa vara, que, acusando o chamado, lhe respondeu em tonalidades igualmente melodiosas, sem contudo se afastar, ou do faustoso banquete de sementes de faia e landes, nas quais cevavam, ou das margens alagadiças do regato, onde alguns deles, meio mergulhados na lama, se estiravam, consolados e totalmente indiferentes à voz do seu dono.

— Que a maldição de Santo Withold caia neles e em mim também — continuou Gurth — se o lobo de duas pernas não apanhar um deles antes de anoitecer, eu não sou homem, nem nada. Anda cá, Fangs! Fangs! — explodiu a plenos pulmões voltado para um cão hirsuto, misto de lobo, cão de amarrar, mastim e galgo, que manquejava por ali, sem qualquer tenção de auxiliar o seu amo no arrebanhar dos renitentes grunhidores, e que, por incompreensão dos sinais que lhe eram feitos, ignorância dos seus deveres, ou maldosa propensão, ainda mais os espalhava, agravando o mal para o qual deveria ser remédio.

— Que o Demo lhe meta os dentes — disse Gurth — e a mãe todas as desgraças dane o couteiro desta mata, que corta as unhas das patas da frente dos cães, tornando-os incapazes para o serviço a que se destinam (1). Wamba, levanta-te e mostra que és homem ajudando-me. Dá uma volta ao monte para lhes ficares contra o vento. Logo que estiveres certo disso, guia-los-ás à tua frente com tanta facilidade como se de cordeirinhos se tratasse.

— Claro — disse Wamba sem se mexer donde estava -, já consultei as minhas pernas sobre o assunto, sendo elas de opinião que arrastar as minhas garridas vestes nesses lamaçais constituiria uma prova de pouca amizade para com a minha soberana pessoa e também para o guarda-roupa real. Daí, Gurth, te aconselhe que mandes o Fangs ficar quieto e deixes a vara entregue ao seu destino, que, quer venham a encontrar-se com soldados viajando e proscritos vadiando, quer peregrinos passando, será sempre o de se transformarem, antes do amanhecer, para teu alívio e conforto, em normandos.

— Os suínos convertidos em normandos?! — interrogou Gurth. Explica-me lá isso, Wamba, porque o meu cérebro é demasiado obtuso e a minha mente confusa de mais para decifrar enigmas. — Então como é que tu chamas a estes brutos que para aí andam sobre quatro patas e a roncar? — perguntou Wamba. — Suínos, ó louco, suínos — afirmou o porqueiro, acrescentando: — Qualquer maluco o sabe.

— E "suíno" é saxão do bom — disse o bobo. — Mas como é que chamas à porca, depois de esfolada, aberta, esquartejada e pendurada pelos pés como um traidor?

-Porco — respondeu o guardador. — Apraz-me saber que qualquer maluco saiba isso também — prosseguiu Wamba -, e "porco" é, creio eu, francês, do bom, da Normandia. Portanto, enquanto o bicho vive, à guarda dum escravo saxão, responde pelo seu nome saxão, mas quando morre vira normando, sendo porco que o denominam, quando é levado para o castelo para delícia dos nobres. Que me dizes a isto, Gurth amigo? Hem?(2) — Parece doutrina válida, amigo Wamba, ainda que saída do teu cocuruto de doido.

— Olha. Há mais para te contar — prosseguiu Wamba no mesmo tom. — o Senhor Boi conserva a sua alcunha saxônica enquanto aos cuidados de servos e escravos como tu, mas muda para Bife, galantemente afrancesado, quando caminha para as respeitáveis queixadas de quem o vai ingerir. Igualmente a Senhorinha Bezerra passa para Mademoiselle de Vitela acontecendo, pois, que apenas são saxões enquanto dão trabalho, mas normandos quando passam a poder dar prazer (3).

— Valha-me São Dunstan I — exclamou Gurth.

— São bem tristes as verdades que dizes pouco nos resta senão o ar que respiramos, e mesmo esse parece ter-nos sido concedido muito a custo e só para que possamos aguentar as tarefas que nos põem às costas. O bom e o melhor vai para as mesas deles, o mais belo para as suas camas, e os mais bravos e valentes servem chefes estrangeiros como soldados, acabando os seus ossos a branquear em quaisquer paragens distantes, aqui restando poucos com vontade ou forças para proteger os desafortunados saxões. Que Deus abençoe o nosso senhor Cedric, que tem feito trabalho de homem, defendendo a brecha. Mas atenção, que Reginald Front-de-Boeuf vem por esta terra abaixo em breve, veremos para que serviram os cuidados de Cedric.

— E levantando a voz:

— Anda, anda cá! Isso! Isso! Muito bem, Fang! Tem-os finalmente à tua frente e trazê-los direitinhos. Lindo! — Gurth — disse o bobo -, sei que me consideras um tolo, e não porias a tua cabeça nas minhas mãos, Uma palavra só a Reginald Front-de-Boeuf ou a Philip Malvoisin, dizendo— lhes que falaste contra os Normandos, e não serás mais do que um porqueiro desterrado, ou, pior ainda, acabarás dependurado numa destas árvores, como aviso para os que dizem mal das grandes personalidades.

— Cão. Não era capaz de me atraiçoar — bradou Gurth – depois de me teres levado a dizer o que disse? — Trair-te, eu? — respondeu-lhe o bufão. — Não. — Não, isso seria obra de gente esperta e um tolo só a si mesmo ajuda... mas fala baixo! Quem vem aí? — interrompeu escutando o passo de vários cavalos que começava a fazer— se sentir.

— Não interessa quem é — observou-lhe Gurth, que tinha agora os porcos em seu redor e que, ajudado pelos Fangs, os ia guiando por uma das difusas vistas que tentamos descrever.

— Não. Tenho de ver os cavaleiros — regozijou-se Wamba.

— Será que vêm do País das Fadas trazendo um recado do rei Oberon ?

— Os diabos te levem — retorquiu-lhe o porcariço. — Como te atreves a dizer coisas dessas, quando uma grande tempestade, com trovões e relâmpagos, está a estoirar nas redondezas? Escuta como troveja. É chuva de Verão, pois nunca vi pingas tão grossas como as que estão caindo das nuvens. Os carvalhos mesmo nesta calmaria, rangem e estalam lá no alto das suas grandes ramas como que anunciando temporal. Não armes em esperto e acredita-me, ao menos desta vez. Vamos para casa antes que a tempestade venha para cima de nós e nos faça passar uma noite medonha.

Wamba pareceu aceitar a intensidade do seu apelo e juntou— se ao companheiro, que levantava um longo varapau caído na relva à sua beira. Este segundo Eumeu (4) apressou-se então, pela clareira fora, conduzindo, em conjunto com Fangs, toda a vara numa pouco harmoniosa corrida.

1. Um dos mais sentidos agravos daquela gravosa época eram as leis da Caça. Tais opressivos decretos eram provenientes da conquista normanda, já que as normas de caça dos Saxões se mostravam brandas e humanas, enquanto as de Guilherme, entusiasticamente ligadas ao exercício de seus direitos, se mostravam, para se dizer o mínimo, tirânicas. A criação da Floresta Nova [New Forest], comprovante da sua paixão venatória, reduziu muitas aldeias felizes à condição que o meu amigo Mr. Wilham Stewart Rose, assim recorda: "Entre as ruínas da igreja Encontrou, à meia-noite, poleiro o corvo Num lugar de melancolia. O implacável conquistador derruiu — Ai, que feito mal feito!" — aquela aldeinha Apenas para aumentar a sua coutada. O mutilar dos cães, tão precisos para a guarda de manadas e rebanhos, para que não perseguissem os veados, denominado "legalização" (lawing), era useiro. A Carta das Florestas, concebida para limitar e previa duras medidas, declarava que as inquirições ou revistas para a legalização de cães seriam feitas de três em três anos e sempre testemunhadas por legistas; que aquele cujos cães se encontrassem por legalizar dessem três xelins para as obras de caridade; e que (a partir da publicação da carta) mais nenhum boi seria legalizado. Tais legalizações seriam feitas de acordo com as posturas em curso ou seja, que se arrancariam três unhas da pata frontal direita, sem, contudo, se arrancar a almofada. A propósito do assunto, consulte-se The Historical Essay on the Magna Carta Of King John (Uma bela obra), de Richard Thomson.

2. Há aqui um jogo de palavras intraduzível. "Porca", o animal, é, em inglês, sow, enquanto "carne de Porco", (e evidentemente, carne de porco) é pork, vocábulo introduzido pelos Normandos. (N. do T.) 3. Novo jogo de palavras. Em inglês, "boi" e "vitela", os animais, são ox e calf palavras de origem saxônica. As suas carnes,

porém, chamam-se beef e veal, derivados do francês boeuf e veau, respectivamente. (N. do T.) 4. Escravo de Ulisses. (N. do T).

Capítulo II

Uma vez houve um monge grande campeão. Um cavaleiro amante da veação. Um abade capaz, um homem perfeito, Com belos cavalos na baía a jeito. Cavalgando as gentes os arreios lhe escutavam, Tinindo, zoando claros ventos que sopravam, Aumentando como aumenta o som do sino da capela. Assim era este guarda e senhor da sua cela

Chaucer

Não obstante as frequentes incitações e admoestações do companheiro, devidas ao ruído dos cavaleiros que se acercavam, Wamba não conseguia ser obrigado a não se atrasar, o que ia fazendo, aproveitando todos os ensejos, como o de arrancar duma aveleira um galhinho com alguns frutos ainda verdes, de se voltar para apreciar melhor a mocinha duma cabana que com eles cruzava e muitos outros. Por essa razão, os cavaleiros rapidamente os alcançaram.

Eram dez homens, dos quais os dois da dianteira mostravam ser pessoas de considerável importância, sendo os restantes seus subordinados. Não era difícil adivinhar a condição dum deles, pois nele tudo revelava tratar-se de um elevado membro da Igreja. O seu hábito era o dum monge cisterciense, mas de tecidos muito mais finos do que aqueles que a sua Ordem permitia. O seu manto e o capucho, da melhor fazenda da Flandres, caíam em amplas mas elegantes dobras em torno do corpo do bem-parecido, se bem que um tanto corpulento, indivíduo. O seu semblante dava tão poucas mostras de abnegação como as suas roupagens de desprezo pelo esplendor mundano. Tinha feições que se poderiam classificar de boas, se sob as suas órbitas não espreitasse aquele piscar malandro e epicurista características do lúbrico cauteloso.

A parte esse pormenor, a sua posição e profissão haviam-lhe ensinado um comando sobre as suas expressões que, à vontade, tornava solenes, mesmo que o seu natural fosse o de um ar de bom humor indulgente para com a sociedade. Num claro desafio às regras conventuais, editos papais e conciliares, as mangas deste dignitário dobravam-se e estavam forradas com belas peles e o manto prendia-se ao pescoço por um broche de ouro.

Todo o seu vestir, embora de acordo com os preceitos da ordem, era demasiado requintado e ornamentado, tal qual como sucede a uma beleza quacrè (1) que, ostentando as roupas e usos simples da sua religião, lhes empresta, pela escolha dos tecidos e faceirice, um ar de quem muito aprecia as vaidades do mundo.

O ilustre eclesiástico montava uma nédia mula, que se deslocava a passo travado e cujos arreios eram excessivamente decorados e, de acordo com a moda da era, ornamentados com sininhos de prata. Montava sem o habitual desajeitamento conventual, mas sim com a graça e o à vontade próprios do cavaleiro bem treinado.

Na verdade, parecia que um meio de transporte tão modesto como uma mula, não obstante a sua cômoda passada, fora escolhido pelo monge apenas para se deslocar pela estrada, pois um irmão laico que fazia parte da comitiva levava à brida, para seu uso noutras ocasiões, um dos mais belos ginetes espanhóis que se criam na Andaluzia, um daqueles que os comerciantes, ocasionalmente, importam com muitas penas e riscos, para depois venderem a pessoas de dinheiro e distinção. A sela e o xairel do soberbo palafrem estavam recobertos por um pano longo, quase chegando ao chão, com muitas cruces e outros distintivos eclesiásticos bordados.

Outro leigo conduzia um macho carregado, possivelmente com a bagagem do seu superior. Na retaguarda, dois monges menores da ordem, a par, rindo e conversando, seguiam sem prestar grande atenção aos restantes da cavalgada. O companheiro do dignitário religioso teria mais de quarenta anos, magro, mas robusto, era uma figura atlética a quem a fadiga e os exercícios continuados pareciam ter comido todo o excesso de gordura, deixando-lhe o corpo somente com músculos, ossos e tendões, fortes bastante para aguentarem mil tormentos e prontos a enfrentarem outros tantos mais. Levava a cabeça coberta com um barrete encarnado com bandas de pele – aquilo que os Franceses denominam de mortier, dada a sua semelhança com um almofariz(2) invertido. O seu semblante mantinha um aspecto propositadamente tomado para impressionar ou, mesmo, amedrontar os estranhos.

As feições bem marcadas, naturalmente fortes e poderosamente expressivas, estavam quase tão queimadas pela continuada exposição ao sol dos trópicos que pareciam, na cor, as dum negro, podendo delas, na sua postura normal, dizer-se que espelhavam a bonança após a tempestade das paixões. Paixões estas que, como bem mostravam as veias salientes da testa e a prontidão com que o queixo superior e os grossos bigodes pretos estremeciam à menor emoção, poderiam rápida e facilmente acordar de novo.

Os seus ardentes e penetrantes olhos negros contavam, à primeira vista, histórias de dificuldades vencidas e perigos enfrentados, parecendo até desafiar opositores ao seu querer, pelo prazer de os ver varridos pelo seu próprio valor e força de vontade. Uma profunda cicatriz na fronte e o olhar sinistro de um dos olhos, que, ferido por qualquer razão, ficara sem perder a visão, mas levemente distorcido, acrescentavam mais severidade à sua fisionomia.

As vestes superiores deste personagem assemelhavam-se às do seu acompanhante, pois envergava um comprido manto

monástico, cuja cor rubra mostrava, porém, não fazer parte de qualquer uma das quatro ordens regulares. O ombro direito do manto ostentava o desenho de uma cruz de forma pouco vulgar, bordada de tecido branco. A parte de cima do manto quase escondia algo que, a princípio, poderia parecer contraditório com o seu feitio, o de uma camisa, pois era de malha de ferro, com mangas e luvas do mesmo material, tão bem interligado que aderiria ao corpo com a mesma flexibilidade dos tecidos que atualmente possuímos, feitos com outros produtos muito menos rígidos.

A parte da frente das coxas, que as pregas do manto permitiam ver, estavam igualmente recobertas de cota. Os joelhos e os pés defendiam-se com delgadas placas de aço, habilmente ligadas entre si. Bragas de malha de ferro estendiam-se da cinta aos joelhos, protegendo-o e completando a sua couraça defensiva. No cinturão trazia uma adaga de dois gumes, a única arma que transportava.

Não montava, como o outro, uma mula, mas sim um cavalo de boa andadura, poupando assim o seu garboso corcel de guerra, inteiramente armado para o combate, incluindo uma testeira com um espeto projetando-se para a frente, que um escudeiro conduzia, atrás. Dum lado da sela pendia uma curta acha-de-armas com belos embutidos damasquinos, e do outro um elmo empenachado, um capuz de malha de ferro e um montante, próprios dos cavaleiros da época. Um outro escudeiro segurava a lança do seu senhor, na qual drapejava uma pequena bandeirola ou flâmula, com uma cruz igual à do bordado do manto. Transportava ainda o seu escudo triangular, pequeno, mas suficientemente largo no topo para proteger o peito.

Tecido escarlate escondia-o.

Atrás destes dois escudeiros seguiam dois outros dependentes, cujos rostos muito escuros, turbantes brancos e o jeito oriental dos seus trajes indicavam serem eles originários de qualquer distante país do Leste (3). A aparência quer deste guerreiro, quer dos seus seguidores, era exótica, o modo de vestir dos seus escudeiros sumptuoso e os seus serviçais orientais ostentavam colares de praia e braceletes do mesmo metal, tanto nas pernas como nos braços, estes nus até aos cotovelos, aquelas do tornozelo à barriga da perna.

As sedas e os bordados abundavam proclamando a prosperidade do seu senhor, cuja marcial simplicidade marcadamente contrastava com eles. Iam armados de alfanges com os punhos e boldriés, ornamentados a ouro, condizendo com as adagas turcas de feitura ainda mais valiosa. Ambos carregavam no arção um feixe de xaras ou dardos, com cerca de um metro e vinte centímetros de comprido, e afiadas pontas de aço, armas muito do gosto dos Sarracenos, que ainda as recordam nos seus exercícios marciais, denominados El Jerrid, que continuam sendo praticados nos países do Levante.

As montanhas destes indivíduos eram tão estranhas como eles. De raça sarracena, logo de descendência árabe, de membros delgados, topetes pequenos, finas crinas e ágeis de movimento, diferiam grandemente dos pesados e mais espessamente constituídos cavalos, que se criavam, nas Flandres e na Normandia, para aguentarem os guerreiros equipados com couraças completas de chapa e cota de malha do tempo e que, postos a par daqueles rápidos corcéis levantinos, se assemelhavam à encarnação da massa ao lado de sombras.

A singular aparência desta cavalgada não só excitou a imaginação de Wamba como até a do seu menos volúvel companheiro. No monge imediatamente reconheceu o prior da Abadia de Jorvaulx, bem conhecido ali à volta como um amante da caça, da mesa e, se a fama não se enganava, de outros prazeres mundanos pouco próprios dos seus votos monásticos.

As ideias da época, todavia, eram tão permissivas para com o clero, secular ou regular, que o prior Aymer gozava de excelente reputação nas imediações da sua abadia. O seu temperamento aberto e jovial e a prontidão com que absolvía os pecadilhos mais vulgares tornavam-no popular entre a nobreza e a burguesia, a muitos dos quais laços de sangue o uniam, uma vez que a sua família era de ascendência fidalga normanda. As senhoras, principalmente, evitavam indagar excessivamente da moralidade dum homem confessadamente admirador do sexo a que pertenciam e que conhecia inúmeras formas de dissipar o aborrecimento que tão frequentemente invadia as salas e os caramanchões dos antigos castelos feudais. O Prior tomava parte nos desportos de exterior com todo o entusiasmo, era dono dos melhor treinados falcões e dos mais rápidos galgos de North Riding — motivos que o tornavam altamente querido entre os jovens da classe média. Junto dos mais velhos interpretava um papel diferente, comportando-se com o maior decoro, quando necessário. O seu conhecimento de literatura, embora muito superficial, era suficiente para impressionar a ignorância dos demais como um profundo sabedor. A maneira grave como agia e falava em voz bem alta ajudava a realçar a autoridade da Igreja e dos seus ministros e também os perturbava, a ponto de quase verem nele um santo.

Mesmo as gentes do povo, os críticos mais severos dos seus melhores, viam com benignidade as loucuras do prior Aymer. Era generoso e, como toda a gente sabe, a caridade esconde um mar de pecados, até porque as próprias Escrituras o recomendam desse mesmo modo. As receitas do mosteiro, grande parte delas ao seu dispor, não só lhe possibilitavam enfrentar as suas consideráveis despesas como lhe permitiam as larguezas que estendia aos camponeses, aliviando-os em muitas das aflições a que os oprimidos são atreitos. Se o prior Aymer demorava na caça prolongava um banquete, se era visto a entrar, altas horas, pelas portas traseiras da Abadia, de regresso de qualquer encontro que lhe ocupara as horas de escuridão, as pessoas encolhiam os ombros e acatavam-lhe as faltas ao lembrarem — se que tantos dos seus irmãos as tinham igualmente, sem, em contrapartida, possuírem as precisas qualidades remissoras e absolutentes. O prior Aymer era, pois, bem conhecido dos servos saxões, que o reverenciaram do seu modo rude, recebendo em troca um "Benedicite, mez filz".

O aspecto fora do comum do seu companheiro, porém, prendia-lhes a atenção e enchia-os de espanto, atrapalhando-os,

tanto que quase nem prestaram atenção às palavras do prior de Jorvaulx quando este lhes perguntou se sabiam de algum albergue nas redondezas, deixando-se ficar a apreciar as roupagens monástico— guerreiras do trigueiro estrangeiro e as extravagantes roupas e armas dos seus criados levantinos. É também provável que a língua em que a bênção fora concedida e a questão posta parecessem pouco graciosas, se bem que inteligíveis aos ouvidos de campônios saxões.

— Perguntei-vos, meus filhos — disse o Prior elevando o tom e servindo-se da língua franca, de idiomas mistos, que os Normandos e os Saxões empregavam quando conversavam uns com os outros -, se nesta vizinhança haverá algum homem bom que, pelo amor a Deus e devoção à Santa Igreja, queira dar abrigo e alimento por uma noite a dois dos Seus humildes servidores e ao seu séquito?

Fora esta frase dita em tom importante, perfeitamente contrário aos termos de modéstia que achara por bem empregar. "Dois dos humildes servos da Madre Igreja! ", repetiu Wamba para si, mas, tolo que fosse, sem deixar audível o seu aparte. "Bem gostaria eu de lhes conhecer os copeiros e os mordomos e demais criados de importância..." Uma vez feito este comentário interior ao discurso do Prior, levantou os olhos respondendo ao que lhe fora posto.

— Se os reverendos padres — disse — apreciassem sã alegria e macia acomodação, umas poucas milhas mais a cavalo levá-los-iam até ao priorado de Brinxworth, que lhes asseguraria a mais honrosa das recepções. Caso prefiram um serão de penitência, poderão voltar naquela clareira bravia, além, que os conduzirá até ao eremitério de Copinanhurst, onde um piedoso anacoreta partilhará convosco o abrigo do seu tecto e os benefícios das suas orações.

O Prior afastou as duas alternativas com um abanar de cabeça. — Ó meu honesto amigo — disse -, se o tilintar desses guizos ainda te não embotou a razão, deverás saber que Clericus clericum non decimat, ou seja, que nós, gente da Igreja, não apreciamos exaurir a hospitalidade mútua, preferindo recorrer aos seculares, dando-lhes desta maneira oportunidade de servirem a Deus, honrando e aliviando os Seus servos.

— É certo — respondeu Wamba — que eu, não passando duma besta, me honro por trazer guizos, tal como a mula de vossa reverência; no entanto, julgara que a caridade da Madre Igreja para com os seus servidores deveria, como com outras caridades também, começar na própria casa.

— Poupa-nos as insolências, homem — disse o cavaleiro armado, quebrando a troca de palavras com a sua voz austera, -, e diz-nos se puderes, qual é o caminho para... Como é que se chama o seu rendeiro, prior Aymer? — Cedric — informou o Prior — Cedric, o Saxão. Diz-me, bom homem, se estaremos próximos da sua habitação e se nos podes indicar como para lá se vai.

— A estrada será difícil de encontrar — informou Gurth, quebrando o silêncio pela primeira vez — e a família de Cedric recolhe-se cedo.

— Ena! Não me digas, homem — exclamou o guerreiro — que não lhe será fácil levantarem-se para atenderem a viajantes que, como nós, não se baixam a pedir hospitalidade, pois têm o direito de a exigir.

— Não sei — disse Gurth, aborrecido — se deva indicar o caminho para a casa do meu senhor a quem impõe, como de direito, um abrigo que outros, de bom grado, pediriam por favor.

— Argumentas comigo? — bradou o soldado, esporeando o cavalo e fazendo-o dar meia volta no carreiro e, simultaneamente erguendo o pingalim que empunhava, pronto a punir o que considerava uma insolência do lapônio.

Gurth lançou-lhe uma mirada selvagem e vingativa, ao mesmo tempo que, com um feroz mas hesitante movimento, levava a mão ao cabo da sua faca. A interferência do prior Aymer, porém, colocando a mula entre o seu companheiro e o porcariço, travou a violência que nascia.

— Não, Irmão Brian! Por Santa Maria, não julgue que ainda está na Palestina impondo-se a pagãos turcos e a sarracenos infiéis. Nós, ilhéus, não gostamos de golpes que não sejam os da Igreja castigando aqueles que ama. Diz-me, bom homem – fez virando-se para Wamba e reforçando o seu pedido com uma pequena moeda de prata -, como ir para casa do Cedric, o saxão. Não o deves ignorar e é teu dever indicá-lo a um caminheiro, mesmo quando é de menos santidade que a nossa.

— Na realidade, venerando padre — retorquiu o bobo -, a cabeça de Sarraceno do reverendo companheiro à vossa direita afugentou da minha a ideia do caminho de casa, a ponto de não saber se lá chegarei esta noite.

— Chiu! — calou-o abade. — Podes dizer-nos, se quiseres. Este meu reverendo irmão passou a vida inteira entre os Sarracenos, lutando pela libertação do Santo Sepulcro. Ele é da Ordem dos Templários, de que deves ter ouvido falar. É, pois, meio monge, meio soldado. — Se é. pelo menos meio monge, deveria ser mais razoável com quem encontra na estrada, mesmo que esteja sem pressa de lhe dar informações que não lhe respeitam.

— Perdoo-te a graça — disse o abade -, sob a condição de mostrares o caminho para a casa do Cedric.

— Está bem, então — concordou Wamba -, Vossas Reverências continuarão neste carreiro até à Cruz Enterrada, da qual já nem um cúbito está de fora. Aí tomarão, dos quatro carreiros que vão dar à cruz, o que segue à esquerda, ficando eu certo de que, assim, obterão abrigo antes de a tempestade se desencadear.

O abade agradeceu-lhe, enquanto os cavaleiros, metendo esporas nas suas montadas, galoparam como só galopa quem quer chegar a um abrigo antes de ser apanhado por uma tempestade noturna. Sentindo as suas passadas desvanecerem-se, Gurth virou-se para o parceiro, observando: — Se seguirem as tuas sábias indicações, dificilmente os reverendos padres alcançarão Rotherwood esta noite. — Pois não — sorriu o bobo -, mas alcançarão Sheffield se tiverem sorte, de que também precisarão

para arranjar acomodações à sua altura. Não sou tão mau monteiro que mostre aos cães onde se acoita o veado.

— Fizeste bem — aprovou Gurth -, pois seria mau que o Aymer visse a lady Rowena... e pior seria se o Cedric discutisse, como certamente faria, com aquele monge militar. Mas, como bons criados que somos, nada ouvimos, vimos ou dizemos. Voltando aos cavaleiros, que, tendo deixado os dois servos, conversavam agora em francês da Normandia, a língua das classes superiores, se se exceptuarem alguns poucos que se orgulhavam da sua ascendência saxônica.

— Que queriam aqueles tipos com aquela insolência toda? perguntou o templário ao beneditino. — E por que me não deixou castigá-los?

— Por minha fé, Irmão Brian — respondeu o Prior -, tocar num deles seria o mesmo que dar razão a um louco nas suas loucuras. E o outro, o rústico, era daquela raça bravia, feroz e intratável de que ainda se encontram alguns, entre os descendentes dos Saxões, cujo máximo prazer é manifestar por todos os meios possíveis toda a sua aversão aos conquistadores.

— Ter-lhe-ia ensinado maneiras à força — rosou Brian. — Estou acostumado a lidar com gente desse gênero. Os nossos prisioneiros turcos são tão ferozes e intratáveis como o próprio deus Odin, mas com dois meses em minha casa, ao cuidado do meu feitor de escravos, ficam humildes, submissos, serviçais e cumpridores da vontade de quem neles manda. Bofê, senhor, haverá, contudo, de nos acautelarmos de venenos e adagas, já que são lesto no emprego de ambos, desde que oportunidade lhes surja.

— Claro — assentiu o prior Aymer -, mas cada terra tem os seus usos e costumes, além de que bater-lhes não nos traria a informação desejada quanto ao caminho para a casa do Cedric, tal como haveria bulha entre si e ele se tivéssemos sido nós a descobrir como se ia para casa dele.

Recorde o que lhe disse, aquele rendeiro livre é orgulhoso, feroz, ciumento e irritável. Um adversário da nobreza, mesmo dos seus vizinhos, Reginald Front-de-Boeuf e Philip Malvoisin, que não são bebês nenhuns. Ele defende com tanta ferocidade os privilégios da sua casta e orgulha-se tanto de descender diretamente de Hereward, um campeão, da Heptarquia, que toda a gente lhe chama Cedric, o Saxão.

Faz questão em se gabar pertencer a um povo cujo sangue muitos procuram esconder nas suas ascendências, evitando desse modo o aguentar o vae victis das severidades impostas aos vencidos.

— Prior Aymer — observou o Templário -, o senhor é um homem galante, estudioso do belo e um trovador tão competente em todas as coisas de amor que compreenderá o esperar em muito da beleza dessa cantada Rowena para compensar a abnegação e a abstenção que terei de me impor para conseguir o agrado dum campónio sedioso como o Cedric que me descreve. — O Cedric não é pai dela — informou o Prior -, é um parente afastado. Ela é de melhor sangue, mesmo do que daquele que ele pretende ter, sendo vagamente aparentado com ela. No entanto, é o seu protector, voluntário, creio, sendo-lhe a pupila tão querida como se filha fosse. Da sua beleza julgará o senhor.

Mas a pureza da sua tez e a majestosa mas doce expressão dos seus mansos olhos azuis vão varrer da sua memória as raparigas vestidas de negro da Palestina ou, até, as huris do paraíso de Mafoma, seja eu um infiel e um falso filho da Igreja!

— Caso a sua célebre beldade — disse o Templário — seja posta na balança e lhe faltar peso, sabe qual é a minha aposta?

— O meu colar de ouro — propôs o Prior — contra dez pipas de vinho de Chian, que são já tão minhas como se se encontrassem nas caves do convento, cujas chaves o velho Dennis, o despenseiro, guarda.

— Quanto a mim — acrescentou o Templário -, serei o juiz e único a ser condenado por meu próprio reconhecimento afirmando que nunca vi donzela tão formosa desde que o Pentecostes durava um ano. Não será assim? Prior, o seu colar corre perigo. Usá-lo-ei sobre o meu gorjal nas liças de Ashby-de-la-Zouche.

— Que o ganhe bem — ripostou o Prior — e use-o à vontade. Acredito que me corresponderá com verdade, como guerreiro e sacerdote. No entanto, irmão, aceite o meu conselho e dê um pouco mais de cortesia à sua língua do que aquela a que os cativos infiéis e servos levantinos habituaram. Cedric, o Saxão, se ofendido — e é fácilimo ofendê-lo, é um homem, com o devido respeito para a instituição a que pertence o meu alto posto e a santidade de ambos, bem capaz de nos pôr no olho da rua, mesmo no meio da noite. E cuidado como olha para a Rowena, de quem cuida com o maior dos zelos. Se lhe criar a mínima suspeita neste ponto, ficamos perdidos.

Diz-se que expulsou o próprio filho do seio da família só porque levantou os olhos com afeição para aquela beleza que, parece, somente pode ser adorada a distância e nunca aproximada, senão com pensamentos conducentes ao altar da Virgem Abençoada. — Bem, parece ter dito bastante — pôs o Templário.

— Por uma noite controlar-me-ei e comportar-me-ei como uma dócil donzela. Porém, no que respeita a medos de vir a ser expulso à violência, garanto que eu e os meus escudeiros, com Hamet e Abdalla estaremos à prova disso. Não duvide que saberemos defender os nossos quartéis.

Não deve deixar as coisas irem tão longe — recomendou-lhe o Prior. — Alto! Eis a cruz enterrada do bobo. A noite está tão escura que quase nem se veem os caminhos para os escolher. Aconselhou-nos, penso, a voltar à esquerda. — Para a direita — disse Brian -, se bem me recordo. — Para a esquerda. Lembro-me de o ver apontar com a espada de pau. Sim mas como a segurava com a esquerda, apontou-a sobre o peito — teimou o Templário.

Ambos mantinham os respectivos pontos de vista com a obstinação usual nestes casos. Os acompanhantes foram chamados a dar a sua opinião, mas, não, tinham ficado demasiado afastados para escutarem as indicações de Wamba. Por fim, Brian reparou em algo que lhe escapara naquela escuridão toda.

— Está ali qualquer coisa a dormir, ou morta, ao pé da cruz. Hugo, sacode-a com o cabo da tua lança! Mal a ordem acabara de ser cumprida e já a figura se erguia, dizendo em bom francês: — Quem quer que seja, lembro-lhe ser pouco correto o perturbar desta forma os meus pensamentos. Apenas lhe queríamos perguntar — desculpou-se o Prior — o melhor caminho para Rotherwood, a residência de Cedric, o Saxão. Eu próprio para lá me dirijo — respondeu o estranho — e, se dispusesse dum cavalo, poderia servir-lhes de guia, até porque o percurso é um tanto complicado, muito embora o conheça perfeitamente.

— Terás os nossos agradecimentos e uma recompensa, amigo -informou o Prior -, se nos levores em boa paz até Cedric.

Dizendo isto, mandou que um dos seus subalternos passasse para a mula que levava pela arreata, cedendo o seu cavalo ao desconhecido que os ia conduzir. Este tomou uma estrada completamente contrária à que Wamba apontara com o objectivo de os enganar. A trilha aprofundava-se mais e mais na mata, atravessando vários cursos de água, cujas proximidades se tornavam perigosas, devido aos terrenos pantanosos que os ladeavam, mas que o desconhecido aparentava conhecer quase por instinto, levando-os por terra firme e pelos vaus mais seguros.

Finalmente, à força de cuidados e atenção, conduziu o grupo até uma avenida mais selvagem do que qualquer outra que jamais tivessem visto. Aí apontou para um edifício baixo e irregular, que se levantava no extremo dessa avenida. Disse para o Prior: — Acolá é Rotherwood, a morada de Cedric, o Saxão. Tratava-se de tão boas novas para Aymer, cujos nervos não eram dos mais fortes e que muito agitados e alarmados haviam sido, durante a passagem dos riscosos atoleiros, que nem tinha mostrado qualquer curiosidade de pôr alguma pergunta ao seu guia. Sentindo-se agora à vontade e perto de resguardo, aquela principiou a despertar-se— lhe, pelo que perguntou ao estranho quem era e de onde vinha.

— Sou um romeiro recém-chegado da Palestina — foi a resposta.

— Bem se podia ter deixado ficar por lá, ajudando na recuperação do Santo Sepulcro — comentou o Templário. — exato, reverendo Sr. Cavaleiro — anuiu o romeiro, para quem os atavios do Templário pareciam perfeitamente familiares -, mas quando aqueles que juraram tomar a Cidade Santa se encontram em vias tão longínquas do local das suas obrigações ninguém se surpreenderá que um pacífico aldeão como eu recuse o trabalho que eles puseram de parte.

O Templário ter-lhe-ia retorquido, irado, se não fosse interrompido pelo Prior, manifestando o seu espanto por o guia, após uma ausência tão longa, estar ainda tão a par das sendas da floresta.

— Nasci para aqui — justificou o guia, precisamente quando chegavam à frente da casa de Cedric, uma construção baixa e irregular com vários pátios e cercados, estendendo-se por uma área bastante ampla e que, embora o seu tamanho apontasse um proprietário de teres e haveres, diferia radicalmente dos edifícios altos, ameiados e acastelados onde a nobreza normanda residia e que se haviam tornado o estilo arquitetônico mais comum na Inglaterra.

Rotherwood não estava, contudo, desprotegida. Nenhuma habitação, naqueles conturbados tempos, o poderia estar, sob o risco de ser saqueada e incendiada de pronto. Um fundo fosso ou vala, cheio de água vinda da ribeira próxima, rodeava-a; ao correr das suas bordas havia uma estacada, ou paliçada, dupla, de troncos aguçados, que a mata ao lado fornecera. Do lado poente via-se uma entrada cortando a cerca exterior e comunicando, através duma ponte levadiça, com outra abertura semelhante no lado de dentro. Tinham sido tomadas algumas precauções quanto a estes acessos, pois ficavam sob a alçada de salientes em ângulo, a partir dos quais facilmente seriam flanqueados com arqueiros e fundibulários. Ante esta entrada, o Templário soprou com força na sua trompa, já que a chuva, que ameaçara, caía agora em força.

1. Seguidora do quacrisimo. seita religiosa fundada no século XVII, na Inglaterra, cujos membros se devem distinguir por grande pureza moral. (N. do T.) 2.. Que, em português, também se pode chamar "morteiro". (N. do T.) 3. A dura exigência de alguns críticos fê-los levantar objeções quanto à tonalidade dos escravos de Brian de Bois-Guilbert, classificando-a como totalmente fora do costume e da correção. Recordo-me de ter a mesma objecção sido feita a propósito dos funcionários negros que o meu amigo Mat Lewis introduziu, como capangas do vil barão, no seu Castelo do Espectro. Mat demonstrou grande desprezo, pela observação, contestando que "descrevera os escravos como pretos para obter um contraste, tal como teria descrito a heroína como azul se disso obtivesse vantagens." Não pretendo colocar a imunidade da minha profissão assim tão alto. Contudo, entendo que o moderno escritor de romances situados no passado não é obrigado a limitar-se às maneiras e costumes que possam de fato ser comprovadas como seguidas na época que relata, devendo, pelo contrário, seguir indicando aquelas que lhe pareçam plausíveis e naturais e despidas de qualquer anacronismo evidente. Nesta base, que é que haverá de anormal que os Templários, que, todos o sabemos, imitavam os luxos dos guerreiros asiáticos que combatiam, aproveitassem o trabalho de escravos africanos que os azares da guerra tivessem feito mudar de dono? Estou certo de que, mesmo sem evidência de deste modo ter acontecido, não há nada neste mundo que nos garanta que assim não aconteceu. Além do mais, existe um precedente em romances: John de Rampayne, um menestrel e ótimo malabarista, conseguiu fazer escapar Audulf de Bracy da corte do rei que o retinha disfarçando-se. para o efeito, "pintou o cabelo e todo o corpo de negro como azeviche, de forma que de branco somente tinha os dentes, obtendo a simpatia real como se dum trovador etiope se tratasse. Manhosamente, conseguiu libertar o prisioneiro. Os Negros, portanto, já deviam ser conhecidos na Inglaterra na noite negra medieval. (Dissertação sobre Romances e Trovares, Precedendo Antigos Romances Rimados de Riston. p. CLXXXVII.)

Capítulo III

Então — oh, triste alívio! — da gélida costa que escuta o mar Germânico rugir cavo e forte velo o louro e zarco saxão.

Liberdade de Thomson

Num salão cujo pé-direito era desproporcionado em relação aos seus enormes comprimento e largura, uma longa mesa, feita de tábuas de carvalho quase em bruto, pois, após retiradas da floresta, nem polidas haviam sido, estava posta para a refeição do fim da tarde de Cedric, o Saxão. O tecto era de vigas e barotes, separado do céu por pranchas e colmo apenas.

Nos dois extremos da sala ardiam imensas fogueiras, mas, como as chaminés eram de rudimentar construção, deixavam vir para dentro tanto fumo como o que ia para fora. Deste modo, a fuligem recobria o travejamento daquele compartimento baixo com espessa camada negra. Dos lados pendiam armas de caça e de guerra e, em cada um dos cantos, portas de dois batentes davam passagem para outras dependências.

Toda a restante equipagem da mansão clamava a rude simplicidade saxônica, que para Cedric era ponto de honra manter. O soalho era composto de terra e cal, duro, tão batido como o das modernas eiras. Cerca de um quarto da sala era mais ou menos trinta centímetros mais elevado do que o restante, formando uma secção reservada aos principais membros da família e seus visitantes distintos. Para eles havia uma mesa, coberta com uma rica toalha escarlate atravessando a plataforma.

Perpendicularmente a esta, e pelo meio da parte mais baixa da sala, corria outra mesa, de menos altura e muito mais comprida, destinada às refeições dos inferiores. O todo lembrava a letra T ou algumas das mesas de jantar, com a mesma disposição, que podem ainda ver-se em alguns dos colégios mais antigos de Oxford e Cambridge. No estrado, um dossel recobria as maciças cadeiras e bancos de carvalho trabalhado, protegendo um pouco as pessoas de categoria, ocupando aqueles lugares de relevo, do tempo, principalmente da chuva, que, em alguns pontos, atravessava o colmado.

As paredes da porção mais elevada ostentavam tapeçarias e cortinas e no chão estendia-se um tapete, todos adornados com ingênuas tentativas de bordado, faustosos e de cores vivas. A mesa inferior não era recoberta e as paredes mostravam-se nuas e o chão térreo sem qualquer tapete. A mesa não tinha toalha alguma e bancos pesados substituíam as cadeiras.

No centro da mesa superior havia ainda duas cadeiras maiores que as demais, destinadas ao senhor e à senhora da casa, que ali presidiam hospitaleiramente. Dessa mesma posição advinha o título honorífico Saxão, que significava "os Compartilhadores do Pão".

A cada uma destas cadeiras fora acrescentado um escabelo, talhado de forma muito curiosa, com incrustações de marfim como sinal de distinção especial. Um daqueles assentos ocupava-o no momento Cedric, o Saxão, que, embora a sua posição não fosse mais do que a de fundiário (1), ou, como os Normandos diziam, um rendeiro livre, mostrava pela interrupção da sua refeição uma impaciente irritação que melhor ficaria a um vereador vitalício de ontem ou de hoje.

Tudo indicava no rosto deste proprietário ser ele de temperamento franco, mas arrebatado e colérico. Ainda que de estatura mediana, tinha ombros largos e membros possantes de quem está habituado às exigências da guerra e da caça. Cara larga, grandes olhos azuis, feições abertas e francas, bons dentes, cabeça bem feita, enfim, um conjunto de expressivo bom humor que tão frequentemente acompanha maneiras repentinas e arrebatadas. Nos olhos brilhavam-lhe o orgulho e o zelo, já que toda a sua vida se passara asseverando os seus direitos, constantemente sujeitos a serem pisados, donde derivava a sua disposição, pronta, ardente e resoluta e sempre alerta em relação aos acontecimentos. O longo cabelo louro, dividido a meio, caía— lhe até aos ombros, sem mostrar muitas cãs, se bem que devesse roçar os sessenta anos.

Vestia um gibão verde-musgo, com veiros no pescoço e punhos, ou seja, peles de qualidade inferior à do arminho, possivelmente de esquilo, por abotoar e cobrindo uma veste justa escarlate. Usava calções que lhe deixavam as pernas a descoberto da parte de cima dos joelhos em diante. Calçava sandálias iguais às dos aldeões, mas de melhor qualidade e prendendo-se com fivelas douradas. Nos braços carregava braceletes de ouro e ao peito um colar do mesmo metal. À cinta, uma correia belamente ornamentada com pregos, à qual se prendia uma afiada espada de dois gumes, caindo quase perpendicularmente ao seu lado.

Atrás de si, uma capa e um gorro de tecido também escarlate, debruados de pele e bastante bordados, prontos a serem envergados, completavam a roupa do fazendeiro. Havia ainda um chuço curto e de ponta de aço brilhante e larga, encostada ao espaldar da cadeira, que lhe podia servir, nas suas deambulações, de bordão ou de arma, conforme as ocasiões. Vários criados, cujas roupas iam desde a riqueza das do patrão até às mais grosseiras e simples, como as de Gurth, o porqueiro, aguardavam ordens do dignitário saxão.

Dois ou três criados de mais categoria conservavam-se no palanque atrás do amo. Todos os outros se encontravam na parte mais baixa da sala. Outras criaturas estavam presentes, mas eram de espécie diferente: dois ou três galgos riços, do gênero que se emprega na caça do lobo e do veado, outros tantos sabujos grandes, ossudos, de pescoços grossos, cabeças grandes e orelhas pontiagudas, e um ou dois cães menores, denominados terriers, que esperavam impacientemente a ceia, mas,

com a esperteza própria da sua raça, sabiam não dever romper o estado de aborrecimento do seu dono, que certamente se serviria do bastão branco que tinha à mão para meter na ordem os seus dependentes de quatro patas. Somente um grisalho mastim, com o à vontade dum favorito mimado, ousava chamar a atenção pousando a cabeça enorme e peluda no joelho do dono e empurrando-lhe a mão com o focinho. Mesmo este foi enxotado com uma ordem seca: — Para baixo, Balder, para baixo! Não estou para brincadeiras.

Na realidade, Cedric, tal como mencionamos, não estava muito bem disposto. Lady Rowena, que saíra para assistir a uma missa tardia numa igreja distante, acabara de chegar e estava a mudar de vestuário, pois molhara-se com a tempestade. Não tinha ainda notícias de Gurth e da vara, que há muito deviam ter voltado da floresta, o que, dada a instabilidade de então, poderia muito bem significar ser o atraso devido a um ataque de bandidos que pululavam nas matas das cercanias, ou a violências de qualquer barão vizinho cujas consciências e força fizessem esquecer os direitos de propriedade. A verdade é que grande porção da riqueza dos proprietários saxões, especialmente daqueles vivendo em zonas florestadas, era constituída por numerosas varas de porcos, que com facilidade arranjavam alimento por ali.

Parte estes motivos de preocupação, o senhor saxão também sentia a falta do seu bobo preferido, Wamba, cujas piadas serviam quase como tempero para as suas refeições da noite, com quem costumava também fazer grandes beberagens de cerveja e vinho. A acrescentar a tudo isto, Cedric nada comera desde o meio-dia e a sua hora da ceia já ia longe, motivo de agastamento dos senhores de província antigos e modernos. O seu desagrado emergia sob a forma de frases soltas, parte murmuradas, parte dirigidas aos criados que o rodeavam, sobretudo ao escanção que, de tempos a tempos, lhe estendia como paliativo uma taça de prata cheia de vinho.

— Que atrasará Lady Rowena? — Está apenas a trocar de touca — informou uma aia com a sem-cerimônia que as criadas particulares das senhoras normalmente respondem, mesmo agora, aos patrões. — O senhor não quereria que ela viesse para a mesa de capuz e mantilha... Além de que não há senhora no distrito que se arranje mais depressa do que a minha ama. Este inegável argumento provocou um "ufa!" aquiescente por parte do Saxão, que acrescentou: — Oxalá a sua devoção a leve a escolher bom tempo para a sua próxima visita à Igreja de São João... Mas, com mil diabos! — continuou voltando-se para o copeiro e elevando o tom, feliz por ter conseguido um novo campo para dar largas à sua indignação -, que prenderá Gurth tanto tempo lá fora? Suponho que algo de mau lhe aconteceu. Costuma ser um fiel e cauteloso escravo de trabalho, pensando eu, mesmo, torná-lo num dos meus guardas(2).

Oswald, o escanção, lembrou respeitosamente "que mal passara uma hora sobre o toque de recolher", desculpa infeliz, já que bulia num tópico que sempre feria ouvidos saxões.

— Raios levem — bradou Cedric — o toque de recolher, o bastardo, tirano que o inventou e o escravo sem alma que, em saxão, o menciona a outro saxão! O toque de recolher! — Parou, para imediatamente prosseguir: — Ai, o toque de recolher, que obriga os homens decentes a apagarem os seus fogos para que os larápios e os ladrões possam melhor trabalhar às escuras! O toque de recolher! O Reginald Front-de-Boeuf e o Philip de Malvoisin sabem servir-se dele tão bem como o próprio Guilherme, o Bastardo, e todos os normandos que combateram em Hastings sabiam. Já sei que vou ouvir que a minha propriedade foi varrida para se salvarem da fome bandidos que se não conseguem sustentar senão à custa de furtos e roubos. O meu fiel escravo foi assassinado, os meus bens foram predados e... Wamba!? Onde está o Wamba? Quem foi que me disse que ele saíra com o Gurth? Oswald confirmou-lhe. — Bonito! Isto vai de mal a pior! Foi também raptado, aquele louco saxão, para atender qualquer senhor normando. Doidos somos nós todos servindo-os e dando-lhes motivos para se rirem e troçarem de nós como se fôssemos estúpidos de nascença.

Mas eu serei vingado — disse, saltando da cadeira, furioso com a hipotética ofensa; e, pegando no chuço, continuou: — vou apresentar queixa ao Conselho Maior, tenho amigos, tenho seguidores... de homem para homem desafiarei o normando para a liça. Que apareça com as chapas, a malha e tudo mais que transforma a covardia em arrojo. Já enfiei um chuço destes através duma barreira três vezes mais forte do que o escudo dele! Talvez me pensem velho, mas verão que, embora só e sem filhos, o sangue de Hereward ainda corre nas veias de Cedric... Ah, Wilfred, Wilfred! — exclamou em tom mais alto -, tivesses controlado a tua paixão irracional e o teu pai não teria ficado, nesta idade, como o carvalho solitário que abre os seus alquebrados e desprotegidos braços contra o furor da tempestade.

— Estas considerações pareceram transformar-lhe a raiva em tristeza. Pousando a lança, tornou ao seu lugar, aparentando absorver-se em melancólicos pensamentos.

O meditar de Cedric foi subitamente interrompido pelo toque de trompa, ao qual responderam, latindo e ladrando, os cães da sala, logo acompanhados por mais vinte ou trinta outros dispersos pela residência. Foi preciso muito trabalho com o bastão branco e esforços dos criados até que o clamor canino se abafasse.

— Ao portão, gente! — ordenou apressadamente o Saxão logo que o tumulto abrandara o suficiente para se poder fazer escutar.

— Vejam que novas nos traz aquele troar. Será para nos anunciar alguma desgraça ou roubo nas minhas terras, como penso?!

Regressando em coisa de três minutos, um guarda anunciou "que o prior Aymer de Jorvaulx e o bom cavaleiro Brian de Bois Guilbert, comandante da corajosa e venerável Ordem dos Cavaleiros do Templo, com uma pequena comitiva, pediam

acolhimento e hospedagem por uma noite, a fim de descansarem na sua viagem para um torneio a efetivar-se perto de Ashby-de-la-Zouche dentro de dois dias".

— O Aymer, o prior Aymer! O Brian de Bois-Guilbert! -resmungou Cedric. — Ambos normandos. Mas, normando ou saxão, a hospitalidade de Rotherwood não se pode alterar. São bem-vindos, já que quiseram vir parar aqui, embora mais bem-vindos seriam se prosseguissem a sua viagem. Porém, não vale a pena protestar contra a dádiva duma noite de abrigo e duma refeição. Como hóspedes, até os Normandos retêm a sua insolência. Vai, Hundebert — comandou para uma espécie de mordomo que estava atrás dele com uma varinha branca na mão -, leva seis criados contigo e conduz os caminhanes para a ala de hóspedes. Cuida-lhes dos cavalos e das mulas e vê que nada lhes falte. Dá-lhes roupas frescas se precisarem, acende-lhes uma fogueira, oferece-lhes água para se lavarem, vinho e cerveja para beberem. Pede também aos cozinheiros que lhes preparem, tão depressa quanto puderem, uma ceia, que servirás quando esses desconhecidos estiverem prontos. Diz-lhes, Hundebert, que Cedric só não vai em pessoa saudá-los porque jurou nunca dar mais do que três passos fora do tablado da sala para cumprimentar alguém que não tenha sangue real saxão. Segue! Quero que sejam bem tratados. Que não se dê pé ao seu orgulho deixando-os criticar a pobreza e avareza saxônicas. O mordomo saiu com os seus menores para cumprir as ordens do amo.

— O prior Aymer! — repetiu Cedric olhando para Oswald. — O irmão, se não estou em erro, de Giles de Mauleverer, agora Lorde de Middleham? Oswald assentiu com toda a cortesia.

— O irmão ocupa o lugar e usurpa o patrimônio de alguém de raça melhor, a raça de Ulfgar de Middleham. Mas qual é o senhor normando que o mesmo não faz? O Prior é, dizem, um padre jovial e descontraído, que gosta mais do seu copo e da trompa de caça do que de sinetas e livros de orações. Bem, que venha, pois será bem recebido. Como disseste que se chamava o templário?

— Brian de Bois-Guilbert.

— Bois-Guilbert! — repetiu sempre no tom Cedric, meditabundo e meio a ralhar a que o viver lado a lado com os seus dependentes o habituara a empregar e que mais parecia o de alguém falando consigo mesmo do que com os demais à sua volta.

— Bois-Guilbert! Esse nome está largamente espalhado, quer por bem, quer por mal. Consta ser mais valente do que os mais bravos da sua ordem, mas manchado com os vícios do costume: orgulho, arrogância, crueldade e luxúria. Um homem de coração empedernido que nada teme na Terra e no Céu. Assim contam alguns guerreiros vindos da Palestina. Bom, por uma noite será bem-vindo. Oswald, tira o batoque dum pipo de vinho antigo, põe-lhes na mesa o melhor hidromel, a cerveja mais forte, o amorado mais rico, a cidra mais efervescente e o pigmento mais bem-cheiroso. Enche os maiores pichéis(3). Os Templários e os abades gostam de bons vinhos e em quantidade. Elgitha, faz saber a Lady Rowena que não a esperamos hoje na sala, a não ser que seja de sua especial vontade aqui vir.

— Mas será mesmo de sua especial vontade atalhou Elgitha muito prontamente -, pois sempre deseja conhecer as últimas novidades da Palestina.

Cedric lançou sobre a atrevida aia um imediato olhar de ressentimento. Porém, Rowena e tudo a ela respeitante eram imunes à sua ira. Apenas replicou: — Silêncio, menina. A tua língua não respeita a tua discricção. Transmite a minha mensagem e deixa-a decidir. Aqui, ao menos, ainda manda a descendente de Alfredo como princesa. Elgitha deixou a sala.

— A Palestina! — repetiu o Saxão. — A Palestina! Quantos ouvidos se abrem a escutar contos que cruzados dissolutos e hipócritas peregrinos trazem daquela terra funesta! Também eu gostaria de perguntar, também eu gostaria de indagar e ouvir, com o coração amargurado, as fábulas que vagabundos velhacos inventam para conseguirem hospitalidade. Mas, não! O filho desobedeceu-me e já não é mais meu e quero tanto saber do seu destino como do de milhões de outros que puseram a cruz ao ombro, partindo a correr para excessos e assassínios, a que chamam o cumprimento da vontade de Deus.

Carregou o sobrolho e, por instantes, fixou o olhar no chão, para logo o levantar quando as portas do fundo se abriram de par em par para, precedidos pelo mordomo com a sua vareta e quatro criados carregando tochas acesas, os hóspedes entrarem.

1. Thane. título saxão de nobreza menor. (N. do T.) 2. Cnichts no original, tal como parece que os saxões designariam uma classe de criados militarizados, livres por vezes, servos outras, mas sempre acima dos domésticos comuns, fosse na corte, fosse na casa de vereadores vitalícios ou de nobres. Porém, como o termo chicht, ora grafado knight, entrou no idioma inglês como equivalente da palavra normanda chevalier, achei por bem empregá-lo com o sentido mais antigo para evitar confusões. (N. do T.) 3. Eram estas as bebidas dos saxões, segundo nos informa o Mr. Turner. O amorado (morat) preparava-se com mel, ao qual se acrescentava sumo de amoras; pigmento (pigment) era um vinho com especiarias e também adoçado com mel. Nenhuma das restantes necessita de ser explicada. (N. do T.)

Capítulo IV

Ovelhas hirsutas cabras pelos porqueiros abatidas. Do robusto novilho, no mármore, as carnes caídas À luz da fogueira distribuindo entre si bocados, Por copos cheios de róseo vinho até às bordas, acompanhados. À parte. Ulisses compartilha da refeição Em mesa de três pés e ignóbil pranchão O príncipe manda...

Odisséia, Livro XXI

O prior Aymer aproveitara a oportunidade que lhe fora concedida para substituir o seu manto de viagem por outro de tecido ainda mais valioso e colocar uma complicadamente bordada capa de asperges. Além do anel de sinete de ouro maciço, indicativo da sua posição eclesiástica, os seus dedos, contrariando os cânones, estavam carregados de gemas. As suas sandálias eram do mais macio couro que se podia importar de Espanha, a barba aparada até ao mínimo permitido pela Ordem e a coroa, rapada, coberta por um gorro igualmente muito bordado.

Também o aspecto do guerreiro templário se modificara, e, embora não tão enfeitado, o seu trajar era tão rico como o do companheiro e o seu porte muito mais imponente. Trocara a cota de malha por uma túnica de escura seda púrpura, guarnecida de peles, sobre a qual, em amplas dobras, caía o seu imaculado manto branco. A cruz de oito pontas da sua ordem sobressaía no manto de veludo negro. O barrete alto já não lhe carregava no sobrolho, que, no momento, era ensombrado por caracóis negros, asa de corvo condicentes com a sua cor trigueira. Nada podia ser mais gracilmente majestoso do que o seu pisar e modos, não fora mostrarem tanta altivez, facilmente tornada por quem é sempre obedecido sem discussão.

A estes dois dignos personagens seguiam-se os seus subordinados e, ainda mais humildemente recuado, o seu guia, cuja figura nada tinha de notável à parte os habituais atavios dos peregrinos; uma capa ou manto de sarja preta envolvia-lhe todo o corpo, sendo o seu formato o da de um hussardo atual, igualmente com dobras para proteger os braços, e a que chamavam esclavônica, ou esclavina.

Rudes sandálias presas por nagalhos cobriam-lhe os pés nus, um chapéu de aba larga a que se prendia uma concha e um bordão, a ponta ferrada e uma palma no topo, completavam o trajar daquele romeiro. Seguia, modestamente, no fim do grupo que entrava na sala e, vendo que a mesa baixa quase não chegava para o pessoal de Cedric e comitiva dos convidados, imediatamente se afastou para quase por debaixo duma das grandes chaminés, aparentando secar-se até que a saída de alguém lhe proporcionasse um lugar, ou que a hospitalidade de algum serviçal lhe trouxesse alimentos até ao ponto onde se recolhera.

Cedric levantou-se para receber os hóspedes, com um ar de hospitalidade digna, e, saindo do estrado, deu três passos na sua direção, estacando aí.

— Lamento — disse -, reverendo prior, que a minha promessa -,me proíba de avançar mais neste chão dos meus pais, mesmo para receber hóspedes tão distintos como vós e este bravo guerreiro do Santo Templo Sagrado. O meu criado já vos explicou a razão de ser desta minha aparente descortesia.

Queira Deus também que me desculpeis o exprimir-me na minha língua nativa, na qual peço vos expressais, caso dela tenhais conhecimento. Caso contrário, domino o normando suficientemente para entender o que disserdes.

— Os votos — sugeriu o abade — quebram-se, digno funcionário, melhor diria, digno rendeiro-livre, ainda que esse título já esteja antiquado. Os votos são os laços com que nos amarramos ao céu, as cordas prendendo os sacrificados ao altar, sendo, pois como já afirmei, desligáveis e susceptíveis de serem postos de parte, a não ser que a Santa Madre Igreja em contrário se pronuncie. Quanto a linguagens, de boa vontade me aterei àquela que usava a minha respeitável avó, Hilda de Middleham, que morreu com fumos de santidade quase tão intensos, se é que assim o poderemos dizer, como os da sua homónima e abençoada Santa Hilda de Whitby, cuja alma Deus guarde! Mal o Prior terminara a sua conciliatória alocação, já o seu companheiro anunciava curta e enfaticamente: — Falo sempre francês, a língua do rei Ricardo e da sua nobreza, mas percebo inglês bastante para me comunicar com as gentes da terra. Cedric dardejou-lhe um daqueles olhares rápidos e ardentes que comparações entre os dois povos raramente deixavam de acender.

Contudo, recordando-se dos seus deveres de anfitrião, apagou quaisquer sequentes mostras de agastamento e, com um movimento da mão, sugeriu aos seus visitantes que ocupassem dois lugares um pouco mais baixos do que o seu, mas próximos de si, fazendo ao mesmo tempo sinal para que a refeição se iniciasse.

Enquanto os criados se apressavam a executar o seu mandado, viu que Gurth e o seu camarada Wamba chegavam. — Mandem-me esses dois mandriolas aqui acima — disse, sem paciência, acrescentando logo que ambos se acercaram do

palanque: — Como é, vilões? Que os deteve até tão tarde lá fora? Trouxeste a bom guardo o teu cargo, Gurth, ou deixaste-o para os ladrões e salteadores?

— A vara está a salvo, O que espero lhe apraza — informou Gurth.

— Mas não me apraz, velhaco — ripostou-lhe Cedric -, o ter estado a supor o contrário durante duas horas e ter tido de imaginar como me vingaria dos agravos que os meus vizinhos, afinal, não me fizeram. Aviso-te que, para a próxima, grillhões e prisão te ensinarão melhor.

Gurth, conhecendo o temperamento irritável do amo, nenhuma escusa apresentou, mas o bobo, que jogava na tolerância de Cedric para com ele, devida aos privilégios dos loucos, respondeu pelos dois: — Na realidade, tio Cedric, esta noite o senhor não se mostra nem sábio, nem razoável.

— O quê, senhor? — replicou-lhe o patrão. — Irás para a casota do porteiro apreciar o sabor da disciplina, se prossegues com essas tontarias.

— Que o seu saber me diga primeiro — continuou Wamba — se será justo e razoável punir alguém pelas faltas de outrem. Claro que não, doido — aquiesceu Cedric.

— Então por que pôr algemas no Gurth quando a culpa foi do Fangs? Atrevo-me a jurar-lhe que não perdemos nem um instantinho pelo caminho, depois de a vara ter sido junta, o que o Fangs só conseguiu depois de terem soado as vésperas.

— Enforca o Fangs, então — disse Cedric virado para o porcariaço. — Se o erro foi dele. E arranja outro cão em troca.

— Por favor, tio — prosseguiu o bufão -, isso não seria mais do que fazer justiça da vesga, pois a culpa não é do Fangs, que é coxo e lhe custa reunir a vara, mas de quem lhe decepou as unhas da frente, operação sobre a qual o bicho nem sequer consultado foi e muito menos ouvido.

— Quem ousou mutilar assim um animal pertencente a um servo meu? — quis o Saxão, cuja fúria se acendia, saber.

— Valha-nos Deus. Foi o velho Hubert — esclareceu Wamba -, o couteiro de Sir Phillip de Malvoisin. Apanhou o Fangs a laurear na floresta e acusou-o de perseguir os veados, contrariando os direitos do seu senhor, como usufruidor do local.

— Que o demo leve o Malvoisin — praguejou o Saxão — e o seu couteiro também! Ensinarei a ambos que a mata já não está em regime florestal, de acordo com a Carta das Florestas. Mas acabemos com isto. Ocupa, patife, o teu lugar. E tu, Gurth, procura outro cão; e, se o guarda-caça pretender tocar-lhe que seja, garanto-te que lhe tiro a pontaria com o arco para sempre! Que me chamem covarde se não lhe cortar o indicador da mão direita! Nunca mais esticará qualquer corda de arco. Perdoai-me, respeitáveis hóspedes. Sou incomodado por cercãos somente comparáveis aos infiéis da Terra Santa, Sir Cavaleiro. Porém, o vosso simples repasto está já ao vosso dispor para vos refazer da árdua caminhada que haveis feito.

De forma alguma necessitavam as iguarias na mesa de desculpas por parte do senhor da casa. Havia carne de porco, preparada de diferentes maneiras, na parte inferior, assim como criação, veado, cabrito e lebre e ainda peixes diversos, enormes pães e sêmeas e várias confeitões à base de frutas e mel. As peças de caça menores, que eram muitas, não eram servidas em travessas, mas sim em curtos espetos que pajens e criados ofereciam aos convivas, que retiravam quantas lhes apetecessem. Ao lado das pessoas de categorias havia taças de prata e chavelhos de beber junto dos inferiores. Ia o repasto iniciar-se quando o mordomo anunciou, erguendo o seu bastão:

— Abra-se lugar para Lady Rowena.

Duma porta lateral, atrás da mesa do banquete, apareceu Rowena, seguida de quatro criadas. Cedric, embora surpreso e, quiçá, não muito agradavelmente, pela sua aparição em público, correu a recebê-la e a acompanhá-la, cheio de atenções cerimoniosas, até ao lugar elevado à sua direita, o assento correspondente ao da dona da casa. Todos se ergueram à chegada dela, que, agradecendo a cortesia com uma muda saudação, graciosamente se deslocou para a mesa.

— Não usarei nenhum colar seu no torneio. O vinho de Chian é seu?

— Não lhe tinha dito? — sorriu-lhe o Prior. — Mas domine o seu êxtase. O fundiário tem os olhos em cima de si. Não prestando atenção a esta recomendação, acostumado como estava a agir de acordo com o impulso imediato dos seus desejos, Brian de Bois-Guilbert conservou os olhos presos à beldade saxônica, talvez mais perturbante ainda para a sua imaginação por diferir completamente das sultanas levantinas.

Maravilhosamente bem proporcionada, Rowena era alta, mas não tanto a ponto de chocar pelo seu tamanho. A sua tez era requintadamente alva sem, devido ao nobre porte da sua cabeça e feições, a insipidez de que as mulheres bonitas muito brancas, às vezes, sofrem. Os seus claros olhos azuis, realçados por elegantes sobranceiras suficientemente demarcadas para darem expressão à testa, mostravam-se capazes de se aquecerem ou derreterem, ordenar ou suplicar se a meiguice era o aspecto mais natural da sua fisionomia, era evidente que, nesta altura, pelo exercício da sua superioridade usual e pela recepção duma homenagem geral, tinha tomado uma forma mais altiva que acrescentava e realçava o que a natureza lhe concedera. o cabelo abundante, entre o castanho e o linho, fora penteado, talvez pela aia, de modo gracioso e artístico, em anéis. Estes anéis, decorados com pedras preciosas a todo o comprimento, anunciavam a nobreza e a classe da donzela. Uma

corrente de ouro com um pequeno relicário, de ouro também, pendia-lhe ao pescoço. Trazia braceletes nos braços despidos. O seu fato interior e a mantilha eram de seda verde-mar-pálido; sobre ele envergava um longo vestido muito comprido chegando ao chão, com amplas mangas que mal passavam dos cotovelos. Este vestido era carmesim e feito de finíssima lã. Um véu de seda e ouro que se lhe prendia podia, a gosto da portadora, cobrir o rosto à maneira espanhola ou servir como lenço em volta dos ombros.

Quando Rowena se apercebeu do ardor com que o Templário a remirava, com olhos que mais pareciam brasas remexendo — se dentro de uma caverna, tapou com decoro a face, demonstrando assim seu desagrado pela atitude. Cedric percebeu o movimento e o porquê dele.

— Sr. Templário, os rostos das nossas donzelas saxônicas apanham tão pouco ou nenhum sol que não aguentam as miradas fixas dum cruzado.

— Se ofendi alguém — desculpou-se Sir Brian -, peço perdão... quero dizer, peço perdão a Lady Rowena, já que a minha humildade não me deixa baixar mais ainda.

— Lady Rowena — atalhou o Prior — castigou-nos a todos punindo o atrevido do meu amigo. Esperemos que seja menos cruel com o esplêndido cortejo que todos vamos encontrar no torneio.

— A nossa ida lá — disse Cedric — ainda é incerta. Não aprecio essas fatuidades desconhecidas dos meus antepassados, quando a Inglaterra era livre.

— Esperemos — seguiu o Prior — que a nossa companhia os leve a deslocarem-se também. Quando as estradas são inseguras, a escolta de Sir Brian de Bois-Guilbert não é de desprezar.

— Sr. Prior — respondeu-lhe o Saxão -, onde quer que seja que me desloque nesta terra, até hoje, com a ajuda da minha espada e dos meus fiéis seguidores, nunca precisei de qualquer outro auxílio. Nesta ocasião, se quisermos ir até Ashby-dela-Zouche, fã-lo-emos em conjunto com o meu nobre vizinho e conterrâneo Athelstane de Conningsburgh, caravana que enfrentará quaisquer bandidos e inimigos feudais que nos possam desafiar. Levanto, Sr. Prior, esta taça de vinho, que espero lhe saiba bem, agradecendo-lhe a sua gentileza. Caso siga rigorosamente as leis monásticas — prosseguiu -, preferindo uma bebida de leite acidulado, peço-lhe que as não rompa por minha causa.

— Não — riu o Prior. — Somente dentro da abadia nos confinamos ao lac dulce ou ao lac acidum. Cá fora seguimos as regras do mundo, pelo que correspondo ao seu brinde com este generoso vinho, deixando bebidas mais fracas para o meu irmão leigo.

— Quanto a mim — informou o Templário enchendo a sua taça, beberei wassail(1) à saúde da bela Rowena, uma vez que, desde que a sua homônima trouxe o nome para Inglaterra, ninguém mais houve tão digno de tal tributo. Pela minha fé, até perdoo ao infeliz Voritern(2). mesmo que as razões dele fossem metade das que vemos. o ter deixado afundarem-se a sua honra e o seu reino.

— Poupe-me as lisonjas, Sr. Cavaleiro — disse Rowena, com toda a dignidade e continuando velada -, ou terei de o castigar obrigando-o a dar-nos as últimas notícias da Palestina, assunto muito mais agradável para os ouvidos ingleses do que os cumprimentos a que a sua educação francesa o habituaram.

— Tenho pouco de importante para contar, senhora — respondeu-lhe Sir Brian de Bois-Guilbert -, exceptuando o poder confirmar-lhe os boatos de tréguas com Saladino.

Aqui interrompeu-o Wamba, que tomara lugar numa cadeira com umas orelhas de burro nas costas situada dois passos atrás do assento do amo, que, de vez em quando, lhe passava bocados de comida do seu prato, que o bobo repartia com os cães de que mais gostava entre os muitos que por ali havia. Wamba, com uma mesinha à frente, havia metido as bochechas para dentro, ficando com a queixada a parecer um quebra-nozes e os olhos, se bem que semicerrados, atentos a todas as oportunidades para fazer as suas maluquices perfeitamente autorizadas.

— Essas tréguas com os infíéis — exclamou sem ligar ao fato de estar a interromper o imponente Templário — fazem-me velho!

— Anda, maroto, explica porquê — soltou Cedric com expressão antecipadamente receptiva à piada em resposta.

— Porque — explicou Wamba — no meu tempo já assisti a três, todas a deverem durar cinquenta anos, pelo que, fazendo contas, já devo ter, pelo menos, cento e cinquenta anos de idade.

— Asseguro-te que não morrerás de velho — contrapôs-lhe o Templário, reconhecendo-o agora do encontro na floresta. — Salvar-te-ei de todo o tipo de morte, exceto a violenta, se continuares a dar indicações erradas aos viandantes, como fizeste, esta noite, ao Prior e a mim próprio.

— Que ouço, senhor? — perguntou Cedric. — Enganar viajantes? Tenho de te mandar chicotear, pois és tão patife como tolo.

— Rogo-te, tio — pediu o bobo -, que deixes a minha loucura justificar as minhas patifarias. Apenas confundi o lado direito com o lado esquerdo. Além disso, creio que loucura maior é pedir a um maluco que sirva de guia.

A conversa foi cortada pela entrada dum pajem do porteiro que comunicou estar ao portão um estranho implorando admissão e abrigo.

— Deixa-o entrar — disse-lhe Cedric -, seja ele o que ou quem for. Numa noite destas, com a tempestade a bramir, em que até os animais ferozes se juntam aos mansos para, juntos, pedirem proteção ao homem, seu mortal inimigo, contra a fúria dos elementos, não se recusa hospitalidade. Que as suas necessidades sejam cuidadosamente atendidas. Trata disso, Oswald. O criado deixou a sala para executar as ordens do senhor.

1. Bebida feita com maçãs, açúcar e cerveja. (N. do T.) 2. Chefe bretão que, tendo chegado a dominar a Inglaterra, foi vencido pelos Saxões. (N. do T.)

Capítulo V

Não terá olhos um judeu? Não terá mãos, órgãos, dimensões, sentidos, afeições, paixões? Não se alimentará com a mesma comida, não se ferirá com as mesmas armas, não estará sujeito às mesmas doenças, que se curarão pelos mesmos processos, não se aquecerá e arrefecerá com os mesmos Verões e Invernos como os cristãos?

O Mercador de Veneza

Oswald, regressando, segredou ao ouvido do senhor: — É um judeu chamado, diz, Isaac de Iorque. Será próprio trazê-lo para a sala?

— Encarrega Gurth de o fazer — sugeriu Wamba com o habitual atrevimento — Ninguém será mais indicado para o serviço de conduzir um judeu do que um porqueiro.

— Santa Maria! — disse o abade benzendo-se -, um judeu descrente aqui, nesta assembleia?

— Um cão dum judeu — rosnou o Templário -, junto dum defensor do Santo Sepulcro!

— Pela minha fê — comentou Wamba -, parece que os Templários amam mais a herança dos judeus do que a sua presença. — Por favor, respeitáveis hóspedes — cortou Cedric -, a minha hospitalidade não pode ser condicionada pelos vossos gostos.

Se o Céu tem aguentado toda a nação desses orgulhosos descrentes por mais anos do que alguém sabe contar, também nós poderemos suportar a presença dum por umas horas. Não obrigarei, contudo, ninguém a conversar com ele ou sequer a servi-lo. Dar-lhe-ei mesa e comida em separado... a não ser — sorriu — que os estrangeiros de turbante o queiram a seu lado.

— Sr. Rendeiro, — dirigiu-se-lhe o Templário -, os meus escravos sarracenos são muçulmanos fervorosos, nada querendo nem com cristãos, nem com judeus.

— Na realidade — meteu-se Wamba -, não vejo onde é que os adoradores de Mafoma e Tervagante(1) são superiores a um povo que já foi o eleito do Céu.

— Ficaré ao pé de ti, Wamba — avisou Cedric. — Um louco e um incrédulo ligam bem, — O louco — respondeu Wamba erguendo um pedaço de presunto -, levantará uma muralha contra o incrédulo.

— Silêncio — recomendou Cedric. — Ele aí vem.

Introduzido na sala sem quaisquer cerimônias e avançando, hesitante, a medo e com muitas vênias, um homem velho, magro e alto, mas não encurvado ainda, aproximou-se da mesa baixa. As suas feições eram vivas e regulares, o nariz aquilino e os olhos negros e penetrantes; a testa alta e engelhada, o cabelo e a barba grisalhos. Seria um bonito homem se às características fisionômicas da sua raça, detestada e vista como grosseira pelo preconceito de alguns crentes e perseguida pela ambiciosa e rapace nobreza, esse mesmo Ódio e perseguições não tivessem incutido, e muito, para o mínimo se dizer, um ar de mesquinhez desagradável.

O traje do judeu, muito maltratado pelo temporal, consistia num simples capote de cor ferrugenta, com várias dobras, posto sobre uma túnica violeta escura. Calçava grandes botas debruadas com pele e usava um cinto sustentando uma faca e uma caixa contendo material para escrever. Vinha desarmado. Na cabeça, um gorro amarelo, do modelo especial que a sua gente tinha de trazer para se distinguir dos cristãos, que, humildemente, retirou ao entrar.

A recepção que lhe foi dada na sala de Cedric, o Saxão, satisfaria os mais preconceituados dos adversários das tribos de Israel. O próprio Cedric se limitou a um frio aceno, acusando-lhe os salamaleques, e a um gesto para que se acomodasse na ponta extrema da mesa, onde, apesar disso, ninguém lhe abriu lugar. Pelo contrário, pois, à medida que ia percorrendo, com olhar tímido e suplicante, a longa linha de criados do Saxão, estes iam alargando os ombros e concentradamente comendo para que não conseguisse sítio. Os subalternos do abade persignaram-se com pio horror e até os sarracenos infieis, quando Isaac se aproximou deles, confiaram indignados as suíças, levando as mãos aos punhais, como que dispostos a livrarem-se à força da contaminação que a sua presença pudesse acarretar.

Provavelmente, os mesmos motivos que haviam levado Cedric a abrir as portas a este filho dum povo enjeitado também o levassem a obrigar os seus criados a recebê-lo com melhores maneiras. Só que o abade iniciara, nesse preciso momento, uma interessante conversa acerca da raça e qualidades dos seus mastins favoritos, troca de impressões que não interromperia nem por assunto muito mais importante do que a ida dum judeu para a cama sem cear.

Vendo Isaac estacado como um intocável naquela companhia, tal como o seu povo entre as demais nações, procurando, em

vão, um gesto de boas-vindas ou um poiso onde descansar, o peregrino, junto da chaminé, compadecendo-se dele, deixou o seu lugar, dizendo-lhe: Dizendo isto, ajustou as roupas, atçou a fogueira, cujas brasas se tinham espalhado no imenso lar, tirou da mesa maior um caldo com uns nacos de cabrito cozido, colocou-os na mesita onde comera e, sem aguardar os agradecimentos do Judeu, passou para o outro lado da sala, não se sabendo se por não querer continuar perto daquele que ajudara, se para ficar mais à beira da mesa no tablado.

Se, na ocasião, houvesse pintores capazes de aproveitar um motivo como o daquele judeu, dobrando o seu corpo envelhecido e estendendo as mãos já mirradas para o fogo, teriam conseguido passar à tábua uma interpretação altamente satisfatória da ideia da estação invernos. Vencido o frio, voltou-se para o prato fumegante na sua frente e comeu-o com a pressa e gosto de quem está esfaimado.

Entretanto, o abade e Cedric prosseguiram falando de caça, Lady Rowena trocava algumas palavras com uma das aias e o altivo Templário, cujos olhos saltavam do Judeu para a beldade saxônica, ruminava ideias que muito pareciam interessar-lhe.

— Surpreende-me, respeitável Cedric — dizia o abade, continuando a conversa -, que, por muito grande que seja a sua predileção pela sua própria e máscula língua, não acolha o francês da Normandia, quanto mais não seja no que respeita aos mistérios das matas e da caça. Certamente nenhum outro idioma será mais rico, quanto às frases e aos termos que a montaria exige, e o caçador precisa para melhor explicar os prazeres daquela alegre arte.

— Bom padre Aymer — respondeu o Saxão -, queira saber que esses refinamentos de além-mar me não interessam, podendo eu passar perfeitamente sem eles nos bosques. Posso tocar a minha trombeta sem chamar o seu som de recheate ou de morte, posso animar os meus cães a acossarem a presa e posso esfolar e esquartejar o animal abatido sem empregar esses jargões ridículos como curée(2), arbor, nombres(3) e todo esse palrar do legendário São Tristão(4).

— Velho. As minhas roupas estão secas e a minha fome saciada, enquanto tu estás molhado e faminto.

— O francês — quase gritou o Templário com a presunção e autoridade que, por vezes, emprestava à voz — é não só a fala natural da caça, mas também a dos amores e das guerras, naqueles para se conquistarem as damas, nestas para se vencerem os inimigos.

— Beba um copo de vinho comigo, Sr. Templário — propôs Cedric -, e encha outro para o abade, enquanto eu volto uns trinta anos atrás para lhes contar outra história muito diferente.

Tal como Cedric, o Saxão era então, o falar em inglês simples não precisava de floreios de trovadores franceses para chegar a ouvidos belos e o campo de Northallerton, no dia do Sacro Estandarte, pode bem dizer se o grito de guerra saxão chegava ou não tão longe, dentro das fileiras das hostes escocesas, como o cri de guerre do mais ousado barão normando. A memória dos bravos que ali se bateram! Bebam comigo, senhores! — Bebeu um grande trago e, excitado, acrescentou: — Ah!, foi um dia em que os escudos se racharam, centos de bandeiras se baixaram por cima das cabeças de muitos homens corajosos, o sangue correu a jorros sem que ninguém fugisse, todos preferindo enfrentar a morte. Um bardo saxão denominou-o um festim para as espadas, um cair de águias a presa, o bater de ferros contra escudos e elmos, a gritaria da peleja mais estridente do que o clamor duma boda. Mas os nossos bardos já o não são mais — lembrou-se -, os nossos feitos já se confundem com os de outros, a nossa língua, o nosso próprio nome, estão a desaparecer rapidamente, sem que ninguém os lamente, salvo um velho solitário... Escanção! Servo! Enche as taças... A saúde de quem nas armas é bravo, seja qual for a sua raça e idioma e que, agora, esteja fazendo o melhor possível, na Palestina, entre os defensores da Cruz!

— Não ficaria bem a alguém ostentando no ombro este emblema dizê-lo — observou Sir Brian de Bois-Guilbert -, mas quem mais merece a palma de campeões da Cruz do que os juramentados do Santo Sepulcro?

— Os Hospitalários — atalhou o abade. — Tenho um irmão que o é.

— Não desejaria apoucar a sua fama — interpôs o Templário contudo... — Na minha opinião, amigo Cedric — interferiu Wamba -, entendo que, se Ricardo Coração de Leão tivesse sido esperto bastante para acatar a opinião dum louco, ter-se-ia deixado ficar em casa ao lado dos seus alegres ilhéus ingleses, encarregando da reconquista de Jerusalém aqueles mesmos cavaleiros que tanto têm a ver com a sua perda.

— Não havia então — perguntou Lady Rowena — ninguém nas forças inglesas cujos nomes merecessem ser postos a par com os dos cavaleiros do Templo e de São João?

— Perdoe-me, senhora — disse De Bois-Guilbert -, o monarca inglês levou, de fato, consigo para a Palestina uma hoste de guerreiros tão bravos que somente aqueles que sempre lá estiveram, servindo de baluarte naquela terra abençoada, puderam superar.

— Por NINGUÉM superados! — bradou o Peregrino suficientemente perto para tudo ouvir, o que fizera com crescente impaciência. Todos se voltaram para onde partira a inesperada asseveração.

— Deixai-me dizer — seguiu o Peregrino em tom firme e forte — que os cavaleiros ingleses não foram superados por Ninguém empunhando a espada na defesa da Terra Santa. Afirimo, além disso e porque o vi, que o rei Ricardo e cinco dos seus cavaleiros entraram num torneio, após a tomada de São João de Acre, para o qual desafiaram todos que com eles quisessem

lutar. Garanto que, num dia só, cada cavaleiro competiu contra três adversários, todos derrubando. Acrescento que três dos seus oponentes eram cavaleiros do Templo e... Sir Brian de Bois-Guilbert sabe que estou a falar verdade.

Seria impossível descrever em palavras o esgar de raiva, tornando-lhe mais escura ainda a tez já trigueira de si, que apareceu no rosto do Templário. No máximo da fúria e confusão, os seus dedos, tremendo, achegaram-se ao punho da espada, para logo se afastarem ao tomar consciência de que nenhum ato de violência poderia, com segurança, ser executado ali e naquele momento.

Cedric, cujo pensar era rectilíneo, simples e raramente abrangendo mais do que um assunto de cada vez, não percebera, com a satisfação de ter escutado o elogio glorioso dos seus compatriotas, a desvairada ira do seu convidado e exclamou: — Dar-te-ia esta pulseira de ouro, Peregrino, se me indicasses os nomes desses cavaleiros que tão garbosamente alçaram o nome da alegre Inglaterra, — Com todo o gosto o farei — informou o Palmeirim — e sem qualquer recompensa. Fiz uma promessa que, durante algum tempo, me proíbe de tocar em ouro.

— Usarei eu a pulseira em lugar dele — propôs Wamba.

— O primeiro em honra, nas armas, em renome e posição continuou o peregrino — foi o valente Ricardo, rei de Inglaterra.

— Perdoo-lhe — entremeteu Cedric — perdoo-lhe o descender do tirânico Guilherme.

— O conde de Leicester foi o segundo — disse o Peregrino — e Sir Thomas Multon de Gilsland o terceiro.

— Este, ao menos, é de sangue saxão — rejubilou Cedric. — Sir Foulk Doilly o quarto — prosseguiu o Palmeirim.

— Saxão também, pelo lado materno — lembrou Cedric, que o escutava com a maior das atenções, esquecendo por instantes o seu ódio aos Normandos perante a vitória comum do rei de Inglaterra e dos seus homens.

— E quem era o quinto? — quis saber.

— O quinto foi Sir Edwin Turneham.

— Saxão puro! Pela alma de Hengists (5) — gritou Cedric. — E o sexto? — exigiu — Como se chamava o sexto?

— O sexto — disse o Palmeirim, fazendo uma pausa, durante a qual pareceu retrair-se um pouco — era um jovem cavaleiro, de menos categoria, que se juntou àquele valoroso grupo mais para lhe completar o número do que para o auxiliar. O seu nome não me ocorre.

— Sr. Palmeirim! — atalhou Sir Brian de Bois-Guilbert -, essa pretensa falta de memória a seguir a tantas mostras de excesso dela vem um pouco tarde para servir os seus fins. Eu próprio direi o nome do guerreiro que, mercê da sorte da própria lança e culpa do meu cavalo, me fez cair, Era o cavaleiro de Ivanhoé. E nenhum dos outros, tendo em conta a sua idade, poderia ter mais renome do que ele. No entanto, e afirmo-o bem alto, desejaria que estivesse em Inglaterra e, tal como em São João de Acre, me lançasse um repto para o torneio desta semana. Montado e armado como estou, agora, dar-lhe-ia todas as vantagens sem temer o resultado.

— O seu desafio seria prontamente aceite — declarou o Peregrino — caso o seu antagonista se encontrasse perto daqui. Tal como as coisas são, rogo-lhe que não perturbe este salão com jactâncias quanto a resultados dum prélio que sabe perfeitamente não poder realizar-se. Se Ivanhoé alguma vez regressar da Palestina, garanto-lhe que ele o enfrentará.

— Que grande promessa! — desdenhou o Templário. — E que garantia me dá?

— Este relicário — disse o Palmeirim, retirando do peito da camisa uma caixinha de marfim e benzendo-se -, contendo um pedacinho do Santo Lenho, que trouxe do mosteiro do monte Carmelo.

O prior de Jorvaulx persignou-se e entoou um padre-nosso, que todos, exceto o Judeu, os maometanos e o Templário, acompanharam. O último, sem sequer retirar o gorro ou manifestar qualquer outra prova de respeito pela alegada santidade da relíquia, arrancou uma corrente de ouro que trazia ao pescoço e atirou-a para sobre a mesa, exclamando: — Que o prior Aymer guarde o penhor da minha aposta e o da deste vagabundo sem nome como garantia de que, quando o cavaleiro Ivanhoé entrar num dos quatro mares da Grã-Bretanha, será por mim, Brian de Bois-Guilbert, desafiado e que, se o não aceitar, o denunciarei como um covarde em todos os castelos dos Templários da Europa. Não haverá precisão disso — declarou Lady Rowena, quebrando o silêncio que se fizera -, pois a minha voz se levantará, se outra o não fizer nesta sala, em defesa do ausente Ivanhoé. Declaro que ele aceitará qualquer repto honroso. Se preciso for, acrescentarei à pobre garantia que juntei ao inestimável penhor deste santo peregrino o meu nome e o seu crédito em como Ivanhoé aceitará o recontro que este orgulhoso cavaleiro pretende.

Um mar de emoções incompatíveis parecia ter avassalado Cedric obrigando-o a calar-se durante a discussão. Orgulho satisfeito, ressentimento, embaraço, tudo perpassava na sua larga e aberta frente, COMO nuvens sopradas pelo vento correndo sobre uma seara. Os seus inferiores, aos quais o nome do sexto cavaleiro provocara quase o efeito dum choque eléctrico, olhavam, suspensos, para o amo. Quando Rowena falou, a sua voz libertou-o, Porém, da mudez em que caíra.

— Senhora — disse-lhe -, tanto não será necessário, pois, se o fosse, eu próprio, ofendido e verdadeiramente ofendido como estou empenharia a minha honra pela honra de Ivanhoé. Mas as formalidades do combate estão cumpridas, de acordo,

até, com as esquisitas maneiras dos Normandos... Não será assim, padre Aymer?

— Estão, sim — concordou o Prior -, e quer a bendita relíquia, quer a valiosa corrente, serão seguramente guardadas Por mim no convento até que este desafio se concretize.

Terminada esta declaração, fez várias vezes o sinal da Cruz e genuflexões, acompanhados de orações murmuradas, e passou o relicário para as mãos do Irmão Ambrose, seu auxiliar, arrepanhando ele próprio, com Pouca cerimônia mas muita satisfação, a corrente de ouro que enfiou na algibeira reforçada de couro perfumado que se abria sob um dos braços. Sir Cedric — disse -, os meus ouvidos badalam como sinos com o vigor das suas vitualhas e a generosidade dos seus vinhos. Permita-me um copo mais à saúde de Lady Rowena, após o que, se me der licença, me retirarei para os meus aposentos.

— Pelo cruzeiro de Bromholme! — espantou-se o Saxão. — pouco acresce à sua fama, Sr. Prior! Constava-me que era um monge jovial, capaz de escutar, as matinas antes de se levantar da mesa. Eu, velho como estou, temia até Medir— me consigo. Por Deus! Qualquer rapazelho saxão de doze anos, no meu tempo, não largaria tão depressa os pratos e os copos.

O Prior, todavia, tinha razões muito suas para teimar na temperança que resolvera. Era não só um Pacificador nato, mas ainda, pela prática, Um inimigo de tudo que fosse conflito ou feudo. Era assim não propriamente por amor ao próximo ou a si mesmo, ou por misturados dois sentimentos. Os motivos variavam. Neste instante, tratava-se duma instintiva apreensão quanto ao temperamento arrebatado do Saxão e nos perigos que via na maneira de ser descontrolada e presunçosa do seu companheiro, de que tantas mostras já tinha tido, que poderia originar uma desagradável explosão. Por tais motivos, insinuou delicadamente a impossibilidade de alguém não saxão medir forças, com faca e copos, com outro dessa robusta e teimosa raça. Vagamente referiu-se à sua sacra posição e reiterou a proposta para se retirar.

De conformidade, foi servida a última rodada e os hóspedes, depois de reverenciarem o seu anfitrião e Lady Rowena, ergueram-se e começaram a atravessar a sala, enquanto os senhores da casa saíam por outras portas diferentes, acompanhados dos seus séquitos.

— Cão incrédulo — bradou o Templário para o Judeu, ao cruzar-se com ele na multidão -, pensarás assistir, também, ao torneio?

— Assim penso — respondeu Isaac, fazendo, humildemente, uma vênia -, se isso agradar a Vossa Valia. — Ai! — exclamou o cavaleiro — para satisfazer, à custa de usurários, as barrigas da nossa nobreza e levar mulheres e meninos com quinquilharias e brinquedos necessito duma certa quantidade de moedas tuas, que assentarás no teu livrinho.

— Nem uma moeda, nem um dinheiro de prata, nem qualquer outra. Que o Deus de Abraão me acuda — chorou-se o Judeu, torcendo as mãos. — Sou obrigado a recorrer a irmãos da minha tribo para pagar a multa que o Fisco de Judeus (6) me impôs. Que Jacó, meu pai, me ajude! Sou um desgraçado sem vintém. Até a capa que trago me foi emprestada por Reuben de Tadcaster. O Templário sorriu-lhe com azedume: — Maldito mentiroso sem coração! — E seguiu, desdenhando qualquer conversa mais com ele e entabulando uma troca de palavras com os seus muçulmanos em língua desconhecida para os restantes presentes. O pobre israelita ficara de tal maneira abalado pelo contato com o monge guerreiro que já este chegara ao fim da sala quando ergueu a cabeça, que baixara para demonstrar toda a sua insignificância.

Quando olhou em seu redor, fê-lo como se se tratasse de alguém aos pés de quem um relâmpago tivesse caído e que ainda sentia ecoar dentro da cabeça o estampido do trovão. Pouco depois, o Templário e o Prior eram acompanhados aos seus aposentos por um mordomo e um copeiro, dois porta— tochas e dois criados com refrescos. Simultaneamente, outros criados de condição menor conduziam os outros membros da sua comitiva até aos respectivos quartos, para descansarem.

1. Nome duma feroz divindade adorada anteriormente a Maomé pelos Sarracenos. (N. do T.) 2. Cevo, carniça que se dá aos cães de caça. (N. do T.) 3. Porção da carne do veado entre as coxas. (N. do T.) 4. Não havia faceta da sua linguagem que os Normandos mais distinguissem dentro da sua fala normal do que aquela à caça referente. Os seres que Perseguiam, aves e outros, mudavam todos os anos de nome, existindo ademais centenas de termos convencionais, cuja ignorância correspondia a falta de maneiras por parte dos fidalgos. O leitor poderá consultar o livro de Dame Juliana Berners sobre o assunto. A origem desta ciência é atribuída ao celebrado São Tristão, famoso pela sua intriga com a bela Isolda. Como os Normandos reservavam somente para si o prazer da caça, todos os termos desta gíria formal provinham do francês.

5. Chefe juto que comandou a primeira invasão saxônica da Inglaterra. (N. do T.) 6. Nesse tempo, os judeus estavam sob a alçada dum ramo da Fazenda, especialmente criado para esse fim, que os submetia às mais incríveis das imposições. (N. do T.)

Capítulo VI

*Para lhe comprar o favor, esta prova amiga lhe dou:
Se O aceitar, muito bem. Caso não, adeus. Mas por amor lhe peço que não diga mal de mim.*
O Mercador de Veneza

Quando o Peregrino, alumiado por tochas, passava através da intrincada série de apartamentos daquela grande e irregular mansão, o escanção, vindo por detrás dele, segredou-lhe à orelha que, se não visse mal em tomar uma caneca de bom hidromel no seu quarto, muitos dos criados da casa, ansiosos por notícias da Palestina e sobretudo do cavaleiro Ivanhoé, o escutariam com todo o gosto. Pouco depois surgia Wamba com pedido igual, lembrando que um copo depois da meia-noite valia por três depois do toque de recolher. Sem se atrever a rebater a máxima posta por tão séria entidade, o Palmeirim, agradecendo-lhes a atenção, observou que a promessa que fizera incluía a obrigação de nunca discutir na cozinha o que lhe era proibido na sala.

Esse voto — comentou Wamba para o copeiro — dificilmente seria feito por um criado de servir. Aborrecido, o copeiro, encolhendo os ombros, disse: — Pensava alojá-lo no quarto do soleiro, mas, já que se trata dum cristão tão pouco sociável, vou pô-lo no catre ao lado do Judeu. Anwod — ordenou ao homem com o archote -, leva o Peregrino para a cela sul. Desejo-lhe boa noite — acrescentou -, Sr. Palmeirim, com os meus ténues agradecimentos por tão pouca cortesia.

— Boa noite e que Nossa Senhora os abençoe — disse o Palmeirim comedidamente, indo atrás do seu guia.

Numa pequena antecâmara, para a qual várias portas davam, iluminada por uma lanterna de ferro, foram novamente interrompidos, desta vez por uma aia de Rowena, que, comunicando autoritariamente desejar a sua ama falar com o Palmeirim, tirou o archote das mãos do homem, mandando-o esperar e fez sinal ao primeiro para que a seguisse. Não achando, aparentemente, correto declinar este convite, como fizera aos anteriores, mas mostrando a sua surpresa por um gesto, este obedeceu, sem nada dizer e sem se queixar.

Uma curta passagem e a subida de sete degraus de sólidas traves de carvalho e chegou ao apartamento de Lady Rowena, cuja rude magnificência estava em perfeito acordo com o respeito que por ela o dono da casa evidenciava. As paredes haviam sido cobertas com cortinados bordados com desenhos, de diferentes cores entrecruzados com fios de ouro e de prata, com o máximo de artesanaria possível para a época, representando cenas de caça e de falcoaria. A cama era adornada com o mesmo tipo de tecido e rodeada de cortinas púrpura. Também os assentos estavam forrados da mesma maneira e junto de um deles, o mais alto de todos, havia um pousa pés, com curiosas incrustações de marfim.

Nada menos do que quatro candelabros de prata com enormes círios iluminavam o apartamento. No entanto, nenhuma dama(1) dos nossos dias invejaria a magnificência duma princesa saxônica. As paredes do aposento eram tão mal acabadas e tão cheias de rachas que os ricos cortinados se agitavam continuamente com a ventania, vinda de lá de fora e, não obstante uma espécie de quebra-vento que tinham como proteção, as chamas dos archotes inclinavam— se, como pendões ainda não totalmente desfraldados. Ostentação existia, a par de ingênuas tentativas de bom gosto, mas o conforto não era nenhum. Porém, como ninguém o conhecia, ninguém lhe sentia a falta.

Lady Rowena, com três aias de pé atrás de si, arranjando— lhe o cabelo para se poder ir deitar, sentava-se naquela espécie de trono, de que já se falou e apresentava— se como se realmente tivesse nascido para por todos ser homenageada. O Peregrino, reconhecendo-o ela, ajoelhou-se lentamente.

— Erga-se, Palmeirim — mandou-lhe ela com gentileza.

— Um defensor de pessoas ausentes tem todo o direito a uma recepção condigna por parte de todos que a verdade apreciam e honram o cavalheirismo.

— Voltando-se então para as serviçais, ordenou:

— Retirem-se todas menos a Elgitha. Quero falar com este santo peregrino.

As jovens, sem abandonarem o apartamento, retiraram-se para o seu lado mais afastado, sentando-se, aí, num banco encostado à parede, mudas como estátuas, muito embora àquela distância os seus sussurros não pudessem perturbar a conversa da ama.

— Peregrino — disse esta, após ter deixado decorrer uns momentos como hesitante quanto à forma como se lhe dirigir -, esta noite mencionou um nome... quero dizer — continuou com algum esforço -, o nome de Ivanhoé, dentro de muros onde, por

razões naturais e de parentesco, tão bem deveria ser acolhido. No entanto tão perverso é o destino que, de entre tantos cujo coração mais fortemente palpitou ao ouvi-lo, somente eu me atrevo a perguntar-lhe: onde e como deixou essa pessoa de quem nos falou? Sabíamos que, tendo-se deixado ficar, por motivos de saúde, na Terra Santa, quando as forças inglesas regressaram, era perseguido pelo sector francês a que, como toda a gente sabe, os Templários estão muito ligados.

— É bem pouco o que sei do cavaleiro Ivanhoé — respondeu — lhe o Peregrino com a voz perturbada. — Quem me dera conhecê-lo melhor já que vós, senhora, tanto vos interessais pela sua sorte! Vencera, creio, os ataques dos seus inimigos e preparava-se para voltar para Inglaterra, onde vós, senhora, melhor do que eu, conheceis as suas hipóteses de felicidade.

Lady Rowena suspirou profundamente e pediu mais pormenores quanto à eventual data de regresso de Ivanhoé à sua terra natal, indagando, ao mesmo tempo, dos possíveis riscos no caminho. De volta à primeira pergunta mostrou o Palmeirim total desconhecimento, quanto à segunda, disse ser a viagem segura por Veneza e Gênova e daí, pela França, até à Inglaterra.

— Ivanhoé — acrescentou — conhece tão bem a fala e costumes dos Franceses que nenhum perigo lhe surgiria nessa fase das suas andanças.

— Que Deus nos conceda — pediu Lady Rowena -, ele aqui estar pronto a pegar em armas no torneio que se aproxima e no qual se espera que os cavaleiros desta terra bem demonstrem o seu valor e destreza. Se Athelstane de Conningsburgh conquistar o prêmio, é possível que más novas cheguem a Ivanhoé mal desembarque em Inglaterra... Como estava ele, Peregrino, quando o viu pela última vez? A doença abalou-lhe muito as forças e o garbo?

— Estava mais queimado e mais magro — informou o Palmeirim do que quando vindo de Chipre, chegou com as hostes do Coração de Leão, parecendo-me que as preocupações lhe carregavam o semblante. No entanto, não me acerquei dele, pois não o conhecia.

— Conhecer-te-á — asseverou-lhe a dama. — Vejo pouco nesta sua terra para lhe apagar as preocupações que carrega. Obrigada, bom peregrino, pela informação que me trouxe acerca do meu companheiro de meninice... Meninas — disse -, aproximai-vos e oferecei um copo para melhor repouso deste santo homem, que mais tempo não quero deter.

Uma das raparigas apresentou uma taça de prata com uma excelente mistura de vinho e especiarias, que Rowena levou primeiramente aos lábios, quase mal lhe tocando, e depois estendeu ao Palmeirim, que, após profunda cortesia, dela bebeu umas gotas. — Aceite estas alvíssaras — continuou a dama entregando-lhe uma peça de ouro — como reconhecimento do seu penoso deambular por tantos lugares de veneração.

O Palmeirim aceitou a oferta com nova vênia e deixou o apartamento atrás de Edwina. Na antecâmara esperava-o Anwod, que, pegando na tocha que a criada segurava, o conduziu, com mais pressa do que modos, para uma secção obscura no exterior do edifício, onde diversos quartos, ou melhor dito, celas, serviam como dormitórios para os criados menos qualificados e visitantes de mais baixa categoria.

— Em qual destas dorme o Judeu? — indagou o Peregrino. — o cão descrente — respondeu Anwod — aninha-se na cela junto a Vossa Santidade. Que São Dunstan nos auxilie no trabalho que vamos ter raspando-a e limpando-a até que torne a ficar digna de cristãos.

— E Gurth, o porqueiro, onde se recolhe? — interrogou o estranho. O Gurth — esclareceu o servo — está a dormir na cela à sua direita e o judeu à sua esquerda. Servirá o senhor como separação entre o circuncidado e aquele que cuida daquilo que a sua tribo mais abomina. Ter-lhe-ia sido dado um lugar mais honroso se tivesse aceitado o convite de Oswald.

— Está bem como está — disse o Palmeirim. — A proximidade mesmo dum judeu dificilmente me trará contaminação através daquela espessa divisória de carvalho.

Assim dizendo, entrou na cabina, tirou a tocha das mãos do doméstico e agradeceu-lhe, desejando-lhe boa noite. Cerrou a porta, enfiou o archote num tocheiro de madeira e olhou em torno da divisão, cuja mobília era do mais singelo possível. Um rude talho de pau e uma enxerga com palha limpa e duas ou três peles de cabra como cobertores. O Palmeirim apagou o fogo e deixou-se cair, sem tirar qualquer peça de roupa, na enxerga, onde adormeceu ou, quanto mais não seja, se deixou ficar até que os primeiros raios solares entraram pelo postigo gradeado que dava luz e ar àquela pouco confortável cela. Ergueu-se, disse as suas orações matinais, ajustou as roupas e saiu, dirigindo — se à cela do Judeu, cuja aldrava levantou tão silenciosamente quanto pôde.

O ocupante da pequena divisão dormia, numa enxerga igual àquela em que passara a noite, um sono sobressaltado. As roupas que despira estavam cuidadosamente dobradas bem junto de si, para que não lhe fossem tiradas durante o sono. A sua testa enrugava-se numa quase agonia. As mãos e os braços tremiam-lhe como se lutasse com um horrível pesadelo. Além de várias frases em hebreu, disse, claramente, em normando-inglês, a língua mista da terra: — Pelo amor de Deus de Abraão, que um pobre e infeliz velho seja poupado! Não tenho um tostão! Se os vossos ferros me desmembrarem, não vos poderei pagar.

O Palmeirim não esperou que a visão do Judeu se desvanecesse e tocou-lhe com o bordão. O toque, como é vulgar, foi logo associado com algumas das preocupações incluídas no sonho, e o velho despertou de súbito, com os cabelos grisalhos

quase em pé, apertando as roupas contra o corpo e segurando as peças soltas como um falcão prendendo a presa nas garras. Os seus negros olhos fixavam-se, expressivos, selvagens e plenos de temor físico, no Peregrino.

— Nada tem a temer de mim — sossegou-o o Palmeirim. — Venho como amigo.

— Que o Deus de Israel o recompense — disse, aliviado, o Judeu Sonhava... mas, Pai Abraão seja louvado, era um sonho somente.

— E logo recompondo-se e tomando um tom normal de voz: — E o que deseja, de manhãzinha tão cedo, deste pobre judeu? Venho para o informar — esclareceu o Palmeirim — que, se não deixar imediatamente esta mansão e andar com bastante rapidez, a sua viagem se poderá tornar muito perigosa.

— Santo Pai! — exclamou o Judeu. — Quem se interessaria em perseguir um desgraçado como eu?

— O motivo terá de o adivinhar — prosseguiu o Peregrino mas acredite que, quando o Templário atravessava, ontem, a sala, falou com os seus escravos muçulmanos em língua sarracena, que entendo perfeitamente, encarregando-os de hoje, de manhã, vigiarem o Judeu na sua jornada, o prenderem a distância conveniente da casa e o levarem para o castelo ou do Phillip de Malvoisin ou do Reginald Front-de-Boeuf.

Não tem relato o pavor extremo que se apossou do Judeu, que, ao ouvir esta informação, pareceu perder todas as suas faculdades. Os braços caíram-lhe, a cabeça pendeu— lhe sobre o peito, os joelhos vergaram-se ao próprio peso, todos os nervos e músculos do corpo assemelhando ter entrado em colapso e perdido a energia. Despenhou-se aos pés do Palmeirim, não como quando alguém, intencionalmente, se curva, se ajoelha ou se prostra, implorando compaixão, mas sim como empurrado por todos os lados pela pressão duma força invisível e capaz de esmagar toda a resistência.

— Santo Deus de Abraão! — foi a sua primeira frase, erguendo as mãos, que se abriam e fechavam, mas mantendo sempre a cabeça em baixo. — Ó Santo Moisés! Ó Abraão bendito! O sonho não foi em vão e a visão não me tocou de balde! Já sinto os ferros deles entrando-me nos tendões! Já sinto a roda a passar-me pelo corpo como as serras, as grades e os machados de ferro passaram sobre as gentes de Rabat e sobre as cidades dos filhos de Amon!

— Levante-se, Isaac, e preste-me atenção — disse o Palmeirim, a quem toda aquela aflição enchera dum misto de compaixão e desprezo. — O seu terror tem bases, sabendo-se como os seus irmãos têm sido tratados por príncipes e nobres para lhes extorquirem as suas economias. Mas, mesmo assim, recomponha-se, peço— lhe, para que lhe possa apontar a via a seguir na sua fuga. Saia já desta mansão, enquanto todos descansam ainda da empanzinadela de ontem. Guiá-lo-ei através das trilhas secretas da floresta, que conheço como o melhor couteiro que as vigie, até porto de abrigo, junto de algum chefe ou barão que também vá ao torneio e cuja boa vontade talvez arranje meios de conseguir.

Tendo os ouvidos de Isaac entendido nestas palavras a possibilidade de escapar, começou, gradual e lentamente, a levantar-se do chão, até que ficou totalmente de pé, sacudindo os longos e grisalhos cabelos e barba e mirando o rosto do Palmeirim com a intensidade da esperança, do medo e, ainda, das dúvidas. Quando ouviu a última frase, o medo inicial regressou em força, fazendo-o tornar a cair de bruços, exclamando: — Não disponho de quaisquer meios para conseguir boas vontades! Ai de mim! Apenas existe um meio para se obter um favor dum cristão. Onde o poderá encontrar um pobre judeu a quem as extorsões já reduziram à miséria dum Lázaro? — E, imediatamente, como se a suspeita lhe dominasse já as demais emoções, pediu: — Pelo amor de Deus, jovem, não me atraia. Pelo Altíssimo Pai que nos fez a todos, judeus e gentios, israelitas e ismaelitas, não me traia! Não tenho meios para obter as graças dum mendigo cristão, nem mesmo que um vintém apenas bastasse.

— Acabando de isto dizer, levantou-se e, suplicante, agarrou-se ao manto do Palmeirim. Este libertou— se como se tivesse visto peçonha.

— Estivesses tu a abarrotar com todas as riquezas da sua tribo fez-lhe ver -, que me interessaria fazer-te mal? Fiz voto de pobreza e não trocarias estas minhas roupas senão por um cavalo e uma cota de malha. Não pense, no entanto, que me importa a tua companhia, ou que dela me quero aproveitar. Permanece aqui, se preferires... talvez o Cedric te possa proteger.

— Pobre de mim — exclamou o Judeu -, ele não me deixaria juntar à sua comitiva. Saxões ou Normandos, todos se envergonham da mesma forma com a presença dum ignóbil israelita. Quanto a atravessar sozinho os domínios do Phillip de Malvoisin e do Reginald Front-de-Boeuf... Claro, meu jovem, irei consigo. Apressemo-nos! Ponhamos asas nos nossos pés... voemos! Pegue no seu bordão. Que espera?

— Não espero nada — acalmou-o o Peregrino, cedendo à sua urgência -, pretendo apenas sair daqui do modo mais seguro. Siga-me. Levou-o até à cela ao lado, que, como sabemos, era ocupada por Gurth, o porqueiro.

— Levanta-te, Gurth, levanta-te depressa. Abre a porta da entrada para que eu e o Judeu saíamos. Gurth, cuja ocupação, hoje vista como muito baixa, na Inglaterra saxônica era comparável àquela que Eumeu gozava em Ítaca, ofendeu-se com o tom de intimidade da ordem dada pelo Palmeirim e respondeu: — O Judeu a deixar Rotherwood — disse apoiando-se num cotovelo e olhando-o desdenhosamente sem sair do catre — acompanhado pelo Palmeirim para saquear...

— Mais facilmente o imaginaria — declarou Wamba entrando naquele preciso momento na cela — a fugir com um pedaço de toucinho na mão.

— Seja como for — disse Gurth, tornando a pousar a cabeça na trave que lhe servia de almofada -, tanto judeus como gentios têm de se contentar esperando a hora de abertura do portão grande. Não permitimos que visitantes partam à socapa a estas desoras.

— Mesmo assim — persistiu em tom de comando o Peregrino -, não me vais recusar esse favor.

Simultaneamente, baixou-se para junto do porqueiro e segredou-lhe qualquer coisa em saxão. Gurth saltou como que electrizado. O Peregrino, levantando um dedo, a recomendar-lhe cautela, acrescentou: — Cuidado, Gurth... raramente és prudente. Abre a portinhola como te digo. Dentro em pouco saberás mais com pressurosa animação, Gurth obedeceu-lhe, ao mesmo tempo que o Judeu e Wamba o seguiam, ambos surpresos com a sua súbita alteração de comportamento.

— A minha mula, a minha mula!? — gritou o Judeu logo que se viu do lado de fora da portinhola.

— Traz-lhe a mula — ordenou o Palmeirim. — E, ouve, arranja outra para mim, para que o acompanhe até aos limites destas propriedades. Devolvê-la-ei a alguém do grupo do Cedric em Ashby. Faz também o seguinte... — Segredou-lhe o resto.

— Certo, certamente que farei tudo assim mesmo — assentiu Gurth, partindo para executar o que lhe fora mandado.

— Bem quererá aprender — prosseguiu Wamba quando o seu companheiro se afastou — o que os Palmeirims aprendem na Terra Santa.

— A dizer as nossas orações — explicou o Peregrino -, a arrependermo-nos dos nossos pecados, a mortificarmo-nos com jejuns, vigílias e demoradas rezas.

— Tem de ser algo mais potente do que isso — duvidou o bobo. Desde quando é que o arrependimento e as orações levaram o Gurth a fazer uma amabilidade e as abstinências o convenceram a emprestar mulas? Creio mesmo que, se tivesse descrito essas vigílias e penitências ao varrão preto de que ele tanto gosta, o bicho ficaria tão bem— educado que até começaria a falar.

— Deixa para lá — disse-lhe o Peregrino -, não passas dum tolo saxão.

— Dizes bem — ripostou o bobo -, mas, tivesse eu nascido normando, como penso que tu nasceste, teria a sorte na mão e estaria a dois passos de ser um sábio.

Nesse momento surgiu Gurth, do lado oposto da alcáçova, com as mulas. Os viajantes atravessaram a vala por uma ponte levadiça com duas tábuas de largura, estreiteza essa que condizia com as da portinhola por onde haviam saído e a da abertura existente na paliçada exterior. Mal chegaram junto das mulas, o Judeu, com mãos apressadas e trémulas, retirou de dentro do capote uma saca de bocaxim azul contendo, como murmurou, "uma muda de roupa, apenas uma muda". Saltando então para a mula, com muito mais ligeireza e rapidez do que seriam de esperar dos seus anos, logo dispôs as abas do capote de modo a encobrirem a carga que pusera encroupe(1).

O Peregrino montou mais calmamente, estendendo, antes de partir, a mão a Gurth, que a beijou com toda a veneração. O porqueiro deixou-se ficar, pasmado, olhando-os até desaparecerem sob os galhos do caminho da floresta, quando a voz de Wamba lhe quebrou o devaneio.

— Sabes, bom amigo Gurth, que, nesta manhã de Verão, te mostras estranhamente cortês e muito peculiarmente pio? Gostaria de ser um prior vestido de preto ou um peregrino descalço para me aproveitar do teu zelo e cortesia... com toda a certeza te poria a fazer-me muito mais do que beijocar-me as mãos.

— Não estás a ser imbecil até ao momento — respondeu Gurth -, embora argumentes seguindo as aparências, o que, mesmo os mais inteligentes entre nós, não fariam melhor. Mas... tenho de ir ao meu recado. Voltou para casa, acompanhado pelo bobo.

Entrementes, os viageiros continuavam a sua jornada com um despacho perfeitamente contrário aos anos do Judeu, já que as pessoas da sua idade raramente apreciam moções demasiado célebres. O Palmeirim, para quem todas as veredas e carreiros da mata pareciam familiares, ia-os conduzindo pelos mais desviados caminhos, levando, por mais do que uma vez, a imaginação do israelita a julgar que pretenderia atraí-lo arrastando-o para uma emboscada dos seus inimigos.

Poder-se-lhe-iam desculpar as dúvidas, porque, com exceção, quiçá, dos peixes-voadores, não havia à superfície da Terra, no ar e nas águas, raça que tão geral, ininterrupta e incansavelmente fosse perseguida do que a dos judeus de então. Sob os mínimos e menos razoáveis pretextos, assim com a base das mais absurdas e infundadas acusações, as suas pessoas e propriedades eram expostas à fúria popular.

Na verdade, Normandos, Saxões, Dinamarqueses e Bretões, por muito que se odiassem entre si, todos procuravam ser aqueles que mais aversão demonstravam em relação a um povo contra quem era, por religião, devido odiar, injuriar, desprezar, depredar e perseguir. Os reis e os nobres independentes, de sangue normando, que lhes copiavam os exemplos em todos os atos tirânicos, exerciam contra aquela devotada gente a mais constante, preconcebida e egoísta das perseguições. É

bem conhecida a história do rei João (1199-1216), que encerrou um judeu rico num dos seus castelos, mandando que diariamente lhe fosse arrancado um dente, até que, já com as queixadas só com metade dos dentes, acedeu entregar-lhe a soma imensa que o tirano lhe queria extorquir. O pouco dinheiro sonante existente encontrava-se, principalmente, nas mãos do povo perseguido e a nobreza não hesitava em copiar o soberano, dele o espremendo mercê de toda a sorte de opressões e torturas.

No entanto, a sua corajosa passividade, baseada no amor ao lucro, permitia-lhes enfrentar esses perigos sem conta para conseguirem enormes lucros numa terra naturalmente tão basicamente rica como a Inglaterra o era. Apesar de, por todos os modos desencorajados, mesmo submetidos a impostos especiais, lançados pelo Fisco de Judeus, criado especialmente para os espoliar e perseguir, o número de judeus aumentava, multiplicando-se e acumulando fortunas incríveis, que transferiam dum lado para o outro por meio de letras de câmbio (um invento comercial, ao que parece de sua lavra) que lhes ajudavam a passar o dinheiro dum país onde estivessem mais apertados para outro onde trabalhassem mais à vontade. A perseverança e avareza dos judeus, equilibrando, por assim se dizer, o fanatismo e a tirania daqueles que os subjogavam, aparentava aumentar na proporção da perseguição que lhes era feita.

A incalculável riqueza que, regra geral, juntavam no comércio, embora, em alguns casos, correspondesse a colocá-los em terreno perigoso, noutros permitia-lhes alargar o seu campo de ação com um inerente maior grau de proteção. Eram estes os termos em que viviam e que tanto lhes influenciavam o carácter, que se lhes tornara atento, desconfiado e tímido... mas persistente, inconformado e habilidoso quanto à evasão às ameaças a que sempre se expunham. Tendo percorrido, a passo veloz, veredas ocultas sem conta, o Palmeirim, finalmente, rompeu o silêncio.

— Aquele decrépito carvalho — apontou — marca o limite das terras sobre as quais o Front-de-Boeuf diz ter domínio. Há muito nos afastamos das do Malvoisin. Daqui em diante não há mais perigo de perseguições.

— Que as rodas dos seus carros de guerra se soltem — pediu o Judeu -, como aconteceu às dos do exército do Faraó, atrasando-lhes o andar!... Não me deixe já, bom peregrino. Lembre-se de que aquele feroz e selvagem Templário e os seus escravos sarracenos não querem saber de territórios, de feudos, de propriedades...

— Os nossos caminhos separam-se aqui — disse o Palmeirim. Não ficaria bem homens como eu e tu viajarem juntos por maior distância do que a precisa. Além de que, que ajuda terias tu dum pobre peregrino, como eu, contra dois pagãos?

— Ó meu generoso jovem — replicou o Judeu -, tu podes defender-me. Sabes que o podes. Pobre como sou, recompensar-te-ei... não em dinheiro, porque, valha-me Abraão, dinheiro não tenho nenhum, mas...

— Dinheiro e recompensas — cortou o Palmeirim — são coisas que, já te disse, não pretendo de ti. Guiar-te, posso e, se preciso fosse, defender-te-ia até certo ponto, mesmo porque proteger um judeu dum sarraceno dificilmente será considerado coisa imprópria para um cristão fazer. Assim, Judeu, levar-te-ei a salvo até junto de qualquer abrigo que mais te convenha. Não estamos muito longe da cidade de Sheffield, onde, sem custo, poderás encontrar alguém da tua tribo disposto a dar-te refúgio.

— Que as bênçãos de Jacó sobre ti caiam, generoso jovem! agradeceu o Judeu. — Em Sheffield poderei albergar-me na casa do meu parente Zareth, que me arranjará maneira de poder prosseguir em segurança.

— Seja então assim — aquiesceu o Palmeirim -; em Sheffield cada um irá para o seu lado. Aliás, dentro de meia hora a cavalo teremos a cidade à vista.

A meia hora passou-se em absoluto silêncio de parte a parte. O Peregrino, talvez, por desdenhar dirigir-se ao Judeu, à parte por questões de inteira necessidade, e o Judeu por não desejar impor uma conversa a uma pessoa cuja romagem à Terra Santa lhe emprestava uma espécie de santidade. Pararam no cimo duma suave ladeira, o Peregrino, apontando para a cidade em baixo, repetiu-lhe: — Aqui nos separamos.

— Não sem que este mísero judeu te agradeça — disse Isaac.

Calculo que não queira acompanhar-me até casa do meu parente Zareth, que, de algum modo, saberia encontrar forma de o compensar pelos seus bons officios.

— Torno a dizer — lembrou o Peregrino — que não pretendo recompensas. Se, da longa lista dos teus devedores, quiseses, por mim, perdoar a um os grillhões e a prisão que sobre ele possam, por tua causa, estar suspensos, fã-lo, que considerarei o serviço que esta manhã te prestei como bem empregue.

— Espera, espera — pediu o Judeu, prendendo-lhe a roupa. Algo mais do que isso por ti farei. Só Deus sabe como sou pobre... sim, Isaac é o mendigo da sua tribo... mas perdoar-me-ás se eu tiver adivinhado aquilo que, neste momento, mais falta te faz?

— Se adivinhaste corretamente — disse o Palmeirim -, é algo que não me poderias dar, nem que fosses tão rico como pobre dizes ser.

— Como digo ser? — repetiu o Judeu. — Crê em mim. Só falei a verdade. Sou um homem espoliado, endividado, perturbado. Mãos de ferro arrancaram-me os meus bens, o meu dinheiro, os meus barcos, tudo que tinha... Mesmo assim, posso indicar-te o que te falta e, talvez, dar-te. Neste instante queres um cavalo e uma armadura!

O Palmeirim estremeceu e, voltando-se para ele bradou: — Qual foi o Demônio que te ajudou a adivinhá-lo?

— Não importa — sorriu o Judeu -, uma vez que me não mentiu... e, tal como adivinhei a tua precisão, também poderei satisfazê-lo.

— Recordo-te — lembrou-lhe o Palmeirim — o que sou, como me visto, a minha promessa.

— Eu conheço os cristãos — prosseguiu o Judeu — e sei que o mais nobre entre eles é capaz de calçar umas sandálias, pegar num bordão e, em supersticiosa pena, partir para visitar sepulturas de homens há muito falecidos.

— Não blasfemes, Judeu! — exclamou severamente o Peregrino.

— Desculpa-me — pediu o Judeu. — Falei sem pensar. Ontem à noite e hoje de manhã pronunciaste palavras que foram como as faíscas da pederneira, revelando o metal que lhes está por detrás. Sob essa capa de peregrino esconde-se uma cota de malha de cavaleiro e esporas de ouro. Vi-as, de manhã, quando te debruçaste sobre a enxerga onde dormia. O Peregrino não conseguiu esconder um sorriso.

— Se as tuas roupagens fossem tão cuidadosamente escrutinadas por olhos como os teus, Isaac, que descobririam eles?

— Deixemo-nos disso — pediu o Judeu, que mudara de cor. Pegou então no seu material de escrita, apressadamente, como para mudar de assunto, e começou a escrever, mesmo sem desmontar, num pedaço de papel que tirara do gorro amarelo.

Quando terminou, entregou-lhe o rolo, cheio de caracteres hebraicos, dizendo: Na cidade de Leicester toda a gente conhece um abastado judeu chamado Kirjath Jairam, da Lombardia. Entrega-lhe este rolo. Ele tem para vender seis arneses milaneses, o pior dos quais honraria qualquer cabeça coroada, e dez corcéis, dos quais o pior nenhum rei desdenharia montar se tivesse de batalhar pelo seu trono. De entre todos te deixará escolher os que preferires, fornecendo-te também tudo o mais que necessites para o torneio. Quando este acabar, tudo devolverás. A não ser, claro, que queiras pagar o seu justo valor.

— Mas, Isaac — sorriu o Peregrino -, não saberás tu que naquele tipo de exercícios as armas e o corcel do cavaleiro derrubado ficam na posse do seu vencedor? Pode-me acontecer ter pouca sorte e perder aquilo que não serei capaz de repor ou pagar.

O Judeu ficou um nada aturdido com esta hipótese, mas, enchendo-se de coragem, declarou: — Não, não e não... isso é impossível... Nem nisso quero pensar. Que a bênção do nosso Pai caia sobre ti. A tua lança será tão forte como o bastão de Moisés. Declarando isto, virava já a mula, sendo, desta feita, o Palmeirim quem lhe segurou o capote.

— Não, Isaac, tu não conheces bem os riscos. O corcel pode ser morto, a armadura amolgada... já que eu não pouparei nem o homem nem a besta. Além de que as pessoas da tua tribo nunca dão nada sem nada receberem em troca. Alguma coisa terei de pagar pelo empréstimo.

O Judeu torceu-se na sela, como se tivesse uma cólica. O seu lado bom prevaleceu, porém: — Não me importo — afirmou -, não me importo. Deixa-me ir. Se algo se destruir, nada te será exigido. Se houver despesas com o uso ou desgaste, Jairam perdoá-lo-á por bem do seu parente Isaac. Segue em paz!... Um momento, jovem! Escuta! — gritou, voltando-se. — Eu não me referia nem ao cavalo, nem à armadura. Falava da tua vida e do teu corpo.

— Mil agradecimentos pelo teu cuidado — sorriu de novo o Palmeirim. — Servir-me-ei dos teus presentes com toda a força, mas não os destruirei.

Separaram-se, seguindo cada um caminho diferente para a cidade de Sheffield.

1. Em francês no texto. Na garupa. (N. do T.)

Capítulo VII

Cavaleiros, seguidos de longos cortejos de escudeiros, Marchando com vistosos enfeites e muito altaneiros. Um com o elmo engalanado, outro sustendo a sua lança, Outro ainda que com o rebrilhante escudo avança. O corcel com patadas irrequietas escava o solo a meio, Arfando e resfolegando, espumante vai mordendo o freio. Juntos, os ferreiros e os armeiros a cavalo todos vêm. Segurando em limas e martelos que não confiam a ninguém, E pregos para chuços soltos, tenazes para escudos também. Guardas guardam as ruas, dando-lhes a devida ordenação, E palhaços correndo vêm, trazendo grandes varapaus na mão.

Palamon e Arcite

A situação da nação inglesa era, nesta ocasião, lamentável. O rei Ricardo encontrava-se ausente e prisioneiro do pérfido e cruel duque da Áustria, sem que, ao certo, se soubesse do local do seu cativo e sendo a sua sorte muito imprecisamente conhecida pelos seus súbditos, que, entretanto, eram submetidos a terríveis opressões o príncipe João, coligado com Filipe de França, um inimigo mortal do Coração de Leão, utilizava junto do duque da Áustria toda a sorte de pressões para prolongar a reclusão de seu irmão Ricardo, a quem tantos favores devia. Fortalecia, ao mesmo tempo, a sua facção no reino, cuja sucessão pretendia disputar, caso o rei viesse a falecer, ao herdeiro legítimo, Artur, duque da Bretanha, filho de Geoffrey Plantageneta e irmão mais velho de João.

Esta usurpação, sabe-se, aconteceu realmente mais tarde. João, com uma maneira de ser estouvada, dissoluta e má, tinha facilidade de a si atrair pessoas ou grupos que ou tinham motivos para temerem o ressentimento de Ricardo pelo que de criminoso tivessem feito, ou que pertenciam à numerosa classe dos "fora da lei atrevidos" que, regressados das cruzadas ao seu país pobres mas endurecidos, punham agora em prática os vícios adquiridos no Levante, na esperança de qualquer coisa colherem na perturbação civil que grassava.

A estes motivos de apreensão e aflição populares teriam de ser acrescentados os muitos proscritos que, levados ao desespero pela opressão da nobreza feudal, se juntavam em grandes bandos, ocupando florestas e baldios, de onde desafiavam a justiça e os seus representantes. Os próprios nobres, encafuados dentro dos seus castelos e brincando aos reizinhos nos seus domínios, se tornavam em chefes de bandos não menos irregulares e opressivos do que aqueles que tratantes confessos comandavam. Para manterem esses seguidores e suportar as próprias extravagâncias e luxos, exigidos pelo respectivo orgulho, os nobres pediam empréstimos junto dos judeus, a juros escandalosos, que lhes rolam como cancrios as propriedades, um mal praticamente incurável, se se exceptuarem as circunstâncias pontuais em que arranjavam liberdade para praticarem sobre os seus credores qualquer ato de brutalidade primária.

Ajoujados pelas muitas cargas deste miserável estado de coisas, as gentes da Inglaterra sofriam terrivelmente o presente e ainda mais temiam pelo seu futuro. Aumentando—lhes a miséria, uma contagiosa epidemia espalhava-se por todos os lados. Tornada mais virulenta ainda pela porcaria, alimentação pouco higiênica e habitações absolutamente impróprias das classes inferiores, a doença ia-as varrendo vorazmente, num destino que os que lhe resistiam quase chegavam a invejar, quando pensavam em desgraças maiores ainda por virem.

Todavia, no meio de todas estas tragédias, pobres e ricos, plebeus e nobres, sempre que um torneio, o grande espetáculo daqueles anos, ocorria, ferviam com tanto interesse pelo acontecimento como qualquer madrileno meio faminto e sem forma de atender às necessidades dos familiares vibra com a realização duma tourada. Nem obrigações, nem doenças, conseguiam afastar jovens e adultos de tais exhibições. A Passagem de Armas, como o denominavam, efetuar-se-ia em Ashby, no condado de Leicester, e, como campeões da melhor água estariam em campo, na presença do próprio príncipe João, que honraria as liças, atraíam a atenção geral, fazendo que uma imensa quantidade de gente de todos os extratos afluísse, apressando-se, durante a manhã marcada, para o sítio do prélio.

O local era do mais romântico possível. Na orla duma mata que se aproximava até quilómetro e meio da cidade abria-se um vasto prado, da mais fina e bela erva tendo a um lado a floresta e do outro carvalhos, alguns de tamanho monumental, dispersos. O terreno, que parecia ter sido feito para as atividades marciais de que ia ser palco, descia ligeiramente de todos os lados até formar um fundo plano, com uns quatrocentos metros de comprido por duzentos de largura, que fora reservado para as liças com fortes paliçadas.

A forma do cercado era a dum rectângulo com os cantos arredondados para permitir mais comodidade aos espectadores. As aberturas, para a entrada dos combatentes, situavam-se na extremidades norte e sul, consistindo em robustas cancelas, suficientemente largas para tornarem possível a passagem de dois cavaleiros a par. Em cada um destes dois portais perfilavam-se dois arautos, acompanhados por seis trombeteiros, vários outros indivíduos e um corpo de homens bem armados, destinados à manutenção da ordem e certificação do valor dos cavaleiros que pretendiam entrar no jogo.

Numa plataforma para lá da entrada meridional, numa elevação natural, haviam sido montados cinco magníficos pavilhões, enfeitados com penantes vermelhos e negros, as cores escolhidas pelos cinco cavaleiros que o desafio tinham lançado. As cordas das tendas eram das mesmas cores. Na frente de cada um dos pavilhões pendia o escudo do guerreiro que o ocupava, tendo ao lado um escudeiro mascarado de selvagem ou silvícola, ou qualquer outro traje fantasioso, executado segundo o gosto do amo e representando a figura que este pretenderia encarnar na luta(1).

O pavilhão central, o lugar de honra, fora dado a Brian de Bois-Guilbert, cuja fama em todas as atividades de cavalaria, mais do que a sua ligação aos cavaleiros organizadores desta Passagem de Armas, fizera que fosse muito bem acolhido pelo grupo dos desafiantes, muito embora somente há muito pouco tempo tivesse regressado ao país. A um dos lados da sua tenda estavam as de Reginald Front-de-Boeuf e de Richard de Malvoisin; no outro, a de Hugh de Grantmesnil, um nobre barão da região, que descendia do lorde alto-comissário da Inglaterra do tempo da Conquista e seu filho William Rufus. A Ralph de Vipont, cavaleiro de São João de Jerusalém e dono de propriedades num local chamado Heather, perto de Ashbyde-la-Zouche, pertencia o quinto pavilhão.

Da entrada descia uma passagem, de ângulo pouco marcado e, mais ou menos, com dez metros de largura, conduzindo a uma plataforma onde se erguiam as tendas. Era bem protegida por paliçadas nos dois lados, o mesmo acontecendo com a esplanada frente aos pavilhões. Tudo estava ao cuidado de homens de armas.

O acesso norte das liças terminava numa entrada semelhante à do outro, com nove metros de largura, no fim da qual se abria espaço para os cavaleiros que quisessem medir forças com os desafiantes. Atrás viam-se tendas com frescos ou de armeiros, ferreiros e outros artífices, cujos serviços pudessem ser precisos. O exterior das liças estava parcialmente ocupado por galerias de armar, com tapeçarias, tapetes e almofadas, para as senhoras e nobres que viessem assistir ao torneio.

Um espaço estreito entre as galerias e as liças destinava-se a lavradores abastados e a pessoas um pouco acima do vulgo, podendo o seu aspecto ser comparado ao duma plateia de teatro. A multidão de arraia-miúda ocupava grandes porções da alfombra, a ela destinada e que, graças à forma do terreno, lhe permitia ver tanto as liças como as galerias. Fora destes locais, muita gente se acomodara trepando para os ramos das árvores que rodeavam o Prado. Até o campanário duma igreja um pouco afastada se mostrava pejado de espectadores.

Resta referir que, exatamente no centro do lado oriental da liça, ou seja precisamente em frente do ponto onde os cavaleiros se encontrariam, se levantava uma galeria mais alta e mais decorada do que as outras, com uma espécie de trono e um púlpito decorado com o brasão real. Escudeiros, pajens, guardas, esperavam junto daquele enaltecido local. Oposta a esta galeria real, outra havia, da mesma altura, mas no lado oeste. Talvez mais vistosa, se bem que não tão decorada como aquela que se destinava ao Príncipe.

Muitos pajens e jovens donzelas, escolhidas entre as mais bonitas, alegremente vestidas de verde e de rosa, rodeavam outro trono pintado nessas cores também. Entre os pendões e bandeiras, muitos ostentando corações frechados, corações inflamados, corações sangrantes, arcos e aljavas, enfim, todas as costumeiras banalidades indicativas dos triunfos de Cupido, aparecia uma inscrição brasonada informando os assistentes destinar-se aquele nobre assento a "La Royne de las Beaulté et des Amours". Mas quem seria essa "Rainha da Beleza e do Amor" ninguém o sabia para já.

Entretanto, espectadores de todos os gêneros acorriam para tomar conta dos seus respectivos sítios, o que dava lugar a inúmeras questões a propósito de a quem por direito cabia este ou aquele posto. Algumas destas pegas eram rapidamente atalhadas por guardas, que não estavam com meias medidas. Os cabos das lanças ou os punhos das espadas eram usados prontamente como argumentos convincentes contra os mais recalcitrantes. Outras bulhas, envolvendo pessoas de condição mais elevada, eram resolvidas por arautos ou pelos dois mestres-de—cerimônias, William de Wyvil e Stephen de Martival, que, armados de ponto em branco, percorriam as liças, para cá e para lá, impondo respeito à multidão.

As galerias foram-se enchendo com cavaleiros e fidalgos, envergando roupagens de paz, cujos longos mantos de com contrastavam com os mais alegres e mais vistosos vestidos das damas, que, em número maior do que o de homens, acudiam a presenciar um espetáculo por muitos tido como demasiadamente sangrento e perigoso para agradar ao sexo fraco. O espaço

inferior rapidamente ficou repleto de oficiais, burgueses e fidalgos menores, que, por modéstia, pobreza ou títulos um tanto duvidosos, não se atreviam a tomar posições mais elevadas. Era, evidentemente, entre estes que mais zaragatas, provocadas por questões de precedência, aconteciam.

— Cão descrente — resmungou um velho, cuja capa puidíssima mostrava tanto de pobreza como a espada, a adaga e a corrente dourada indicavam de pretensões a categoria -, lobato filho de loba tihosa! Como te atreves tu a querer passar à frente dum cristão, e logo dum cristão normando da linhagem de Montdidier?

Esta dura acusação fora atirada nada mais nada menos do que ao nosso já conhecido Isaac, que, ricamente, mesmo magnificamente vestido, com um gabão decorado com laços e debruado com peles, tudo tentava para conseguir lugar na fila mais importante, logo abaixo da galeria, para si e para sua belíssima filha Rebeca, que se lhe juntara em Ashby e que, no instante, se agarrava ao braço paterno, aterrada com os modos das gentes, que pareciam, na sua totalidade, irritadas com a presunção do pai. Mas Isaac, cuja faceta de timidez nos foi dada a conhecer noutras ocasiões, sabia muito bem nada ter a temer agora.

Nunca era em pontos de ajuntamento popular, nem na frente dos seus pares, que os fidalgos cobiçosos e malévolos o agrediam, já que em situações dessas o Judeu se encontrava sob a proteção da lei geral, e, se essa não bastasse, como era frequente acontecer, sempre estariam por ali, naquela reunião de pessoas, alguns barões, cujos interesses pessoais os obrigariam a agir em sua defesa. Na ocasião presente, Isaac sentia-se mais do que confiante, pois sabia estar o príncipe João quase pronto a concluir um empréstimo vultoso com os judeus de Iorque, a quem daria como garantia certas joias e terrenos. Era considerável a participação de Isaac nesta transação, que, adivinhava-o, o Príncipe ansiava por fechar quanto antes para se proteger do dilema que enfrentava.

Encorajado por tais pensamentos, o Judeu, persistindo no seu objectivo, empurrou o cristão normando, sem consideração pelas suas linhagem, posição e religião. As queixas do velho, porém, atiçaram a indignação dos circunstantes, um dos quais, um corpulento e bem constituído homem livre, vestido de verde, com uma dúzia de setas no cinto, boldrié, um distintivo de prata e um arco longo, de um metro e oitenta, na mão, que, voltando-se com o rosto, que a exposição às intempéries dera uma cor de avelã, ainda mais escuro de raiva, recomendou ao Judeu que se lembrasse de que toda a fortuna que ele adquirira, sugando o sangue das suas vítimas infelizes, o inchara como uma aranha, na qual se podia não reparar enquanto se mantivesse escondida no seu canto, mas que qualquer um esmagaria, pisando-a, se se atrevesse a aparecer à luz do dia.

Este aviso, feito em normando-inglês com voz firme e cara de poucos amigos, obrigou o Judeu a, encolhendo-se, recuar. Teria mesmo fugido de paragens tão perigosas se a atenção de todos não tivesse sido distraída pela repentina chegada do príncipe João, que entrava nas liças, seguido de numeroso e garrido cortejo, formado parte por laicos, parte por clérigos, estes tão vistosamente ataviados e animados como aqueles.

O prior de Jorvaulx seguia entre o último grupo, tão enfeitado quanto um dignitário da Igreja o podia fazer. Não lhe faltavam nem peles, nem ouro, nas suas vestimentas, e as botas, seguindo a absurda moda da altura, subiam-lhe muito acima, para lá dos joelhos, até ao cinturão, não lhe permitindo, inclusivamente, enfiar os pés nos estribos, limitação que em nada o perturbava, já que, pelo contrário, lhe deixava exhibir o muito que sabia de equitação àquela gente toda, muito especialmente às damas. Os restantes acompanhantes do Príncipe eram alguns comandantes seus preferidos de tropas mercenárias, alguns barões especializados em pilhagens, com os seus duvidosos subalternos, e vários cavaleiros templários e da Ordem de São João.

Recordar-se-á aqui que os cavaleiros daquelas duas ordens eram tidos como adversos ao rei Ricardo, tendo tomado voz pelo partido de Filipe de França durante as continuadas disputas travadas na Palestina entre este monarca e o rei de Inglaterra, de coração leonino. É do conhecimento geral ter esta prolongada discórdia tido como resultado as repetidas vitórias de Ricardo de nada terem valido, as suas românticas tentativas de cerco a Jerusalém frustradas e todos os frutos da glória, que conseguira, se extinguirem numa trégua duvidosa e como o sultão Saladino, seguindo a mesma política dos seus companheiros da Terra Santa, os Templários e os Hospitalários, em Inglaterra e na Normandia, ligaram-se à facção do príncipe João, uma vez que o regresso do rei Ricardo, ou a sua sucessão pelo seu filho legítimo, Artur, pouco lhes interessavam.

Por seu lado, o príncipe João odiava e desprezava as poucas famílias saxônicas de alguma posição, subsistindo na Inglaterra, não perdendo qualquer ensejo para as humilhar e ofender, uma vez que sabia serem a sua pessoa e pretensões pouco do gosto, quer delas, quer da maior parte do povo inglês, todos temendo ver os seus direitos e liberdades ainda mais cerceados por um tirano e libertino como era.

Acompanhado por esta luzida comitiva, o Príncipe, esplendidamente montado num fogoso palafrém cinzento, vestido de carmesim e dourado, levando no pulso um falcão, a cabeça coberta por um barrete de pele de qualidade, decorado com pedras preciosas, de dentro do qual o seu longo cabelo encaracolado saía, caindo-lhe até aos ombros, volteava, rindo alto com os seus seguidores e fixando, com o descaramento que o seu sangue real lhe autorizava, as damas sentadas nas galerias, quem quer que percebesse na fisionomia do Príncipe uma audácia dissoluta, misturada com altivez demasiada e indiferença pelos sentimentos dos outros, não poderia deixar de dar crédito por aquela beleza que sempre têm as feições abertas, bem formadas e melhor controladas pelas regras da etiqueta, mesmo que afastando-se da franqueza e honestidade, como que propositadamente não ocultando o que a alma por detrás desses rostos carrega.

Tal expressão acontece ser confundida com a da franqueza, quando, na verdade, resulta de indiferença, temperamento dissoluto, consciência de posição devida a nascimento, riqueza e outras características que nada têm a ver com qualidades pessoais. Para aqueles que não iam tão fundo na sua análise, ali na proporção de cem para um, o esplendor da romeira de pele, a riqueza da capa debruada com arminho, as botas de marroquim e as esporas douradas do príncipe João, aliadas à graça com que conduzia a sua montada, bastavam para que clamorosamente o aplaudissem.

No seu gracioso volteio em torno das liças, a atenção do Príncipe foi chamada pelo burburinho, ainda não amainado, que a tentativa de Isaac para alcançar lugares de maior importância na assembleia causara. A célebre vista do príncipe João instantaneamente reconheceu o Judeu, tendo, contudo, sido muito mais agradavelmente surpreendido pela bela filha de Sião, que, apavorada, continuava presa ao braço do seu idoso pai com efeito, Rebeca podia ser posta a par de qualquer das mais belas damas de Inglaterra, mesmo que o juiz de tal comparação fosse um conhecedor tão exigente como o príncipe João o era.

De linhas extremamente bem feitas e realçadas pelo vestido de corte oriental, que usava de acordo com os costumes das mulheres da sua raça, trazia um turbante de seda amarelo, que muito bem dizia com a sua compleição trigueira. O brilho dos seus olhos, o arco soberbo das sobrancelhas, o perfeito nariz aquilino, os dentes como pérolas e as pesadas e longas tranças que, armadas em espiral, caíam ao longo dum pescoço e dum colo lindíssimos, que uma samarra, de pura seda persa, com desenhos de flores nos seus tons naturais em fundo púrpura, deixava entrever, tudo formava um conjunto de beleza tamanha que nenhuma das mais bonitas donzelas à sua volta conseguia igualar.

É certo que, em virtude do calor, dos fechos de ouro com pérolas encastoadas, destinados a prender o vestido até à cinta, os três de cima estavam desabotoados, o que, de algum modo, permitia que a visão atrás descrita fosse um pouco mais alargada do que o usual e que o colar de brilhantes e os brincos de valor incalculável que ostentava mais se valorizassem. A pena de avestruz, que um broche de diamantes prendia ao turbante, acrescia um pouco mais ainda de distinção à esplendorosa judia, de quem as senhoras, sentadas nas filas cimeiras, troçavam e desdenhavam, embora, no fundo, a invejassem.

— Pela careca de Abraão! — soltou o príncipe João. — Aquela judia além deve ser a tal que era o suprassumo da perfeição e cujos encantos enlouqueceram os mais sábios entre todos os reis. Qual é a tua opinião, amigo Aymer? Pelo Templo, desse mesmo rei, que o meu ainda mais sábio irmão não conseguiu reconquistar, ela deve ser a encarnação da noiva do Cântico dos Cânticos.

— Uma rosa-de-saronas, um verdadeiro lírio-do-vale — respondeu o Prior, falando em voz velada e nasal -, mas não esqueça Vossa Graça que não passa duma judia.

— Vejam — continuou o príncipe João, sem lhe prestar atenção.

— E ali o meu Mamono da iniquidade, o marquês dos Marcos, o barão dos Bizâncios, lutando por um pouso com cães sem vintém, cujas capas, transparentes de gastas, não têm, nos bolsos, um mero cruzado para fazer que o Demo não dance lá dentro. Por São Marcos, o príncipe dos meus fornecedores, e a sua judia, têm de ter sítio na galeria! Quem é ela, Isaac? Tua esposa ou tua filha? Essa huri que trazes pelo braço, em vez de a teres bem guardada numa das tuas arcas de tesouros?

— Saiba Vossa Graça que é minha filha Rebeca — informou Isaac com uma grande reverência e nada acanhado com o cumprimento do príncipe, no qual houvera tanto de troça como de cortesia.

— O que mais rico te torna ainda! — comentou João com uma curta gargalhada, à qual os seus joviais companheiros logo, servil mente, juntaram as suas.

— Esposa ou filha, tem de ter a preferência que a sua beleza e méritos exigem. Quem está sentado aí em cima? — perguntou percorrendo a galeria com os olhos. — Malandros saxões a preguiçarem! Fora com eles! Que se apertem bem para darem lugar ao meu príncipe dos usurários e à sua maravilhosa filha! Ensinarei a esses bisonhos que são obrigados a compartilhar os lugares altos da Sinagoga com aqueles a quem a Sinagoga pertence por direito.

Eram Cedric, o Saxão, o seu parente Athelstane de Conningsburgh e os respectivos familiares quem ocupava a zona para onde fora dirigida esta insultuosa e pouco delicada afirmação. Athelstane era um homem que, devido a descender dos últimos monarcas saxões da Inglaterra, era visto com o maior dos respeitos por todos os saxões do Norte do país com feições

correctas, corpulento e forte, na flor da idade, mas de expressão parada, olhos mortiços, sobrolho caído pouco mexido e de movimentos moles e tão lento nas suas decisões que lhe tinham dado a alcunha dum dos seus antepassados, toda a gente o conhecendo por Athelstane, o Atado. Os seus amigos, e muitos eram, entre eles Cedric, estavam-lhe muito ligados, atribuindo a sua moleza não a falta de coragem, mas apenas a ausência de poder de decisão.

Outras pessoas, todavia, afirmavam que o alcoolismo hereditário lhe embotava as faculdades, fazendo-as funcionar mal, e que a sua coragem passiva e mansa maneira de ser não eram mais do que os excrementos dum carácter que, um dia, poderia ter tido valor, mas que tudo que de bom tivera perdera durante o decorrer duma vida incontavelmente devassa.

Fora a esta pessoa que descrevemos que o Príncipe endereçara a sua imperiosa ordem de abrir alas para Isaac e Rebeca. Athelstane ficou completamente aturdido com aquele comando, que as maneiras e forma de sentir da época viam como altamente injurioso e difícil de acatar, e, sem querer obedecer-lhe, mas não sabendo como proceder, optou simplesmente pela vis inertiae(2), deixando-se ficar absolutamente quieto, sem qualquer movimento de obediência, com os olhos cinzentos muito esbugalhados e mirando, espantados, o Príncipe, com uma expressão quase cômica. Não foi, contudo, dessa forma que o precipitado João os viu... — De duas, uma — exclamou -, ou o porcariaço do Saxão está a dormir, ou não me quer ligar! Espeta-lhe a lança, De Bracy! — mandou a um cavaleiro próximo de si, comandante dum bando de Companheiros Livres, ou sejam, mercenários não pertencendo a nenhuma nação e que serviam temporariamente qualquer príncipe que lhes pagasse.

Fez— se um murmúrio, partindo, inclusivamente, dos do seu séquito. De Bracy, cuja profissão o tornava livre de quaisquer escrúpulos, estendeu a sua longa lança ao correr da galeria e teria executado a ordem recebida antes de Athelstane, o Atado, ter tempo de decidir que lhe deveria fugir com o corpo, se Cedric, tão rápido como lento era o seu consanguíneo, com a velocidade do raio, não desembainhasse a curta espada que trazia e, num golpe somente, não cortasse cerce a haste da lança, fazendo o ferro cair. O sangue subiu ao rosto do príncipe João, que, praguejando horripelantemente, se preparou para responder com furor, só não o concretizando porque os seus acompanhantes o cercaram, recomendando-lhe calma, e porque a multidão correspondera ovacionando bem alto o gesto de Cedric. Rolando os olhos à procura de algo sobre o qual descarregar a sua ira, acabou por pousá-los no rosto firme do arqueiro que mencionamos, que prosseguiu aplaudindo, mesmo quando o Príncipe, de semblante carregado, lhe perguntou porque se manifestava assim.

— Sempre aplaudo — respondeu o arqueiro — quando assisto a uma boa frechada ou a uma espadeirada das grandes.

— Ah, sim? — prosseguiu o Príncipe. — Mas não és capaz de acertar na mosca dum alvo. Aposto.

— Num alvo de monteiros, à distância que os monteiros o põem, sou.

— E no alvo de Wat Tyrrel, a cem metros? — disse uma voz, lá para trás, onde se não podia ver quem falara. Esta alusão à sorte de William Rufus, seu parente, irritou e alarmou o príncipe João. Limitou-se, todavia, a mandar que os seus homens de armas, rodeando as liças, mantivessem o fanfarrão debaixo de vista e, apontando para o arqueiro, bradou: — Por São Grizzel! Havemos de experimentar a habilidade de quem tão facilmente levanta voz pelos feitos de outrem.

— À prova não fugirei — respondeu com a serenidade que, desde o começo, o arqueiro ostentara.

— Entretanto, levantai-vos, ó saxões malandros — disse o arrebatado príncipe -, pois, pela Luz Celestial, se o prometi, o Judeu terá de ter um lugar entre vós!

— De modo algum. Saiba Vossa Graça que não me compete sentar a par de fundiários — interpôs-se o Judeu, cujo anseio por precedências, que o levava a disputar um lugar com um debilitado e empobrecido descendente da linhagem dos Montdidier, não bastava para lhe dar forças para afrontar privilégios de saxões abastados.

— Levanta-te, cão infiel, como to mando — vociferou o príncipe João -, ou esfolo-te essa pele escura para mandar fazer arreios com ela! Assim espicaçado, o Judeu começou a subir os íngremes e apertados degraus que conduziam à galeria.

— Ainda quero ver — avisou o Príncipe — quem se atreverá a detê-lo — isto com os olhos postos em Cedric, que se mostrava, pela posição que tomara, pronto a atirar com o Judeu por ali abaixo. A catástrofe evitou-a Wamba, que, saltando entre o amo e Isaac, em resposta ao desafio do Príncipe, exclamou: — Atrevo-me eu! — E colocou junto das barbas do Judeu um naco de carne de javali, que retirara da capa, onde a guardara para o caso de o torneio durar mais tempo do que aquele que o seu apetite pudesse aguentar. Perante aquela coisa tão abominada pelos da sua tribo, o Judeu recuou, pôs um pé em falso e caiu dois ou três degraus, para grande gáudio dos espectadores, que soltaram enormes risadas, às quais o príncipe João e os seus se associaram.

— Dê-me o prêmio, meu primo Príncipe — pediu Wamba. Venci o meu inimigo em combate leal, com espada e escudo acrescentou, mostrando a carne e a espada de pau.

— Quem é e o que faz, nobre campeão? — perguntou o Príncipe, sempre a rir-se.

— Um louco pela genealogia — esclareceu o bobo. — Sou Wamba, filho de Witless, que era filho de Weatherbrain (3), que era filho dum vereador.

— Abram espaço para o Judeu na frente do anel inferior — mandou o Príncipe, quiçá satisfeito por ter arranjado uma desculpa para pôr de parte o seu propósito inicial. — Colocar o vencido ao lado do vencedor seria heraldicamente incorreto. — Patife em fundo louco pior seria ainda — comentou o bobo e muito pior se fosse judeu em campo de toucinho!

— Mil graças, bom rapaz — exclamou o Príncipe. — Agradas-me. Ei, Isaac, empresta-me uma mancheia de bizâncios. Quando o Judeu, confundido pelo pedido, temendo não o atender e, ao mesmo tempo, desejando não o satisfazer, principiou a remexer na sacola de pele à cinta, tentando imaginar quantas moedas seria uma mancheia, o Príncipe baixou-se na sela e, arrumando-lhe as dúvidas, arrancou-lhe. Atirando a Wamba um par de peças de ouro, prosseguiu ao longo das liças, pondo todos à sua volta a rir e recebendo uma ovação da população como se tivesse acabado de praticar uma obra de vulto.

1. Supõe-se terem sido estas mascaradas que levaram à inclusão de tenentes na ciência da heráldica.

2. Força da inércia. (N. do T.) 3. Witless e Weatherbrain podem traduzir-se por Sem Juízo e Miolo de Vento, respectivamente. (N. do T.)

Capítulo VIII

Em voz alta o desafiante seu grito soltou, Que, ao toque de trombetas, o rival aceitou O clamor enche o campo e no recôncavo céu ecoou. Viseiras, descidas e as lanças apoiadas, Ou ao elmo, ou ao topete, apontadas, Desaparecem da barreira, apressando passo, À força de esporas entre si diminuem espaço.

Palamon e Arcite

A meio da parada, o príncipe João estacou e, virado para o prior de Jorvaulx, lembrou-lhe terem-se esquecido do pormenor mais importante da festa.

— Virgem Santa! — disse. — Esquecemo-nos de nomear a Soberana do Amor e da Beleza, cuja alva mão entregará a palma da vitória. Pessoalmente, e liberal como sou, nada me importava que fosse Rebeca, a dos olhos negros.

— Mãe do Céu! — horrorizou-se o Prior com os olhos em alvo. Uma judia! Seríamos corridos à pedrada destas liças, e a verdade é que ainda sou novo de mais para me tornar mártir. Além de tudo, juro que ela não é tão bela como Rowena, a beldade saxônica.

— Saxão ou judeu — perguntou o Príncipe -, canino ou suíno, que diferença fazem? Por mim escolhia a Rebeca, quanto mais não fosse, para arrelhar esses patifes desses saxões. Elevou-se um sussurro de protesto entr e os seguidores mais próximos.

— Seria uma brincadeira de mau gosto, Senhor — observou De Bracy. — Nenhum cavaleiro tornaria a dar descanso à sua lança se tal insulto se concretizasse.

— Seria uma ofensa sem limites — lembrou Waldemar Fitzurse um dos mais idosos e importantes dos companheiros do Príncipe.

— Se Vossa Graça a levar avante, poderá vir a ver os seus projetos arruinados.

— Convidei-o, senhor — objectou João altivamente, erguendo as rédeas do palafrém -, para meu acompanhante e não como meu conselheiro.

— Todos os que acompanham Vossa Graça no caminho que trilha — lembrou Waldemar, mas em voz baixa — adquirem o direito de se tornar seus conselheiros, já que os seus interesses e segurança não estão mais empenhados do que os deles. De forma como isto foi dito concluiu João ter de aquiescer.

— Brincava apenas — esclareceu -, e, mesmo assim, viraste— vos contra mim como víboras. Escolhei, a vosso gosto, quem quiserdes entre as assistentes.

— Não!. Não! — propôs De Bracy. — Deixemos o trono da bela soberana vago até que se saiba quem é o vencedor. Este indicará qual a dama que o ocupará. Tal acrescentará gentileza ao seu triunfo e ensinará às belas melhor apreciarem o cavaleiro que, desse modo, as venha a exaltar.

— Se Brian de Bois-Guilbert vencer — comentou o Prior -, aposto o meu rosário em como sei quem é que ele escolherá.

— Bois-Guilbert é uma excelente lança — lembrou De Bracy -, mas, Sr. Prior, nestas liças estão outros que não temem cruzar armas com ele.

— Silêncio, senhores! — bradou Waldemar. — Deixemos o Príncipe sentar-se. Tanto os cavaleiros como o público já estão impacientes. O tempo corre e já é altura de se iniciarem os jogos. O príncipe João, embora não fosse rei ainda, já tinha em Waldemar Fitzurse um ministro com todas as inconveniências de quem deseja servir o seu soberano de acordo com a própria maneira de ver as coisas...

O Príncipe, concordando, conquanto a sua disposição, no momento, fosse mais de implicar com pequenos nada, sentou-se no trono, rodeado da sua gente, e fez sinal aos arautos para que anunciassem as regras do torneio, que seriam as seguintes:

· Primeiro: os cavaleiros desafiantes teriam de aceitar todos que com eles pretendessem combater.

· Segundo: qualquer cavaleiro que quisesse combater poderia, se assim o desejasse, escolher um antagonista entre os cinco desafiantes, para o que bastaria tocar-lhe no escudo com a lança. Se o fizesse com o conto, a prova seria executada com aquilo que se denominavam armas de cortesia, ou seja, com lanças que tinham na ponta uma superfície circular e plana, para que não houvesse perigos, além dos resultantes do choque de cavalos e cavaleiros. Porém, se o escudo fosse batido com a ponta, ficava entendido que o combate seria à outrance(1), portanto com armas afiadas, como em verdadeiras batalhas.

· Terceiro: quando os cavaleiros presentes tivessem cumprido a sua promessa, quebrando cada um cinco lanças, o Príncipe anunciaria o nome do vencedor do primeiro dia de torneio, que, como prêmio, receberia um cavalo de batalha, de extraordinária beleza e força imensa. Além deste prêmio pela sua bravura, estipulava-se agora, teria também a honra de ser ele quem nomearia a Rainha do Amor e da Beleza, rainha que entregaria o galardão no dia

seguinte.

· Quarto: no segundo dia haveria um torneio generalizado, em que todos os cavaleiros presentes, desejosos de méritos, poderiam tomar parte. Seriam divididos em dois grupos, de número igual de componentes, que lutariam até o Príncipe fazer sinal para pararem. A já eleita Rainha do Amor e da Beleza coroaria o cavaleiro que o Príncipe entendesse ter sido o mais merecedor da jornada com uma coroa de fina folha de ouro, recortada na forma de louros.

Neste segundo dia, os jogos ficariam por ali. Mas no terceiro dia realizar-se-iam competições diversas, como tiro ao arco, lutas de cães contra touros e outros divertimentos populares. Desta maneira procurava o Príncipe fortalecer a sua popularidade, que, no entanto, constantemente fazia diminuir devido a ilógicos atos de brutalidade que praticava, ferindo os sentimentos e preconceitos do povo. As liças constituíam um espetáculo ainda mais esplêndido.

As galerias em declive mostravam-se pejadas de toda a gente nobre e importante, abastada e bela do Norte da Inglaterra. As roupas de todas estas pessoas de posição, contrastando entre si, davam ao local um aspecto de poder festivo que o espaço inferior, cheio de sólidos burgueses e homens livres, mais sobriamente vestidos, envolvia como uma franja ou orla envolve um colorido bordado, suavizando-o e, ao mesmo tempo, relevando-lhe o esplendor.

Os arautos terminaram a proclamação com o habitual brado de "Largesse! Largesse!(2), bravos cavaleiros!", a que uma chuva de peças de ouro e prata respondia sobre eles caindo, num dos pontos altos da cavalaria, que, tomando esta atitude, mostrava a sua liberalidade para com aqueles homens, que considerava como os anotadores e historiadores de tudo que era honroso e nobre. Aquela bonança vinda dos espectadores era acusada com os usuais brados de "Amor às damas"; "Campeões perante a morte"; "Honra aos generosos", "Glória aos bravos! ", aos quais os assistentes mais humildes juntavam as suas aclamações e um numeroso grupo de corneteiros o som dos seus instrumentos.

Quando todo este alarde cessou, os arautos retiraram-se das liças, em faustosa procissão, ninguém lá ficando, a não ser os mestres-de-cerimônia, armados dos pés à cabeça, imóveis nos seus cavalos, nos extremos opostos do campo. Neste ínterim, a porção cercada no norte das liças, grande como era, abarrotava de cavaleiros desejosos por demonstrarem o seu valor, os quais, vistos das galerias, formavam um mar de plumas, elmos brilhantes e longas lanças, muitas com pequenos galhardetes, dum palmo de comprimento, que, tocados pela brisa, adejavam também.

Finalmente abriram-se as barreiras, e cinco cavaleiros, escolhidos por sorteio, entraram vagarosamente na área. Um campeão marchava isolado na frente, os outros quatro seguindo-o em pares. Todos esplendidamente armados, registando a minha fonte de informação saxônica (no Manuscrito de Wardour), com grande pormenor, os seus emblemas a cores bordados nos panos das suas montadas. Não valerá a pena transcrevê-los.

Recorrendo a um poeta contemporâneo que, lamentavelmente, muito pouco escreveu: Pé são os cavaleiros andantes, Ferrugem as belas espadas montantes. Oxalá aos santos se tenham junto as suas almas errantes (3). Lembremo-nos somente de que de há muito os seus brasões já não emolduram as paredes dos castelos, castelos que já não são mais do que outeiros verdejantes ou derruídas ruínas – os sítios que os conheciam já não os conhecem mais -, tal como muitas outras gerações depois deles morreram ou foram olvidadas pela terra que ocuparam com toda a autoridade de senhores e proprietários feudais. Deste modo, de que serviria ao leitor ficar a saber os seus nomes, conhecer os efêmeros símbolos da sua patente marcial?

Naquela ocasião, todavia, e sem poderem prever o esquecimento que iria cobrir-lhes os nomes e os feitos, os campeões percorriam as liças, contendo as suas fogosas montadas, obrigando-as a seguir lentamente, em passada que avultava a sua graça e maestria na arte de equitação. Ao entrar o cortejo no terreno, o som duma música bárbara e selvagem saiu de detrás das tendas dos desafiantes, onde se ocultavam músicos.

Eram tais acordes de origem levantina, tendo sido trazidos da Terra Santa, parecendo, naquele conjunto de címbalos e campânulas, dar simultaneamente as boas-vindas e desafiar os cavaleiros que se achegavam. com os olhos da turba neles postos, alcançaram a plataforma, onde se erguiam as tendas dos desafiantes, e, separando-se, então, cada um deles tocou ao de leve, com o reverso da lança, no escudo do opositor que escolhera As camadas mais baixas dos assistentes, e igualmente muitos de classe mais elevada e inúmeras damas, mostraram-se desapontados ao verem que a escolha era de armas de cortesia.

Pelos mesmos motivos que muita gente, hoje em dia, se excita com as maiores tragédias, também dantes, nos torneios, o interesse era proporcional aos riscos a que os guerreiros se submetiam. Tendo evidenciado os seus relativamente pacíficos propósitos, retiraram-se os campeões para os extremos das liças, onde se colocaram em linha. Os desafiantes saíram das

tendas, montaram e, conduzidos por Brian de Bois-Guilbert, desceram da elevação, tomando posições, cada um frente àquele que lhe tocara o escudo.

Ao soar de clarins e cornetas, partiram a todo o galope, uns contra os outros, sendo de tal forma superior a destreza ou sorte dos desafiantes que os opositores de Bois-Guilbert, Malvoisin e Front-de-Boeuf logo rolaram pelo chão. O antagonista de Grantmesnil, em vez de, lealmente, dirigir a sua lança para o escudo ou para o elmo, afastou-se tanto da linha direta que bateu de través no corpo do oponente, fato muito mais reprovável do que tombar do cavalo, uma vez que isto poderia suceder por acidente, enquanto aquilo somente poderia ser atribuído a inabilidade no manejo da arma ou do cavalo. Apenas o quinto cavaleiro salvou a honra do grupo, ao entrechocar-se com o cavaleiro de São João, pois ambos partiram as lanças, sem vantagens para qualquer deles.

Os gritos da multidão, aliados às aclamações dos arautos e ao fragor das cornetas, cantaram o triunfo dos vencedores e a derrota dos vencidos. Os primeiros regressaram aos pavilhões e os outros, arranjando-se o melhor que podiam, partiram dali, desalentados e envergonhados, para assentarem com os seus vencedores o resgate das suas armas e montadas, que, segundo o regulamento do torneio, tinham perdido em favor deles. Apenas o quinto entre eles se deixou ficar, recebendo aplausos dos espectadores, para junto dos quais se retirou pouco depois, para maior agravo e mortificação dos companheiros. Um segundo e um terceiro grupo de cavaleiros vieram a campo.

Se bem que os resultados variassem de caso para caso, no cômputo final o sucesso ficou inteiramente nas mãos dos desafiantes, nenhum dos quais fora derrubado ou ferira o adversário de esguelha, fracassos que aconteceram a dois dos seus antagonistas, em cada encontro. O moral dos que os desejavam enfrentar estava pois muito amolecido por tantas vitórias repetidas, pelo que, na quarta justa, somente três cavaleiros se apresentaram, e mesmo esses evitaram as lanças de Bois-Guilbert e Front-de-Boeuf, contentando-se em tocar os escudos dos outros três, que não tinham mostrado tanta força e habilidade. Esta opção também não resultou.

Um deles caiu e os outros dois não conseguiram attaint(4), ou seja, bater ou no escudo ou no elmo do oponente, forte e firmemente, com a lança diretamente apontada para que se quebrassem, caso o campeão não fosse atirado abaixo. A seguir a este quarto encontro fez-se um considerável intervalo, parecendo não haver mais ninguém interessado em combates. Os espectadores resmungavam já, mesmo porque Malvoisin e Front-de-Boeuf eram, devido ao seu temperamento, pouco populares e os outros, não contando Grantmesnil mal vistos porque não locais, mas estrangeiros.

Ninguém, porém, mais profunda e completamente partilhava deste sentimento geral do que Cedric, o Saxão. que, em cada ponto ganho pelos normandos via mais outro triunfo contra a honra da Inglaterra. A sua educação não lhe dera destreza para os jogos da cavalaria, muito embora, com as armas dos seus antepassados saxões, se tivesse mostrado, em muitas ocasiões, um bravo e afoito soldado. Remirava, ansioso, Athelstane, que aprendera aquela forma de combater, como que rogando-lhe fizesse um esforço pessoal para arrancar a vitória que parecia caminhar para o colo do Templário e dos seus companheiros. Mas Athelstane, embora de rija têmpera e de corpo robusto, era demasiado parado para se encarregar dos exercícios que Cedric dele parecia esperar.

— O dia vai mau para a Inglaterra, senhor — lembrou Cedric num tom carregado de implicações. — Não estará tentado a pegar na lança?

— Fica para amanhã — respondeu Athelstane, — na *mélée*(5). Não vale a pena pôr hoje a armadura às costas.

Duas coisas desagradaram a Cedric nestas frases. A palavra normanda *mélée* (significando luta generalizada) e uma certa indiferença pela honra da nação. Porém, como haviam partido da boca de Athelstane, pessoa que lhe merecia a maior consideração, deixou de tentar aprofundar a sua razão de ser. Aliás, nem tempo para isso teria tido, pois Wamba interrompeu-o dizendo "ser preferível, se bem que ligeiramente mais fácil, ser-se o melhor entre unia centena do que o melhor de dois".

Athelstane tomou esta observação como um cumprimento, mas Cedric, que conhecia o bobo muito bem e vira onde ele quisera chegar, lançou-lhe um olhar severo e ameaçador. Wamba teve sorte em ser ali e naquele momento, senão, não obstante o seu lugar e serviços, teria, do aborrecimento do seu amo, recebido marcas bem mais dolorosas. A paragem do torneio estendia-se, apenas quebrada pelos arautos bradando "Quebrem-se lanças por amor às damas! Avançai, bravos cavaleiros, que belos olhos vos contemplarão!"

Também a música dos desafiantes se fazia ouvir, de quando em vez, em selvagem e expressivo tom de vitória ou de desafio, enquanto palhaços, para entreterem o público, iam mostrando as meninices. Cavaleiros e nobres idosos segredavam uns com os outros, lamentando o decair do espírito guerreiro, recordando os triunfos dos tempos em que eram mais novos e

todos concordando já não haver damas de beleza tão sublime e tão radiante animação como as de outrora.

O príncipe João já falava com o pessoal acerca do banquete a realizar-se e sobre o ter de ver qual o prêmio a dar a Bois-Guilbert, que, com a mesma lança, derrubara dois cavaleiros e vencera um terceiro inesperadamente, quando os acordes musicais sarracenos, num floreado agudo e prolongado, terminavam uma das suas intervenções, uma trombeta isolada, soando no extremo norte das liças, respondeu-lhes em tom de repto. Todos se viraram para verem quem era o campeão que assim se anunciava e que, abertas as cancelas, já entrava no terreno. Tanto quanto se podia apreciar num homem de ferro coberto, o novo aventureiro não aparentava um físico muito acima da média, sendo mais para o esbelto do que para o pesado. A sua armadura era de aço, com formosas incrustações de ouro, e o escudo com a figura pintada de um carvalho arrancado pelas raízes, sob o qual se lia a palavra castelhano "Desdichado", isto é, "Desditoso".

Montado num maravilhoso cavalo negro, saudou com elegância o Príncipe e as damas, descendo a lança. A destreza com que fazia seguir a montada e qualquer coisa de juventude que dele irradiava ganharam-lhe a simpatia da multidão, do meio da qual, principalmente de entre os de classe mais baixa, vieram recomendações como "Toque o escudo de Vipont", "Toque o escudo do Hospitalário. É o que menos se aguenta, logo o de escolher!"

O campeão continuou, sem prestar atenção a estas bem intencionadas bocas, subiu à plataforma pela rampa e, perante o espanto de todos, trotou diretamente para o pavilhão central, frente ao qual bateu com a ponta da lança no escudo de Brian de Bois-Guilbert, fazendo-o tinir. Todos se surpreenderam com tamanho arrojo, mas ninguém mais do que o poderoso cavaleiro, deste modo desafiado para combate mortal e que, de modo algum esperando um repto daqueles, se deixara, descontraidamente, estar encostado à entrada da tenda.

— Confessaste-te, irmão? — perguntou o Templário. — Assististe, hoje de manhã, à missa? o perigo a que estás a expor a tua vida é imenso.

— Estou mais preparado para a morte do que tu — respondeu-lhe o cavaleiro Desditoso, pois fora sob esse epíteto que se registara no torneio.

— Toma então o teu lugar na liça — disselhe Bois-Guilbert — e olha para o Sol pela última vez, pois esta noite estarás a dormir no Paraíso.

— Muito obrigado pela tua gentileza — replicou-lhe o cavaleiro Desditoso. — para a retribuir. sugiro-te que montes um cavalo fresco e empunhes uma lança nova, já que, pela minha honra, de ambos precisarás.

Tendo-se assim, com tanta confiança, exprimido, fez recuar o cavalo pela ladeira abaixo e, continuando a obrigá-lo a andar para trás, percorreu o campo até à ponta norte, onde, voltando-se, ficou estático, aguardando que o antagonista ocupasse a sua posição. Tanto saber de equitação sacou uma onda de aplausos. Ainda que enfurecido com o topete do adversário, Brian de Bois-Guilbert não lhe ignorou os avisos. A sua honra estava demasiado em jogo para se permitir não se garantir por todos os meios para uma vitória sobre tão presunçosa criatura.

Substituiu, portanto, o cavalo por outro fresco, de grande força e genica, e escolheu uma nova e resistente lança, não fosse a madeira da que usara estar abalada pelos encontros anteriores. Pôs também de lado o escudo ligeiramente amolgado e pediu outro aos escudeiros. O primeiro tinha pintados dois cavaleiros montados no mesmo cavalo, seu símbolo usual, representativo da humildade e pobreza originais dos Templários, qualidades que haviam perdido em favor da arrogância e do amor às riquezas que acabariam por levar a Ordem à extinção; o escudo em que pegava agora ostentava um corvo, segurando uma caveira nas patas, em pleno voo, tendo por moto Gare le Corbeau(6).

Mal tinham as trombetas terminado de dar o seu sinal e já os campeões se afastavam dos seus postos, galopando como coriscos para quase de imediato se chocarem, no preciso centro da liça, com o fragor do trovão. As lanças partiram— se em pedaços até aos Punhos, tendo por instantes parecido que ambos os guerreiros iriam tombar, uma vez que o recontro obrigara os cavalos a quase caírem para trás, apoiados nas ancas. A extrema habilidade dos cavaleiros não deixou que assim acontecesse e, à força de rédeas e esporas, conseguiram dominá-los. Uma troca de olhares flamejantes e, após meia volta, regressaram às respectivas extremidades para receberem novas armas.

A gritaria, o agitar de lenços, a aclamação geral, confirmavam o interesse da assistência por este combate, o mais equilibrado e executado até àquela altura do dia. Logo que os cavaleiros de novo tomaram posições, fez-se um silêncio tão profundo, tão total, que dava a ideia ter a multidão medo de respirar que fosse. Passados os minutos de descanso, que concedera aos combatentes e aos seus cavalos para que retomassem o fôlego, o príncipe João, com o seu bastão, mandou que as trombetas repetissem o toque de carga.

Mais uma vez os campeões voaram e se embateram com a mesma velocidade, a mesma destreza, a mesma violência, mas não com a mesma fortuna de antes. Neste segundo encontro, o Templário apontou bem para o centro do escudo do adversário e lá bateu com tanta força que a lança se desfez e o cavaleiro Desditoso estremeceu na sela. Contudo, este, que, no começo da corrida, assestara o seu ferro para o escudo de Bois-Guilbert, elevou-o, quase no momento do embate, na direção do elmo, um alvo muito mais difícil, mas que, quando atingido, tornava a pancada quase irresistível.

Apanhou em cheio a viseira do normando, em cujas barras a ponta da lança se prendeu. Mesmo nesta difícil situação, justiça lhe seja feita, o Templário não teria desmentido a sua reputação e ter-se-ia aguentado não fosse a cilha ter rebentado, fazendo que sela, cavalo e cavaleiro rolassem no solo no meio duma nuvem de pó.

Em segundos, o Templário desenvencilhou-se dos estribos e do animal e, enfurecido tanto pela desgraça que lhe sucedera como pela forma como o público aclamava, desembainhou a espada, apontando-a, em desafio, ao seu vencedor. O cavaleiro Desditoso prontamente desmontou e igualmente desnudou a sua espada. Os mestres-de-cerimônia, contudo, colocaram, às esporadas, as suas montadas entre eles, lembrando-lhes que as regras daquele torneio não permitiam tal tipo de luta.

— Tornaremos a encontrar-nos — rosnou o Templário com um olhar de rancor — onde não houver quem nos aparte!

— Se assim não acontecer — respondeu o cavaleiro Desditoso — não será por culpa minha. A pé, a cavalo, com lança, com acha de armas, à espada, seja como for, sempre te vencerei.

Mais e mais irritadas trocas de palavras se seguiriam se os mestres-de-cerimônia, cruzando as suas bafordas entre eles, os não forçassem a separar-se. O cavaleiro Desditoso voltou para o lugar e Bois-Guilbert para a tenda, donde não saiu durante o resto da tarde, doido de desespero. Sem sair do cavalo, o triunfador pediu uma taça de vinho e, brindo a viseira, anunciou que a bebia "à saúde de todos os autênticos corações ingleses e contra toda a tirania estrangeira". Pediu, a seguir, ao cornetim que entoasse a sua aceitação aos restantes desafiantes, a quem mandou um arauto informar não tencionar fazer qualquer escolha, estando pronto a enfrentá-los na ordem que preferissem.

O gigantesco Front-de-Boeuf, coberto por uma armadura negra, foi o primeiro em campo. No escudo branco via-se, ainda, a pintura da cabeça dum touro negro, debaixo da qual se podia ler o arrogante mote Cave, adsum, já muito apagado pelas lutas anteriores. Sobre este campeão obteve o cavaleiro Desditoso uma ligeira mas decisiva vantagem. Ambos partiram as lanças, como Front-de-Boeuf perdeu um estribo no recontro, a vitória foi concedida ao seu oponente.

No terceiro encontro o desconhecido venceu também Sir Philip de Malvoisin, batendo-lhe com tamanha força no casco que só o romper dos tirantes, que o deixaram ir pelos ares, evitou ao bom barão o cair, mas não o impedindo de ser declarado derrotado. No quarto combate, este com Grantmesnil, o Desditoso mostrou tanto cavalheirismo como, até então, coragem e destreza exibira, o cavalo de Grantmesnil, novo e violento, empinou-se, entrando na carreira de modo a tornar impossível qualquer precisão com a lança. O desconhecido, percebendo-o, desprezou a oportunidade que lhe era oferecida, ergueu a sua lança, passou pelo opositor sem lhe tocar e, regressando ao seu lugar, por um arauto propôs nova corrida. De Grantmesnil declinou a oferta, dando-se por vencido ante tanta cortesia e perícia.

Ralph de Vipont fechou a série de sucessos do incógnito ao ser atirado a terra com tal violência que, deitando sangue pelo nariz e pela boca, teve de ser levado, sem sentidos, para fora das liças. As aclamações dos milhares ali presentes saudaram a decisão do Príncipe e dos mestres-de-cerimônia, dando as honras do dia ao cavaleiro Desditoso.

1. Em francês no original. Sem dó nem piedade, a doer. (N.do T.) 2. Em francês no original. Liberalidade. (N. do T.) 3. Estas linhas pertencem a um poema inédito de Coleridge, cuja musa tão frequentemente nos tantaliza por meio de fragmentos do seu poder, enquanto a maneira como o dardeja tanto capricho revela em resultados que mesmo inacabados, nos mostram muito mais talento do que aquele que existe em obras-primas de outros.

4. Este termo de cavalaria, entrando mais tarde na terminologia leiga inglesa, passou a querer significar "atingido à traição".

5. Em francês no original. Refrega. (N. do T.) 6. Em francês no original. Cautela com o Corvo. N. do T.)

Capítulo IX

[...] entre os quais se via
Uma dama de porte tão cheia de fidalguia Que, pelas proporções e beleza uma rainha parecia. Tão como em beldade
a todas ultrapassava. Mais nobre era também na roupa que trajava; Uma coroa de ouro circundando-lhe a testa. Um
vestido simples, sem pompa, rico, mas não de festa. Um ramalhete de agnocasto segurava na mão. Singelo
representante do símbolo da sua Posição.

A flor e a folha

William de Wyvil e Stephen de Martival, os mestres-de-cerimônias, foram os primeiros a cumprimentar o vencedor, pedindo-lhe que retirasse o elmo, ou, pelo menos, levantasse a viseira, quando os acompanhasse para receber das mãos do príncipe João o prêmio daquele primeiro dia de torneio. o cavaleiro Desditoso, com toda a delicadeza, desculpou-se a atender-lhes o rogo, alegando não poder por enquanto expor o seu rosto em virtude de razões já expostas aos arautos aquando da entrada nas liças. Esta resposta satisfê-los plenamente, até porque, entre os muitos e caprichosos votos a que os cavaleiros de então se obrigavam, nenhum era mais vulgar do que o de se conservarem incógnitos durante algum tempo ou até que alguma coisa determinada acontecesse.

Não indagaram, portanto, mais sobre o mistério em que o Desditoso se rodeava e, transmitindo ao príncipe João o desejo do vitorioso de se não identificar, rogaram-lhe permissão para o levarem à sua graciosa presença para que o galardoasse pelo seu valor.

A curiosidade de João aguçou-se com o segredo do desconhecido e, já agastado com os resultados das justas, em que os desafiantes que apoiara tinham, consecutivamente, sido derrotados, respondeu com desdém aos mestres: — Pela luz da fronte de Nossa Senhora! Esse cavaleiro deve ser um desditoso, deserddado quer de haveres, quer de maneiras, para pretender vir até nós com a cara embuçada... Sabereis — disse, encarando os que o cercavam — quem será esta audaz criatura que tão altivamente se comporta?

— Não sei adivinhar — respondeu-lhe De Bracy -, nem nunca julgara que pudesse existir alguém, dentro dos quatro mares cercando a Grã-Bretanha, capaz de vencer cinco cavaleiros seguidos num mesmo torneio. Pela fé de Deus, jamais esquecerei a potência com que bateu no De Vipont. O pobre do Hospitalário saltou da sela como um seixo duma fiska!

— Não o enalteça por isso somente — interveio um cavaleiro de São João, do grupo -, pois o seu campeão Templário não teve melhor sorte. Vi o bravo Bois-Guilbert dar três reviravoltas no chão, comendo terra em todas elas. De Bracy, muito parcial no tocante aos Templários, ia retorquir-lhe, mas o Príncipe calou-o: — Silêncio, senhores! — ordenou. — Que estéril discussão é essa! ?

— O vencedor — lembrou De Wyvil — aguarda os desejos de Vossa Graça.

— O nosso desejo — respondeu João — é que continue a aguardar até que surja alguém que, pelo menos, adivinhe o seu nome e posição Mesmo que para aí fique até ao cair da noite, não lhe fará mal, pois já se mexeu o suficiente para não ter frio.

— Vossa Graça — recordou Waldemar Fitzurse -, terá, de qualquer maneira, de agradecer o vencedor, mesmo que o faça esperar até que lhe digamos aquilo que desconhecemos. Eu, de certeza, não sei como descobrir o que pretende... a não ser que se trate dum dos corajosos guerreiros que acompanharam o rei Ricardo à Palestina, de lá ora recém-chegado.

— Pode ser o conde de Salisbúria — sugeriu De Bracy.

— Tem mais ou menos a mesma estatura.

— Mais Sir Thomas de Multon, o cavaleiro de Gilsland – opinou Fitzurse. — O Salisbúria é mais largo de ossos.

Entre aquela assembleia perpassou um rumor, começado não se sabe por quem, de que "podia mesmo ser o rei Ricardo Coração de Leão em pessoa".

— Deus nos livre! — exclamou o príncipe João, pálido como a cera e tremendo como se tivesse apanhado um choque. - Waldemar! De Bracy! Nobres cavaleiros e cavalheiros, recordo-vos as vossas promessas de a nosso lado se manterem!

— Não há perigo algum — acalmou-o Waldemar Fitzurse. — Já haveis esquecido os braços e pernas imensos do filho de vosso pai para que imagineis pudessem caber naquela armadura? De Wyvil e Martival, a melhor forma que tendes para servir o vosso príncipe será trazerdes o triunfador até ao trono, apagando desse modo as dúvidas que a tanta gente a cor apagaram... Veja-se melhor — prosseguiu. — Vossa Majestade notará que este é uma mão travessa mais baixo do que o rei Ricardo e que tem metade da largura de ombros também. Até o cavalo que monta arriaria numa única corrida com o peso do rei Ricardo.

Enquanto esta conversa decorria, os mestres-de-cerimônias haviam levado o cavaleiro Desditoso até junto dos degraus

que ligavam o campo de lides ao trono. Ainda atordoado com a suposição de o irmão, que tanto lesara e a quem tanto devia, ter voltado para o seu reino, e não totalmente convencido das diferenças que Fitzurse apontara, o Príncipe, num curto e mal-amanhado elogio à coragem do cavaleiro, ordenou que lhe fosse dado, como prêmio, o anunciado corcel de batalha. Tremia só de pensar que por detrás dos ferros daquela viseira pudessem sair agradecimentos no tom profundo e medonho da voz de Ricardo Coração de Leão.

O cavaleiro Desditoso, porém, nada disse, limitando-se a uma profunda vénia em reconhecimento dos louvores do Príncipe. O corcel, conduzido por dois serventes muito aperaltados, estava ricamente aparelhado, o que, claro está, nada significaria para quem, realmente, soubesse apreciar animais estupendos como aquele. Pousando uma mão no arção, o cavaleiro Desditoso subiu para o cavalo sem se utilizar do estribo e, alçando a lança, deu duas voltas às liças mostrando a graça e a beleza do andar do bicho, como somente quem muito sabia da arte o poderia fazer.

A manifestação de vaidade que alguns poderiam ver neste desplante desfazer-se-ia se se lembrassem de que não se tratava mais do que um premiado mostrando melhor a todos o galardão recebido, pelo que o cavaleiro foi novamente muito ovacionado. Nessa ocasião, o irrequieto prior de Jorvaulx lembrou ao ouvido do Príncipe que ao cavaleiro vitorioso competia agora demonstrar que, além do valor já assegurado, tinha também gosto para, entre as muitas caras bonitas sentadas na galeria, escolher a dama a ocupar o trono da Rainha do Amor e da Beleza, que, no dia seguinte, entregaria o prêmio do torneio.

De conformidade com essa lembrança, quando o cavaleiro terminava a segunda volta e passava em frente dele, o Príncipe acenou-lhe com o bastão. O Desditoso virou-se para o trono, baixou a lança até a um palmo do solo e, estacado, aguardou. Todos pasmaram perante a facilidade com que tão subitamente fizera o fogoso corcel passar dum estado emocional de excitação imensa para a imobilidade duma estátua equestre.

— Sr. Cavaleiro Desditoso — proferiu o Príncipe -, uma vez ser esse o único título pelo qual vos podemos designar. É agora vosso dever e privilégio nomear a bela dama que, como Rainha do Amor e da Beleza, presidirá à festa de amanhã. Se, caso sejais estrangeiro, necessitardes da opinião de outrem para melhor vos guiar, podemos desde já dizer-vos que Alicia, filha do bravo cavaleiro Waldemar Fitzurse, é vista na nossa corte como de formosura sem Par. É contudo vossa prerrogativa entregar a coroa à senhora que pela vossa escolha, será, amanhã e formalmente a Rainha. Alçai a vossa lança.

Obedecendo-lhe o cavaleiro, o príncipe João colocou-lhe na ponta um coronel de cetim verde, rodeado por um aro de ouro do qual saíam pontas de seta e corações, alternadamente dispostos como as folhas de morangueiro e os círculos se dispõem numa coroa ducal. A evidentíssima sugestão de João acerca da filha de Waldemar tinha por fundamento mais do que um motivo, todos engendrados pela sua mente, composta duma complicada amálgama de caução e presunção, jogo baixo e manhosice.

Queria tirar da cabeça dos cavaleiros a ele ligados a brincadeira indecente e inaceitável a propósito de Rebeca, a judia, e, ao mesmo tempo, voltar às graças do pai de Alicia, a quem temia e que, por várias vezes, se mostrara aborrecido nesse dia. Pretendia, ademais, obter a aprovação da dama, pois era de temperamento tão licencioso nos seus prazeres como torpe nas suas ambições. Acima de todas estas razões, desejava atizar contra o Desditoso (por quem já nutria forte antipatia) um inimigo poderoso como o podia ser Waldemar Fitzurse, que, julgava, se ofenderia gravemente se, como era muito possível, o vencedor seleccionasse outra que não a sua filha.

Assim foi. O cavaleiro Desditoso passou ao correr da galeria onde estava Alicia, de esplendorosa beleza, e, seguindo tão devagar como anteriormente se apressara, aparentou levar muito a sério o cargo que ganhara, examinando um por um os inúmeros rostos formosos que para si se viravam. Valia a pena apreciar as reações das beldades que iam sendo analisadas. Umavam coravam, outras tomavam poses de orgulhosa indiferença, outras ainda olhavam em frente, fazendo de conta não perceberem u que se passava, algumas inclinaram-se para trás, assustadas, umas poucas sorriram e duas ou três riram-se abertamente. Umavam Poucas cobriram a cara com os véus, mas, como se lê no Manuscrito de Wardour, estas eram lindezas que, conhecidas há já dez anos, só pretendiam dar a entender que, saturadas de galanteios e homenagens, cediam voluntariamente o seu lugar a outras raparigas surgidas entretanto.

Finalmente, o campeão parou sob o balcão onde Lady Rowena se encontrava. A excitação dos espectadores atingiu o auge. Ter-se-á de reconhecer que, se na atitude do cavaleiro algum interesse devesse haver, o certo era ser aquela a sua zona preferida nas liças. Cedric, o saxão, regozijado com a humilhação do Templário e ainda mais com a falta de perícia dos seus malévolos vizinhos Front-de-Boeuf e Malvoisin, debruçava-se do varandim para melhor ver o vencedor, não só com Os olhos, mas também com o coração.

Lady Rowena acompanhara com igual atenção as aventuras do dia, muito embora com bastante mais discrição. Até o impassível Athelstane deixara transparecer alguns sinais de saimento da sua apatia, pedindo um copo de moscatel para emborcar à saúde do cavaleiro Desditoso o grupo de saxões logo em baixo deste balcão não se mostrava menos entusiasmado.

— Pai Abraão! — exclamou Isaac de Iorque quando da primeira justa, entre o Templário e o cavaleiro Desditoso. — Que fera a montar é aquele gentio! Ai como ele lida com aquele belo cavalo, com tanto trabalho trazido da Barberia, como se fosse um onagro... E a armadura que tantos cequins custou a Joseph Pereira, o armeiro de Milão, para além dos seus setenta por cento de margem. Trata-a como se a tivesse achado no meio da estrada!

— Se arriscou o próprio corpo e membros. — pai — atalhou Rebeca -, nesta luta terrível, não faria sentido o poupar armadura e cavalo.

— Pequena — respondeu-lhe Isaac um nada exaltado -, não sabes o que dizes. o pescoço, os membros, o corpo, são dele, mas o cavalo e a armadura pertencem... Jacó! Que eu ia dizer!... Seja como for, trata-se dum jovem, bondoso... Olha, Rebeca! Vê como combate agora com o Filisteu. Ora, menina, ora pela segurança daquele caridoso rapaz... e pela veloz montada e magnífica armadura. Deus dos meus antepassados! — exclamou uma vez mais -, venceu o incircunciso que tombou ante a força da sua lança.

Tal como Og, rei de Bashan, e Sihon, rei dos Amoritas, tombaram sob as espadas dos nossos avós. Certamente irá ficar-lhes com o ouro, a prata, os cavalos de guerra e as armaduras de bronze e aço. Reza, reza para que obtenha espólio e tomadias o ilustre judeu prosseguiu evidenciando a mesma ansiedade em todos os demais encontros, não resistindo a calcular os valores dos cavalos e armaduras que o campeão ia conseguindo em cada vitória. Havia pois interesse também da parte de alguns daqueles perante os quais estacara.

Por indecisão ou qualquer outro motivo que o obrigava a hesitar, o cavaleiro deixou-se estar, sem se mexer, por mais de um minuto, com os olhos da silenciosa assistência nele pregados, aguardando-lhe um movimento, mínimo que fosse. De súbito, mas lenta e gentilmente, descendo a lança, depôs a coroa aos pés da linda Rowena. As trombetas soaram quase de imediato e arautos confirmaram Lady Rowena como a Rainha da Beleza e do Amor para o dia seguinte, ameaçando com apropriadas penalidades todos que não lhe acatassem a autoridade. Soltaram novamente o grito de "Largesse!", a que Cedric, louco de alegria, correspondeu com UM vultoso donativo, que Athelstane, não tão depressa, claro é, igualou.

As donzelas de ascendência normanda murmuraram entre si, dado não estarem habituadas a verem-se preteridas por uma saxônica, tal como os nobres normandos não estavam acostumados a ser derrotados num jogo pelos da sua raça trazido para o país. Estas manifestações de desagrado foram, todavia, abafadas pelo povo brindando bem alto "Viva Lady Rowena, ora escolhida como Rainha do Amor e da Beleza!", ao qual outros juntaram um "Viva a princesa saxônica! Viva a raça do imortal Alfredo!"

Por muito mal que estas vozes soassem aos ouvidos do príncipe João e do seu séquito, aquele sentiu-se obrigado a confirmar a nomeação feita pelo vencedor, pelo que, pedindo um cavalo, abandonou o trono. Montado, seguido pelos seus, voltou às liças. Parou brevemente sob a galeria de Lady Alicia e cumprimentou-a, observando para quem quisesse ouvi-lo "que, pela Mãe de Deus, senhores, os feitos do cavaleiro haviam demonstrado que tinha bons braços e boas pernas, mas que a sua escolha, porém, mostrava não ser sua vista das melhores".

Nesta ocasião, como em tantas outras pela vida fora, João demonstrou nada entender da maneira de ser das pessoas que pretendia cativar. Waldemar Fitzurse ficou mais ofendido do que agradecido pelo fato de o Príncipe, à vista de todos, recordar que a filha fora rebaixada.

— Não conheço direito da cavalaria — disse -, mais precioso e inalienável do que aquele permitindo a um cavaleiro escolher de livre vontade a senhora dos seus amores, cujo carácter condiga com o seu, que seja do seu nível e que jamais recuse aceitar o que de seu privilégio for. O príncipe João não fez qualquer comentário. Incitou o cavalo, dando largas à sua indignação, e conduziu-o até junto da galeria onde Rowena continuava, ainda com a coroa aos pés.

— Assuma, senhora minha — convidou-a -, a marca da sua soberania, que ninguém homenageará mais do que nós, João de Anjou. Se lhe aprouver, poderá, juntamente com o seu nobre protetor e amigos, honrar o nosso banquete no Castelo de Ashby, ajudando-nos a melhor conhecer a imperatriz a quem, amanhã, devotadamente, iremos servir. Rowena conservou-se silenciosa, tendo Cedric, no seu saxão natal, respondido por ela: — Lady Rowena não domina o idioma em que devia acusar a honraria que acaba de lhe ser concedida e a empregar na festa que ides dar. Também eu e o nobre Athelstane de Conningsburgh apenas conhecemos a fala e maneira dos nossos melhores com todos os agradecimentos, somos assim forçados a eximir-nos do cortês convite que haveis querido fazer-nos. No dia de amanhã ela corresponderá ao lugar que lhe foi concedido por livre escolha do cavaleiro vitorioso e confirmado por aclamação popular. Isto dito, tomou a coroa e colocou-a na cabeça de Rowena como testemunho da sua aceitação da temporária autoridade com que fora investida.

— Que diz ele? — perguntou o Príncipe, fingindo não perceber a linguagem saxônica, na qual, aliás, era fluente. O significado do discurso de Cedric foi-lhe traduzido para francês.

— Muito bem — declarou. — Amanhã conduziremos esta muda soberana até ao seu alto assento... Sr. Cavaleiro — continuou, encarando o vencedor, que ficara perto da galeria —, ao menos vós, participareis do nosso banquete? O cavaleiro, falando pela primeira vez, em voz baixa e apressada, escusou-se, invocando fadiga e a necessidade de se preparar para o encontro do dia seguinte.

— Está bem — proferiu com altivez o Príncipe —, muito embora pouco acostumados a este gênero de recusas, procuraremos banquetear-nos o melhor possível sem a presença daquele que melhor sucesso obteve nas armas e daquela por ele eleita Rainha da Beleza.

Sem mais, aprontou-se para, com o seu vistoso séquito, deixar as liças, constituindo a volta que fez o cavalo dar o sinal para o público principiar a dispensar-se. Todavia, com a memória vindicativa característica do orgulho ferido, em conjunto com total ausência de virtudes pessoais, João ainda não dera três passadas e já se voltava para pousar um olhar raivoso no homem livre que lhe desagradara no começo do dia e ordenar aos homens de armas na vizinhança: — Pela vossa saúde, não deixeis aquele tipo escapar-se! O homem não desviou os olhos dos do Príncipe, mantendo a serenidade que sempre evidenciara, e, com um sorriso, sossegou-o: — Não tenciono partir antes de depois de amanhã. Então irei ver como se atira com o arco em Staffordshire e Leicestershire. As florestas de Needwood e Charnwood devem ter criado bons arqueiros. — Quero ver — disse João para os seus, desviando o olhar e respondendo-lhe indiretamente — como atira. E ai dele se a sua justeza não estiver à altura da sua insolência!

— Chegou o momento — lembrou De Bracy — de a outrecuidance(1) destes labregos ser abaixada por um exemplo a sério. Waldemar Fitzurse, que, naturalmente, entendia não estar o amo a seguir o melhor caminho para a popularidade, encolheu os ombros e cerrou a boca, enquanto o príncipe João seguia já e a saída da multidão se generalizava.

Por vias diversas, de acordo com os diferentes pontos de onde tinham vindo e em grupos de tamanhos variáveis, os espectadores foram-se afastando pela planície. A porção mais numerosa dirigiu-se para Ashby, onde muitos fidalgos se alojavam, ou no castelo ou na própria vila. No último caso estava a maioria dos cavaleiros que tinham participado no torneio ou tencionavam fazê-lo no dia seguinte e que, no momento, seguiam devagar nas suas montadas, recebendo, aqui e ali, as vociferadas saudações da turba. Também o Príncipe recebeu o mesmo gênero de aclamações, quiçá mais devidas ao seu elegante porte do que à sua popularidade.

Uma mais sincera, maior e mais bem merecida aclamação foi sendo dada ao triunfador do dia, até que, ansioso por se retirar da vista das gentes, aceitou recolher-se num dos pavilhões levantados nos extremos das liças, educadamente oferecido por um dos mestres-de-cerimônias. Mal penetrou na tenda, muitos dos que se tinham deixado por ali a conjecturar quem seria ele afastaram-se igualmente. Os sinais e os sons da conglomeração de muitas pessoas, todas motivadas pelo mesmo acontecimento, eram agora substituídos pelo zunzum distante das vozes dos grupos que marchavam em todas as direções, até que, rapidamente, o silêncio tudo cobriu.

Nada se ouvia além duma ou outra palavra dos trabalhadores tirando as almofadas e as tapeçarias para as porem a recato durante a noite e que seguiam escorropichando as garrafas de vinho semiacabadas e os restos de refrescos que os espectadores tinham deixado. Fora dos limites das liças funcionavam várias forjas, iluminando o lusco-fusco que crescia, anunciando a noite, durante a qual armaeiros trabalhariam reparando e ajustando as armaduras a serem envergadas no dia a nascer. Uma forte guarda de homens de armas, rendida de duas em duas horas, patrulhava as liças.

1. Presunção, insolência.

Capítulo X

Como de mau agoiro corvo dobra finados, com o bico oco o passamento de homem doente, E por entre as sombras, da silenciosa noite com as asas negras contágios espalhando, Vexado e em tormento corre Barrabás, Soltando tremendas pragas contra os cristãos.

O judeu de Malta

O cavaleiro Desditoso, logo que penetrou no pavilhão, foi rodeado por numerosos pajens e peões querendo assistir-lhe, retirar-lhe a armadura, trazer-lhe roupas limpas e perguntando-lhe se desejaria refrescar-se com um banho. O zelo com que ofereciam os serviços seria, em parte, talvez, devido a todos pretenderem saber quem seria o guerreiro que tantos louros conseguira e, mesmo assim, negara obedecer ao Príncipe quando este lhe ordenara que levantasse a viseira ou dissesse como se chamava. A sua curiosidade foi em vão.

O Desditoso rejeitou todo e qualquer auxílio à parte o do seu aio, ou, melhor, valete, um homem de aparência rústica, envolto numa capa de veludo escuro, com a cabeça semi escondida por um boné normando, de pele preta, que parecia pretender, ele também manter-se incógnito. Logo que os demais deixaram a tenda, este tratou imediatamente de aliviar o amo das peças mais pesadas da armadura e de lhe oferecer comida e bebida, que, dados os esforços do dia, muito bem aceites foram.

Mal acabara o cavaleiro de, apressadamente, engolir a sua refeição, e já o seu ajudante lhe anunciava que cinco homens, trazendo pela arreata um cavalo cada um, carregado de ferro, desejavam falar com ele. O Desditoso substituíra, entretanto, a armadura por um longo manto próprio das pessoas da sua condição, com um capuz que permitia a quem o envergava, se o desejasse, ocultar o rosto tão bem como a viseira dum elmo.

Contudo, o crepúsculo tinha avançado tanto que, por si só, seria suficiente para tornar o seu emprego desnecessário, a não ser perante pessoas que lhe conhecessem as feições extraordinariamente bem. Assomou pois sem hesitação à saída da tenda, onde encarou osaios dos desafiantes, facilmente reconhecíveis pelas suas roupas vermelhas e negras, segurando os cavalos de batalha, carregados com as armaduras dentro das quais os seus donos se haviam batido nessa tarde.

— De conformidade com as leis da cavalaria — esclareceu o que se encontrava mais adiantado -, eu, Baldwin de Oyley, escudeiro do temível cavaleiro Brian de Bois-Guilbert, aqui trago para o ora denominado cavaleiro Desditoso, como oferta, o corcel e a armadura utilizados pelo mesmo Brian de Bois-Guilbert na Passagem de Armas de hoje, para que Vossa Nobreza decida se com eles deseja ficar ou somente conservá-los aguardando resgate, conforme por melhor achar, pois assim reza a Lei de Armas.

Os colegas repetiram discursos de teor semelhante, após o que todos ficaram aguardando uma decisão.

— Para vós, quatro senhores — respondeu o cavaleiro, dirigindo-se aos quatro que haviam falado em último lugar -, e para os vossos honrados e valentes amos, tenho uma mesma resposta. com os meus cumprimentos, dissei-lhes que consideraria incorreto proceder ou conservar-lhes cavalos e armas, que nunca poderiam vir a ser utilizados por outros como eles tão bravos. Gostaria de terminar aqui a minha mensagem, mas sendo, como sou, um deserdado Desditoso, como me denomino — sou forçado a pedir a vossos amos que tenham a gentileza de resgatar os seus cavalos e armaduras, já que àquela de que me servi e àquele que montei dificilmente lhes poderei chamar meus.

— Cada um de nós está autorizado — informou o aio de Reginald-Front-de-Boeuf — a oferecer-vos um cento de cequins como resgate pelos cavalos e armaduras.

— É bastante — disse o Desditoso. — Metade sou obrigado, pelas minhas necessidades, a aceitá-la. Do restante dividi-lo-ei a meio, conservando uma parte para vós, senhores, e distribuindo a outra pelos arautos, passavantes, menestrais e peões.

Osaios, de barrete na mão e baixando-se em vénias, manifestaram o muito que os sensibilizara tanta cortesia e generosidade, que só raramente, ou apenas em muito limitada escala, costumava ser vista. O Desditoso voltou-se, a seguir, para Baldwin, subordinado de Bois-Guilbert: — Do vosso amo — declarou — não aceitarei nem armas, nem resgate. Dissei-lhe, da minha parte, que a nossa contenda não se encerrou ainda... não, não acabará sem que tenhamos combatido com espadas, como fizemos com lanças... e apeados, como já nos encontramos a cavalo. Foi ele próprio que me desafiou para esta luta de morte. Não posso esquecer tal repto. Que saiba, pois, que me não é dado vê-lo como a qualquer dos seus companheiros, com os quais posso permitir-me o gosto de trocar amabilidades, mas somente como alguém que tenho de enfrentar em combate mortal.

— O meu amo sabe tão bem — respondeu Baldwin — corresponder a desdém com desdém, a golpes com golpes, como a cortesias com cortesias. Uma vez que desdenhais dele aceitar resgate semelhante ao que atribuístes às armas e cavalos dos outros cavaleiros, tenho de aqui deixar ficar a sua montada e a sua armadura, já que ele jamais montará a primeira ou envergará a segunda.

— Falastes bem, aio fiel — cumprimentou-o o Desditoso -, bem e com arrojo, como convém a quem fala em nome dum amo ausente. Não deixeis, porém, o cavalo e a armadura aqui. Devolvei-os a vosso amo. Se os recusar, ficai com eles, bom amigo, para vosso uso. São meus. Eu vo-los ofereço com o maior prazer. Baldwin dobrou-se numa prolongada vênica e, a par dos seus companheiros, retirou-se. O cavaleiro Desditoso tornou ao pavilhão.

— Até agora, Gurth — disse para o seu servidor -, a reputação da cavalaria inglesa nada perdeu às minhas mãos.

— E eu — acrescentou Gurth -, para por queiro saxão, não tenho representado nada mal o papel de ajudante normando.

— Claro. Mas estou constantemente preocupado, não vá a tua rusticidade trair-te, revelando quem és.

— Ná! — soltou Gurth. — Não temo que ninguém me descubra, salvo o meu parceiro Wamba, o bobo, que nunca percebi se é tolo ou esperto. Confesso que quase não contive o riso quando o meu patrão mais velho passou rentinho por mim, quiçá sonhando que o seu Gurth se encontrava a muitas léguas de distância a guardar-lhe os recos, no mato e nos alagadiços. Se for descoberto...

— Basta — cortou o cavaleiro Desditoso. — Sabes o que te prometi.

— De modo algum acontecerá — prometeu-lhe Gurth.

— Nunca deixo os amigos mal, mesmo que a minha pele perigue. Ela é rija, capaz de aguentar ferro e fogo como o couro de qualquer varrão da minha vara.

— Acredita. Recompensarei o risco que estás a correr por minha causa. para já, toma lá estas dez peças de ouro.

— Estou mais rico — bradou Gurth, metendo-as na algibeira do que qualquer por queiro ou servo jamais foi ou sonhou ser!

— Leva agora esta saca de ouro a Ashby — prosseguiu o amo, descobre onde mora Isaac, o Judeu de Iorque, e pede-lhe que se pague do cavalo e armas que me forneceu a crédito.

— Não, por São Dunstan! — protestou Gurth. — Não farei isso.

— Que ouço, malandro? — interrogou o amo. — Desobedece às minhas ordens?

— Quando são razoáveis e cristãs, não — explicou Gurth. — Mas essa não é desse gênero. Deixar o Judeu pagar-se a si próprio seria não só desonesto, pois enganaria, de certeza, o meu amo, como pouco razoável, porque faria figura de parvo, e ainda pouco cristã, já que corresponderia a tirar dum cristão para enriquecer um infiel.

— Cumpre, mesmo assim, o que te mando, teimoso — repetiu o Desditoso.

— Assim farei — assentiu Gurth, pondo a saca debaixo da capa e caminhando para a saída -, mas vai-me custar — resmungou -, e somente lhe entregarei metade do que me pedir.

— Terminou saindo e deixando o cavaleiro sozinho com os seus pensamentos, que, no seu conjunto, eram agitados e dolorosos. Somos, neste momento, obrigados a mudar-nos para a vila de Ashby, ou, antes, para uma casa de campo nas suas imediações, propriedade dum abastado israelita, onde Isaac, a filha e os seus acompanhantes se tinham hospedado. Os judeus, é sabido, são tão extremamente liberais no que toca a hospitalidade e caridade para com os da sua gente como arredios e mesquinhos para com aqueles que chamam gentios, no que até têm muita razão, pois estes sempre os tratam de modo a pouco agasalho lhes merecerem.

Num apartamento bastante pequeno, decorado ao gosto oriental, sentava-se Rebeca, em almofadas empilhadas numa baixa plataforma correndo ao longo do quarto, semelhante a um estrado espanhol e cuja serventia correspondia à de cadeiras e bancos. Olhava com um ar misto de preocupação e amor filial para o pai, que percorria a passos irregulares o quarto, ora apertando as mãos, ora revirando os olhos para o tecto, como quem está sofrendo uma imensa angústia.

— Ó Jacó! — invocou. — Ó vós, doze Santos Patriarcas da nossa tribo! Que negócio ruinoso para quem sempre cumpriu todos os pontos e mandamentos da lei de Moisés. Cinquenta cequins tirados pelo esticão das garras dum tirano!

— Mas, pai — observou Rebeca -, pareceu-me que dera o dinheiro de boa vontade ao príncipe João.

— De boa vontade! Que as pústulas do Egipto o cubram! De boa vontade, dizes tu? De tanta boa vontade como, no golfo de Leão, tive de atirar pela borda fora a minha mercadoria, alijando o barco no meio do temporal. Vestir ondas de sedas finas, perfumar a espuma com mirra e aloé, encher as profundidades de joias de ouro e de prata! Não foi esse um momento de terrível sofrimento, mesmo que pelas minhas próprias mãos tivesse sido levado a cabo?

— Foi um sacrificio exigido pelos Céus para que vidas humanas pudessem ser salvas — respondeu Rebeca -, e o Deus dos nossos pais tem, desde aí, protegido os seus armazéns e os seus lucros.

— Sim — gemeu Isaac -, mas se o tirano lhes deita, um dia, as unhas, obrigando-me a sorrir, enquanto sou roubado? Ó filha, deserdados e errantes como somos, o pior dos males que sobre nós se pode abater está em que, quando nos fazem mal ou nos depredem, todo o mundo ri, obrigando-nos a calar os nossos sentimentos injuriados e a mansamente sorrir, quando a nossa vontade seria de reagir com bravura.

— Não veja as coisas desse modo, pai — pediu Rebeca. — Também gozamos de vantagens. Os gentios, cruéis e

opressores como são, dependem dum certo modo de nós, os filhos dispersos de Sião, que desprezam e perseguem. Sem a nossa riqueza nem poderiam armar as suas hostes, para a guerra, nem festejar as suas vitórias em paz. O ouro que lhes emprestamos volta acrescido aos nossos cofres. Somos como uma planta que quanto mais calcada é melhor floresce. Mesmo a festa de hoje não poderia ter sido sem o consentimento dos desprezados judeus, que a financiaram.

— Filha — disse Isaac -, acabas de tocar noutra corda dolorosa. Aquele belo corcel e aquela fina armadura correspondem a todo o meu lucro num negócio que fiz com Kirjath Jairam, de Leicester. Considero-o uma perda total. Sim, uma perda que absorverá os meus ganhos duma semana inteira... de sábado a sábado... e, contudo, pode ser que tudo acabe melhor do que prevejo, pois ele é bom moço.

— Estou certa — garantiu Rebeca — que não se irá arrepende de ter retribuído a boa ação daquele cavaleiro desconhecido.

— Assim conto — concordou Isaac -, tal como espero o ressurgimento do Sião. Mas tanto conto ver, com estes olhos, a reedificação das muralhas e merlões do novo Templo como ver um cristão, por melhor que seja, pagar uma dívida a um judeu sem a intervenção de juizes e carcereiros.

Após esta tirada, continuou a percorrer nervosamente o quarto. Rebeca, entendendo que quaisquer tentativas para o acalmar apenas lhe levantariam novas razões de queixa, desistiu inteligentemente do seu esforço, atitude que recomendo a todos os que pensem dar conselhos ou consolar alguém em circunstâncias semelhantes. A noite caía já quando um criado judeu surgiu para colocar na mesa duas lâmpadas de prata com óleo perfumado, enquanto outro empregado, israelita igualmente, punha vinhos e iguarias finíssimos num tambor de ébano com trabalhos de prata. Nas suas casas, os judeus não se negavam a despesas.

Simultaneamente, o primeiro servidor avisou Isaac de que um nazareno (assim denominavam eles os cristãos quando conversavam entre si) pedia para com ele falar. Quem vive do comércio é obrigado a atender todos os que o procurem para tratar de negócios. Deste modo, Isaac voltou a pousar o copo de vinho grego que ia precisamente levar à boca e, mandando a filha velar-se, deu ordem para que o visitante viesse à sua presença.

Cobri-se Rebeca com uma finíssima gaze prateada, que lhe ia até aos pés, quando a porta se abriu para deixar passar Gurth, envolto nas amplas dobras do seu manto normando. A sua aparência era mais duvidosa do que simpática, mesmo porque, em vez de se descobrir, enterrou ainda mais o boné sobre a testa carrancuda.

— És Isaac, o Judeu de Iorque? — perguntou em saxão.

— Sou — respondeu Isaac na mesma língua (o seu modo de vida obrigara-o a aprender todos os idiomas então usados na Grã-Bretanha).

— E quem és tu? — Isso não vem ao caso — foi a resposta de Gurth.

— Vem, sim. exatamente como quiseste saber se eu era quem pensavas — replicou-lhe Isaac. — Sem saber como te chamas, como poderei eu conversar contigo?

— É fácil — explicou Gurth.

— Eu, que venho entregar dinheiro, preciso saber se falo com a pessoa certa. A ti, que o vais receber, pouco importa conhecer as mãos que to passam.

— Ah — fez o judeu. — Vens então trazer-me dinheirinho? Santo Pai Abraão, isso modifica tudo. Da parte de quem o fazes?

— Da parte do cavaleiro Desditoso — informou Gurth -, o vencedor do torneio de hoje. Trata-se do valor da armadura que lhe foi fornecida por Kirjath Jairam, de Leicester, por tua recomendação. O corcel está já na tua cavalaria. Desejo apenas saber quanto tenho de dar-te pela armadura.

— Eu não disse que ele era um moço correto? — exclamou Isaac jubilosamente. — Um copo de vinho não te fará mal — acrescentou, enchendo e oferecendo ao porqueiro uma bebida como ele jamais provaria. — Quanto dinheiro trazes contigo?

— Virgem Santa! — disse Gurth, pousando o copo vazio -, que néctar bebem estes cães infiéis, enquanto verdadeiros cristãos têm de se limitar a cerveja tão turva e espessa que mais parece lavagem de porcos! Quanto trouxe? — prosseguiu o saxão após aquela pouco delicada observação.

— Pouco, para já. Isaac, tens de ter alguma consciência, mesmo que seja de judeu.

— Claro que tenho assentiu Isaac. — No entanto, o teu amo ganhou belos cavalos e boas armaduras, mercê da força da sua lança e do braço com que a empunhou. Ele é um jovem muito correto, pelo que o Judeu ficará com isso tudo e ainda te dará o excedente.

— O meu amo já vendeu tudo — disse Gurth.

— Fez mal! — exclamou o Judeu. — Fez uma grande asneira! Não havia por aqui cristãos capazes de comprar tantos cavalos e armaduras e nenhum judeu lhe daria metade do que eu lhe pagaria. No entanto, nessa saca tens uns cem cequins — lembrou Isaac, espreitando para debaixo do manto de Gurth -, pois ela está bem gorda.

— São pontas de virotes — explicou Gurth atabalhoadamente.

— Bem. Então — disse o Judeu, arfando e hesitante entre o amor ao lucro e um sentimento, novo para ele, de se mostrar generoso -, se eu dissesse que aceitaria oitenta cequins pelo cavalo e pela armadura, no que nada ganharia, terias dinheiro para mo pagar?

— Resvês — informou Gurth, ainda que a importância fosse mais razoável do que esperava.

— E o meu amo fica sem um tostão. Todavia, se essa é a tua melhor proposta, tenho de aceitar.

— Bebes outro copo? — convidou o Judeu.

— Ai! Oitenta cequins é muito pouco. Nada fica de juro, além de que o cavalo deve ter sido machucado nos combates de hoje. Oh, que medonha e tremenda luta! Homens e cavalos atirando-se uns contra os outros como os touros de Bashan! Alguma coisa deve o cavalo ter sofrido.

— Repito — insistiu Gurth — que está mais do que bom, como podes ver na baía. Digo e torno a dizer que setenta cequins são bastantes pela armadura. Creio que a palavra dum cristão é tão boa como a dum judeu. Se não aceites os setenta, torno a levar esta saca (que fez tilintar) para o meu amo.

— Não! Não! Põe aí os talentos, os marcos, os oitenta cequins, e vais ver como sou generoso.

Gurth acabou por concordar, atirando-os para a mesa, tendo-lhe o Judeu passado um recibo pela entrega do cavalo e da armadura, com as mãos tremendo de alegria. Embrulhou as primeiras setenta peças de ouro. As dez últimas foram contadas mais deliberadamente, parando e resmungando, sempre que retirava uma da mesa e a passava para a algibeira. Parecia que a sua avareza lutava com outro sentimento mais elevado, obrigando-o a primeira a guardar as moedas, enquanto o segundo lhe aconselhava deixasse algo ou para o seu benfeitor, ou para o seu mandado. O seu resmungar era, aproximadamente, assim: — Setenta e uma... setenta e duas, o teu amo é um bom moço setenta e três, excelente, até... setenta e quatro. Nesta peça falta um nica na serrilha... setenta e cinco... esta é muito leve... setenta e seis... sempre que o teu amo necessite de dinheiro que venha junto do Isaac, de Iorque... setenta e sete... desde que dê garantias, claro. — Parou durante alguns segundos, dando esperanças a Gurth de as três últimas moedas virem a ter um fim diferente do das suas irmãs. A contagem, porém, prosseguiu: — Setenta e oito... és um bom rapaz... setenta e nove... mereces qualquer lembrança...

— Parou de novo, mirou o derradeiro cequim, tendo pensado, sabe-se lá, dá-lo a Gurth. Tomou-lhe o peso na ponta dum dedo e fê-lo tinir, atirando-o sobre a mesa. Tivesse ele soado a choco ou tivesse ele sido um nadinha mais leve, e a generosidade teria saído vencedora.

Mas, infelizmente para Gurth, o cequim era novinho em folha e, ainda por cima, com peso a mais. Isaac não teve coragem de se desfazer dele e, fingindo-se distraído, passou-o para o bolso. — Oitenta, e está certo. Espero que o teu patrão te gratifique condignamente. Claro — olhou, interessado para a saca — que tens mais dinheiro aí!... Gurth arreganhou os dentes, que era a expressão mais próxima do riso que conseguia.

— Uma quantia praticamente igual à que guardaste com tanto cuidado.

— Dobrou o recibo debaixo do chapéu, recomendando: Ai das tuas barbas. Judeu, se isto não estiver em ordem. — Encheu, sem pedir licença, um terceiro copo, bebeu-o e saiu sem cerimônias.

— Rebeca — bradou o Judeu -, aquele ismaelita levou-me! No entanto, o amo dele é muito boa pessoa e apraz-me que tenha ganho ouro e prata graças à rapidez do seu cavalo e resistência da sua lança, que mais parecia uma trave.

— Voltando-se, à espera do que Rebeca lhe diria, verificou que, durante a conversa com Gurth, ela saíra despercebidamente da sala.

Gurth, que descera uma escada, alcançara uma antecâmara ou vestíbulo às escuras, cuja saída, desorientado, procurava, quando um vulto branco lhe surgiu, com uma pequena lamparina de prata na mão, fazendo-lhe sinal para que o seguisse. Gurth mostrou certa relutância em fazê-lo. Duro e impetuoso como um javardo, quando coisas terrenas estavam em causa, era atreito a todas as superstições saxônicas quanto a faunos, duendes, meigas e damas vestidas de branco e outros seres míticos que os seus antepassados tinham trazido consigo das selvagens paragens germânicas. Recordou-se ainda encontrar-se na moradia dum judeu, raça a que o povo, além dos mais horríveis defeitos, considerava como nigromântico e cabalista.

Apesar de tudo, após uma hesitação, obedeceu à aparição seguindo-a para o apartamento que lhe indicava, onde teve o alívio de verificar tratar-se o seu guia da belíssima judia que já conhecia do torneio e da sua curta estada naquela casa. Ela pediu-lhe pormenores da transação feita com o pai, o que Gurth relatou de forma muito completa.

— O meu pai não fez mais do que brincar contigo, bom homem — disse Rebeca. — Ele deve mais ao teu amo, muito mais do que dez vezes o valor do cavalo e das armas, quanto deste ao meu pai?

— Oitenta cequins — respondeu Gurth, surpreso com a pergunta.

— Nesta bolsa — disse Rebeca — encontrarás um cento deles. Dá ao teu patrão o que lhe pertence e guarda o resto para ti. Depressa, vai-te embora! Deixa lá os agradecimentos. Toma cuidado nas ruas, pejadas de malandrins, da vila. Podes perder

o que levas e ainda a própria vida... Reuben — chamou batendo palmas -, ilumina o caminho deste nosso visitante e depois não te esqueças de trancar a porta, Reuben, um israelita sombrio e de cabelo escuro, seguiu-lhe as ordens com uma tocha na mão, abriu a porta exterior da casa, conduziu Gurth ao longo dum pátio lajeado e fê-lo passar por uma portinhola existente no portão. Logo que o viu lá fora, cerrou tudo com ferrolhos e correntes, como se duma prisão se tratasse.

— Valha-me São Dunstan — bradou Gurth, tropeçando no piso irregular da larga rua. — Ela não é judia nenhuma! É um anjo do Céu! Dez cequins do meu jovem patrão e vinte desta pérola do Sião! Que dia de sorte! Mais outro assim, Gurth, e pagas a tua carta de alforria, tornando-te um membro livre da tua profissão. E, um dia, deito fora o meu bordão de porcariaço, pego numa espada e num escudo de homem livre e passo a acompanhar o meu querido e jovem amo, até à morte, se necessário. De rosto erguido, sem ocultar o nome!

Capítulo XI

PRIMEIRO BANDIDO: — Quietos, senhor. Passe-nos o que traz, ou, caso contrário, obrigá-lo-emos a sentar-se e enchemo-lo de balas.

SPEED: — Senhor! Estamos perdidos! São os salteadores, que todos os viajantes tanto temem.

VAL: — Amigos...

PRIMEIRO BANDIDO: — Não é assim. Nós somos inimigos.

SEGUNDO BANDIDO: — Calma! Vamos ouvi-los.

TERCEIRO BANDIDO: — Escutemo-lo, então. Trata-se dum homem delicado.

Dois Fidalgos de Verona

As aventuras noturnas de Gurth não tinham acabado ainda. Isso mesmo entenderia quando, depois de ter passado uma ou duas casas isoladas, nas cercanias da vila, se viu num carreiro estreito, ladeado de aveleiras e azevinhos, com, aqui e além, um carvalho anãzado estendendo os galhos por cima do caminho. Este estava cheio de buracos e marcado pelos sulcos das carroças que, recentemente, por ele tinham passado transportando material para o torneio. As sebes tornavam-no, tapando a Lua, muito escuro.

Vindos da povoação, escutavam-se ao longe os sons de gente divertindo-se, gargalhadas, gritos e música, tudo revelando o ambiente que se vivia na vila, cheia de nobres, militares e seus dissolutos servidores, o que inquietou Gurth. "A judia tinha razão", disse com os seus botões. "Queira o Céu e São Dunstan que consiga chegar a salvo com o meu tesouro! Há por aqui tantos, não direi ladrões, mas cavaleiros, escudeiros, frades, menestréis, peões, malabaristas e bobos, que até um homem com uma moeda apenas no bolso corre perigo, quanto mais um guardador de porcos com uma saca a abarrotar de cequins.

Tomara eu estar fora destas malditas sebes para que, ao menos, pudesse ver as caras dos súbditos de São Nicolau antes de eles me saltarem em cima." Estugou o passo para atingir o baldio para onde o carreiro o levava, mas não teve a sorte de o conseguir. Mesmo quando chegava ao alto do caminho, onde os arbustos eram mais densos, quatro homens, exatamente como temera, saltaram sobre ele, vindos dos dois lados, e prenderam-no tão rapidamente que qualquer resistência teria sido impossível.

— Entregue-nos o que traz — mandou um deles -; somos os encarregados de aliviar quem vai carregado.

— Não me aliviaréis tão facilmente — rosnou Gurth, cuja sombria franqueza não podia ser calada, mesmo quando em perigo se vos pudesse dar um par de socos.

— Veremos isso em breve — disse o ladrão, que, falando para os outros, acrescentou: — Tragam esse marau. Parece que quer ficar com a cabeça partida, a bolsa rasgada e as velas cortadas.

De conformidade, Gurth, arrastado um pouco à bruta e empurrado, por cima da sebe do lado esquerdo, para o meio dum bosquete entre aquela e o baldio, foi obrigado a seguir os seus captores até pararem numa zona com menos árvores, onde o luar penetrava com maior facilidade. Juntaram-se-lhes mais duas outras pessoas, do bando certamente, Carregavam espadas curtas e varapaus nas mãos. Gurth pôde então ver que os seis usavam mascarilhas, o que lhe tirou quaisquer dúvidas que ainda pudesse ter quanto à sua ocupação.

— Quanto dinheiro trazes, labrosca? — perguntou um dos ladrões.

— Trinta cequins, que são meus — respondeu Gurth de má vontade.

— Confiscam-se! — gritou um dos salteadores.

— Confisquem-se ao saxão que tem trinta cequins e volta sóbrio da vila. Uma inapelável e irrecuperável confiscação.

— Juntei-os para comprar a minha liberdade — explicou Gurth. — És um burro — fez outro ladrão.

— Quatro canadas de cerveja da boa tinham-te posto livre do teu amo. Muito mais livre ainda se ele for saxão também.

— É uma triste verdade — reconheceu Gurth -; mas se estes trinta cequins me podem libertar de vós, desamarrai-me para que vo-los dê.

— Espera — exclamou aquele que mais autoridade parecia ter sobre os demais -, essa saca que carregas, sinto-o por baixo do teu manto, tem muito mais do que nos disseste.

— O resto é do meu generoso amo. Não me referiria a ele se ficásseis satisfeitos com o que é meu.

— Pareces ser um tipo honesto — disse o ladrão.

— Não somos tão devotos de São Nicolau que não te tivéssemos deixado ficar com os teus trinta cequins se te tivesses portado direito. Passa o dinheiro para cá!

— Isto dizendo, arrancou a Gurth a saca de couro, dentro da qual estava também a bolsa de seda que Rebeca lhe dera, e

prosseguiu com o interrogatório.

— Quem é o teu amo?

— O cavaleiro Desditoso.

— Cujá lança venceu hoje o torneio? — perguntou o ladrão. Quem é e como se chama ele?

— É de sua vontade — informou Gurth — ocultar isso. Por mim ninguém o conhecerá.

— E quem és tu e como te chamas?

— Dizê-lo corresponderia a revelar a identidade do meu amo.

— És muito atrevido. Mas chega disto para já. Como conseguiu o teu amo todo este ouro? Herdou-o, ou como é que foi?

— À custa da sua lança. O que está dentro dessa saca corresponde ao resgate de quatro cavalos e quatro armaduras das boas,.

— Quanto há aqui?

— Duzentos cequins.

— Só duzentos cequins?! — espantou-se o bandoleiro.

— O teu amo foi muito condescendente para com os que venceu, exigindo-lhes tão diminuto resgate. Ora diz-me os nomes dos vencidos. Gurth citou-lhes um por um.

— Por quanto foram resgatados o cavalo e a armadura de Brian de Bois-Guilbert? Vês como não nos podes enganar?

— O meu amo nada quer do Templário, exceto tirar-lhe a vida. Desafiaram-se para uma luta de morte, pelo que não pode haver gentilezas entre eles.

— Então é assim? — disse o ladrão, calando-se depois por uns momentos.

— Que fazias tu com esses valores a teu cuidado, aqui em Ashby?

— Tinha ido pagar a Isaac, o Judeu de Iorque — explicou Gurth o valor do cavalo e da armadura que fornecera ao meu patrão para o torneio.

— Quanto pagaste a Isaac? Pelo peso, parece-me haver aqui duzentos cequins — Paguei-lhe oitenta e ele deu-me cem de troco — respondeu o saxão.

— O quê?! — exclamaram, em coro, os salteadores, — Atreves-te a brincar connosco dizendo essas mentiras impossíveis?

— O que disse — insistiu Gurth — é tão certo como a Lua estar a brilhar no céu. Encontrareis a importância numa bolsa de seda, dentro da saca de couro e separada do resto do ouro.

— Vê bem, homem! — recordou-lhe o chefe.

— Estás a falar dum judeu, dum israelita que é tão capaz de oferecer ouro a alguém como os desertos, de onde é originário, de devolverem a água que os peregrinos neles entornam.

— Têm tanta comiseração como um ajudante de oficial de diligências não subornado — observou um membro daquela súa.

— No entanto, foi como vos narrei — teimou Gurth.

— Acendam uma luz — mandou o chefe.

— Quero examinar esta saca. Se for como o tipo assegura, esse judeu ainda é mais miraculoso do que o fio de água que salvou a vida dos seus antepassados quando perdidos nas sáfaras.

Trazida a luz, o bandido examinou a saca. Os demais rodearam-no e até os que prendiam Gurth abrandaram a força que faziam para, esticando os pescoços, poderem ver o resultado da busca. Aproveitando-se dessa distração, Gurth, à custa de força e agilidade, libertou-se e poderia ter fugido se não desejasse recuperar o que era do seu patrão. Arrancou um varapau dum dos homens e, com uma pancada, derrubou o chefe, a quem tirou a saca. Os salteadores, porém, eram muitos e muito mexidos e tornaram a prendê-lo e a recuperar a saca.

— Patife! — bramou o chefe levantando-se. — Rachaste-me a cabeça. com outros, a insolência ficar-te-ia muito cara. Já saberás o que vai ser a tua sorte, mas, primeiro, falemos do teu amo. Os assuntos dos cavaleiros têm precedência sobre os dos peões, de acordo com as leis da cavalaria. Fica quieto agora. Se tornares a mexer-te, apanharás como nunca apanhaste! — Dirigiu-se, então ao bando: — Camaradas! Esta bolsa tem caracteres hebreus bordados, o que me leva a crer que este malandro não mentiu. O cavaleiro andante não necessita de nos pagar portagem. É demasiado semelhante a nós para que o forcemos a isso. Os cães não se metem com os cães, quando há lobos e raposas à solta.

— Parecido connosco? — espantou-se um dos do bando. — Gostaria que mo explicassem.

— Então, louco — respondeu o chefe -, não será ele tão pobre e deserdado como nós? Não ganhará o seu sustento à força de espada, como nós? Não venceu ele o Front-de-Boeuf e o Malvoisin, como nós lhes faríamos, se pudéssemos? Não será ele um inimigo figadal de Brian de Bois-Guilbert, que tantos motivos temos para temer? E, ainda que tudo isto não bastasse, seremos nós menos misericordiosos do que um descrente, um hebreu, um judeu?

— De fato seria uma vergonha — murmurou um dos homens se bem que, quando servi no bando do velho e gordo Gandelyn, não tivéssemos esses pruridos. E este camponês malcriado também vai escapar sem nada se lhe exigir?

— Só se tu o não conseguires vencer — comunicou-lhe o chefe. Tu, rapaz — chamou virado para Gurth -, sabes servir-te daquele varapau em que tão lestantemente pegaste há pouco?

— Creio — disse Gurth — que tu, melhor do que ninguém, saberá responder a essa pergunta.

— Sim. Deste-me de fato uma boa castanhada — confirmou o chefe.

— Faz o mesmo a este tipo e soltar-te-ei. Se não fores capaz, foste tão valente que eu próprio pagarei o teu resgate... Pega no teu pau, Miller(1) — comandou, e protege a cabeça... Vocês, soltem o tipo e ponham-lhe um varapau nas mãos.

Julgo haver luz suficiente para poderem dar bordoadas um no outro à vontade. Os dois adversários, cada um com o seu varapau, avançaram para o meio da clareira para melhor se aproveitarem do luar. Os ladrões riam-se, aconselhando o camarada.

— Miller, acautela a tola! Miller, pegando pelo centro do pau, fazia-o rodopiar por sobre a cabeça, daquela forma que os Franceses denominam faire te moulinet, e bazofiava-se: — Avança, malandro, para veres o que te faz o moinho!

— Se és moleiro — respondeu-lhe Gurth, sem ponta de medo e imitando-lhe o movimento -, és também um ladrão, e eu, homem de bem, vou dar-te uma ensinadela.

Aproximaram-se e durante uns minutos evidenciaram iguais força, coragem é arte, aparando e devolvendo pauladas com tão veloz destreza que, para quem estivesse um pouco afastado, o som dos varapaus, batendo um contra o outro, poderia parecer resultante duma luta entre, pelo menos, seis pessoas. Menos encarniçados e muito menos perigosos combates já foram descritos em poemas épicos. O de Gurth contra Miller terá de ficar por cantar, por falta de poeta à altura de lhe rimar os feitos. Contudo, e ainda que o Jogo do pau tenha caído em desuso, tentarei, em prosa, o meu melhor.

Já lutavam há muito quando Miller principiou a perder a calma perante aquele teimoso oponente e as gargalhadas dos seus camaradas dele troçando. Não era esse, de forma alguma, o melhor dos estados de espírito para se prosseguir num nobre jogo como aquele, para o qual, como nas danças de pauliteiros, uma total frieza é essencial. Tal fato ofereceu a Gurth, cujo carácter era firme e sombrio, a oportunidade de tomar vantagens, que aproveitou com grande maestria.

Miller, fulo, pressionou, avançando a golpes alternados com as pontas do varapau, procurando chegar-se ao adversário. Gurth foi-se defendendo, com as mãos a uma distância de um metro uma da outra, e cobrindo-se com célebres movimentos da sua arma, tapando bem tanto a cabeça como o corpo. Manteve-se na defensiva, de olhos bem atentos, pés e mãos firmes, esperando.

Subitamente, vendo o antagonista perder o ímpeto, simulou, pela esquerda, uma paulada à cara. Quando Miller a tentava aparar, deu-lhe, pela direita, nova pancada, no lado esquerdo, atingindo-o com o pau, com toda a violência, na cabeça e obrigando-o a tombar.

— Maravilhosamente bem executado! — saudaram os malandrins.

— Jogo limpo, à inglesa. O saxão salvou a pele e a bolsa e o Miller aprendeu uma grande lição.

— Podes continuar o teu caminho, amigo — disse-lhe o chefe em representação da vontade geral. — Serás acompanhado por dois dos meus camaradas até ao pavilhão do teu amo, para te protegerem de outros noctívagos de alma mais dura do que à nossa. Há por ali muitos que não teriam amabilidades destas, numa noite como a de hoje. Lembra-te — aconselhou com severidade — que te recusaste a dizer-nos o nome... não "nos peças os nossos ou tentes descobrir quem somos. Se o fizeres, triste será a tua sorte... Gurth agradeceu-lhe a gentileza e prometeu acatar-lhe o conselho.

Dois salteadores, com varapaus, acenaram para que fosse atrás deles e meteram-se por um atalho que atravessava o bosque e o terreno irregular em seu redor. Na orla da mata, dois homens falaram com eles e, tendo recebido uma resposta em voz baixa, tornaram aos seus esconderijos, deixando-os passar.

Este pormenor fez Gurth pensar ser o bando grande e bem organizado, com sentinelas e tudo. Ao alcançarem o terreno aberto, onde Gurth talvez tivesse alguma dificuldade em reconhecer a direção correcta, os ladrões conduziram-no até ao topo duma pequena elevação de onde se avistava, ao luar, a paliçada das liças, os garridos pavilhões, nos dois extremos, com os penantes que os decoravam tremulando, e escutar o cantar dos guardas que assim iam passando o tempo. Os bandoleiros estacaram ali.

— Não vamos mais além — disseram.

— Não seria seguro para nós. Lembra-te do que te foi recomendado. Esquece o que se passou esta noite e não te arrependers. Não ligués ao que te avisamos e nem a Torre de Londres te protegerá da nossa vingança.

— Boas noites e muito obrigado, bondosos senhores. Não esquecerei as vossas ordens e julgo não ofender ninguém desejando-vos um officio menos arriscado e mais honesto.

Separaram-se, os ladrões na direção em que tinham vindo, Gurth para a tenda do amo, onde, contrariamente às recomendações recebidas, tudo lhe descreveu. O cavaleiro Desditoso muito se surpreendeu, não só com a generosidade de Rebeca, da qual logo decidiu não se aproveitar, como da dos salteadores, tão pouco própria de gente daquela igualha. Não pôde, todavia, prosseguir meditando nesses dois pontos por necessidade de descanso, que os esforços da luta e a obrigação de se pôr fresco para o dia a chegar lhe impunham.

Estendeu-se no confortável sofá que havia na tenda, O fiel Gurth, agarrando numa pele de urso que estava no chão, servindo de tapete, cobriu-se com ela e deitou-se à entrada para que ninguém nela penetrasse sem que ele dissesse fé.

1. Miller significa, traduzido à letra, moleiro. (N. do T.)

Capítulo XII

Os arautos elevaram as vozes gritando, As trombetas fortes e sonoras soando.

Nada mais havendo afazer frente às bancadas, As lanças são no seu encaixe apoiadas, E as esporas carregadas fundo a sangrar, Os campeões da justa prontos para carregar; Ferros chocam com escudos numa explosão, Ferros entram, firmes, em muito coração; Erguem-se bem alto as lanças brilhantes, Vibram cortantes espadas, cintilantes; Os elmos quebram-se, ficam despedaçados: Jorra sangue em longos escorreres encarnados.

Chaucer

Rompera uma manhã sem nuvens e esplêndida e, antes de o Sol se ter levantado muito acima do horizonte, já os espectadores com menos que fazer ou mais impacientes surgiam no descampado, caminhando para as liças, na esperança de conseguirem bons lugares para melhor apreciarem os jogos.

Os mestres-de-cerimônias e os auxiliares apareceriam pouco depois, juntamente com os arautos, para tratarem de receber os cavaleiros pretendentes a entrar na peleja e registá-los no grupo de que quisessem fazer parte. Era necessário este cuidado para se garantir um equilíbrio justo entre as duas fações.

De acordo com as regras estabelecidas, o cavaleiro Desditoso comandaria o primeiro grupo e Brian de Bois-Guilbert, que fora dado como o segundo melhor na véspera, seria o campeão chefe do segundo. Os desafiantes aderiram, evidentemente, a este lado, com a exceção de Ralph de Vipont, cuja queda impossibilitara de envergar uma armadura sequer. Não houve, naturalmente, falta de cavaleiros para qualquer dos agrupamentos.

Na verdade, embora as justas generalizadas, em que muitos cavaleiros combatiam ao mesmo tempo, fossem muito mais arriscadas do que os encontros singulares, eram, mesmo assim, muito mais praticadas. Muitos cavaleiros, sem confiança suficiente na sua capacidade para desafiarem um adversário de renome, procuravam glória nesse tipo de combate, onde sempre havia a possibilidade de se encontrar outro ou outros à altura das suas forças. Quando totalizaram cinquenta cavaleiros para cada hoste, os mestres comunicaram terem acabado as inscrições, com grande desapontamento daqueles que, por atraso, não haviam chegado a tempo.

Por volta das dez horas, toda a planície estava coberta de cavaleiros, cavaleiras e peões acorrendo para o local do torneio. Pouco depois, um soar de trombetas anunciava a chegada do príncipe João e do seu séquito e acompanhantes, acrescido por muitos cavaleiros, combatentes uns, meros assistentes outros.

Chegavam igualmente Cedric, o Saxão, e Lady Rowena. Athelstane não vinha, porém, com eles. O fidalgo saxão enfiara o gigantesco corpanzil dentro duma armadura e fora tomar o seu lugar entre os combatentes. para surpresa de Cedric, decidira alistar-se na fação do Templário. O Saxão insurgira-se contra o amigo quanto a esta escolha, que considerava como errada, mas apenas recebera a resposta que, geralmente, se obtém das pessoas que teimam numa ideia sem desejarem justificá-la. Quer isto significar que Athelstane nada disse, calando para si o motivo, pois um somente deveria ser, de se aliar a Brian de Bois-Guilbert.

Embora a sua apatia o impedisse de exercer o menor esforço para agradar a Lady Rowena, não era, de modo nenhum, insensível aos seus encantos, considerando mesmo o seu casamento com ela como um fato assente e aprovado por Cedric e demais amigos. Fora, pois, com aborrecimento que o orgulhoso mais indolente fidalgo vira o vencedor do dia anterior escolher Rowena como a bela a enaltecer graças ao privilégio que conquistara. para o castigar pela intromissão que via naquela atitude, Athelstane, ciente do seu poder hercúleo e comprovada arte guerreira, resolvera retirar ao Desditoso a sua poderosa ajuda e, se possível fosse, fazer-lhe sentir o peso da sua acha de armas.

De Bracy e outros guerreiros afectos ao príncipe João tinham-se, por essa mesma razão, juntado aos desafiantes, em quem o Príncipe depositava todas as suas esperanças. Por outro lado, muitos outros cavaleiros, normandos e saxões, nacionais e estrangeiros, tinham tomado o partido contrário, até porque seriam dirigidos por um campeão tão distinto como o Desditoso revelara ser.

Logo que o príncipe João notou que a rainha eleita estava a chegar, aparentou aquele ar de simpatia que tão bem conseguia quando queria e, avançando ao encontro dela, tirou o gorro ao desmontar e auxiliou-a a sair da sela. Todos os seus seguidores se descobriram também, adiantando-se um dos mais nobres para segurar o palafrém da dama.

— É desta forma — explicou o príncipe João — que mostramos o nosso leal respeito pela Rainha do Amor e da Beleza, que nós próprios acompanharemos até ao trono que hoje ocupará... Senhoras — acrescentou -, atentei e honrai a vossa rainha, tal como, um dia, gostareis que vo-lo façam.

O Príncipe conduziu Rowena até ao assento de honra, de frente para o seu, enquanto as mais belas e distintas donzelas ali presentes a rodeavam, procurando obter as posições mais cerca dela possíveis.

Logo que Rowena se acomodou, ouviu-se música, um tanto abafada pelo barulho que a multidão fazia aclamando-a. o sol forte rebrilhava nas armas dos cavaleiros rivais, reunidos nos dois extremos e trocando, excitados, sugestões quanto às melhores tácticas e ordenações a tomarem e a seguirem no encontro. Os arautos pediram silêncio para anunciarem quais as regras do torneio, destinadas, em princípio, a reduzir um pouco os perigos, que eram muitos, dado o combate ir ser travado

com espadas afiadas e lanças aceradas.

Aos campeões era, assim, proibido empregar a espada de ponta, mas permitida a cutilada. Poderiam servir-se das maçãs e achas de armas à vontade, mas não de adagas. Qualquer cavaleiro que fosse derrubado poderia prosseguir, lutando, apeado, com qualquer adversário nas mesmas condições; os cavaleiros, porém, não podiam atacá-los. Quando um cavaleiro conseguisse empurrar um oponente até tocar nas paliçadas, nos extremos das liças, com o corpo ou com as armas, o primeiro seria considerado como vencido e a sua armadura e cavalo postos à disposição do que o vencera. O cavaleiro a quem tal sucedesse abandonaria a luta. Aos guerreiros derrubados e em dificuldades para se erguerem poderiam pajens assistir, retirando-os do terreno, mas, nesse caso, seriam dados como derrotados, ficando as suas armaduras e cavalos sob penhor.

O combate terminaria logo que o príncipe João baixasse o seu bastão, uma medida tendente a evitar demasiado derramamento de sangue num exercício tão violento como aquele. Qualquer cavaleiro que não cumprisse as regras do jogo ou as leis gerais da cavalaria estaria sujeito a ser desarmado e o seu escudo, invertido, pendurado na paliçada, ridicularizando-o junto do público pela sua falta de cavalheirismo. Tendo anunciado estas regras, os arautos concluíram com uma exortação para que cada cavaleiro cumprisse o seu dever e fosse merecedor dos favores da Rainha da Beleza e do Amor.

Proclamadas estas medidas, os arautos afastaram-se. Os cavaleiros entraram no recinto, cada grupo vindo do seu lado, e dispuseram-se, em duas alas paralelas, com o chefe de cada façção no centro e à frente da linha mais adiantada, posto que somente ocuparam depois de verificarem se todos os seus estavam corretamente dispostos e bem preparados.

Era magnífico e ao mesmo tempo tremendo ver tantos e tão garbosos campeões, belamente montados, fortemente armados, prontos para um recontro tão fantástico, hirtos nas suas selas de batalha, como blocos de ferro aguardando a ordem de ataque, quiçá tão tensos como as suas nervosas montadas, que relinchavam e, impacientes, escavavam o solo.

Para já, as lanças mantinham-se alçadas, com os ferros refletindo a luz do Sol e os galhardetes adejando a par das plumas apostas nos elmos. Assim se conservaram enquanto os mestres-de-cerimônias tudo cuidadosamente examinaram, vendo se os números de cada lado eram exatamente os mesmos. Verificado estar tudo em ordem, retiraram-se, e William de Wyvil, com voz trovejante, bradou: "Laissez aller", comando que as trombetas repetiram.

As lanças desceram e foram encaixadas nos seus apoios, as esporas feriram os flancos dos cavalos e as duas linhas da frente de cada grupo partiram a galope solto uma contra a outra para se chocarem no centro exato do terreno num clamor que pôde ser escutado a grande distância. As retaguardas avançaram mais devagar, refreando o passo e observando a situação dos seus.

Não se viram os resultados do embate nos primeiros momentos, devido à poeira levantada por tantos cavalos juntos, pelo que, durante um curto espaço de tempo, o público, galvanizado, nada podia perceber. Dissipado um pouco o ambiente, verificou-se que já quase metade dos cavaleiros de cada lado tinham sido derrubados, uns pela destreza das lanças adversas, outros pelo peso e força dos oponentes, que haviam conseguido atirar por terra cavalos e cavaleiros, uns tantos jaziam, inertes, no solo, outros já se tinham levantado e iniciavam combates singulares com adversários em igual posição. Alguns, de ambos os lados, incapacitados por ferimentos graves, tentavam estancar o sangue, arrastando-se dali para fora. Os cavaleiros ainda nas selas, todos praticamente, com as lanças quebradas pelo ímpeto do choque, pugnavam agora com as espadas, soltando os seus gritos de guerra e desferindo golpes, como se a sua salvação dependesse do resultado do encontro.

O tumulto cresceu com o avanço das segundas linhas, que, como reservas, entravam, no momento, a apoiar os seus companheiros. Os seguidores de Brian de Bois-Guilbert berravam: — "Ah! BeauSéant! BeauSéant!(1) Pelo Templo! Pelo Templo!", ao que os adversários respondiam rugindo: "Desdichado! Desdichado!", a palavra de ordem que haviam tomado, repetindo o mote no escudo do seu chefe.

A luta não parava, oscilando o sucesso para um e para o outro lado, parecendo uma maré no seu ir e vir, conforme este ou aquele grupo ganhava, temporariamente, a iniciativa. O ruído das pancadas, o tinir de aço contra aço, os gritos dos combatentes, o troar das trombetas, apagavam os gemidos dos que, caídos, se viam à mercê das patadas dos cavalos. As belas armaduras tinham-se coberto de pó e sangue e amolgaduras. Os penachos, arrancados dos elmos, voavam ao sabor do vento. Toda a beleza e graça marciais tinham desaparecido para serem substituídas por um quadro de dor e terror.

Tal era a força dos usos da época, porém, que não só os vulgares espectadores, a quem a visão de coisas sanguinárias pouco perturbava, mas também as damas distintas, sentadas nas galerias, seguiam os acontecimentos com nervoso interesse e sem sequer despegarem a vista do que se ia desenrolando à sua frente. Aqui e ali, um rosto belo tornava-se mais pálido ou duma boca linda saía um grito abafado, quando um namorado, um irmão ou um marido era derrubado. Mas, dum modo geral, as damas incitavam os cavaleiros batendo palmas, acenando os véus e, mesmo, exclamando "Grande lança!", ou "Bela espadeirada!", premiando algum bom golpe perto de si.

Se o interesse do sexo fraco se manifestava tão ostensivamente neste sangrento jogo, o dos homens ainda mais exuberante se mostrava. Surgia em aclamações, conforme as mudanças no decorrer do combate, com todos os olhos fixos no campo, parecendo até que os próprios espectadores também dentro dele pelejavam. Em todos os intervalos, que por vezes aconteciam, os arautos incitavam: "Força, bravos cavaleiros! O homem vai, mas a glória fica! Lutai! A morte é preferível à derrota! Lutai, bravos guerreiros! Belos olhos vos contemplam!" Todos procuravam no meio da peleja os dois chefes adversários, que se conservavam nos pontos mais acesos, encorajando os seus por palavras e exemplos.

Ambos praticavam feitos espantosos, incessantemente, pois nem Bois-Guilbert, nem o Desditoso, haviam ainda encontrado à sua frente qualquer homem à sua altura. Os dois tentavam, pois, enfrentar-se isoladamente, na certeza de a queda dum deles corresponder à vitória do lado oposto. Simplesmente, tão grande era a confusão naquele amontoado de combatentes que, durante a primeira parte da luta, todos os seus esforços resultaram nulos, devido à fogueira dos seus próprios, frementes por atacarem os chefes rivais.

Todavia, quando o número de combatentes começou a reduzir-se, com muitos a serem dados por vencidos, levados até às paliçadas ou, de qualquer outro modo, impossibilitados de continuar, o Templário e o Desditoso alcançaram, finalmente, encontrar-se, e com um furor que somente uma animosidade mortal e uma rivalidade sem limites poderiam inspirar. Era tanta a destreza de ambos no aparar e desferir golpes que a assistência não se cansava de os aplaudir.

Na altura estava o partido do Desditoso em situação de inferioridade. Os braços potentíssimos de Front-de-Boeuf, num flanco, e a implacável robustez de Athelstane, no outro, varriam e dispersavam tudo na sua frente. Vendo-se estes dois cavaleiros livres de qualquer oponente imediato, logo pensaram que, oferecendo ajuda ao Templário, no combate que travava com o rival, conseguiriam a vitória final. Voltando, ao mesmo tempo, os cavalos, carregaram sobre o Desditoso, o normando dum lado, o saxão do outro. Ter-lhe-ia sido impossível aguentar tal assalto se os espectadores, num grito, o não tivessem avisado: "Cuidado! Cuidado, Sr. Desditoso!"

Desferindo uma espadada violenta contra o Templário, fez a montada recuar de modo a escapar-se a Front-de-Boeuf e a Athelstane. Estes quase foram um contra o outro, mas lá sustiveram as montadas. Recuperando, voltaram e os três juntos acorreram para abater o Desditoso.

Somente a agilidade e o vigor do cavalo ganho na véspera o salvaram. o animal mostrava inúmeras vantagens sobre os outros; o de Bois-Guilbert fora ferido e os de Front-de-Boeuf e Athelstane estavam exaustos pelo esforço do dia anterior e pelo tremendo peso dos dois cavaleiros, cobertos de aço. Os muitos conhecimentos de equitação do Desditoso e a mobilidade do seu corcel permitiram-lhe, por minutos, manter com a espada os oponentes a distância, volteando, mudando de posição como um falcão e obrigando-os a separarem-se uns dos outros, desferindo aqui uma pancada e, logo ali, outra, sem lhes aguardar réplica às que, naturalmente, lhe tentavam dar.

Não obstante o apoio da assistência ser indescritível, o caso é que teria de acabar vencido em encontro tão desigual. Os nobres perto do príncipe João imploraram-lhe que descesse o bastão, evitando que um cavaleiro tão valente acabasse derrotado.

— Isso não farei eu! Nem pelos Céus! — retorquiu-lhes o Príncipe. — Essa criatura, que esconde o nome e desdenha da nossa hospitalidade, teve ontem o seu galardão. É tempo de outros os ganharem também!

Todavia, quando isto proferia, algo ocorreu que alterou completamente o resultado que se antevia já. Nas hostes do Desditoso combatia um campeão, de armadura negra, servindo-se dum cavalo negro também e poderoso e alto como aquele que o montava. Este guerreiro, cujo escudo não ostentava qualquer insígnia, tinha, até à ocasião, revelado pouco interesse pela peleja, limitando-se a repelir com evidente facilidade todos os que o atacavam e abstendo-se de perseguir OU procurar adversários. Resumindo, tinha sido mais espectador do que um dos elementos do torneio, atitude que lhe valera, entre a assistência, o apodo de "Le Noir Faineant", o Negro Preguiçoso.

Este, de repente, vendo o comandante do seu grupo em perigo, pareceu afastar toda a sua imperturbabilidade. Esporeou a montada e acorreu, como um relâmpago, gritando em voz grossíssima: "Desdichado, aqui vem ajuda!" E em bom tempo chegava, pois que aquele, encurralando o Templário, ia ser batido por Front-de-Boeuf, que se achegava de espada erguida.

Antes de o golpe chegar a ser desferido, o Cavaleiro Negro bateu-lhe com a sua arma no elmo, onde de raspão escorregou, acabando por cair, ainda cheia de tanta violência, no chamfron(2) do cavalo, que este arriou, levando consigo o seu cavaleiro, tombando ambos no solo perfeitamente estonteados. "Le Noir Faineant" enfrentou então Athelstane de Conningsburgh. Como a sua espada se quebrara com a pancada desferida no Front-de-Boeuf, sem cerimônias arrancou das mãos do poderoso saxão a acha de armas que brandia e, dando provas de muito bem se saber servir dela, descarregou tal pancada no alto do elmo de Athelstane que este tombou desmaiado.

Realizado este inesperado, muito aplaudido e duplo feito, o cavaleiro tornou à sua impassividade, voltando calmamente para o extremo norte, deixando que o chefe do seu partido resolvesse a sua luta com Brian de Bois-Guilbert da melhor forma que pudesse. As dificuldades eram agora muito menores. A montada do Templário, perdendo sangue, cedeu subitamente aos embates do Desditoso, e Brian de Bois-Guilbert foi a terra, preso por um estribo, do qual não conseguia desembaraçar-se. O seu antagonista desmontou e ordenou-lhe que se rendesse. Foi então que o príncipe João, com uma preocupação pela sorte do Templário que não surgira a propósito do seu rival, lhe evitou a vergonha de se ter de dar por vencido baixando o bastão e dando o combate por terminado.

Já antes o ardor da peleja se extinguiu. Os guerreiros ainda de pé tinham, na maioria, tacitamente aceite suspenderem-na para que fosse decidida pelo duelo entre os dois chefes. Os escudeiros, que se tinham visto impossibilitados de ajudar os amos na confusão do encontro, acorriam agora a cumprir as suas obrigações, retirando os feridos com o maior cuidado e transportando-os para os pavilhões próximos ou para abrigos à sua disposição na aldeola ali à beira.

Desta forma terminou a memorável justa de Ashby-de-la-Zouche, uma das mais ferozmente disputadas no tempo. Na

verdade, embora somente tivessem morrido quatro cavaleiros, incluindo um abafado pela própria armadura, mais de trinta ficaram feridos, dos quais quatro ou cinco sem recuperação. Vários ficariam diminuídos para sempre e os que escaparam conservariam até à morte as marcas daquela manhã. Desde aí, os que a ela se referiam chamavam-na de Fidalga e Alegre Passagem de Armas de Ashby.

O príncipe João, obrigado a escolher o cavaleiro que melhor se comportara, entendeu sê-lo "Le Noir Faineant". Foi-lhe contudo observado que a honra seria melhor merecida pelo Desditoso, que, sozinho, derrubara seis campeões e terminara desmontando o chefe dos adversários. O Príncipe manteve o seu ponto de vista, afirmando que o Desditoso e o seu grupo teriam perdido se não fosse o formidável braço do Cavaleiro Negro. Era a este que cabia o prêmio para surpresa geral, o Cavaleiro Negro desaparecera. Ninguém sabia para onde. Saíra da liça mal o combate terminara e, segundo alguns espectadores, seguira, calmo e indiferente, como todo o tempo se mostrara, para dentro da floresta.

Chamado em vão por duas vezes por trombetas e pelos gritos dos arautos, houve necessidade de se eleger outro, em seu lugar, a quem fossem dadas as honras que não quisera aceitar. O príncipe João, por falta de argumentos, teve de declarar o Desditoso como o campeão daquele espantoso combate os mestres-de-cerimônias escoltaram-no ao longo do terreno, empapado de sangue e pejado de pedaços de armas, armaduras e corpos de cavalos mortos ou moribundos, até junto do trono de João.

— Cavaleiro Desditoso — disse o Príncipe -, título que teimais manter. Pela segunda vez vos concedemos as honras deste torneio e vos damos o direito de receberdes das mãos da Rainha do Amor e da Beleza o coronel de honra que o vosso valor conquistou. — O cavaleiro baixou-se, num agradecimento, mas não pronunciou palavra. Ao som de trombetas, dos gritos dos arautos proclamando as honras dos bravos e dos vencedores, do acenar de lenços de seda das damas e dos aplausos da multidão, os mestres conduziram-no a Lady Rowena.

O campeão foi levado a ajoelhar-se perto do primeiro degrau do trono. Na realidade, desde que o prélio terminara, aparentava mover-se mecanicamente e não segundo a própria vontade. Cambaleava, ao atravessar a liça pela segunda vez. Rowena, deixando o seu assento, deslocara-se, graciosa e dignamente, para perto dele e ia a apor-lhe a coroa, quando um dos mestres-de-cerimônias bradou: — Não! Assim não! Na cabeça, a descoberto!

O guerreiro disse qualquer coisa que ninguém percebeu, mas que talvez significasse desejar conservar-se coberto. Fosse por pretenderem seguir a etiqueta à risca, fosse por curiosidade, os mestres não lhe ligaram e, desatando-lhe os atilhos e desprendendo-o da gorjeira, retiraram-lhe o elmo. Ao sol surgiu um rosto bronzeado e bem formado dum jovem louro dos seus vinte e cinco anos. Pálido como a cera, escorria-lhe sangue dum ou mais cortes.

Rowena, encarando-o, soltou um grito abafado. Recompôs-se rapidamente e com toda a força da sua vontade prosseguiu, se bem que toda ela tremendo à violência da inesperada emoção, e, pousando na cabeça do vitorioso a belíssima coroa representativa do prêmio do dia, disse: — Entrego-te esta coroa, bravo cavaleiro, como prova do valor que demonstraste. — Parou por uns momentos e continuou: — E fronte mais merecedora que a tua não existirá entre todos os que à cavalaria pertencem. O guerreiro baixou-se, beijando a mão da bela soberana que deste modo o acabara de elogiar. Pareceu baixar-se um pouco mais e caiu-lhe, desmaiado, aos pés.

Foi total a consternação. Cedric, que ficara petrificado perante o aparecimento do filho que expulsara, avançou, apressado, como que para o arredar de Rowena, mas não teve tempo de fazer fosse o que fosse, pois os mestres-de-cerimônias, perante a razão que levava Ivanhoé a perder os sentidos, já o estavam a desembaraçar da armadura. Um ferro de lança tinha-a perfurado, originando um profundo ferimento.

1. BeauSéant era o nome dado ao estandarte dos Templários, metade negra, metade branca, significando, dizia-se, serem eles sem mácula e corretos para com os cristãos e negros e terríveis contra os infiéis.

2. Testeira. (N. do T.)

Capítulo XIII

Acerquem-se daqui os distintos para junto, heróis, deste recinto.

Vós, que força e arte ostentais, Vinde, com elas, vencer os demais A vaca, vinte valendo, será dada A flecha mais longe atirada.

Iliada

Pronunciado o nome de Ivanhoé, a notícia espalhou-se de boca em boca com a celeridade com que a avidez de novas se transmite à curiosidade de recebê-las. Rapidamente chegou ao círculo do Príncipe, que, ao ouvi-la, ficou de rosto ensombrado. Olhando em torno de si, com escárnio, disse: — Senhores, e, em especial, vós, Sr. Prior, que pensais da doutrina que os sábios nos ensinam da simpatia e antipatia inatas? Pareceu-me ter sentido a presença dum favorito de meu irmão muito antes de saber quem aquela armadura cobria.

- Front-de-Boeuf deve tratar de pensar na devolução do seu feudo lembrou De Bracy, que, após ter combatido valorosamente no torneio, tirara o elmo e pousara o escudo, juntando-se ao grupo do Príncipe.

— Assim será — concordou Waldemar Fitzurse.

— Aquele bravo é bem capaz de reclamar o castelo que Ricardo lhe destinou, mas que, graças à generosidade de Vossa Alteza, foi depois dado a Front-de-Boeuf.

— Front-de-Boeuf — interpôs João — é homem para facilmente engolir três solares iguais ao de Ivanhoé sem deixar escapar-se-lhe um que seja. De resto, senhores, creio que ninguém porá em dúvida o direito que me assiste de distribuir os feudos da coroa pelos meus fiéis seguidores, sempre a meu lado e sempre dispostos a colocarem a necessária força militar ao nosso serviço, em vez de àqueles que partiram para terras estranhas, não podendo nem nos prestar vassalagem, nem serviços, quando para tal são requeridos.

A audiência tinha demasiados interesses na questão para não deixar de confirmar como livre de quaisquer dúvidas o direito que o Príncipe tomara para si.

— Um príncipe generoso! Um nobre fidalgo, que pelas próprias mãos recompensa os seus leais servidores!

Estas frases provinham de membros do séquito ambicionando, se delas não usufruíssem já, concessões semelhantes à custa dos partidários de Ricardo. O prior Aymer, que juntara o seu sim à opinião geral, observou, contudo, que "Jerusalém abençoada não podia ser vista como terra estranha. Era, sim, communis mater, a mãe da cristandade. Não entendia, porém", declarou, "em que poderia Ivanhoé basear-se ele [o Prior] estava informado de que os cruzados, às ordens de Ricardo, não tinham ido além de Askalon, que, todos o sabiam, era uma cidade dos filisteus, sem, evidentemente, quaisquer dos merecimentos da Cidade Santa".

Waldemar, curioso, tivera ido até onde Ivanhoé tombara e, regressando, informou: — O valente guerreiro não deve vir a causar grandes problemas a Vossa Alteza ou perturbar Front-de-Boeuf no concernente aos seus ganhos. Está gravemente ferido.

— Aconteça-lhe o que lhe acontecer — lembrou o príncipe João -, é o vencedor do dia. Fosse ele dez vezes mais nosso inimigo, ou o mais dedicado dos amigos de nosso irmão, o que seria o mesmo, e o seu ferimento seria igualmente atendido. O nosso físico particular tratá-lo-á.

— Um sorriso severo desenhara-se no rosto do Príncipe quando isto dizia. Waldemar apressou-se a comunicar-lhe que Ivanhoé já fora retirado da liça, estando, no momento, sob os cuidados dos seus amigos.

— Perturbou-me um tanto — prosseguiu — a aflição da Rainha do Amor e da Beleza, cujo reinado de um dia se transformou quase num luto. Não sou homem de me comover com a dor duma dama ante o sofrimento do seu amado, mas tenho de reconhecer que dominou os seus sentimentos com tanta dignidade de modo que apenas se reconheceriam observando-lhes as mãos apertadas e os olhos, sem águas mas trémulos, presos ao corpo caído junto dela.

— Quem é esta Lady Rowena — perguntou o Príncipe -, de quem tanto ouço falar?

— Uma herdeira saxônica de posses imensas — explicou-lhe o Prior -; uma flor de beleza, a mais bela entre milhares, um feixe de mirra, um racimo de cânfora.

— Aliviar-lhe-emos as penas — respondeu João - e melhorar-lhe-emos o sangue casando-a com um normando. Se é menor, como aparenta, o nosso real dever é arranjar-lhe homem... Que dizes tu, De Bracy? Que pensarias tu se apanhasses vastas terras e prédios casando com uma saxônia, de acordo com os costumes dos que serviram o Conquistador?

— Sejam as terras de meu grado, senhor — sorriu-se De Bracy -, que a noiva dificilmente me desagradará. Desde já fico

altamente agradecido a Vossa Alteza pela generosidade com que materializa as promessas feitas a este vosso servo e vassalo.

— Não nos esqueceremos — afirmou o Príncipe.

— E, para iniciarmos a nossa obra, ordena de pronto ao nosso senescal que vá convidar, para o nosso banquete, Lady Rowena e seus companheiros, ou sejam, o seu boçal guardião e aquele brutamontes saxão que o Cavaleiro Negro atirou pelos ares no torneio... Bigot — acrescentou para o senescal -, farás que este segundo convite seja suficientemente cortês para satisfazer o orgulho daqueles saxões e tornar-lhes-ás toda e qualquer recusa impossível... embora, pelos ossos de Becket, estender amabilidades àquela gente seja o mesmo que dar pérolas a porcos. O príncipe João, tendo dado estas instruções, preparava-se para se ir embora dali quando um pequeno bilhete lhe foi entregue.

— Da parte de quem? — indagou a quem lho trouxera.

— Do estrangeiro, senhor meu, mas de onde não sei — respondeu o criado.

— Trouxe-o um francês, que garantiu ter cavalgado noite e dia para o fazer chegar às mãos de Vossa Alteza. O Príncipe olhou, desconfiado, o bilhete, primeiro o sobrescrito, depois o selo, que fora colocado de forma a prender a fita de seda que o cercava e que ostentava impressas três flores-de-lis. João, com agitação nítida, que aumentou quando o abriu, leu o seu conteúdo, que rezava somente: "*Cuida-te, porque o Diabo já anda à solta!*"

Pálido de morte, o Príncipe baixou os olhos para o chão e voltou-os depois para o céu, como quem acaba de saber ter sido condenado à morte. Dominando-se, chamou Waldemar Fitzurse e De Bracy à parte, mostrando a nota a ambos.

— Isto quer dizer — segredou com voz trémula -, que meu irmão Ricardo conseguiu a liberdade.

— Pode tratar-se de falso alarme — lembrou De Bracy.

— Reconheço a letra e o selo — respondeu o Príncipe.

— É, pois, altura de nos mudarmos para Iorque ou qualquer outro sítio central. Se deixarmos passar alguns dias, poderá fazer-se tarde. Vossa Alteza terá de acabar com esta farsa aqui.

— Nem os homens livres, nem a arraia-miúda, podem ser dispersos insatisfeitos por não terem tido a sua parte nos jogos — recordou De Bracy.

— O dia ainda vai alto — sugeriu Waldemar.

— Deixem-se os arqueiros atirar uma dúzia de setas e dê-se um bom prêmio ao vencedor. Só isso representará um bom presente da parte do Príncipe para esta horda de saxões.

— Agradeço-te, Waldemar — disse o Príncipe -, o teres-me recordado que tenho uma dívida a cobrar daquele camponês que, ontem, insultou a nossa pessoa. Igualmente o banquete terá de se realizar tal como propusemos. Nem que fossem estes os nossos últimos dias no poder, que, ao menos, o sejam de vingança e de prazer! Deixemos as preocupações para amanhã, que é novo dia!

As trombetas atraíram de novo as pessoas que se afastavam, após o que foi lida uma Comunicação, de acordo com a qual o príncipe João, repentinamente chamado pelos seus altos deveres nacionais, se via obrigado a cancelar as festividades do dia imediato. No entanto, e para que os tantos homens livres ali presentes não partissem sem terem demonstrado as suas habilidades, dar-se-ia de imediato início à competição de tiro ao arco inicialmente marcada para o dia seguinte. O melhor arqueiro teria como prêmio uma trompa de caça encastoadada em prata e um bellissimo boldrié com uma medalha de Santo Humberto, o patrono dos caçadores.

Imediatamente se apresentaram para a competição uns trinta homens livres, entre eles vários couteiros e guardas das matas reais de Needwood e Charnwood, mas uns vinte deles logo desistiram ao perceberem contra quem teriam de concorrer, evitando assim uma derrota certa. Naqueles dias, a perícia de todos que sabiam bem manejar o arco era conhecida num raio de muitas léguas do lugar onde vivesse, tal como agora as qualidades dum cavalo treinado em Newmarket o são de quem por lá costuma passar o tempo.

O grupo de concorrentes, apenas com oito homens de fama, foi inspeccionado pelo príncipe João, que saiu do seu trono para melhor Poder apreciar aqueles homens, alguns dos quais envergando o fardamento real. Satisfeito o seu interesse, procurou o objecto do seu ressentimento, que facilmente localizou no lugar do costume e que, como no dia anterior, continuava perfeitamente sereno.

— Homem! — chamou o Príncipe. — Julgara, pela tua insolência, que não eras adepto do arco longo. Vejo agora que não ousas competir com os que ali estão.

— Perdão, senhor — replicou-lhe o homem livre.

— O motivo que me impede de atirar é outro que não o medo de perder.

— E qual é essa razão? — quis saber o Príncipe, que, por qualquer causa que nem saberia definir, sentia uma estranha curiosidade em relação àquele indivíduo.

— Não sei — explicou o mateiro — se estes atiradores estão acostumados aos mesmos alvos do que eu. Além disso,

ignoro como reagiria Vossa Graça ao ter de, pela terceira vez, dar um prêmio que involuntariamente caiu no seu desagrado.

O príncipe João, corando, perguntou: — Qual é o teu nome?

— Locksley — foi a resposta.

— Então, Locksley, atirarás depois destes homens terem demonstrado que o sabem fazer. Se fizeres melhor do que o primeiro, dar-te-ei o prêmio e ainda vinte moedas de ouro mais. Se perderes, mando despir-te esse fato verde e ordeno que te ponham fora do campo à chicotada pela tua insolência e vaidade.

— E se me recusar a atirar nessas condições? — indagou Locksley. — A força de Vossa Graça apoia-se em tantos guardas que lhe será fácil bater-me, mas não suficiente para me obrigar a vergar um arco.

— Se recusares a minha leal oferta — rosou o Príncipe -, o preboste cortar-te-á a corda do arco, partirá as tuas flechas e expulsar-te-á da liça como um bicho medroso que és.

— Não me dais margem alguma, orgulhoso Príncipe — disse o homem.

— Obrigai-me a arriscar-me ao lado dos melhores arqueiros de Leicester e Staffordshire, sob pena de severo castigo se eles me superarem. No entanto, obedecer-vos-ei.

— Guardas! Mantenham-no debaixo de olho — mandou o príncipe João.

— Está a perder a coragem e não desejo que fuja ao julgamento. Quanto a vós, bons homens, atirai sem medo! Estão ali naquela tenda um veado e uma pipa de vinho para vos consolardes depois da competição.

Na extremidade superior da avenida principal, do lado sul, foi colocado um alvo. Os concorrentes tomaram as suas posições no outro lado, a uma distância que os obrigaria a atirar "a ver o que é que dava", como diziam. Estabelecida, por sorteio, a sequência de tiro, combinou-se igualmente que cada um dispararia três flechas seguidas. Arbitraria a competição o preboste de jogos, um oficial de patente baixa, uma vez que os mestres-de-cerimônias se sentiriam diminuídos se tivessem de lidar com gente de tão baixa condição.

Um por um, os arqueiros adiantaram-se, atirando com perícia espantosa. De vinte e quatro flechas, dez tinham atingido o alvo e as restantes espetando-se tão perto dele que, tendo em conta a distância em causa, todas podiam ser consideradas como provas de excelente capacidade. Das dez setas no alvo, duas, enterradas no círculo interior, tinham sido arremessadas por Hubert, guarda-mata de Malvoisin, que, logicamente, foi considerado como o primeiro.

— Chegou a tua vez, Locksley — sorriu cruelmente o Príncipe.

— Sempre queres medir forças com Hubert, ou preferes entregar o arco, o boldrié e a aljava ao preboste?

— Como nada lucraria com isso — respondeu Locksley -, vou tentar a minha sorte. Mas com uma condição: depois de eu ter atirado duas flechas ao alvo de Hubert, ele terá de atirar uma contra outro, desta vez escolhido por mim.

— É justo — concordou o Príncipe. — Não o recusamos... E tu, Hubert, se venceres este gabarola, ficarás com o teu alforge a abarrotar de moedas de prata.

— Cada um só faz o que pode — foi dizendo Hubert -, mas procurarei não envergonhar a memória dum dos meus antepassados que tão bem usou o arco em Hastings.

O alvo foi substituído por outro novo, mas que ficou no mesmo local. Hubert, como vencedor, foi o primeiro a atirar. Apontou deliberadamente, calculou a distância e, mantendo o arco bem dobrado, com a flecha já na corda, deu um passo em frente, esticou a todo o comprimento o braço esquerdo, vergando o arco completamente, e puxou a corda até à orelha. A flecha zuniu e foi espetar-se no círculo interior, mas não precisamente no centro.

— Se tivesse tomado o vento em conta, Hubert — lembrou-lhe o antagonista, preparando o seu arco -, esse tiro teria sido bem melhor.

Avançou enquanto isto afirmava e disparou, parecendo nem sequer ter olhado para o alvo. A flecha partiu e foi cravar-se cinco centímetros mais próxima do centro do que a de Hubert.

— Pelos Céus! — exclamou o Príncipe para Hubert. — Deixaste este renegado vencer-te. Mereces ir para as galés. Hubert tinha, para todas as ocasiões, o mesmo argumento.

-Mesmo que Vossa Alteza me enforcasse — disse -, cada um só faz o que pode. É certo que o meu antepassado...

— Que o Diabo leve o teu antepassado e mais todos os seus descendentes! — cortou-o o Príncipe. — Atira, malandro! Atira o melhor que puderes, ou pagá-lo-á bem caro.

Espicaçado desta maneira, Hubert tomou de novo posição e, não se esquecendo desta feita da recomendação do adversário, fez a correção que a leve brisa que soprava exigia e enfiou uma seta no centro exato do alvo.

— Viva Hubert! Viva Hubert! — saudou a população. — Mesmo na mosca! Viva Hubert!

— Melhor do que isto não conseguirás tu, Locksley — sorriu sardonicamente o Príncipe.

— Mesmo assim, vou-lhe tirar uma nica da flecha — respondeu Locksley.

Fez então partir uma flecha, com praticamente o mesmo à-vontade do tiro anterior, que se foi espetar no cabo da do seu competidor, rachando-a de alto a baixo. As pessoas à volta ficaram tão espantadas com tanta destreza que quase nem o ovacionaram. "É capaz de ser o Demônio encarnado" – segredaram os homens livres entre si. — "Nunca se viu atirar desta maneira desde que há arcos e flechas na Grã-Bretanha!"

— E agora — propôs Locksley — peço autorização a Vossa Graça para colocar o alvo como o pomos nas terras do Norte. Que cada um dos arqueiros presentes o tente e, com isso, ganhe um sorriso da cachopa de que mais gostar.

— Começando a andar, acrescentou: — Por favor, que os vossos guardas me acompanhem vou só ali buscar um galho de salgueiro.

O Príncipe fez sinal a uns guardas para o acompanharem, não fosse ele escapulir-se, mas, aos gritos de "Não! Não!" da multidão, suspendeu a ordem. Locksley regressou, quase imediatamente, com um ramo de salgueiro, de cerca de dois metros, bem direito e da grossura de um polegar. Tratou cuidadosamente de lhe tirar a casca, observando simultaneamente que "convidar um bom mateiro a atirar em alvos como o que anteriormente tinham usado era quase um insulto", continuou dizendo que "isso correspondia, lá para as bandas onde fora criado, a usar-se como alvo a tábola redonda, à volta da qual se sentavam o rei Artur e sessenta cavaleiros", e prosseguiu: "Uma criança de sete anos podia perfeitamente acertar num alvo daqueles, com uma flecha sem ponta, mas", continuou falando e afastando-se até ao fim da liça e enterrando aí a vara de salgueiro no chão, "atingir este pau a noventa metros é digno de se servir do arco ao lado de qualquer soberano, mesmo que seja Ricardo."

— O meu antepassado, que tão bem atirou em Hastings, nunca teve um alvo destes pela frente. Se este homem conseguir acertar naquela vara, dou-lhe o meu cinturão, ou, melhor, dou-o ao Diabo, que deve estar dentro dele, porque só o Demo será capaz de fazer o que ele quer. Cada um só faz o que pode e eu não entro em jogos em que sei que perco. Corresponderia a atirar contra a pontinha da fralda do abade da minha paróquia, contra uma palheira de trigo, contra um raio de sol, ou contra um sinalzinho branco que mal se vê.

— Covardolas! — praguejou o Príncipe. — Atira tu, mestre Locksley. Mas nota que, se acertares, farás o que ninguém jamais fez. E a mim não me bastam cantares de galo. Quero ver. Atira!

— Cada um faz o que pode, como diz Hubert — respondeu Locksley -, e a mais não é obrigado. Pegou no arco, mas, desta vez, examinou-o, substituiu-lhe a corda, que não lhe pareceu bem centrada, devido ao uso anterior.

Fez mira com todo o cuidado, enquanto a assistência, suspensa, aguardava. O arqueiro não lhes desmentiu as expectativas. A sua flecha fendeu de cima a baixo a vara contra a qual fora atirada. Foi o delírio. Mesmo o príncipe João, pasmado com o feito, esqueceu por segundos a antipatia que por ele sentia e bradou: — Merecidamente ganhaste estas vinte moedas de ouro e a trompa. Que façanha! Transformaremos as primeiras em cinquenta se trocares essas roupas pela libré do meu corpo de guarda pessoal e te juntares à nossa pessoa. Não existem nem mãos, nem olhos iguais aos teus!

— Perdoai-me, nobre príncipe — respondeu Locksley -, mas fiz uma promessa de a ninguém servir que não fosse o vosso real irmão, o rei Ricardo. Deixo as vinte moedas para Hubert, que, hoje, não envergonhou o seu antepassado de Hastings.

Creio até que, se a sua modéstia o não tivesse afastado da competição, teria também acertado no salgueiro. Hubert abanava a cabeça quando, relutantemente, aceitou o dinheiro do desconhecido. Locksley, fugindo a mais conversas, desapareceu entre a gente, para não tornar a ser visto. O arqueiro não se teria escapado com tanta facilidade de João se este não estivesse preocupado com outras e bem mais graves questões.

Chamando o seu camareiro e preparando-se para abandonar a liça, ordenou-lhe que fosse, a galope, a Ashby procurar Isaac, o Judeu.

— Diz a esse cão — ordenou — que me entregue até ao pôr do Sol duas mil coroas. Ele sabe qual é a minha garantia, mas tu terás de lhe apresentar este anel para se certificar que vais de meu mando. O restante dinheiro será pago em Iorque, dentro de seis dias. Se o não fizer, ficará sem a cabeça. Vê se o apanhas na estrada, por onde, faz pouco, esse escravo circuncidado seguia, todo luxuoso, à nossa custa. O Príncipe tomou o caminho de Ashby e a assistência foi-se dispersando.

Capítulo XIV

Com uma rude elegância se vestia, Exibindo-se a antiga cavalaria com pompa. em jogos arriscados, Ante damas e chefes emplumados Reunidos pelo som forte e belo Do clarim no soldo do castelo.

Warton

O grande banquete do príncipe João realizou-se no Castelo de Ashby. Não são deste as imponentes ruínas que ainda chamam a atenção dos passantes, mas dum outro mais tarde erguido por Lorde Hastings, camareiro-mor de Inglaterra, uma das primeiras vítimas da tirania de Ricardo III (1483-1485), mais conhecido como um personagem de Shakespeare do que pela sua fama histórica.

O castelo e a vila de Ashby pertenciam então a Roger de Quincey, conde de Winchester, ausente, durante o período do nosso conto, a combater na Terra Santa. João, que entretanto lhe ocupara o castelo e dispusera das suas terras sem qualquer pejo, desejava agora impressionar as gentes com a sua hospitalidade e magnificência, tendo ordenado as necessárias preparações de modo que resultassem o mais faustosas possível.

Os fornecedores do Príncipe, atuando, nesta e noutras ocasiões, com toda a autoridade real, tinham limpo a região de tudo a que pudessem deitar mãos e que fosse de agrado para a mesa do seu patrono. Foi grande igualmente o número de convidados, tendo o príncipe João, pela precisão que sentia de apoiantes, incluído entre eles algumas famílias fidalgas dinamarquesas e saxônicas, além, claro está, da nobreza e da classe média normanda das redondezas. Se bem que desprezados e troçados em ocorrências diárias, os Anglo-Saxões representavam um número tão elevado que muito podia pesar nas quase certas perturbações civis a ocorrer, pelo que, em casos como este, era sempre de boa política conquistar-se-lhes os seus dirigentes.

O Príncipe decidira, e durante algum tempo ateu-se a essa ideia, tratar esses hóspedes pouco desejados com uma cortesia a que não estavam acostumados. Todavia, tal como acontece com as pessoas de poucos escrúpulos, cujos hábitos e sentimentos diários se alteram de conformidade com os seus interesses, João, pela sua petulância e leviandade, era atreito a, frequentemente, desfazer tudo o que a sua manha às vezes conseguia obter.

Deste temperamento volúvel dera já um exemplo memorável na Irlanda, quando lá mandado pelo pai, Henrique II (1154-1189), para bem impressionar a população daquele importante e recente acrescento à coroa inglesa. Nessa ocasião, quando os chefes irlandeses disputavam entre si a honra de quem seria o primeiro a prestar-lhe homenagem e a dar-lhe o ósculo da paz, o Príncipe e os seus companheiros, em vez de lhes aceitarem os cumprimentos com delicadeza, não resistiram a puxar-lhes as barbas, atitude que, como é de compreender, ofendeu profundamente aqueles dignitários, acarretando consequências fatais para o domínio inglês sobre a ilha. É de todo o interesse manter o leitor ao corrente da maneira de ser de João para que melhor compreenda a sua atitude durante a noite a descrever-se.

Dando continuidade à resolução tomada quando calmo ainda, o príncipe João recebeu Cedric e Athelstane com digna afabilidade, revelando, sem ponta de mau humor, toda a sua compreensão e desapontamento quanto à indisposição que tornara inviável a comparência de Rowena. Cedric e Athelstane trajavam roupas segundo os costumes saxônicos, que, embora não fossem deselegantes e feitas dos melhores tecidos, ficavam tão longe em corte e aparência das dos demais que o príncipe João, assistido por Waldemar Fitzurse, teve de fazer grande esforço para não se perder a rir perante tais trajes, que a moda do momento via como ridículos.

Na verdade uma apreciação imparcial inferiria serem as curtas túnicas e longos mantos dos Saxões bem mais elegantes do que os fatos normandos, cujos longos gibões, tão largos que mais se assemelhavam a batas de carroceiros, e os curtíssimos mantos, que nada protegiam, pareciam servir apenas como bases para tantos bordados, peles e aplicações de ourivesaria, quantos os alfaiates lá pudessem aplicar. O imperador Carlos Magno, durante o reinado de quem estas peças surgiram, embirrava com elas. "Deus do Céu", comentava, "para que servem estas capinhas? Na cama nada cobrem, a cavalo não nos defendem do vento e da chuva e sentados não protegem as pernas, nem da umidade, nem da geada."

Não obstante esta imperial opinião, as capas curtas eram moda ainda na altura que estamos a narrar, sobretudo entre os príncipes da Casa de Anjou. Naturalmente, todos os cortesãos de João os envergavam, vendo os compridos mantos dos Saxões

como perfeitamente inaceitáveis. À volta duma mesa ajoujada no peso de tudo quanto era bom sentavam-se os convidados. Os muitos cozinheiros do Príncipe tinham dado largas às suas artes transformando os mantimentos de que dispunham de modo só comparável ao dos mestres de culinária modernos, que conseguem dar aos alimentos todos os aspectos menos aquele que realmente têm. Para lá das travessas tradicionais, havia muitas mais de origem estrangeira, pastelaria sem conta, filhoses e pães especiais que normalmente só se viam nos solares dos maiores nobres. Regavam a refeição os melhores vinhos, nacionais e estrangeiros.

Se bem que amantes de luxos, os Normandos não eram, dum modo geral, uma raça gluttona. Apreciando mais a delicadeza e a qualidade da comida do que a sua quantidade, atribuíam os defeitos da gula e da bebedeira aos seus vencidos, os Saxões, justificando-as como manifestações próprias das classes inferiores. Todavia, o príncipe João e os seus seguidores, que o imitavam, eram exceções, abusando quer dos pratos, quer dos copos. Observe-se, a propósito, que este príncipe viria a morrer empanturrado com pêssegos e cerveja nova em demasia. A sua conduta, contudo, foi uma exceção relativamente aos costumes usuais dos seus conterrâneos.

Com fingida seriedade, apenas quebrada por sinaizinhos entre si, os cavaleiros e os nobres normandos iam apreciando as rudes maneiras de Cedric e Athelstane, que não sabiam bem como se comportar neste tipo de refeições, a que não estavam habituados. À medida que iam sendo galhofeiramente apreciados, os dois saxões seguiam transgredindo várias das regras da etiqueta em vigor naquela sociedade. É conhecido que as pessoas são mais facilmente desculpadas por quebrarem qualquer regra de boa educação do que por se mostrarem ignorantes dos mínimos pontilhos de etiquetas em uso.

Assim, Cedric, que costumava secar as mãos numa toalha, em vez de o fazer agitando-as levemente, cometeu um erro maior do que Athelstane, que engoliu, inteiro, um grande pastel, feito das mais deliciosas iguarias vindas de fora e a que chamavam um karum. Quando, após demorado exame, se verificou, porém, que o nobre de Conningsburgh não fazia a menor ideia do que seria o recheio do que devorara, pensando ser, talvez, feito com Laverças e pombos, e não de papa-figos e rouxinóis, também sobre ele tombou uma imensa onda de troça, que mais apropriada seria se se dirigisse contra a sua guloseima.

Aproximava-se do fim da prolongada festa. O vinho corria livremente e os homens conversavam acerca das façanhas do torneio, do vencedor desconhecido do tiro ao arco, do Cavaleiro Negro, cuja indiferença o levava a perder as honras que lhe eram devidas, e do garboso Ivanhoé, que tão caro comprara a vitória. Estes tópicos eram discutidos com franqueza e com piadas que faziam todo o salão vibrar ao som de gargalhadas. Somente a frente do Príncipe se mostrava ensombrada durante esta troca de impressões subentendendo-se que qualquer preocupação o roía.

Foi preciso uma chamada de atenção por parte dum dos seus para que entrasse na conversa geral. Era seu costume, nestas circunstâncias, beber dum trago uma caneca de vinho para levantar o ânimo e juntar-se ao tema geral com qualquer observação abrupta ou atirada ao acaso.

— Bebamos esta taça — propôs — à saúde de Wilfred de Ivanhoé, campeão da Passagem de Armas, lamentando que os seus ferimentos o tenham impedido de aqui vir. Que todos me acompanhem, e em especial Cedric de Rotherwood, pai de jovem tão prometedor.

— Não, senhor meu — exclamou Cedric, levantando-se e pousando a sua taça -, nunca chamarei filho a um jovem que me desobedeceu e que não só despreza as minhas ordens como põe de parte os costumes dos seus antepassados.

— É impossível — disse o príncipe João com espanto simulado — que um cavaleiro tão bravo possa ser um filho tão desobediente e tão pouco merecedor.

— E, no entanto, senhor, assim acontece -respondeu-lhe Cedric -, com Wilfred. Deixou o lar para se juntar aos joviais e nobres seguidores de vosso irmão, com quem aprendeu as suas artes equestres, que tanto apreciáis. Saiu contra os meus desejos e ordens. Nos tempos de Alfredo chamava-se a isso desobediência... crime que se punia com severidade.

— Lamentável — concordou o Príncipe com um suspiro profundo e ar de compreensão simulada.

— Uma vez que seu filho se juntou ao nosso infeliz irmão, não é difícil descobrir-se com quem aprendeu as suas lições de desobediência filial. Foram exatamente estas as palavras de João, o que mostrava esquecer-se que, de todos os filhos de Henrique II, ainda que nenhum fosse inteiramente inocente, ninguém mais do que ele maior rebelião e ingratidão revelara.

— Julgo — acrescentou um pouco depois -, que o nosso irmão tencionava oferecer um paço a Ivanhoé.

— Concedeu-lhe, na realidade — assentiu Cedric. — Constituiu até esse fato um ponto de discórdia entre nós, pois que, pessoalmente, não podia aceitar vê-lo como vassalo em terras que os seus maiores tinham possuído livre e independentemente.

— Temos então a sua voluntária sanção, bom Cedric — indagou o Príncipe -, para entregar o feudo a qualquer outra pessoa que não se sinta diminuída ao usufruir terras da coroa inglesa?... Sir Reginald Front-de-Boeuf — observou para o barão -, espero que cuideis bem da baronia para que Sir Wilfred não caia no desagrado de seu pai dela tomando posse.

— Por Santo António! — exclamou o gigante. — Até aceitaria que Vossa Alteza me chamasse saxão se ou Cedric, ou Wilfred, ou qualquer outro de sangue inglês, tentasse tirar-me o que me haveis confiado.

— Quem te chamar saxão, barão — interrompeu Cedric, ofendido com o modo como os Normandos mostravam o seu desprezo pelos Saxões -, far-te-ia a maior honra que se pode fazer. Front-de-Boeuf ia responder, mas a impetuosidade do Príncipe antepôs-se-lhe: — Claro — disse -, meus senhores. O nobre Cedric está a falar verdade, pois a sua geração tem precedência sobre nós, quer geneallogicamente, quer em comprimento das capas. — exato. Precedem-nos como os veados precedem os nossos cães — sugeriu Malvoisin.

— E com todo o direito nos devem preceder — acrescentou o Prior -, tanto pela sua delicadeza superior como pelas suas requintadas maneiras.

— E pela sua temperança e sobriedade notáveis — disse De Bracy, nem se lembrando que lhe tinha sido prometida uma noiva saxônia.

— A par da sua coragem e porte — opinou Brian de Bois-Guilbert -, em Hastings e noutros locais.

À medida que mais e mais cortesãos, sorridentes e suaves, iam glosando o mote do Príncipe, o rosto do Saxão foi-se inflamando de fúria, olhando, irado, ora para um ora para outro, conforme os insultos iam chovendo, e sem ter tempo para a nenhum responder. Assemelhava-se a um touro encurralado por todos os lados e sem saber sobre qual carregar. Por fim falou, com a voz embargada pela emoção, voltado para o príncipe João, como que escolhendo-o como cabeça e principal dos seus torturadores.

— Quaisquer que tenham sido os vícios da nossa raça, entre os Saxões apenas um nidering(1) (palavra significando a maior e mais abjeta vileza) dentro dos próprios salões, onde oferecera comida e bebida, insultaria um convidado que nada lhe tivesse feito, como Vossa Alteza acaba de fazer para comigo. E, fosse qual fosse a sorte em Hastings, devem calar-se — aqui fixou Front-de-Boeuf e o Templário — aqueles que há poucas horas ainda morderam a terra à força de lanças saxônicas.

— Pela minha fé, uma piada a doer! — exclamou o príncipe João.

— Os nossos súbditos saxões levantam-se com ímpeto e coragem, tornam-se inteligentes, graciosos e arrojados! Que achais, senhores? Pelo que escuto, devíamos saltar para os nossos barcos e voltar para a Normandia enquanto é tempo.

— Se tivermos medo dos Saxões — riu-se De Bracy -, não precisaremos de armas. Bastar-nos-ão os chuços de caça para acosar tais javardos.

— Suspendam essa conversa, Srs. Cavaleiros — pediu Fitzurse -, para que Sua Alteza possa explicar ao respeitável Cedric que não havia qualquer ponta de insulto nos vossos apartes, que, todavia, poderiam ser mal interpretados por ouvidos estranhos.

— Insulto?! — exclamou o Príncipe, retomando as suas boas maneiras. — Espero que ninguém pense que autorizaríamos que alguém fosse insultado na nossa presença. Vejam! Levanto a minha taça à saúde de Cedric, uma vez que ele não quer que o façamos à do filho.

A taça deu a volta à mesa, ao som de aplauso hipócrita partindo dos cortesãos, mas o Saxão, mesmo assim, não perdeu a péssima impressão com que ficara. Não era, por natureza, muito vivo, mas este grupo julgara-o muito mais estúpido do que seria ao acreditar que um mero lisonjeio apagaria a sua ofensa anterior. Apesar de tudo, conservou-se calado. A taça rodou de novo "à saúde de Sir Athelstane de Conningsburgh". O cavaleiro brindado agradeceu esvaziando um enorme copo.

— E agora, senhores — propôs o príncipe João, a quem o vinho começava a toldar -, que já fizemos justiça aos nossos hóspedes saxões, rogamolhes que no-la retribuam. Dignosenhor — prosseguiu falando para Cedric -, pedimos-lhe que saúde alguém, normando, cujo nome não vos faça sentir a boca suja a ponto de necessitardes de beber outro copo para limpar o amargor que vos possa ter deixado.

Fitzurse erguera-se enquanto o Príncipe falava e, colocando-se atrás do Saxão, segredou-lhe que não perdesse aquele ensejo de abrandar a fricção entre as duas raças, sugerindo-lhe que nomeasse o príncipe João. O Saxão não respondeu e, enchendo um copo até às bordas, discursou assim para o Príncipe: — Vossa Alteza pediu-me que citasse um normando merecedor de ser aqui lembrado. É talvez um pouco ingrato o pedir-se a um escravo que enalteça o seu amo, rogar-se a um vencido que cante o seu vencedor. Mesmo assim, beberei a um normando, o primeiro nas armas e em categoria, que vejo como o mais nobre entre todos. Aqueles que me não acompanharem neste brinde à sua tão exaltada fama considerá-los-ei como falsos e sem honra, passando para sempre a vê-los dessa maneira. Bebo este copo à saúde de Ricardo Coração de Leão!

O príncipe João, que esperava que fosse com o seu nome que o Saxão terminasse o seu discurso, estremeceu ao escutar o do irmão. Mecanicamente, levou o copo à boca e de imediato o pousou para apreciar o comportamento daquela assembleia perante a inesperada proposta, que muitos achariam tão perigosa de aceitar como de recusar. Alguns, velhos e sabidos, copiaram o Príncipe, levando o copo aos lábios e baixando-o.

Houve muitos, de melhores intenções, que exclamaram "Viva o rei Ricardo! E que breve se nos junte!" Outros, poucos, entre eles o Templário e Front-de-Boeuf, não tocaram sequer nas suas taças. Nenhum, porém, ousou abertamente contradizer aquela saudação ao monarca reinante. Cedric gozou a sua vitória por uns momentos. A seguir disse para o seu companheiro: — Vamos, nobre Athelstane. Já abusámos demasiado da gentileza do príncipe João. Quem quiser conhecer mais e melhor as nossas rudes maneiras saxônicas, deverá visitar-nos nos paços dos nossos antepassados. Quanto a nós, já vimos bem como são os banquetes e os modos normandos. Saiu do salão, seguido por Athelstane e outros convidados, que, sendo de sangue saxão, se tinham igualmente ofendido com os sarcasmos de João e dos seus.

— Pelos ossos de São Tomé! — bradou o Príncipe. — Aqueles camponeses saxões venceram o melhor do dia e ainda saíram em triunfo.

— Conclamatum est, poculatum est — disse o Prior. — Já bebemos, já gritamos o suficiente. Chegou a altura de darmos descanso às garrafas.

— O monge deve ter alguma bela penitente a confessar para tanta pressa de partir revelar — comentou De Bracy.

— Não é o caso, Sr. Cavaleiro — retorquiu-lhe o abade. — Tenho apenas de percorrer muitas milhas até ao convento.

— Fogem — disse, baixo, o Príncipe a Waldemar Fitzurse. — O meu medo leva-os a perceber o que vai suceder. O Prior, o covarde, é o primeiro a afastar-se de mim.

— Nada temeis, senhor — respondeu Waldemar. — Em Iorque apresentar-lhe-ei motivos bastantes para se juntar de novo a nós... Sr. Prior — acrescentou -, gostaria de ter uma palavra convosco antes de partirdes. Os demais convidados, exceto os muito íntimos de João, saíram em grupos.

— É então este o resultado do seu conselho? — perguntou o Príncipe, zangado, a Fitzurse. — Ter de ser vexado por um camponês saxão e bêbado e ver a gente fugindo da minha beira, como de um leproso, só porque escutou o nome de meu irmão?

— Paciência, senhor — acalmou-o o conselheiro. — Bem podia responder à vossa acusação atribuindo-a a leviandades que modificaram as minhas intenções e alteraram o que bem pensado fora. Não é, todavia, momento para recriminações.

1. Nada existia de mais ignominioso entre os Saxões do que o epíteto em questão. Mesmo Guilherme, o Conquistador, por muito que o odiassem, conseguiu reunir sob o seu estandarte inúmeros Anglo-Saxões, ameaçando-os de considerar como nidering quem a si se não juntasse. Bartholinus relata, creio, um sistema semelhante por ele empregado para influenciar os Dinamarqueses. (N. do T.)

Capítulo XV

Mesmo assim, ele pensa, ah! ah! ah! Pensa Ser eu um servo, um criado a sua expensa. Deixemos pensá-lo; numa teia, numa confusão, Os seus planos hão-de acabar em opressão. Entretanto, procurarei um melhor ideal Só para mim. Quem nisso verá algum mal?

Basil, Uma Tragédia

Nenhuma aranha jamais trabalhou tão afanosamente a recompor a sua teia desfeita como Waldemar Fitzurse no reunir e tornar a captar os dispersos apaniguados do Príncipe. Nem um só lhe estava ligado por inclinação ou afeição. Foi, pois, preciso que Fitzurse lhes indicasse novas possibilidades de privilégios e lhes recordasse os muitos que já gozavam. Aos jovens nobres arrebatados acenou-lhes com hipóteses de divertimentos licenciosos livres de quaisquer freios, aos ambiciosos falou-lhes de poder, aos avarentos de riquezas e terras ampliadas.

Os chefes mercenários receberam ouro, um argumento sempre válido quando qualquer outro falhava. As promessas foram ainda mais largamente distribuídas do que o dinheiro por este incansável agente, que tudo fez para incutir decisão aos hesitantes e ânimo aos medrosos. O regresso do rei Ricardo estava, dizia, fora de quaisquer probabilidades.

Quando, contudo, notava certos olhares incertos e respostas duvidosas de alguns e lhes percebia o estado de espírito e os temores que os invadiam, abria-se, declarando ousadamente que, se o acontecimento viesse a verificar-se não seria mais do que um fato que em nada lhe alteraria as ambições políticas. "Se Ricardo voltar", explicava, "fá-lo-á para enriquecer os seus cruzados, pobres e necessitados, à custa daqueles que o não seguiram até à Terra Santa. Voltará para pedir terríveis contas a todos que, na sua ausência, tenham feito algo contrário às leis da terra e aos privilégios da coroa. Se voltar, fá-lo-á para se vingar dos Templários e dos Hospitalários, pela preferência dada a Filipe de França durante as lutas na Terra Santa. Regressará disposto a punir como rebeldes todos e quaisquer que tenham aderido à façção do irmão, o príncipe João. Será que lhe tememos a força?", continuou o ingenioso confidente de João. "Sabemos ser um cavaleiro poderoso e valente.

Todavia, já não estamos nos tempos do rei Artur, quando um campeão apenas enfrentava um exército inteiro. Se Ricardo voltar, será sozinho, sem seguidores, sem amigos. Os ossos da sua garbosa hoste branquejam nas areias da Palestina. Os poucos dos seus que regressaram dispersaram-se por aí, como Wilfred de Ivanhoé, sem dinheiro e possibilidades... E porque é que alguns citam direitos de nascimento no tocante a Ricardo?", ia-se ele próprio encarregando de responder aos que persistiam, apresentando dúvidas quanto a esse ponto.

"Será o título de primogênito de Ricardo superior ao do duque Roberto da Normandia, o filho mais velho do Conquistador? E, no entanto, William, o Vermelho, e Henrique, seus segundo e terceiro irmãos, tiveram sobre ele a preferência da nação. Roberto tinha os mesmos méritos que Ricardo, era um bravo guerreiro, um ótimo condutor, generoso para com os amigos, a Igreja e coroa em geral, um cruzado que conquistou o Santo Sepulcro, e, apesar de tudo isto, veio a morrer, cego e miserável, preso no Castelo de Cardife, somente por se ter oposto à vontade popular, que entendera não dever ele reinar. É nosso direito", prosseguiu, "escolher, de entre os príncipes de sangue real, aquele que melhor qualificado nos pareça para deter o poder supremo...", corrigiu-se, "aquele cuja eleição melhor sirva os interesses da nobreza. No que respeita a qualidades pessoais", concordou, "é possível que o príncipe João fique atrás de seu irmão Ricardo, mas, se se pensar que o último a regressar será brandindo a espada da vingança, enquanto o primeiro distribui benesses, imunidades, privilégios, riquezas e honras, não haverá dúvida quanto a quem a nobreza, inteligentemente, deverá escolher, quando chamada a fazê-lo."

Estes e muitos mais argumentos, por vezes adaptados aos casos especiais daqueles a quem arengava, acabaram por pesar junto dos nobres da ala do príncipe João. Muitos aceitaram assistir à reunião em Iorque, onde se dariam os primeiros passos para a entrega da coroa a João.

Era já alta noite quando, gasto e exausto pelos esforços despendidos, mas simultaneamente satisfeito com os resultados obtidos, regressando ao Castelo de Ashby, se encontrou com De Bracy, que substituíra a roupa que envergava ao banquete por uma curta capa verde e bragas da mesma cor e tecido, um gorro de couro, uma curta espada, uma trompa ao ombro, um arco na mão e uma mancheia de flechas à cintura. Se Fitzurse se tivesse cruzado com ele no exterior, teria passado sem o notar, julgando-o um dos homens da guarda, mas, vendo-o num dos salões principais, mirou-o com mais atenção, logo reconhecendo o cavaleiro normando sob o disfarce dum homem livre inglês.

— Que fantasia é essa, De Bracy? — indagou Fitzurse um nada agastado. — Será altura para brincadeiras próprias do Natal quando o nosso amo, o príncipe João, atravessa um momento crucial da sua vida? Porque não foste, como eu, para perto desses renitentes patifes a quem o nome do rei Ricardo assusta tanto como às criancinhas sarracenas?

— Tenho estado a tratar de assuntos meus — respondeu-lhe De Bracy calmamente -, tal como tu foste atender aos teus.

— Eu, atender a problemas meus?! — berrou Waldemar. — Estive, sim, ao serviço do príncipe João, nosso amo.

— Como se tu não tivesses outra razão, Waldemar — continuou De Bracy -, que não fosse a tua promoção pessoal e os teus interesses. Anda lá, Fitzurse, nós conhecemo-nos... a ambição comanda-te, enquanto a mim é o prazer que o faz, tal como convém a pessoas com a diferença de idade existente entre nós. Do príncipe João pensas como eu penso, ou seja, que é demasiado fraco para ser um bom monarca, demasiado tirânico para ser um soberano bom de lidar, muito insolente e presunçoso para ser um soberano popular, muito volúvel e temeroso para ser um soberano para durar. No entanto, é o monarca à sombra de quem Fitzurse e De Bracy esperam poder subir e prosperar, sendo por isso que tu o auxilias com a tua política e eu com as lanças dos meus Companheiros Livres, — Mas que grande auxiliar — disse, impaciente, Fitzurse -, que anda a fazer figura de tolo no momento em que mais preciso é. De qualquer modo, onde é que vais nesse preparo e com tanta pressa?

— Arranjar mulher — foi a fria resposta de De Bracy. Arranjá-la segundo os costumes da tribo de Benjamim.

— Da tribo de Benjamim? — espantou-se Fitzurse. — Não te compreendo.

— Não estavas presente, ontem à noite, quando o prior Aymer nos contou uma história que viera a propósito da romança que um menestrel cantara? Falou-nos dum feudo que, há muito tempo, se criou entre a tribo de Benjamim e o resto da nação israelita que desfez a cavalaria daquela, jurando pela Mãe de Deus que não permitiriam a nenhum dos que escaparam o casar-se dentro da sua linhagem e como, mais tarde, perturbados com a promessa, decidiram consultar o Santo Padre para que lha levantasse, absolvendo-os. O Santo Padre aconselhou os rapazes da tribo de Benjamim a, durante um torneio, raptarem todas as mulheres presentes, o que fizeram, sem pedir licença nem às noivas, nem às famílias das noivas.

— Ouvi a história — assentiu Fitzurse -, embora ou tu ou o Prior lhe tenham feito umas alterações muito curiosas, quer quanto a épocas, quer quanto aos fatos.

— Pois repito-te — informou De Bracy — que vou tratar de arranjar uma noiva à moda da tribo de Benjamim, o que corresponde a dizer que, vestido como estou, saltarei sobre aquele rebanho de saxões que estiveram no banquete e lhes tirarei a linda Rowena.

— Estás doido, De Bracy? — exclamou Fitzurse. — Lembra-te de que, ainda que esses homens sejam saxões, são ricos e poderosos e altamente estimados pelo povo, até porque gente da sua raça com tais atributos pouca existe agora.

— E não deveria existir nenhuma — sugeriu De Bracy -, para que a tarefa do Conquistador ficasse completa.

— Não é altura para coisas dessas — cortou Fitzurse. — A crise que se aproxima exige o apoio das massas, pelo que o príncipe João não deixaria de castigar quem quer que fosse que lesasse qualquer dos principais saxões.

— Ele que se atreva a escolher — declarou desdenhosamente De Bracy — e depressa conhecerá a diferença entre as minhas poderosas forças e aquele bando de camponeses saxônicos. Nota, porém, que, para já, não quero ser descoberto. Não te pareço um guarda de caça, com esta trompa? O odioso do assalto vai cair sobre os proscritos das matas do Yorkshire. Tenho gente a espiar os movimentos dos saxões.

Hoje pernoitam no Convento de Santo Wittol, ou Withold, ou lá como é que chamam àquele santo saxão de Burtonon-Trent. A manhã ficarão ao meu alcance e, como um falcão, cairei sobre eles. Pouco depois surgirei tal como sou, representarei o papel do nobre cavaleiro andante, salvo a infeliz donzela, angustiada nas mãos dos brutais raptadores, levo-a para o castelo de Front-de-Boeuf, ou, se for preciso, para a Normandia, e não torno a mostrá-la a ninguém sem que, antes, se tenha tornado na esposa e senhora de Maurice de Bracy.

— Um plano muito bem pensado — disse Fitzurse.

— Tão bem pensado que não deve ser inteiramente teu... Diz-me, De Bracy, quem te ajudou e quem te vai auxiliar a executá-lo, porque, segundo penso, os teus homens estão bem longe, em Iorque.

— Meu Deus! Queres mesmo saber? — falou De Bracy. — Foi o templário Brian de Bois-Guilbert que desenvolveu a ideia que a história da tribo de Benjamim me sugerira. Vai ajudar-me no ataque, fingindo, ele e os seus ajudantes, serem os fora-da-lei, das garras de quem, após mudança de roupas, arrancarei a dama.

— Virgem Santa! O plano é digno do vosso saber em conjunto! E a tua prudência surge especialmente no pormenor de deixar a dama ao cuidado do teu respeitável associado. Poderás, creio, tirá-la dos seus amigos saxões, mas retirá-la depois das presas de Bois-Guilbert é que me parece mais duvidoso. Trata-se dum falcão treinado a não largar a perdiz que agarra.

— É um templário — recordou De Bracy -, pelo que não poderá interferir no meu projeto de casamento com a herdeira... e algo que se faça contra a prometida de De Bracy... Deus do Céu, nem que ele fosse todo um capítulo da sua ordem ousaria fazer-me tal partida.

— Bem. Uma vez que nada que te diga te tirará essa obcecação... conheço a tua teimosia... apressa-te para que, ao menos, a tua loucura seja, pelo menos atempada.

— Garanto-te — disse De Bracy — que será uma questão de poucas horas, após o que tornarei a Iorque, à frente da minha

fôgosa e valorosa gente, em apoio da tua arrojada política... Já ouço os meus camaradas reunindo-se. Os cavalos relinham e escavam no pátio... Adeus... Parto como um autêntico cavaleiro em busca dum sorriso duma bela.

— Como um verdadeiro cavaleiro? — repetiu Fitzurse. — Como um doido, ou como uma criança que deixa atrás de si o que há de importante para correr atrás de ninharias. É com gente desta laia que tenho de trabalhar? para bem de quem? Dum príncipe devasso e pouco inteligente, bem capaz de se mostrar um amo tão ingrato como filho rebelde e irmão desnaturado se revelou já. Mas, afinal, ele não passa também dum instrumento, entre aqueles de que me sirvo. Orgulhoso como é, se alguma ocasião tentar separar os seus interesses dos meus, depressa apreciaria uma amarga lição. As rumações do estadista foram interrompidas pelo Príncipe, chamando-o de dentro: "Nobre Waldemar Fitzurse!" De barrete na mão, o futuro chanceler (era esse o cargo que o normando ambicionava) apressou-se a ir receber as ordens do amo.

Capítulo XVI

*Num ermo que o povo esqueceu,
Sempre ali um eremita viveu.
Na gruta sobre musgo dormia,
Só de frutos e água vivia,
Longe de Tudo, em Deus pensando, Ia, entre orações, o tempo passando.*

Parnell

O leitor não esqueceu, com certeza, que o desfecho do torneio se devera à atuação dum cavaleiro desconhecido, cuja atitude passiva e indiferente durante a primeira parte do jogo lhe merecera, da banda dos espectadores, a alcunha de "Le Noir Faineant". O guerreiro deixara o campo subitamente logo que o caminho da vitória fora apontado. Chamado para receber o prêmio merecido, ninguém o conseguira encontrar. Nessa altura, com as trombetas a chamá-lo, seguira para norte, evitando as veredas mais frequentadas e aproveitando-se de desvios através das florestas. Passou a noite numa pequena albergaria pouco concorrida, onde pediu a um menestrel passante novas quanto ao resultado da peleja.

No dia seguinte partiu bem cedo, disposto a longa caminhada. O cavalo, que poupava na véspera, estava em condições de prosseguir por muito tempo sem precisão de paragens. O seu propósito não foi, todavia, conseguido, em virtude das intrincadas trilhas que escolhera, pelo que, quando já escurecia, se encontrava ainda nas proximidades de West Riding, no Yorkshire. Homem e cavalo necessitavam então de repouso e, portanto, de local onde este lhes pudesse ser dado, tanto mais que a noite tombava rapidamente.

O ponto onde o viajante se encontrava não oferecia hipótese nem de abrigo, nem de alimento, parecendo ter de recorrer ao expediente dos cavaleiros andantes, que, em situações do gênero, punham as montadas a pastar e se deitavam no chão a pensar nas suas amadas, com a rama duma carvalha a servir-lhes de dossel. O Cavaleiro Negro, que ou não tinha amada em quem pensar, ou era tão indiferente ao amor como se mostrara à luta, não sentia arroubos apaixonados que o obrigassem a meditar sobre belezas e amores mal correspondidos que o levassem a esquecer fadigas, fome e o conforto duma boa cama.

Aborrecido, por tais motivos, olhou para a mata que o cercava, onde das clareiras saíam picadas abertas ou por gado, ou por caça, ou, quiçá, por caçadores. O Sol, que orientara o guerreiro, desaparecera por detrás das colinas do Derbyshire, à sua esquerda, fazendo que, na escuridão, qualquer tentativa para continuar a sua marcha tanto o poderia afastar da rota pretendida como permitir-lhe o conservá-la.

Depois de, debalde, ter seguido o caminho mais batido na esperança de encontrar alguma cabana de pastor ou abrigo de monteiro, concluiu ser o melhor confiar no instinto do cavalo, que, como sabia de experiências anteriores, teria o extraordinário talento dos da sua espécie de desvencilhar o seu cavaleiro em situações deste tipo. O excelente animal, extremamente cansado com aquela jornada, carregando um cavaleiro coberto de ferro, mal sentiu as rédeas livres, imediatamente tratou de se nortear, mostrando forças e vontade renovadas. Ele, que anteriormente quase não correspondia às esporas a não ser mediante um leve gemer, tomava agora uma atitude de confiança, alçando as orelhas e movendo-se com outra vivacidade. A trilha pela qual optou afastava-se um tanto da rota que o cavaleiro tomara, mas este, vendo o cavalo tão seguro do que fazia, deixou-o segui-la.

Decidira de forma acertada, já que a vereda se começou a alargar e a mostrar-se mais usada. Ao longe, o cavaleiro escutou mesmo o tinir dum sino, o que lhe sugeriu encontrarem-se perto duma capela ou eremitério. Na realidade, depressa chegou a um terreno relvado, plano, do lado oposto do qual se levantava, a pique, uma rocha cinzenta e batida pelo tempo. Em alguns pontos, hera trepava por ela acima, noutros cresciam pequenos carvalhos e azevinhos, cujas raízes, duma forma ou doutra, tiravam sustento de entre as fissuras, pendendo sobre as fragas, em baixo, recordando penachos que, em cascos de aço, lhes retiram o aspecto terno, concedendo-lhes uma certa graciosidade. Na base do penedo, encostada a ele, havia sido construída uma tosca casota, feita de toros de árvores derrubadas nas imediações, cujos intervalos estavam tapados com um misto de musgo e argila.

O tronco dum abeto jovem, com uma tábuca pregada perto do topo, fora espetado por cima da entrada, simbolizando uma cruz. Um pouco para a direita, uma fonte de água cristalina gorgolejava de dentro das pedras, caindo no godo a que, à custa de muito trabalho, havia sido dada a forma de pia. A corrente caía daí e seguia, murmurando, ao longo do leito que, há muito,

abrirá através do relvado, indo perder-se na orla da floresta.

Perto da nascente viam-se as ruínas duma capelinha, cujo teto já aluíra em parte. A construção, quando totalmente em pé, deveria ter tido uns cinco metros de comprido por quatro de largura, com o tecto, proporcionalmente baixo, pousando em quatro arcos concêntricos nascendo de cada uma das quinas e apoiando-se em pesados e atarracados pilares.

Entre duas dessas arcadas que se conservavam, o tecto tombara; entre as outras mantinha-se ainda. A entrada deste antigo centro de devoção situava-se sob um arco baixo e arredondado, ornamentado com várias linhas, cujo zigiguezaguear lembrava o desenho dos dentes de tubarão que tão frequentemente surgia nas cantarias saxônicas. Por cima do pórtico, sobre quatro pilares, erguia-se o campanário, onde pendia o sino, carcomido e esverdeado, cujo toque o Cavaleiro Negro ouvira a distância.

Todo este calmo e pacífico quadro se mostrava, à pouca luz que ainda subsistia, aos olhos do viajante, assegurando-lhe abrigo para a noite, pois todos os eremitas que se recolhiam na floresta tinham por dever muito especial o estenderem toda a hospitalidade aos viandantes perdidos ou estafados que os procurassem.

Deste modo, o cavaleiro, que, evidentemente, não esteve a apreciar os pormenores que esmiuçamos, limitando-se a agradecer a São Julião (o patrono dos viajantes) o tê-lo conduzido a bom porto, desceu do cavalo e bateu à porta com o cabo da lança, pedindo que lha abrissem e o atendessem. Demorou até que obtivesse qualquer resposta, que, quando finalmente veio, não foi muito animadora: — Quem quer que é, que prossiga — foi o que se ouviu vindo de lá de dentro em voz trovejante -, sem perturbar as devoções da tarde deste servidor de Deus e de São Dunstan.

— Reverendo irmão — disse o cavaleiro -, sou um viajante perdido nestas matas que te dá a oportunidade de exerceres as virtudes da caridade e da hospitalidade.

— Bom irmão — falou o morador -, por milagre de Nossa Senhora e de São Dunstan, sou eu quem deve receber essas bênesses, sem ter de as oferecer a ninguém. A comida de que disponho não serviria para cães e nenhum cavalo que se preze quereria a palha onde durmo. Segue o teu caminho e que Deus te acompanhe.

— Mas — perguntou o cavaleiro — como poderei eu orientar-me nesta floresta no meio da escuridão? Peço, reverendo padre, que, como bom cristão, me abrais a porta ou, ao menos, me deis orientação.

— E eu peço-te, irmão em Cristo — respondeu o anacoreta que não me perturbes mais. Já interrompeste um padre-nosso, duas ave-marias e um credo que eu, miserável pecador, de acordo com o meu voto, deveria ter rezado antes de a Lua se ter levantado.

— O caminho! O caminho! — vociferou o cavaleiro. — Dá-me indicações, se não puderes dar mais nada!(1) — O caminho — replicou o eremita — é fácil. A trilha que atravessa a floresta vai dar a um pântano onde há um vau, que, como não tem chovido, está passável. Depois de atravessares, terás cuidado na margem esquerda, que é um pouco precipitosa, tendo o carreiro à beira do rio, segundo me dizem, pois raras vezes abandono os meus deveres na capela, aluído em diversos pontos. Aí seguirás a direito...

— Um carreiro que cedeu, precipícios, um vau e um sapal! exclamou o cavaleiro interrompendo-o. — Sr. Eremita, fôsseis o maior dos santos entre os que deixaram crescer a barba e andam agarrados ao rosário, dificilmente me convenceríeis a tomar caminhos desses, numa noite destas. Dir-vos-ei que vós, que viveis da caridade da terra... mal merecida, parece-me... não tendes qualquer direito de recusar abrigo a um viandante em apuros. Ou abris esta porta, ou arrombo-a para entrar!

— Caminheiro amigo — disse o eremitão -, comporta-te condignamente. Se me obrigares a usar armas terrenas contra ti, não ficarás em melhor situação.

Neste instante, o latir e ladrar que o viajante já escutara ao longe cresceu de volume, levando-o a concluir que o eremita, alarmado com a ameaça duma entrada forçada, chamara em seu auxílio os cães, que agora furiosamente tanto barulho faziam. Irritado com esta clara atitude do anacoreta de levar avante a sua falta de hospitalidade, o cavaleiro bateu com os pés na porta com tal força que toda ela, dos portais às traves, abanou violentamente. O eremita, não desejando sujeitar a porta a novo tratamento do gênero, disse bem alto: — Calma! Calma! Poupa as forças, viandante. Eu abro-a, ainda que isso de pouco te vá servir, como verás.

A porta abriu-se, surgindo o eremita, um homem alto e forte, com hábito e capuz e uma corda feita de juncos à cintura. Numa mão pegava uma tocha e na outra um pau de macieira-brava, tão grande e grosso que bem se lhe poderia chamar uma clava. Dois cães de pelagem hirsuta, mistura de galgos e mastins, preparavam-se para saltar sobre o visitante logo que pudessem. Quando a luz da tocha refletiu o cimeiro do elmo e as esporas douradas do cavaleiro, o anacoreta mudou talvez de intenções, pois sossegou os animais e alterou de tom, passando a exprimir-se com uma certa delicadeza rústica, desculpando as suas hesitações em deixá-lo entrar por medo a estranhos depois do sol-posto, dada a abundância de ladrões e salteadores à

solta que não respeitavam nem Nossa Senhora, nem São Dunstan, nem os homens bons que dedicavam toda a sua vida a servi-los.

— A pobreza da tua cela, bom padre — observou o guerreiro olhando e vendo apenas uma cama de folhas, um missal, um tosco crucifixo de carvalho, dois bancos, uma mesa e mais meia dúzia de objetos grosseiros -, parece-me suficiente defesa contra os ladrões, já não falando nos teus fiéis cães, de tamanho bastante para derrubarem um veado e a maioria dos homens.

— O bom guarda-caça — explicou o eremita — deixou-me estes cães para me defenderem até que os tempos se tornem melhores.

— Pousou o archote num tocheiro de ferro retorcido, colocou uma tripeça de madeira frente ao lar, que atçou com folhas secas, e, pondo um dos bancos a um dos lados da mesa, convidou o cavaleiro a usá-lo, ao mesmo tempo que se sentava no outro. Sentados, apreciaram-se atentamente, ambos pensando que nunca tinham visto perante si outro homem tão possante e atlético como o que contemplavam.

— Reverendo irmão — disse passado algum tempo o cavaleiro -, sem querer interromper as vossas devoções, gostaria de vos pôr três questões: primeira, para onde vai o meu cavalo?; segunda, que me ides dar de ceia?; terceira, onde me deito eu?

— Responder-vos-ei — disse o eremita — apontando, pois a minha regra me recomenda usar sinais sempre que as palavras sejam desnecessárias. — Apontou então para dois cantos da cabana.

— O estábulo é ali, a vossa cama acolá e — apresentando um prato com dois punhados de feijões ressecados — a vossa ceia é esta. Encolhendo os ombros, o guerreiro saiu do casebre e foi buscar o cavalo, que ficara preso a uma árvore. Retirou-lhe, com muito cuidado, a sela e cobriu-lhe o dorso com o próprio manto.

O eremitão ficou surpreso, ou, quiçá, enternecido, com o carinho e cuidado com que o estranho tratara a sua exausta montada, já que, resmungando qualquer coisa acerca de pensos que o guarda deixara, tirou dum esconderijo um fardo de forragem, que ofereceu ao cavalo, e uma quantidade de fetos secos, que espalhou no local onde dissera deveria o cavaleiro descansar. Este agradeceu-lhe, após o que voltaram para junto da mesa onde estava a travessa de feijões. O anacoreta, após uma demorada oração de graças, que em tempos teria sido em latim, mas do qual ora pouco restava senão, de quando em vez, uma prolongada terminação e uma ou outra palavra ou frase, deu o exemplo, metendo modestamente na sua enorme boca, equipada com alvos e acerados dentes capazes de fazer inveja a qualquer javali, dois ou três grãos, carga ínfima para moinho daqueles.

O cavaleiro acompanhou tão louvável atitude tirando o elmo, o corselete e a maior parte da armadura, deixando que o outro lhe visse a cabeça com grossos caracóis louros, feições bem cinzeladas, olhos azuis excepcionalmente brilhantes e vivos, boca bem feita, com o beijo superior coberto por bigodes de cor mais escura do que a dos cabelos, enfim, o rosto dum homem ousado, valente e capaz, ao que o resto do corpo correspondia perfeitamente.

O anacoreta, imitando o hóspede, baixou o capuz, exibindo uma cabeça no formato de bala pertencente a um homem na flor da idade. Cabelo negro e espesso rodeava-lhe a tonsura, lembrando uma sebe em torno dum redil vazio. As feições não revelavam qualquer austeridade monástica ou ascéticas privações. Pelo contrário, apontavam uma maneira de ser atrevida, com largas sobranceiras pretas, testa bem lançada, bochechas coradas como as dum trombeteiro e longa e frisada barba preta.

Um rosto que, juntamente com o físico vigoroso do religioso, fazia pensar em lombos e presuntos e não em feijões e legumes. A incongruência não escapou ao hóspede, que a seguir se sentiu na obrigação de, a muito custo, mastigar uns feijõezitos, logo pedindo ao seu pio anfitrião alguma coisa para beber. Este respondeu-lhe colocando-lhe na frente uma bilha de boa água da fonte.

— Esta veio do poço onde São Dunstan — explicou -, de sol a sol, baptizou quinhentos dinamarqueses e Bretões descrentes... Bendito seja o seu santo nome! — Levou a bilha à boca e dela bebeu um gole demasiado pequeno, se se tivesse em conta como enaltecera o líquido.

— Parece-me, padre reverendo — comentou o cavaleiro -, que os nadas que comeis, juntos a esta bendita, se bem que desconsolada bebida, vos fazem muitíssimo bem. Pareceis mais alguém capaz de vencer uma luta corpo a corpo, um jogo de pau, ou um cruzar de espadas, do que um homem que se deixa ficar neste ermo a feijão e água fria.

— Sr. Cavaleiro — protestou o eremita -, o vosso pensar é o dum laico ignorante que apenas pensa na carne. Foi desejo de Nossa Senhora e do meu santo padroeiro abençoarem a minha parca razão, tal como foi feito com as hortaliças e a água que os jovens Sadrach, Misach e Abednego preferiram aos vinhos e viandas que lhes eram oferecidos pelo rei dos Sarracenos.

— Santo padre — continuou o cavaleiro -, a quem o Céu tantos milagres tem feito, será possível conhecer a vossa graça?

— Podes chamar-me — foi a resposta — o eremita de Copmanhurst, como sou conhecido por aqui... Costumam acrescentar-lhe o epíteto de santo, mas não o aceito, pois dele me sinto indigno... E agora, bravo cavaleiro, poderei eu saber o teu nome?

— Certo, Santo Eremita de Copinanhurst. Por estas bandas sou conhecido por Cavaleiro Negro. Alguns acrescentam-lhe

Preguiçoso, título que não mereço. O eremita não conseguiu esconder um sorriso.

— Vejo — disse -, Sr. Cavaleiro Preguiçoso, que sois prudente e cauteloso. Mais ainda, percebo que a minha pobre refeição monástica te não agrada, acostumado como estarás aos ambientes dos torneios e aos luxos das cidades. Por acaso ocorre-me neste momento que, quando o bondoso guarda-caça aqui deixou estes dois cães como companhia, ofereceu-me, além daquela forragem, um pouco de comida, que, imprópria como é para mim, esquecera já.

— Acredito nisso — animou-se o cavaleiro. — Estava convencido, desde que tiraste o capuz, que nesta cela haveria melhor alimento do que o que apresentaste, Santo Eremita. O guarda deve ser boa pessoa e quem quer que fosse que tivesse visto as vossas queixadas dando voltas a estes feijões secos e a vossa garganta atrapalhada com líquidos a que está pouco acostumada nunca vos julgaria um comedor e bebedor de coisas próprias para cavalos (apontou para a que estava sobre a mesa) e teria de vos dar algo que vos animasse um pouco mais. Vamos lá ver, e depressa, o que te ofereceu ele!

O eremitão lançou um olhar desconfiado sobre o cavaleiro, com uma expressão de cômica hesitação, como se ponderasse se poderia ter confiança no hóspede. Havia, porém, tanta abertura e franqueza no semblante do guerreiro, cujo sorriso, também com algo de cômico, irradiava uma boa-fé e uma lealdade tais, que era impossível não se simpatizar com ele.

Deitando-lhe mais uns olhares sem nada proferir, dirigiu-se para o fundo da choupana, onde um armário engenhosamente se ocultava. De lá retirou uma grande travessa de estanho contendo um enorme empadão. Colocou esta imensa travessa à frente do hóspede, que, servindo-se do punhal, não perdeu tempo nem a cortá-lo, nem a servir-se dele.

— Há quanto tempo passou o generoso guarda por estes lados? — indagou o cavaleiro após ter engolido vários bocados do que lhe fora oferecido.

— Dois meses mais ou menos — disse, atabalhoadamente, o eremita.

— Por Deus! — surpreendeu-se o cavaleiro. — Tudo neste eremitério é milagroso. Santa Fé! Eu juraria que este médio veado ainda andaria a correr em cima das próprias pernas há muito poucos dias atrás.

O eremitão mostrou-se um tanto embaraçado com a observação. Ademais percebia estar fazendo fraca figura perante os ataques que o seu convidado efetuava contra o pastelão, que diminuía a olhos vistos, sem que ele, com as suas afirmações prévias de ascetismo, pudesse compartilhar do processo.

— Estive na Palestina, Sr. Padre — disse subitamente o cavaleiro -, e creio ser uso de todos os anfitriões compartilharem com os seus hóspedes os alimentos oferecidos. Longe de mim pensar que não seguis as leis da hospitalidade, mas, mesmo assim, atrevo-me a lembrar-vos os costumes orientais.

— Para lhe tirar quaisquer dúvidas, Sr. Cavaleiro, quebrarei, por esta vez, os meus votos — respondeu o eremita. Não existindo, nesses tempos, garfos, meteu de imediato as unhas na empada.

Quebrado o gelo, passou a travar-se uma espécie de jogo entre eles a ver quem mais apetite revelaria. Embora o cavaleiro jejuasse há mais tempo, o seu anfitrião ultrapassou-o com facilidade.

— Bom padre — exclamou o guerreiro, já satisfeito -, era bem capaz de apostar o meu belo cavalo contra um cequim em como o mesmo guarda que te deu esta excelente veação te ofereceu igualmente algum vinho, das Canárias ou outro, para fazer companhia a este ótimo pastelão. Caso assim acontecesse, é provável que um anacoreta rígido como vós o tenha esquecido.

No entanto, se procurardes, é natural acontecer ter eu razão. O outro arreganhou os dentes, tornou ao armário e de lá voltou com uma bota contendo talvez dois litros e meio e dois copos de corno de ouro, anilhados a prata. Perante estes instrumentos necessários para assentar o que tinham comido, achou por bem pôr de parte mais delicadezas e, enchendo os dois copos até transbordarem, propôs, à maneira saxônica, "Waes hael, Sr. Cavaleiro", e esvaziou o seu dum trago só.

— Drink hael, Santo Eremita de Copmanhurst — correspondeu o guerreiro emborcando também o seu.

— Santo Padre, não posso deixar de pasmar como é que um homem com os vossos músculos e apetite, cujos talentos tão bem empregais, se deixa ficar neste sítio perdido e completamente só. A meu ver, estaríeis melhor num castelo ou num forte, comendo e bebendo do melhor, do que aqui encafuado, bebendo água e couves e dependendo da caridade dum guarda. Se eu fosse a vós, divertir-me-ia, pelo menos, a caçar alguns dos muitos veados do rei que por aí vagueiam. Um macho a menos numa das inúmeras manadas nem sequer se notaria. Só o capelão de São Dunstan o saberia.

— Sr. Cavaleiro Preguiçoso — replicou o eremita -, isso são afirmações perigosas! Evitai-as. Sou um eremitão respeitador do rei e da lei e, se algo tirasse do reguengo, iria para a cadeia e nem o meu hábito me salvaria da força.

— Apesar disso, se estivesse no vosso lugar, sairia ao luar, quando os couteiros e os guardas estão quentinhos nas suas camas, e uma vez por outra atiraria uma flecha sobre os veados pastando nas clareiras. Dizei-me: nunca o haveis feito?

— Amigo Preguiçoso, já viste o que há para ver na minha casa. Aliás, mais do que devia ver quem aqui entrou à força. Acredita-me. Mais vale gozar o que nos é dado do que indagar de onde veio. Bebe o teu copo e não faças mais perguntas impertinentes com as quais eu facilmente poderia acabar pondo-te lá fora, se quisesse.

— Meu Deus! — bradou o guerreiro. — Fazes-me mais curiosidade ainda! És o eremita mais misterioso que até agora encontrei! Tenho de saber mais a teu respeito antes de partir. Quanto às tuas ameaças, bom homem, nota que a minha profissão tem sido ir ao encontro dos perigos, onde quer que se encontrem.

— Sr. Preguiçoso, bebo à tua — propôs o anacoreta. — Respeito a tua coragem, mas não aprecio a tua indiscrição. com armas iguais nas mãos dar-te-ei uma amigável e fraternal penitência e absolvição tão completa que durante mais dum ano não tornarás a pecar pela curiosidade. O guerreiro perguntou-lhe que armas preferiria ele.

— Não há nenhuma — ouviu como resposta -, desde as tesouras de Dalila ao prego de Jael e à cimitarra de Golias, em que eu não seja melhor do que tu. Mas como sou eu a escolher, que dizes destes brinquedos? — Abriu outra arca, tirando de lá duas largas espadas e dois escudos do tipo empregado pelos homens livres. o cavaleiro, que espreitara, viu lá dentro deste segundo esconderijo dois ou três arcos longos, uma besta, um feixe de viotes, várias flechas, uma harpa e vários outros objetos que de canônico nada tinham.

— Prometo-te, irmão, nada 'mais ofensivo te perguntar. O que está aí dentro responde às minhas dúvidas. Vejo também uma arma — retirou a harpa — com a qual preferirei lutar contigo, em vez de com espadas.

— Espero, Sr. Cavaleiro — disse o eremita -, que não tenhas recebido o título de Preguiçoso com razão. Duvido. No entanto, és meu hóspede e não te obrigarei a comprovar a tua bravura a não ser que o exijas. Senta-te e enche o teu copo vamos beber, cantar e rir. Se cantares bem, terás sempre, aqui em Copmanhurst, uma boa empada à tua espera, pelo menos enquanto eu servir na capela de São Dunstan, o que só deixará de acontecer quando for para debaixo da terra. Serve-te enquanto afino a harpa. Nada há melhor para clarear a voz e apurar o ouvido do que uma boa dose de vinho. Cá por mim, gosto de ter os dedos molhados com o sumo das uvas quando dedilho as cordas de harpa.(2)

1. Sir W. Scott usa, indiferentemente, a segunda pessoa do singular e do plural nos seus diálogos, processo que seguimos na tradução. (N. do T.) 2. O JOVIAL EREMITÃO. — Todos, mesmo os que pouco lêem, terão reconhecido no padre de Copinanhurst, Frei Tuck, da Abadia de Fountain, o alegre confessor de Robin dos Bosques.

Capítulo XVII

À noite, no meu canto recitado.

*Abro o velho livro encadernado, Repleto de grandes e santos feitos, De mártires, deles pelo Céu eleitos.
E quando a luz com que Me ilumino Se esvai, não durmo mais. Canto um hino.*

Deixando a pompa poucos serão, Preferindo amicto e bordão, Fogem ao mundo pouco sério para a paz dum eremitério.

Warton

Apesar da recomendação do prazenteiro monge, que o hóspede seguiu de boa vontade, foi-lhe difícil afinar a harpa.

— Creio, Santo Padre — disse -, que falta uma corda neste instrumento e que, além disso, as outras estão demasiado gastas.

— Ah, reparaste nisso? — respondeu o eremita. — Só prova saberes da arte. Cansaram-nas o vinho e as festanças — acrescentou gravemente, erguendo os olhos para o alto. — Tudo por causa do vinho e das festanças... Bem disse a Allan-a-Dale, o menestrel do Norte, que me estragaria a harpa se a dedilhasse depois do sétimo copo, mas ele não me quis ouvir... Amigo, bebo ao sucesso da tua execução.

Isto dito, pegou no copo e, circunspectamente abanando a cabeça a propósito da intemperança do harpista escocês, tragou-o duma só vez. O cavaleiro, entretanto, conseguira acertar as cordas e, a seguir a um curto prelúdio, perguntou ao anfitrião se preferiria um sirvente, na língua de oc, um lai na língua de oui, um virelai, ou, ainda, uma balada em inglês vulgar.(1) — Uma balada, uma balada — pediu o eremita -. em vez desses ocs e ois franceses. Todo eu sou inglês, como o era o meu patrono São Dunstan. que se ria de qualquer oc e oui como se ria das aparas dos cascos do Demo... Nesta cela somente se canta em inglês.

— Tentarei, pois — anuiu o cavaleiro -, uma balada composta por um músico saxão que conheci na Terra Santa.

Depressa se viu que, embora o guerreiro não fosse um executor totalmente perfeito da arte dos menestréis, o seu gosto se desenvolvera sob a orientação dos melhores mestres. Fora ensinado a amelar a voz, que tinha pouco compasso e era áspera, disfarçando-lhe as limitações naturais. A forma como tocava podia ser considerada muito aceitável por outros muito mais exímios do que o eremita, sobretudo porque dava às notas ora uma alegria, ora um entusiasmo dorido. o que muito valorizava os versos que cantava.

O REGRESSO DO CRUZADO

Na Palestina os seus feitos realizados, O guerreiro torna ao lar dos antepassados.

Ao ombro uma cruz levando orgulhoso.

Muito batalhara, valente animoso, Como mostrava o escudo amolgado Por espadas, lanças e achas amassado.

Prá amada cantou esta canção dolente, com o Sol já caindo pra lá do Oriente.

"Salve, dama bela!", entoou o cavaleiro.

Regresso da terra do ouro e do dinheiro.

Comigo nada vem, nada que algo valha, Apenas as armas, cavalo de batalha, As esporas para o levar a investir E as armas que fazem o inimigo cair; Apenas um troféu eu quero, isso sim.

De Tecla, um sorriso doce só pra mim.

Salve, dama bela! Sou o fiel amante Que jamais te esqueceu sequer um instante.

Será impossível nele não reparar Quando, ativo e nobre, se te mostrar.

Menestréis cantarão, arautos bradarão: Foi por aquela dama, prestem atenção, Foi por aquele olhar que dela dardeja, Que em Ascalão ele venceu a peleja.

Aquele olhar que a lâmina afiou E cinquenta mulheres viúvas tornou, Humilhando de Mafoma o rompante, Abatendo sem dó ao sultão o turbante.

Notais-lhe as tranças onde brilha o sol leve, Tocando também o seu colo branco de neve?

Devido a tais cordas de fio dourado Muito pagão pró inferno foi levado?

" Ave, dama bela! Sem nome, só para ti Lutei em tua honra e todos combati.

Abre-me, abre-me a cancela, moça bela Vindo da Síria, do calor escaldante, Não aguento o vento norte cortante, Deixa, bela dama, meu amor saciar, Torna feliz quem fama te soube dar."

Enquanto escutara, o eremita comportara-se como um crítico de arte moderno assistindo a uma nova ópera. Reclinara-se no seu assento, com os olhos semicerrados, ora fechando as mãos, erguendo e baixando os polegares, aparentando estar absorto, ora abrindo-as e abanando-as acompanhando o compasso. Num ou noutro termo que mais lhe agradasse intervinha com a sua voz em apoio da do cavaleiro, que a não elevava tanto como seria do seu gosto.

Quando a canção terminou, o anacoreta declarou tê-la achado bonita e bem cantada.

— No entanto — afirmou -, creio que os meus compatriotas saxões já estão demasiado misturados com os normandos para terem adotado essa toada tão melancólica Que trouxe para o lar o honesto cavaleiro? Que esperava ele senão encontrar a sua amada outro amando e ligando tanto para a sua serenata, como lhe chamam, como ao miar dum gato em Janeiro? Contudo, Sr. Cavaleiro, bebo um copo a ti e ao bom sucesso dos que verdadeiramente amam... Julgo que não serás um deles — acrescentou ao notar que o cavaleiro (que já estava alegre com tantas rodadas) já misturava água com vinho.

— Tu não me disseste — exclamou o outro — que esta água viera do poço do teu bendito patrono, São Dunstan?

— Disse — concordou o eremita. — E muitos centos de pagãos baptizou ele com ela. Não me consta, porém, que alguma vez a tenha bebido. Tudo tem o seu uso neste mundo. São Dunstan conhecia tão bem como qualquer outro as prerrogativas a que os monges de boa disposição têm direito. Pegando na harpa, deliciou o seu convidado com uma típica canção com um antigo estribilho (derrydown chorus) apropriado àquela música inglesa(2).

FREI DESCALÇO

Dou-te, amigo meu, se quiseres, um ano Para, na Europa, do mar ao oceano Tentares, onde tu quiseres, procurar Alguém mais feliz que Frei Descalço achar,

*O cavaleiro por sua dama partido Que regressa ao lar com o corpo ferido?
A seu pedido corre para o confessar, Pois conforto só Frei Descalço sabe dar.*

*O teu monarca? Ora! De muitos bem sei Preferindo capuz a coroa de rei.
Mas o contrário garanto que é falso, Nenhum frei prefere coroa a pé descalço.
Onde o frei estiver a terra é sua, Seja no campo, na floresta ou na rua.
Pode ir onde quiser, ir donde desejar, Feliz qual Frei Descalço não é de topar.*

Esperado o tempo que tiver de ser, Mesa pronta, comida por arrefecer, O melhor de tudo, o mais quente no lar, São para Frei Descalço quando ele chegar.

Esperado à noite, o jantar é posto: Empadas, cerveja, comida a seu gosto, A dona da casa tudo faz sem percalço para melhor servir o feliz Frei Descalço.

Vestido com sandálias, cordas e capa, Detendo o Demo, agradando ao papa, Porque colher rosas sem os dedos picar Apenas Frei Descalço pode alcançar.

— Pela minha fé! — aplaudiu o cavaleiro -, cantaste bem e claro, enaltecendo a tua ordem. E, a propósito, santo monge, não temes que o Demo te visite um dia durante um dos teus pouco canônicos passatempos?

— Eu, pouco canônico? — surpreendeu-se o eremita. — Rejeito tal acusação! Desprezo-a! Sirvo na minha capela devotada e reverentemente. Duas missas, uma de manhã, outra à tarde, primas, vésperas, ave-marias, padre-nossos, credos... exceto à noite, no tempo de caça — recordou o convidado. Exceptis excipiendis — respondeu o eremita — como me ensinou o meu abade a dizer a todos os leigos impertinentes que me interrogue sobre se sigo ou não todos os preceitos da minha ordem. — exato, santo padre — assentiu o cavaleiro -, mas o Diabo olha muito para as exceções. E anda por aí, como um leão à solta. Bem o sabes.

— Ele que se atreva a vir rugir aqui — soltou o frade. — Um toque da minha corda fá-lo-á rugir mais alto do que as tenazes de São Dunstan jamais conseguiriam. Nunca temi os homens, e muito menos o Diabo e os seus acólitos. São Dunstan, São Dubric, Santo Winibald, Santo Winifred, Santo Swibert, Santo Willick, não esquecendo São Tomás de de Kent, e os meus parcos méritos chegam para desafiar a todos, por muito compridos que tenham os rabos. Mas, digo-te em segredo, não gosto de falar nestas coisas antes das matinas.

Mudaram depois de assunto. A alegria cresceu a partir daí, muitas canções foram cantadas e só subitamente interrompidas

por alguém batendo à porta do eremitério. O motivo dessa interrupção só poderá ser explicado se retomarmos as aventuras doutros personagens desta história, porque, como o velho Ariosto, não nos queremos deixar sempre agarrados às mesmas figuras do nosso drama.

1. Sabe-se que o reino de França estava dividido entre as raças normanda e teutónica, que falavam uma língua na qual a palavra "sim" se dizia Oui, e a dos habitantes das regiões do Sul, em cujo idioma, aparentado com o italiano, se dizia oc para o mesmo termo. os poetas do primeiro grupo chamavam-se menestréis e os seus poemas lais: os do segundo eram os trovadores e as suas composições denominadas sirventes e outros nomes. Ricardo, um amante de todos os ramos daquela alegre arte, copiava tanto menestréis como trovadores. É menos provável que tivesse sabido compor ou cantar baladas ingleses. No entanto, é tão grande o nosso desejo de integrá-lo no grupo de guerreiros que comandava que, se tiver acontecido um anacronismo, dele sabemos ser facilmente perdoados.

2. Lembraremos ao leitor que o derrydown se crê antigo, para lá da Heptarquia, dos tempos dos druidas, servindo então de coro para os cânticos daquelas veneráveis pessoas quando iam para as florestas colher visco.

Capítulo XVIII

*Avante! A jornada vai por montes e vales, Onde o enho brinca com a tímida corça, Onde o carvalho imenso a tudo tapa,
Partindo os raios do Sol caindo no solo.
Avante! Prá frente! Belas sendas são estas.*

Percorramo-las, com o Sol brilhando alto, Antes que Cíntia acenda a lâmpada Que quase não iluminará a floresta.

Ettrick Forest

Quando Cedric, o Saxão, viu o filho desmaiar na liça de Ashby, o seu primeiro impulso foi o de ordenar aos seus dependentes que dele fossem cuidar. A voz, contudo, embargara-se-lhe, Não desejava confessar perante tanta gente que reconhecia como filho aquele a que renunciara e deserudara.

Mesmo assim, mandou que Oswald, acompanhado por dois servos, transportasse Ivanhoé para a vila logo que o ajuntamento diminuísse. Alguém, todavia, se antecipara a Oswald. A multidão desfizera-se, é certo, mas o cavaleiro não se encontrava em parte nenhuma.

O copeiro de Cedric procurou debalde pelo seu jovem amo. Foi até ao sítio ensanguentado onde tombara, mas ninguém já ali estava. Era como se as fadas o tivessem transportado pelos ares. Talvez Oswald (os Saxões eram extremamente supersticiosos) viesse a aceitar uma justificação dessas como explicação para o desaparecimento de Ivanhoé se não se lhe deparasse alguém, vestido de escudeiro, em cujas feições reconheceu as do seu companheiro de trabalho, Gurth. Este, preocupado com a sorte do amo, que desaparecera sem rastros, buscava-o em todo o lado, esquecendo no seu afã o disfarce de que a sua segurança dependia. Oswald achou por bem e sua obrigação prendê-lo como fugitivo para o levar ao patrão, que decidiria o que fazer com ele.

Persistindo na sua procura, o copeiro conseguiu saber de alguns dos espectadores que teimavam em ficar no local que o cavaleiro fora carinhosamente levado por criados muito bem fardados para uma liteira, pertencente a uma senhora, e rapidamente transportado para longe da aglomeração. Oswald, senhor desta informação, resolveu transmiti-la ao patrão, para que lhe desse instruções de conformidade, Consigo levou Gurth, a quem via como uma espécie de desertor ao serviço de Cedric.

Apreensivo, o Saxão sofria pelo bem-estar do filho. A força do sangue impunha-se, sobrepondo-se ao patriótico estoicismo que o levava a afastá-lo, mas, mal foi informado que Ivanhoé estava em mãos amigas, a preocupação paternal, que o dominara, apagou-se, deixando assomar sentimentos de orgulho ferido e ressentimentos por aquilo que classificava como a desobediência de Wilfred.

— Que vá para onde quiser — bradou — Que lhe lambam as feridas aqueles por quem as recebeu. Ele é mais hábil com aquelas geringonças da cavalaria normanda do que, mantendo a fama e a honra da sua ancestralidade inglesa, com a espada e o chuço, as antigas armas da sua terra.

— Se para manter a honra dos seus maiores — interveio Rowena, que estava presente — é ser-se sábio nos conselhos, bravo na ação... o mais bravo entre os bravos, mais meigo que nenhum, não conheço ninguém a não ser o próprio pai... — Silêncio, Lady Rowena! Neste ponto, e neste ponto somente, não desejo a sua opinião. Queira preparar-se para a festa do Príncipe. Fomos convidados, numa rara prova de honrosa cortesia, quase nunca estendida pelos Normandos a gente da nossa raça desde o fatal dia de Hastings. vou lá para mostrar aos orgulhosos normandos quão pouco o sofrer dum filho, que lhes derrubou os melhores, afeta um saxão.

— EU NÃO vou, E note que aquilo que julga ser coragem e força de carácter pode ser interpretado como total ausência de sentimentos.

— Fique então em casa, ingrata senhora. — respondeu-lhe Cedric — Coração empedernido é o de quem sacrifica a felicidade de todo um povo oprimido em favor duma vã e não aceitável simpatia. Juntamente com o nobre Athelstane, assistirei ao banquete de João de Anjou. Atendeu, de fato, à festa, cujos principais acontecimentos já relatamos.

Os fidalgos saxões, quando deixaram o castelo, montaram imediatamente os seus cavalos, e foi ao fazê-lo que Cedric notou a presença de Gurth, o desertor. Como sabemos, o fidalgo regressava da festa de péssimo humor, procurando qualquer motivo onde o pudesse descarregar.

— Os grilhões! Os grilhões! — berrou. — Oswald! Hundibert! Cães! Vilões! Porque deixastes o patife à solta? Sem

contestarem fosse o que fosse, os camaradas de Gurth amarraram-no com a primeira corda que arranjarão: Gurth submeteu-se sem qualquer protesto, à parte o fato de, olhando de soslaio para o amo, afirmar: — Eis o que me acontece por amar a carne da tua carne mais do que a mim mesmo.

— A cavalo e avante! — comandou Cedric.

— E já não é sem tempo — comentou o nobre Athelstane -, pois, se não nos mexermos, a segunda ceia(1) que o venerando abade Waltheoff tem preparada para nós, vai-se estragar!

Apesar de ser tarde já, os viajantes deslocaram-se tão rapidamente que alcançaram o Convento de Santo Withold perfeitamente a tempo. O abade, de origem saxônica, recebeu-os com as profusas e exuberantes marcas de hospitalidade próprias da sua gente, oferecendo-lhes, àquelas altas horas, uma excelente última, ou primeira, se se quiser, refeição, que só terminaria já de manhã.

Quando a cavalgada abandonava o convento, deu-se um incidente altamente alarmante para os Saxões, que, entre os Europeus, eram, quiçá, os mais supersticiosos quanto a agoiros, sendo deles que nos vêm muitas das nossas crenças populares. Os Normandos, de sangue mais misturado e melhor informados, de acordo com o seu tempo, tinham já posto de parte a maioria das credices que os seus avós haviam levado da Escandinávia, fazendo gala da sua isenção nessas questões.

No momento, o aviso de coisa ruim partiu dum grande e ossudo cão preto que, sentado, soltou um prolongado uivo, mesmo na ocasião em que os primeiros cavaleiros saíam do portão, após o que de imediato se pôs a ladrar e a saltar dum lado para o outro, mostrando claras intenções de se juntar ao grupo.

— Aquela música não me agrada, pai Cedric — disse Athelstane, que sempre se servia daquele respeitoso título ao dirigir-se-lhe.

— Nem a mim, tio — acrescentou Wamba. — Temo termos de pagar caro ao cantor.

— Na minha opinião — propôs Athelstane, a quem a ótima cerveja do abade (Burton já nesses tempos era famosa por aquela bebida) tão bem caíra -, seria melhor voltarmos para trás e ficarmos com o abade até à tarde. Quando o caminho de quem viaja é cruzado por um monge, uma lebre ou um cão que uivou dá azar até à refeição seguinte. — para a frente — bradou Cedric impaciente. — Já pouco tempo temos para a nossa caminhada. Quanto ao cão, é o rafeiro do escravo fugitivo e tão inútil como esse vagabundo do Gurth.

— Ergueu-se nos estribos e, aborrecido com a interrupção, arremessou um dardo contra Fangs, que, tendo acompanhado o seu senhor, se perdera e manifestava agora toda a sua alegria pelo reencontro. o dardo feriu-o no ombro, quase o pregando ao chão. Fangs fugiu ganindo, sentindo Gurth apertar-se-lhe o coração perante este voluntário ato de malvadez para com o seu companheiro, fato que considerava muito mais grave do que o severo tratamento que ele próprio recebera. Depois de ter tentado em vão levar as mãos aos olhos, pediu a Wamba, que, ante o mau humor do amo, se retirara, prudentemente, para a retaguarda: — Peço-te que me faças o favor de me limpar os olhos com a borda do teu manto. Estão cheios de pó e estas cordas não me permitem chegar-lhes. Wamba respondeu-lhe ao pedido e durante alguns minutos seguiram lado a lado, sem que Gurth, amuado, dissesse alguma coisa. Finalmente, não se contendo mais, pediu: -Amigo Wamba. Entre todos os loucos que servem Cedric, só tu tens jeito para o fazer aceitar as tuas maluqueiras. Vai ter com ele e diz-lhe que por nada neste mundo Gurth o tornará a servir. Pode cortar-me a cabeça, açoitar-me, carregar-me de ferros, mas, a partir de agora, nunca, nunca mais conseguirá que eu o sirva e muito menos que o ame. Vai lá e diz-lhe que Gurth, filho de Beowulph, deixa o emprego.

— Não querias mais nada! — respondeu Wamba. — Embora tolo, não faço figuras de tolo. Cedric tem outro dardo à cinta e, como sabes, às vezes, tem boa pontaria.

— Não me importo — continuou Gurth — que se sirva de mim como alvo. Ontem deixou Wilfred, o meu jovem senhor, esvaído em sangue. Hoje tentou, na minha frente, matar a única outra criatura que até hoje se mostrou minha amiga. Por Santo Edmund, São Dunstan, Santo Withold, Santo Edward, o Confessor, e todos os outros santos do calendário saxão — Cedric nunca invocava um santo que não fosse saxão e o pessoal seguia-lhe o costume -, nunca lhe perdoarei.

— Segundo penso — lembrou-lhe Wamba, que frequentemente jogava o papel de pacificador da casa -, o nosso amo não atirou para ferir Fangs de propósito, mas somente para o assustar. Se te lembrás, levantou-se nos estribos, como quem desejasse ultrapassar o alvo. Assim teria sido se Fangs não tivesse pinchado no momento preciso. Foi só um arranhão, que se sarará com um nada de pez.

— Se pudesse pensar assim — resmungou Gurth -, se pudesse acreditar nisso... Mas não, eu vi o dardo bem apontado... escutei-lhe o zoar pelo ar, cheio da maldade de quem o atirou... vi-o a vibrar enterrado no chão, como se lastimasse não ter acertado em cheio. Pelo porco favorito de Santo Antônio! Não quero mais nada com ele!

O indignado porqueiro calou-se num silêncio que nem todos os esforços do bobo foram capazes de quebrar. Cedric e Athelstane, na frente, conversavam sobre o estado das terras, das dissenções na família real, dos feudos e bulhas entre os

nobres normandos e das possibilidades que surgiam de os saxões oprimidos se libertarem do jugo daquele ou, pelo menos, se elevarem a posições de importância e independência após os acontecimentos a darem-se. Neste assunto, Cedric era, todo ele, animação. A restauração da independência do seu povo era o sonho da sua vida, ao qual imolara a felicidade do lar e os interesses do filho. Para que esta grande revolução resultasse a favor dos ingleses nativos, seria preciso uni-los e colocá-los sob um comando único.

A obrigação de lhes escolher um chefe de sangue real saxão era não só óbvia, mas condição essencial também para aqueles a quem confiara os seus planos e esperanças. Athelstane correspondia aos quesitos precisos. Não tinha grande cabeça ou talentos que o recomendassem como condutor, mas, por outro lado, tinha ainda boa figura, não era covarde, estava acostumado às artes marciais e dava a entender acatar os conselhos de quem sabia mais do que ele.

Acima de tudo, era liberal e hospitaleiro e, julgava-se, de boa índole. Mas, fossem quais fossem as pretensões de Athelstane para a chefia da confederação saxônica, muitos eram, entre os daquela raça, que preferiam que o título viesse, antes, a pertencer a Lady Rowena, que descendia de Alfredo e cujo pai fora um chefe de nomeada, sabedor, corajoso e generoso, sendo a sua memória bem recordada pelos seus oprimidos compatriotas.

Não teria sido custoso para Cedric encabeçar um terceiro partido. Quisesse-o ele, pois era tão poderoso como os outros dois. Contrabalançando o sangue real deles, havia a sua coragem, atividade, energia e sobretudo a extrema devoção à causa que até lhe valera o cognome de O Saxão. Por nascimento seria somente inferior à sua pupila e a Athelstane e todas as suas qualidades eram perfeitamente isentas de qualquer ponta de egoísmo.

Deste modo, em vez de dividir ainda mais a sua enfraquecida nação criando uma nova facção própria, tinha como parte importante do seu projeto apagar esse mal promovendo o casamento de Rowena com Athelstane. Só um obstáculo se lhe opunha: a mútua atração existente entre o filho e a pupila, de que resultara a expulsão de Wilfred do lar paterno.

Cedric tomara essa dura medida na convicção de que o afastamento levasse Rowena a deixar diminuir a sua preferência. Assim não sucedera, para seu grande desapontamento, devendo mesmo o fato poder ser atribuído à forma como a pupila fora educada. Cedric, para quem o nome de Alfredo correspondia ao dum deus, tratara o último rebento da linhagem do grande monarca com consideração que, quiçá, nem as princesas recebiam. A vontade de Rowena era, pois, lei na casa e o próprio Cedric se orgulhava mostrando-se como o primeiro dos seus súbditos, acatando-lhe totalmente a soberania dentro do limitado círculo em que viviam.

Habituada a exercer não só a sua vontade, mas também a sua despótica autoridade, Rowena, pela educação recebida, resistia e aborrecia toda e qualquer tentativa de orientação das suas afeições e de controlo das suas inclinações, impondo naturalmente a sua independência em questões em que até as mulheres preparadas para a obediência aos pais ou guardiães disputam decisões. Dizia francamente o que pensava, e Cedric, que não era capaz de se libertar da sua usual deferência, ficava sem saber o que fazer para impor a sua posição perante ela.

De nada resultara pretender fasciná-la com a ideia dum trono imaginário. Rowena, sensata, não achava acertado o plano dele, nem praticável na parte que lhe dizia respeito. Não escondendo a sua preferência por Wilfred de Ivanhoé, declarara que, se não pudesse ser dele, preferiria recolher-se a um convento, pois de modo algum se casaria com Athelstane, que sempre desprezara e que, agora, com os problemas que lhe estava a criar, principiava a detestar.

No entanto, Cedric entendia serem as mulheres pouco constantes e teimava, servindo-se de todos os meios ao seu alcance, na concretização daquele enlace, que via como importantíssimo para a causa saxônica. O súbito e romântico regresso do filho Ashby fora quase um golpe de graça para as suas esperanças. O amor paterno, é certo, sobrepusera-se por instantes ao patriotismo e orgulho, mas estes dois sentimentos haviam retornado em força, dando-lhe toda a determinação para forçar a união de Rowena com Athelstane e outras medidas conducentes à independência dos Saxões.

Era exatamente sobre estes assuntos que seguia, na altura, trocando impressões com Athelstane, embora, como Hotspur lamentasse, uma vez por outra, o ter de remexer em águas tão paradas por uma causa tão nobre. Athelstane era, claro, suficientemente vaidoso para não deixar de apreciar ouvir todas aquelas referências às suas nobres origens e aos seus naturais direitos a todas as deferências e soberania.

Mas esta vaidadezinha satisfazia-se com o respeito daqueles mais próximos de si e dos saxões com que contactava. Sendo corajoso bastante para enfrentar o perigo, era demasiado preguiçoso para ir ao encontro dele, pelo que, ainda que, em princípio, concordasse com as porções do projeto de Cedric, referentes quer ao direito à independência dos Saxões, quer a

lhe dever pertencer o título quando a liberdade fosse alcançada, logo que os processos para a conseguir eram mencionados, imediatamente voltava a ser Athelstane, o Atado, lento, irresoluto, adiado e hesitante. Todos os esforços de Cedric para o entusiasmar batiam no seu feitiço impassível com tanto resultado como bolas de fogo caindo na água, que, fora um ligeiro fervilhar, logo se extinguem.

Cedric suspendeu os seus esforços junto dele (só comparáveis ao picar um rocim esfalfado ou malhar em ferro frio) e aproximou-se da pupila, Rowena, com resultados idênticos, pois fora interromper uma troca de impressões com a aia favorita acerca da bravura e sorte de Wilfred. Elgitha aproveitou a ocasião para se vingar a si própria e à ama, mudando o assunto para o derrube de Athelstane na liça, coisas que muito magoavam os ouvidos de Cedric. para o Saxão, o dia corria o pior possível, já não se falando no desconforto da caminhada.

Praguejou contra o torneio, contra quem o organizara e contra si mesmo por lá ter ido. Ao meio-dia, por mando de Athelstane, pararam à sombra, na floresta, junto duma fonte, para descanso das montadas e para comerem o que o hospitaleiro abade lhes oferecera. O repasto foi demorado, tornando-lhes impossível o atingirem Rotherwood sem terem de viajar de noite, pelo que, quando, finalmente, arrancaram, fizeram-no a passo estugado.

1. A segunda ceia, rere-supper, era uma refeição noturna que se comia muito mais tarde do que a ceia normal.

Capítulo XIX

Guerreiros uma dama nobre escoltando, Pelas suas palavras eu entendera, Escondido, entre eles, à retaguarda, Cavalgam, dispostos a passar a noite Dentro das muralhas do castelo próximo.
Orra, Uma Tragédia

Os viajantes tinham-se aproximado duma zona florestada, onde se embrenhavam cientes dos perigos que conteria, dado os fora-da-lei que a opressão e a pobreza, desesperando-os, empurrara em grandes bandos para as matas, que ocupavam relativamente impunes frente à débil força policial da altura.

Cedric e Athelstane, apesar da hora tardia, sentiam-se preparados para enfrentar qual quer destes grupos, ajudados por dez criados, além de Wamba e Gurth, com quem não contavam, o primeiro por ser um bobo e o outro um preso. Acrescente-se que, ao atravessarem a mata tão a desoras, os dois fidalgos contavam ainda com a sua posição, carácter e, claro, valentia.

Os fora-da-lei, a quem a dureza das regras da floresta reduzira a um tão desesperado e errante modo de vida, eram, quase todos, camponeses e homens livres saxões, que, Julgava-se, respeitariam os seus compatriotas de alta categoria. A progressão suspendeu-se por gritos de socorro repetidos. Dirigindo-se para donde vinham esses pedidos de ajuda, deparou-se-lhes uma liteira pousada no solo, ao lado da qual se sentava uma mulher ricamente vestida de acordo com a moda israelita, enquanto um velho, cujo gorro amarelo indicava pertencer à mesma raça, andava de um lado para o outro gesticulando e dando provas de grande aflição, apertando as mãos com força, como que protestando contra a tragédia que sobre eles tombara.

Às perguntas de Cedric e Athelstane, o velho judeu, a princípio, somente respondeu evocando a proteção de todos os patriarcas do Velho Testamento contra os filhos de Ismael, que se preparavam para os fazer em postas. Quando o terror se lhe amainou um pouco, Isaac de Iorque (tratava-se, na verdade, do nosso velho conhecido) conseguiu explicar-lhes que contratara em Ashby seis homens que, com mulas e uma liteira, pudessem transportar até Doncaster um amigo ferido. Tudo tinha corrido bem até ouvirem da boca dum lenhador que muitos e fortes bandidos se encontravam de tocaia, perto. Os contratados não só fugiram como levaram consigo os animais que suportavam a liteira, deixando-os, a ele e à filha, indefessos e sem possibilidade de continuarem, sujeitos a serem assaltados, talvez assassinados, pelos bandidos, que temiam pudessem aparecer dum momento para o outro.

— Se Vossas Valias permitirem — acrescentou Isaac em tom humílimo — que dois pobres judeus se coloquem sob a vossa guarda, juro pelas tábuas da nossa Lei que nenhum favor concedido a filhos de Israel, desde os tempos do Cativoiro, será tão prodigamente recompensado.

— Cão judeu! — proferiu Athelstane, cuja mente era daquelas que acumulavam toda a espécie de ninharias e mesquinhas ofensas. — Não te recordas já de ter troçado de nós, no dia do torneio? Foge, escapa-te, junta-te aos fora-da-lei. Faz o que quiseres, mas não te chegues a nós. Se roubaram alguém como tu, que rouba o mundo inteiro, eu, por minha parte, dar-lhes-ei toda a aprovação. Cedric não secundou a proposta do companheiro.

— Será melhor — propôs — deixarmos dois dos nossos criados e dois cavalos para os acompanharem até à aldeia mais perto.

Reduz-nos as forças, é certo, mas com a sua grande espada, nobre Athelstane, e o auxílio dos restantes, seremos ainda bastantes para enfrentar vinte que sejam. Rowena, um pouco alarmada à menção de salteadores, em número e próximos, apoiou inteiramente o seu tutor. Rebeca, libertando-se do estado de abatimento em que permanecera, ergueu-se, e ajoelhando-se à beira do palafrém da dama saxônica, beijou-lhe, de acordo com o costume oriental, a orla do manto.

Pôs-se de pé e, retirando o véu, implorou-lhe, em nome de Deus que ambas adoravam e pela revelação do monte Sinai, em que as duas criam, que tivesse piedade e lhes permitisse seguissem com eles.

— Não é para mim que rogo este favor — explicou -, nem sequer para aquele pobre velho. Sei que maltratar e lesar a minha gente é falta de somenos importância, quando não mérito, entre os cristãos. É-nos, pois, igual sermos diminuídos na cidade, no deserto ou nos campos. É, no entanto, em nome de alguém, querido por muitos, mesmo entre vós, que rogo a vossa proteção. Esse alguém está ferido, precisa de cuidados e carinho. Na verdade, se algo lhe acontecer, lamentá-lo-ei até ao último instante da vossa vida e chorareis o ter-me recusado o que no momento imploro. A forma grave e solene como Rebecca lançara o seu apelo impressionou a bela fidalga saxônia.

— O homem é velho e fraco — disse para o guardião.

— A donzela, jovem e linda. O amigo deles, doente e em perigo de vida... Judeus que sejam, nós, cristãos, não os podemos abandonar desta maneira. Aliviem-se duas mulas da carga, que passará para as de dois dos servos, e elas transportarão a liteira. para o velho e para a filha temos as remontas.

Cedric concordou de pronto e Athelstane apenas pôs como condição que "viajassem lá atrás, ao pé de Wamba, que se defenderia com o seu escudo de presunto".

— O meu escudo ficou no campo da peleja - interveio o bobo como, aliás, sucedeu com os de cavaleiros muito melhores do que eu. Athelstane corou à recordação do que lhe acontecera no torneio e Rowena, satisfeita com a humilhação do pouco desejado pretendente, aumentou-lhe convidando Rebeca para vir para seu lado.

— Se não ficasse mal — agradeceu Rebeca com altiva humildade -, fá-lo-ia. Não desejo, contudo, pela minha presença, incomodar a minha nobre protetora.

Feitas apressadamente as mudanças de bagagem, pois a palavra "salteadores" a todos pusera de alerta, tanto mais que o crepúsculo tudo ia tornando mais temível. Na confusão, retiraram Gurth de cima do cavalo, tendo ele aproveitado a ocasião para convencer o bobo a aliviar-lhe as cordas que o prendiam. Este assim fez e, possivelmente de propósito, deixou-as tão frouxas que Gurth não teve dificuldade nenhuma em delas se soltar e logo se esgueirar para dentro das moitas levou algum tempo até que a sua falta fosse notada. Devia seguir montado atrás dum dos criados e cada um deles pensava que iria junto de outro, pelo que, quando principiaram a segredar sobre o seu desaparecimento, era já tão grande o temor dum assalto que nem foi dada grande importância ao fato.

A trilha que seguiam era estreita de mais para permitir mais de dois cavaleiros a par e descia para um pequeno baixo atravessado por um ribeiro, cujas margens eram irregularmente alagadas e cobertas de salgueiros anões. Cedric e Athelstane, na vanguarda, perceberam o risco dum ataque naquele ponto, mas, como nem um nem outro tinham grande prática de guerreio, entenderam ser, a melhor forma de evitar o perigo, o atravessarem o local o mais depressa que pudessem ser.

Avançando desordenadamente, tinham, juntamente com parte dos seus companheiros, acabado de passar o ribeiro, quando foram atacados pela frente, por detrás e pelos lados com tanta impetuosidade que, na sua confusa e pouco preparada condição, quase nem conseguiram esboçar uma defesa a sério. Gritos de "Dragão branco! Dragão branco!", "São Jorge pela Inglaterra!", partindo dos assaltantes, que fingiam ser foras-da-lei saxões, vinham de todos os lados e de todos os lados surgiam inimigos, com tanta rapidez que até parecia multiplicarem-se.

Ambos os chefes saxões foram simultaneamente aprisionados e cada um de conformidade com o seu modo de ser. Cedric, logo que os adversários se mostraram, lançou um dardo dos que tinha e que, com melhores resultados do que no caso de Fangs, varou um homem, espetando-o contra um carvalho. Exaltado com o êxito, esporeou o cavalo contra outro, desembainhando ao mesmo tempo a espada, que, brandida com fúria descontrolada, bateu num galho e lhe saltou da mão, deixando-o desarmado pelo próprio golpe. Foi imediatamente preso e arrancado da montada por dois ou três bandidos.

Athelstane foi apanhado com mais facilidade, pois prenderam-lhe as rédeas e obrigaram-no a desmontar, antes que tivesse tido tempo de empunhar qualquer arma ou tomar qualquer atitude defensiva. O pessoal, atrapalhado com a bagagem, surpreso e aterrado, constituiu presa fácil. O mesmo aconteceu com Lady Rowena, no centro da cavalgada, e com o judeu e a filha, na retaguarda.

Do conjunto nenhum escapou, fora Wamba, que revelou muito mais coragem do que aqueles que pensavam ser mais sensatos do que ele. Agarrando numa espada dum dos criados, que, hesitante, a puxava, fê-la voltar como um leão, obrigou a recuar vários dos atacantes, muito embora não tivesse conseguido aproximar-se donde estava o amo. Percebendo a inferioridade numérica, o bobo saltou do cavalo e, na balbúrdia, escapuliu-se para dentro do mato, fugindo do local da luta.

A salvo, o valente bobo ainda duvidou se deveria ou não regressar para compartilhar do cativeiro do patrão, de quem, sinceramente, era muito amigo. "Tenho ouvido falar do prazer da liberdade", murmurou, "mas gostaria que quem o afirma me ensinasse o que devo fazer com ela, agora, que a tenho." Tendo pronunciado as últimas palavras, foi chamado muito baixo por uma voz cautelosa: — Wamba! — Simultaneamente, um cão, que viu ser Fangs, saltava para junto dele, fazendo-lhe festas.

— Gurth! — respondeu com igual cuidado. Prontamente o porqueiro se lhe juntou.

— Que foi? — perguntou o último. — Que são estes berros e tinir de espadas?

— Uma brincadeira da moda — informou Wamba. — Ficou tudo aprisionado.

— Quem ficou aprisionado? — indagou Gurth, excitado.

— O meu amo, a minha ama, Athelstane, Hundibert e Oswald.

— Valha-nos Deus! — exclamou Gurth. Presos como? Por quem?

— O nosso amo entrou na luta depressa de mais — explicou o bobo — e Athelstane e os outros, nem depressa, nem devagar.

Estão prisioneiros de homens vestidos de verde com mascarilhas pretas. Atiraram-nos para a erva como tu fazes com as maçãs bravias para os teus porcos. Rir-me-ia — acrescentou — se não tivesse vontade de chorar — As bágoas rolavam-lhe pela face. O semblante de Gurth adoçou-se: — Wamba, empunha uma arma. O teu coração é mais rijo do que o teu siso... somos dois somente... mas um ataque repentino, feito por dois homens decididos, pode conseguir muita coisa. Segue-me!

— Para onde e para quê? — perguntou o bobo. — Salvar Cedric. — Mas tu não deixaste o seu serviço há bem pouco?

— Isso foi quando as coisas estavam a correr-lhe bem. Segue-me!

Ia o bobo obedecer-lhe quando um terceiro indivíduo apareceu, mandando-os parar. Pela roupagem e armas, Wamba teria pensado ser ele um dos fora-da-lei que tinham atacado o patrão. Não trazia, todavia, mascarilha e o vistoso boldrié e a rica trompa de caça ao ombro, assim como as calmas e imperativas voz e maneiras, mostraram-lhe tratar-se de Locksley, o arqueiro que vencera, em condições desvantajosas, a competição de arco.

— Que significa tudo isto? — quis saber. — Quem assalta, aprisiona e pede portagens nesta floresta?

— Veja pelo traje deles, pois estão bem perto — disse Wamba e verificará se são ou não seus parentes... Com os meus nada se parecem, mas com os seus assemelham-se como pintos da mesma ninhada.

— Vou já ver isso — resmungou Locksley. — Ordeno-te que, se tens amor à pele, não saias daqui até eu voltar. Obedece-me, pois será preferível para os teus amos... Primeiro tenho de me pôr tão parecido com eles quanto possível.

Retirou o boldrié, a trompa e a pena do chapéu, dando-os a Wamba. Após uma mascarilha que tinha no bolso e partiu em reconhecimento.

— Ficamos, Gurth — perguntou Wamba -, ou cavamos? Segundo o meu fraco entender, ele tem o equipamento dos ladrões demasiado à mão para ser um homem de bem.

— Mesmo que seja o Demônio, como se calhar é — observou Gurth -, nada perderemos em esperá-lo. Se pertence ao bando, já os avisou e nada lucraremos fugindo. Além de que, por experiência própria, sei não serem, às vezes, os bandidos as pessoas piores de lidar. O arqueiro regressou pouco depois.

— Amigo Gurth — esclareceu -, misturei-me com aquela gente e já sei quem são e para onde se dirigem. Não há perigo de, para já, maltratarmos nenhum dos prisioneiros. Somos só três e seria loucura no momento tentarmos o que quer que fosse, até porque são muitos, capazes e com sentinelas por todos os lados.

Conto rapidamente poder juntar forças suficientes para os enfrentar. Sois ambos, creio, criados fiéis de Cedric, o Saxão, um defensor dos direitos dos Ingleses. Não lhe faltarão braços ingleses para o ajudar nesta situação. Venham, vamos buscar ajuda. Sem mais acrescentar, apressou-se pela mata dentro, seguido pelo bobo e pelo porqueiro. Wamba não podia estar calado: — Julgo — disse, mirando o boldrié e a trompa que continuava carregando — ter visto a flecha que ganhou estes vistosos prêmios. E foi há muito menos tempo do que o último Natal.

— E eu — acrescentou Gurth — juraria pela minha crença que já ouvi a voz do arqueiro que os conseguiu. E a Lua não tem mais de três dias sobre isso.

— Amigos — interveio o arqueiro -, quem sou, o que sou, não vem ao caso. Se libertar o vosso amo, ver-me-ão como o melhor dos amigos. Se tenho este ou aquele nome, não interessa. Se atiro melhor do que qualquer guardador de vacas, também não. Se me apetece andar ao sol ou à lua é cá comigo, e ninguém tem nada a ver com o fato.

— Enfiemos as cabeças nas goelas do leão — comentou Wamba.

— Retiremo-la's o melhor que soubermos.

— Cala-te — ordenou Gurth. — Não ofendas com as tuas maluqueiras, pois confio que tudo correrá bem.

Capítulo XX

Nas longas e medonhas noites outonais, Quando, no meio da mata, se perde o tino, Como soam ao peregrino divinais Vozes de eremitão entoando um hino.

*A música recebe tom da devoção.
Da devoção recebe o seu andamento; E como as aves ao Sol dando gratidão.
Sobem doces e bem fortes ao firmamento.*

O Eremita de St. Clement's Well

Passadas umas três horas de bom andamento, os criados de Cedric e o misterioso guia chegaram a uma pequena clareira na floresta, no centro da qual se erguia um imenso carvalho, cujos ramos se estendiam para todos os lados. Debaixo dele estavam deitados quatro ou cinco homens, enquanto outro, de guarda, passeava dum lado para o outro, ao luar.

Ao som de passos, a sentinela deu imediatamente alarme, fazendo levantar os que dormiam, que pegaram nas suas armas. Seis flechas em cordas tensas apontavam para o ponto donde vinham os caminhantes. Reconhecido o guia, descontraíram-se e acolheram-nos com todas as manifestações de rude agrado.

— Onde está Miller? — foi a primeira pergunta.

— Na estrada para os lados de Rotherham.

— Com quantos? — quis o guia, que parecia comandá-los, saber.

— Com seis homens, e a esperança dum bom saque, se São Nicolau assim o quiser.

— Gosto da resposta — disse Locksley. — E onde para Allan-a-Dale?

— Foi para as bandas de Watting espiar o prior de Jorvaulx.

— Também foi bem pensado — replicou o capitão. — E o frade?

— Está na cela.

— Vou lá ter com ele — informou Locksley. — Separem-se e procurem os vossos companheiros. Reunam forças, pois há caça grossa à vista, difícil de apanhar e que vai dar luta. Encontrem-se comigo ao raiar do dia. Dois de vós seguirão rapidamente na direção de Torquilstone, o castelo de Front-de-Boeuf. Um grupinho de elegantes, mascarados para se parecerem connosco, levam para lá prisioneiros. Vigiem-nos cuidadosamente, porque, mesmo que alcance o castelo, antes de agruparmos as nossas forças, é ponto de honra para nós castigá-los, tendo assim de conseguir meios para o fazermos. Olho neles, portanto. Mandem também um de vós, bem ligeiro, convocar gente por aqui em redor. Prometendo cumprir as ordens, partiram para as suas diversas missões, enquanto o chefe e os dois companheiros, que ora o olhavam com todo o respeito, se dirigiam para a capela de Copinanhurst.

Quando a avistaram, uma ténue luz iluminava a veneranda, se bem que arruinada, capela e o singelo eremitério tão apropriado a devoções ascetas, fazendo Wamba observar: "se esta é a habitação do ladrão, vem confirmar o velho provérbio 'Quanto mais perto da igreja, mais longe de Deus'. E, pela minha cachola", prosseguiu, "parece ser rigorosamente o caso. Escuta o que cantam! Na igreja!" De fato, o anacoreta e o seu convidado entoavam a plenos pulmões uma velha canção de taverna, com o seguinte estribilho:

*Traz, traz a bilha de grés!
Rapaz, rapazote, Traz a bilha, mexe os pés.
Hei! Aqui há gente sedenta; Rapaz, traz a bilha de grés!*

— Vá lá. Não está mal cantado de todo — reconheceu Wamba acrescentando ao coro umas notas da sua lavra. — Mas quem esperaria música desta saindo da cela dum eremita no meio da noite?

— Como posso eu adivinhá-lo? — respondeu Gurth.

— O padre de Copinanhurst é bem conhecido, sabendo-se que abate metade dos veados que com ele se cruzam. O couteiro já se queixou e são bem capazes de lhe despir o hábito e lhe dar uma ensinadela, um dia destes.

Enquanto conversavam, os fortes batimentos de Locksley conseguiram ser ouvidos pelo eremitão e pelo companheiro.

— Pelas contas do meu terço! — exclamou o primeiro suspendendo subitamente um floreado. — Aí vêm mais hóspedes colhidos pelas trevas. Pelas minhas vestes, não quero que apreciem os exercícios que praticamos. Todos os homens têm inimigos, Sr. Preguiçoso, e alguns há suficientemente malévolos para verem na refeição que, vão três horas, vos tenho estado a oferecer, a vós, um exausto caminhante, como manifestações de bebedeira e devassidão, vícios perfeitamente contrários à

minha profissão e disposição.

— Caluniadores infames! — explodiu o cavaleiro. — Gostaria de puni-los. Contudo, santo padre, é verdade todos termos inimigos... Nesta terra mesmo, alguns há com quem preferiria falar através dos ferros da minha viseira do que a rosto descoberto.

— Enfia tão depressa quanto puderes a tua panela de ferro na cabeça, enquanto guardo estes pichéis, cujo conteúdo anda já aos encontrões dentro da minha. para abafar o barulho que farei (estou com as mãos pouco firmes), canta comigo o que ouvires cantar. Deixa para lá a letra. Eu próprio não a sei bem. Passou a entoar um trovejante De profundis clamavi, que disfarçou o escarcéu que fazia a levantar a mesa. Simultaneamente, armou-se, enquanto o cavaleiro ria a bom rir.

— Que matinas são essas, a estas horas — indagou uma voz do lado de fora.

— O Céu te perdoe, viajante! — respondeu o eremita, que, com o barulho que fazia e o muito que bebera, reconhecia uma fala que lhe era bem familiar — Segue o teu caminho e não perturbes as minhas devoções e as do meu bom irmão.

— Padre maluco! Sou eu, o Locksley! Abre!

— Tudo em ordem — exclamou o eremita para o companheiro.

— Quem é ele? — interrogou o cavaleiro. — Interessa-me muito sabê-lo.

— Quem é — repetiu o eremita. — Digo-te que é um amigo.

— Que amigo? — insistiu o cavaleiro. — Pode sê-lo para ti e não para mim.

— Que amigo? — ecoou o eremita. — Aí está uma pergunta mais fácil de pôr do que de responder. Que amigo? Bem, agora me recordo. É aquele guarda honesto de que te falei faz pouco.

— Um guarda tão honesto quanto tu és pior — sorriu o cavaleiro.

— Acredito. Abre-lhe a porta, antes que lhe rebente os gonzos. Os cães, que de princípio haviam feito um estardalhaço medonho, calaram-se como que reconhecendo quem falava. Alteraram completamente a sua atitude, passando a esgadanhar a porta, pedindo que deixassem entrar quem se encontrava do lado de fora. O eremita desferrolhou-a e Locksley e os seus dois acompanhantes Passaram para dentro.

— Eremita — exclamou o arqueiro mal pousou os olhos no guerreiro -, onde foste descobrir este parceiro?

— É um irmão da minha ordem — informou o frade abanando a cabeça. — Temos estado juntos a orar toda a noite. Monge militar, talvez — disse Locksley. — Há mais por aí. Ouve, frade. Deixa u rosário e pega no varapau. Precisamos de todos, leigos e religiosos. — De repente deu um salto para o lado e exclamou. — És doido? Deixaste entrar um cavaleiro que não conheces! Esqueceste as nossas regras?

— Cavaleiro que não conheço? Conheço-o como as palmas das minhas mãos — afirmou descaradamente o frade.

— Como se chama ele?

— O nome dele é... — hesitou um pouco — Sir Anthony de Scrableston... Como se eu bebesse com desconhecidos.

— Tu, frade, bebeste foi de mais — disse o monteiro. — Sabes como tenho medo de tagarelices.

— Bom homem — disse o cavaleiro achegando-se -, não pegues com o meu jovial anfitrião. Ele apenas me estendeu a hospitalidade que eu lhe exigiria se ma tivesse negado.

— Tu exigires-me coisas? — gritou o frade. — Deixa-me trocar o hábito cinzento por uma roupa verde e, se não conseguir que o meu varapau cante uma dúzia de vezes no teu cocuruto, nem sou bom padre nem bom monteiro! Despiu o hábito, ficando de gibão e ceroulas, por cima das quais rapidamente enfiou outro gibão e umas bragas verdes. — Ajuda-me a apertar isto — pediu a Wamba — e dar-te-ei um copo de vinho pelo trabalho.

— Muito obrigado pelo copo — agradeceu Wamba -, mas não sei se será correto da minha parte ajudar-te a transformares-te de santo eremita em mateiro pecador.

— Não te aflijas — replicou o eremita -, confessarei o meu fato verde ao meu hábito cinzento e tudo ficará bem.

— Amém! — entoou o bobo. — Um penitente bem arriado deve ter um confessor de serapilheira. Creio também que o teu hábito perdoará tudo às minhas roupas pintalgadas. Ajudou o frade a apertar um sem-número de fitas e laços que o gibão e as bragas tinham. Nesse ínterim, Locksley chegou-se perto do cavaleiro e, à parte, observou-lhe: — Não me negareis, Sr. Cavaleiro, que fostes vós quem deu a vitória ao lado inglês contra os estrangeiros, no dia do torneio de Ashby.

— E que concluis daí, bom homem? — perguntou o cavaleiro.

— Ver-vos-ei como um protetor dos fracos.

— Esse é um dos deveres dos autênticos cavaleiros, pelo menos — disse o Cavaleiro Negro.

— Gostaria que de mim se não pensasse o contrário.

— Para o propósito que tenho em vista — continuou o monteiro — convém-me não só que sejas bom inglês, mas bom cavaleiro também. Preciso do auxílio de todos os homens bons, sobretudo se forem verdadeiros ingleses natos.

— Não existe ninguém para quem a Inglaterra e os Ingleses tanto signifiquem como para mim.

— Quero crê-lo do coração — disse o arqueiro.

— Nunca esta terra precisou tanto daqueles que a amam como agora. Escutai-me e contar-vos-ei o que penso fazer. Se fordes o que dizeis ser, tereis no plano um lugar de honra. Um bando de patifes, disfarçados de gente bem melhor do que eles, apossaram-se dum nobre inglês chamado Cedric, o Saxão, da sua pupila e de aThelstane de Conningsburgh, tendo-os levado

para um castelo nesta floresta conhecido como Torquilstone. Peço-vos que, como inglês e bravo cavaleiro, que ajudeis a salvá-los.

— Os meus votos a isso me obrigam — respondeu o cavaleiro. Gostaria contudo que, de vossa própria vontade, me dissésseis quem sois e porque me pedis ajuda.

— Sou — respondeu o monteiro — um homem sem nome. Amo, porém, a minha terra e os que dela são amigos. Esta descrição tem de te bastar para já, principalmente se tu próprio desejas continuar desconhecido também. Acredita que, quando dou a minha palavra, ela é tão válida como as tuas esporas de ouro.

— Não ponho dúvidas — afirmou o cavaleiro. — Conheço bem as fisionomias dos homens e na tua leio honestidade e resolução, Nada mais te perguntarei e estarei a teu lado para a libertação dos cativos. Feito isso, espero que nos separemos com mais conhecimentos um do outro e ambos satisfeitos.

— Pronto — disse Wamba, que, vestido o frade, se deslocara para o extremo da divisão, onde não pudera deixar de escutar a parte final da conversa.

— Temos então mais um aliado! Entendo ser o valor deste cavaleiro de melhor liga do que a da fé do eremita e a da honestidade do arqueiro Locksley. Este parece um ladrão de veados e o padre um hipócrita dos grandes.

— Cala a boca, Wamba! — recomendou Gurth. — Pode muito bem ser assim, mas, mesmo que fosse o Diabo, com chifres e tudo, que me viesse oferecer préstimos para a libertação de Cedric e Lady Rowena, acho que não seria suficientemente religioso para não lhós aceitar e juntá-lo às minhas fileiras.

O frade estava agora totalmente vestido como um homem livre, com espada e boldrié, arco e aljava e uma grande alabarda ao ombro. Deixou a cela à frente do grupo, cerrou cuidadosamente a porta e escondeu a chave junto da soleira.

— Estás em condições de funcionar, frade? — riu-se Locksley.

— Ou os copos ainda te andam à volta dentro da cabeça? — com uma gotinha da água da fonte de Saint Dunstan, o zumbido que lá tenho dentro e a moleza que sinto nas pernas passarão. Aproximou-se da pia de pedra, onde bailavam ao luar as bolhas formadas pela água a correr, e bebeu uma golada tal que parecia querer esvaziar a fonte.

— Já alguma vez havias bebido tanta água, santo clérigo de Copinanhurst? — perguntou o Cavaleiro Negro.

— Nunca, desde que a minha pipa rachou, deixando fugir o líquido que continha por vias ilegais, limitando-me à bondade do meu patrono, aqui. Mergulhou a cabeça e os braços na água, que lhe apagou todos os traços da paródia noturna. Fresco e sóbrio, o prazenteiro monge fez girar, em três dedos apenas, a alabarda sobre a cabeça, como se fosse um junco, e perguntou, ao mesmo tempo: — Onde estão esses falsos raptores que levam donzelas contra a sua vontade? Que os diabos me levem se não sou homem para uma dúzia deles!

— Praguejas, santo padre! — lembrou o Cavaleiro Negro.

— Não me venhas com santos, nem com meios santos — replicou o padre à paisana. — Por São Jorge e pelo Dragão, deixei de ser o frade de cabeça rapada quando enverguei a minha roupa verde. Posso beber, praguejar e namorar como qualquer outro homem da floresta de West Riding.

— Anda, padre — mandou Locksley. — Fazes mais barulho do que um convento inteiro, à noite, depois de o abade se ter ido deitar... Venham também, meus senhores. O tempo urge. Temos de juntar todas as nossas forças e braços que pudermos e seremos sempre poucos se tivermos de assaltar o castelo de Reginald Front-de-Boeuf.

— Quê?! Foi o Front-de-Boeuf — exclamou o Cavaleiro Negro quem assaltou súbditos reais, na estrada real? Tornou-se ladrão e opressor?

— Opressor sempre foi — comentou Locksley.

— E, quanto a ser ladrão, duvido se alguma vez teve metade da honestidade de qualquer salteador meu conhecido — acrescentou o padre.

— Silêncio! Mexe-te e cala-te — ordenou o arqueiro. — Conduz-nos ao ponto de encontro e não fales de coisas que têm de ser caladas por decência e cautela.

Capítulo XXI

*Oh! Quantos dias passaram! Anos até, Desde que alguém nesta mesa se sentou, Vela ou lanterna nela rebrilhou!
Julgo ouvir a voz do tempo passado Murmurando forte na sala vazia.
Na arcada sombria soam sons antigos, Daqueles há muito dormindo na tumba.*

Orra, Uma Tragédia

Enquanto iam sendo tomadas estas medidas para ajuda de Cedric e dos seus companheiros, os homens armados que os haviam capturado apressavam-se para o local onde tencionavam mantê-los como prisioneiros. A noite caía depressa e as trilhas da floresta, que não eram bem conhecidas pelos assaltantes, tinham-nos obrigado a fazer diversas paragens e por mais de uma vez a voltar atrás para retomarem a direção pretendida.

Era já alvorada quando, por fim, se viram na rota certa. A confiança e a cavalgada deslocavam-se agora muito mais rapidamente. Travava-se o seguinte diálogo entre os dois bandidos-chefes: — É chegado o momento de nos deixar, Sir Maurice — disse o Templário para De Bracy -, para que possais preparar a segunda parte do drama. A seguir representareis o papel de Cavaleiro Salvador.

— Pensei melhor — respondeu De Bracy — e não te abandonarei antes de a nossa presa estar segura no castelo de Front-de-Boeuf. Aí surgirei perante Lady Rowena tal como sou e acredito que ela me perdoará, ante a veemência da minha paixão, a violência de que sou culpado.

— E que vos fez alterar o plano? — perguntou o Templário.

— Não é de vossa conta — respondeu o companheiro.

— Espero, Sr. Cavaleiro — pôs o Templário -, que esta mudança de ideias não resulte de suspeitas em relação à minha honrada pessoa em si inculcadas por Fitzurse.

— Os meus pensamentos são meus — foi a resposta de De Bracy — e o Diabo sempre se ri quando um ladrão rouba outro ladrão. Também sabemos que nem raios nem coriscos conseguem evitar que um templário leve um propósito seu para diante.

— Ou que um comandante de mercenários — contrapôs o Templário — não tenha medo dum camarada amigo, pois que em todos vê má-fé.

— Essa é uma acusação vã e perigosa — retorquiu De Bracy. Bastará dizer-te que conheço a moralidade dos Templários e que por isso te não darei o ensejo de te apossares da bela presa pela qual tantos riscos corri.

— Ora! — exclamou o Templário. — Que temeis? Conheces os votos da minha ordem.

— Sei-os de cor — disse De Bracy — e também a forma como os seguis. Lembrai-vos, Sr. Templário, de que as leis da galanteria são muito lassas na Palestina, e, neste caso, não confio na vossa consciência.

— Escuta então — pediu o Templário. — Aquela beleza de olhos azuis nada me interessa. Há no grupo muito melhor companhia...

— O quê? Baixar-te-ias a cortejar a aia? — surpreendeu-se De Bracy.

— Não, Sr. Cavaleiro — retorquiu altivamente o Templário, Não me baixo perante aias. Prefiro apenas um prêmio melhor do que o teu.

— Pela Santa Missa! Referes-te à judia! — bradou De Bracy. — E se for? Quem me vai impedi-lo?

— Ninguém que eu conheça — reconheceu De Bracy -, à parte os teus votos e a consciência quanto a uma ligação com uma judia.

— Quanto aos meus votos — explicou o Templário -, o nosso grão-mestre concedeu-me dispensa. No que se refere à consciência, um homem que matou trezentos sarracenos não pode olhar a pequenas faltas como qualquer donzela da aldeia confessando-se na véspera duma sexta-feira Santa.

— Saberás melhor que ninguém os teus privilégios — concordou De Bracy. — No entanto, julgava estarem os teus pensamentos mais nas sacas de dinheiro do usurário do que nos olhos negros da filha.

— Posso admirar ambos — disse o Templário -, além de que o velho judeu é só meio prêmio, pois tenho de dividir o espólio com Front-de-Boeuf, que nunca nos emprestaria o castelo de graça. Tinha de deitar as unhas a qualquer coisa que fosse apenas para mim, entre aquilo que saqueamos, e a bela judia será a minha compensação muito especial. Agora, que sabes das minhas intenções, segues agarrado ao teu projeto? Nada tens a temer.

— Não — insistiu De Bracy. — Ficarei ao lado da minha presa. O que contas pode ser verdadeiro, mas não gosto de privilégios obtidos por bulas de grão-mestre e de méritos conseguidos pelo abate de trezentos sarracenos. Tens direitos de mais para conseguires uma absolvição total para que possas apoquentar-te com meros pecadilhos. Enquanto estes dois falavam, Cedric tentava arrancar aos que o guardavam indicações sobre as suas pessoas e o que pretendiam: — Deveis ser

ingleses — disse -, e, mesmo assim, Céu, assaltais os vossos compatriotas como se normandos fôsseis. Sereis talvez meus vizinhos, logo, amigos meus. Não existe inglês que o não seja... Garanto-vos, homens, que, mesmo aqueles de vós que passaram a fugir da lei, sempre gozaram da minha proteção, já que sempre lhes lamentei a miséria e combati a opressão que os nobres sobre eles exercem. para que me quereis? para que vos serve a violência? Sois piores do que os animais nos vossos atos e imitai-los com o vosso silêncio?

Cedric argumentou e tornou a argumentar com os guardas, mas eles tinham bons motivos para se calarem e não lhe respondiam, nem à raiva, nem ao arrazoamento. Seguiram bem depressa, até que, no extremo duma álea de árvores gigantescas, avistaram Torquilstone, o antigo castelo, agora pertença de Front-de-Boeuf. Era uma fortaleza não muito grande, formada por um torreão ou torre quadrada cercada de edifícios mais baixos dando para um pátio interior.

Em redor da muralha exterior havia um fundo fosso, que um regato abastecia de água. Front-de-Boeuf, cujo temperamento o levava a tremendos feudos com os seus adversários, tinha-lhe feito vários acrescentos, reforçando-o com torres em todos os Ângulos da muralha. O acesso fazia-se, como era próprio da época, por uma barbacã arcada, defendida por dois pequenos torreões em cada esquina.

Cedric, logo que avistou as plúmbeas fortificações do castelo de Front-de-Boeuf elevando-se, cobertas de musgo e batidas pelo sol da manhã, de dentro da mata que as cercava, começou a compreender melhor as razões do que lhe sucedera.

— Fui injusto — disse — para com os ladrões e proscritos desta floresta pensando que estes bandidos faziam parte dos seus bandos. Foi como se confundisse as raposas destes silvados com os ferozes lobos de França. Informai-me, cães: é a minha vida ou os meus haveres que o vosso amo pretende? Será demasiado dois saxões, como eu e o nobre Athelstane, possuímos terras na nação que era patrimônio da nossa raça? Que nos matem completando a tirania que iniciaram cerceando-nos a liberdade. Se Cedric, o Saxão, não pode salvar a Inglaterra, está disposto a morrer por ela. Diz ao teu tirânico amo que eu somente lhe rogo que deixe Lady Rowena seguir honrosamente e em boa paz. Ela é mulher e ele nada terá a temer-lhe, pois conosco desaparecerão todos os que ousam defender a sua causa.

Os criados prosseguiram na sua mudez, e todos, entretanto, chegaram ao portão. De Bracy entoou por três vezes a sua trompa e os arqueiros e besteiros que guarneciam a muralha acorreram a baixar a ponte levadiça para que passassem. Os prisioneiros, obrigados pelos guardas a desmontar, foram conduzidos a uma sala, onde lhes foi servida uma refeição rápida, refeição que todos recusaram, com a excepção de Athelstane, e mesmo este nobre descendente do Confessor não teve tempo para honrar as iguarias que lhe eram apresentadas, já que um dos captos deu a entender, a ele e a Cedric, que iam ser encerrados numa sala, separados de Rowena. Qualquer resistência era inútil, pelo que se deixaram conduzir para um pequeno quarto, com toscas colunas saxônicas, semelhantes às dos refeitórios e salas de capítulo que ainda hoje se podem encontrar nos mosteiros mais antigos.

A Lady Rowena separaram-na, com cortesia mas sem a consultarem, do seu séquito e levaram-na para um aposento distante. A mesma alarmante distinção foi dada a Rebeca, não obstante os inúmeros rogos do pai, que chegou a oferecer dinheiro para que a não tirassem de ao pé de si.

— Descrente mesquinho — rosou um dos guardas -, quando vires o covil que te foi reservado, não queres a tua filha junto de ti.

— E, sem mais comentários, o velho judeu foi arrastado à força para um lado diferente dos demais presos.

Os criados, após terem sido revistados e desarmados, seguiram também para outras dependências do castelo, sem sequer terem deixado Elgitha para atender à sua ama. O apartamento onde os dois chefes saxões foram confinados (pois será para eles que voltaremos a nossa atenção), embora no momento servisse como sala da guarda, fora primitivamente o grande salão do castelo, relegado depois para funções de menor importância porque o novo senhor, entre outros aumentos de conveniência, segurança e embelezamento, mandara construir um outro novo, cujo tecto abobadado se apoiava em colunas mais graciosas e ornamentais do que os Normandos já haviam incluído na arquitetura local.

Cedric percorria o apartamento carregado de pensamentos indignados, quer a propósito do presente, quer do passado, enquanto o seu companheiro aguentava com toda a paciência e filosofia tudo, exceptuando o desconforto da ocasião. E até isto pouco sentia, pois somente de tempos a tempos se limitava a dar uma resposta vaga às imprecações de Cedric.

— Sim — dizia Cedric, falando mais para si do que para Athelstane -, foi neste salão que meu pai deu uma festa, juntamente com Torquil Wolfgang, em honra do valente e infeliz Harold, que então partia contra os Noruegueses, que se haviam aliado ao rebelde Tosti. Foi dentro destas paredes que Harold proferiu a sua magnânima resposta ao embaixador do irmão revoltoso. Muita vez escutei meu pai narrando e tornando a narrar a história. O enviado de Tosti fora admitido. Quando

aqui chegou, quase não cabia mais ninguém, de cheio que estava com a nobreza saxônica que bebia à saúde do seu monarca.

— Espero — observou Athelstane, um pouco mais atento a este pormenor — que não se esquecerão de nos mandar vinho e comida para o almoço... quase nem nos deram tempo para o pequeno-almoço, e nunca tiro proveito das refeições quando as como logo a seguir a ter andado a cavalo, embora os médicos sejam de opinião contrária.

Cedric prosseguiu sem prestar a mínima atenção à interrupção do amigo: — O enviado de Tosti atravessou a sala, indiferente aos olhos carregados que sobre ele caíam, e inclinou-se frente ao trono de Harold. "Em que termos, Majestade", perguntou "poderá vosso irmão depor as armas e estabelecer a paz convosco?" O generoso Harold gritara-lhe então: "Amor fraterno e o belo condado de Northumberland". "Mas, caso Tosti aceite essas condições", continuou o enviado, "que terras serão oferecidas ao seu leal aliado, o rei da Noruega?" com ferocidade, Harold respondeu: "Sete palmos de terra inglesa, ou, uma vez que dizem ser Hardrada um gigante, talvez um palmozito mais." O salão vibrou às aclamações e taças e chifres de beber foram erguidos à saúde do norueguês, que em breve ocuparia território inglês.

— Eu teria de o saudar em espírito, porque tenho a língua colada ao céu da boca — taramelou Athelstane.

— O confuso diplomata — seguiu Cedric todo animado, se bem que não estivesse interessando o seu ouvinte -, retirou-se para transmitir a Tosti a funesta resposta do irmão ofendido. Foi então que as distantes torres de Iorque e as sangrentas correntes do Derwent(1) presenciaram o combate em que, após terem demonstrado o maior valor, tanto o rei da Noruega como Tosti pereceram, juntamente com dez mil dos seus mais bravos soldados. Quem imaginaria, no glorioso dia em que aquela pugna fora vencida, que o mesmo vento que desfraldava as bandeiras saxônicas em triunfo enfunava já as velas dos Normandos, empurrando-os para as fatídicas praias do Sussex? Quem acreditaria que Harold, dentro de poucos dias, não possuiria mais terra, no seu reino, do que aquela que, na sua fúria, destinara ao invasor norueguês? Quem pensaria que vós, nobre Athelstane, descendente sanguíneo de Harold, e eu, cujo pai não foi um dos piores defensores da coroa saxônica, seríamos encarcerados por um vil normando, exatamente no salão onde os nossos antepassados tão grande festa ofereceram?

— É realmente triste — reconheceu Athelstane.

— Conto que não nos exijam resgates muito grandes. De qualquer forma, não creio que nos queiram fazer morrer de fome. Já deve ser meio-dia e não aparece jantar nenhum. Espreitei pela janela, nobre Cedric, e vede pelo sol se não será mesmo meio-dia a passar.

— Pode acontecer que seja — respondeu Cedric -, mas não consigo espreitar por aqueles vidros tingidos sem despertar outras recordações que nada têm a ver com o momento atual e as privações que passamos. Quando aquela janela foi montada, meu nobre amigo, os nossos pais desconheciam a arte de fazer vidro, quanto mais a de o tingirem. Foi o orgulho de pai de Wolfgang que fez trazer um artesão da Normandia para aplicar nesta sala este novo tipo de decoração que divide a luz dourada do dia do Senhor em tantos e fantásticos matizes. O estrangeiro chegou aqui pobre, mendigante, bajulante e subserviente, sempre a tirar o chapéu a todo e qualquer nacional, mesmo aos mais inferiores da casa.

Regressou animado e altivo para relatar aos seus rapazes compatriotas da riqueza e simplicidade dos nobres saxões... uma loucura, oh, nobre Athelstane!... loucura já muito antes profetizada e prevista por aqueles descendentes de Hengist e das suas ferozes tribos que mantiveram a sua pureza de costumes. Tratamos aqueles estrangeiros como amigos do peito, como criados de confiança.

Pedimos-lhes emprestados os artistas e as artes, desprezando a singeleza e robustez em que os nossos maiores tinham vivido, deixando-os dominar-nos pelas artes normandas muito antes de sucumbirmos às suas armas. Muito melhor teria sido o termo-nos atido à nossa dieta simples, mas servida em paz, do que virarmo-nos para esses requintes luxuosos, que tanto passamos a apreciar a ponto de nos tornarmos servos de conquistadores estranhos.

— Eu — falou neste momento Athelstane — consideraria qualquer humilde dieta um verdadeiro luxo. É estranho, nobre Cedric, como vos recordais tão bem de feitos passados e esqueceis a hora do jantar.

— É perder tempo — resmungou Cedric em aparte e sem paciência — falar com ele de qualquer coisa que não seja do agrado do seu apetite! O espírito de Hardicanute possuiu-o e não tem outro prazer que não seja empanturrar-se, embebedar-se e bramir por mais. Que pena! -, exclamou, olhando para Athelstane com compaixão — que um espírito tão tapado tenha ocupado um corpo tão perfeito. Que pena que uma empresa tão importante como o é a restauração da Inglaterra tenha de girar em gonzo tão perro. Talvez cansando-se com Rowena, a alma dela, mais nobre e mais generosa, possa despertar-lhe algo de melhor, na altura entorpecido dentro dele.

Mas, como poderá isso verificar-se se Rowena, Athelstane e eu estamos prisioneiros deste brutal bandido que, quiçá, assim terá agido por temor àquilo que a nossa liberdade poderia acarretar contra o poder usurpado pela sua gente?! Foi durante estas reminiscências dolorosas do Saxão que a porta da prisão se abriu para deixar entrar um mordomo com a vara indicativa da sua função na mão. Este grave personagem avançou pausadamente, seguido por quatro ajudantes transportando uma mesa carregada de pratos, cujo aroma aliviou Athelstane dos aborrecimentos sofridos até então. As pessoas que os vinham servir estavam encapotadas e de mascarilhas.

— Que farsa é esta? — proferiu Cedric. — Julgais sermos prisioneiros ignorando quem é o senhor deste castelo? Dizei-lhe — continuou, aproveitando o ensejo para negociar a liberdade -, dizei ao vosso amo, Reginald Front-de-Boeuf, que sabemos não haver outro motivo para nos tirar a liberdade que não seja a sua ilegal pretensão de se tornar mais rico à nossa custa. Dizei-lhe ainda que acederemos à sua ganância tal como, em circunstâncias idênticas, acederíamos a um vulgar ladrão. Que nos indique o valor do resgate que calcula corresponder à nossa liberdade e será pago, desde que as suas exigências condigam com as nossas possibilidades. O mordomo nada disse, limitando-se a baixar a cabeça.

— E dizei a Sir Reginald Front-de-Boeuf — interpôs aThelstane — que eu o desafio para combate de morte, a pé, a cavalo, em qualquer local isolado, três dias após a minha libertação, o que, se é de fato um cavaleiro, nem recusará, nem protelará.

— Transmitirei as vossas mensagens ao cavaleiro — respondeu o mordomo — enquanto comeis. Diga-se que o repto de Athelstane fora lançado com muito pouca elegância, já que uma boca atafalhada exigindo esforços a ambas as queixadas, em conjunto com a usual hesitação do nobre, pouco efeito incutia ao arrojado convite. Mesmo assim, aquele discurso foi considerado por Cedric como um despertar de ânimo do seu companheiro, cuja indiferença anterior lhe principiava a moer a paciência.

Apertou-lhe a mão cordialmente, demonstrando-lhe toda a sua aprovação, que rapidamente, porém, diminuiu quando a Thelstane observou que "lutara com uma dúzia de homens como Front-de-Boeuf se, graças a isso, pudesse apressar a saída do calabouço onde tanto alho se punha na sopa". Apesar desta manifestação de retorno à apatia e gulodice, Cedric sentou-se-lhe na frente e depressa revelou que, se os males da sua terra o faziam esquecer os alimentos, quando não à vista, a sua presença logo lhe trazia todo o apetite dos seus antepassados saxões.

Os cativos apreciavam gostosamente a sua refeição quando a atenção lhes foi violentamente chamada por um troar de trompa ao portão. Foi por três vezes repetido, com tanta força como se fosse tocado por um cavaleiro frente a um castelo encantado, cujas torres, salas, barbacãs e muralhas se desfariam em pó perante tais sons. Os saxões saltaram da mesa e abeiraram-se das janelas. Nada viram, contudo, pois davam para o pátio do castelo e o chamado vinha de fora. Deveria ser de grande importância também, dado o rebuliço que logo provocou dentro da fortaleza.

1. Em edições anteriores surgiu, neste ponto, um enorme engano topográfico. A feroz batalha mencionada no texto, que o rei Harold travou e venceu contra o seu irmão, o rebelde Tosti, e um corpo de dinamarqueses ou nórdicos, era, nelas, localizada em Stamford, no Leicestershire, junto do rio Welland. Tratava-se dum engano em que o escritor foi induzido por ter confiado na própria memória, confundindo dois locais de nomes iguais. Stamford, Strangford ou Staneford, onde a batalha realmente aconteceu, é um vau no rio Derwent, a cerca de dez quilômetros de Iorque, e situado naquele grande e rico condado. Uma comprida ponte de madeira sobre o Derwent, da qual ainda resta um pilar, foi duramente disputada. Um norueguês isolado defendeu-a por muito tempo, até que o trespassaram com uma lança enfiada por entre as pranchas de madeira, manejada por alguém num barco. Nas redondezas de Stamford, no Derwent, encontram-se muitas recordações do combate, como ferraduras, espadas, pontas de alabardas ou de chuços. Determinado ponto é conhecido por "The Danes" ["Os Dinamarqueses"] e outro como "Battlet flats" (Baixos da Batalha). Devido à tradição, rezando que a arma que abateu o heróico norueguês teria o feitiço de pera, embora haja quem afirme ser o barco a ter tal formato, a gente do campo tem por costume iniciar a grande feira que se realiza em Stamford com uma brincadeira que denominam a festa do "Pear-pie" ["Empada de pêras"], o que será uma corruptela de festa do "Spear-pie" ["Empada de lança"]. A história de Iorque, de Drake, dá mais pormenores acerca da batalha, que ocorreu em 1066. A atenção do autor para o equívoco foi alertada, o mais delicadamente possível, pelo Sr. Robert Belt, de Bossal House.

Capítulo XXII

*Minha filha... Ó ducados meus... Ó minha filha!
Ó meus ducados cristãos!
Justiça... Lei... ducados meus, filha minha!
O Mercador de Veneza*

Deixando os chefes saxões de volta com o seu banquete logo que a sua insatisfeita curiosidade lhes recordou a vontade ainda não satisfeita de comer, apreciemos as muito mais duras condições de prisão impostas a Isaac de Iorque. O pobre judeu fora atirado para um cárcere do castelo, enterrado muito abaixo do nível do solo, mais fundo do que o fosso, e portanto carregado de umidade. A pouca luz ali recebida provinha de duas frestas altas, às quais não se podia chegar com as mãos.

Permitiam, mesmo com o Sol a prumo, apenas a passagem duma luz difusa e vaga, que se tornava escuridão logo que aquele baixasse um pouco. Correntes e grilhões, empregues noutros prisioneiros para lhes travar qualquer tentativa de fuga, pendiam, ferrugentos e vazios, das paredes da masmorra. Nos aros dum desses cadeados viam-se dois ossos bolorentos, talvez duma perna humana, como se um preso não só tivesse sido deixado acolá, mas também abandonado até só dele restar o esqueleto.

Num dos extremos deste antro medonho havia uma grande grelha sobre a qual se entrecruzavam barras de ferro semi-carcomidas. O aspecto da masmorra e o perigo iminente, que deveriam fazer gelar a alma dos mais valentes, dera, pelo contrário, a Isaac uma calma que não ostentava quanto a temores cuja causa era ainda remota e contingente. Dizem os caçadores que a lebre sente mais durante a perseguição dos galgos do que quando estrebucha entre as fauces deles.(1)

É provável que os judeus, dada a frequência dos seus pavores em todas as ocasiões, tivessem as mentes de qualquer maneira adaptadas a todas as formas de agressão sobre eles exercida que nenhuma existisse já que, quando realmente acontecesse, contivesse para eles o elemento surpresa, que é a mais contundente característica do terror. Não era, de fato, a primeira vez que Isaac se encontrava em situação tão perigosa.

Gozava, pois, da experiência para o aconselhar, além da esperança de poder, como anteriormente, escapar como a presa escapa ao caçador. Acima de tudo, dispunha da tenaz obstinação da sua raça e aquela firmeza com que, é sabido, os Israelitas aguentam os mais pavorosos males que o poder e a violência possam sobre eles descarregar, sem ceder à exigência dos seus martirizadores.

Neste estado de resistência passiva, embrulhado nas suas roupas para evitar o contato com o chão empapado, Isaac, num canto, com as mãos apertadas, os cabelos e as barbas desgrenhados, a capa forrada e barrete alto, àquela luz tênue, seria um modelo para um estudo de Rembrandt, se aquele célebre pintor tivesse vivido naquele período. O Judeu manteve-se imóvel durante cerca de três horas, ao fim das quais ouviu passos nos degraus conduzindo ao cárcere. Os ferrolhos correram com ruído, os gonzos chiaram e a porta abriu-se para Reginald Front-de-Boeuf, que, seguido pelos dois sarracenos do Templário, entrou na masmorra.

Front-de-Boeuf, alto e forte, cuja vida se passara entre guerras e feudos e questiúnculas pessoais e que não olhava a meios para levar tão longe quanto pudesse o seu poder feudal, tinha feições correspondentes ao seu carácter, claramente revelando as mais ferozes e perversas paixões. As cicatrizes que se lhe cruzavam no rosto, se fossem na cara de outro, provocariam compaixão ou respeito pelo que de valor significariam. No caso dele, apenas lhe acresciam a ferocidade de expressão. O tremendo barão envergava um gibão de couro bem justo ao corpo, roçado e sujo pela armadura. Além dum punhal, a um dos lados da cinta, contrabalançando o peso do molho de chaves à direita, não trazia qualquer outra arma.

Os escravos negros que atendiam Front-de-Boeuf tinham-se libertado das suas faustosas vestimentas, mostrando agora calças de linho grosseiro e jaquetas com as mangas arregaçadas até acima dos cotovelos, como os carneiros quando se preparam para o trabalho no açougue. Ambos pegavam em pequenos cabazes e, logo que entraram no calabouço, estacaram à porta, enquanto Front-de-Boeuf, com cuidado, fechava a porta, dando-lhe duas voltas. Tomada esta precaução, avançou lentamente em direção do Judeu, de quem não despegava os olhos, como que desejando paralisá-lo com a vista, como de alguns animais se diz que hipnotizam as suas presas.

Na verdade, parecia que o funesto e perverso olhar de Front-de-Boeuf possuía parte desse suposto poder sobre o infeliz prisioneiro. O Judeu conservava-se, de boca entreaberta, olhos postos no selvagem barão, com um Pavor tão intenso que, literalmente, parecia encolher-se e diminuir de tamanho sob o exame físico e calamitoso do duro normando. O desgraçado Isaac estava perfeitamente impossibilitado de se levantar para o cumprimentar como o terror lhe recomendava e nem sequer conseguia retirar o gorro ou balbuciar qualquer súplica de tão perturbado com as torturas e possível morte que sabia próximas.

Pelo contrário, a imponente estatura do normando aparentava crescer, como a águia que enfuna as penas antes do bote final sobre a sua vítima. Parou a três passos do canto onde o Judeu se recolhera e fez sinal a um dos escravos para que se acercasse. Um dos negros obedeceu e tirou do cabaz uma grande balança e vários pesos, que colocou aos pés de Front-de-Boeuf iniciou o ato dirigindo-se assim ao seu pobre cativo: — Cão danado duma raça de cães danados — disse, tornando a voz cava e fazendo-a soar nas arcadas da prisão -, vêes esta balança? O desafortunado assentiu debilmente.

— Pois bem, nelas me pesarás mil libras de prata, de acordo com os Pesos e medidas da Torre de Londres.

— Pai Abraão! — exclamou o Judeu, a quem o perigo dera finalmente voz. — Quem ouviu alguma vez falar num pedido dessa ordem? Quem, mesmo em contos de menestréis, ouviu mencionar uma importância de mil libras de prata? Quem jamais pousou os olhos num fabuloso tesouro desses? Nem em Iorque, saqueassem a minha casa e a de todos da minha tribo, se encontraria um décimo dessa imensa quantidade de prata de que falas.

— Sou razoável — respondeu Front-de-Boeuf -, e, se há falta de Prata, aceitarei ouro. Ao câmbio de um marco de ouro por cada seis libras de prata, salvarás essa tua incrível carcaça de castigos como nunca imaginaste pudessem existir.

— Tende piedade de mim, nobre cavaleiro — implorou Isaac. Sou velho, pobre e desamparado. Vencer-me não requer valor. Esmagar uma minhoca nada é.

— Lá velho és — concordou o cavaleiro -, para vergonha de quem te deixou ganhar cãs na usura e na patifaria... Fraco pode ser que sejas, pois desde quando têm os judeus coração? Mas rico é sabido que o és.

— Juro-vos, nobre cavaleiro — disse o Judeu -, por tudo aquilo em que creio e pelo que em comum temos...

— Não Perjures! — interrompeu-o o normando. — Não deixes que a tua teimosia dite a tua sorte, antes de saberes e ponderares qual é o fim que te aguarda. Não creias que falo para te assustar mais e para me aproveitar da covardia da tua gente. Se não me acreditares, juro-te, Por aquilo em que não acreditas, pelo Evangelho que a Igreja nos ensina e pela autorização que goza de prender e soltar quem quiser, que o meu intento é firme e inabalável. Esta masmorra não é lugar para brincadeiras. Presos dez mil vezes mais importantes do que tu morreram dentro destas paredes e nunca mais ninguém tornou a ouvir falar deles. para ti reservo uma longa e continuada agonia, comparada com a qual as que eles sofreram seriam verdadeiramente suaves.

Novamente fez os escravos aproximarem-se e cochichou na língua deles, pois também estivera na Palestina, onde talvez tivesse colhido alguns ensinamentos de crueldade especial. Os sarracenos tiraram dos cabazes carvão de choça, tenazes e uma garrafa de azeite. Enquanto um, com fuzil e pederneira, preparava o lume, o outro espalhava o carvão na grelha que mencionámos e com um fole levava-o ao rubro.

— Vês, — disse Front-de-Boeuf -, aqueles ferros por cima do carvão em brasa (2)? — Irás deitar-te naquele leito aquecido, sem roupas, como se fosse a tua Própria cama. Um dos escravos manterá o fogo em brasa por debaixo de ti, enquanto outro te untará com azeite os miseráveis membros para que o assado não fique queimado... Escolhe, agora, entre aquela cama escaldante e o pagamento de mil libras de prata, pois, pela alma de meu pai, não existe outra opção.

— É impossível — exclamou o miserável judeu, — É impossível que o vosso propósito seja verdadeiro. O bom Deus nunca permitiria a existência dum coração assim tão cruel!

— Não te fies nisso, Isaac — respondeu Front-de-Boeuf -, pois cairias num erro fatal. Julgas que eu, que já assisti ao saque duma cidade, no qual milhares de cristãos, compatriotas meus, pereceram sob ferro e fogo e águas, irias agora desviar-me do meu propósito devido aos berros dum único e miserável judeu?... Ou será que pensas que estes tipos morenos, que não têm nem lei, nem consciência, que não seja o desejo de seu amo (ao mínimo aceno de quem empregarão veneno, chuço, punhal ou cordas), terão dó de ti, quando nem mesmo entendem a fala em que ela lhes é implorada?... Tem juízo, velhote. Alivia-te duma parte da tua supérflua riqueza. Põe em mãos cristãs um bocado daquilo que tens arrancado pela usura sobre os da mesma religião que as destas mãos. A tua sagacidade saberá encher de novo a tua bolsa mirrada. Não existem, porém, sanguessugas ou remédios capazes de te tornarem a dar a pele e carne crestadas, que virão quando te estirar naquelas barras. Paga o teu resgate e alegra-te por poderes escapar duma masmorra cujos segredos poucos puderam revelar. Não gasto mais palavras contigo. Escolhe entre o teu vil metal e a tua pele e ossos e, conforme escolheres, será.

— Valham-me Abraão, Jacó e todos os patriarcas do meu povo.

— Evocou Isaac. — Não posso escolher porque não disponho de meios para atender à vossa exorbitante exigência!

— Agarrem nele e dispam-no, escravos! — ordenou o cavaleiro. Que os seus patriarcas o ajudem, se puderem. os ajudantes, obedecendo mais ao olhar do barão do que às suas palavras, prenderam o infortunado Isaac contra o chão e,

segurando-o, aguardaram novo sinal do fidalgo.

O infeliz judeu remirava-lhes os rostos, deles e de Front-de-Boeuf, buscando qualquer prova de compaixão. O do barão continuava frio, com o mesmo sorriso, entre o carrancudo e o sarcástico, que apresentara desde o início, e os dos selvagens sarracenos, onde rolavam os olhos com um vago brilho sob as espessas arcadas, tinham tomado uma expressão ainda mais sinistra mostrando o branco que lhe rodeava a íris e revelando um prazer mórbido pelo que ia acontecer, a par de nenhuma relutância em serem eles a levá-lo a cabo. O Judeu olhou então para a fornalha incandescente sobre a qual iria em breve ser estirado e, percebendo não existir qualquer possibilidade de dó da parte do seu torcionário, tomou uma decisão.

— Pagarei — disse — as mil libras de prata... Quero dizer — acrescentou, após uma hesitação -, pagarei com a ajuda dos meus irmãos, depois do que terei de mendigar à porta da sinagoga, já que nunca conseguirei juntar essa soma de que ninguém, nunca, ouviu falar. Quando e onde deverá ser feita a entrega?

— Aqui — informou Front-de-Boeuf -, entregue aqui, aqui pesada e contada no chão deste mesmo calabouço. Cuidavas que me separaria de ti sem ter o resgate nas mãos?

— E qual é a garantia — quis o Judeu saber — que terei em como me soltareis depois do pagamento?

— A palavra dum nobre normando, escravo penhorista — bradou Front-de-Boeuf -; a fé dum nobre normando, que é mais puro do que o ouro e a prata que tu e a tua tribo têm.

— Peço perdão, nobre senhor — fez Isaac timidamente -, mas como posso eu confiar na vossa palavra se não confiais na minha?

— Porque não tens outra forma — disse severamente o cavaleiro.

— Estivesses tu neste momento na tua tesouraria, em Iorque, e necessitasse eu de alguns cequins, serias tu quem ditaria o prazo de pagamento e as garantias. Esta é a minha tesouraria. Estou em vantagem e não me dignarei a repetir os termos sob os quais te restituirei a liberdade. O Judeu gemeu profundamente.

— Concedei-me — pediu -, pelo menos, juntamente com a minha, a liberdade dos companheiros com que viajava. Insultaram-me por ser judeu, mas, mesmo assim, apiedaram-se da nossa desgraça e foi por terem perdido tempo comigo que parte da minha pouca sorte veio a cair sobre eles. Além de que poderão contribuir também para a realização do valor do resgate.

— Se te estás a referir àqueles rústicos saxões, lá dentro — declarou Front-de-Boeuf -, o seu resgate tem outros termos que não os teus. Importa-te com o que te respeita, Judeu. Aviso-te de que não te metas nos assuntos dos outros.

— Serei então — perguntou o Judeu posto em liberdade apenas com o meu amigo ferido?

— Terei de repetir — exclamou Front-de-Boeuf — a este filho de Israel que se meta na própria vida e deixe o resto em paz?... Fizeste a escolha e só te resta pagar o resgate, e isso mesmo depressa.

— Mesmo assim, escutai-me — rogou o Judeu, — Pelo próprio valor da riqueza que ireis obter graças à vossa... — Parou, temendo irritar o selvagem normando. Front-de-Boeuf apenas se riu e completou a frase incompleta, a partir donde o Judeu hesitara: — ...à custa da minha consciência, tu, Isaac, ias dizer. Fala! Sou razoável. Aguento as censuras dum perdedor, mesmo que esse perdedor seja judeu. Não foste tão paciente, Isaac, quando invocaste a justiça contra Jacques Fitzdotterel por te ter chamado uma sanguessuga usurária, quando as tuas exigências lhe devoravam o patrimônio.

— Juro pelo Talmude — gritou o Judeu — que estais mal informado sobre o caso. Fitzdotterel sacou do punhal contra mim, em minha casa, quando lhe pedi a minha prata. O prazo de pagamento vencera-se na Páscoa.

— Não me interessa o que ele fez — disse Front-de-Boeuf. — A questão é simples: quando recebo o meu? Quando recebo o dinheiro, Isaac?

— Deixai minha filha, Rebeca, ir a Iorque — respondeu o Judeu — com um salvo-conduto, nobre cavaleiro, e, dentro do tempo que um homem, a cavalo, leva a ir e vir, o tesouro será... — nesta altura gemeu, para logo prosseguir — contado neste mesmo chão.

— Tua filha! — bradou Front-de-Boeuf! como que surpreendido.

— Pelos Céus, Isaac, eu deveria ter adivinhado. Julgava que aquela moça trigueira fosse tua concubina e dei-a como aia a Sir Brian de Bois-Guilbert, segundo o costume que os patriarcas e heróis do passado nos deixaram como exemplo. O grito que Isaac soltou ao receber esta lancinante informação fez a abóbada vibrar e surpreendeu os dois sarracenos a ponto de o largarem, o que ele aproveitou para se pôr de jorro no solo e abraçar os joelhos de Front-de-Boeuf.

— Levai tudo que pedistes — implorou -, Sr. Cavaleiro, levai dez vezes mais, arrastando-me para a ruína e mendicidade, se quiserdes... Não! Cravai-me o vosso punhal, queimai-me naquele braseiro, mas poupai a minha filha, pondo-a, com honra, em liberdade! Pela mãe que vos gerou,— conservai a honra da indefesa donzela! Ela é o retrato da minha falecida Raquel e a última de seis provas do nosso amor. Quereis privar um viúvo do seu derradeiro apoio? Quereis fazer que um pai deseje ver a sua única filha morta e enterrada ao lado da mãe, na tumba dos antepassados?

— É pena — disse o normando, cedendo ligeiramente — que não tivesse sabido disso antes. Julgava que a tua raça somente amava sacas de moedas.

— Não penseis tão mal de nós, judeus que somos — pediu Isaac, procurando explorar aquele instante de simpatia

aparente. — A raposa perseguida, o gato bravo torturado, todos amam as suas crias... A desprezada e perseguida raça de Abraão ama os seus filhos.

— Se é assim — disse Front-de-Boeuf -, acreditá-lo-ei daqui em diante por consideração para contigo... mas de nada vale agora. Não posso evitar o que aconteceu, nem o que se lhe seguirá. Dei a minha palavra a um companheiro de armas e não vou quebrá-la, nem que fosse por dez judeus e judias juntos. Além disso, porque terás medo que possa algo ter acontecido à rapariga como cativa de Bois-Guilbert?

— Acontece! Acontece, de certeza! — bradou Isaac, torcendo as mãos em aflição. — Desde quando é que os Templários não são cruéis para com os homens e desonrosos para com as mulheres?

— Cão infiel! — berrou Front-de-Boeuf com os olhos fuzilantes e, talvez, satisfeito com este pretexto para dar largas à sua fúria. Não blasfemes contra a santa Ordem do Templo de Sião e pensa somente em me pagares o resgate prometido, ou então acautela as goelas.

— Ladrão! Vilão! — chamou-o o Judeu, respondendo aos insultos do seu opressor com uma raiva que, embora impotente, não conseguia dominar. — Não vos pago nada... nem um tostão... sem que a minha filha seja honrosamente libertada!

— Perdeste o juízo, israelita? — perguntou duramente o normando. — Terão a tua pele e carne magia que as proteja dos ferros em brasa e do azeite a escaldar?

— Não quero saber disso! — bradou o Judeu, levado ao desespero pelo amor paternal. — Faz o pior. A minha filha é a carne da minha carne e muito mais querida do que estes membros que ameaças. Não te darei prata alguma, a não ser que pudesse despejá-la derretida por essa garganta de avarento... Não, não te dou uma única moeda, nazareno, nem que fosse para salvar a tua alma danada das penas eternas que a esperam. Toma a minha vida, se quiseres, e ficarás sabendo que um judeu, mesmo torturado, sabe impor-se a um cristão.

— Vamos ver isso — rosnou Front-de-Boeuf -, pois, pelo Santo Lenho, que a tua tribo tanto odeia, vais sentir o que é o ferro e o fogo. Dispam-no, escravos, e prendam-no sobre as barras.

Debalde e debilmente resistiu o velho. Os sarracenos, que já lhe tinham arrancado o manto, tratavam de o despir completamente, quando o som duma corneta, vindo do castelo, chegou até àqueles fundos, ouvindo-se, logo a seguir, vozes chamando por Front-de-Boeuf. Agastado por ter de suspender a sua diabólica intenção, fez sinal aos escravos para tornarem a dar as roupas a Isaac e, juntamente com eles, deixou a masmorra e o Judeu a agradecer a Deus a sua sorte, ou a lamentar o cativo e destino da filha, o que, pessoalmente e como pai, deveria ser bem pior.

1. De modo nenhum garantimos a veracidade desta afirmação sobre um pormenor de história natural, que transcrevemos baseados no Manuscrito de Wardour. (N. do T.) 2. Esta horrenda tortura poderá recordar ao leitor aquela outra que os Espanhóis aplicaram a Guatimozin para lhe arrancarem o segredo do local onde escondera o seu tesouro. Na verdade, temos, ainda mais próxima, neste país, uma barbaridade semelhante, constando de anais, da época da rainha Mary, que não só falam desta como de outras atrocidades os leitores estarão recordados que, após a igreja católica ter sido banida e o governo da igreja presbiteriana ter sido estabelecido por lei, a posição e, sobretudo, o rendimento da riqueza dos bispos, abades e priores deixaram de pertencer a eclesiásticos, passando para beneficiários seculares ou, como os síndicos escoceses os denominavam, titulares de benefícios temporais que não gozavam dos direitos espirituais dos seus predecessores em ofício.

Destes laicos, donatários dos rendimentos eclesiásticos, alguns eram pessoas bem nascidas e de posição, como o famoso Lorde James Stewart, prior de Saint Andrews, que para si conservavam a utilização dos valores de rendas, terras e proventos da Igreja. Se, por outro lado, esses titulares fossem de condição inferior, içados ao lugar por interesses de alguém poderoso, era implícito que o novo abade teria de conceder ao seu patrono a parte de leão dos arrendamentos e doutros contratos referentes a terrenos e dizimas. Daqui se criou a espirituosa designação de bispos tulchan [uma tulchan é uma vitela empalhada que se coloca junto duma vaca que perdeu a cria para que aquela continue a dar leite. A semelhança entre uma tulchan e um bispo nomeado para passar benefícios temporais para mãos superiores é evidente], uma espécie de prelados fictícios, cuja imagem era construída para que o seu patrono e patrão pudesse, sob o nome deles, aproximar-se com a melhor parte dos benefícios recolhidos.

Casos, porém, havia em que indivíduos que tinham conseguido concessões e benefícios seculares de que não queriam largar mãos, mas para o que não gozavam de influência local bastante, eram forçados, por incapacidade pessoal para os manterem, a submeterem-se às exigências do tirano feudal da região.

Bannatyne, secretário de John Knox, relata um singular caso de opressão praticado sobre um desses abadei titulares pelo conde de Cassilis, no Ayrshire, cujo poder feudal era vasto, a ponto de ser conhecido como o rei de Carrick. Transcrevemos o fato tal como surge no diário de Bannatyne, lembrando apenas que o seu escritor seguia os pontos de vista do patrono, quer a respeito do conde de Cassilis, como opositor da fação real, quer como absolutamente contrário ao sistema que apoiava a transferência dos rendimentos da Igreja para titulares, em lugar de serem utilizados em fins mais pios, como auxílio ao clero, escolas e caridade para com os pobres. Mistura, na sua um tanto confusa narrativa, justificada repulsa contra o tirano que se servia da tortura em tom ridicularizante para com o torturado, como se, afinal de Contas, o martírio não fosse impróprio para criaturas tão ambíguas e escorregadias.

Intitula-se a história

A TIRANIZAÇÃO PELO CONDE DE CASSILIS DUM HOMEM VIVENTE

"Mestre Alan Stewart, amigo do capitão James Stewart, de Cardonall, obtivera da corrupta corte da rainha a abadia de Crossraguel. O dito conde, julgando-se acima do rei, naquelas bandas, determinou que usufruísse da mesma (como já fazia com diversas outras) para seu bel-prazer, mas, como não conseguia garantias certas para aquilo que o seu insaciável apetite exigia, gizou o seguinte plano: mestre Allan, que vivia na companhia de Laird de Bargany (Um Kennedy também), foi tentado pelo conde e amigos a deixar a proteção e vir divertir-se juntamente com o citado conde. Alterada a sua simplicidade natural, aquele imprudente indivíduo Passou a dividir o seu tempo, parte em Maybole, com Thomas Kennedy, tio do citado conde, parte, calmamente, segundo dizia, visitando o local e terras de Crossraguel [a sua abadia], pelo que o mencionado conde, ao disso tomar conhecimento, resolveu pôr em prática formas tirânicas que há muito Concebera. Deste modo, e como rei da região, prendeu o dito mestre Allan e levou-o para a casa de Denure, onde, durante toda uma estação, foi honrosamente tratado (se é que um prisioneiro pode achar qualquer tratamento agradável), mas, depois de alguns dias terem decorrido, e como o conde não pudesse conseguir o feudo de Crossraguel, que o eu desejo ferventemente apetecia, procurou verificar se por meio duma refeição, a que nenhum almoço ou jantar se comparava, o alcançaria, pelo que o levou para um compartimento secreto. Fazia-lhe companhia o respeitável conde, o respeitoso irmão e os criados destacados para o serviço do banquete. No quarto havia uma grelha sobre um braseiro. Nenhum outro alimento estava à vista. O primeiro prato foi assim: "Sr. Abade", disse o conde, "confessai, por favor, ser de vontade própria que ficastes na minha companhia porque outra não desejas". Ao que o abade respondeu: "Quereis, senhor, que minta para vos dar prazer? A verdade é que estou aqui contrafeito. Na realidade, nunca apreciei a vossa companhia." Disse

então o conde: "Todavia, ficarei na mesma comigo." Disse o abade: "Não me é possível contrariar-vos aqui dentro." "Deveis obedecer-me", disse o conde, apresentando-lhe simultaneamente certas cartas para assinar, entre as quais havia promissórias, de cinco e dezanove anos, e uma carta de cedência de todas as terras de Crossraguel, incluindo cláusulas suficientemente necessárias ao conde para o levar para o Inferno. Como o adultério, o sacrilégio, a opressão bárbara e a crueldade e furto em cima de roubo merecem o Reino dos Infernos, o grande rei de Carrick não podia fugir-lhe por tanto tempo como o imprudente abade o conseguiu por uma estação.

"Assim, verificando a sua repulsa e que de bons modos não alcançaria o que queria, mandou os seus cozinheiros prepararem o banquete. Estes esfolaram o carneiro, ou seja, despiram o abade até ficar com tudo ao léu. Depois amarraram-no à chaminé, com as pernas para um lado e os braços para o outro, e começaram a alimentar o fogo, ora com as nádegas, ora com as pernas e, às vezes, com os ombros e braços. Para que não crestasse e ficasse em condições, foram untando-o, muito bem untado, com azeite (tal como os cozinheiros deitam molho nos assados). "Senhor! Que crueldade!" E, para que a gritaria do pobre homem não pudesse ser ouvida, taparam—lhe a boca de modo que a sua voz não saísse. Podia até supor-se que algum dos participantes do assassinato do rei [Damley] ali se encontrasse. Mantiveram-no naquele tormento até que o infeliz rogou a Deus que o despachasse depressa, pois só Ele detinha poder para lhe acabar com as dores. O famoso rei de Carrick e os seus cozinheiros, percebendo estar o assado em condições, ordenou que o retirassem, começando o próprio conde a abençoá-lo assim: "Benedicite, Jesus Maria, sois o homem mais teimoso que até hoje encontrei. Se soubesse que éreis tão obstinado, não vos teria dado este tratamento, desta maneira, nem que fosse por mil coroas. Nunca fiz tanto por ninguém como por ti". Passados dois dias, deu-lhe dose igual e não parou sem ter conseguido os seus intentos, isto é, tudo tão bem assinado quanto uma mão meio assada o poderia fazer. O conde, julgando-se seguro de si enquanto tivesse o abade assado à sua guarda, mas, ao mesmo tempo, envergonhando-se com a sua presença, vistas as crueldades a que o submetera, deixou a residência de Denure ao cuidado de certos criados e o abade, meio cozido, lá dentro, prisioneiro. O Laird de Bargany, à companhia de quem o abade fora arrancado, percebendo (não até que ponto) que o indivíduo fora preso, foi a tribunal e conseguiu termos de libertação, a que o conde desobedeceu, pelo que foi dado como rebelde. Não havia, no entanto, esperanças, nem de o martirizado ser liberto, nem de o remetente das cartas obter qualquer alívio. Deste modo, naquela altura, Deus foi desprezado, a autoridade desafiada na Escócia, todos esperando súbita mudança do governo daquele cruel assassino da própria carne, como os lordes chamavam ao conde. E, todavia, mais do que uma vez prestara vassalagem ao rei e ao seu regente.

O autor do diário prossegue relatando as queixas do lesado Allan Stewart, comendador de Crossraguel, ao regente e ao Conselho Privado, declarando ter sido aliciado, parte por lisonja, parte à força, para a escura masmorra de Denure, uma sólida fortaleza, construída sobre a rocha, frente ao canal da Irlanda, onde as suas ruínas existem ainda hoje. Comunicou ter-lhe sido exigido que assinasse determinadas concessões e facilidades de todas as igrejas e curatos pertencentes à Abadia de Crossraguel, o que recusara como impensável, tanto mais que já as havia transferido para John Stewart de Cardonall, a interesse de quem fora nomeado comendador. O queixoso segue explicando que, depois de ameaçado, despido, amarrado e os seus membros passados pelo fogo, da forma já descrita, obrigado pelo seu extremo sofrimento, assinara a carta e as promissórias que lhe foram apresentadas e cujo conteúdo ignorava completamente. Alguns dias mais tarde, sendo convidado a ratificar aqueles documentos perante um tabelião e testemunhas, recusou-se, pelo que tornou a ser submetido à mesma tortura, o que, na sua dor, o obrigou a exclamar: "Malditos! Porque não me empalais ou fazeis explodir com pólvora, em vez de assim, implacavelmente, me torturardes?", após o que o conde mandou que Alexander Richard, um dos seus ajudantes, o amordaçasse com um guardanapo, ordem que foi cumprida. Deste modo, teve, uma vez mais, de se submeter. A petição terminava informando que o conde, baseado nos documentos assim conseguidos, tomara posse de Crossraguel, onde vivera e gozara por três anos.

A sentença do regente e do Conselho revela claramente a total ausência de Justiça durante aquele calamitoso período, mesmo em questões perfeitamente flagrantes. O Conselho declinou interferir no decorrer de processos de justiça do condado (que se encontrava inteiramente sob o controlo do conde de Cassilis) e somente decretou que mandaria que deixassem de molestar o Pobre comendador com a garantia de duas mil libras escocesas. Ao conde foi também decretado que deixasse em paz o célebre George Buchanan, dentro da mesma abadia e, em condições semelhantes, sujeito a igual castigo.

As consequências são-nos descritas no diário: "O mencionado Laird de Bargany, entendendo que justiça corrente não ajudava nem oprimidos, nem aflitos, resolveu aplicar novo remédio pelo que, Pela mão de criados seus, assaltou a casa de Denure, onde o desgraçado abade estava preso. O rumor correu de Carrick até Galloway, e logo se reuniu um grupo de assalariados e mercenários do bando dos Kennedies, pelo que, em coisa de horas, a casa de Denure foi cercada. O senhor de Cassilis foi o mais arrojado e não perdeu tempo, pelo que, na sua raiva, deitou fogo à masmorra, vangloriando-se de que todos os inimigos, dentro da casa, morreriam.

"Foi-lhe pedido, após repreensão dos que estavam lá dentro, que fosse mais moderado e não se arriscasse tão loucamente. Foi tudo em vão, até que um tiro de arcabuz lhe chamuscou um ombro e lhe abrandou a ira. O Laird de Bargany tinha, anteriormente, obtido das autoridades cartas recomendando a todos os súbditos fiéis a Sua Majestade que o auxiliassem contra o cruel tirano e traidor declarado, o conde de Cassilis, cujas cartas e conteúdo particular publicou, depressa conseguindo a concorrência de Kyle e Cunynghame e outros amigos, que fizeram que os do grupo de Carrick saíssem da habitação. Outros a ela se chegaram até a encherem de gente, soltaram o dito Allan e levaram-no para Ayre, onde, publicamente, em frente do cruzeiro do mercado dessa vila, declarou como fora cruelmente tratado, que nem o rei assassinado sofrera tormentos como ele, só com a diferença de que ele não morreria. Por esse motivo, abertamente refutava tudo quanto fizera em extremos, revogando especialmente a assinatura dos três escritos, nomeadamente as promissórias de cinco e dezanove anos e a carta de foro. A casa ficou e continua a ficar (até este dia 7 de Fevereiro de 1571) a cargo do dito Laird de Bargany e seus criados. A crueldade não venceu nem lucrou e será eternamente castigada, a não ser que o arrependimento surja depressa.

Esta crueldade serviu de exemplo a outros, como nobres degenerados, para que passassem a dar mais atenção ao seu comportamento e evitassem expô-los perante o mundo para que não se envergonhassem da própria bestialidade e para que as pessoas ficassem avisadas e prontas a recusar, detestar e evitar a companhia desses tiranos que não têm lugar na sociedade humana, devendo ser mandados para o Diabo, junto de quem arderão eternamente pelo seu desrespeito a Deus e crueldade contra a Sua obra. Que Cassilis e o irmão sirvam de exemplo aos demais! Amen! Amen!"

Este extrato foi corrigido e ligeiramente modernizado quanto à ortografia de modo a torná-lo compreensível aos leitores comuns. Acrescentarei que os Kennedies de Bargany, que intervieram a favor do abade martirizado, eram dum ramo mais recente da família Cassilis, mas de vistas completamente diferentes e suficientemente poderosos para, neste e noutros casos, a assomarem.

O resultado final desta ocorrência não nos é contado. Contudo, como a casa de Cassilis ainda detém os feudos e foros que pertenceram à Abadia de Crossraguel, é de crer que as garras do rei de Carrick tenham, nesses desvairados tempos, tido força bastante para reterem a presa a que se haviam prendido. Direi também que, segundo documentos em meu poder, os agentes, ou country keepers [guardas regionais], da fronteira (entre a Inglaterra e a Escócia) costumavam torturar os seus presos amarrando-os às grades dos fogões para lhes arrancarem confissões.

Capítulo XXIII

Pois bem. Se o espírito gentil da palavra Não consegue mudar-te a maneira de pensar, Tenta-te, como soldado, de armas na mão, E, contrariamente ao amor, forçar-te-ei.

Dois Fidalgos de Verona

O apartamento para onde Lady Rowena fora levada estava rudemente ornamentado e ostentava certa magnificência, o que indicava marcas de consideração para com ela que nem a todos eram estendidas. A mulher de Front-de-Boeuf, para quem fora preparado, morrera, porém, há muito, pelo que o desleixo e o tempo tinham quase feito desaparecer todos os embelezamentos que esta lhe tentara, conforme o seu gosto, acrescentar. As tapeçarias caíam em muitos pontos e mostravam-se já desbotadas e comidas noutros, devido ou à luz do Sol ou à sua antiguidade.

Por muito desolador que fosse, como era, a divisão fora vista como a mais apropriada para a herdeira saxônica, que ali fora deixada ficar chorando o seu fado até que os autores do nefando drama se sentissem bem cientes dos papéis que lhes tinham sido distribuídos numa reunião a que assistiram Front-de-Boeuf, De Bracy e o Templário e durante a qual, após longo e acalorado debate, no concernente às vantagens de cada um na audaciosa empresa, fora decidida a sorte dos infelizes prisioneiros.

Era cerca de uma hora da tarde quando De Bracy, em favor de quem a expedição fora, em princípio, organizada, surgiu para concretizar os seus objectivos quanto à mão e fortuna de Lady Rowena. O intervalo não fora, naturalmente, unicamente dedicado à reunião com os seus companheiros, pois De Bracy aproveitara-o também para adornar a sua pessoa com todos os atavios da época.

Retirara o casaco verde e a mascarilha, deixando o cabelo longo e abundante cair-lhe em complicados entrançados sobre a capa ricamente forrada de peles. A barba fora bem escanhoada. O gibão chegava-lhe até meio da perna e o cinturão que o prendia, e donde, ao mesmo tempo, pendia a sua pesada espada, era todo trabalhado com embutidos de ouro.

Já nos referimos à moda extravagante dos sapatos que então corria, mas os de Maurice de Bracy, ostentando pontas dobradas e retorcidas como chifres de cabra, bem mereceriam um primeiro prêmio de excentricidade. Era assim que os janotas da altura se vestiam, acontecendo que, neste caso, a beleza, o bom porte, maneiras corteses e franqueza de soldado, muito realçavam o todo.

Cumprimentou Rowena tirando o gorro de veludo, onde brilhava um broche de ouro com a figura de São Miguel calcando o Príncipe do Mal. Simultaneamente, acenou à dama para que se sentasse. Como ela se não mexesse, o cavaleiro retirou a luva da mão direita e fez pretensão de ser ele a levá-la até ao banco. Rowena, com um gesto, declinou o convite, dizendo: — Se estou na presença do meu carcereiro, Sr. Cavaleiro — e as circunstâncias não me permitem pensar de outro modo -, fica melhor que a presa se conserve de pé até saber do seu destino.

— Perdoa-me, bela Rowena — retorquiu De Bracy -, mas estais perante o vosso prisioneiro e não o vosso carcereiro. Será desses formosos olhos que De Bracy receberá a sua sentença.

— Não vos conheço, senhor — disse a dama com altivez e dignidade feridas, — Não vos conheço e a insolente familiaridade com que empregais o palavreado dos trovadores não pode servir de capa a atos de bandidismo.

— É a ti, linda donzela — prosseguiu De Bracy no mesmo tom -, e aos teus encantos que tem de ser atribuído tudo quanto possa ter magoado o respeito devido à rainha do meu coração e estrela dos meus olhos.

— Repito, Sr. Cavaleiro, que vos não conheço e que homem algum, com cadeia e esporas, tem direito a impor a sua presença a uma senhora desprotegida.

— É realmente pouca sorte minha o ser-vos desconhecido — concordou De Bracy -, mas permiti-me pensar que o nome De Bracy nem sempre tem sido esquecido quando menestréis ou arautos se referem a feitos de armas, quer nas liças, quer nos campos de batalha.

— Que os menestréis e os arautos guardem então o teu elogio, Sr. Cavaleiro — observou Rowena. — São mais próprios para as suas bocas do que para a tua(1). E a propósito, qual deles preservou em trovas ou anais de torneios a grande vitória desta noite, a vitória sobre um velho, acompanhado de poucos e tímidos criados, a quem raptaram uma infeliz donzela, que, depois, levaram à força para o castelo dos bandoleiros?

— Sois injusta, Lady Rowena — disse o cavaleiro normando, mordendo Os beiços, perturbado e falando com mais naturalidade do que a daquela afectada galanteria que inicialmente empregara -; estais isenta de paixão, pelo que não perdoais

o vibrar da de outros, mesmo quando provocada pela vossa beleza pessoal.

— Peço-vos, Sr. Cavaleiro — disse Rowena -, que acabeis com essa linguagem, mais própria de menestréis vagabundos do que de cavaleiros ou nobres. Ireis obrigar-me a sentar-me se pensais continuar com essas banalidades, sobre as quais qualquer labrego é capaz de falar de agora até ao próximo Natal. Orgulhosa donzela — exclamou De Bracy, picado ao ver que o seu estilo galante apenas provocava desprezo -, sabeis então que manifestava as minhas pretensões à vossa mão da forma mais apropriada ao vosso carácter. Será, quiçá, mais conveniente fazê-lo com arco e chuçó na mão do que em fala cortês e convencional.

— Palavras corteses — respondeu Rowena — encapotando atitudes grosseiras não passam de cinturão de cavaleiro à cinta dum palhaço ordinário. Não me surpreende que o decoro vos incomode... melhor fora para vossa honra o manterdes a roupa e o vocabulário dos fora-da-lei do que tudo pretenderdes ocultar sob uma falsa capa de termos e porte gentis.

— Aconselhai-me bem — disse o normando. — Como linguagem audaz requer audácia, dir-te-ei que jamais saireis deste castelo a não ser como esposa de Maurice de Bracy. Não aprecio entaves às minhas empresas, nem um nobre normando necessita de demasiados escrúpulos no lidar com uma donzela saxônia, a quem faz a honra de lhe oferecer a mão. Sois orgulhosa, Rowena, e digna de ser minha mulher. Que outra forma existiria para vos elevardes a posição honrosa e fidalga que não a de a mim vos aliardes? Como poderíeis escapar das grades duma casa de campo, onde os saxões se misturam com Porcos, a sua riqueza, para, gloriosamente, ocupardes, como mereceis, o vosso lugar entre aqueles que na Inglaterra contam pela sua beleza ou poder?

— Sr. Cavaleiro — disse Rowena -, a granja que desprezais é, desde a minha infância, o meu abrigo, e, acreditai-me, quando a deixar... se isso algum dia vier a acontecer... será ao lado de alguém que aprendeu a não desdenhar o modo como fui educada.

— Entendo o que me quereis dizer, senhora — replicou De Bracy -, embora possais julgá-lo demasiado obscuro para a minha compreensão. Não sonheis, porém, que Ricardo Coração de Leão torne para ocupar o trono e muito menos que Wilfred de Ivanhoé, o seu favorito, alguma vez vos possa conduzir até junto dele para que vos saude como noiva dum protegido. Outro pretendente sentir-se-ia, talvez, ciumento com o que haveis dito. Eu, firme no meu propósito, não me alterarei com uma paixão infantil e sem esperança como essa. Sabeis, senhora, que esse rival se encontra em meu poder, só dependendo de mim o revelar ou não o fato a Front-de-Boeuf, muito mais perigoso e zeloso do que eu e que não sabe ainda que ele se encontra neste castelo.

— Wilfred, aqui? — exclamou, desdenhosa, Rowena. — Isso é tão verdadeiro como ser Front-de-Boeuf seu rival. De Bracy fixou-a durante algum tempo.

— Desconhecerás, de fato, a verdade? — perguntou. — Não saberás que Wilfred de Ivanhoé viajava na liteira do Judeu? Um transporte pouco apropriado para um cruzado, cujo braço se destinava à conquista do Santo Sepulcro — terminou, rindo-se, trocista.

— Se está aqui — Rowena obrigou-se a um tom de indiferença, ainda que trémula de apreensão -, como pode ser ele rival de Front-de-Boeuf? Ou que mais terá a temer aqui para além dum curto período de prisão e um resgate honroso, como é uso da cavalaria?

— Rowena — perguntou o cavaleiro -, estarás tu a cair no costumeiro erro do teu sexo, pensando que as rivalidades apenas dependem dos encantos femininos? Fica a saber que, além de ciúmes por amor, os há, igualmente, a propósito de riqueza e ambição e que o nosso anfitrião afastará do seu caminho todos quantos representarem obstáculos aos seus direitos sobre a baronia de Ivanhoé, tão pronta, intensa e pouco escrupulosamente como se se visse preterido por uma donzela de doces olhos azuis. Se, contudo, acederdes à minha corte, o campeão ferido nada terá a temer de Front-de-Boeuf. Em caso contrário, poderás desde já vestir-te de nojo, porque as mãos de Front-de-Boeuf não sabem o que é piedade.

— Salvai-o, pelos Céus! — bradou Rowena, cuja firmeza cedia ao temor da possível sorte do amado.

— Posso... devo... é esse o meu propósito — disse De Bracy. Porque, quando Rowena aceitar ser a noiva de De Bracy, quem ousará maltratar o seu parente, o filho do seu guardião e seu companheiro de juventude? Mas terá de ser o teu amor a comprar-lhe a proteção. Não sou um doido romântico que ajude ou melhore o futuro de quem pode vir a ser um sério obstáculo entre mim e o objecto dos meus desejos. Emprega a tua influência junto de mim e será salvo... Recusa-ma e Wilfred morrerá sem que tu fiques mais próxima da libertação.

— A tua fala — respondeu Rowena — tem na sua brutal indiferença algo que não se coaduna com os horrores que pretendes transmitir. Não creio nem que os teus fins sejam tão baixos, nem vejo o teu poder assim tão grande.

— Agarra-te então a essa suposição — disse De Bracy — até que o tempo te demonstre como ela é falsa. O teu amado está no castelo e ferido... o teu querido amado. Ele é uma barreira entre Front-de-Boeuf e aquilo que Front-de-Boeuf quer mais do que a beleza e ambição. Que lhe custará uma punhalada, um espetar dum dardo que lhe calassem a oposição para sempre? Front-de-Boeuf, se tivesse relutância em agir tanto às claras, poderia até deixar que as sanguessugas nele sugassem por tempo demasiado, ou permitir ao criado ou à aia que dele cuidam o retirarem-lhe a almofada onde pousa a cabeça, e Wilfred, no estado em que está, passaria sem efusão de sangue. Cedric também..

— Cedric também! — repetiu Rowena. — O meu nobre e generoso guardião. Mereço o que sofro por, por lembrança do filho o ter esquecido

— Também a sorte de Cedric depende da tua decisão — continuou De Bracy. — Deixo-te para que nela medites. Até aqui, Rowena aguentara esta difícil situação com inabalável coragem porque não bem consciente do perigo como sério e iminente. A sua maneira de ser era naturalmente aquela que os fisionomistas atribuem às mulheres muito claras, ou seja, mansa, tímida e delicada. Fora, contudo, temperada, ou, melhor, endurecida, pela educação recebida.

Acostumada a ver as vontades de todos, incluindo a de Cedric (aliás, muito arbitrário com os demais), vergarem-se aos seus desejos, adquirira uma espécie de coragem e autoconfiança que era de esperar nascesse da deferência habitual e constante, dentro do círculo em que vivia. Difícilmente conceberia a possibilidade duma oposição à sua vontade e, muito menos, vê-la tratada com toda a indiferença.

A sua altivez e o hábito de dominar não passavam, pois, de características fictícias sobrepostas ao que era, realmente, seu, pelo que a abandonaram ao reconhecer o perigo que encaravam, ela, o amado e o guardião. Sentindo o seu querer, cuja mínima exigência sempre arrastara respeito e atenção, chocar-se com o dum homem de temperamento forte, feroz e decidido e em posição de superioridade, que estava disposto a empregar, toda ela quebrou perante ele.

Olhando em redor, como se procurasse uma ajuda que não existia, Soltou algumas interjeições e, erguendo os braços, deixou-se tombar num acesso de desespero e dor. Era impossível ver-se tão bela criatura em tais extremos sem nada se sentir. Assim sucedeu com De Bracy que, embora pouco tocado, se viu embaraçado. Na verdade, fora já longe de mais para recuar agora, mas Rowena, na situação que aparentava, não ouviria nem argumentos, nem ameaças. Passeava-se pela sala, ora a pedir à dama que se acalmasse, o que fazia em vão, ora hesitando quanto ao que fazer. Se, pensava ele, me comovo, com as lágrimas dela, que colherei das esperanças para a concretização das quais tanto me arrisquei, senão troça do príncipe João e dos seus companheiros de pândega? "Mesmo assim", disse para consigo, "não me agrada o jogo que estou fazendo. Não consigo encarar aquele belo rosto destroçado pela dor, ou aqueles olhos marejados de mágoas. Bem quererria que ela conservasse a sua arrogância inicial ou, quando muito, que eu tivesse a alma três vezes mais dura e danada do que a de Front-de-Boeuf! "

Agitado por estes pensamentos, apenas tentava reconfortar a infeliz Rowena, garantindo-lhe que, para já, não havia razão para tamanho desespero. Estava nisso quando o chamado da trompa "rouco e alcançando longe e bem" o interrompeu, como fizera aos demais ocupantes do castelo, suspendendo-lhes os diversos atos de avareza ou devassidão a que se entregavam. De todos, talvez fosse De Bracy quem menos lamentou a interrupção, já que o seu contato com Lady Rowena chegara a um ponto que via sem saída.

Nesta altura entendemos ser conveniente dar aos leitores algumas provas mais representativas do que os frívolos incidentes desta parte da nossa história para justificar um pouco os tristes casos que apresentamos. É lastimável o ter de se pensar que aqueles valentes barões, a cuja tomada de posição perante a coroa se devem as liberdades da Inglaterra, fossem, ao mesmo tempo, tremendos opressores e capazes de excessos contrários não só às leis do país, mas ainda àquelas da natureza e humanidade. Infelizmente, basta-nos recorrer a um extrato do laborioso (Robert) Henry e, servindo-nos das passagens que recolheu dos historiadores, provarmos que a ficção somente se aproxima da triste realidade dos horrores do período.

A descrição que nos dá o autor da Crónica saxônica, a propósito 'das crueldades praticadas no reinado de Estêvão (1135-1154) pelos barões e senhores dos castelos, todos normandos, constitui um bom exemplo dos excessos que praticavam quando davam largas às suas paixões. Oprimiam gravosamente os pobres, forçando-os a construir-lhe castelos, que, quando prontos, enchiam de gente perversa, ou, melhor, diabólica, que prendia os homens e as mulheres que julgasse de posses, os encerrava em masmorras e torturava para lá do que muitos mártires sofreram.

Alguns afogavam-se em lodo, outros eram pendurados, pelos pés, pela cabeça, ou pelos polegares, por cima de fogueiras. A uns apertavam-lhes as cabeças com cordas cheias de nós até lhes estoirarem com os miolos, a outros lançavam-nos em fossas repletas de víboras, cobras e sapos. Não continuaremos para não ferir a sensibilidade de quem isto lê.(2)

Como outra amarga amostra dos frutos da Conquista e, quiçá, uma das mais ponderosas, mencionaremos que a princesa Matilda (1080-1118), se bem que filha do rei da Escócia e, mais tarde, rainha de Inglaterra, sobrinha de Edgar Atheling e mãe da imperatriz da Alemanha, filha, esposa e mãe de monarcas, durante a sua estada em Inglaterra, para onde fora educar-se, foi obrigada a envergar hábito de freira como única forma de poder escapar aos licenciosos avanços dos nobres normandos.

Este fora, explicaria ela a um grande conselho religioso em Inglaterra, o único motivo por que usara vestes religiosas. O clero, reunido, aceitou a validade da explicação e a admissibilidade das circunstâncias em que se baseava, dando assim notável testemunho da lamentável licença que enodoava aquele tempo. Era do conhecimento público, diz-se, que, após a Conquista pelo rei Guilherme, os seus seguidores normandos, envaidecidos por tamanha vitória, deixaram de reconhecer

qualquer lei que não correspondesse aos seus deformados desejos, passando a roubar terras e haveres dos saxões vencidos e não hesitando em não lhes respeitar esposas e filhas. Era, portanto, vulgar as senhoras e meninas cobrirem-se com véus e recolherem-se em conventos, sem qualquer vocação monástica, mas apenas para defesa da sua honra.

Assim desregrada era aquela época, como consta duma comunicação pública, feita pelo clero e registada por Eadmer, Nada mais precisamos, portanto, de acrescentar para confirmar a probabilidade das cenas anteriores, que pormenorizamos de conformidade com a autoridade apócrifa do Manuscrito de Wardour.

1. Sir Walter Scott emprega, relembra-se, as segundas pessoas, do singular e do plural, indiferentemente. (N. do T.) 2. Henry's Hist., ed. de 1805, vol. VII, p. 346.

Capítulo XXIV

Cortejá-la-ei como o leão corteja a leoa.

Douglas

Ao mesmo tempo que as cenas atrás relatadas decorriam noutros sectores do castelo, Rebecca, a judia, aguardava o seu destino num pequeno torreão, para onde fora levada pelos seus raptos mascarados. Dentro da diminuta cela encontrava-se uma velha sibila resmungando uma canção saxônica a compasso com o fuso que fazia rodar. A bruxa levantou a cabeça à entrada de Rebeca, lançando à linha judia um daqueles olhares de perversa inveja que a velhice e a fealdade, carregadas de maus pensamentos, descarregam sobre a juventude e a beleza.

— Tens de sair daqui, barata caquética — disse um dos homens. — O nosso nobre amo assim o exige. O quarto é para esta formosa hóspede.

— Ai! — gemeu a velha -, é assim que se pagam os bons serviços. Ainda me lembro quando uma palavra minha fazia saltar da sela e perder o emprego a homens de armas tão bons como o melhor de vós, enquanto agora qualquer moço de estrebaria, como tu, me manda levantar e ir-me embora.

— Boa dama Urfried — disse outro dos homens -, não discutas e sai. As ordens do patrão são para ser cumpridas a correr o teu tempo já passou e estás no teu ocaso. És exactamente como um velho cavalo de batalha que ceivaram finalmente no meio da urze seca... Já deste muitos passos de cortesia, mas hoje nada mais podes realizar do que um trôpego esquipar. Vamos, desaparece!

— Que as fadas transformem ambos em cães — praguejou a velha — e que a vossa campa seja cavada num canil! Que Zerneck, o pérfido Demônio, vos arranque os membros se conseguirdes fazer-me ir lá para fora antes de ter acabado de fiar este linho na minha roca.

— Diz isso ao nosso amo, Demônio — exclamou o homem, retirando-se e deixando Rebeca em companhia que certamente não apreciava.

— Que raio estão eles a fazer agora? — perguntou para si mesma a bruxa, olhando de revés e maldosamente para a rapariga. É fácil de adivinhar... Olhos brilhantes, caracóis negros, pele como papel antes de o padre o manchar com os seus unguentos... Ai!, é simples adivinhar porque a mandaram para este solitário torreão, onde os gritos se ouvem tão bem como se viessem de cento e cinquenta metros abaixo do chão. Terás mochos por companhia, minha beleza, e os pios deles chegarão tão longe como os teus berros. Nem é de cá — acrescentou, notando o vestido e o turbante de Rebeca. — De que país és tu? Sarracena? Egípcia?... Por que não respondes? Choras! Por que não falas?

— Não te zanges, piedosa mãe — disse Rebeca.

— É escusado dizeres mais — exclamou Urfried -, as raposas conhecem-se pelo rabo e as judias pelo falar.

— Por piedade — implorou Rebeca -, diz-me o que devo esperar como resultado da brutalidade que me trouxe até aqui. Será a minha vida que pretendem, para que expie pela minha crença? Dá-la-ei de boa vontade.

— A tua vida, querida? — repetiu a sibila. — Que prazer lhes daria o tirarem-ta? Acredita-me: a tua vida não corre perigo. Serás usada como, em tempos, acharam por bem usar uma nobre donzela saxônia. E terá uma judia como tu de se queixar por isso? Olha para mim. Era tão jovem e duas vezes mais bela do que tu quando o Front-de-Boeuf, o pai de Reginald, e os seus normandos invadiram este castelo. O meu pai e os seus sete filhos defenderam o que era deles andar a andar, quarto a quarto. Nem um só quarto, nem um só degrau, ficou sem sangue deles. Mas morreram. Morreram todos, e ainda os seus corpos não se tinham arrefecido e o seu sangue coagulado e já eu era presa e objecto de troca dos vencedores.

— Não existe possibilidade de ajuda? Não há meios de fuga? perguntou Rebeca. — Recompensaria fabulosamente o teu auxílio.

— Não penses nisso — disse a bruxa. — Daqui não há saída se não para as portas da morte... e será tarde, demasiado tarde acrescentou, abanando a cabeça grisalha.

— Mesmo quando essas se abrissem para nós... Será, no entanto, agradável saber-se que deixaremos neste mundo outros que sofrerão tanto como nós. Passa bem. Judia, ou cristã, a tua sorte será igual, pois tens de enfrentar quem não possui nem escrúpulos, nem piedade. Passa bem, repito. Acabei de fiar... A tua tarefa ainda está por principiar.

— Fica, pelo Céu, fica! — pediu Rebeca. — Fica, nem que seja para me amaldiçoar e injuriar... A tua presença já constituirá um pouco de proteção.

— A presença da Virgem Maria não me serviu de proteção — respondeu-lhe a mulher. — Ei-la, ali. — Apontou para uma imagem da Virgem. — Vê se ela é capaz de te salvar do que te espera. Saiu com o rosto contorcido numa espécie de ricto escarecedor que ainda a tornava mais repulsiva do que aquilo que já era.

Cerrou a porta, deixando Rebeca a ouvir-lhe as pragas atiradas contra os degraus íngremes que desciam do torreão. Rebeca, agora, apenas podia aguardar um destino bem pior do que o de Rowena. Realmente, que probabilidades existiriam de alguém estender a mesma meiguice ou cerimônia, ainda que simuladas, dirigidas à herdeira saxônia, a um membro da raça oprimida? No entanto, a judia estava melhor preparada, quer pela sua força de vontade, quer pelos seus hábitos de pensamento, a enfrentar os perigos vindouros. Desde tenra idade, de temperamento forte e observador, sem que a pompa e a riqueza que o pai ostentava dentro de portas e aquelas que se notavam nas casas de outros hebreus abastados lhe tivessem alguma vez vendado os olhos quanto às circunstâncias precárias em que os da sua gente viviam. Como Dâmocles, no célebre banquete, Rebeca sempre sentira, dentro de todo esses esplendores, a espada que, presa por um cabelo, pendia sobre as cabeças do seu povo. Estas conclusões tinham dominado e levado para um plano de raciocínio mais ponderado a sua maneira de ser, que, noutras circunstâncias, talvez se orientasse para a altivez, sobrançaria e teimosia.

De seu pai tomara o exemplo e recebera recomendações para tratar cortesmente todos que dela se aproximassem. Não conseguia, é certo, imitar-lhe os extremos de subserviência, visto a mesquinhez mental e o constante estado de tímida apreensão que lhe são inerentes lhe serem completamente desconhecidos. Comportava-se com orgulhosa humildade, submetida à dolorosa situação que ocupava como uma filha da raça maldita, mas simplesmente consciente de merecer posição bem mais alta, em virtude dos seus méritos, do que aquela que preconceitos religiosos lhe deixavam aspirar.

Deste modo, sempre pronta a esperar a adversidade, adquirira grande firmeza para atuar quando nela envolvida. O momento exigia toda a sua presença de espírito e, por isso, tudo fazia para o fortalecer. Primeiramente inspecionou o apartamento, que poucas esperanças de fuga ou proteção oferecia. Não existia nele qualquer passagem secreta ou porta falsa, e, fora a entrada por onde viera, parecia ser totalmente rodeado pela parede exterior do torreão. A porta não tinha do lado de dentro qualquer fecho ou barra. A única janela dava para um pátio ameado acima do torreão, que, à primeira vista, deu a Rebeca algumas ideias de poder fugir por ali. Depressa, porém, verificou que não permitia qualquer ligação com o resto das muralhas, não passando duma varanda fortificada, isolada e, como era usual, com um parapeito com seteiras, onde se poderiam dispor alguns arqueiros para a defesa do torreão e do muro do castelo daquele lado.

Não havia, pois, outra hipótese que não a resistência passiva e a grande confiança no Céu, própria das personalidades perfeitas e generosas. Rebeca, ensinada a interpretar erradamente as promessas das Escrituras ao povo eleito, não caíra, mesmo assim, no erro de crer ter chegado o momento do julgamento ou pensar que os filhos de Sião seriam, um dia, chamados a receber tudo o que os gentios já gozavam. Para já, tudo lhe mostrava tratar-se duma altura de castigo e provação, sendo dever seu aguentá-los sem pecar. Mentalizada para se ver como uma vítima do azar, Rebeca, que se conhecia, encheu-se de forças para enfrentar os perigos que, de certeza, viriam.

A prisioneira, apesar de tudo, estremeceu e perdeu a cor quando escutou passos na escada e a porta do torreão se abriu lentamente, deixando passar um homem alto, vestido como os bandidos que os haviam atacado. O barrete, enterrado até aos sobrolhos, cobria-lhe parte da face, sendo o resto tapado pela ponta do manto que segurava. Neste disfarce, aparentemente destinado a encobrir a realização duma ação de que ele próprio se envergonhava, deixou-se ficar parado perante a amedrontada presa. Por muito reles que fosse a sua indumentária, tudo indicava estar embaraçado quanto à forma de expor as razões que o haviam trazido até ali, dando tempo a Rebeca para se antecipar às suas declarações. Retirou duas pulseiras e um colar valioso, que ofereceu ao suposto bandoleiro, na suposição de que, amansando a sua cobiça, ganharia algo para si.

— Tomai-os — disse -, bom amigo, e, por Deus, sede compassivo para comigo e para com o meu idoso pai. Estas joias são valiosas, mas autênticas nadas comparadas com o que ele vos entregará se sairmos deste castelo sãos e salvos.

— Bela flor da Palestina — respondeu o bandido -, estas pérolas, de invulgar oriente, são inferiores à brancura dos vossos dentes. Os diamantes rebrilham, mas não tanto como os vossos olhos, e, desde que me dediquei a este mister, sempre preferi a beleza à riqueza.

— Não erreis — exclamou Rebeca. — Tomai o resgate e tende piedade! O ouro trar-vos-á compensação, enquanto de nós abusar vos traria remorsos apenas. O meu pai saciará os teus maiores desejos, e, se souberdes agir com sabedoria, podereis, com o que vos pagaremos, retornar à sociedade normal, quiçá ser perdoado pelos erros passados e elevado até onde outros erros não serão mais precisos de cometer.

— Bem falado — retorquiu o fora-da-lei em francês, já que o prosseguimento duma conversa em saxão, língua que Rebeca

utilizara desde o começo, lhe era difícil -, mas ficai sabendo, doce lírio do vale de Bacá, que o teu pai já se encontra, neste momento, nas mãos dum poderoso alquimista que sabe transformar em ouro e prata mesmo as grades ferrugentas dum calabouço. O venerando Isaac entrará num alambique, que dele destilará tudo a que quer bem, sem intervenção de pedidos meus ou ameaças tuas. O teu resgate será pago em amor e beleza, até porque outra moeda não aceitarei.

— Não és um fora-da-lei! — disse Rebeca no mesmo idioma que ele empregara. — Nenhum recusaria uma oferta como a que fiz.

Nenhum fora-da-lei fala como falaste. Não és um fora-da-lei, mas, sim, um normando... talvez um normando nobre de nascença. Sê-o também nos teus atos e liberta-te dessa máscara de violência ultrajante!

— E tu, que tão bem sabes adivinhar — exclamou Brian de Bois-Guilbert deixando cair o manto -, não és uma autêntica filha de Israel, mas em tudo, fora a juventude e a beleza, uma bruxa de Endor. Não sou, de fato, um fora-da-lei, bela rosa de Saarão. Sou também daqueles que mais depressa cobririam o teu belo colo e braços de pérolas e diamantes em vez de tos roubar.

— Que mais podes querer de mim — perguntou Rebeca — senão a minha riqueza? Nada temos em comum... És cristão e eu sou judia. A nossa união seria contrária aos mandamentos da Igreja e da Sinagoga.

— Dessa forma seria — riu-se o Templário — se eu fosse casar com uma judia! Despardieux! Nem que se tratasse da rainha de Sabá. Saberás, ademais, doce filha de Sião, que se o mais cristão dos reis me oferecesse a mais cristã das suas filhas, com o Linguadoque como dote, eu não poderia desposá-la. É contra os meus votos amar qualquer donzela, a não ser da maneira como te vou amar. Repara na cruz da minha santa ordem.

— Atreves-te a invocá-la, num momento como o presente? lembrou-lhe Rebeca.

— Nada tens com isso — respondeu o Templário -, pois não acreditas no abençoado símbolo da nossa salvação.

— A minha crença é a que os meus pais me ensinaram — informou Rebeca. — E que Deus me perdoe se sigo fé errada! Mas vós, Sr. Cavaleiro, qual é a vossa, quando invocais sem escrúpulos o que dizeis considerar mais sagrado do que tudo, precisamente na altura em que vos preparais para transgredir o mais solene dos vossos votos como cavaleiro e como religioso?!

— Pregaste bem e com solenidade, ó filha de Sirac! — observou o Templário -, mas, gentil eclesiástica, os teus limitados preconceitos judaicos não te deixam reconhecer o nosso grande privilégio. O casamento seria para um templário um crime continuado, enquanto quaisquer loucuras menores que façam ser-nos-ão perdoadas e prontamente absolvidas, durante o próximo capítulo da preceptoria da nossa ordem. Nem o mais sábio dos monarcas, nem o seu pai, cujos exemplos deves conhecer, gozavam de privilégios tão amplos como nós, pobres soldados do Templo de Sião, que o conseguimos pelo esforço na sua defesa. O protetor do Templo de Salomão pode exigir o mesmo que Salomão exigia.

— Se lês as Escrituras — recordou-lhe Rebeca -, e as vidas dos santos, isso apenas te serve de justificação para a tua depravação e devassidão. O teu crime compara-se ao de quem extrai venenos de plantas sadias e úteis. Os olhos do Templário faiscaram à repreensão.

— Escuta, Rebeca. Até aqui falei de bons modos, mas, a partir de agora, a minha voz será a do conquistador. Apresei-te com o meu arco e as minhas flechas... estás, pela lei de todas as nações, sujeita à minha vontade. Não cederei um ponto que seja dos meus direitos, nem me absterei de tomar pela força o que tentares recusar-me.

— Espera! — gritou-lhe Rebeca. — Espera e ouve-me antes de cometeres tão mortal pecado! Podes, certamente, dominar-me, já que Deus fez as mulheres fracas, entregando a sua defesa à generosidade dos homens. No entanto, farei que toda a Europa, duma ponta à outra, tome conhecimento da tua torpeza, Templário. Servir-me-ei da superstição dos teus irmãos, em vez da compaixão, que, de certeza, me negariam. Todas as preceptorias, todos os capítulos da tua ordem, saberão que, como um herege, pecaste com uma judia. Aqueles que não tremerem ao saber do teu pecado amaldiçoar-te-ão por teres desonrado a cruz que usas chegando-te a uma rapariga da minha raça.

— És esperta — disse o Templário, bem consciente da verdade do que ela afirmara, pois a sua ordem considerava de forma tão categórica atos como o que se preparava para levar a cabo, que, por vezes, os castigava com a própria degradação.

— És mesmo esperta — repetiu. — Só que as tuas queixas teriam de ser feitas em voz muito alta para que pudessem ir além dos muros deste castelo, dentro dos quais murmúrios, lamentos e brados por justiça se esvaem de igual modo. Só uma coisa te salvará, Rebeca. Submete-te ao teu destino... abraça a nossa religião e subirás tão alto que muitas damas normandas terão de ficar abaixo de ti em pompa e beleza, tu, a favorita da mais forte lança entre aquelas que defendem o Templo.

— Submeter-me ao meu destino!? — perguntou Rebeca. — E, Deus do Céu, que destino é esse? Tomar a tua religião? E que religião é essa, que permite no seu seio vilões como tu? Tu, a melhor das lanças dos Templários? Covarde cavaleiro! Falso religioso! Cuspo em ti e desprezo-te! O deus de Abraão abriu um caminho para a sua filha escapar a esta infâmia sem limites.

Acabando de proferir estas palavras, abriu a janela gradeada que dava para o pátio e, com agilidade, saltou-lhe para o parapeito, a medonha altura do solo. Sem esperar uma atitude tão drástica e desesperada, Bois-Guilbert nem teve tempo para a evitar ou sequer travá-la. Quando fez menção de avançar, a rapariga, agora perfeitamente imóvel, gritou: — Deixa-te ficar

onde estás, orgulhoso Templário, ou, se for essa a tua vontade, caminha, mas lembra-te de que um só passo mais e saltarei para o vácuo. O meu corpo esfacular-se-á nas pedras, tornando-se irreconhecível, mas ter-se-á salvo de toda a tua brutalidade! Juntando as mãos, ergueu-as como pedindo aos Céus piedade para com a sua alma. O Templário hesitou e a sua audácia, que nunca dó ou piedade haviam abrandado, cedeu perante a admiração por tão invulgar coragem.

— Desce — disse -, rapariga impetuosa! Juro-te pelo Céu, pelo mar e pela Terra que não te molestarei.

— Não confio em ti — respondeu Rebeca -, ensinaste-me a conhecer as virtudes da tua ordem. A próxima reunião de preceptoría absolver-te-á dum juramento que apenas se referia à honra e desonra duma miserável donzela judia.

— És injusta! — disse o Templário com fervor. — Juro-te pelo meu nome, pela cruz que trago ao peito, pela espada à minha cinta, pelo antigo brasão dos meus maiores, juro-te que nada te farei. Se não pensas em ti, lembra-te do teu pai. Posso ser seu amigo, e aqui dentro ele bem necessita de alguém poderoso...

— Infelizmente — reconheceu Rebeca -, sei ser assim. Mas poderei eu confiar em ti?

— Que o meu escudo seja dependurado às avessas e o meu nome para sempre desonrado — disse Bois-Guilbert — se vieres a ter alguma razão de queixa contra mim! Já infringi muitas leis e mandamentos, mas nunca a minha palavra.

— Aceito a tua palavra — disse Rebeca — por agora. — Descendo do peitoril, não se afastou, contudo, demasiado do vão. — Aqui fico — informou. — E tu, se tentares diminuir a distância entre nós, já sabes que esta donzela judia não hesita entre entregar a sua alma a Deus ou dar a sua honra a um templário.

Esta exposição firme e resoluta, condicente com toda a sua expressiva beleza, emprestava à sua atitude de maneiras e dignidade algo fora deste mundo. O seu olhar não vacilava, o seu rosto não perdera a cor, durante aqueles instantes tão tremendos. Pelo contrário, a certeza de ter o próprio destino nas mãos, podendo fugir à infâmia recorrendo à morte, colorizara-lhe a face, acrescera-lhe fulgor aos olhos. Bois-Guilbert, orgulhoso de si mesmo e bem disposto, pensou que jamais vira ninguém tão belo, tão vivo e tão imponente.

— Que haja paz entre nós, Rebeca — propôs. — Paz, se a desejas, mas a distância.

— Não tens de ter medo — garantiu-lhe Bois-Guilbert.

— Não, não te temo, graças a quem construiu esta torre tão alta de causar vertigens e da qual ninguém pode saltar e sobreviver. Graças a ele e ao deus de Israel. Não, não te temo.

— Continuas sendo injusta para comigo — disse o Templário - pela Terra, pelo mar, pelo Céu, persistes na tua injustiça. Não sou, por natureza, a pessoa dura e egoísta e implacável que viste em mim. Foram as mulheres que me ensinaram o que é a crueldade e, por isso, é sobre elas que a exerço, Mas não sobre as que são como tu. Escuta, Rebeca: cavaleiro algum jamais empunhou a sua lança tão carregado de amor do que Bois-Guilbert. Ela, filha dum barãozeco que de seu possuía somente uma torre em ruínas, uma vinha improdutiva e algumas léguas de terreno estéril nas Landes, perto de Bordéus, era, porém, bem conhecida em todos os locais onde feitos de armas se praticassem, o seu renome era maior que o de muitas damas cujo dote era um condado inteiro. Sim — prosseguiu, andando para lá e para cá na pequena plataforma onde se encontrava, excitado e quase esquecido da presença de Rebeca -, sim, os meus feitos, os perigos que corri, o sangue que verti, levaram o nome de Adelaide de Montemare, desde a corte de Castela, até à de Bizâncio. E qual foi o meu pago? Quando regressei, coberto de glória tão duramente conquistada, fui encontrá-la casada com um fidalgo gascão, cujo nome dificilmente alguém conheceria para lá do seu desprezível domínio! Amava-a e ferozmente me vinguei da promessa que não cumprira. A minha vingança, contudo, apossou-se de mim, e, desde aquele dia, separei-me da vida sem que o seu peso — não, não posso ter um lar — possa ser mais aceitável ao lado duma esposa carinhosa. Na velhice não terei companhia. A minha campa será solitária e de mim não haverá descendentes podendo orgulhar-se do antigo nome de Bois-Guilbert. Depois aos pés do meu superior o meu livre-arbítrio, o privilégio da independência. O Templário é um servo em tudo, na denominação. Não pode possuir terras e bens e vive, move-se e respira sempre de acordo com a vontade de outrem.

— Deus meu! — exclamou Rebeca. — Que vantagens há para recompensar tão completo sacrifício?

— O poder da vingança — replicou o Templário — e a possibilidade de se dar largas à ambição.

— Fraca recompensa é essa — observou Rebeca — para quem desiste do que mais caro existe para a humanidade.

— Tal não afirmes, rapariga — bradou o Templário. — A vingança é o prazer dos deuses! E se, como dizem os padres, eles o reservaram, é porque o prazer é demasiado grande para que mortais dele possam auferir também. E a ambição! A ambição é a tentação que nem a promessa da bem-aventurança celeste consegue perturbar. — Parou um momento, após o que acrescentou: — Rebeca! Quem prefere a morte à desonra tem de ser de espírito altivo e poderosíssimo. Tens de ser minha!... Não, não fujas — pediu. Terás de o ser, sim, mas com o teu consentimento e segundo os teus termos. Terás de aceder a partilhar comigo as minhas esperanças, que são maiores do que aquelas que se avistam do alto dum trono. Ouve antes de responderes e pondera antes de recusares. O Templário perde, como afirmaste, o seu poder de livre-arbítrio, mas transforma-se num elemento e num braço dum corpo tão poderoso e possante que, frente a ele, até Os tronos estremecem. Ele é como uma pinga de chuva que se junta e mistura com o oceano imenso e indomável, capaz de romper penedos e tragar armadas inteiras. Nesta poderosa ordem, o lugar que ocupo não é dos menores. Sou já um dos comandantes-chefes e posso perfeitamente aspirar, um dia, a tornar-me grão-mestre. Os pobres soldados do Templo não só porão os seus pés nos cachachos dos monarcas

(qualquer monge de sandálias pode fazê-lo), mas ainda, com os seus pés recobertos de malha de aço, se alçarão aos seus tronos. As nossas guantes arrancarão os cetros que os reis seguram. Nem o reino do Messias, que vós aguardais em vão, oferecerá às vossas tribos dispersas tanto poder como aquele que a minha ambição quer atingir. Sonhava com um espírito elevado para com ele a repartir. Encontrei-o em ti!

— E fazeis essas afirmações a uma mulher do meu povo? surpreendeu-se Rebeca. — Pensai melhor...

— Não respondas — tornou a dizer-lhe o Templário — lembrando as diferenças entre os nossos dois credos. Nos nossos conclaves mais secretos vemos tudo isso como historinhas de fadas. Não creias que continuamos, como cegos, acreditando nas loucas baboseiras dos nossos fundadores, que trocavam os prazeres terrenos pelo gosto de se martirizarem, morrendo de fome e de sede, pestes e espadas brandidas por selvagens, ao mesmo tempo que defendiam um árido deserto, apenas com valor para olhos iludidos. Cedo a nossa ordem estendeu melhor e mais longe as suas vistas, encontrando maiores prêmios para os nossos sacrifícios. As nossas possessões enormes, em todos os reinos da Europa, a nossa fama como militares, que nos abre as portas da cavalaria de todos os países cristãos... tudo isto se destina a fins com os quais os nossos fundadores nem sequer sonhavam e que, igualmente, escondemos das pessoas fracas, que entram para a nossa ordem para seguir sem pensar os seus princípios arcaicos, cujas superstições os transformam em passivos instrumentos. Não levantarei mais o véu que tapa os nossos segredos. Aquele toque de trompa anunciará algo requerendo a minha presença. Pensa nas minhas palavras. Que fiques bem! Não te peço que me perdoes a violência com que te ameacei e que entendera ser a forma correta de contigo lidar.

Saindo do quarto, desceu as escadas, deixando Rebeca ainda mais aterrada com a proximidade da morte a que se expusera do que com a furibunda exposição de toda a ambição daquele audacioso indivíduo em cujas mãos fora, lamentavelmente, parar. A primeira coisa que fez foi agradecer ao Céu, na pessoa de Jacó, a proteção concedida e implorar-lhe que a mantivesse, para si e para o pai. Outro nome entrou, quase involuntariamente, na sua prece: o do cavaleiro cristão ferido, a quem a sorte fizera também ser apanhado por aquela gente sanguinária e sua inimiga. O coração acalmou-se-lhe de fato, comungando, nas suas orações, com Deus, e acrescentando às suas devoções a lembrança daquele a que nunca se poderia unir por ser um nazareno e, portanto, um adversário dos da sua fé. Mas o pedido fora, mesmo assim, exposto e nem todos os estritos preconceitos da sua seita conseguiriam demovê-la a retirá-los.

Capítulo XXIV

Cortejá-la-ei como o leão corteja a leoa.

Douglas

Ao mesmo tempo que as cenas atrás relatadas decorriam noutros sectores do castelo, Rebecca, a judia, aguardava o seu destino num pequeno torreão, para onde fora levada pelos seus raptos mascarados. Dentro da diminuta cela encontrava-se uma velha sibila resmungando uma canção saxônica a compasso com o fuso que fazia rodar. A bruxa levantou a cabeça à entrada de Rebeca, lançando à linha judia um daqueles olhares de perversa inveja que a velhice e a fealdade, carregadas de maus pensamentos, descarregam sobre a juventude e a beleza.

— Tens de sair daqui, barata caquética — disse um dos homens. — O nosso nobre amo assim o exige. O quarto é para esta formosa hóspede.

— Ai! — gemeu a velha -, é assim que se pagam os bons serviços. Ainda me lembro quando uma palavra minha fazia saltar da sela e perder o emprego a homens de armas tão bons como o melhor de vós, enquanto agora qualquer moço de estrebaria, como tu, me manda levantar e ir-me embora.

— Boa dama Urfried — disse outro dos homens -, não discutas e sai. As ordens do patrão são para ser cumpridas a correr o teu tempo já passou e estás no teu ocaso. És exactamente como um velho cavalo de batalha que ceivaram finalmente no meio da urze seca... Já deste muitos passos de cortesia, mas hoje nada mais podes realizar do que um trôpego esquipar. Vamos, desaparece!

— Que as fadas transformem ambos em cães — praguejou a velha — e que a vossa campa seja cavada num canil! Que Zerneck, o pérfido Demônio, vos arranque os membros se conseguirdes fazer-me ir lá para fora antes de ter acabado de fiar este linho na minha roca.

— Diz isso ao nosso amo, Demônio — exclamou o homem, retirando-se e deixando Rebeca em companhia que certamente não apreciava.

— Que raio estão eles a fazer agora? — perguntou para si mesma a bruxa, olhando de revés e maldosamente para a rapariga. É fácil de adivinhar... Olhos brilhantes, caracóis negros, pele como papel antes de o padre o manchar com os seus unguentos... Ai!, é simples adivinhar porque a mandaram para este solitário torreão, onde os gritos se ouvem tão bem como se viessem de cento e cinquenta metros abaixo do chão. Terás mochos por companhia, minha beleza, e os pios deles chegarão tão longe como os teus berros. Nem é de cá — acrescentou, notando o vestido e o turbante de Rebeca. — De que país és tu? Sarracena? Egípcia?... Por que não respondes? Choras! Por que não falas?

— Não te zanges, piedosa mãe — disse Rebeca.

— É escusado dizeres mais — exclamou Urfried -, as raposas conhecem-se pelo rabo e as judias pelo falar.

— Por piedade — implorou Rebeca -, diz-me o que devo esperar como resultado da brutalidade que me trouxe até aqui. Será a minha vida que pretendem, para que expie pela minha crença? Dá-la-ei de boa vontade.

— A tua vida, querida? — repetiu a sibila. — Que prazer lhes daria o tirarem-ta? Acredita-me: a tua vida não corre perigo. Serás usada como, em tempos, acharam por bem usar uma nobre donzela saxônia. E terá uma judia como tu de se queixar por isso? Olha para mim. Era tão jovem e duas vezes mais bela do que tu quando o Front-de-Boeuf, o pai de Reginald, e os seus normandos invadiram este castelo. O meu pai e os seus sete filhos defenderam o que era deles andar a andar, quarto a quarto. Nem um só quarto, nem um só degrau, ficou sem sangue deles. Mas morreram. Morreram todos, e ainda os seus corpos não se tinham arrefecido e o seu sangue coagulado e já eu era presa e objecto de troca dos vencedores.

— Não existe possibilidade de ajuda? Não há meios de fuga? perguntou Rebeca. — Recompensaria fabulosamente o teu auxílio.

— Não penses nisso — disse a bruxa. — Daqui não há saída se não para as portas da morte... e será tarde, demasiado tarde acrescentou, abanando a cabeça grisalha.

— Mesmo quando essas se abrissem para nós... Será, no entanto, agradável saber-se que deixaremos neste mundo outros que sofrerão tanto como nós. Passa bem. Judia, ou cristã, a tua sorte será igual, pois tens de enfrentar quem não possui nem escrúpulos, nem piedade. Passa bem, repito. Acabei de fiar... A tua tarefa ainda está por principiar.

— Fica, pelo Céu, fica! — pediu Rebeca. — Fica, nem que seja para me amaldiçoar e injuriar... A tua presença já constituirá um pouco de protecção.

— A presença da Virgem Maria não me serviu de protecção — respondeu-lhe a mulher. — Ei-la, ali. — Apontou para uma imagem da Virgem. — Vê se ela é capaz de te salvar do que te espera. Saiu com o rosto contorcido numa espécie de ricto escarnecedor que ainda a tornava mais repulsiva do que aquilo que já era.

Cerrou a porta, deixando Rebeca a ouvir-lhe as pragas atiradas contra os degraus íngremes que desciam do torreão. Rebeca, agora, apenas podia aguardar um destino bem pior do que o de Rowena. Realmente, que probabilidades existiriam de alguém estender a mesma meiguice ou cerimônia, ainda que simuladas, dirigidas à herdeira saxônia, a um membro da raça oprimida? No entanto, a judia estava melhor preparada, quer pela sua força de vontade, quer pelos seus hábitos de pensamento, a enfrentar os perigos vindouros. Desde tenra idade, de temperamento forte e observador, sem que a pompa e a riqueza que o pai ostentava dentro de portas e aquelas que se notavam nas casas de outros hebreus abastados lhe tivessem alguma vez vendado os olhos quanto às circunstâncias precárias em que os da sua gente viviam. Como Dâmocles, no célebre banquete, Rebeca sempre sentira, dentro de todo esses esplendores, a espada que, presa por um cabelo, pendia sobre as cabeças do seu povo. Estas conclusões tinham dominado e levado para um plano de raciocínio mais ponderado a sua maneira de ser, que, noutras circunstâncias, talvez se orientasse para a altivez, sobrançaria e teimosia.

De seu pai tomara o exemplo e recebera recomendações para tratar cortesmente todos que dela se aproximassem. Não conseguia, é certo, imitar-lhe os extremos de subserviência, visto a mesquinhez mental e o constante estado de tímida apreensão que lhe são inerentes lhe serem completamente desconhecidos. Comportava-se com orgulhosa humildade, submetida à dolorosa situação que ocupava como uma filha da raça maldita, mas simplesmente consciente de merecer posição bem mais alta, em virtude dos seus méritos, do que aquela que preconceitos religiosos lhe deixavam aspirar.

Deste modo, sempre pronta a esperar a adversidade, adquirira grande firmeza para atuar quando nela envolvida. O momento exigia toda a sua presença de espírito e, por isso, tudo fazia para o fortalecer. Primeiramente inspecionou o apartamento, que poucas esperanças de fuga ou proteção oferecia. Não existia nele qualquer passagem secreta ou porta falsa, e, fora a entrada por onde viera, parecia ser totalmente rodeado pela parede exterior do torreão. A porta não tinha do lado de dentro qualquer fecho ou barra. A única janela dava para um pátio ameaçado acima do torreão, que, à primeira vista, deu a Rebeca algumas ideias de poder fugir por ali. Depressa, porém, verificou que não permitia qualquer ligação com o resto das muralhas, não passando duma varanda fortificada, isolada e, como era usual, com um parapeito com seteiras, onde se poderiam dispor alguns arqueiros para a defesa do torreão e do muro do castelo daquele lado.

Não havia, pois, outra hipótese que não a resistência passiva e a grande confiança no Céu, própria das personalidades perfeitas e generosas. Rebeca, ensinada a interpretar erradamente as promessas das Escrituras ao povo eleito, não caíra, mesmo assim, no erro de crer ter chegado o momento do julgamento ou pensar que os filhos de Sião seriam, um dia, chamados a receber tudo o que os gentios já gozavam. Para já, tudo lhe mostrava tratar-se duma altura de castigo e provação, sendo dever seu aguentá-los sem pecar. Mentalizada para se ver como uma vítima do azar, Rebeca, que se conhecia, encheu-se de forças para enfrentar os perigos que, de certeza, viriam.

A prisioneira, apesar de tudo, estremeceu e perdeu a cor quando escutou passos na escada e a porta do torreão se abriu lentamente, deixando passar um homem alto, vestido como os bandidos que os haviam atacado. O barrete, enterrado até aos sobrolhos, cobria-lhe parte da face, sendo o resto tapado pela ponta do manto que segurava. Neste disfarce, aparentemente destinado a encobrir a realização duma ação de que ele próprio se envergonhava, deixou-se ficar parado perante a amedrontada presa. Por muito reles que fosse a sua indumentária, tudo indicava estar embaraçado quanto à forma de expor as razões que o haviam trazido até ali, dando tempo a Rebeca para se antecipar às suas declarações. Retirou duas pulseiras e um colar valioso, que ofereceu ao suposto bandoleiro, na suposição de que, amansando a sua cobiça, ganharia algo para si.

— Tomai-os — disse -, bom amigo, e, por Deus, sede compassivo para comigo e para com o meu idoso pai. Estas joias são valiosas, mas autênticos nadas comparadas com o que ele vos entregará se sairmos deste castelo sãos e salvos.

— Bela flor da Palestina — respondeu o bandido -, estas pérolas, de invulgar oriente, são inferiores à brancura dos vossos dentes. Os diamantes rebrilham, mas não tanto como os vossos olhos, e, desde que me dediquei a este mister, sempre preferi a beleza à riqueza.

— Não erreis — exclamou Rebeca. — Tomai o resgate e tende piedade! O ouro trar-vos-á compensação, enquanto de nós abusar vos traria remorsos apenas. O meu pai saciará os teus maiores desejos, e, se souberdes agir com sabedoria, podereis, com o que vos pagaremos, retornar à sociedade normal, quiçá ser perdoado pelos erros passados e elevado até onde outros erros não serão mais precisos de cometer.

— Bem falado — retorquiu o fora-da-lei em francês, já que o prosseguimento duma conversa em saxão, língua que Rebeca utilizara desde o começo, lhe era difícil -, mas ficai sabendo, doce lírio do vale de Bacá, que o teu pai já se encontra, neste momento, nas mãos dum poderoso alquimista que sabe transformar em ouro e prata mesmo as grades ferrugentas dum calabouço. O venerando Isaac entrará num alambique, que dele destilará tudo a que quer bem, sem intervenção de pedidos meus ou ameaças tuas. O teu resgate será pago em amor e beleza, até porque outra moeda não aceitarei.

— Não és um fora-da-lei! — disse Rebeca no mesmo idioma que ele empregara. — Nenhum recusaria uma oferta como a que fiz.

Nenhum fora-da-lei fala como falaste. Não és um fora-da-lei, mas, sim, um normando... talvez um normando nobre de nascença. Sê-o também nos teus atos e liberta-te dessa máscara de violência ultrajante!

— E tu, que tão bem sabes adivinhar — exclamou Brian de Bois-Guilbert deixando cair o manto -, não és uma autêntica filha de Israel, mas em tudo, fora a juventude e a beleza, uma bruxa de Endor. Não sou, de fato, um fora-da-lei, bela rosa de Saarão. Sou também daqueles que mais depressa cobririam o teu belo colo e braços de pérolas e diamantes em vez de tos roubar.

— Que mais podes querer de mim — perguntou Rebeca — senão a minha riqueza? Nada temos em comum... És cristão e eu sou judia. A nossa união seria contrária aos mandamentos da Igreja e da Sinagoga.

— Dessa forma seria — riu-se o Templário — se eu fosse casar com uma judia! Despardieux! Nem que se tratasse da rainha de Sabá. Saberás, ademais, doce filha de Sião, que se o mais cristão dos reis me oferecesse a mais cristã das suas filhas, com o Linguadoque como dote, eu não poderia desposá-la. É contra os meus votos amar qualquer donzela, a não ser da maneira como te vou amar. Repara na cruz da minha santa ordem.

— Atreves-te a invocá-la, num momento como o presente? lembrou-lhe Rebeca.

— Nada tens com isso — respondeu o Templário -, pois não acreditas no abençoado símbolo da nossa salvação.

— A minha crença é a que os meus pais me ensinaram — informou Rebeca. — E que Deus me perdoe se sigo fé errada! Mas vós, Sr. Cavaleiro, qual é a vossa, quando invocais sem escrúpulos o que dizeis considerar mais sagrado do que tudo, precisamente na altura em que vos preparais para transgredir o mais solene dos vossos votos como cavaleiro e como religioso?!

— Pregaste bem e com solenidade, ó filha de Sirac! — observou o Templário -, mas, gentil eclesiástica, os teus limitados preconceitos judaicos não te deixam reconhecer o nosso grande privilégio. O casamento seria para um templário um crime continuado, enquanto quaisquer loucuras menores que façam ser-nos-ão perdoadas e prontamente absolvidas, durante o próximo capítulo da preceptoria da nossa ordem. Nem o mais sábio dos monarcas, nem o seu pai, cujos exemplos deves conhecer, gozavam de privilégios tão amplos como nós, pobres soldados do Templo de Sião, que o conseguimos pelo esforço na sua defesa. O protetor do Templo de Salomão pode exigir o mesmo que Salomão exigia.

— Se lês as Escrituras — recordou-lhe Rebeca -, e as vidas dos santos, isso apenas te serve de justificação para a tua depravação e devassidão. O teu crime compara-se ao de quem extrai venenos de plantas sadias e úteis. Os olhos do Templário faiscaram à repreensão.

— Escuta, Rebeca. Até aqui falei de bons modos, mas, a partir de agora, a minha voz será a do conquistador. Apresei-te com o meu arco e as minhas flechas... estás, pela lei de todas as nações, sujeita à minha vontade. Não cederei um ponto que seja dos meus direitos, nem me absterei de tomar pela força o que tentares recusar-me.

— Espera! — gritou-lhe Rebeca. — Espera e ouve-me antes de cometeres tão mortal pecado! Podes, certamente, dominar-me, já que Deus fez as mulheres fracas, entregando a sua defesa à generosidade dos homens. No entanto, farei que toda a Europa, duma ponta à outra, tome conhecimento da tua torpeza, Templário. Servir-me-ei da superstição dos teus irmãos, em vez da compaixão, que, de certeza, me negariam. Todas as preceptorias, todos os capítulos da tua ordem, saberão que, como um herege, pecaste com uma judia. Aqueles que não tremerem ao saber do teu pecado amaldiçoar-te-ão por teres desonrado a cruz que usas chegando-te a uma rapariga da minha raça.

— És esperta — disse o Templário, bem consciente da verdade do que ela afirmara, pois a sua ordem considerava de forma tão categórica atos como o que se preparava para levar a cabo, que, por vezes, os castigava com a própria degradação.

— És mesmo esperta — repetiu. — Só que as tuas queixas teriam de ser feitas em voz muito alta para que pudessem ir além dos muros deste castelo, dentro dos quais murmúrios, lamentos e brados por justiça se esvaem de igual modo. Só uma coisa te salvará, Rebeca. Submete-te ao teu destino... abraça a nossa religião e subirás tão alto que muitas damas normandas terão de ficar abaixo de ti em pompa e beleza, tu, a favorita da mais forte lança entre aquelas que defendem o Templo.

— Submeter-me ao meu destino!?! — perguntou Rebeca. — E, Deus do Céu, que destino é esse? Tomar a tua religião? E que religião é essa, que permite no seu seio vilões como tu? Tu, a melhor das lanças dos Templários? Covarde cavaleiro! Falso religioso! Cuspo em ti e desprezo-te! O deus de Abraão abriu um caminho para a sua filha escapar a esta infâmia sem limites.

Acabando de proferir estas palavras, abriu a janela gradeada que dava para o pátio e, com agilidade, saltou-lhe para o parapeito, a medonha altura do solo. Sem esperar uma atitude tão drástica e desesperada, Bois-Guilbert nem teve tempo para a evitar ou sequer travá-la. Quando fez menção de avançar, a rapariga, agora perfeitamente imóvel, gritou: — Deixa-te ficar onde estás, orgulhoso Templário, ou, se for essa a tua vontade, caminha, mas lembra-te de que um só passo mais e saltarei para o vácuo. O meu corpo esfácelar-se-á nas pedras, tornando-se irreconhecível, mas ter-se-á salvo de toda a tua brutalidade! Juntando as mãos, ergueu-as como pedindo aos Céus piedade para com a sua alma. O Templário hesitou e a sua audácia, que nunca dó ou piedade haviam abrandado, cedeu perante a admiração por tão invulgar coragem.

— Desce — disse -, rapariga impetuosa! Juro-te pelo Céu, pelo mar e pela Terra que não te molestarei.

— Não confio em ti — respondeu Rebeca -, ensinaste-me a conhecer as virtudes da tua ordem. A próxima reunião de

preceptoría absolvert-e-á dum juramento que apenas se referia à honra e desonra duma miserável donzela judia.

— És injusta! — disse o Templário com fervor. — Juro-te pelo meu nome, pela cruz que trago ao peito, pela espada à minha cinta, pelo antigo brasão dos meus maiores, juro-te que nada te farei. Se não pensas em ti, lembra-te do teu pai. Posso ser seu amigo, e aqui dentro ele bem necessita de alguém poderoso...

— Infelizmente — reconheceu Rebeca -, sei ser assim. Mas poderei eu confiar em ti?

— Que o meu escudo seja dependurado às avessas e o meu nome para sempre desonrado — disse Bois-Guilbert — se vieres a ter alguma razão de queixa contra mim! Já infringi muitas leis e mandamentos, mas nunca a minha palavra.

— Aceito a tua palavra — disse Rebeca — por agora. — Descendo do peitoril, não se afastou, contudo, demasiado do vão. — Aqui fico — informou. — E tu, se tentares diminuir a distância entre nós, já sabes que esta donzela judia não hesita entre entregar a sua alma a Deus ou dar a sua honra a um templário.

Esta exposição firme e resoluta, condicente com toda a sua expressiva beleza, emprestava à sua atitude de maneiras e dignidade algo fora deste mundo. O seu olhar não vacilava, o seu rosto não perdera a cor, durante aqueles instantes tão tremendos. Pelo contrário, a certeza de ter o próprio destino nas mãos, podendo fugir à infâmia recorrendo à morte, colorizara-lhe a face, acrescera-lhe fulgor aos olhos. Bois-Guilbert, orgulhoso de si mesmo e bem disposto, pensou que jamais vira ninguém tão belo, tão vivo e tão imponente.

— Que haja paz entre nós, Rebeca — propôs. — Paz, se a desejas, mas a distância.

— Não tens de ter medo — garantiu-lhe Bois-Guilbert.

— Não, não te temo, graças a quem construiu esta torre tão alta de causar vertigens e da qual ninguém pode saltar e sobreviver. Graças a ele e ao deus de Israel. Não, não te temo.

— Continuas sendo injusta para comigo — disse o Templário - pela Terra, pelo mar, pelo Céu, persistes na tua injustiça. Não sou, por natureza, a pessoa dura e egoísta e implacável que viste em mim. Foram as mulheres que me ensinaram o que é a crueldade e, por isso, é sobre elas que a exerço, Mas não sobre as que são como tu. Escuta, Rebeca: cavaleiro algum jamais empunhou a sua lança tão carregado de amor do que Bois-Guilbert. Ela, filha dum barãozeco que de seu possuía somente uma torre em ruínas, uma vinha improdutiva e algumas léguas de terreno estéril nas Landes, perto de Bordéus, era, porém, bem conhecida em todos os locais onde feitos de armas se praticassem, o seu renome era maior que o de muitas damas cujo dote era um condado inteiro. Sim — prosseguiu, andando para lá e para cá na pequena plataforma onde se encontrava, excitado e quase esquecido da presença de Rebeca -, sim, os meus feitos, os perigos que corri, o sangue que verti, levaram o nome de Adelaide de Montemare, desde a corte de Castela, até à de Bizâncio. E qual foi o meu pago? Quando regresssei, coberto de glória tão duramente conquistada, fui encontrá-la casada com um fidalgo gascão, cujo nome dificilmente alguém conheceria para lá do seu desprezível domínio! Amava-a e ferozmente me vinguei da promessa que não cumprira. A minha vingança, contudo, apossou-se de mim, e, desde aquele dia, separei-me da vida sem que o seu peso — não, não posso ter um lar — possa ser mais aceitável ao lado duma esposa carinhosa. Na velhice não terei companhia. A minha campa será solitária e de mim não haverá descendentes podendo orgulhar-se do antigo nome de Bois-Guilbert. Depois aos pés do meu superior o meu livre-arbítrio, o privilégio da independência. O Templário é um servo em tudo, na denominação. Não pode possuir terras e bens e vive, move-se e respira sempre de acordo com a vontade de outrem.

— Deus meu! — exclamou Rebeca. — Que vantagens há para recompensar tão completo sacrifício?

— O poder da vingança — replicou o Templário — e a possibilidade de se dar largas à ambição.

— Fraca recompensa é essa — observou Rebeca — para quem desiste do que mais caro existe para a humanidade.

— Tal não afirmes, rapariga — bradou o Templário. — A vingança é o prazer dos deuses! E se, como dizem os padres, eles o reservaram, é porque o prazer é demasiado grande para que mortais dele possam auferir também. E a ambição! A ambição é a tentação que nem a promessa da bem-aventurança celeste consegue perturbar. — Parou um momento, após o que acrescentou: — Rebeca! Quem prefere a morte à desonra tem de ser de espírito ativo e poderosíssimo. Tens de ser minha!... Não, não fujas — pediu. Terás de o ser, sim, mas com o teu consentimento e segundo os teus termos. Terás de aceder a compartilhar comigo as minhas esperanças, que são maiores do que aquelas que se avistam do alto dum trono. Ouve antes de responderes e pondera antes de recusares. O Templário perde, como afirmaste, o seu poder de livre-arbítrio, mas transforma-se num elemento e num braço dum corpo tão poderoso e possante que, frente a ele, até Os tronos estremecem. Ele é como uma pinga de chuva que se junta e mistura com o oceano imenso e indomável, capaz de romper penedos e tragar armadas inteiras. Nesta poderosa ordem, o lugar que ocupo não é dos menores. Sou já um dos comandantes-chefes e posso perfeitamente aspirar, um dia, a tornar-me grão-mestre. Os pobres soldados do Templo não só porão os seus pés nos cachos dos monarcas (qualquer monge de sandálias pode fazê-lo), mas ainda, com os seus pés recobertos de malha de aço, se alçarão aos seus tronos. As nossas guantes arrancarão os cetros que os reis seguram. Nem o reino do Messias, que vós aguardais em vão, oferecerá às vossas tribos dispersas tanto poder como aquele que a minha ambição quer atingir. Sonhava com um espírito elevado para com ele a repartir. Encontrei-o em ti!

— E fazeis essas afirmações a uma mulher do meu povo? surpreendeu-se Rebeca. — Pensai melhor...

— Não respondas — tornou a dizer-lhe o Templário — lembrando as diferenças entre os nossos dois credos. Nos nossos

conclaves mais secretos vemos tudo isso como historinhas de fadas. Não creias que continuamos, como cegos, acreditando nas loucas baboseiras dos nossos fundadores, que trocavam os prazeres terrenos pelo gosto de se martirizarem, morrendo de fome e de sede, pestes e espadas brandidas por selvagens, ao mesmo tempo que defendiam um árido deserto, apenas com valor para olhos iludidos. Cedo a nossa ordem estendeu melhor e mais longe as suas vistas, encontrando maiores prêmios para os nossos sacrifícios. As nossas possessões enormes, em todos os reinos da Europa, a nossa fama como militares, que nos abre as portas da cavalaria de todos os países cristãos... tudo isto se destina a fins com os quais os nossos fundadores nem sequer sonhavam e que, igualmente, escondemos das pessoas fracas, que entram para a nossa ordem para seguir sem pensar os seus princípios arcaicos, cujas superstições os transformam em passivos instrumentos. Não levantarei mais o véu que tapa os nossos segredos. Aquele toque de trompa anunciará algo requerendo a minha presença. Pensa nas minhas palavras. Que fiques bem! Não te peço que me perdoes a violência com que te ameacei e que entendera ser a forma correta de contigo lidar.

Saindo do quarto, desceu as escadas, deixando Rebeca ainda mais aterrada com a proximidade da morte a que se expusera do que com a furibunda exposição de toda a ambição daquele audacioso indivíduo em cujas mãos fora, lamentavelmente, parar. A primeira coisa que fez foi agradecer ao Céu, na pessoa de Jacó, a proteção concedida e implorar-lhe que a mantivesse, para si e para o pai. Outro nome entrou, quase involuntariamente, na sua prece: o do cavaleiro cristão ferido, a quem a sorte fizera também ser apanhado por aquela gente sanguinária e sua inimiga. O coração acalmou-se-lhe de fato, comungando, nas suas orações, com Deus, e acrescentando às suas devoções a lembrança daquele a que nunca se poderia unir por ser um nazareno e, portanto, um adversário dos da sua fé. Mas o pedido fora, mesmo assim, exposto e nem todos os estritos preconceitos da sua seita conseguiriam removê-la a retirá-los.

Capítulo XXV

O melhor, mas mais difícil de ler, pedaço de literatura que encontrei na minha vida.

She stoops to conquer

Quando o Templário chegou ao salão do castelo, De Bracy já lá se encontrava.

— O teu namoro — disse De Bracy — foi, como o meu, interrompido por este estridente chamado. Mas, como vieste depois de mim e aparentemente com maior relutância, presumo ter a tua entrevista sido mais frutuosa do que a minha.

— A corte que fizeste à saxônia não resultou, portanto? — indagou o Templário.

— Pelos ossos de São Tomás de Becket — respondeu De Bracy -, Lady Rowena deveria estar informada de que não aguento ver mulheres a chorar.

— É lá possível! — exclamou o Templário. — Tu, um chefe de mercenários, a preocupares-te com lágrimas femininas! Um gotinhas nas chamas do amor sempre fizeram bem, avivando-o.

— Muito obrigado pelas tuas gotinhas — retorquiu De Bracy -, mas as daquela donzela davam para extinguir uma fogueira das grandes. Jamais vi tanto torcer de mãos ou mágoas daquele tamanho, desde os tempos de Santa Níobe(1), de que o prior Aymer nos falou. Um Demônio aquático apoderou-se da bela saxônia.

— Também uma legião de demos entrou no corpo da judia – disse o Templário -, já que um somente, nem mesmo Apolón, não conseguiria conjurar tanto orgulho e decisão... Mas onde está Front-de-Boeuf? A trompa toca com mais e mais intensidade.

— Está a tratar de negócios com o Judeu, suponho – respondeu friamente De Bracy -, e possivelmente os berros de Isaac abafam o som da trompa. Deveis saber, por experiência, Sir Brian, que um judeu, ao separar-se dos seus tesouros, segundo as condições que o nosso amigo Front-de-Boeuf impõe, levanta um clamor tal que se sobrepõe a vinte trompas e trombetas. Mandemos que algum vassalo o convoque.

Front-de-Boeuf juntou-se-lhes pouco depois, interrompido que fora na sua cruel atividade já descrita ao leitor, e que somente se atrasara para dar algumas instruções pelo caminho.

— Vamos lá descobrir a razão de toda esta infernal barulheira — disse Front-de-Boeuf. — Tenho aqui uma carta que, se me não engano, está escrita em saxão. Mirou-a, deu-lhe voltas e pô-la ao contrário, como se esperasse que, naquela posição invertida, o papel revelasse o seu conteúdo. Finalmente, passou-a a De Bracy.

— Tanto quanto sei, pode até conter qualquer fórmula mágica — comentou De Bracy, cuja ignorância estava Perfeitamente de acordo com a dos cavaleiros do tempo. — O nosso capelão tentou ensinar-me a escrever — explicou -, mas todas as minhas letras pareciam lâminas de espadas e pontas de seta, e o velhote de cabeça rapada desistiu.

— Dai-me — pediu o Templário. — Tenho algumas qualidades clericais a reforçar o meu valor guerreiro.

— Aproveitemos, pois, os vossos valiosos conhecimentos – disse De Bracy. — Que diz o papel?

— Trata-se duma carta formal de desafio — respondeu o Templário — e, se não se trata duma brincadeira de bobos, é o mais espantoso comunicado que jamais ultrapassou a ponte levadiça dum castelo dum nobre.

— Bobos? — bradou Front-de-Boeuf. — Quero saber quem ousa fazer bobagens comigo, em casos como estes. Queirais lê-la, Sir Brian. De conformidade, o Templário rezou-lhes o seguinte: -Eu, Wamba, filho de Witless, bobo do nobre Cedric de Rotherwood, conhecido por o saxão, e eu, Gurth, filho de Beowulph, porcariço...

— Estás louco — interrompeu Front-de-Boeuf.

— Por São Lucas, é o que aqui está escrito — confirmou-lhe o Templário, que, retomando a leitura, prosseguiu: -Eu, Gurth, filho de Beowulph, porcariço do citado Cedric, com a ajuda dos nossos aliados e confederados, a nós juntos neste feudo de justa causa, entre eles o cavaleiro no momento denominado "O Negro Preguiçoso" e o valente Robert Locksley, cognominado o "Fende-Varas", a vós, Reginald Front-de-Boeuf e a vossos aliados, sejam eles quais forem, que, sem causa aparente ou feudo declarado, haveis maldosa e habilidosamente aprisionado o nosso amo, o citado Cedric, a nobre personagem que é Lady Rowena de Hargottstandstede, o fidalgo Athelstane de Conningsburgh e também diversos outros homens livres, seus guerreiros, servos e criados, e ainda um determinado judeu, chamado Isaac de Iorque, juntamente com sua filha, uma judia, e, finalmente, alguns cavalos e mulas, quando todos esses nobres, seus soldados e criados, cavalos e mulas e os referidos judeu e judia viajavam em boa paz com Sua Majestade, como feudatários pela estrada real, exigimos que os ditos nobres, nomeadamente Cedric de Rotherwood, Rowena de Hargottstandstede, Athelstane de Conningsburgh, os seus criados, guerreiros e acompanhantes, os cavalos e as mulas e também o judeu e a judia, em conjunto com os seus bens e posses, que deles são, sejam entregues a nós, ou àqueles que escolhermos para os receber, devendo que o seja feito em perfeita saúde e estado. Não sendo assim, declaramo-vos que vos consideraremos como salteadores e traidores e a vós nos lançaremos para convosco combater em campo aberto ou por cerco, ou qualquer outra maneira, tudo fazendo no sentido de os vencermos ou

destruirmos. Que Deus tenha mercê de vós. Por nós assinado na véspera do dia de Santo Withold, sob a ramagem do grande carvalho de Hartwill Walk, tendo o acima sido escrito pelo devoto e santo servidor de Deus, da Virgem e de São Dunstan, da capela de Copmanhurst.

Em baixo deste documento fora garatujada, em primeiro lugar, um esboço duma cabeça de galo com a sua crista, com uma legenda explicando ser este hieróglifo a signa de Wamba, filho de Witless. Sob tão respeitável emblema havia uma cruz, a marca de Gurth, filho de Beowulph. Depois, em larga caligrafia, "O Negro Preguiçoso" e, por fim, uma flecha bastante bem desenhada, o sinal do arqueiro Locksley.

Os cavaleiros escutaram a leitura desta estranha missiva de ponta a ponta, após o que olharam uns para os outros em silencioso espanto, completamente incapazes de compreender o portento. Foi De Bracy quem quebrou aquele silêncio desatando, incontrolavelmente, a rir às gargalhadas, no que se lhe juntou, mais moderadamente, o Templário. Front-de-Boeuf, pelo contrário, mostrava-se enervado e pouco inclinado a galhofas.

— Aviso-os, muito a sério, senhores — preveniu -, que será melhor preparardes-vos para enfrentar esta situação do que encará-la com despropositadas risadas.

— Front-de-Boeuf ainda não recuperou do trambolhão de ontem — observou De Bracy — e acovarda-se à simples ideia dum repto, mesmo que parta dum bobo e dum porqueiro.

— Por São Miguel! — respondeu Front-de-Boeuf. — Bem apreciaria que sozinho tivesse de aguentar toda esta aventura. Estes homens jamais ousariam agir com tamanha impudência se se não apoiassem em bandos fortes e numerosos. Há na mata demasiados proscritos revoltados contra a forma como protejo os veados. Uma vez amarrei um deles, que apanhei em flagrante, aos cornos dum touro bravo, que, aliás, o desfez em cinco minutos, e as setas que me atiraram foram tantas como as que se atiraram contra os alvos de Ashby... Tu — disse para um dos criados — já mandaste investigar em que forças se apoia este desafio?

— Há, pelo menos, duzentos homens reunidos na mata — respondeu um escudeiro próximo.

— Aqui está o resultado — bradou -, de vos ter cedido o meu castelo. Não soubeste agir com discrição e trouxe-me um enxame de vespas para cima das costas.

— Vespas? — perguntou De Bracy. — Quereis dizer zângões sem ferrão. Um bando de madraços que preferem encafuarse na floresta e destruir a veação em vez de trabalharem para o seu sustento.

— Sem ferrões? — opôs Front-de-Boeuf. — Setas com ponta em forquilha deste tamanho, que não falham nem alvos como uma coroa francesa, picam e picam bem.

— Calma, Sr. Cavaleiro — pediu o Templário. — Reunamos os nossos e façamos uma surtida. Um cavaleiro, melhor, um homem de armas, só é suficiente para vinte desses labregos.

— O que é de mais, é de mais — confessou De Bracy. — Até me envergonharia lutar com eles.

— Certo — atalhou Front-de-Boeuf -, se fossem negros. Turcos ou mouros, Sr. Templário, ou os pobres camponeses de França, bravo De Bracy. Só que estes são ingleses sobre os quais não temos mais vantagens do que aquelas que as nossas armas e cavalos nos possam trazer e que de pouco nos valerão nas clareiras da floresta. Surtida, dizeis? Quase não temos gente para defender o castelo. Os melhores entre os meus estão em Iorque, o mesmo sucedendo com os vossos, De Bracy. Temos, quando muito, uns vinte, mais os que entraram nesta maluqueira.

— Não pensais — interrogou o Templário — que congregaram gente suficiente para assaltarem o castelo?

— Não, não o penso — disse Front-de-Boeuf. — Estes fora-da-lei têm um chefe audaz, mas, sem maquinaria e escadas, bem como gente experimentada, o meu castelo é-lhes mais do que inexpugnável.

— Mandai recado aos vossos vizinhos — sugeriu o Templário -, pedindo-lhes que tragam gente e venham salvar três cavaleiros cercados por um bobo e um porqueiro, dentro do castelo de Front-de-Boeuf.

— Mofais, Sr. Cavaleiro — respondeu o barão. — para que serviria esse recado? Malvoisin está em Iorque com a sua gente, o mesmo se dando com os meus outros amigos e tal como eu deveria estar não fora esta vossa tonta empresa.

— Chamai-os, então, de Iorque — lembrou De Bracy. — Se se não assustarem com o drapejar dos meus estandartes ou à vista dos meus mercenários, terei de os considerar como os mais atrevidos dos bandidos que jamais pegaram em arcos e flechas.

— E quem levará essa mensagem? — quis Front-de-Boeuf saber. — Todas as trilhas estão cortadas e o mensageiro era logo apanhado. Talvez... — acrescentou e fez uma paragem. — Sr. Templário, escreveis tão bem como bem sabeis ler. Se arranjarmos material para escrita do meu capelão, que morreu faz cerca de um ano numa farra natalícia...

— Se me permitis — interpôs-se o escudeiro ainda presente -, julgo que a velha Ulfried os tem guardados em qualquer lado como recordação do seu confessor. Fora o derradeiro homem, diz ela, que a tratara com a cortesia e o respeito que matronas donzelas merecem.

— Vai buscá-los, Engelred — ordenou Front-de-Boeuf -, para que, vós, Sr. Templário, possais responder a este desafio. — Preferia fazê-lo a fio de espada do que com a ponta duma pena — disse Bois-Guilbert -, mas seja como quereis. Sentou-se

e compôs uma epístola do teor seguinte: Sir Reginald Front-de-Boeuf e os seus nobres aliados não aceitam reptos saídos das mãos de escravos, criados ou fugitivos. Se aquele que se denomina o "Cavaleiro Negro" detém, de fato, as honrarias da cavalaria, saberá estar-se degradando pela sua atual associação, não possuindo, a isso devido, qualquer direito a conferências com cavalheiros de sangue nobre. Quanto aos prisioneiros, numa base de caridade cristã, requeremos nos enviem alguém do clero para os confessar e com Nosso Senhor os reconciliar, uma vez que é nossa inabalável decisão executá-los esta manhã, ainda antes do meio-dia, para que as suas cabeças fiquem expostas nas ameias, assim demonstrando aquilo que pensamos daqueles que se atrevem a pensar no seu salvamento. Deste modo lhes recomendamos o envio dum padre para que se juntem em paz a Deus, atitude esta que constituirá o último serviço que lhes podeis fazer na Terra.

Dobrada a carta, um escudeiro foi levá-la ao mensageiro, que aguardava, fora, uma resposta. Este último, cumprida a sua missão, tornou ao quartel-general dos aliados, provisoriamente armado debaixo dum vetusto carvalho a cerca de três frechadas do castelo. Ali, Wamba, Gurth e os seus aliados, o Cavaleiro Negro, Locksley e o jovial eremita, aguardavam impacientemente novas. Em seu torno e ao longe viam-se inúmeros homens, cujos trajas monteiros e rostos batidos pelos elementos não deixavam dúvidas quanto à sua usual ocupação. mais de duzentos já lá tinham chegado e muitos mais, rapidamente, iam fazendo crescer esse número. Os que davam ordens apenas se distinguiam por uma pena no barrete, sendo o resto, roupas, armas e equipamento, em todos os aspectos iguais aos dos outros.

Além destes bandos, uma força, menos ordenada e pior armada, de moradores saxões da cidadezinha das cercanias, bem como muitos servos e criados das extensas propriedades de Cedric, já ali se encontravam para participarem na operação de salvamento. Poucos dispunham de armas que não fossem aqueles utensílios rústicos que a necessidade transforma em meios bélicos. Chuços de caça, foices, malhadeiros e coisas assim.

Na verdade, os normandos, seguindo o uso habitual dos conquistadores, não autorizavam que os saxões vencidos dispusessem de armas ou usassem espadas e lanças. Este pormenor reduzia o auxílio dos saxões, tornando-o pouco temível para os sitiados, como, em outras condições, o seria, dado o seu valor e número, que a justeza de razões lhes inspiravam. Foram os chefes desta variegada tropa quem recebeu a carta do Templário, que logo passou para as mãos do capelão para que a lesse.

— Pelo báculo de São Dunstan! — exclamou aquele respeitável membro do clero. — São Dunstan, que conduziu mais ovelhas para o redil do que qualquer outro santo do Paraíso, juro que não sei explicar este palavreado, que, em francês ou árabe, está para lá dos meus conhecimentos.

— Deu a carta a Gurth, que, abanando a cabeça, a passou a Wamba. Este olhou-lhe os quatro cantos, com uma careta de fingida compreensão, aproximadamente como um macaco faria, e deu-a a Locksley.

— Se as cartas longas fossem arcos e as curtas flechas, talvez lhes soubesse dar uma volta — disse o honesto arqueiro. — Tal como é, o que querem dizer está tão safo de mim como um veado a doze milhas de distância.

— Serei, então, eu o leitor — propôs o Cavaleiro Negro. Agarrando na carta, leu-a primeiro para si, explicando-a depois em saxão aos que o rodeavam.

— Executarem o nobre Cedric! — explodiu Wamba. — Pelo crucifixo, tendes de estar errado, Sr. Cavaleiro.

— Não, meu prezado amigo — respondeu o Cavaleiro Negro. É tal qual vos disse.

— Então, por São Tomás de Canterbury — interveio Gurth -, temos de arrasar o castelo, nem que seja à força de unhas.

— Não dispomos de outra coisa que não sejam elas — opinou Wamba -, mas as minhas são pouco adequadas para arrancar pedras e argamassa.

— Isto é só para ganharem tempo — disse Locksley. — Nunca levariam avante um ato merecedor de punição tão severa como sofreriam.

— Gostaria — sugeriu o cavaleiro — que um de nós entrasse no castelo e analisasse a situação dos sitiados. Já que pretendem um confessor, este santo eremita poderia ir lá exercer a sua pia função e obter as informações que pretendemos.

— Que a peste te leve, a ti maila tua ideia — vociferou o eremita. — Lembro-te, Cavaleiro Preguiçoso, de que, quando dispo o meu hábito, o meu sacerdócio, a minha santidade e mesmo o meu latim com ele se vão. Nestas roupas verdes abato melhor vinte veados do que confesso um só cristão.

— Receio — disse o Cavaleiro Negro -, receio declaradamente não haver aqui mais ninguém em condições, nem por instantes, de fazer de padre confessor.

Entreolharam-se sem ninguém dizer nada.

— Noto — acrescentou, algum tempo depois, Wamba — que os loucos são sempre loucos e não deixam de enfiar as cabeças nas argolas que os outros evitam. Sabei, caros primos e conterrâneos, que já usei sotaina, antes de envergar este fato às pintas, e que fui educado para ser frade, antes de ter sido atacado pela doença que me fez querer ser bobo. Julgo que, com a ajuda do hábito do eremita, ao qual a santidade e saber eclesiásticos estão indelevelmente ligados, ficarei pronto a administrar conforto corporal e espiritual ao meu reverendo amo, Cedric, e aos seus companheiros de infortúnio.

— Terá ele juízo bastante para a tarefa? — perguntou o Cavaleiro Negro a Gurth.

— Não sei — confessou aquele -, mas, se as coisas não lhe correrem como deve ser, será a primeira vez que a sua maluquice o deixará ficar mal.

— Toca a enfiar o hábito, amigo — mandou o cavaleiro -, e colhe do teu patrão indicações quanto à situação lá dentro. Devem ser poucos, e apostaria sem medo de perder que depressa sucumbiriam a um ataque audaz e decidido. O tempo urge! Vai-te!

— Entrementes — informou Locksley -, cercaremos o local tão completamente que nem uma mosca possa passar. — E, virando-se para Wamba, recomendou: — Podes avisar esses tiranos de que pagarão a dobrar qualquer barbaridade que façam aos seus prisioneiros.

— Pax vobiscum — entoou Wamba, agora já disfarçado de monge.

— Imitando o andar grave e solene dos frades, partiu para a sua missão.

1. Desejaria que o Prior também os tivesse informado sobre a altura em que Niobe foi canonizada. Talvez durante aquele período luminoso em que "Pã emprestou a Moisés a sua trompa pagã." (N. do T.)

Capítulo XXVI

O mais mexido corcel arrefece.

O mais mole, às vezes, fogo traz.

Fingir um frei ser louco acontece, Como passar por frei um bobo faz.

Canção antiga

Quando o bobo, mascarado com o hábito, de capuz e corda amarrada à cinta, se abeirou do portão do castelo de Front-de-Boeuf, o guarda perguntou-lhe quem era e o que desejava.

— Pax vobiscum — respondeu o bufão — sou um pobre irmão da Ordem de São Francisco que aqui vem oferecer os seus ofícios a determinadas pessoas presas aqui no castelo.

— Tens ousadia — disse o guarda-portão -, para aqui vires, quando, nestes últimos vinte anos, fora o bêbado do nosso confessor, nenhuma outra ave da tua espécie tem ousado cantar por estes lados.

— Mesmo assim, peço-te que transmitas o meu recado a teu amo — respondeu o falso padre. — Acredita que o receberá de bom gosto e deixará cantar este galo dentro de todo o castelo.

— Obrigado — avançou o guarda -, mas, se for castigado por abandonar o meu posto para tratar do teu caso, podes crer que irei confirmar se as setas atravessam ou não os hábitos com esta ameaça saiu da guarita e foi, de má vontade, até ao salão, informar que um frade solicitava admissão imediata com surpresa sua, recebeu ordens para que o deixasse entrar sem mais demoras.

Como, por via de dúvidas, deixara alguém a substituí-lo, não mostrou mais hesitações quanto ao cumprimento dessas ordens. A autoconfiança com que Wamba enchera a cabeça levando-o a encarregar-se desta perigosa incumbência quase desapareceu quando se viu à frente dum homem tão amedrontante como Front-de-Boeuf. Endereçou-lhe um Pax vobiscum, que cria auxiliá-lo na mascarada, com maior temor e hesitação do que aqueles que, até à altura, ostentara.

Todavia, Front-de-Boeuf, acostumado a ver gente de todas as categorias tremer na sua presença, em nada suspeitou da timidez do suposto padre.

— Quem és e donde vens, padre? — disse.

— Pax vobiscum — reiterou o bobo. — Sou um mísero servo de São Francisco que, ao passar por estas inóspitas partes, caiu nas malhas de ladrões e, como dizem as Escrituras, quidam viator incidit in latrones, que me mandaram a este castelo oferecendo os meus serviços espirituais a duas pessoas condenadas pela vossa meritíssima justiça.

— Muito bem — assentiu Front-de-Boeuf. — Poderás tu, bom padre, informar-me se são muitos esses ladrões e bandidos?

— Gentil senhor — respondeu o bufão -, nomen illis legio, uma legião será o seu nome.

— Diz em palavras que se percebam quantos são, ou nem hábito, nem cordão, te salvarão.

— Deus meu — bradou o falso clérigo -, cor meum eructavit, ou seja, quase estoirei de pavor! Serão, calculo... homens livres, arraia-miúda... pelo baixo, uns quinhentos.

— O quê? — bradou o Templário, que acabara de entrar. — Serão tantas assim, as vespas? Chegou a altura de as exterminar. E virando-se para Front-de-Boeuf: — Conheceis o padre?

— É um forasteiro dum convento longínquo — respondeu Front-de-Boeuf. — Não o conheço.

— Não lhe confies, portanto, qualquer missão de viva voz — recomendou o Templário. — Que leve um escrito aos mercenários de De Bracy para que venham já em socorro do seu comandante. Entretanto, e para que o padeco de nada suspeite, deixa-o, livremente, executar os seus deveres, preparando os porcos dos saxões para o açougue.

— Está bem — anuiu Front-de-Boeuf, ordenando a um servente que conduzisse Wamba até ao apartamento onde Cedric e Athelstane estavam confinados.

A prisão aumentara, em vez de diminuir, a impaciência de Cedric. Percorria a sala duma ponta a outra, como que avançando para acometer inimigos ou entrar na brecha dum castelo, resmungando umas vezes consigo, outras com Athelstane, que, firme e estoicamente, aguardava as consequências da aventura, digerindo com toda a dignidade a farta refeição do meio-dia e pouco interessado quanto à duração do cativo, que, concluía, como tudo debaixo do céu, acabaria quando tivesse de acabar.

— Pax vobiscum — saudou o bobo entrando. — Que as bênçãos de São Dunstan, São Dinis, São Duthoe e de todos os demais santos caiam sobre vós e à nossa volta.

— Entrai, por favor — respondeu Cedric ao falso padre. — Que pretendeis?

— Preparar-vos para a morte — respondeu o bobo.

— Não é possível — exclamou Cedric. — Perversos e sem pavor como são, não se arriscariam a tão declarada e gratuita crueldade. — Lamentável — acrescentou o bufão. — Fazê-los parar na esperança da sua misericórdia corresponderia a segurar um cavalo fugitivo com um fio de seda. Recordai-vos, generoso Cedric e generoso Athelstane, dos crimes carnis que haveis cometido, pois, hoje, tereis de responder em tribunal superior.

— Estás a ouvir isto, Athelstane? — perguntou Cedric. — Temos de juntar todo o nosso valor para que morramos como homens, o que vale mais do que vivermos como escravos.

— Sinto-me preparado para enfrentar o pior que deles venha e caminharei para a morte com a mesma dignidade com que caminharia para uma boa ceia.

— Recomenda-nos, então, bom padre — pediu Cedric.

— Um momento, tio querido — disse Wamba no seu tom normal. É sempre melhor olhar bem antes de se saltar.

— Pela minha fé! — gritou Cedric, reconhecendo aquela voz. Devia ter calculado!

— Que era a voz do meu fiel escravo e bobo — complementou Wamba, baixando o capuz. — Se tivesses seguido os meus loucos conselhos, não estarias aqui. Segue-os, agora, e pouco mais tempo aqui ficarás.

— Que queres tu dizer, patife? — perguntou o Saxão.

— Apenas isto — disse o bobo: — que envergues o meu hábito e cordão, pois nada mais tenho da Ordem, e saias calmamente do castelo, deixando-me a tua capa e cinto para que possa dar o passo final em tua vez.

— Deixar-te no meu lugar? — surpreendeu-se Cedric à proposta.

— Enforcar-te-iam, bom malandro.

— Mesmo que façam o que lhes é lícito — informou Wamba -, não vejo que a tua nobreza se possa afectar com o fato de o filho de Witless vir a pender numa cadeia, como uma cadeia pendeu sobre o seu antepassado vereador.

— Pois bem, Wamba — aquiesceu Cedric. Por esta vez acederei ao teu desejo. Simplesmente a troca de roupas será com Lorde Athelstane e não comigo.

— Alto lá, por São Dunstan! — Recusou Wamba. — Nenhum motivo há para isso. Está certo que o filho de Witless sofra para salvar o filho de Hereward, mas seria incorreto que morresse em benefício de alguém cujos antepassados ele não conhecia.

— Vilão — gritou-lhe Cedric -, os maiores de Athelstane eram os monarcas de Inglaterra.

— Podem ter sido o que quisessem — continuou Wamba -, mas o meu pescoço está demasiado assente entre os ombros para que deixe torcê-lo por causa deles. Concluindo, meu querido amo, ou aceitas a sugestão, ou deixas-me siar livre como entrei.

— Deixa a árvore já velha secar para que a esperança da floresta seja preservada. Salva o nobre Athelstane, meu fiel Wamba! É dever de todos os de sangue saxão. Tu e eu aguardaremos a ira dos nossos opressores, enquanto ele, livre e safo, tratará de soerguer o espírito dos nossos conterrâneos para nos vingarem.

-De modo algum, pai Cedric — disse Athelstane, tomando-lhe a mão, pois, quando queria pensar e agir, os seus gestos e sentimentos eram do mais nobre possível. — De modo algum — repetiu.

— Preferiria permanecer neste salão durante uma semana, sem comida, senão pão mofento e água, a aceitar uma oportunidade de fuga que, por altruísmo inato, um escravo oferecera ao seu amo.

— Sois tidos por pessoas que sabem — ripostou o bobo — e eu por um doido sem juízo. Contudo, tio Cedric e primo Athelstane, terá de ser o maluco a resolver a controvérsia em vosso lugar e evitar-vos o prolongamento de cortesias. Sou como a égua de John-a-Duck, que só se deixa montar por John-a-Duck. Portanto, se não querem... volto para casa. As atenções não se fazem saltar de mão em mão como uma peteca.

— Ide, pois, nobre Cedric — disse Athelstane -, não deixando escapar este ensejo. A vossa presença no exterior encorajará mais amigos a acorrerem em nosso auxílio. Se ficardes, tudo arruinareis.

— Existe qualquer esperança de ajuda, vinda de fora? — perguntou Cedric ao bobo.

— Mais que esperança! — exultou o bufão. — Debaixo da minha capa estareis envergando a farda dum general. Estão reunidos lá fora quinhentos homens e, hoje de manhã, eu era um dos seus principais comandantes. O meu gorro sem jeito era um casco e a minha espada de madeira um bastão de comando. Bem, vamos a ver quanto lucrarão eles com a troca dum bobo por um ajuizado. São capazes de perder em valor o que ganharão, talvez, em prudência. Adeus, meu amo. Sede generoso para com Gurth e com o seu cão, o Fangs. Pendurai o meu barrete em crista no salão de Rotherwood para que perdure a memória de eu ter dado a minha vida em troca da de meu amo como fiel... maluco. A última palavra saiu-lhe como que com um duplo sentido, entre o sério e o irónico. Os olhos de Cedric carregaram-se de lágrimas.

— A tua memória será mantida — asseverou -, enquanto a fidelidade e a afeição subsistirem à face da Terra. Mas, como deve haver modo de salvarmos Rowena, a ti, a Athelstane, não me atormentes mais com esses pormenores. Já tinham trocado de roupas, quando nova dúvida se apossou de Cedric.

— Não conheço outra língua senão a minha e meia dúzia de palavras do afectado normando. Como me hei de comportar para parecer um reverendo irmão?

— A magia reside em duas palavras apenas, — informou o bobo: Pax vobiscum, que a tudo responde. Se fordes e vierdes,

se comerdes ou beberdes, se abençoardes ou excomungardes, Pax vobiscum dá para tudo. É tão preciosa para um frade como a vassoura o é para as bruxas e a varinha para os prestidigitadores. Dizei-a, mas assim em tom grave e profundo: Pax vobiscum!... É irresistível... Sentinelas, guardas, cavaleiros, guerreiros, escudeiros e peões, todos reagem ao seu poder. Penso mesmo, amanhã, se me vierem buscar para me enforcarem, usá-la sobre o executor da sentença.

— A ser assim — disse-lhe o patrão -, foi rápida a minha entrada nas ordens religiosas. pax vobiscum. Oxalá me não esqueça desta senha. Adeus, nobre Athelstane, adeus, meu pobre rapaz, cuja grandeza de alma te desculpa a fraqueza da mente. Salvar-te-ei ou regressarei para morrer a teu lado o sangue real dos nossos soberanos saxões não correrá sem que o meu não corra também. Nem um só cabelo do valente que se arrisca pelo amo se perderá, se Cedric o puder evitar... Adeus.

— Adeus, nobre Cedric — despediu-se Athelstane. — Recordai-vos de que os frades sempre aceitam alimentos, quando lhes são oferecidos.

— Adeus, tio. Não esqueças o Pax vobiscum — acrescentou Wamba.

Assim recomendado, Cedric partiu, não se passando muito tempo sem que tivesse de recorrer à fórmula que o bobo lhe ensinara, dizendo Ser muito efetiva e quase onipotente. Numa passagem de baixas arcadas, escura, um vulto feminino cortou-lhe o passo.

— Pax vobiscum — lançou o pseudo padre, a quem, quando se preparava para seguir, foi respondido, em voz macia.

— Et vobis... quaeso, domine reverendissime, pro misericordia vostra.

— Sou um pouco surdo — explicou Cedric em saxão e simultaneamente pensando: "O Diabo leve o bobo e o seu pax vobiscum, que falha logo à primeira".

Não era, porém, raro os padres daquela altura terem pouco ouvido para o latim, como a pessoa com quem Cedric se cruzara bem sabia.

— Pedia-vos a mercê, reverendo padre — respondeu ela na sua língua -, que vos digneis conceder o vosso conforto espiritual a um ferido, prisioneiro neste castelo, confortando-o como o vosso santo ofício recomenda. os bons atos enaltecem o convento de quem os pratica.

— Minha filha — disse Cedric muito atrapalhado -, o pouco tempo que posso estar aqui dentro não me permite exercer os meus deveres. Tenho de me apressar... razões de vida e de morte a tanto me obrigam.

— Mesmo assim, deixai-me recordar-vos que o vosso voto — insistiu a sua interlocutora — não vos permite deixar os sofrendores e oprimidos sem palavras de esperança.

— Que o Demônio me carregue até aos confins, para junto das almas de Odin e Thor! — explodiu, furo, Cedric, que, certamente, iria prosseguir no mesmo tom, totalmente incompatível com o personagem que procurava encarnar, se a voz áspera de Urfried, a velha com cara de gárgula, do torreão, o não interrompesse: — Como é? — perguntou à rapariga. — É assim que me pagas o ter-te deixado sair da cela, além? Fazes que o reverendo padre empregue linguagem imprópria só para se ver livre duma judia que o importuna?

— Judia? — disse Cedric, aproveitando-se da interrupção para tentar safar-se. — Deixa-me passar, mulher. Será perigoso para ti entravare-me o passo. Venho do Santo Ofício e não quero degradar-me.

— Segue-me, padre — convidou a sibila. — Não conheces o castelo e não podes sair sem guia. Vem para que eu possa conversar contigo... E, quanto a ti, filha da raça maldita, vai para o quarto do ferido e cuida dele até eu voltar. E, cuidado, não tornes a sair sem minha autorização!

Rebeca afastou-se. A sua insistência levava Urfried a deixá-la sair do torreão, tendo-a a megera mandado servir exatamente onde ela mais desejava, ou seja, junto de Ivanhoé, ferido. Toda ela atenta à sua perigosa situação e pronta a agarrar-se a qualquer meio de salvação que pudesse surgir, Rebeca julgara que a presença dum sacerdote que, segundo Urfried chegara recentemente ao castelo, de algo servisse. Esperara a passagem do padre, tencionando interessá-lo na sorte do cativo. Lamentavelmente, com os resultados que vimos.

Capítulo XXVII

*Louco desgraçado! Que poderás contar Sendo feitos de dor, vergonha e pecado?
Feitos provados, os quais, sabes, vias penar.
Mas, anda, começa a contar o teu recado.*

Sou de outra maneira mais doente, com males e outros piores penares; Dá-me descanso à pobre mente, Alguém com ouvido mais paciente, Rogo, peço para me deixares Falar com um amigo na frente.

Hall of Justice, de Crabe

Urfried, após, mediante imprecações e ameaças, ter afastado Rebeca do caminho, levou Cedric, contra a sua própria vontade, para um apartamento, cuja porta fechou cuidadosamente. Dum armário retirou um pichel de vinho e dois copos, que colocou na mesa, declarando, em tom mais afirmativo do que interrogativo: — Padre, és saxão!? Não o negues — prosseguiu ao perceber que Cedric não se apressava a contestá-la. — A música do meu idioma natal soa divinamente aos meus ouvidos, se bem que raramente o escute, a não ser da boca de miseráveis e degradados servos aos quais os normandos impõem, aqui dentro, a mais miserável das opressões. És saxão, padre. Saxão e livre, já que és um filho de Deus. Gosto de te ouvir falar.

— Não vêm então padres saxões a este castelo? — perguntou Cedric -, Seria, penso, seu dever confortarem os sofrimentos dos humilhados e sofredores filhos da sua terra. — Não vêm. ou, se vêm, têm de apreciar mais o pagode à mesa dos conquistadores — retorquiu Urfried -, do que escutar os gemidos dos seus patrícios. É o que dizem. Eu quase nada sei. Há dez anos que este castelo não abre as suas portas para qualquer padre, a não ser para o debochado do capelão normando que compartilhava as noites de farra com Front-de-Boeuf, e esse mesmo há muito que se foi para dar contas ao Criador dos seus atos... Mas tu és saxão, um padre saxão, e eu quero pôr-te uma questão.

Sou saxão — confessou Cedric -, mas, na verdade, indigno do título de padre. Deixai-me partir. Prometo que voltarei ou que vos enviarei um padre mais próprio para vos escutar a confissão.

— Esperai um pouco — pediu Urfried. — Esta voz que escutas será, em breve, abafada pela terra fria, à qual não queria descer Como um animal. O vinho dar-me-á alento para relatar os meus horrores — Encheu um copo, bebeu-o com tremenda avidez até à última gota. — Embrutece — disse olhando para cima -, mas não anima. Bebe comigo, padre, não vá a minha história fazer-te cair.

Cedric bem gostaria de escapar a este convívio ominoso, mas, como ela mostrava evidentes sinais de impaciência e desespero, acedeu, aceitando um grande copo. parecendo mais calma, ela começou: — Não nasci, padre, desgraçada como me vês agora. Era livre, feliz, honrada e amada. Hoje sou uma escrava mais baixa do que tudo miserável, um brinquedo para os desejos dos meus amos, enquanto tinha beleza, um objecto de troça, desprezo e ódio, depois de ela ter passado. Surpreender-te-á, padre, que odeie a humanidade e sobretudo a raça que me transformou? Poderá esta velha, encarquilhada e decrépita, cuja ira se manifesta em pragas impotentes, esquecer que, um dia, foi a filha do fidalgo de Torquilstone, perante quem um milhar de vassallos tremia?

— Tu, a filha de Torquil Wolfgang! — bradou Cedric, recuando um pouco ao isto proferir. — Tu, tu és a filha desse tão nobre saxão, amigo e companheiro de armas de meu pai?

— Amigo de teu pai! — repetiu Urfried. — Então encontra-se na minha frente Cedric, o Saxão, porque o fidalgo Hereward de Rotherwood tinha um único filho, cujo nome era bem conhecido entre os seus compatriotas. Mas, se és Cedric de Rotherwood, porquê as roupas religiosas? Desesperaste-te tentando salvar a pátria e procuraste refúgio à sombra dum convento?

— Não importa quem sou — comentou Cedric.

— Segue com a tua história de horror e pecado. É quase pecado teres sobrevivido para a contares, isso, isso mesmo — assentiu a pobre mulher.

— É exatamente esse o remorso duro e implacável que carrego no peito... um sentimento de culpa que nem todos Os fogos, que hei-de penar ao Além, diminuirão. sim. Viver nesta casa, tingida pelo nobre e puro sangue de meu pai e irmãos, como amante do seu assassino, a pronta e servil escrava dos seus desejos, é de envenenar o próprio ar que respiro, tornando-o criminoso e agourento.

— Pobre mulher! — não pôde Cedric deixar de dizer. — E, enquanto os amigos de teu pai, enquanto todos os verdadeiros saxões, choravam a sua perda e as dos seus filhos, sem esquecer Ulrica, que julgavam morta, enquanto todos choravam e deploravam e honravam os mortos, tu vivias com o tirano que matara os teus mais próximos e queridos, que desapareceram, não sobrevivendo um único fidalgo da casa de Torquil Wolfgang... Tu escapaste para caíres num amor ilícito!

— Ilícito, sim — concordou a velha. — É mais fácil haver amor nas profundas do Inferno do que nestas arcadas

sacrílegas. Não! Ao menos, disso não me posso acusar. Sempre odiei Front-de-Boeuf e a sua raça desde o fundo da minha alma. Mesmo quando me acariciava.

— Odiava-o, mas seguiste vivendo — disse Cedric. — Diz-me: não tinhas um punhal, uma faca, um estilete? É bom para ti, já que não renunciaste a tal vida, que os segredos dos castelos normandos sejam como os das sepulturas. Sonhasse eu que a filha de Torquil pecava com o matador do próprio pai, que a minha boa espada saxônia te iria encontrar nos braços que fosse do teu amante.

— Terias, realmente, praticado esse ato de justiça em memória de Torquil? — disse Ulrica, pois podemos agora pôr de parte o falso nome de Urfried. — És, estou certa, o Saxão. Não o podes ocultar! Até, entre estas malditas paredes, onde, como bem disseste, o pecado e o remorso se envolvem em mistério inescrutável, o nome de Cedric soou, e eu, desgraçada farrapo, regozijei-me ao saber que ainda respirava em vós um vingador da minha infeliz nação. Tive também os meus momentos de vingança... fometei brigas entre os nossos inimigos, aticei bebedeiras até que crimes se praticaram e o sangue jorrou. Escutei-lhes o estertor. Olha-me, Cedric! Neste rosto feio e estragado haverá ainda algum traço de Torquil?

— Não mo perguntes — respondeu Cedric em tom onde a dor e o nojo se juntavam. — Tais traços apenas se assemelham àqueles que um Demônio pode dar a um corpo que se levanta da campa.

— Seja — disse Ulrica -, mas estas mesmas demoníacas feições usaram uma máscara angelical quando conseguiram estabelecer a discórdia entre o velho Front-de-Boeuf e seu filho Reginald. O negrume do Inferno ocultou o que se lhe seguiu, mas a vingança exige que se erga esse véu, para que se veja o que até aos mortos surpreenderia. Há muito que o braseiro da desavença entre o pai tirânico e o filho violento se acendera (eu própria, em segredo, alimentava este ódio contranatural), quando, num momento de embriaguez, o meu algoz tombou à sua mesa, abatido pelo próprio filho... Este é um dos segredos dentro destas muralhas. Ruí, paredes malditas! — acrescentou, voltando-se para o tecto. — E enterrai convosco os que conhecem este repelente segredo!

— E tu, mísera e pecaminosa criatura — perguntou Cedric que obteríeis com a morte do teu raptor? — Adivinha-o, mas não mo perguntes. Aqui fiquei até que a velhice, velhice prematura, pôs as suas marcas em mim, tornando-me troçada, desprezada, nos locais onde fora obedecida, e reduzindo o meu poder de vingança, que tão grande fora, a pequenas maldades ou pragas sem valor. Fiquei uma velha impotente, obrigada a ouvir no meu torreão o clamor das orgias em que antes tomava parte e os gritos e gemidos das novas vítimas que ali imolavam.

— Ulrica — quis Cedric saber -, lamentando ainda, parece-me, os prêmios do teu crime e forma como os obtiveste, como ousaste dirigir-te a mim, com estas vestes? Vê, infeliz, que nem Santo Eduardo te poderia valer se aqui aparecesse em carne e osso. O Confessor podia, com a ajuda do Céu, curar as chagas corporais, mas só Deus faz sarar a lepra espiritual.

— Não vos afasteis de mim, apesar de tudo, duro profeta da ira — exclamou ela -, sem dizerdes no que vão acabar estes estranhos sentimentos que abalam a minha solidão. Por que é que as coisas passadas há tanto tempo se levantam de novo, e em todo o seu horror, na minha frente? Que destino terá no Além aquela a quem Deus, na Terra, tanto fez penar? Mais valera ter-me virado para Woden, Hertha e Zerneck, os deuses dos meus antepassados nunca baptizados, que ultimamente me perturbam de dia e de noite!

— Eu não sou padre — reconheceu Cedric, afastando-se, com asco, daquela desgraçada, desesperada e plena de remorsos. — Não sou padre, embora esteja vestido como se o fosse.

— Padre ou leigo — disse Ulrica -, és o único homem a Deus temente que contato nos últimos vinte anos. Vais deixar-me em desespero?

— Arrepende-te — aconselhou Cedric. — Reza e pena e talvez te salves. Eu não posso perder mais tempo.

— Ficai um momento mais — pediu Ulrica. — Não me deixeis, filho do grande amigo de meu pai, para que o Demo, que tem morado dentro de mim, não me tente a vingar-me do vosso desprezo. Sabeis que, se Front-de-Boeuf vos encontrasse dentro do seu castelo, disfardado de padre, a vossa vida não seria longa? Os seus olhos de falcão faz muito que vos observam.

— E, se for assim — replicou Cedric -, nem as suas garras e esporões obrigariam a minha língua a dizer o que a minha alma não consentisse. Morrerei saxão... franco e leal. Ordeno-te que te afastes! Não me toques! Não me demores mais! Front-de-Boeuf é-me menos odioso do que tu, degenerada!

— Está bem — concordou Ulrica. — Não te prendo mais. Segue o teu caminho e esquece, com a insolência da tua superioridade, que este caco perante ti é a filha do amigo de teu pai... Ide, ide. Se o meu sofrimento me separa das gentes, me afasta daqueles de quem ainda ajuda mais poderia contar, também terei de me afastar da minha vingança. Ninguém me auxilia, mas todos escutarão aquilo que vou fazer, e Adeus! O teu escárnio quebrou o último laço que me prendia à minha raça... a esperança de o meu sofrimento fazer que ela de mim se compadecesse.

— Ulrica — disse Cedric, tocado por este apelo -, nasceste para sofrer uma vida de tanta miséria e pecado que não vês que não deveras agora entregar-te ao desespero, mas sim ao arrependimento?

— Conheces bem mal a alma humana — respondeu-lhe Ulrica.

— Agir como agi, pensar como pensei, necessitam dum enlouquecedor apreço ao prazer misturado com uma viva apetência de vingança e uma altiva consciência de poder que intoxicam a alma e, mesmo assim, se conservam... Essa força já desapareceu (para a idade não existe prazer), as rugas de nada servem e a vingança fica reduzida a pragas inúteis. A seguir

chega o remorso, com todas as suas víboras, lamentações pelo passado e temores pelo futuro. Então, quando todos os impulsos fortes já nada são, tornamo-nos em seres infernais que podem saber o que é remorso, mas ignoram o arrependimento. As tuas palavras, no entanto, acordaram alguma coisa dentro de mim. Tudo quanto disseste é possível para quem estiver disposto a morrer! Apontaste-me a vida do desagravo e podes estar certo de que a trilharei. Esse sentimento erra dentro de mim, dividido por outras paixões. De agora em frente possuir-me-á inteiramente e a tal ponto que tu próprio virás a afirmar que, fosse qual fosse a vida de Ulrica, a morte a transformou numa autêntica filha de Torquil. Forças estão cercando este castelo maldito. Acorre a comandá-las e, quando vires uma bandeira vermelha agitar-se na pequena torre na esquina do calabouço, pressionarás os normandos com todo o vigor... Terão tanto a enfrentar dentro de portas que escalarás as muralhas apesar de tudo que te arremessarem. Segue, rogo-te, o teu destino e deixa-me para cumprir o meu. Cedric ficaria mais algum tempo para melhor se esclarecer acerca do tenebroso intento que ela lhe anunciara, não fora a voz severa de Front-de-Boeuf perguntando: — Onde para esse padre mandrião? Pelas vieiras de Compostela, transformá-lo-ei num mártir se anda por aí a atihar traições entre o meu pessoal.

— Que tais profetas são as más consciências — disse Ulrica. — Não ligués. Sai e junta-te aos teus. Lança-lhes o grito de guerra dos saxões e, se te responderem com o cântico guerreiro de Rollo, a tua vingança servir-lhe-á de fundo.

Isto dito desapareceu por uma porta esconsa, exatamente quando Reginald entrava. Cedric, com alguma relutância, saudou o altivo barão, que lhe correspondeu com um ligeiro aceno.

— Os teus penitentes demoraram a confessar-se. Foi bom assim, porque nunca mais o tornarão a fazer. Preparaste-os para o fim?

— Encontrei-os — titubeou Cedric no melhor francês que conseguia — esperando o pior desde o momento em que souberam o nome de quem os retinha presos.

— Que é isso? — perguntou Front-de-Boeuf. — A tua fala tem muito de saxão, creio.

— Fui educado no Convento de Saint Withold de Burton — informou Cedric.

— Sim? — disse o barão. — Bem melhor teria sido para vós e para os meus fins que fôsseis normando. A urgência, porém, não permite que se escolham os mensageiros. Esse convento de Saint Withold é mais um ninho de mochos a arrasar. Pronto chegará o dia em que os hábitos pouco protegerão os Saxões.

— Seja feita a vontade de Deus — fez Cedric numa voz cujo tremor Front-de-Boeuf atribuiu a medo.

— Entendo — disse. — Já estás vendo os nossos homens no teu refeitório e nas adegas. Faz-me, contudo, um favor e, aconteça o que acontecer aos demais, poderás dormir como um caracol dentro da tua cela.

— É só mandar-me. — Cedric mal continha as suas emoções. — Segue-me para que te aponte um portal de saída. — Durante o percurso, Front-de-Boeuf, à frente do suposto frade, foi o instruindo quanto a como deveria proceder.

— Tu viste, frade, aquela vara de saxões que se permitiu chegar-se ao castelo de Torquilstone. Dir-lhes-ás o que te aprouver sobre as condições desta fortaleza de modo a retê-los por vinte e quatro horas. Entretanto leva este escrito... mas, diz-me, sabes ler?

— Nada — informou Cedric -, a não ser o meu breviário, e esse mesmo porque o sei de cor, bendita seja Nossa Senhora e Santo Withold!

— Melhor mensageiro não arranjará eu. Leva a carta até ao castelo de Philip de Malvoisin. Diz que é da minha parte e escrita pelo templário Brian de Bois-Guilbert e que lhe peço que a envie a Iorque tão depressa quanto um homem a cavalo o possa. Diz-lhe ainda que nada tem a temer quanto a nós, pois estamos sãos e salvos e junto das ameias. Vergonha seria se tivéssemos de nos esconder dum bando de renegados, capazes de se assustarem com o tremular dos nossos pendões e com o trotar dos nossos cavalos! Recomendo-te, padre, que inventes qualquer coisa para os retardar para que fiquem onde estão até que os nossos amigos nos tragam reforços. A minha vingança está bem desperta, como o falcão que não adormece sem se ter satisfeito.

— Pelo meu santo padroeiro! — exclamou Cedric com pouco useiro entusiasmo. — E por todos os santos que nasceram e viveram em Inglaterra, os teus comandos serão cumpridos: Nenhum saxão sairá da frente destas muralhas. Tenho artes para os saber deter.

Ah! Já mudaste de cantar, padre. Falas com claro arrojo, como se ambicionasses entrar na matança, embora tu próprio sejas um daqueles suínos.

Cedric, que não era lá muito perfeito nas artes da dissimulação, sentiu neste momento a falta de sugestões de alguém mais adequado, com, por exemplo, a imaginação de Wamba. Mas já os antigos diziam que a necessidade é mãe da invenção, pelo que murmurou algo sob o capuz, a propósito de gentes excomungadas pela igreja e pelo reino.

— Despardieux — bradou Front-de-Boeuf -, falaste verdade. Esquecera-me de que os patifes limpam um abade gorducho como se fossem nativos das terras para lá do canal de água salgada. Não foi a Santo Ives que prenderam a um carvalho e obrigaram a cantar uma missa, enquanto lhe revistavam bolsos e bolsas? Não, por Nossa Senhora! Essa partida foi pregada por Gualtier de Middleton, um companheiro de armas nosso. Foi com uns saxões que tinham furtado os cálices e os castiçais de S. Bees. Não foi?

— Tratava-se de hereges — disse Cedric.

— Certo. E que beberam todo o bom vinho e cerveja que os frades guardavam para si, enquanto nos recomendam vigílias e orações. Padre! Compete-te vingar tal sacrilégio. Desejo o desagravo ardentemente — murmurou Cedric. — Santo Withold sabe-o. Front-de-Boeuf conduzira-o através duma portinhola e por sobre uma tábua, por cima do fosso, até uma pequena barbacã, ou defesa exterior, que dava para fora por uma porta muito bem defendida.

— Vai-te; e, se executares o meu recado e regressares quando ele tiver sido aviado, verás tanta carne saxônica como carcaças de porcos há nos matadouros de Sheffield. E, como pareces ser um confessor que aprecia o que é do bom, não deixes de aparecer após a matança, já que te darei malvasia bastante para inundar o teu convento.

— Com toda a certeza, tornar-nos-emos a encontrar — anuiu Cedric.

— Toma, para já — continuou o normando à porta, metendo-lhe uma moeda na mão relutante. — Não olvides que te arrancarei o hábito e a pele se não cumprires a tua missão.

— E fã-lo-ás com o meu consentimento — respondeu Cedric, saindo e deslocando-se rapidamente -, se, quando nos tornarmos a encontrar, tanto merecer. — Voltou-se e, atirando a peça de ouro, exclamou: — Normando maldito, que o teu dinheiro desapareça contigo! Front-de-Boeuf não entendeu bem o que lhe era dito, mas o gesto pareceu-lhe suspeito.

— Arqueiros! — gritou para os guardas. — Enfiem uma flecha naquele monge! Não! Esperem! — ordenou já quando os arcos se vergavam. — Não vale a pena. Temos de confiar nele, já que nada de melhor existe. Creio que não ousará trair-me. Se for preciso, servir-me-ei para negociar dos outros cães saxões que aqui tenho presos em bons canis. Hei, Giles, carcereiro, traz-me cá Cedric de Rotherwood e o outro pacóvio amigo dele, Conningsburgh, Athelstane ou lá como é que se chama. Os nomes deles são uma confusão para bocas normandas e até parece que têm gosto a presunto. Dai-me uma taça de vinho, como disse o príncipe João, para tirar este mau gosto. Levai-a para a sala de armas e conduzi os presos para lá.

As suas ordens foram cumpridas e, quando penetrou no salão de estilo gótico, de cujas paredes pendiam imensos troféus, que o seu valor e o de seu pai haviam ganho, lá estavam a botelha de vinho, em cima duma grossa mesa de carvalho, e os dois cativos saxões, guardados por quatro soldados. Front-de-Boeuf bebeu um longo trago e, a seguir, dirigiu-se aos prisioneiros (a forma como Wamba pusera o gorro, as roupas, a pouca luz e o mal como o barão conhecia Cedric, que evitava os seus vizinhos normandos tanto quanto podia e raramente saía das suas terras), sem perceber que o mais importante dos dois se lhe escapara.

— Garbosos ingleses — começou Front-de-Boeuf -, que tal tendes sido tratados em Torquilstone? Já percebestes o que a vossa surquedy e outrecuidance(1) na festa dum príncipe da Casa de Anjou vos trouxe? Haveis esquecido como agradecestes a hospitalidade inútil de João? Por Deus e São Dinis, se não pagardes um resgate a valer, pendurar-vos-ei pelas grades destas janelas até que os milhafres e os corvos vos transformem em esqueletos. Falem, cães saxões! Quanto dais pelas vossas vidas, que nada valem? Hei, tu, Rotherwood, quanto dizeis?

— Nem um vintém — respondeu o pobre Wamba. — E, no que se refere à minha cabeça, se me pendurardes pelos pés, ela, que ficou tonta e baralhada desde que lhe puseram guizos à volta, é capaz de ficar melhor.

— Santa Genoveva! — bradou Front-de-Boeuf -, quem é este? — com as costas da mão arrancou o capuz do bobo e, abrindo-lhe a gola, viu-lhe o símbolo da servidão, a coleira de prata.

— Giles, Clement, cães, velhacos! — berrou o normando furibundo. — Quem trouxestes para aqui.

— Julgo poder informar — disse De Bracy entrando — que este é o palhaço de Cedric, aquele que se bateu valentemente em duelo com Isaac de Iorque a propósito de questões de precedências.

— Ajustarei contas com ambos — prometeu Front-de-Boeuf. — prendo-os nos mesmos grilhões, a não ser que o amo deste e este porco do Conningsburgh paguem muito bem as suas vidas. A sua fortuna inteira é o mínimo que me podem dar. Terão ainda de afastar esses enxames que zumbem em torno do castelo e assinar declarações desistindo de pretensas imunidades e passarem a viver sob o jugo, como servos e vassallos. Terão muita sorte se, no novo viver que se está criando, puderem respirar. Ide — ordenou aos criados — e trazei-me o Cedric verdadeiro. Desculpo-vos o engano, desta vez, pois é natural confundir-se um louco com um fundiário saxão.

— Vossa Excelência — interveio Wamba, — verificará haver mais loucos entre nós do que fundiários.

— Que quer o doido dizer? — perguntou Front-de-Boeuf olhando para os seus, que se tinham deixado ficar, confusos por este não ser o Cedric autêntico, cujo paradeiro desconheciam por completo.

— Por todos os santos! — exclamou De Bracy. — Deve ter-se escapado, vestido de monge!

— Raios do Inferno! — urrou Front-de-Boeuf. — Foi então aquele javardo de Rotherwood que acompanhei ao portal e soltei pelas minhas próprias mãos!... E tu — prosseguiu para Wamba -, cuja maluqueira é superior à de qualquer outro doido! Eu é que te dou as vestes clericais. Serei eu mesmo a torturar-te. Que te arranquem o couro cabeludo e o pendurem num parapeito o teu mister é de brincar; brinca agora, se és capaz!

— Tratava-me melhor do que contava, nobre cavaleiro — gemicou o desgraçado Wamba, que, habituado a palhaçadas constantes, não se intimidava à possibilidade de morte imediata. — Se me ireis oferecer o solidéu encarnado de que falais, transformar-me-eis de monge em cardeal.

— O inconsciente — comentou De Bracy — está decidido a morrer dentro da sua profissão. Front-de-Boeuf, não o

abatais. Dai-me para divertimento dos meus homens. — Dirigindo-se depois a Wamba, perguntou-lhe: — Qual é a tua opinião, malandro! Estás pronto a ir para a guerra comigo?

— Claro, desde que o meu senhor me autorize — respondeu o bufão -, pois não posso tirar o colarinho (aqui tocou a coleira) sem sua permissão.

— Qualquer normando serra uma coleira saxônica — declarou De Bracy.

— E daí vem — citou Wamba -, o provérbio: Serra normanda em carvalho inglês; canga normanda em cerviz inglesa; Colher normanda em prato inglês, Ingleses governados por normandos. Enquanto assim for, nunca mais a Inglaterra terá felicidade.

— Perdes tempo, De Bracy — disse Front-de-Boeuf -, ouvindo as patranhas desse doido, quando a destruição nos espreita. Fomos ludibriados e as nossas linhas de comunicação com os nossos amigos cortadas por este mesmo cavalheiro com quem te entretens neste momento. Que mais poderemos esperar senão um ataque repentino?

— As muralhas, portanto — propôs De Bracy. — Desde quando me viste furtar à luta? Chama o Templário para que combata pela própria pele tão bem como tem feito pela sua ordem. Ocupa as ameias com o teu corpanzil. Deixa-me fazer as coisas da minha maneira, e fica sabendo que seria mais fácil os bandidos treparem às nuvens do que às paredes desta fortaleza de Torquilstone. Ou, caso prefiras negociar com os salteadores, porque não servires-te daquele fidalgo que tem os olhos pregados naquele piche de vinho?... Ei, tu, saxão, continuou falando para Athelstane e oferecendo-lhe um copo molha a gorja com essa boa pinga e diz-nos o que és capaz de fazer pela tua libertação.

— O que qualquer homem de carácter faria — respondeu Athelstane — desde que seja homem de verdade. Solta-nos, a mim e aos meus companheiros, e pagar-te-ei mil marcos.

— E garantes-nos que essa escória, que nos cerca contra a vontade de Deus e do rei, se irá embora?

— Dentro das minhas possibilidades — acordou Athelstane -, dispersá-los-ei. Temo somente que meu pai, Cedric, me ajude muito pouco nesse trabalho.

— Estamos então de acordo — repetiu Front-de-Boeuf. Tu e eles serão libertados e a paz será estabelecida entre nós, desde que pagues os mil marcos. É um resgate de nada, saxão, e terás, portanto, de ficar grato pela minha moderação, levando-me a aceitá-lo em troca das vossas pessoas. Nota, porém, que o judeu Isaac não faz parte da transação.

— Nem a filha de Isaac — acrescentou o Templário, que se lhes juntara.

— Nem um nem outro — concordou Front-de-Boeuf. — Pertencem a outro grupo que não o saxão. Eu não seria merecedor da designação de cristão — lembrou Athelstane — se lidasse com descrentes como esses.

— Também Lady Rowena não poderá fazer parte do acordo acrescentou De Bracy -, para que ninguém venha, mais tarde, dizer que uma donzela me assustou.

— Além disso — recordou Front-de-Boeuf -, o bobo fica igualmente comigo, para que o torne num exemplo para todos aqueles que comigo desejem brincar.

— Lady Rowena — disse Athelstane o mais sério que se possa imaginar -, é a minha prometida. Nem puxado por cavalos bravos me separaria dela. Quanto ao escravo Wamba, salvou hoje a vida de meu pai Cedric. Daria a minha cabeça antes de permitir que lhe tocassem, mesmo com um só dedo.

— Tua prometida! — bradou De Bracy. — Lady Rowena, noiva dum vassalo como és? Saxão, tu ainda sonhas com os tempos dos sete reinos. Recordo-te que o príncipe de Anjou não entrega as suas pupilas a gente da tua linhagem.

— A minha linhagem, altivo normando, descende de fonte mais pura do que a dum mísero francês que vive à custa do sangue daqueles que arrebanha sob o seu estandarte. Os meus antepassados eram reis, bravos na guerra e sábios nos conselhos, que, diariamente, recebiam nos seus salões mais gente do que as tuas tropas totalizam, cujos nomes menestréis cantaram, cujas leis estão registadas em Wittenagemotes, cujos restos foram encomendados por santos e sobre os túmulos de quem se levantaram catedrais.

— Toma — disse Front-de-Boeuf, satisfeito com a trepa que o seu parceiro levava -, o saxão respondeu-te a preceito.

— Tão bem quanto um cativo o podia fazer — reconheceu De Bracy com aparente indiferença. — Quem tem as mãos atadas pode ter a língua solta... Mas a tua loquacidade, camarada — continuou falando para Athelstane -, não te concederá a libertação de Lady Rowena.

Athelstane, que já falara mais do que costumava, fosse sobre que matéria fosse, nada lhe contestou. Entretanto, um criado chegou, interrompendo esta troca de palavras, para anunciar que um monge, ao portal, pedia licença para entrar.

— Valha-me São Bennet, protector destes pedintes — resmungou Front-de-Boeuf. — Será, desta vez, um monge autêntico, ou mais um impostor? Revistem-no, escravos! Se tornais a enganar-vos, arranco-vos os olhos e meto-vos carvões em brasas nas órbitas!

— Que toda a vossa raiva sobre mim caia — propôs Giles — se este não é um raso genuíno. O vosso escudeiro Jocelyn conhece-o perfeitamente e garante tratar-se do Irmão Ambrose, monge auxiliar do prior de Jorvaulx.

— Que seja admitido — comandou Front-de-Boeuf. — Trará, quiçá, notícias do seu galhofeiro superior. O Diabo deve estar de férias para que tantos frades e fradalhada andem à solta por estas partes. Levem os prisioneiros, e, tu, saxão, pensa no que te foi dito.

— Exijo — respondeu Athelstane — um tratamento honroso, com boa cama e mesa, próprias para quem é da minha classe e está a negociar o preço dum resgate. Lembro ainda que aquele que se julgar melhor entre vós terá de haver-se em luta comigo em virtude de todo este ultraje à minha liberdade. Já transmiti pelo mordomo este desafio. Tereis de o aceitar e de me responder. Aí fica o meu guante.

— Não aceito reptos de prisioneiros — retorquiu-lhe Front-de-Boeuf. — Nem tu, De Bracy, o farás... Giles — continuou -, dependura a luva naqueles chifres, onde ficará até que ele seja de novo um homem livre. Caso, nessa altura, exigir, ou se se permitir afirmar que por mim foi ilegalmente preso... pelo cordão de São Cristóvão!... estará a dirigir-se a um adversário que jamais se furto a enfrentar o inimigo, a pé, montado, ou com os seus vassallos a ajudarem-no. Entrava Frei Ambrose altamente perturbado quando os presos saíam.

— Este é um Deus vobiscum de verdade — comentou Wamba ao passar perto do reverendo irmão. — Os outros eram falsos. — Mãe do Céu! — bradou o monge para os cavaleiros reunidos.

— Até que enfim me encontro a salvo entre cristãos.

— Salvo estás — disse De Bracy. — Quanto ao que toca a cristandade, tens aqui o barão Reginald Front-de-Boeuf, que odeia os judeus como ninguém, e o cavaleiro Brian de Bois-Guilbert, cujo passatempo é massacrar sarracenos. Se estes não são dos bons, não conheço melhores.

— Sei que sois amigos e aliados do meu reverendo pai em Deus, Aymer, prior de Jorvaulx — acordou o monge sem se aperceber do sentido da frase de De Bracy. — Muito lhe deveis, tanto em fê guerreira como em santa caridade, pois, como disse Santo Agostinho, no seu tratado De Civitate Dei...

— E o que diz esse demo? — interrompeu Front-de-Boeuf. — Ou, melhor, que dizeis Sr. Padre? O tempo é-nos escasso para escutarmos textos sacros.

— Santa Maria! sobressaltou-se Frei Ambrose. — Como é desmedida a ira destes seculares! Tomai, todavia, nota, garbosos cavaleiros, que determinados velhacos sem escrúpulos, sem temor a Deus, respeito pela sua Igreja e atenção à bula da Santa Sé, Si quis, suadente Diabolo...

— Irmão, — fez o Templário -, tudo isso sabemos ou adivinhamos. Dizei-nos com clareza. Será que o vosso mestre, o Prior, foi aprisionado e por quem?

— Precisamente — gemeu Ambrose. — Está nas mãos de gente de Belial, que infesta estas matas, em completo desdém pelo sagrado texto recomendando: "Não toqueis no ungido do Senhor ou façais mal aos seus profetas".

— Aí está um novo problema para as nossas espadas, senhores — chamou Front-de-Boeuf a atenção dos companheiros.

— Em lugar de nos prestar auxílio, o prior de Jorvaulx pede-no-lo neste exato momento. Aparecem sempre estes preguiçosos quando uma pessoa tem que fazer! Mas, diz, frade, que pretende o teu mestre de nós?

— Com vossa licença, pois — iniciou o frade a explicar -, informei que tendo mãos pecaminosas pegado o meu reverendo superior, contrariamente àquilo que, como afirmei, nos é recomendado, tendo-lhe as criaturas de Belial rebuscado cofres e sacas e roubado duzentos marcos do mais fino ouro, pedem, mesmo assim, mais dinheiro para o libertarem das suas heréticas garras. É por esta razão que o meu pai em Deus vos suplica que, como seus caros amigos, o libertem, ou paguem o resgate que lhe é exigido, ou o salvem à força de armas, conforme preferirdes.

— Que o Demo saia do corpo do Prior — explodiu Front-de-Boeuf que deve ter bebido de mais esta manhã. Onde é que o teu mestre ouviu falar em barões normandos a abrirem as suas bolsas para livrarem padres que têm dez vezes mais dinheiro do que eles? E como poderemos auxiliá-lo, de armas na mão, quando estamos aqui enjaulados e cercados por uma força dez vezes superior à nossa e cujo assalto esperamos a qualquer momento?

— Era também acerca disso que vos desejava falar — disse o monge -, mas não me haveis dado tempo. Deus me perdoe, mas sou já velho e aquela malandragem embaralhou-me. O certo é que já estão aqui em frente e erguendo uma trincheira junto à muralha.

— Para as ameias! — gritou De Bracy -, e vejamos o que fez aquela canalha lá fora. — Abriu a janela de grades que dava para uma espécie de balcão ou varanda e berrou para os de dentro: Valha-nos S. Dinis! O velhote do monge falou verdade. Já se deslocam com mantelletes e pavissas(2) e os arqueiros acumulam-se na orla da floresta como nuvens durante um saraiveiro!

Reginald Front-de-Boeuf examinou o terreno e imediatamente levou a sua corneta à boca, arrancando-lhe um toque, longo e estrídulo, mandando os homens para as respectivas posições.

— De Bracy, guarnecei o lado nascente, onde a muralha mais baixa é. Nobre Brian de Bois-Guilbert, a tua profissão ensinou-te bem como atacar e defender. Eu próprio ficarei na barbacã enquanto vós cuidais do lado poente. De qualquer modo, amigos meus, não vos limiteis a um ponto apenas. Multiplicai-vos, se possível for, e acrescentai a vossa presença onde qualquer ataque mais intenso se mostrar. Somos poucos, mas a mobilidade e a coragem compensá-lo-ão, tanto mais que não encaramos mais do que escumalha.

— Srs. Cavaleiros — implorou Ambrose entre o burburinho que a preparação da defesa originava -, será que nenhum de vós deseja escutar a mensagem do meu reverendo pai em Deus, Aymer, Prior de Jorvaulx? Escutai-me, por favor, Sir Reginald!

— Ides pregar para o Céu — rosou o feroz normando. — Aqui na Terra não há tempo para vos ouvirmos... Hei, Anselm,

vê se esse alcatrão e azeite estão já bem quentes para os despejarmos sobre esses traidores atrevidos. Vê que não faltem virotes(3) aos besteiros. Iça o meu estandarte com a cabeça de boi! Os patifes depressa saberão com quem se vieram meter!

— Mas, nobre senhor — insistiu o monge, tentando prender-lhe a atenção -, tomai em conta os meus votos de obediência e escutai o que o meu superior ordenou vos transmitir.

— Levem daqui este velho tagarela! — disse Front-de-Boeuf. Prendam-no na capela para que possa rezar o seu terço até que este barulho termine. Será novidade para os santos de Torquilstone tornarem a escutar padres-nossos e ave-marias. Já os não devem ouvir desde que os esculpiram na pedra.

— Não blasfemes contra os santos — lembrou De Bracy. Podem ser-nos precisos antes de pormos esta canalhada a andar. — Pouco conto com eles — respondeu Front-de-Boeuf. — Servirão apenas para serem atirados em cima da cabeça daquela vilanagem. Há um São Cristóvão tão grande e pesado que só ele chega para acabar com uma companhia inteira. O Templário, que apreciava a ação dos sitiantes com muito mais atenção do que o brutal Front-de-Boeuf e o seu irreflectido companheiro, exclamou: — Pela fé da minha ordem! Estes homens avançam com uma disciplina que não seria de esperar da parte deles. Repara! como se aproveitam de todas as árvores e arbustos e evitam expor-se às flechas e aos virotes! Não vejo nem bandeira, nem pendão, mas apostaria a minha corrente de ouro em como estão sendo orientados por um fidalgo ou guerreiro com prática nas artes da guerra.

— Estou a espíá-los — disse De Bracy — e percebo um topete de cavaleiro agitando-se sobre o fulgor da sua armadura. Nota! aquele homem alto, de cota de malha negra, ordenando aquela canalha... São Dinis me valha, pois parece ser aquele que denominámos "O Negro Preguiçoso" e que derrubou Front-de-Boeuf na liça de Ashby.

— Tanto melhor — exclamou Front-de-Boeuf -, dar-me-á possibilidades de desforra. Deve ser pessoa com medo de se mostrar, pois nem quis receber o prêmio que a sorte lhe trouxe. Eu bem poderia esperar em vão por ele nos lugares onde os nobres e os cavaleiros vão encontrar-se com os seus adversários. Apraz-me que esteja ali, no meio da malandragem.

A aproximação rápida do inimigo fez acabar com esta troca de impressões. Cada cavaleiro seguiu para o seu posto e, à frente dos poucos seguidores de que dispunham para a defesa dos muros, passaram a aguardar, com fria determinação, o assalto iminente.

1. Insolência e presunção.

2. Manteletes eram aparelhos de recurso e móveis, feitos de tábuas, sob a proteção dos quais os sitiantes avançavam contra locais fortificados. Pavissas eram escudos suficientemente grandes para cobrir todo o corpo e que eram empregados em idênticas circunstâncias.

3. O virote era a seta utilizada nas bestas, sendo a flecha a dos arcos longos. Daí o provérbio inglês "Disso farei eu virote ou flecha", significando a intenção de dar uma aplicação qualquer àquilo de que se fala.

Capítulo XXVIII

*A raça errante dos demais separada Detém ainda muitas das artes humanas; Os mares, os bosques, os ermos que correm,
Revelaram-lhes os seus escuros segredos.
Ervas, flores e botões que ninguém olhava.
Davam-lhes forças ocultas nunca sonhadas.*

O Judeu

Teremos, nesta altura, de voltar algumas páginas atrás para oferecer ao leitor alguns elementos essenciais para a compreensão desta narrativa. A sua inteligência alerta terá facilmente compreendido que Ivanhoé, ferido e aparentemente sem ninguém que o auxiliasse, fora, a fortes instâncias de Rebeca junto do pai, preparado para ser levado para a casa destes, nos arredores de Ashby.

Na ocasião não fora muito difícil levar Isaac a aceder à ideia, pois era de natureza bondosa e grato. No entanto, os preconceitos e escrupulosa timidez tiveram, necessariamente, de ser vencidos e ultrapassados.

— Abrão! — bradou -, ele é um jovem justo e o meu coração aperta-se-me vendo o sangue correr dos ferimentos que lhe fizeram ao longo de tão dispendioso corselete... mas daí a levá-lo para nossa casa! Donzela, pensaste bem? Ele é um cristão e a nossa lei proibi-nos de lidar com estranhos quando não seja para o proveito dos nossos negócios.

— Não faleis dessa maneira, querido pai — pediu Rebecca. Não podemos, realmente, misturar-nos com eles em banquetes e divertimentos, mas na adversidade e miséria o gentio torna-se irmão do judeu.

— Pudera eu saber o que o rabino Jacó ben Tudela pensa disso — observou Isaac. — De qualquer modo, o generoso rapaz não pode esvaír-se em sangue. Manda que Seth e Reuben o transportem para Ashby.

— Não! Deixai-o antes seguir na minha liteira — disse Rebeca.

— Eu irei num dos cavalos.

— Exporte-á aos olhares dos cães de Ismael e Edom — segredou Isaac, desconfiado dos cavaleiros e escudeiros que se juntavam.

Rebeca já prosseguia, porém, com a sua piedosa missão, sem lhe prestar a mínima atenção, quando Isaac lhe segurou numa manga e sussurrou: — Pelas barbas de Abraão! E se o rapaz morre? Se morrer à nossa guarda, logo nos acusarão e a turba-multa despedaçar-nos-á.

— Não morrerá, pai — garantiu Rebeca, soltando-se com delicadeza das mãos de Isaac -, não morrerá, a não ser que o abandonemos, e, nesse caso, seríamos responsáveis perante Deus e não ante os homens.

— Seja — aquiesceu Isaac, largando-a. — Cada gota de sangue que perde dói-me, como se fossem moedas minhas caindo-me da bolsa. Sei bem que as lições de Miriam, filha do rabi Manassés, de Bizâncio, cuja alma se encontra no Paraíso, te tornaram excelente nas artes de curar e que conheces os poderes das ervas e a força dos elixires. Procedes como melhor entenderes. És uma excelente filha, uma bênção, uma coroa, um canto, para mim, para a minha casa e para o povo dos nossos patriarcas.

As preocupações de Isaac tinham fundamento, tendo a generosa atitude da sua filha atraído, durante o percurso para Ashby, os pérfidos olhares de Bois-Guilbert. O Templário cruzou-se e voltou a cruzar-se com ela, na estrada, fixando-a ousada e ardentemente. Conhecemos já o resultado que estes encontros viriam a ter, quando o acaso a colocou em poder daquele libidinoso sem princípios.

Rebeca, que não perdeu tempo a transportar o ferido para a sua casa provisória, mal lá chegou, examinou-o ela mesma e ligou os seus ferimentos. Os leitores de romances e baladas românticas têm, com certeza, presente, quantas vezes, naqueles séculos de ignorância, como lhes chamamos, as mulheres se iniciavam nos mistérios da cirurgia e quão frequentemente garbosos cavaleiros se deixavam tratar por aquelas cujos olhos já entretanto lhes haviam perfurado os corações.

Os judeus, homens e mulheres, conheciam e praticavam de há muito todos os ramos da medicina. Monarcas e barões recorriam constantemente aos cuidados dos mais sabedores entre aquela desprezada raça, quando doentes ou feridos. Deles se serviam, não obstante ser crença comum entre os cristãos que os físicos judaicos dispunham de real contato com forças ocultas, em especial a cabala, cujo nome e origens derivavam dos estudos dos magos de Israel. Os rabinos, por seu lado, não negavam esses contatos com as artes sobrenaturais, o que, como todo o resto, em nada aumentava o ódio que se abatera sobre

a sua gente, mas diminuía o desprezo a que aquele vinha ligado. Um mágico judeu podia ser tão detestado como um usurário judeu, mas era impossível desprezá-lo de forma igual.

É, além do mais, provável, tendo-se em vista as curas milagrosas que os judeus conseguiam, que, de fato, guardassem somente para si alguns segredos que, dada a forma como eram tratados, ciosamente ocultavam dos cristãos, junto dos quais viviam.

A bela Rebeca fora educada nos conhecimentos da sua gente, que a sua grande inteligência tomou, ordenou e alargou muito para lá do que sua idade, sexo e até época pareceriam permitir. Os seus conhecimentos de medicina, que recebera duma velha judia, cujo pai fora um dos maiores doutores, e que, amando Rebeca como se filha fosse, lhe transmitira alguns segredos que, no seu tempo, o pai lhe passara por idênticas razões. Miriam perecera vítima do fanatismo de então, mas o seu saber continuava na memória da sua exemplar aluna.

Rebeca, com tanto saber e tanta beleza, era reverenciada e admirada pela sua tribo, que quase nela via uma daquelas magas privilegiadas, rezadas na História Sagrada. O pai, com um tremendo respeito pelo seu saber, que, sem querer, misturava a uma afeição sem limites, permitia liberdades à rapariga raramente autorizadas pelos costumes do seu povo, como tivemos já ocasião de verificar, e deixava-se, até não raramente, guiar pela sua opinião, ainda que à mesma fosse contrário.

Quando Ivanhoé chegou à casa que Isaac ocupava emporariamente, ainda estava inconsciente, devido às hemorragias que sofrera durante a peleja. Rebeca examinou-lhe o ferimento, aplicou-lhe certos produtos vulnerários e informou o pai que, se a febre pudesse ser abatida, pois temia-a, dada a grande perda de sangue, e se as propriedades do bálsamo curativo de Miriam atuassem devidamente, nada haveria a temer quanto à saúde do seu protegido, podendo mesmo partir para Iorque no dia seguinte. Esta afirmação deixou Isaac sem saber bem o que fazer. Segundo o seu sentimento de caridade, o ferido cristão deveria ficar em Ashby ou, quando muito na casa que ocupavam no momento, com garantias para o senhorio hebreu de que todas as despesas lhe seriam inteiramente liquidados. Contra isto Rebeca apresentou-lhe um sem-número de razões, das quais citaremos somente duas que pesavam extraordinariamente na pessoa de Isaac. Uma era ela não querer, de maneira alguma, confiar o seu frasco de bálsamo a qualquer outro físico, mesmo da sua raça, para que o precioso segredo não viesse a ser desvendado. A outra consistia no fato de o cavaleiro ferido, Wilfred de Ivanhoé, ser um favorito de Ricardo Coração de Leão, que, se aparecesse, apenas por essa razão o não castigaria pelo fato de ter facilitado os meios monetários a João para a prossecução dos seus rebeldes intentos.

— A verdade está na tua boca — cedeu Isaac a tão pesados argumentos. — Seria uma ofensa aos Céus revelarem-se os segredos de Miriam. As benesses celestiais não são para se esbanjar, sejam elas moedas de ouro ou de prata, ou fórmulas de físicos sábios. Têm, sem dúvida, de permanecer em poder daqueles a quem a Providência as confiou. E, quanto a ele, a quem os nazarenos de Inglaterra chamam Coração de Leão, ser-me-ia preferível cair nas garras dum leão de Idumeia do que nas dele, se soubesse dos meus negócios com o irmão. Aceito, assim, o teu conselho, e este jovem irá connosco para Iorque, onde a nossa casa lhe servirá de lar até que se restabeleça. Se o Coração de Leão regressar, como consta, Wilfred Ivanhoé servirá de defesa contra a fúria do rei sobre o teu pai. Se não regressar, Wilfred pagará as nossas despesas quando a sua espada e lança lhe conseguirem riquezas, tal como sucedeu ontem e hoje. Este jovem é generoso, cumpre os compromissos nas datas que marca e não hesita em proteger os filhos de Israel, como eu, quando ameaçados pelos ladrões e pelos seguidores de Belial.

Só lá para o fim da tarde Ivanhoé voltou a si. Acordou dum sono agitado, confuso, como é usual a quem sai dum estado de insensibilidade. Durante algum tempo nem se recordava do que se passara anteriormente à sua queda na liça, nem conseguia ordenar os acontecimentos da véspera. As feridas, a fraqueza e a exaustão causavam-lhe mal-estar, confundindo-se a recordação de golpes que sofrera e dera, de galopadas desenfreadas, quedas, gritos e tinir de armas, confusão e tumulto. Tentou com êxito afastar a cortina que lhe rodeava a cama, apesar das dores que quase lho impossibilitavam. Para seu grande espanto, viu-se num quarto magnificamente bem posto, onde coxins substituíam as cadeiras e, tal como o restante, se enquadravam no gosto e ambiente levantino. Por momentos julgou se não teria voltado para a Palestina.

Esta impressão fortaleceu-se quando, detrás duma cortina larga, surgiu uma figura feminina, cujo trajar era muito mais oriental do que europeu e que, graciosamente, avançou, seguida dum criado de rosto trigueiro exatamente quando o cavaleiro se ia dirigir à gentil aparição, esta pediu-lhe silêncio, colocando um esguio indicador sobre os lábios de rubi, enquanto o seu auxiliar se aproximava e levantava as cobertas do lado de Ivanhoé para que a maravilhosa judia pudesse verificar se as ligaduras estavam em ordem e os ferimentos a melhorarem. Tudo isto ela fez com uma simplicidade e modéstia tão encantadoras que, em qualquer época, ninguém deixaria de as apreciar.

A visão duma jovem tão bonita, inteiramente dedicada ao cuidado dum doente do sexo oposto, modificava-se para se

tornar na de alguém contribuindo com tudo que podia para aliviar as dores e arrancar um semelhante da gadanha da morte. As ordens de Rebeca, breves e poucas, em hebreu, destinadas ao criado, eram prontamente obedecidas.

Os sons duma língua estranha, por muito duros que pudessem soar, se vindos de outra pessoa, tinham, saídos da boca perfeita de Rebeca, todo o agradável e romântico sabor que a fantasia sempre empresta aos encantos ditos por uma fada boa, incompreensíveis, é certo, mas doces, e, dada a bondade que, quase sempre, se notava rodeá-los, suavizantes também. Sem tentar mais perguntas, Ivanhoé deixou-os proceder como melhor entendessem. Somente quando terminaram, fazendo já a sua graciosa médica menção de se retirar, a sua curiosidade não mais se pôde conter: — Nobre menina — principiou em árabe, que conhecia das suas aventuras no Levante e que pensava fosse melhor compreendido pela moça de turbante e cafetã a seu lado. — Rogo-vos, gentil menina, não me deixeis... A sua bela médica interrompeu-o com um sorriso que por segundos lhe iluminou a face, onde perdurava uma contemplativa melancolia.

— Sou de Inglaterra, Sr. Cavaleiro, embora as minhas roupas e família sejam originárias de outras terras.

— Nobre menina — tornou Ivanhoé, para, novamente, ser interrompido.

— Não me chameis nobre, cavaleiro — disse ela. — Convém que saibais, desde já, que esta vossa criada é uma pobre judia, filha de Isaac de Iorque, para com quem fostes, há bem pouco tempo, tão generoso e bom. É pois mais do que justo que eu e os desta casa vos correspondamos de igual maneira e de acordo com o que o vosso estado exige.

— Ignora-se como a igualmente bela Rowena apreciaria a forma como o seu devotado cavaleiro olhava, agora, as feições perfeitas, linhas corretas e olhos vivos da magnífica Rebeca.

Olhos que refulgiam sob pestanas de seda que qualquer menestrel compararia à estrela do poente iluminando um jasmim. Ivanhoé era, porém, um católico demasiado fervoroso para se permitir tal tipo de emoções em relação a uma judia. Rebeca, que já previra isso, tinha-se antecipado dizendo-lhe quem era o pai e a sua gente. Apesar de tudo, a bela e ajuizada filha de Isaac não era totalmente isenta das fraquezas do seu sexo e não conseguiu travar um suspiro vindo do fundo do coração quando o olhar de respeitosa a admiração, aliada a muita ternura, que Ivanhoé sobre ela lançara foi substituído por um tratar frio, correto e retraído, sem quaisquer outros sentimentos que não o da gratidão pela gentileza vinda de alguém de raça inferior e de quem não seria de esperar.

Não quer isto dizer que todas as atitudes anteriores de Ivanhoé fossem mais do que a homenagem normal que a juventude sempre presta à beleza, mas é sempre doloroso o verificar-se que uma palavra somente possa ter o condão de afastar UM homenagear, ao qual não pode deixar-se de pensar que ela teria direito, relegando-o para posição tão baixa que lhe retirava o merecimento.

Todavia, a doce candura de temperamento de Rebeca não lhe Permitia acusar Ivanhoé por aquela demonstração dos preconceitos do seu tempo e crença. Pelo contrário, a Judia, consciente de que o seu doente a via agora como um elemento duma nação condenada, com quem era desaconselhável manterem-se contatos para além do mínimo necessário, não alterou a forma atenta e devotada com que procurava levá-lo à convalescença.

Comunicou-lhe da sua intenção de o mudar para Iorque para que na sua casa melhor pudesse tratá-lo. Tal plano desagradou bastante a Ivanhoé, pelo que argumentou a propósito do muito trabalho que lhes iria causar.

— Não haveria — indagou ele — em Ashby ou ali à volta qualquer homem livre saxão ou lavrador abastado que se encarregasse do fardo que um compatriota ferido representasse, deixando-o ficar em sua casa até que de novo pudesse envergar a armadura?

Não existiria um convento saxônico que o recebesse? Não seria possível levarem-no até Burton, onde, sabia-o, Waltheoff, abade de Santo Withold, seu parente, o acolheria?

— Bem sei que o pior de todos esses locais — sorriu-se com tristeza Rebeca — seria indubitavelmente mais apropriado para vós do que a morada dum judeu desprezado. Contudo, Sr. Cavaleiro, sem dispensardes a vossa saúde física, não podereis mudar de abrigo. A nossa gente, como não ignorais, sabe tratar ferimentos, embora não os inflija. Na minha família, especialmente, dispomos de receitas secretas que já vêm do tempo de Salomão e cujos efeitos curativos haveis percebido já. Nenhum nazareno... oh, perdoai-me... nenhum médico cristão vivendo entre os quatro mares de Inglaterra vos poria a andar num mês.

— E quanto tempo vais tu levar a consegui-lo? — perguntou Ivanhoé impaciente.

— Uma semana, se fores paciente e seguireis o que te recomendar — respondeu Rebeca.

— Por Nossa Senhora — disse Wilfred -, se é que não é pecado evocar o Seu nome aqui, não são alturas para que um cavaleiro se deixe ficar de cama. Se cumprires a tua promessa, donzela, recompensar-te-ei entregando-te tantas moedas quantas o meu elmo possa conter, se bem que não saiba ainda onde as arranjarei.

— Cumprirei o que disse — prometeu Rebeca — e dentro de oito dias envergarás a tua armadura, desde que me concedas

uma graça apenas, em vez de toda essa prata de que falas.

— Se o puder e se estiver de acordo com o que um autêntico cavaleiro cristão possa oferecer a alguém do teu povo — replicou Ivanhoé -, conceder-te-ei de completa e inteira boa vontade.

— Somente desejo — continuou Rebeca — que, a partir de agora, aceites que um judeu possa ser útil a um cristão sem desejar outro pagamento que não a bênção do Altíssimo, que criou judeus e gentios.

— Seria pecado não o acreditar! — replicou Ivanhoé. — Entrego-me aos teus cuidados sem qualquer relutância e sem mais perguntas, certo de que farás que vista o meu corselete ao oitavo dia. E agora, bondosa clínica, dá-me novas de lá de fora. Que é feito de Cedric, o Saxão, e dos seus seguidores? E a bela dama... — hesitou, como se não desejasse citar o nome de Rowena numa casa judaica -, quero dizer, a rainha do torneio?

— E que vós haveis escolhido para tão digna posição, atitude que mereceu tanta admiração como o vosso valor pessoal — completou Rebeca.

Apesar de ter perdido muito sangue, Ivanhoé corou, percebendo que revelara descuidadamente o muito que sentia por Rowena, quando, realmente, o desejava ocultar. — Era mais sobre o príncipe João do que dela que eu pretendia falar — disfarçou — e também do meu fiel escudeiro, que não veio aqui a atender-me.

— Deixai-me servir da minha autoridade médica mandando-vos silenciar para que não vos agiteis com Preocupações, enquanto eu vos irei informando do que pretendeis. O príncipe João abandonou o torneio à pressa, partindo para Iorque com os seus nobres, guerreiros e clérigos do séquito, depois de ter obtido, a bem e a mal, tanto dinheiro quanto pôde daqueles que entendia serem abastados. Consta que quer apropriar-se da coroa do irmão.

— Não sem que alguém a tal se oponha! — exclamou Ivanhoé erguendo-se na cama. — E enquanto existirem súbditos leais em Inglaterra. Ao lado dos melhores defenderei o justo título de Ricardo. Um contra dois, se necessário for para que o possais fazer, tereis de seguir as minhas indicações e ficar sossegado.

— Certo, menina — aquiesceu Ivanhoé -, tão sossegado quanto estes tempos conturbados mo permitam... E Cedric e os seus?

— Um aio dele esteve, faz pouco, aqui, arfando de pressa, para receber de meu pai um pagamento de lã dos seus rebanhos e por ele soube que Cedric e Athelstane de Conningsburgh haviam saído muito aborrecidos do paço de João e partido para casa.

— Foi alguma dama ao banquete? — quis Ivanhoé saber.

— Lady Rowena — disse Rebeca, dando mais clareza à resposta do que a que houvera na Pergunta — não foi à festa, de acordo com o aio, e segue neste momento para Rotherwood, guardada por Cedric. No que se refere ao vosso fiel Gurth...

— Ah! — espantou-se o guerreiro." — Conheces-lhe o nome? Sim, deves conhecer, pois foi da tua mão, tenho a certeza, da tua generosidade Pessoal, que saíram os cem cequins que ontem recebeu.

— Não faleis disso — pediu Rebeca corando muito. — Vejo ser fácil a língua revelar o que o coração quer esconder.

— Mas tanta quantidade de ouro! — disse Ivanhoé muito sério. Terei, por minha honra, de pagá-la a vosso pai.

— Será como quiserdes — respondeu Rebeca -, quando os oito dias tiverem passado. Não faleis, nem penseis nisso para já, ou a tua recuperação poderá retardar-se.

— Concordo convosco, bondosa menina — aceitou Ivanhoé -, pois seria mais do que ingratidão não o fazer. Dizei-me, porém, algo mais acerca de Gurth e não vos perguntarei mais nada.

— Lamento ter de dizer-vos, Sr. Cavaleiro — informou a Judia, que se encontra preso a mando de Cedric. — Percebendo muito bem que esta informação perturbara Ivanhoé, acrescentou: Mas Oswald disse que, se ele nada mais fizesse atizando a raiva do amo, não tinha dúvidas de que Cedric acabaria por perdoar a Gurth, um servidor dedicado e apreciado, que apenas cometeu uma falta menor por amor ao filho do amo. Também disse que tanto ele como os seus camaradas, Wamba principalmente, estavam decididos a aconselhar Gurth a que fugisse, caso a fúria de Cedric não se amainasse.

— Queira Deus que, se for preciso, o faça — rogou Ivanhoé. — Pareço destinado a prejudicar todos que se mostram meus amigos. O meu rei, que me cobriu de honras e distinções, tem, como vês, o irmão disposto a roubar-lhe pelas armas a coroa, as minhas atenções trouxeram problemas à mais bela entre as mulheres e, agora, o meu pai, com o seu feitio, é capaz de acabar com aquele pobre servo em virtude do seu amor e lealdade para comigo. Vês quanto vale este infeliz de quem tão afanosamente trata? Tem juízo e deixa-me partir, antes que o azar, que me persegue como cães farejando um rasto, te colha também.

— De maneira nenhuma — disse Rebeca. — A tua fraqueza e sofrimento não te deixam entender os desígnios celestes. Retornaste à tua pátria, quando ela mais necessitava dos teus braços e espírito fortes, esmagaste o orgulho de inimigos, teus e do rei, exatamente quando pensavam estar já no topo. Quanto ao que de mau te aconteceu, não repares que O Céu te ofereceu um bom médico, ainda que escolhido entre os desprezados da Terra? Tem, pois, coragem e confia estares destinado a praticar algo de maravilhoso para este povo. Até breve. Depois de teres tomado os remédios que Reuben trará, descansa para que melhor possas aguentar a viagem de amanhã.

Ivanhoé concordou com os argumentos dela e obedeceu-lhe. O líquido que Reuben lhe administrou era de propriedades sedativas, pelo que caiu em calmo sono. Na manhã seguinte, a dedicada médica verificou ter a febre abatido, encontrando-se, por conseguinte, em condições de partir. Colocado na liteira que o trouxera da liça, rodearam-no de quantos cuidados foram possíveis para que a jornada o não afეტasse. Apenas num ponto, e apesar de todos os protestos de Rebeca, a atenção que o guerreiro ferido exigia foi um pouco esquecida. Isaac, como o mercante abastado da décima sátira de Juvenal, via ladrões em toda a parte, sabendo-se presa fácil para normandos rapaces e bandidos saxões, pelo que viajou muito depressa, com paragens muito curtas e refeições muito rápidas, a tal ponto que ultrapassou Cedric e Athelstane, embora estes tivessem partido com várias horas de avanço, porque haviam perdido muito tempo com as protraídas refeições no Convento de Santo Withold. Mesmo assim, tais eram a potência do bálsamo de Miriam e a constituição de Ivanhoé, que aquela quase corrida não teve os resultados nefastos que a gentil médica temia.

Por outro lado, a pressa do Judeu levou a consequências que não as da velocidade somente. A rapidez, que pedia insistentemente, originou-lhe questões com o grupo que contratara como guardas. Eram saxões e, portanto, muito dados às suas características nacionais de tudo fazerem na calma e com bom sustento, que os normandos viam como preguiça e glotonaria. Ao contrário de Shylock, haviam aceitado o encargo na esperança de bem viverem à custa do Judeu e enfureceram-se com a celeridade que ele lhes impunha. Reclamaram dizendo estar aquela marcha forçada a rebentar-lhes os cavalos. Mais tarde estalou um verdadeiro conflito a propósito da quantidade de vinho e cerveja que Isaac distribuía a cada refeição. Foi a tudo isto devido que, descontentes, alarmados pelos perigos iminentes e que Isaac temia poderem encontrar, o abandonaram a meio do caminho sem que pudessem ser convencidos a prosseguir e a dar-lhe a ajuda que deles esperava.

Foi nesta lamentável situação que Cedric viria a encontrar o Judeu e a filha, como sabemos, e a caírem, pouco depois, nas unhas de De Bracy e seus apaniguados. A princípio, pouca importância foi dada à liteira, e assim teria continuado se De Bracy, com a sua coscuvilhice, não fosse lá espreitar, procurando o objecto das suas ambições, já que Rowena não chegara a retirar o seu véu. De Bracy ficou surpreso ao dar de cara com um homem ferido que, pensando encontrar-se perante salteadores saxões, para quem o seu nome corresponderia a proteção, para si e para os seus amigos, francamente disse ser Wilfred de Ivanhoé.

As noções de cavalheirismo que, mesmo no seu desvario e leviandade não haviam desaparecido de todo em De Bracy, não o deixaram atentar contra um cavaleiro indefeso e naquele estado e, igualmente, o fizeram não o trair a Front-de-Boeuf, que, sem hesitações teria acabado com aquele que considerava um entrave à plena posse das propriedades que ocupava. Por outro lado, o libertar um pretendente preferido de Lady Rowena, conforme o que se passara no torneio e a própria expulsão de Wilfred da casa do pai claramente implicavam, ficava um pouco acima da generosidade de De Bracy. Uma solução intermédia foi o melhor que arranjou, decidindo colocar dois escudeiros de guarda à liteira com ordens para não deixarem ninguém dela se aproximar. Caso interrogados, diriam que tinham ordens e que a liteira vazia de Lady Rowena estava a ser aproveitada para carregar um dos companheiros feridos no recontro.

Em Torquilstone, enquanto o Templário e o castelão se ocupavam dos seus objectivos pessoais, um do tesouro, outro da filha do Judeu, os escudeiros de De Bracy transportaram o seu suposto camarada ferido para um apartamento distante. Foi mesmo esta a explicação que deram a Front-de-Boeuf quanto ao atraso com que se apresentaram nas muralhas após o alarme.

— Um companheiro ferido! — Surpreendido, zangou-se. — Já não é de espantar que pacóvios e patifes usem assediado um castelo, que palhaços e porqueiros apresentem reptos e nobres, uma vez que homens de armas se transformam em enfermeiras e mercenários servem de gatos-pingados, quando um assalto se prepara para as ameias, malandragem! — bradou no seu vozeirão estentóreo, que ribombou nas arcadas, — para As ameias, ou desfaço-vos a porrete!

Os homens, embatucados, responderam-lhe que nada mais desejariam do que fazer o que lhes era mandado, conquanto Front-de-Boeuf os justificasse junto do chefe, que lhes ordenara atendessem ao moribundo.

— Ao moribundo, canalha? — rugiu o barão.

— Asseguro-vos que moribundos seremos todos nós se não reunirmos toda a nossa coragem. Mas, esperai, que vos rendo a guarda que fazíeis... Vem cá, Urfried! Velha! Bruxa saxônia, não ouves? Vai tratar do homem ferido, que parece ter de ser tratado para que estes patifórios peguem em armas. Aqui tendes duas bestas, polés e virotes... Saltai para a barbacã e tentai furar uma cabeça saxônica por cada disparo.

Os dois indivíduos, que, como quase todos os da sua profissão, apreciavam aventuras e detestavam a inatividade, correram alegremente para a zona de perigo, deixando o fardo que Ivanhoé constituía nas mãos de Urfried, ou Ulrica. Esta, porém, com o cérebro a fervilhar à lembrança de agravos e projetos de vingança, logo o transferiu para Rebeca.

Capítulo XXIX

Sobe, sobe aquela torre de vigia, meu bravo soldado, Examina o terreno e diz-me como corre a batalha.
A Donzela de Orleães, de Schiller

Os momentos de perigo são igualmente de bondade e afeição. Abrimo-nos à agitação dos nossos sentimentos e desvendamos a intensidade daqueles que, em alturas tranquilas, a nossa prudência oculta, quando não consegue dominá— los completamente. Ao ver-se outra vez junto de Ivanhoé, Rebeca surpreendeu-se com o prazer imenso que tal fato lhe causava, indiferentemente de o ambiente que os rodeava ser de perigo ou, até, quase de desespero. Tomando-lhe o pulso e interrogando-o sobre o seu estado, quer o seu toque, quer o seu tom, se mostravam duma suavidade tal que só poderia ser atribuída a um interesse maior do que aquele que voluntariamente gostaria de deixar transparecer. A voz faltava-lhe, a mão tremia-lhe, e, não fora a fria questão de Ivanhoé "Sois vós, gentil menina?", nem se lembraria de que as sensações que a invadiam não podiam ser correspondidas.

Suspirou quase infalivelmente, mas as perguntas que passou a pôr ao cavaleiro, quanto ao seu estado de saúde, saíram-lhe em tom perfeitamente normal e de amigável calma. Ivanhoé agradeceu-lhe, dizendo que se sentia bem melhor do que contava.

— Obrigado, querida Rebeca — disse -, pela tua bondosa intervenção. "Chamou-me querida Rebeca", pensou a rapariga, "mas de modo frio e descuidado que tão Pouco condiz com o termo. O seu cavalo de guerra, o seu mastim, ser-lhe-ão mais queridos do que eu, a aviltada judia".

— A minha mente, gentil menina, sofre mais por ansiedade do que o meu corpo com dores. Ao que ouvi àqueles homens que estiveram a guardar-me até agora, sei ser prisioneiro e, se me não engano, aquela voz que lhes ordenou que se encarregassem de qualquer atividade bélica que não percebi qual seria diz-me encontrar-me no castelo de Front-de-Boeuf. Assim sendo, como vai isto acabar e como poderei defender Lady Rowena e meu pai?

"Nem fala do Judeu, nem da Judia", pensou Rebeca. "Mas, afinal, que podemos nós representar para ele? É certo estar o Céu a castigar-me por me permitir pensar tanto nele..." Após esta auto-recriminação, informou Ivanhoé o melhor que pôde e que era pouco, ou seja, que o templário Bois-Guilbert e o barão Front-de-Boeuf eram quem mandava dentro das muralhas do castelo e que este estava cercado por gente que não sabia quem seria. Acrescentou encontrar-se no edifício um padre cristão, que talvez soubesse mais do que ela.

— Um padre cristão! — Traz-mo aqui, Rebeca, se poderes... diz-lhe que um doente necessita de conforto espiritual... diz o que te ocorrer, mas trá-lo. Algo tenho de fazer, mas o quê não o posso saber sem conhecer como estão as coisas. Rebeca, de conformidade com os desejos de Ivanhoé, procedeu à infrutífera tentativa de conduzir Cedric ao quarto do ferido, sem resultados, como vimos, devido à interferência de Urfried, que também esperava o suposto monge. Rebeca regressou para relatar a Ivanhoé o seu insucesso.

Não lhes foi, porém, dado muito tempo para lamentarem a perda daquela possível fonte de informações ou procurarem outra forma qualquer de as conseguirem, já que a ruidosa azáfama dentro do castelo, preparando-se para a defesa, que de há muito já era intensa, mas que decuplicara agora, quer em movimentações, quer em alarido, tudo calava. Os passos, pesados mas apressados, dos homens de armas, correndo nas defesas ou nas estreitas passagens e escaleiras que para aquelas davam, tudo atordoavam. Às vozes dos cavaleiros, bradando a animar os homens ou a dar instruções, juntavam-se os gritos daqueles a quem eram endereçadas. Tremendos que fossem estes ruídos, mais horríveis ainda por aquilo que pressagiavam, algo de sublime a eles se juntara, que Rebeca, com a sua inteligência sensível, pressentiu. Os olhos brilhavam-lhe, se bem que tivesse empalidecido, e, numa mescla de medo e excitação e noção de grandeza, repetia, parte em murmúrio para si própria, parte para aquele junto de quem estava, as palavras sagradas "Agita-se a aljava, refulgem as espadas e os escudos, gritam os capitães!".

Mas Ivanhoé era como o cavalo de batalha dessa mesma sublime passagem, fremente de impaciência pela sua inatividade e ardendo ao desejo de tomar parte na briga de que aqueles sons não eram senão a introdução.

— Pudera eu arrastar-me até àquela friesta para apreciar o decorrer deste selvagem recontro! — exclamou. — Tivera eu um arco e flechas para atirar, uma acha de armas para desferir, contribuindo, o menos que fosse com um nada, para a nossa salvação! É inútil! É em vão! Careço de forças e de armas.

— Não te consumas, nobre cavaleiro — pediu-lhe Rebeca. — Todo o ruído se suspendeu. Quiçá a lutar já não venham.

— Tudo ignoras — disse Ivanhoé arrebatadamente. — Este silêncio significa todos estarem já a Postos nas muralhas, aguardando o ataque iminente. O que escutamos até agora não é mais do que o rugir distante da trovoadas. Cedo estalará aqui

em cima. Pudera eu acercar-me da friesta.

— O esforço muito te prejudicaria, nobre cavaleiro — disse a sua assistente, que, percebendo-lhe o intenso desejo de apreciar o que se Passava, acrescentou: — Eu própria espireitarei pelo gradeamento e te descreverei tudo o melhor que souber.

— Não, nunca! — gritou Ivanhoé. — Cada intervalo das grades será, dentro de momentos um alvo para os arqueiros. Alguma flecha perdida...

— Será bem recebida! — sussurrou Rebeca subindo com agilidade os dois ou três degraus que levavam à abertura de que falavam.

— Rebeca! Rebeca querida! — rogou Ivanhoé. — isso não é brincadeira para donzelas! Não te exponhas a ferimentos ou, talvez, à morte, tornando-me infeliz para sempre por dela ter sido o causador. Protege-te ao menos com aquele broquel, além, e mostra-te o mínimo que puderes.

Seguindo com espantosa Prontidão as indicações de Ivanhoé e aproveitando-se da proteção do antigo escudo, que apoiou na parte inferior da friesta, Rebeca, relativamente bem defendida, pôde então assistir a parte do que acontecia do lado de fora do castelo e descreveu a Ivanhoé os preparos a que os assaltantes se entregavam antes da arremetida. Na verdade, o sítio onde se encontrava era altamente conveniente para o efeito, visto estar numa quina do edifício principal, pelo que Rebeca não só via o que acontecia para lá do cercado do castelo como ainda todas as defesas exteriores, que, tudo levava a crer, seriam o Primeiro Objetivo dos sitiados.

Tratava-se de fortificações de escassa altura e espessura, construídas para a proteção da Porta falsa pela qual Front-de-Boeuf deixara recentemente Cedric sair. O fosso dividia esta espécie de barbacã do restante da fortaleza, de modo que, se fosse tomada, a ligação à fortaleza seria cortada pelo içar da ponte levadiça. Nas obras exteriores existia uma porta à frente do portal do castelo, sendo o todo protegido por uma robusta Paliçada. Rebeca percebeu, pela quantidade de homens que defendiam este ponto, dever ser ele o que mais temiam fosse acometido e, pela reunião de assaltantes em frente do mesmo, que realmente o haviam selecionado entre os mais vulneráveis.

Apressadamente, transmitiu a Ivanhoé estas impressões, acrescentando ainda: — A orla da floresta parece pulular de arqueiros, mas muito poucos apenas saíram para já da sua sombra.

— Qual é a bandeira deles? — perguntou Ivanhoé.

— Que eu veja, não há qualquer insígnia.

— Trata-se de coisa nova — murmurou o cavaleiro. — Isso de se avançar sobre um castelo sem se ostentarem bandeiras ou guiões é estranho. Consegues perceber, pela forma como atuam, quem os comanda?

— O que mais me parece fazê-lo é um cavaleiro de armadura negra. Só ele está couraçado da cabeça aos pés e aparenta dirigir todos à sua volta.

— Que ostenta o seu escudo? — quis Ivanhoé saber.

— Algo assemelhando-se a uma tranca de ferro e a um aloquete azul-claros em campo negro(1).

— Uma barra de ferro e um aloquete azul-claros — repetiu Ivanhoé.

— Não sei a quem possa pertencer essa insígnia, mas bem poderia, neste momento, ser a minha. Consegues ler o mote? Dificilmente se vê o desenho a esta distância. Quando o sol lhe bater, dir-te-ei.

— Não haverá outros chefes? — indagou ansiosamente Ivanhoé.

— Nenhum que o pareça que daqui se possa distinguir — disse Rebeca -, mas, certamente, o outro lado do castelo está também a ser assaltado. Creio que se preparam agora para avançar... Que o Deus de Sião nos defenda! Que espetáculo medonho! Os que avançam carregam escudos enormes e proteções feitas de pranchas; seguem-se-lhes outros já vergando os seus arcos. Levantaram-nos agora! Ó Deus de Moisés, perdoa às criaturas que fizeste!

O relato foi de repente interrompido pela ordem de assalto, estridentemente solta por uma corneta, à qual trombetas normandas responderam de entre os merlões, enquanto tímбалos de som grave repercutiam em aceitação ao desafio. Os gritos de ambos os lados cresciam o clamor, berrando os assaltantes: "São Jorge pela alegre Inglaterra!" e respondendo-lhes os normandos: "En avant De Bracy! Beau-Séant-Beau-Séant! Front-de-Boeuf à la rescoussel!"

Não seria contudo o barulho que decidiria O conflito, e os esforços intensos dos atacantes tiveram de enfrentar uma igualmente vigorosa defesa por parte dos sitiados. Os arqueiros, cuja vida na mata lhes dera grande perícia, disparavam com tanta precisão que, onde quer que um defensor se mostrasse um pouco, logo enormes setas se cravavam no alvo ou perto do local. Este intenso disparar, que prosseguia, espesso e constante como granizo, cada flecha com destino marcado, dirigido contra todas as aberturas e fendas dos parapeitos, bem como janelas e postigos onde alguém estivesse ou se supusesse pudesse estar, matou dois ou três elementos da guarnição e feriu vários outros. Todavia, confiantes na resistência das suas armaduras e na proteção que a sua situação lhes concedia, Front-de-Boeuf e os seus defendiam-se com teimosia equiparável à fúria dos

atacantes e replicavam com cerradas descargas das suas grandes bestas, fundas e outros mísseis contra a também densa chuvada de dardos e setas.

Os assaltantes, protegidos, mas não totalmente, iam portanto sofrendo também baixas e superiores às dos assaltados. O silvar de flechas era apenas quebrado pelos gritos dos que eram atingidos ou por exclamações quando alguém de valor era perdido.

— E tenho eu de ficar aqui na cama como um abade — bradou Ivanhoé -, enquanto o jogo do qual dependem a minha vida ou morte é travado por outrem! Espreita, novamente, bondosa menina, mas toma cautela! Espreita e diz-me se já avançaram o bastante para iniciarem o assalto. Com paciente coragem, reforçada pela oração que rezara durante aquela pausa, Rebeca retomou o seu lugar, tendo o cuidado de se colocar de modo a não ser vista de baixo.

— Que vês, Rebeca? — pediu outra vez o guerreiro ferido. — Nada, a não ser uma nuvem de setas tão espessa que me atrapalha a vista e esconde os arqueiros que as lançam.

— Não pode continuar assim — disse Ivanhoé.

— Se não pressionarem de modo a se atirarem ao castelo pela força bruta, os virotes e as flechas pouco conseguirão contra as muralhas. Procura o cavaleiro do aloquete e diz-me o que faz, pois, como proceder o comandante, os demais procederão.

— Não o vejo — informou Rebeca.

— Malandro! Será que foge quando o vento uiva mais forte?

— Não recuou! Não fugiu! — exclamou Rebeca. — Vejo-o agora à frente dum grupo junto da estacada da barbacã(2). Derrubam os toros e a paliçada! Cortam-nos com os seus machados. O seu penacho tremula acima de todos como um corvo num campo de batalha onde só os mortos ficaram. Romperam a barreira! São repelidos! Front-de-Boeuf comanda a defesa! O seu corpo gigante destaca-se da multidão. Já se atiraram de novo à brecha e disputam-na corpo a corpo, mão a mão! Deus de Jacó! Mais parecem duas vagas chocando-se... um conflito entre dois oceanos empurrados por ventos contrários. Voltou a face, como se não pudesse continuar a olhar espetáculo tão horrível.

— Continua a espreitar, Rebeca — disse Ivanhoé, equivocando-se quanto à causa da desistência dela. — Os arqueiros devem ter abrandado, já que o combate é, no momento, corpo a corpo. Espreita, pois já não é tão perigoso. Rebeca fê-lo, para exclamar logo de seguida: — Santos profetas! Front-de-Boeuf e o Cavaleiro Negro combatem um com o outro na brecha, enquanto os restantes pararam para melhor os apreciarem. Que o Céu dê o triunfo à causa dos presos e oprimidos! — Soltou um grito exclamando: — Caiu! Já caiu!

— Quem? — perguntou Ivanhoé. — Quem, por Nossa Senhora, quem é que caiu?

— O Cavaleiro Negro — disse fracamente Rebeca, imediatamente mudando para uma interjeição de alegria. — Não! Não! Abençoado seja o deus dos exércitos! Está de novo de pé e luta como se a força de vinte homens se tivesse concentrado em cada um dos seus braços... A espada quebrou-se-lhe... arranca outra das mãos de alguém... aperta Front-de-Boeuf em golpes sucessivos. O gigante curva-se, cambaleia como um carvalho abatido pelo machado do lenhador e... cai! Cai!

— Front-de-Boeuf? — perguntou Ivanhoé.

— Sim, Front-de-Boeuf — respondeu a judia. — Os seus homens, com o altivo Templário à frente, acorrem. O seu número obriga o campeão a restringir-se um pouco e conseguem arrastar Front-de-Boeuf para dentro das muralhas.

— Os assaltantes estão então senhores do terreno, não estão? — quis Ivanhoé saber.

— Estão, estão — confirmou Rebeca. — E apertam os defensores contra os muros. Uns colocam escadas, outros, parecendo um enxame de abelhas assanhadas, tentam trepar, saltando para os ombros uns dos outros... De cima caem pedras, pranchas, troncos... mas os feridos são logo substituídos por forças frescas que os rendem. Meu Deus! Criaste o homem à Tua imagem para que a destruísse às suas próprias mãos!

— Não penses nisso — mandou-lhe Ivanhoé. — Não é altura para essas coisas... Quem cede? Quem avança?

— As escadas foram derrubadas — estremeceu Rebeca. — Os soldados rastejam sob elas como répteis esmagados. Os sitiados levaram a melhor.

— São Jorge os auxilie! — implorou Ivanhoé. — Os homens livres desistiram?

— Não. Comportam-se com todo o garbo... O Cavaleiro Negro está junto do portão desferindo tremendas machadadas com a sua acha, golpes que se ouvem acima da peleja. Atiram pedras e paus contra ele. Liga-lhes tanto como a sementes de cardo sopradas pela brisa!

— Por São João de Acre! — ergueu-se jubiloso Ivanhoé no leito.

— Acho que em Inglaterra só existe um homem capaz de feitos tais!

— Já estremece o portão — prosseguiu Rebeca -; estala, desfaz-se aos seus golpes. Penetram-no! As fortificações exteriores estão tomadas! Oh, meu Deus! Levam os defensores de rodilhão, fazendo-os cair no fosso. Homens! Se sois homens, poupai os que já não podem defender-se!

— E a ponte? A ponte que liga ao castelo? Tomaram-na também? — perguntou Ivanhoé.

— Não — informou Rebeca. — O Templário cortou-a e escapou-se com alguns dos defensores para dentro do castelo. Os

gritos e os gemidos que escutas dizem-te da sorte dos restantes. Meu Deus! É ainda pior apreciar uma vitória do que uma batalha!

— Que estão a fazer no momento? — insistiu Ivanhoé. — Diz-me, pois, não é ocasião para desmaiarem à vista de sangue.

— Para já, está tudo parado — continuou Rebeca. — Os nossos amigos reagrupam-se. Estão tão bem defendidos do inimigo, que a guarnição se limita a atirar-lhes, de tempos a tempos, meia dúzia de frechadas, mais para os incomodar do que para os atingir.

— Os nossos amigos não vão, certamente, abandonar uma empresa tão gloriosamente iniciada e que tão felizmente resultou — comentou Ivanhoé. — Não. Tenho a certeza de que o bom cavaleiro, cujo machado despedaçou cerne de carvalho e barras de ferro... Curioso — murmurou — haver duas pessoas capazes de praticarem tal ato de fria coragem... Uma barra de ferro e um aloquete em campo negro?... Que significarão? Não há mais nada, Rebeca, que possa identificar o Cavaleiro Negro?

— Nada — disse-lhe ela. — É tudo negro como a asa do corvo.

Nada mais se vê. Mas, depois de o ter visto empregar a sua força sem limites, creio que, de agora em diante, o distinguiria entre mil outros guerreiros. Vai para a refrega como para uma festa. Há nele algo mais do que força. Aparenta servir-se também da própria alma e espírito quando enfrenta os adversários. Deus o absolva do pecado da carnificina. Mete medo e, no entanto, é magnífico apreciar-se como o espírito e a força dum só homem podem triunfar sobre centos.

— Rebeca — disse o ferido -, acabaste de descrever um herói. Decerto descansam para retomar forças e arranjar modo de ultrapassar o fosso. com um chefe desses não existem temores, atrasos ou hesitações. As dificuldades dum trabalho árduo tornam-no mais glorioso ainda. Juro pela honra do meu nome, pela minha amada, que aceitaria dez anos de cativo se, antes de para a prisão partir, me fosse permitido bater-me ao lado dum guerreiro daquela natureza, numa luta como esta! Rebeca saiu donde estava e aproximou-se do leito do guerreiro: — Esse ardente desejo de ação, essas queixas e protestos contra a tua fraqueza momentânea, farão mal à tua convalescença. Como pensas poder bater alguém antes de vences as feridas que te causaram?

— Rebeca — respondeu ele -, saberás como é difícil para quem foi criado na cavalaria o ter de se manter passivo, quando ações de glória acontecem mesmo a seu lado? O amor ao combate é o meu alimento, o pó da Mêlée(3) é o ar que respiramos. Não vivemos... não desejamos viver sem que tenhamos alcançado a vitória gloriosa. São, donzela, estas as leis da cavalaria às quais nos ajuramentamos e às quais tudo que nos é querido oferecemos.

— Ai! — exclamou a bela judia. — E que mais é isso do que a oferta dum sacrifício ao Demônio da vaidade, um cair no fogo de Moloch? Que vos resta como prêmio de tanto sangue? De todas as dores e penares? De todas as lágrimas que provocastes pelos vossos feitos, quebrando lanças e esalfando corcéis?

— Que resta? — repetiu Ivanhoé. — Glória, menina, glória! Glória dourando a nossa sepultura, glória tornando o nosso nome imortal!

— Glória? — perguntou a rapariga. — É ela a ferrugenta armadura pendendo sobre o esquecido e triste túmulo do guerreiro?

A inscrição apagada que o monge mal sabe traduzir para o peregrino que o interroga? Serão estes os prêmios, correspondentes ao sacrifício de todas as afeições, para se viver uma vida de sofrimento, fazendo os demais sofrerem? Ou será que há tanto mérito nas toscas limas dos bardos errantes, para se porem de parte amores, afeições, paz e felicidade, para nelas se ser mencionado por menestrelis vagabundos, cantando-as em tavernas para os bêbados?

— Pela alma de Hereward! — bradou o cavaleiro. — Falas sobre o que desconheces. Retiras o puro brilho à cavalaria, que, por si só, separa o nobre do vilão, o cavaleiro do rústico, que nos eleva a viver muito para lá de todas as honras, nos ergue, vitoriosos, por sobre a dor, o trabalho e o sofrimento, e nos ensina a nada temer senão a desgraça. Não és cristã, Rebeca, e não podes alcançar o que sente o peito duma donzela nobre quando o seu amado realiza algo que entre os outros o destaque! A cavalaria! Ela é a mãe da mais pura e elevada afeição, o apoio dos oprimidos, a redentora dos ofendidos, um chicote sobre os tiranos. "Nobreza" seria uma palavra oca sem cavalaria e é na sua lança e espada que a liberdade encontra o seu maior defensor.

— Pertença — reconheceu Rebeca — de fato a uma raça cuja coragem na defesa da sua pátria é de todos conhecida, mas que, mesmo quando constituía ainda uma nação, não entrava em guerras, a não ser quando ordenada pela Divindade, ou na defesa da sua terra contra a opressão. O som da trombeta já não faz Judá levantar-se e os seus odiados filhos não passam, hoje, de vítimas de opressão feroz. Haveis dito bem, Sr. Cavaleiro... Sem que o deus de Jacó faça surgir entre o seu povo eleito um novo Gedeão ou outro Macabeu, não está certo que uma donzela judia fale de batalhas e de guerras. A generosa moça concluiu esta tirada em tom magoadado, que bem exprimia o quanto sentia a degradação em que o seu povo caíra e, simultaneamente, todo o seu azedume à ideia de poder Ivanhoé crer não competir a alguém como ela discutir questões de honra ou sequer entender assuntos elevados e generosos. "Que Mal ele me conhece", disse para si mesma, "para poder pensar-me covarde ou mesquinha, só porque censurei a fantástica cavalaria dos nazarenos! Pudessem eu, com o meu sangue, gota a gota, redimir Judá... Ou ao menos levar Deus a salvar o meu pai e este seu protetor das garras que o prendem. O altivo cristão veria

então se uma filha do povo eleito seria ou não capaz de perecer tão bravamente como qualquer vazia nazarena que se gaba por lhe correr nas veias o sangue dum qualquer chefe bárbaro do rude e gélido norte!" Olhando para o leito de Ivanhoé, continuou com o seu devaneio.

"Adormeceu. A dor e a excitação levaram o seu corpo exausto a Procurar o descanso adormecendo. Será pecado que para ele olhe, como se da derradeira vez se tratasse?"

É possível que em breve as suas tão belas feições deixem, mesmo no sono, de ser animadas pelo espírito de luz que as aviva. Quando as suas narinas já não mais se dilatarem, respirando, e a boca se mantenha aberta e os olhos, parados e de sangue raiados. Quando este nobre cativo, neste castelo maldito, possa ser pisado pelo ser mais ínfimo aqui dentro nem sequer reaja ou se mova! E meu pai? Oh! meu pai! Perversa é a filha que esquece as suas cãs somente por encarar outros cabelos mais jovens e dourados. Que sei eu? Serão estes males mensagens da ira de Jeová contra esta mulher ingrata que só pensa no sofrimento de estranhos, esquecendo os do pai? Que esquece o padecer de Judá para apenas se lembrar da beleza dum gentio? No entanto, desenraizarei esta loucura do meu peito, nem que a ela juntas venham todas as fibras que a prendem."

Envolveu-se no véu, sentou-se um pouco afastada do leito onde jazia o guerreiro ferido, de costas para ele, e procurou encher-se de forças para enfrentar os perigos que pairavam lá fora e também aqueles que dentro do peito a assaltavam.

1. O autor já foi criticado por falta de conhecimento de heráldica colocando metal sobre metal. No entanto, negro, ou sable e azul, ou blau, são ambos esmaltes. (N. do T.) Deverá contudo ser recordado que a heráldica teve os seus ainda indefinidos começos durante as cruzadas e que todas as minúcias desta ciência foram evoluindo com o tempo e criadas em períodos bem mais tardios. Quem pensar o contrário deve também supor que a deusa dos Armoiriers, tal como a deusa dos armeiros, veio a este mundo completamente equipada com todos os enfeites e decorações do sector a que preside. Nota adicional. — Corroborando o atrás citado, poder-se-á observar que as armas que Godofredo de Bulhão para si escolheu, após a conquista de Jerusalém, foi uma cruz contrapontada cantonada com quatro pequenas cruces de ouro, em fundo azul, colocando assim metal sobre metal. A confusão parece prevalecer, uma vez que só o ouro e a prata são metais. (N. do T.) Os heráldicos tentaram explicar este fato inegável de diversas maneiras, mas Ferne sugeriu corajosamente que um príncipe com as qualidades de Godofredo não se podia submeter a regras comuns. O escocês Nisbet e o mesmo Ferne insistem que os comandantes cruzados devem ter permitido a Godofredo este extraordinário brasão, de modo a levarem quem o visse a fazer perguntas acerca dele. Daí resultou o nome de arma inquirenda. Com a devida vénia a estas respeitáveis autoridades, parece pouco provável que os príncipes da Europa autorizassem a Godofredo um escudo de armas tão contrário às regras gerais, se é que tais regras existiam já. De qualquer modo, isto prova que metal sobre metal, agora um solecismo em heráldica, era admitido noutras ocasiões próximas daquela em que decorre o texto. Ver *Blazon of Gentry* de Ferne, p. 238, ed. 1586, e *Heraldry*, de Nisbet, vol. 1, p. 113, 2ª ed.

2. Todos os castelos e cidades góticos tinham, fora de portas, uma defesa em paliçada frequentemente cenário de escaramuças, já que estas barreiras tinham de ser ultrapassadas antes de as muralhas poderem ser assaltadas. Muitos dos grandes feitos de cavalaria recitados nas páginas de Froissart ali ocorreram.

3. Em francês no texto. Refrega. (N. do T.)

Capítulo XXX

Entraí no quarto, vede a cama; Sua alma não sai suavemente, Qual cotovia subindo ao céu, Na manhã de orvalho e brisa doce.

Subindo entre lágrimas e ais, Não, não! Anselmo não passa assim.

Peça antiga

Na calma que se seguiu ao primeiro sucesso dos sitiantes, e enquanto se preparavam para a explorar, uns, e outros, para reforçar as suas defesas, o Templário e De Bracy travavam um curto conciliábulo no salão do castelo.

— Onde está Front-de-Boeuf? — indagou O último, a quem coubera a defesa do outro lado da fortaleza. — Dizem que foi abatido.

— Está vivo — disse o Templário -, vivo ainda, mas, mesmo que tivesse envergado a cabeça de boi que lhe deu o nome e dez placas de ferro a Protegerem-no teria ido da mesma maneira abaixo com aquela machadada. Dentro de escassas horas, Front-de-Boeuf juntar-se-á aos seus maiores e o príncipe João perderá um dos seus mais poderosos braços.

— Com que o reino de Satanás Muito virá a lucrar — acrescentou De Bracy -, É este o resultado de se desprezar em santos e anjos e de se fazer atirar imagens e outras coisas santas por cima da canalhada!

— Ide para o... És louco! — admoestou-o o Templário. — A tua superstição equipara-se à falta de fê de Front-de-Boeuf. Nenhum de vós pode falar de crenças e descrenças.

— Bendicite, Sr. Templário — respondeu De Bracy. — Cuidado com a língua, no que me toca. Pela Mãe do Céu! Sou melhor cristão do que tu e os teus amigos, Pois corre um zunzum de a mais sacra das ordens, a do Templo de Sião, albergar não poucos heréticos no seu seio, fazendo Brian de Bois-Guilbert parte desse número.

— Não ligués a tais coisas — aconselhou o Templário — e pensa, antes, na defesa do castelo. Como lutaram Os vilões que te atacaram?

— Como Demônios — respondeu De Bracy. — Enxamearam perto da muralha sob o comando, creio, daquele patife que venceu o tiro ao arco, pois reconheci-lhe a trompa e o boldrié. Isto são os resultados da política de Fitzurse, que encoraja esta canalha ordinária a revoltar-se contra nós. Não estivesse eu couraçado de alto abaixo, e aquele malandro, que contra mim disparou sete vezes, ter-me-ia varado como se um veado fosse. Acertou em todas as placas da minha armadura com flechas tais e com tanta força que os ossos e as costelas me ficaram a vibrar. Valeu-me a cota de malha espanhola que uso por baixo, ou teria ido desta para melhor.

— Mesmo assim, conservaste a tua posição — disse o Templário.

— Nós perdemos as defesas exteriores.

— Trata-se duma dura perda — reconheceu De Bracy. — A vilanagem tem ali abrigo para melhor acometer o castelo, apanhar algum torreão desguarnecido ou alguma janela esquecida e sobre nós cair. Somos demasiado poucos para atendermos a todos Os locais e os homens já se queixam de que não podem mostrar-se nem um pouco que sobre eles não caia um verdadeiro chorrilho de setas. Front-de-Boeuf está moribundo, pelo que não podemos mais contar com a sua imensa força. Que pensais, Sir Brian, quanto a entendermo-nos com essa gentalha, entregando-lhe os prisioneiros?

— Como?! — bradou o Templário. — Entregar os nossos prisioneiros e tornarmo-nos o objecto de todo o ridículo e desprezo que sobre nós tombaria como cavaleiros que se atreveram, num ataque noturno, a prender um grupo de pessoas indefesas, mas que não conseguiram defender um robusto castelo contra um bando de vagabundos e ladrões, comandados por bufões e porcações, o autêntico refugio da humanidade? Envergonhai-vos da vossa sugestão, Maurice de Bracy! As ruínas deste castelo terão primeiramente de me cobrir o corpo e a vergonha antes que aceite tão baixa proposta.

— Dirijamo-nos, pois, para os muros — disse De Bracy com indiferença. — Não há homem, seja ele turco ou templário, que tanto despreze a vida como eu. Creio, contudo, não ser desonroso o desejar que estivessem aqui mais quarenta dos meus bravos companheiros. Oh, minhas bravas lanças! Soubésseis vós que dia difícil está o vosso capitão a viver e depressa apareceríeis com a minha bandeira acima dos vossos acerados ferros! E como pronto varreríeis todo este lixo lá fora!

— Tem os desejos que quizeres — disse o Templário -, mas aproveitemo-nos dos soldados que temos. quase tudo gente de Front-de-Boeuf, odiada pelos ingleses, dadas as suas atitudes de insolência e violência.

— Tanto melhor — comentou De Bracy. — Esses escravos calejados defender-se-ão até à sua última gota de sangue só para escaparem ao desagravo que os camponeses lhes extorquiriam. Vamos ao que há para fazer. para morrer ou viver. Verás, Guilbert, que Maurice de Bracy é um autêntico cavaleiro, digno do seu sangue e da sua linhagem.

— Às muralhas! — gritou o Templário; e ambos lá foram, inteiramente dispostos a fazer tudo que a sua arte permitisse e as suas forças deixassem para a defesa do forte. Um e outro reconheceram ser a barbacã, frente às defesas exteriores, o ponto mais ameaçado, em virtude de as últimas já terem sido dominadas. O castelo estava separado daquela barbacã pelo fosso,

sendo impossível aos atacantes acometer o portão sem ultrapassarem aquele obstáculo. Tanto o Templário como De Bracy entendiam, porém, que os atacantes deveriam repetir a tática do seu chefe, tentando uma nova acometida em força, chamando a atenção das defesas para aquele ponto e, depois, aproveitarem -se de qualquer descuido noutra local para se protegerem de tal ocorrência, os cavaleiros colocaram sentinelas nas ameias, espaçadas mas com possibilidade de comunicação entre si para que o alarme, a dar-se, pudesse ser efetivo.

Concordaram ainda que De Bracy defenderia O Portão e que o Templário, com mais ou menos vinte homens, constituiria uma reserva pronta a acudir a qualquer sítio em dificuldades. A perda da barbacã exterior tinha ainda como lamentável resultado o fato de, apesar da altura dos muros, os sitiados não poderem apreciar com a mesma exatidão a movimentação do inimigo, até porque alguns bosquetes, muito juntos às portas, podiam permitir-lhe que ali se escondesse sem sequer ser percebido. Completamente incapaz de adivinhar onde aconteceria o assalto, De Bracy e os seus sentiam-se na obrigação de prever todas as contingências, pelo que os soldados, embora valentes, se sentiam abatidos, como é normal nas pessoas cercadas por um adversário com o poder de decisão quanto e quando e onde atuar.

Na mesma ocasião, o castelão e principal dos ameaçados sitiados jazia num catre, cheio de dores e angústia. Não dispunha dos usuais recursos dos fanáticos do seu tempo, que, na maioria, por meio de dádiva à Igreja, procuravam afastar as penas que, pelos Seus pecados, os aguardavam. Esse refúgio, que algumas vezes alcançavam, ainda que se limitasse a um estado de paz de espírito que se sucede a um arrependimento verdadeiro, exatamente como o confuso estupor, resultante do ópio, parece aos que o sentem um estado normal, esse refúgio, dizíamos, era sempre preferível à agonia dum remorso puro.

Todavia, entre os defeitos de Front-de-Boeuf, pessoa dura e de péssimo humor e em quem a avareza predominava, estava o de preferir desafiar a Igreja e os seus elementos a comprar-lhes o perdão e a absolvição à custa de riqueza. Também o Templário, um descrente doutro tipo, não definia bem o seu aliado quando afirmava não poder Front-de-Boeuf partilhar completamente de qualquer causa em virtude da sua descrença e desprezo pela fê estabelecida, pois que o barão somente entendia que a Igreja vendia os seus produtos demasiado caros e que a liberdade espiritual que oferecia era apenas para se comprar, como aconteceu com aquele comandante de Jerusalém, "a peso de ouro", Front-de-Boeuf, de igual modo, dizia que os remédios não prestavam, porque não estava disposto a pagar honorários a físicos.

No entanto, alcançara o instante em que todos os tesouros terrenos lhe fugiam na frente. Não obstante o seu coração empedernido como uma mó de baixo, Front-de-Boeuf olhava, pasmado, para o estéril futuro que se estendia à sua frente. A febre, que lhe aumentava a ansiedade e a agonia, levava-o a ver o derradeiro leito como inaceitável, enchendo-o de horrores, que procurava combater com a inveterada teimosia do seu carácter. Um dramático estado de alma só comparável ao do daqueles fervilhando de desesperança, remorsos não arrependidos e uma temerosa sensação duma agonia que não passará nem diminuirá.

— Onde andam esses patifes dos padres — rosnou o barão -, que tão caro levam pelas suas bambochatas espirituais? Onde estão esses Carmelitas Descalços, para quem o velho Front-de-Boeuf fundou o Convento de Sant'Ana, lesando desse modo o seu legítimo herdeiro de tantos prados, bons campos e... Onde param esses cães? Emborcando, aposto, cerveja ou resmungando as suas rezas junto da cama de algum campónio... Eu, o herdeiro do seu fundador... eu, por quem são obrigados a rezar... eu... Vilões ingratos, ' o que eles todos são! Deixam-me morrer como um cão vadio, sem eira nem beira... Dizei ao Templário que venha aqui; ele é padre e pode fazer algo. Mas não! Preferiria confessar-me ao Diabo do que a Bois-Guilbert, que não conta nem com o Céu, nem com o Inferno... ouvi os velhos falarem de orações, orações ditas por eles próprios para dispensarem a intervenção de sacerdotes... Só que eu não sei dizê-las.

— Está vivo — disse uma voz estaladiça a seu lado — o Reginald Front-de-Boeuf que afirma não saber fazer qualquer coisa?

A consciência pesada e os nervos abalados de Front-de-Boeuf viram nesta voz, que lhe rompera o solilóquio, a dum daqueles Demônios que, de acordo com a superstição, se sentavam junto dos moribundos para os afastarem de pensamentos e meditações acerca do porvir eterno. Estremecendo, encolheu-se. De imediato se recompôs e exclamou: — Quem está aí? Quem és tu, que ousas papaguear as minhas palavras como o corvo da meia-noite? Aproxima-te para que te conheça!

— Sou o teu anjo mau, Reginald Front-de-Boeuf — entoou a voz.

— Mostra-me então a tua forma corporal, se és, de fato, um Demônio, — respondeu-lhe o quase morto cavaleiro.

— Não julgues que me apavoras. Pelos fogos perpétuos, pudera eu deitar mão a estes horrores que me cercam, como fiz com os perigos terrenos, e ninguém, na Terra, no Céu ou em qualquer lugar, poderia afirmar que jamais me furtei a qualquer luta!

— Lembra-te dos teus pecados, Reginald Front-de-Boeuf — disse a voz, que parecia vir do Além -, das traições, da rapina, dos assassínios! Pensa em quem levou o devasso João a lutar contra o seu velho pai... e contra o seu generoso irmão!

— Sejas tu Demônio, padre ou demo — respondeu Front-de-Boeuf -, mentes com quantos dentes tens! Não fui eu só quem levou João a revoltar-se! Cinquenta outros cavaleiros e barões, a fina flor do Centro... melhores não existiam... Terei eu de pagar pelo mal de cinquenta? Falso Demônio, desafio-te! Desaparece e não assombres mais o meu catre... deixa-me morrer em paz, se és mortal. Se vens do Inferno, o teu momento ainda não chegou.

— Em paz NÃO morrerás tu — disse a voz, — Mesmo no momento da morte terás de recordar os teus crimes... os gemidos que soaram dentro deste castelo... no sangue que embebeu os seus soalhos.

— Não me assustas com as tuas mafarriquices – ripostou Front-de-Boeuf com um funéreo e retraído riso. — O judeu infiel? Trata-lo como fiz foi uma obra de mérito. Não é verdade serem canonizados aqueles que se cobrem de sangue sarraceno? Os porcariços saxões que matei? Não eram eles inimigos da minha nação, da minha linhagem e do meu suserano? Ah! Ah! Como vês, não é fácil encontrar falha na minha couraça. Já te foste? Calaste-te?

— Não, infame parricida! — ecoou. — Lembra-te de teu pai ! Pensa na sua morte! Recorda-te do salão coberto com o seu sangue que escorria das mãos do próprio filho.

— Ah! — disse o barão, depois de demorada pausa. — E tu, sabendo quem o mal provocou, deves ser onisciente, como os padres dizem. Esse segredo julgava-o só conhecido por mim e por quem ao meu lado se encontrava... a tentadora, a minha conivente. Vai! Deixa-me, Demônio! Vai e fala com a bruxa saxônia, Ulrica, que te deverá ter dito aquilo que somente ela e eu testemunhámos. Vai, digo-te! Vai ter com aquela que cuidou do ferido e tratou do cadáver, dando ao assassinato e ao assassinado um ar de morte natural. Vai ter com ela, que me tentou, me provocou e que mais lucrou com o crime... Que sofra comigo nas profundas do Inferno!

— Já as está a sofrer! — exclamou Ulrica colocando-se à frente do leito de Front-de-Boeuf. — Há muito que bebe dessa amarga taça, somente agora adoçada pela ciência de tu dela provares igualmente... Não ranjas os dentes, Front-de-Boeuf, não revolteis os olhos, não apertes as mãos, nem com elas me ameaces! A mão que, como a do teu famoso antepassado que vos deu o nome e que pôde abater dum murro um touro bravo, é agora tão débil e impotente como a minha!

— Vil velha! — gritou Front-de-Boeuf. — Coruja odiosa! És tu, então, quem vem exultar sobre as ruínas que ajudaste a criar?

— Sou — respondeu ela -, sou Ulrica, a filha do assassinado Torquil Wolfgang e irmã dos seus filhos, assassinados também. É ela quem exige de ti, da tua casa, de teu pai, do nome e da fama dos teus antepassados, tudo que perdeu devido aos Front-de-Boeuf. Recorda os males que pratiquei e reconhece teres sido tu o meu anjo perverso, tal como agora serei eu o teu. Massacrar-te-ei até ao momento da verdade!

— Fúria detestável! — urrou Front-de-Boeuf. — Jamais assistirás a tal momento... Eh, Clement, Giles, Eustace, Sant Maur e Stephen, arrastem esta bruxa daqui e atirem-na da muralha de cabeça para baixo, Ela atraiçou-nos em favor do Saxão! Saint Maur! Clement! Onde estais vós, canalhas?

— Tornai a chamá-los, bravo barão — disse a velha em tom de assustadora troça. — Chamai os vossos vassallos! Ameaçai-os com castigos e prisão... Mas, sabes, ó grande senhor – continuou alterando de súbito de tom -, já não existe resposta, nem ajuda, para ti, nem quem te obedeça. Escuta aqueles sons horrendos. — Na verdade, o rumor das hostilidades recomeçara e, no momento, muito mais perto das muralhas. — o poder de Front-de-Boeuf, cimentado a sangue, estremece nos seus alicerces perante aqueles que mais desdenhava! O Saxão, Reginald! O ridicularizado Saxão assola as tuas muralhas. Que fazes tu, qual corça exausta, quando o Saxão te assalta o abrigo?

— Deuses e Demônios — gritou o guerreiro ferido -, dai-me uns minutos de vigor para que me arraste até à peleja e morra de acordo com o meu nome!

— Nem penses nisso, o valente guerreiro, — disse-lhe Ulrica. — A tua morte não será a dum guerreiro, mas sim a dum raposa, no covil, abafada pelo fumo lá dentro penetrando.

— Megera! Mentos! — tornou a gritar Front-de-Boeuf -, os meus aguentar-se-ão com bravura. As minhas muralhas são robustas e elevadas, os meus companheiros de armas não temem um exército de saxões, nem que Hengist e Horsa o capitaneassem! Os gritos de guerra do Templário e dos mercenários estão acima de todos mais. Juro-te que na fogueira da alegria e da vitória que acenderemos te torrarei. Viverei na certeza de que deixaste os fogos terrenos para caíres nos dos Infernos, que não possuem Demônio mais forte do que já és.

— Vai acreditando nisso até prova em contrário – replicou Ulrica -, Não! — interrompeu-se a si mesma. — Vais saber qual será o teu fim, o fim que te espera e que todo o teu poder, força e coragem não podem evitar e que chegará até ti vindo desta fraca mão. Não notas o fumo sufocante que, aos rolos, entra neste quarto? Julgavas serem os teus olhos ardentes que já te enganavam? Não entendias a razão da tua falta de visão e de ar? Front-de-Boeuf, a causa é outra. Tens lembrança do depósito de lenha debaixo deste quarto?

— Mulher! — gaguejou em fúria Front-de-Boeuf. — Não lhe pegaste fogo! Não me digas que incendiaste o castelo!

— As chamas já crescem rapidamente, pelo menos – informou Ulrica com tremenda calma -, e dentro em pouco será dado um sinal aos sitiados para que caíam com todo o ímpeto sobre os que as tentarão extinguir. Adeus, Front-de-Boeuf! Que Mista, Zerneck e Skogula, deuses dos antigos saxões, ou Demônios, como os padres lhes chamam agora, substituam no teu leito mortal a companhia que Ulrica te não fará. Fica ainda sabendo que Ulrica também vai, como parceira dos teus crimes,

partir para as mesmas escuras paragens para onde tu caminhas. Talvez isso te agrade. Adeus, parricida, adeus para todo o sempre, Que cada pedra desta arcada repita aos teus ouvidos o eco deste epíteto!

Saiu imediatamente. Front-de-Boeuf ouviu a pancada grave do fecho cerrando a porta que lhe cortava a única e fraca via de salvação. Em agonia extrema, ainda chamou pelos servos e aliados: — Stephen e Saint Maur! Clement e Giles! Morro queimado! Ajudai-me, ajudai-me, bravo Bois-Guilbert, valente De Bracy! É Front-de-Boeuf que vos chama, o vosso amo, traiçoeiros escudeiros, que assim me deixais perecer. É o vosso aliado, o vosso irmão de armas, ó vós, cavaleiros perjuros e descrentes! Que todas as pragas caiam sobre as vossas covardes cabeças! Não me ouvem, não me ouvem, nem podem ouvir. A minha voz perde-se no bramir da batalha. o fumo é cada vez mais espesso. O fogo já se apossa do soalho. Dai-me um nada de ar puro, nem que tenha de morrer logo depois de o ter inspirado.

— Em louco desespero, o desgraçado continuava gritando, praguejando contra si, contra a humanidade, contra o próprio Céu.

— Ah! Já surge a fulva chama entre a fumaça! — exclamou, — O Demônio avança contra mim sob o estandarte do seu próprio elemento. para trás, espírito sujo! Não irei contigo sem os meus camaradas. Todos, todos são teus. Todos os que guarnecem este castelo. Julgas que só Front-de-Boeuf vai contigo? Não! O Templário ímpio e o licencioso De Bracy, a nojenta Ulrica, os homens que me apoiaram, os cães dos saxões e dos judeus, todos me acompanharão. Belos companheiros de viagem serão! Ah! Ah! — Riu desvairadamente em gargalhadas que a abóbada repetiu.

— Quem está a rir? Ulrica, és tu? Fala, feiticeira, que te perdoarei. Só tu ou o rei dos Infernos se ririam num momento destes.

Fiquemos por aqui. Seria doloroso relatar pormenores acerca do fim daquele sacrílego parricida.

Capítulo XXXI

*À brecha, bons amigos, à brecha Colmatai-a com sangue inglês.
E vós, rapazes, Filhos desta nossa Inglaterra, Mostrai-nos todo o ardor, jurai Ser dignos da vossa geração.*

Rei Henrique

Ainda que pouco crente na promessa de Ulrica, Cedric não deixou de a transmitir ao Cavaleiro Negro e a Locksley, que se mostraram muito satisfeitos por saberem ter um aliado dentro de portas, que, num momento de precisão, lhes poderia facilitar a entrada. Concordaram também com o Saxão que um repentino e feroz ataque seria, não obstante as suas desvantagens, o único Meio para libertarem os presos das garras do cruel Front-de-Boeuf.

— O sangue real de Alfredo está em perigo — disse Cedric.

— A honra duma dama nobre está em perigo — asseverou o Cavaleiro Negro.

— E, por São Cristóvão e pelo meu boldrié — afirmou o bom arqueiro -, mesmo que o motivo fosse somente a salvação do fiel Wamba, em tudo arriscaria antes que lhe tocassem num cabelo.

— O mesmo faria eu — acrescentou o frade. — Bem sei, senhores, que ele é um maluco, mas um mestre na sua arte, capaz de nos dar tanto prazer como um bom copo de vinho e um naco de bom toucinho fumado. Digo-vos, irmãos, que aquele doido nunca precisará de mais ninguém para rezar ou lutar por ele enquanto eu puder dizer missa ou brandir uma partasana. Dizendo isto, volteou a sua pesada alabarda como se fosse um caniço nos dedos dum pastor.

— Verdade, bom padre — reconheceu o Cavaleiro Negro -, tão verdade como se as tuas palavras tivessem vindo da boca de São Dunstan. E agora, bom Locksley, não vos parece que o nobre Cedric se deveria encarregar do comando deste assalto?

— De maneira alguma — interveio Cedric. — Nunca aprendi nem a tomar nem a defender estes antros de tirania que os Normandos ergueram nesta terra infeliz. Combaterei junto dos mais adiantados, mas quem me conhecer sabe que tudo ignoro da disciplina de combate e das táticas de assaltos.

— Sendo deste modo da parte do nobre Cedric — propôs Locksley -, terei todo o gosto em dirigir os arqueiros, e juro que me poderão enforcar na árvore onde nos costumamos reunir se os defensores conseguirem mostrar-se nas ameias sem que fiquem sem flechas espetadas em maior quantidade do que pés de cravinho há no presunto do Natal.

— Bem dito, meu bravo — exclamou o Cavaleiro Negro. — Assim, se me consideram capaz de me encarregar dos restantes assuntos e houver, entre esta gente, suficientes homens de valor para acompanharem um autêntico cavaleiro inglês, título que sei merecer, estou pronto com toda a minha arte e experiência a comandá-los contra o castelo.

Distribuídos os lugares de comando, foi dado início ao primeiro assalto, conforme descrevemos ao leitor. Tomada a barbacã, o Cavaleiro Negro enviou notícia do feliz acontecimento a Locksley, pedindo-lhe que vigiasse o castelo tão cuidadosamente que tornasse impossível aos sitiados o reunirem forças bastantes para uma surtida que lhes permitisse retomar as defesas exteriores. O cavaleiro desejava evitar isto a todo o custo, pois estava perfeitamente consciente de que os homens que comandava não passavam de impetuosos mas pouco treinados voluntários, mal armados para o efeito e pouco atidos à disciplina, que, num combate inesperado contra os veteranos dos cavaleiros normandos, com boas armas e de moral elevado, encontrariam grandes desvantagens, já que o seu ímpeto e boa vontade não chegariam para dominar a perfeita ordem que o hábito sempre traz.

O cavaleiro aproveitou a trégua para mandar construir uma espécie de pontão sobre o qual esperava atravessar o fosso, apesar da resistência que encontraria contra aquela prancha flutuante. Tratava-se duma obra de certa demora, o que não preocupou grandemente os comandantes, pois dava tempo a Ulrica para executar o seu plano de diversão, fosse ele qual fosse.

Quando a jangada ficou pronta, o Cavaleiro Negro exortou os sitiantes: — Não vale a pena esperarmos mais, amigos. O Sol já desce e eu tenho problemas a tratar que me não deixarão ficar convosco mais um dia. Além disso, só por milagre, e a não ser que nos apressemos, é que a cavalaria não virá de Iorque para cair sobre nós. Deste modo, que um de vós vá dizer a Locksley que retome os seus disparos contra o outro lado do castelo e avance, fingindo ir assaltá-lo. Vós, bons ingleses, ficai comigo, prontos a atirar o pontão sobre o fosso, logo que se abra a porta falsa do nosso lado. Vinde então atrás de mim para que rebentemos com aquele portal além.

Alguns de vós podereis não gostar deste tipo de ações ou estardes mal armados para o efeito. Saltai para cima das defesas, puxai as cordas dos vossos arcos até à orelha e varai quem quer que apareça lá, nas muralhas. Nobre Cedric, quereis comandar o grupo que fica?

— De maneira nenhuma, pela alma de Hereward! — exclamou o Saxão. — Comandar não sei, mas que a minha posteridade me amaldiçoe os ossos no túmulo se não for com os da frente para onde me aponteis. A briga é minha, pelo que a vanguarda também o é.

— Pensa, no entanto, nobre saxão — aconselhou o guerreiro. — Não tens couraça nem corselete, nada mais, a não ser esse ligeiro elmo, um escudo e uma espada...

— Tanto melhor — respondeu Cedric -, pois fico mais leve para escalar os muros. E desculpai-me se me vanglorio, Sr. Cavaleiro, mas vereis o que vale o peito nu dum saxão frente à couraça dum normando.

— Seja-o em nome de Deus! — aquiesceu o cavaleiro. — Abram a porta e estendam a passagem! O portal, conduzindo da parte interior da barbacã e que ficava em frente do portão da muralha principal, abriu-se dum lance. A ponte provisória foi estirada, logo estabelecendo a ligação entre as duas margens do fosso, formando uma precária e escorregadia passagem, permitindo somente que sobre ela corresse a par dois homens de cada vez. Perfeitamente consciente da necessidade de apanhar o inimigo de surpresa, o Cavaleiro Negro, imediatamente seguido por Cedric, lançou-se para a frente e alcançou o outro lado, atirando-se sem hesitações com a sua acha contra o portão, ele próprio em parte protegido dos projecteis, que vinham de cima, pelos restos da ponte levadiça que o Templário destruíra, deixando, no entanto, o contrapeso ficar na parte superior da porta. Os seguidores do cavaleiro não dispunham, todavia, de defesas desse gênero. Dois foram imediatamente abatidos, dois outros caíram no fosso e os restantes retiraram para a barbacã.

A posição de Cedric e do Cavaleiro Negro era agora muito perigosa, e mais seria ainda se não fora a constância de tiro dos arqueiros na barbacã, que não cessavam de enviar verdadeiras nuvens de flechas contra as ameias, distraindo os que as guarneciam e conseguindo um certo campo de manobras para os dois chefes, que de outro modo seriam atingidos. De qualquer maneira, a situação ia-se tornando cada vez mais difícil.

— Que a vergonha vos cubra — bradou De Bracy para os soldados à sua volta. — Denominai-vos besteiros e deixais que aqueles dois cães continuem a atuar mesmo sob as muralhas? Arrancai as pedras de cima dos merlões, à falta de melhor... Que se arranjem picaretas e alavancas, e abaixo com essa antiga cornija! — ordenou, mostrando um pedregulho que sobressaía do parapeito.

Foi neste mesmo momento que os sitiados viram a bandeira vermelha agitar-se no torreão de que Ulrica falara a Cedric. Foi Locksley quem primeiro o notou, quando se apressava para sair das defesas, impaciente quanto ao progresso do prélio.

— Por São Jorge! — gritou. — Por São Jorge e pela alegre Inglaterra! À carga, meus bravos! Não podemos deixar sós o valente cavaleiro e o nobre Cedric para, sem mais ninguém, romperem a entrada! Anda, padre louco, mostra-nos como lutas pelo teu rosário! Lá para dentro, valentes! O castelo é nosso, pois temos amigos no interior! É o sinal combinado! Vedes aquela bandeira? Torquilstone é nosso! Pensai na honra e no espólio. Um esforço somente e é nosso!

— Acabando de soltar estas frases, disparou uma flecha, que foi cravar-se no peito dum dos homens de armas de De Bracy, que se preparava para atirar um enorme calhau para cima das cabeças de Cedric e do Cavaleiro Negro. Um outro soldado tomou das mãos do morto o pé-de-cabra com que ele tentara soltar a cornija, mas, com a cabeça varada, tombou, também sem vida, nas águas do fosso. Os homens de armas pasmavam, pois nada parecia poder fugir e resistir à força das flechas do tremendo arqueiro.

— Recuais, poltrões? — perguntou De Bracy. — Mount joye Saint Dennis! Dai-me a alavanca!

Agarrado a ela, espetou-a na cornija solta, cujo peso seria suficiente para destruir os restos da ponte levadiça, abrigando os dois atacantes mais avançados e também afundar a tosca jangada que tinham usado para vencer o fosso. Todos perceberam o perigo, e mesmo os mais ousados, incluindo o robusto frade, evitaram pisá-la. Por três vezes Locksley acertou em De Bracy e por três vezes as setas ricochetearam na excelente armadura do cavaleiro.

— Que um raio leve a tua armadura espanhola! — protestou Locksley. — Tivesse ela sido forjada em Inglaterra e as flechas tê-la-iam atravessado como se de seda ou linho fosse.

— Chamou então: — Camaradas! Amigos! Nobre Cedric! Venham para trás, que essa coisa vai cair. Não lhe escutaram o aviso, pois o ruído que somente o cavaleiro fazia batendo na porta era bastante para abafar vinte trombetas. O fiel Gurth ainda avançou na ponte de pranchas para avisar Cedric do perigo iminente ou compartilhá-lo com ele. Seria tarde de mais. A cornija já se inclinava e De Bracy teria conseguido completar o seu trabalho se a voz do Templário não soasse bem perto dele: — Tudo perdido, De Bracy! O castelo está a arder!

— Estás louco para isso dizeres — replicou o cavaleiro.

— No lado oeste tudo são chamas. Tentei, de balde, apagar o fogo.

Esta grave informação foi transmitida com a frieza que caracterizava Brian de Bois-Guilbert, mas não tão calmamente recebida pelo companheiro.

— Santos do Paraíso! — evocou De Bracy. — Que fazemos? Prometo uma vela de ouro puro a São Nicolau de Limoges...

— Deixai as vossas promessas — disse o Templário — e escutai-me. Conduz os homens para baixo de forma a parecer uma surtida. Estão apenas dois homens ali. Corre-os ao longo do fosso até à barbacã. Eu carregarei a partir do portão principal e ataco a barbacã pelo lado de fora. Se retomarmos a posição, garanto-te que resistiremos até chegarem reforços ou obtermos, pelo menos, condições honrosas de rendição.

— A ideia é boa e com ela colaborarei — assentiu De Bracy. — Templário, tu não me vais abandonar?

— Pela minha fé e honra declaro que não — disse Bois-Guilbert.

— Mas, por Deus, apressa-te.

De Bracy juntou, a correr, um troço de homens e andou para a porta falsa, que imediatamente derrubou. Mal ela caíra, já o Cavaleiro Negro, com força portentosa, forçava a entrada, indiferente a De Bracy e à sua gente. Dois tombaram logo e os restantes recuaram, não se importando com as incitações de De Bracy.

— Cães! — bramiu este. — Deixais que dois homens nos cortem o caminho da salvação?

— Ele é o Diabo encarnado — contestou-lhe um veterano homem de armas, defendendo-se conforme melhor podia dos golpes do antagonista de negro vestido.

— E, se é o Diabo — disse De Bracy -, foges-lhe para ires parar às profundas do Inferno? Atrás de nós o castelo arde, vilões! Que o desespero vos conceda forças, ou deixai-me avançar, que me encarregarei do campeão. Bem e cavalheirescamente defendeu, naquele dia, De Bracy a sua fama, adquirida nas guerras civis daquele medonho tempo. As passagens arcadas que davam para a porta falsa serviram de cenário para o corpo-a-corpo de golpes tremendos desferidos um contra o outro, De Bracy com a espada, o Cavaleiro Negro com a sua temerosa acha. Por fim, o normando sofreu uma pancada que, embora aliviada pelo escudo (doutra maneira nunca mais se teria mexido), lhe bateu com tal violência no elmo que caiu ao comprido no lajedo.

— Rende-te, De Bracy — ordenou o campeão em cima dele, metendo entre os ferros do elmo o fatal punhal que os cavaleiros usavam para despachar os seus inimigos e, por isso, chamado punhal da graça. — Rende-te, Maurice de Bracy, pois, chegue ou não chegue auxílio, tu já és um homem perdido.

— Não me rendo a vencedores desconhecidos — respondeu debilmente De Bracy. — Diz-me o teu nome ou faz de mim o que quiseres... nunca ninguém poderá afirmar que Maurice de Bracy foi aprisionado por um camponês sem nome. O Cavaleiro Negro segredou-lhe qualquer coisa ao ouvido.

— Rendo-me. Rendo-me sem condições — respondeu o normando, cujo tom de grave e de indestrutível obstinação se modificara para outro de profunda mas sombria submissão.

— Ide para a barbacã — mandou o vencedor em tom autoritário. — e aguardai lá fora as minhas ordens ulteriores.

— Deixai-me porém, e primeiro, dizer algo que é importante que saibais — pediu De Bracy. — Wilfred de Ivanhoé está ferido e prisioneiro, podendo perecer no castelo em fogo se não lhe acudirem.

— Wilfred de Ivanhoé! — exclamou o Cavaleiro Negro. — Preso e em perigo de vida! A cabeça de todos os homens deste castelo responderá se um só cabelo dele se chamuscar. Mostrai-me o caminho.

— Aquela escada em caracol — informou De Bracy — conduz ao apartamento onde ele se encontra. Aceitas que te oriente? — acrescentou em voz submissa.

— Não. Ide para a barbacã aguardar as minhas ordens. Não confio em vós, De Bracy. Enquanto este combate e a curta conversa que se lhe seguiu tinham sido travados, Cedric, à frente dum troço de soldados, entre os quais o frade vinha sobressaindo, havia cruzado a ponte mal viram a porta aberta e acossado os desmoralizados e desesperados seguidores de De Bracy, alguns dos quais pediram graça, outros esboçaram uma ligeira resistência e a maioria fugira para o pátio. De Bracy, mirando com perturbação o seu vencedor, disse: — Ele não confia em mim. Mas teria eu merecido a sua confiança?

Levantou a espada do solo, tirou o casco, em sinal de rendição, e partiu para a barbacã, onde entregou a espada a Locksley, que lhe aconteceu encontrar.

À medida que o incêndio alastrava, os seus resultados iam-se fazendo sentir no quarto onde Ivanhoé se encontrava aos cuidados de Rebeca, a judia. Acordara do leve cochilo aos sons da batalha e a sua companheira, a seu pedido, tornara para a janela para apreciar e lhe transmitir a evolução da luta, o que lhe foi impossível durante alguns minutos devido ao ligeiro fumo que se ia adensando. A certa altura começaram a entrar no apartamento verdadeiros rolos de fumo, que os gritos pedindo água lhes revelaram tratar-se dum novo perigo a encarar.

— O castelo arde! — gritou Rebeca. — Arde! Que fazer para nos salvarmos?

— Corre, Rebeca, e salva a tua vida — disse-lhe Ivanhoé. — Porque por mim ninguém poderá fazer nada.

— Não fujo — declarou ela. — Ou seremos salvos, ou morreremos juntos. Mas, Deus!... o meu pai?... o meu pai? Qual será o seu destino?

Nesse momento, a porta escancarava-se e o Templário aparecia perante eles. Estava espectral, com a armadura dourada despedaçada e ensanguentada, a peneira meio queimada e quase arrancada do elmo.

— Encontrei-te — disse a Rebeca — para contigo partilhar, como prometi, o bem e o mal. Apenas subsiste uma linha de fuga. Ultrapassei mais de cinquenta situações de perigo somente para ta vir indicar. Levanta-te e segue-me(1).

— Sozinha não te seguirei — respondeu Rebeca. — Se és humano, se em ti subsiste algo da caridade humana, salva meu pai e este cavaleiro ferido.

— Um cavaleiro — retorquiu o Templário, calmo como sempre -, um cavaleiro tem de enfrentar a morte, tenha ela a forma duma espada ou a das chamas. E quem sabe como e onde um judeu enfrentará a sua?

— Selvagem! — gritou Rebeca. — Prefiro que o fogo me consuma a aceitar a tua ajuda.

— Não tens escolha, Rebeca! Repeliste-me numa ocasião, mas nenhum mortal o consegue fazer duas vezes. Agarrou a aterrada donzela e, sem lhe ligar aos gritos, arrastou-a para fora do quarto, sem prestar a mínima atenção às ameaças e desafios que Ivanhoé lhe lançava.

— Cão do Templo! Nódoa da tua ordem! Liberta a donzela! Bois-Guilbert, traidor, Ivanhoé ordena-te! Vilão! Arrancar-te-ei o coração!

— Nunca te encontraria — disse o Cavaleiro Negro, entrando nesse momento — se não fossem as tuas imprecações!

— Se és um verdadeiro cavaleiro — pediu Wilfred -, não penses em mim e persegue o raptor! Salva Lady Rowena! Atende ao nobre Cedric!

— Tudo a seu tempo — disse o guerreiro do aloquete. — Mas tu em primeiro lugar.

Agarrou em Ivanhoé e carregou-o com tanta facilidade como o Templário fizera com Rebeca e transportou-o até ao portão, onde o deixou aos cuidados de dois elementos seus, tornando ao castelo para socorrer os restantes prisioneiros.

Um torreão estava já em labaredas, que saíam por janelas e seteiras, mas noutros locais de grossos muros e resistentes abóbadas o avanço do fogo retardava-se e, aí, ainda a fúria dos homens triunfava, tal como o pouco mais perigoso elemento ia triunfando nos restantes pontos.

Na verdade, os sitiantes perseguiram agora os sitiados de sala para sala, procurando saciar a sua sede de vingança que, de há muito, os soldados do tirânico Front-de-Boeuf lhes havia despertado. A maior parte da guarnição resistiu até ao fim, poucos pedindo graças, nenhum as recebendo. O ar estava pleno de gritos, tinir de armas e gemidos, o chão escorregadio de sangue dos desgraçados em agonia ou já mortos.

Foi através desta cena de confusão que Cedric correu em busca de Rowena, enquanto o dedicado Gurth o seguia, no meio da peleja, indiferente à sua integridade, mas sempre defendendo Cedric dos golpes que lhe eram apontados. O nobre saxão teve a felicidade de chegar ao quarto da sua pupila exatamente quando ela, já sem esperança, agarrava um crucifixo contra o peito e aguardava a morte. Entregando-a ao cuidado de Gurth para que a conduzisse para a proteção da barbacã, cujo caminho estava já desimpedido e ainda não invadido pelas chamas, Cedric partiu em busca do seu amigo Athelstane, pois de forma alguma aceitaria que o último rebento da realeza saxônica se perdesse. Mas, ainda antes de Cedric ter alcançado o salão onde tinha estado encerrado, já o espírito inventivo de Wamba havia conseguido a libertação, sua e do seu companheiro na adversidade.

Quando o rumor do conflito estava no auge, o bobo principiou a berrar a plenos pulmões: — São Jorge e o Dragão! São Jorge pela alegre Inglaterra! O castelo é nosso — gritos que reforçava batendo com dois pedaços de velha e ferrugenta armadura, que encontrara no chão, um contra o outro.

Um homem, de guarda do lado de fora, na antecâmara, entrou em pânico com a berraria de Wamba e, esquecendo-se de cerrar a porta, correu para avisar o Templário que o inimigo já tinha invadido o salão velho. É claro que os prisioneiros não tiveram a mínima dificuldade em atravessar a ante câmara e o pátio, que presentemente era o palco onde se travam os derradeiros combates. Ali, o fero Templário lutava, cercado de elementos da guarnição, peões e cavaleiros, que se haviam ajuntado àquele guerreiro de nomeada, procurando a última hipótese de salvação ou fuga. A ponte levadiça fora, às suas ordens, arriada.

Estava contudo intransitável, pois os arqueiros, que até então tinham mantido aquele lado do castelo sob os seus arremessos, quando viram o castelo a arder e a ponte a baixar, concentraram-se sobre a sua entrada para evitar não só que quem quer que fosse de lá de dentro saísse, mas ainda para se assegurarem do seu quinhão no saque, antes que tudo se desfizesse em cinzas. Por outro lado, um troço de sitiantes, entrado pela porta falsa, dava agora início, no pátio, a um ataque aos últimos defensores, que se viam, conseqüentemente, assolados por dois lados. com o ânimo do desespero e o exemplo do seu indômito condutor, os últimos soldados do castelo combatiam com uma ferocidade extrema e, já que bem armados, conseguiram deter por mais de uma vez os assaltantes, que muito os superavam em número.

Rebeca, na garupa do cavalo dum dos sarracenos do Templário, encontrava-se no meio do pequeno grupo. Bois-Guilbert, mesmo naquela confusão, olhava constantemente pela sua segurança. Várias vezes iria a seu lado, desdenhando a própria defesa e colocando o seu escudo triangular na frente dela. Outras vezes, partindo de à beira dela, soltava o seu brado de guerra e, atirando-se para avante, derrubava os atacantes que mais próximo visse, para logo retomar a sua posição inicial. Athelstane, que, como o leitor sabe, era lento, mas não covarde, percebeu a figura feminina que o Templário tão esforçadamente defendia e, pensando ser Rowena que o cavaleiro levava contra a vontade dela, bradou: — Pelo espírito de

Santo Eduardo! vou salvá-la daquele orgulhosíssimo cavaleiro, nem que seja o meu fim!

— Ponderai — recomendou-lhe Wamba -, a tua mão apressada vai apanhar rãs em vez de peixes e, pelos meus guizos, aquela não é Lady Rowena nenhuma. Reparai naqueles característicos cabelos negros. Se não sabeis distinguir o preto do branco, podereis ser o comandado. Não deixo partir os meus ossos sem saber por quem os partem. E vós sem armadura! Um gorro de seda nunca aparou golpes de aço. Se quereis molhar-vos, molhai-vos. Deus vobiscum, sedento Athelstane — disse largando a túnica do Saxão a que se agarrara até então. Apossando-se duma maça que viu no chão, ao lado dum guerreiro moribundo, correu para junto do bando do Templário e, em golpes sucessivos para um lado e para o outro, abatendo um adversário a cada pancada, pois a sua força era imensa e duplicara-se agora com a fúria, chegou lá em questão de instantes. A dois metros de Bois-Guilbert, desafiou-o: — Voltai-vos, templário de falso coração! Larga aquela em quem és indigno de tocar — bradou. — Volta-te, miserável elemento dum bando de falsos e hipócritas assassinos e ladrões!

— Cão — rangeu o Templário entre os dentes. — Vou-te ensinar a não blasfemares a propósito da santa Ordem do Templo de Sião! — com estas palavras fez o corcel dar meia volta, baixando-se e enfrentando o saxão. Levantou-se nos estribos, aproveitando a posição do cavalo, e desferiu uma tremenda pancada na cabeça de Athelstane. Tal como Wamba dissera, o barrete de seda nunca foi uma defesa contra lâminas de aço. Tão acerada era a lâmina do Templário que cortou a maça que o infeliz saxão ainda levantou para aparar o golpe, como se dum galhito de salgueiro se tratasse, e foi bater na cabeça de Athelstane, que imediatamente caiu em terra.

— Ah, Beau-Séant! — gritou Bois-Guilbert -, assim se tratam os maldizentes dos cavaleiros do Templo. — Aproveitando-se do espanto que a queda de Athelstane a todos causara, berrou: — Quem se quiser salvar que me siga!

Atravessou a ponte levadiça, dispersando os arqueiros que tentaram travá-lo. Os seus sarracenos e seis homens de armas seguiram atrás dele. A retirada foi muito dificultada pelas setas que sobre todos tombavam, mas, mesmo assim, tornearam a barbacã, que julgava estaria em poder de De Bracy.

— De Bracy! De Bracy! — chamou. — Estás aí?

— Estou aqui — respondeu De Bracy -, mas fiquei prisioneiro.

— Posso libertar-te? — gritou Bois-Guilbert.

— Não, não! — foi a resposta. — Rendi-me pela minha honra e cumprirei com a minha palavra. Salva-te. Falcões perscrutam-nos! Atravessa o mar, deixando a Inglaterra. Mais não ousou dizer.

— Pois bem — disse o Templário.

— Tu, que aí ficas, recorda-te que redimi a minha palavra. Quanto aos falcões, sejam eles quais forem, julgo que os muros da Preceptoría de Templestowe serão bastante fortes para defender a garça de qualquer rapace. E galopou atrás dos seus. Os do castelo, que não tinham conseguido cavalos, seguiam lutando em desespero, mesmo depois da partida do Templário, ais por não esperarem graça do que por contarem com a vitória. O fogo estendera-se a todo o castelo, quando Ulrica, que o ateara, apareceu num pequeno torreão, qual fúria antiga, entoando um cântico guerreiro que os escaldos saxões, antes de terem sido convertidos, entoavam nos campos de lide.

O desgrenhado cabelo grisalho voava, a inebriante delícia da vingança completada fulgia-lhe nos olhos entre laivos de loucura. Brandia uma roca, como se fosse uma das fatais irmãs que fiam e cortam os fios das vidas dos homens. Algumas das estrofes selváticas que entoou manteve-as a tradição. Assim as dissera, naquele cenário de fogo e sangue:

Afiai o fero aço, Ó filhos do branco dragão!

Acendei a tocha, Ó filha de Hengist!

O aço rebrilha, não para banquetes, É duro, largo e pontiagudo; Não ilumina leito de noiva a tocha, Fumega e cintila como azul sulfúreo.

Afiai o aço!, crocitam os corvos.

Acendei a tocha!, grita Zerneck.

Afiai o aço, ó filhos do dragão!

Atiça a tocha, ó filha de Hengist!

Nuvens negras cobrem o castelo; A águia grita, levando-o no peito.

Não griteis, gris cavaleiro da águia negra!

As valquírias esperam Como hóspedes os filhos de Hengist que vêm.

Agitai as vossas tranças, ó virgens de Vatala.

Que soem alegres os vossos tímbores.

Muitos passos arrogantes pisarão vossas salas, Muitos elmos lá faiscarão.

Cai escura a noite no castelo, As espessas nuvens se acumulam; Cedo ficarão rubras com o sangue dos bravos!

O derrubador das florestas a ele se chegará.

Ele, o devorador de palácios, Com a sua bandeira flamejante, Vermelha, ampla, medonha, Cobrindo o valor do herói,

Regozija-se com o clamor da luta, Aprecia sangue a jorrar quente ainda.

Tudo acabará!

A espada fende cascos, A lança penetra duras couraças, O fogo devora os paços, Máquinas derrubam muralhas, Tudo tem de acabar!

A raça de Hengist já não é...

Filhos da espada, a morte não temais!

Que as lâminas se saciem em sangue; Gozai esse festim de matança À luz incandescente dos salões.

As vossas lâminas viverão convosco; Não concedeis graça a ninguém.

Porque a vingança tem a sua hora, Mas até o ódio profundo se extingue!

E com ele tenho eu de morrer(2).

O fogo era agora uma única e enorme chama, elevando-se como um farol, tudo iluminando em seu redor. Torre após torre foi ruindo, com tectos e telhados espalhando miríades de centelhas. Os que ainda combatiam foram obrigados a abandonar o pátio e os poucos que restavam, dispersos, escaparam-se para as matas vizinhas. Os vencedores, reunidos em grandes grupos, apreciavam, com pasmo, as temerosas labaredas que nas suas próprias armaduras se reflectiam. A silhueta enlouquecida de Ulrica, a saxônia, manteve-se à vista durante muito tempo, no alto pouso que escolhera, agitando os braços e em endemoninhada exaltação, como se sentisse a imperatriz da conflagração que provocara.

Por fim, com um horrendo estalejar, o torreão cedeu, levando consigo aquela que acabara com o próprio martirizador. Fez-se um imenso silêncio e durante muito tempo ninguém abriu a boca ou se mexeu, a não ser para, um ou outro, se persignar. Ouviu-se então Locksley dizer: — Saudemos, homens! O covil do tirano caiu! Que cada um traga o que saqueou para o nosso ponto de reunião, junto da árvore grande. Ao romper da manhã distribuí-lo-ei equitativamente entre nós e os nossos aliados, como prêmio deste grande feito de vingança.

1. O autor julga ter esta passagem sido copiada da cena da apresentação de Filidaspes ante a divina Mandane, quando a cidade de Babilónia estava em chamas e durante a qual ele lhe propõe levá-la através das chamas. Mas o plágio, se o houver, exigiria um tremendo castigo a quem o quisesse provar, pois teria de percorrer os intermináveis volumes do grande *Ciro* até se lhe deparar o original.

2. As pessoas interessadas nas coisas antigas poderão pensar serem estes versos uma tentativa de imitação da velha poesia dos escaldos, os menestréis dos velhos escandinavos, a raça que o Laureado tão felizmente descrevia como: *Prontos a vencer, difíceis de ser vencidos,*

Sorrindo, a morte encaravam.

A poesia dos Anglo-Saxões, após civilizados e convertidos, era diferente e mais doce. Porém, no caso de Ulrica, é perfeitamente natural que ela, instintivamente, tivesse regredido às origens, aos tempos ferozes dos seus antepassados pagãos.

Capítulo XXXII

Todo o Estado tem a sua política; Os reinos têm leis, as cidades os forais; Até os bandidos escondidos na mata Obedecem a uma certa disciplina, Pois desde Adão, com a sua verde porra, O homem sempre tem vivido em sociedade, com os códigos para melhor os unir.

Peça antiga

Amanhecia nas clareiras do vasto carvalhal. Nos verdes galhos reluziam pérolas de orvalho. As corças levavam os seusinhos desde os seus abrigos de grandes fetos até aos espaços mais abertos, onde o veado ostentava os seus imponentes chifres, sem temer a presença dos caçadores. Os bandidos tinham-se agrupado em redor da árvore-da-reunião, onde haviam passado a noite descansando das fadigas do cerco, uns bebendo vinho, outros dormindo, muitos escutando e contando pormenores da jornada, outros ainda apreciando o espólio aos montes, agora à disposição do chefe. Aquele espólio era de fato muito grande, pois, apesar de muita coisa se ter perdido no incêndio, tinham conseguido apossar-se, sem a mínima hesitação, de grandes quantidades de ouro e prata, ricas armaduras e roupas esplêndidas. A lei da floresta, contudo, era tão rigorosa que ninguém ousaria tomar para si fosse o que fosse, sendo tudo reunido para que o chefe tratasse da sua distribuição.

O ponto de reunião era um vetusto carvalho. Não se tratava do mesmo até junto do qual Gurth e Wamba, no começo desta narrativa, tinham sido levados, mas de outro, no centro dum magnífico anfiteatro silvano a cerca de oitocentos metros do castelo arruinado de Torquilstone. Ali, Locksley ocupou o seu assento (um monte de turfa cobrindo galhos de carvalho entrecruzados), rodeado pelos seus companheiros. Convidou o Cavaleiro Negro a sentar-se à sua direita e Cedric à esquerda.

— Desculpai-me o à-vontade — pediu -, mas nestas matas sou eu o monarca e os meus súbditos não me acatariam o poder caso eu cedesse o meu lugar a outros mortais... Ora bem, quem viu o nosso capelão? Onde está ele, o da cabeça rapada? Uma boa manhã como esta, entre cristãos, deve iniciar-se com uma missa.

— Ninguém vira o clérigo de Copmanhurst.

— Que os deuses nos acudam — disse o chefe dos bandidos. — Será que o malandrote do padre ficou colado a alguma caneca de vinho? Quem o viu depois de termos tomado o castelo?

— Eu — informou Miller. — Vi-o muito atarefado às voltas com a porta duma adega jurando por todos os santos do calendário que havia de provar o gasconha de Front-de-Boeuf.

— Agora nem todos os santos que há — exclamou o chefe — lhe valerão, se bebeu de mais e ficou debaixo dos escombros do castelo. Vai lá, Miller! Leva contigo homens suficientes para te ajudarem a procurá-lo a partir do sítio onde o viste. Atira água do fosso para cima do rescaldo. Nem que tenha de levantar tudo, pedra a pedra, tenho de encontrar o meu frade. A quantidade de gente que se ofereceu para esta tarefa demonstrava, tendo-se em conta que em breve se iria proceder à distribuição dum grande saque, quanto o padre era querido ali. — Entretanto, tratemos da divisão do espólio — anunciou Locksley -, pois, quando o nosso feito se tornar conhecido, os batidos de De Bracy, Malvoisin e outros aliados de Front-de-Boeuf mover-se-ão contra nós, convindo pois que, temporariamente, abandonemos a região. Nobre Cedric — continuou, dirigindo-se ao Saxão -, este espólio será dividido em dois lotes. Escolhereis o que quiserdes para recompensar os vossos que vieram auxiliar-nos.

— Bom homem — respondeu Cedric -, o meu coração sangra de dor. O nobre Athelstane já não existe... o último descendente do Confessor! Todas as esperanças com ele morreram para não mais voltarem. O brilho de esperança que ele representou foi extinto pelo próprio sangue, não havendo mais quem o possa novamente acender! O meu povo, salvo aqueles que me rodeiam, espera que eu carregue os seus respeitáveis restos até à sua última e condigna morada. Lady Rowena deseja regressar a Rotherwood e necessita duma forte escolta. Tenho pois mesmo de partir já. Se aguardei, não foi para receber parte do espólio no qual, por Deus e Santo Withold, nem eu nem nenhum dos meus tocará sequer. Aguardei para agradecer a ti e aos teus audaciosos companheiros o terem salvo não só a minha vida, como a minha honra.

— Não, não! — disse o bandido-chefe. — A nós apenas coube metade do trabalho... Levai a vossa parte para que possais recompensar os vossos amigos e vizinhos.

— Sou suficientemente rico para lhes pagar do meu dinheiro — respondeu Cedric.

— E alguns foram suficientemente espertos para se pagarem a si próprios e não partirem de mãos vazias. Nem todos andam de fatos às pintas.

— Estavam no seu direito — observou Locksley. — As nossas leis são para nós somente.

— Mas tu, caríssimo rapaz — disse Cedric, voltando-se e abraçando o bufão -, serás recompensado por mim. Ofereceste sem medo a tua vida em troca da minha. Quando todos me tinham abandonado, tu, pobre e fiel louco, apareceste! Brillavam lágrimas nos olhos do rude fidalgo. Uma mostra de sentimentos que nem a morte de Athelstane conseguira. Havia algo de

semi-instintivo ligando-o ao bobo que se sobrepunha, inclusive, à dor.

— Não o quero! — exclamou o bobo, livrando-se das mãos do amo.

— Se é com a água dos teus olhos que me vais pagar, tenho de me pôr a chorar para te fazer companhia, e lá se vai a minha graça toda. Há, porém, tio, um modo de liquidares as tuas contas comigo: perdoa a Gurth, que te roubou uma semana de trabalho para a dar a teu filho.

— Perdoá-lo? — bradou Cedric. — Não só o perdoarei como o premiarei. Ajoelha-te, Gurth. — O porqueiro imediatamente lhe obedeceu.

— Deixaste de ser um escravo — proferiu Cedric, tocando-lhe com uma vara. — És, para todos os efeitos, um homem livre, tanto na vila como na floresta, tanto na floresta como no campo. Dar-te-ei algumas leiras das minhas terras de Walburgham, que de mim para ti passarão para sempre. E que a maldição divina tombe sobre quem o contrário venha a afirmar. Não mais um servo, mas um homem livre e proprietário, Gurth pôs-se de pé e deu dois saltos de alegria.

— Venha um ferreiro com uma lima — pediu — para tirar a coleira do pescoço deste homem livre! Nobre amo! Haveis duplicado com este gesto as forças que sempre perei a vosso dispor. Um espírito livre adeja dentro de mim. Sou um homem que se transformou em si próprio. Ou será o contrário? Hei, Fangs — prosseguiu para o fiel rafeiro, que, à vista da alegria do dono, também saltitava de satisfação -, ainda conheces o teu dono?

— Eh! — interrompeu Wamba. — Tanto ele como eu te conhecemos ainda, embora continuemos de coleira. Talvez tu venhas primeiro a esquecer-te de nós...

— Esquecer-me-ia de mim — retorquiu Gurth — se te esquecesse, bom camarada. Acredita ainda que, se a liberdade fosse também apropriada para ti, o nosso amo ta concederia.

— Não — disse Wamba -, não penses que te invejo, irmão Gurth. O servo fica no salão à lareira, enquanto os homens livres têm de partir para as guerras. Como dizia Oldhelm de Malmsbury, "mais vale ser bobo num banquete do que sábio numa refrega".

Ouviram-se passos de cavalos trazendo Lady Rowena e vários cavaleiros. Acompanhavam-no muitos mais peões que, jubilosamente, agitavam chuços e batiam com as alabardas. Rowena, garbosamente vestida, montando num palafrém castanho, recuperara toda a sua dignidade de porte, restando do seu sofrimento apenas uma ligeira palidez. A sua linda frente, se bem que triste, mostrava esperança a par de gratidão pelo seu salvamento. Sabia estar Ivanhoé livre de perigo e Athelstane morto. O primeiro fato enchia-a de júbilo e, quanto ao segundo, embora a não alegrasse, ter-se-ia de se lhe perdoar o alívio que sentia vendo-se livre da única questão em que jamais concordara com Cedric, vendo o cavalo que ela montava dirigir-se na sua direção, Locksley e todos os seus se levantaram numa instintiva manifestação de cortesia. Corando e com um gesto de mão e um abaixar de cabeça que, por instantes, fez que as suas tranças se juntassem às crinas da montada, agradeceu, em poucas mas gratas palavras, o que Locksley e a sua gente tinham feito por ela.

— Que Deus vos abençoe, brava gente — terminou. — Que Deus e Nossa Senhora vos recompensem por vos terdes arriscado em defesa dos oprimidos. Se a algum de vós, alguma vez, a comida faltar, que se lembre de mim, pois tenho para lha dar; se algum tiver sede, que tenho vinho e cerveja e que, se os normandos vos expulsarem daqui, tenho florestas, onde os meus corajosos salvadores poderão vagar em total liberdade e onde ninguém lhes perguntará de que arcos partiram as flechas que abateram veados.

— Mil graças, gentil senhora — disse Locksley -, em meu nome e no dos meus companheiros. Ter-vos salvo já foi bastante para nós. Nós, que percorremos as matas, praticamos muita loucura. O ter-vos salvo compensá-las-á em parte com nova vénia, Rowena ia partir, mas, tendo parado um pouco para esperar por Cedric, que se despedia, viu-se perto de De Bracy, prisioneiro. Estava junto duma árvore, com os braços cruzados, meditando gravemente, pelo que Rowena esperou que nela não reparasse. Contudo, ele ergueu os olhos e, percebendo-a, corou de intensa vergonha. Hesitou, mas depois aproximou-se do cavalo, nas rédeas do qual pegou, ajoelhando perante ela.

— Dignar-se-á, Lady Rowena, baixar o seu olhar sobre este cavaleiro cativo... sobre este soldado sem honra?

— Sr. Cavaleiro — respondeu ela -, em empresas como aquela que haveis tentado, a desonra não está na derrota, mas sim na vitória.

— Ainda que a segunda seja mais branda para a alma — disse De Bracy -, que Lady Rowena me perdoe o mal que lhe fiz, mercê da malfadada paixão que me tomou, e depressa verificará como nobremente a saberei servir.

— Perdoo-vos, Sr. Cavaleiro — concordou ela -, como cristã que sou.

— O que quer dizer — atalhou Wamba — que não vos perdoa nada.

— Mas nunca poderei desculpar-vos a dor e o sofrimento que a vossa loucura me causaram — prosseguiu Rowena.

— Soltai as rédeas do cavalo de Lady Rowena — comandou Cedric.

— Pela luz que nos ilumina, só não te trespasso com esta lança, pregando-te ao chão, porque teria vergonha de o fazer. Sossegai, porém, Maurice de Bracy, que haveis de pagar cara a vossa participação nesta suja trama.

— É fácil ameaçar quem está preso — afirmou De Bracy afastando-se. — Também não espanta, pois os Saxões nunca souberam o que eram maneiras.

Cedric, antes de seguir, agradeceu muito em especial ao Cavaleiro Negro, a quem, insistindo, rogou que os acompanhasse até Rotherwood.

— Sei — disse — que vós, cavaleiros andantes, gostais de procurar a sorte com a ponta das vossas lanças e não apreciáis terras ou valores. A guerra, porém, é uma amante exigente, e, às vezes, um lar é desejado pelos campeões errantes. Haveis ganho todo o direito aos salões de Rotherwood, nobre cavaleiro. Cedric tem posses bastantes para reparar os estragos da sorte e tudo que possui está ao dispor do seu salvador. Vinde, pois, connosco para Rotherwood, não como convidado, mas como filho ou irmão.

— Cedric já me tornou mais rico — contestou o cavaleiro -, ensinando-me quão virtuosos são os Saxões. A Rotherwood, irei em breve, bravo Saxão. No momento, questões urgentes me impedem de o fazer. Porém, quando por lá passar, terei, quiçá, algo a pedir-vos que constituirá uma prova da vossa generosidade.

— Mesmo sem mo dizerdes, já vo-lo concedi — disse Cedric batendo com a mão na manápula do guerreiro. — Está concedido, mesmo que me custe metade do que tenho.

— Não te comprometas tão ao de leve — respondeu o Cavaleiro Negro. — De qualquer modo, espero vir a fazer-te esse pedido. Por agora, adeus!

— Quero ainda informar — acrescentou Cedric — que, durante as cerimônias fúnebres do nobre Athelstane, estarei residindo no seu castelo de Conningsburgh, que igualmente estará aberto a todos que ali possam compartilhar do banquete funerário. Permito-me, ademais e em nome da nobre Edith, mãe do príncipe tombado, dizer que para aqueles que, sem sucesso mas bravamente, lutaram pela salvação de Athelstane de correntes e armas normandas, aquelas portas nunca se cerrarão.

— É mesmo — disse Wamba, já ao lado do patrão. — Vai haver comida da melhor. Pena é que o nobre Athelstane lhe não possa fazer justiça durante o próprio enterro. Mas ele, com certeza, ergueu os olhos para o alto -, está já à mesa do Paraíso e certamente honrando-a.

— Cala-te e marcha — ordenou Cedric com uma irritação pela piada despropositada que somente a recordação da recente abnegação de Wamba não deixou ir mais além. Rowena despediu-se graciosamente do cavaleiro do aloquete e partiram em direção da floresta.

Ainda mal tinham começado a andar, quando, atrás deles e vinda de baixo da orla de coníferas marginando a mata, saiu uma procissão que percorreu lentamente o anfiteatro florestal para, depois, tomar a mesma direção de Rowena e do seu séquito. Os padres do convento próximo, na expectativa das amplas almas que Cedric prometera, acompanhavam um carro, onde jazia o corpo de Athelstane, cantando hinos e caminhando compassadamente, conduzindo-o para o castelo de Conningsburgh, onde seria depositado no jazigo de Hengist, de quem o defunto era remoto descendente. Muitos dos seus vassalos, à notícia do seu passamento, haviam acorrido e seguiam no momento o ataúde, com todas as manifestações exteriores, pelo menos, da maior dor e mágoa.

Novamente, como acontecera perante a beldade saxônia, os bandidos se puseram de pé, numa espontânea homenagem, recordando, ao som dos tristes e arrastados cânticos dos frades, os seus camaradas caídos na véspera. Tal tipo de recordações não sói, todavia, perdurar naqueles que vivem uma vida de perigos e aventuras, pelo que ainda a cantoria se escutava e já eles tratavam da divisão do espólio.

— Bravo cavaleiro — disse Locksley para o Cavaleiro Negro -, sem o espírito e a força de quem a nossa empresa talvez não tivesse chegado a bom termo, escolhei deste monte o que quiserdes, quanto mais não seja para vos recordardes da árvore-de-reunião.

— Agradeço essa oferta sincera — agradeceu o cavaleiro. — Peço, pois, autorização para ficar com Sir Maurice de Bracy à minha disposição.

— É teu — respondeu Locksley — e sorte tem, pois ao tirano estava reservado ir engalanar o mais alto galho daquele carvalho, com tantos mercenários como bolotas pendurados a seu lado. Mas, como é teu prisioneiro, está salvo disso, embora tenha assassinado o meu pai.

— De Bracy — bradou o cavaleiro -, estás livre! Parte! Quem te apresou desdenha de ti se vingar. Mas vê como te comportas no futuro, para que o pior não tombe sobre ti. Cuidado, Maurice de Bracy!

De Bracy baixou-se numa profunda e silenciosa vênia, e ia afastar-se, quando um dos homens e depois vários outros iniciaram uma berraria imensa, dele troçando. O orgulhoso cavaleiro parou instantaneamente, deu meia volta e, fazendo peito, exclamou: — Calai-vos, cachorros! Abafai chamados que não sois capazes de seguir, quando o veado-real acossado se resolve a vender a vida cara! Eu, De Bracy, desprezo a vossa troça como desprezaria o vosso aplauso. Ide para as vossas tocas e covis, bandidagem! Silenciai-vos. Dum cavaleiro ou dum nobre somente podeis falar quando ele se encontrar a uma légua das vossas luras.

Este inoportuno desafio poderia ter significado para De Bracy uma revoada de flechas, não fora a imediata e imperiosa

interferência do chefe. Entretanto, o cavaleiro pegou nas rédeas dum dos muitos cavalos, vindos das cavalições de Front-de-Boeuf, que ali pastavam e que faziam parte do saque, montou-o e desapareceu na mata.

Acalmado o alvoroço provocado pelo incidente, o bandido-chefe retirou do pescoço o valioso boldrié e a trompa que, com a sua perícia, ganhara com o arco em Ashby, e disse para o cavaleiro da barra e do aloquete: — Nobre cavaleiro, se não desdenhais fazer o favor de aceitar a trompa que um inglês livre traz, peço-vos que a aceiteis como recordação do vosso garboso comportamento... e se alguma vez precisardes, como sói acontecer com cavaleiros andantes, nas florestas entre o Trent e o Tees, de auxílio, tocai três palavras(1), assim: Uó-si-hoá!, e pode ser que ele prontamente surja.

— Demonstrando, entou a trompa até o cavaleiro ter fixado o chamado.

— Mil mercês pela tua oferta, meu bravo — disse o cavaleiro -, pois melhor ajuda que a tua e dos teus nunca eu conseguirei se alguma vez me vir embaraçado.

— Tocou ele próprio a trompa até fazer estremecer o arvoredor.

— Tão forte e bem tocaste — fez o arqueiro — que nada me custa dizer que sabes tanto das coisas da floresta como das da guerra. Já foste, tenho a certeza, caçador de cervos. Camaradas decorai estas palavras que ouvistes! Formam o chamado do Cavaleiro Negro do Aloquete. Que quem as escute não perca tempo em voar em seu socorro. Quem o não fizer é corrido do bando às chicotadas com a corda do próprio arco.

— Viva o chefe! — gritaram os fora-da-lei. — Viva o Cavaleiro Negro do Aloquete! Que cedo nos chame para que veja como servi-lo saberemos!

Locksley iniciou nessa altura a partilha do saque, o que fez com a mais louvável das equidades e toda a imparcialidade. Pôs de lado um décimo para a Igreja e caridade, uma parte ficou como uma espécie de fundo geral e outra para as viúvas e filhos dos que tinham perecido, ou para missas pelas suas almas, caso não tivessem família. A parte restante foi dividida entre os salteadores de acordo com a respectiva categoria e mérito. Nestes casos, as decisões do chefe foram dadas com a maior argúcia e inteiramente acatadas.

O Cavaleiro Negro surpreendeu-se ao verificar que gente vivendo à margem da lei era, no seu conjunto, tão bem e corretamente dirigida. Tudo quanto viu e apreciou lhe fez crescer a admiração que já sentia pelo chefe Tendo-se os homens retirado com os respectivos quinhões e a parte comum levada pelo tesoureiro e um bandido de elevada estatura, certamente para esconderijo seguro, restava a porção da igreja.

— Quem me dera — disse o chefe — novas do meu alegre capelão! Ele que nunca falta quando há viandas a abençoar ou saque a repartir... É, além do mais, seu dever cuidar das dizimas resultantes do nosso bem sucedido empreendimento, ofício que o desculpa de algumas pequenas irregularidades canônicas. Tenho também um santo colega dele prisioneiro perto daqui e queria que um frade me ajudasse a livrar-me dele. Tenho, contudo, muito temor no que respeita à sua sorte.

— Isso causar-me-ia grande pesar — observou o Cavaleiro Negro, até porque lhe estou devendo uma feliz e hospitaleira noite na sua cela. Vamos até às ruínas do castelo. Pode ser que nos digam qualquer coisa acerca dele. Conversavam desta maneira quando uma grande aclamação anunciou a chegada de alguém que, pela voz estentórea, viram logo ser a daquele que julgavam perdido.

— Abram-se alas, rapaziada! — exclamou ele -, alas para o vosso pai e para o prisioneiro que traz. Dai-me as boas-vindas de novo! Aqui regresso, ufano como a água com a presa nas unhas.

Abrindo caminho por entre a aglomeração, no meio de gargalhadas e ditotes amigáveis, surgiu, triunfalmente magnífico, com a enorme partasana numa mão e a outra segurando uma corda, amarrado à ponta da qual vinha o infeliz Isaac de Iorque, dobrado de dores e terror, o frade berrando: — Onde está Allan-a-Dale para me dedicar uma balada ou, ao menos, uns versos? Por Santo Hermenegildo, o patife nunca aparece quando há um mote merecedor de rimas?

— Reverendo padre — disse o capitão dos ladrões -, disseste uma missa muito regada, por muito cedo que seja. Em nome de São Nicolau, quem trazes aí?

— Alguém que a minha lança e espada capturaram, nobre capitão — respondeu o frade de Copmanhurst -, ou, melhor, um prisioneiro do meu arco e da minha alabarda. Na realidade, salvei-o de cativo bem pior, Fala, Judeu... Não é verdade que te retirei das fauces de Satanás? Não te ensinei já o credo, o pater e a Ave Maria? Não terei eu passado uma noite inteira contigo bebendo e explicando-te os mistérios?

— Por amor de Deus! — implorou o Judeu. — Não haverá ninguém que me livre deste louco... deste santo homem?

— O quê, Judeu? — ameaçou o frade. — Abjuras? Lembra-te que se tornares à tua falsa fé, ainda que não sejas tão tenro como um leitão (comia um, agora mesmo), não deves ficar mal bem assadinho. Acalma-te, Isaac, e diz comigo: Ave Maria...

— Não queremos profanações aqui, padre — disse Locksley. Conta-nos, antes, onde é que topaste com este prisioneiro.

— Por São Dunstan, encontrei-o onde esperava melhor mercadoria. Fui lá para o fundo das caves para ver o que se poderia salvar, pois, ainda que um copo de vinho queimado com especiarias seja bebida imperial, seria uma pena deixar desaparecer tanto vinhinho duma só vez. Já arranjava uma dosezinha dele e ia pedir auxílio a alguns destes malandros aqui à

volta, sempre prontos a colaborar em boas ações, para que me ajudassem a dar cabo dele, quando me vi frente a frente com uma grande porta. Ultrapassei-a e fui encontrar lá dentro uma quantidade de cadeias ferrugentas e este judeu, que se declarou meu prisioneiro incondicional. Fatigado com o esforço físico para salvar este descrente, refresquei-me com uns copitos e preparava-me para voltar, quando ouvi estrondos atrás de estrondos e crepitar atrás de crepitar, que vinham duma torre exterior a ruir (que Nossa Senhora absolva as mãos que tão fracamente a construíram) e barrando-me a passagem.

Seguiu-se o estampido de outra torre tombando... Pensei que a minha vida acabaria ali e, entendendo ser uma desonra para a minha profissão passar para o outro mundo ao lado dum judeu, ergui a alabarda para lhe rebentar com a cabeça. Tive, porém, pena dele e achei por bem pôr de parte o pau e empregar armas espirituais em seu lugar. Na verdade, e graças a São Dunstan, a semente caiu em terra fértil. Só que, tendo de falar com ele a noite inteira e estando, por assim dizer, em jejum (as pingas com que o aguicei nem contam), a minha cabeça ficou meio aturdida. Acabei exausto. Gilbert e Wibbald dirão em que estado me acharam. Rigorosamente exausto.

— É verdade — entou Gilbert -, pois quando retiramos os escombros e demos... por São Dunstan!... com a escada do calabouço e mais além com uma bota de vinho seca, o Judeu estava quase morto e o frade mais que... exausto, como ele lhe chama.

— Patifes! Mentirosos! — retorquiu o frade, melindrado. — Fostes vós e os beberrões dos vossos companheiros que tudo beberam, chamando-lhe um figo. Seja eu um pagão se tudo não guardara para a gorja do chefe! Mas que interessa? O Judeu converteu-se, entendendo tudo quanto lhe expliquei. Se não foi tudo, foi quase tudo tão bem quanto eu o percebo.

— Judeu — disse o capitão -, isto é verdade? Renunciaste à tua descrença?

— Que alguém me faça justiça — implorou o Judeu -, pois não entendi uma única palavra das muitas que este reverendo prelado me endereçou durante esta pavorosa noite. Ai de mim! Encontrava-me tão preocupado, cheio de sofrimento e dor, que, mesmo que o patriarca Abraão me viesse pregar, fá-lo-ia para ouvidos moucos.

— Mentas, Judeu e tu sabe-lo! — rosou o frade. — Recordar-te-ei uma palavra somente da nossa entrevista: prometeste dar tudo quanto tens para a nossa santa ordem..

— Valha-me a Santíssima Promessa — gritou o Judeu, mais amedrontado do que nunca -, se vez alguma eu disse tal coisa. Ai! Sou velho e pobre e, temo-o, sem filhos. Tende misericórdia de mim e deixai-me partir!

— Não! — interpôs o frade. — Se retractas o voto que fizeste, terás de penar por essa atitude — Levantou a alabarda e tê-la-ia descarregado sobre os ombros do Judeu se o Cavaleiro Negro não tivesse aparado o golpe. É claro que a fúria do padre se virou logo para ele.

— Por São Tomás de Kent! — bradou. — Que eu seja teu criado se não te dou uma ensinadela, Sr. Cavaleiro Preguiçoso, que te metes onde não és chamado.

— Eh, não te zangues comigo! — acalmou-o o cavaleiro. — Recorda-te que prometemos amizade e camaradagem para todo o sempre.

— Não me lembro de nada, meu peralta metediço!

— Talvez tenhas esquecido isso — disse o cavaleiro, que parecia gostar de provocar o seu anfitrião do dia anterior -, mas devias lembrar-te de que por minha causa (e já não falo nas tentações da gula) quebraste os teus votos de temperança e vigília — correto — concordou o frade, mostrando-lhe o seu grande punho.

— Por isso mesmo te darei um grande murro.

— Não quero prendas dessas — informou o cavaleiro -, mas guardarei essa ameaça de bofetada(2) como um empréstimo que te pagarei.

Os juros são tão altos como os que estavam a ser pedidos ao prisioneiro que trouxeste.

— Isso resolve-se já — propôs o frade.

— Eh! — interveio o chefe. — para onde vais tu, frade louco? Andar à pancada debaixo da árvore da reunião?

— À pancada, não — foi a resposta do Cavaleiro Negro. — Apenas uma ligeira troca de amigáveis cortesias... Bate primeiro, frade, se ousas, que eu, se aguentar, te farei aguentar o meu, a seguir.

— Gozas de vantagem com esse panelão de ferro enfiado na cabeça — disse o religioso, — Mas que importa? Vais a terra como o Golias!

O frade arregaçou a manga até ao cotovelo e, com toda a força que tinha, mandou um soco ao cavaleiro capaz de abater um boi. O oponente aguentou-o, enquanto todos à volta saudavam, já que os murros do frade eram conhecidos, tendo-os quase todos, se não todos, sentido alguma vez, a sério ou a brincar.

— Agora, padre — disse o cavaleiro -, se dispus de vantagens na cabeça, nenhuma te darei com o punho. Aguenta, se és gente!

— Genam meam dedi vapulatori, aqui está o meu rosto, e, se me fizeres mexer, concedo-te de bom grado o resgate, do Judeu. O frade, na sua vanglória, falara assim, mas quem pode fugir à sua sorte? O murro do cavaleiro foi tal e tão forte que o frade virou de pernas para o ar, para espanto dos presentes. Todavia, levantou-se sem se mostrar zangado ou ressentido.

— Irmão — falou ele -, devias ter usado um pouco mais de discrição. Caí como um sapo. Se me tivesses partido o queixo,

as minhas missas passariam a ser muito mancas, como mancas são as melodias do gaiteiro a quem amarraram os dedos. De qualquer modo, eis a minha mão como prova de que não mais bulharei contigo, já que perdi a aposta. Acabemos com a rixa e estudemos o resgate do Judeu, que, como o leopardo, que nunca perde as pintas, nunca deixa de ser judeu.

— O padre — observou Clement — não está tão seguro da conversão do Judeu, desde que levou aquele murro.

— Vai para o... Que sabes tu, patife, de conversões? Já não existe respeito? Tudo manda, ninguém obedece? Digo-te, amigo, que estava um pouco zozzo quando apanhei o soco do bom cavaleiro, senão não teria caído. Se tornas a zombar de mim, apanhas para aprenderes!

— Calma! Todos! — ordenou o capitão. — E, quanto a ti, Judeu, estuda o valor do teu resgate. É escusado informar-te que a tua raça é tida como maldita pelos cristãos, pelo que a tua presença entre nós nos incomoda. Vai pensando enquanto eu examino outro gênero de prisioneiro.

— Capturaram-se muitos homens de Front-de-Boeuf? — perguntou o Cavaleiro Negro.

— Nenhum valendo resgate — respondeu o chefe. — Uma data de covardolas que soltámos para que procurassem novo patrão... já nos tínhamos vingado e com bom lucro. Eles nada valiam. O prisioneiro de que falo é coisa fina: um fradeco que veio a cavalo ver o seu superior e que, pelos arreios e vestimentas... Aí vem o respeitável prelado, tão atrevido como uma pega... Na verdade, ladeado por dois salteadores, era conduzido até ao trono do fora-da-lei o nosso conhecido e amigo prior Aymer de Jorvaulx.

1. As notas das trompas denominavam-se palavras, sendo nos velhos tratados de caça representadas não por caracteres musicais, mas sim por palavras escritas.

2. A troca de bofetadas com o padre não estava inteiramente fora da maneira de ser de Ricardo I, caso os romances falem verdade. Num deles, bastante interessante, aliás, e a propósito das suas aventuras, na Terra Santa e durante o seu regresso de lá, conta-se como utilizou as suas qualidades de Pugilista quando prisioneiro na Alemanha. o seu opositor seria o filho do carcereiro, que, imprudentemente, o desafiara para um combate desse gênero. O rei avançou como lhe competia e apanhou um soco que o abalou, mas, logo a seguir, com o punho, que encerrara anteriormente (prática desconhecida, creio, dos cavaleiros que, hoje, se dedicam a tal desporto), desferiu tal murraça no ouvido do seu adversário, que o matou logo ali. Ver em, Ellis Specimens of English Romance, o do Coração de Leão.

CAPÍTULO XXXIII

... Flor dos guerreiros, Como vai, Tito Lácio?

Marcos: Como todos os legistas.

Condenando uns, exilando outros, Pedindo resgates, perdoando, ameaçando.

Cariolano

Quer o rosto, quer os modos do abade aprisionado eram um autêntico misto de orgulho ofendido, falsa jactância e temor físico. — Porque e porquê, meus senhores? — perguntou em tom revelando as três emoções. — A que ordem pertenceis? Sereis turcos ou cristãos, vós, que deste modo tratais um eclesiástico? Sabeis o que significa manus imponere in servos Domini? Rebuscastes a minha bagagem, rasgastes as minhas vestes sacerdotais, de fina renda, que qualquer cardeal não desdenharia! Outro qualquer em meu lugar já vos tinha excomungado, aplicando o excommunicabo vos, mas acontece ser eu de boa índole, pelo que, se mandardes vir os meus cavalos, soltardes os meus irmãos, devolverdes a minha bagagem, juntamente com uma dádiva, de cem coroas, a despender em missas no altar-mor da Abadia de Jorvaulx, e a promessa de não comer veação até ao Pentecostes que vem, afianço-vos que esquecerei toda esta loucura.

— Santo padre — retorquiu o salteador-chefe -, magoa-me saber que haveis sido tão maltratado pelos meus seguidores, a ponto de, paternalmente, nos repreenderdes.

— Maltratado?! — repetiu o padre, encorajado pela forma mansa como o capitão falara.

— Nem um cão de raça é assim tratado... quanto mais um cristão... ainda por cima padre... e muito menos o prior da santa comunidade de Jorvaulx. Anda por aqui um menestrel profano e bêbado, Allen-a-Dale de seu nome — nebuloso quidam -, que ousou ameaçar-me com castigos corporais, quiçá a própria morte, caso eu não pagasse a pronto quatrocentas coroas de resgate, para lá de tudo que já me roubara... cordões de ouro, anéis de pedras de valor incalculável. E, além disso, há o que partiram e estragaram com as suas rudes mãos, como, por exemplo, a minha caixinha de pós e os meus ferros de frisar de prata.

— É impossível ter Allen-a-Dale tratado assim tão reverente personagem como vós — murmurou o capitão.

— Tão verdadeiro como o Evangelho de São Nicodemo! — exclamou o Prior — Praguejou aquelas horríveis coisas que dizem lá para o Norte, assegurando-me que me enforcaria na árvore mais alta que encontrasse.

— Ele disse isso mesmo? Então, reverendo padre, parece-me que temos de executar as suas ameaças... pois Allen— a-Dale é homem de cumprir o que diz(1).

Caçoais de mim — espantou-se o Prior, forçando uma gargalhada.

— Aprecio boas piadas, mas... ah! ah! ah!... quando nos rimos a noite inteira, deveremos mostrar-nos sérios de manhã.

— Estou tão sério como um padre confessor — informou o capitão dos ladrões. — Tereis de pagar uma soma bem gorda pelo vosso resgate, Sr. Prior, ou o vosso convento terá de se reunir para novas eleições, visto vós terdes de deixar de ocupar o lugar.

— Vós, cristãos — perguntou o Prior -, usais termos desses para com um clérigo?

— Cristãos? Lá isso somos, e até com religiosos, para nos ajudarem a dividir o espólio que aqui há — exclamou o foradalei, que a seguir acrescentou: — Que o nosso rechonchudo capelão avance e explique a este reverendo padre os textos correspondentes. O frade, meio, se não totalmente, bêbado, que enfiara um hábito sobre as suas vestes verdes, reunia agora os restos de conhecimentos de que outrora, pelo traquejo, dispusera.

— Santo padre — entoou -, Deus faciat salvam benignitatem vostram. Sede bem-vindo à verde mata.

— Que profana farsa é esta? — clamou o Prior. — Amigo, se pertences, de fato, à Igreja, melhor agirias dizendo-me como me safar desta gentalha, em lugar de estares para aí com os dentes arreganhados como um bailador de aldeia.. — correto, reverendo padre — concordou o frade.

— Apenas sei dum caminho por onde podereis, talvez, escapar. Hoje, para nós, é dia de Santo André e estamos a recolher as dízimas.

— Não da Igreja, irmão? Espero-o — disse o Prior.

— Tanto da Igreja como dos seculares — respondeu o frade.

— Assim sendo, Sr. Prior, facite vobis amicos de Mammone iniquitatis, ou seja: colaborai com a injustiça de Mámon, pois outra colaboração não arranjareis.

— Sempre gostei da gente das florestas — disse muito suavemente o Prior. — Andai lá, não sejais tão duros para comigo. Sei bastante do meio florestal, podendo mesmo tocar uma trompa, alto e bom som, e bramir suficientemente forte para pôr os anéis dos robles a tinir. Andai lá, não me exijais demasiado!

— Dai-lhe uma trompa para que demonstre o que alardeia — ordenou o capitão.

De conformidade, o Prior soprou, com quantas forças tinha. O capitão abanou a cabeça: — Prior, sopras bem, mas não nos basta como resgate. Não podemos, como reza a lenda acerca do escrito no escudo do bravo cavaleiro, "soltar-vos com um toque". Além do mais, entendo que tu, sendo um dos franceses que acrescentam tremidos e trolarós, perturbando a velha trompa inglesa, terás de pagar mais cinquenta coroas pelas notas com que corrompeste os velhos e viris toques de caça.

— Pois bem, amigo — fez o Prior, irritado -, fazeis bem mal. Rogo-te que sejas mais razoável nesta questão da minha remissão. Em resumo (tenho, desta vez, de engolir o sapo), quanto terei eu de largar para me poder deslocar por onde quiser sem necessitar de cinquenta homens para me protegerem?

— Não seria correto — lembrou o tenente do bando ao capitão — o Prior indicar o valor do resgate do Judeu e este o do Prior? — És levado da breca! — sorriu-se o capitão. — Só tu terias uma ideia dessas!... Tu, Judeu, chega cá... Olha-me para o padre Aymer, prior da rica Abadia de Jorvaulx, e diz-nos quanto deverá ele pagar pela própria quitação. Aposto que conheces o rendimento da abadia dele.

— Lá isso sei — reconheceu o Judeu. — Tenho negociado com os bons padres, comprando-lhes trigo, cevada e outros produtos da terra, assim como muita lã. Trata-se duma abadia abastada. Come-se e bebe-se lá do bom e do melhor. Se um desterrado como eu tivesse uma casa como Jorvaulx e um rendimento daqueles por mês, ou até anual, pagaria muito, muita prata, pela minha libertação.

— Cão judeu! — praguejou o Prior. — Ninguém melhor do que tu, maldito, sabe quão empenhada está a nossa divina casa para acabarmos de pagar a capela-mor!

— E o abastecimento das vossas adegas, na estação passada, com uma respeitável dose de vinho da Gasconha — acrescentou o Judeu. — Mas isso são nada.

— Não prestem atenção ao cão sem fé — protestou o clérigo. Badala como se a nossa santa comunidade se afogasse em dívidas pelos vinhos que somos autorizados a libar propter necessitatem, et ad frigus depellendum. O vilão circuncidado blasfema contra a igreja e os cristãos presentes nem protestam!

— Assim não vamos a parte alguma — disse o chefe.

— Anuncia quanto nos pode ele pagar sem que, propriamente, lhe esfolemos o couro e o cabelo.

— Umás seiscentas coroas — informou o Judeu — pode o bom Prior pagar a Vossas Valias, sem que o seu conforto seja muito balado.

— Seiscentas coroas — pensou o Capitão alto. — Estou satisfeito. Calculaste bem, Isaac. Seiscentos coroas é a tua sentença, Prior.

— Foi proferida a sentença! A sentença! bradaram os do grupo.

— Salomão não julgaria melhor.

— Escutaste-a, Prior — disse o chefe.

— Sois loucos? — respondeu o Prior. — Onde arranjo eu uma soma desse tamanho? Nem vendendo a píxide e os castiçais do altar de Jorvaulx conseguiria metade, sequer. Aliás, para resolver a questão, teria de ir eu mesmo ao convento. Os dois padres que me acompanham ficariam como reféns.

— O que teria de corresponder a uma confiança cega em ti — disse o fora-da-lei -, pelo que os mandaremos a eles buscar o resgate, enquanto tu ficas aqui. Não te faltará nem vinho, nem veação, e, já que gostas da mata, mostrar-te-emos coisas que nem no Norte se veem.

— Ou, se for de vosso contento — propôs o Judeu, tentando cair nas graças dos salteadores -, posso mandar buscar a Iorque essa importância, pois tenho lá umas receitas a cobrar. Bastar-me-á que o Sr. Prior me passe a relativa promissória.

— Ele fará tudo o que quiseres, Isaac — informou o capitão. — Aproveitarás também para mandar trazer o dinheiro do teu próprio resgate.

— O meu resgate? — choramingou o Judeu. — ó valorosos senhores! Estou pobre e falido. Tivesse eu de pagar cinquenta coroas e o resto da minha vida passá-lo-ia agarrado a um bordão, mendigando.

— Compete ao Prior julgar esse ponto — respondeu o capitão. Que dizeis, padre Aymer? O Judeu pode pagar uma boa maquia?

— Se ele pode pagar uma boa maquia? — ecoou o Prior.

— Isaac de Iorque é suficientemente rico para remir as dez tribos israelitas que partiram, em escravidão, para a Assíria! Pessoalmente pouco tenho contatado com ele, mas o nosso despenseiro e o nosso tesoureiro, que lidam muito com a criatura, afirmam que a casa dele, em Iorque, está tão repleta de prata e ouro que é até vergonha existirem coisas assim em nação cristã. É um espanto para todas as almas cristãs que se permita a essas víboras o fartarem— se à custa do Estado e da Santa Igreja, sugando-os com as suas usuras e extorsões.

— Alto aí, padre — interrompeu-o o Judeu. — Travaí e reduzia vossa ira. Peço licença para lembrar a Vossa Reverência que não Obrigó ninguém a querer o meu dinheiro. É certo que, quando religiosos ou leigos, príncipes ou priores, cavaleiros ou padres, vêm, muitas vezes, à minha porta pedindo-me, com muito boas maneiras, dinheiro; eu os atendo. Nessa altura é "amigo Isaac para aqui, amigo Isaac para acolá, empreste-me uns dinheirinhos que a gente liquida-os no vencimento, tão certo como existir Deus", ou "bondoso Isaac, se alguma vez ajudaste alguém com precisão, este é o momento de o tornares a fazer". Mas,

quando chega a data de receber o que é meu, passo então a ser um judeu "danado", sobre cuja raça devem tornar a cair as pragas do Egito e contra quem se atija a população.

— Prior — cortou o chefe -, judeu que seja, falou bem. Indica, portanto, o valor do resgate dele, sem mais insultos.

— Nenhum outro senão um latro famoso, cuja tradução te darei noutra ocasião e maré, colocaria no mesmo banco um prelado cristão e um judeu não baptizado. Já que exigis que dê um preço ao vosso cativo, dir-vos-ei que errareis se pedirdes um tostão que seja abaixo da mil coroas.

— É sentença! É sentença! — proclamou o chefe.

— É sentença! É sentença! — repetiram os seus assessores. O cristão mostrou como é educado e tratou-nos com mais generosidade do que o Judeu.

— Valha-me o Deus dos meus antepassados — balbuciou o Judeu. — Atirais por terra quem já nada possui? Já não tenho filhos e quereis agora tirar-me os meios de sustento?

— Se já não tens filhos, menos tens de gastar — comentou o prior Aymer.

— Infelizmente, senhor — disse Isaac -, a vossa lei permite-vos desconhecer a força dos laços que nos unem aos nossos filhos. ó Rebeca, filha da minha amada Raquel! Se cada folha daquela árvore fosse um cequim e todas elas minhas, dá-las-ia de bom grado só para saber se vives e escapaste àquele nazareno.

— A tua filha não é uma de cabelo escuro? — perguntou um dos fora-da-lei. — Ela usava um véu de fina seda bordado a prata?

— Usava, usava! — exclamou o velho, tremendo agora de esperança, como antes o fizera de medo. — Que a bênção de Jacó sobre ti caia! Sabes alguma coisa dela?

— Foi então ela — disse o salteador — que o altivo Templário carregou na garupa quando atravessou as nossas fileiras, ontem à tarde. Ainda levantei o arco para o vazar com uma flecha. Só o não fiz para não ferir a donzela.

— Oh! — gritou o Judeu. — Quisesse Deus que houvesse disparado, atravessando-lhe o peito! Melhor lhe serviria o túmulo dos antepassados do que o leito da desonra que lhe reserva o selvagem e libidinoso Templário. Ichabod! Ichabod! A tua glória abandonou o meu lar!

— Amigos — disse o chefe, olhando em seu redor -, embora o velho não passe dum judeu, a sua dor toca-me. Trata connosco com toda a sinceridade. Se nos pagares mil coroas, ficas sem vintém? Isaac, obrigado a tornar a pensar em coisas materiais, a que tanto amor tinha, talvez por hábito, a ponto de se contenderem dentro de si com o seu amor paternal, empalideceu, gaguejou e acabou por não negar que algo restaria.

— Bem, vai lá para onde quer que é — aquiesceu o salteador. — sem tesouro, bem poderias ter tantas esperanças de rever e redimir a tua filha das correntes que Bois-Guilbert lhe colocou como de abateres um veado com um chuço sem ferro. O teu resgate será igual ao do prior Aymer, ou, melhor, umas cem coroas menos, perda que aguentarei pessoalmente, não afectando assim esta minha leal companhia para evitar a horrenda ofensa de cotar um judeu e um prelado cristão pela mesma tabela, ficarás com a diferença para o resgate da tua filha. Os Templários adoram tanto o luzir dos cequins como o rebrilhar de olhos negros. Apressa-te e faz tilintar as tuas coroas aos ouvidos de Bois-Guilbert antes que o pior suceda! Encontra-lo-ás, informam-me os meus escutas, na preceptoría da sua ordem mais próxima... Falei bem, rapaziada? Os homens manifestaram, como sempre, a sua total adesão ao seu condutor. Isaac, aliviado de metade das suas preocupações, pois ficara sabendo que a filha vivia e poderia ser resgatada, jorrou-se aos pés do bandido, esfregando as barbas nos seus borzequins, e fazia já menção de lhe beijar a orla do casaco verde, quando o capitão se afastou, soltando-se das mãos que o prendiam com provas de nojo.

— Deixa, maldito! Levanta-te! Sou inglês e não aprecio essas prostrações levantinas. Ajoelha-te a Deus, não perante um pecador como eu.

— Judeu — interveio o prior Aymer -, ajoelha-te a Deus, na pessoa que o representa no altar e que sabe, com o teu arrependimento e ofertas condignas ao orago de São Roberto, quantas graças tu e tua filha Rebeca obterão. Choro tão bela e graciosa donzela vi-a na liça de Ashby. Aliás, Brian de Bois-Guilbert é pessoa que me ouviu muito. Pensa quanto não valerá uma palavra minha aos seus ouvidos...

— Ai de mim! — exclamou o Judeu. — Tudo me cai em cima. Sou presa tanto do assírio como do egípcio.

— Que mais havia a tua maldita raça de esperar? — perguntou o Prior, que continuou — Porque, como diz a Sagrada Escritura, *verbum Domini projecerunt, et sapientia est nulla in eis* (rejeitando a palavra do Senhor, perderam a sabedoria), *propterea dabo mulieres eorum exteris* (darei, pois, as suas mulheres a outros), neste caso o Templário, *et thesauros eorum haeredibus alienis* (e a sua fortuna a outrem), na circunstância os cavalheiros presentes. Isaac gemeu fundo e, retorcendo as mãos, caiu de novo em estado de desespero e desolação.

O chefe da bandidagem, porém, chamou-o à parte e disse-lhe: — Pensa bem, Isaac, neste assunto e vê como vais proceder. Aconselho-te que te tornes amigo do padralheco. Ele é um vaidoso, cheio de ganância. Ou, pelo menos, precisa de dinheiro para as suas fantasias. Podes, com facilidade, saciar-lhe a avidez, pois não julgues que acreditei nessa coisa de seres pobre. Conheço como as minhas mãos o cofre de ferro onde guardas as tuas sacas de dinheiro. Ora! Não conhecerei eu o pedregulho, debaixo da macieira, que é a entrada para a câmara abobadada sob o teu jardim em Iorque!

— O Judeu ficou branco como a cera.

— Não temas. De mim não te virá mal algum — prosseguiu o arqueiro -, pois não leso velhos conhecimentos. Esqueceste já o homem livre doente que a tua linda filha, Rebeca, livrou dos grilhões em Iorque, abrigando-o em casa até que a saúde lhe voltou? Mandaste-o, nessa altura, embora, com umas moedas na mão... Usurário como és, nunca na tua vida aplicaste dinheiro tão bem na tua vida. Só hoje te evitou um prejuízo de quinhentas coroas.

— És aquele a quem chamam Diccon Dobra-o-Arco? — interrogou Isaac. — A tua voz bem me lembrava alguém.

— Sou o Dobra-o-Arco, Locksley e também tenho outro nome, além destes dois.

— Mas amigo Dobra-o-Arco, deves estar enganado quanto ao tal quarto abobadado de que falaste. Posso jurar pelos Céus que apenas lá guardo alguma mercadoria, que gostosamente partilharei contigo... cem jardas de pano verde de Lincoln para fazeres casacos para os teus homens, com varas de teixo espanhol para arcos e um cento de cordas de arco de seda, resistente, redondinhas e impecáveis... Tudo isto te enviarei, honrado Diccon, para dispores como entenderes. Somente te peço segredo quanto ao subterrâneo em abóbada.

— Serei tão silencioso como um túmulo — respondeu o fora-da-lei — e acredita que me dói muito o que acontece com a tua filha. Não te posso auxiliar, todavia. As lanças do Templário, em campo aberto, são demasiado longas para as minhas flechas, que se perderiam como o pó. Tivera eu sabido que era Rebeca a raptada, e algo se poderia ter feito. Agora só por palavras se poderá resolver a questão. Queres que comece já por falar com o Prior?

— Em nome de Deus, Diccon! Ajuda-me a recuperar a filha amada!

— Então, se não me perturbares com as tuas manifestações de sovínice, tratarei com ele, em teu nome — prometeu o saltador. Afastou-se, mas o Judeu seguiu — o como uma sombra.

— Prior Aymer — pediu o capitão -, vinde aqui comigo, para debaixo desta árvore. Quero um pequeno aparte convosco. Dizem-me que apreciáis bom vinho e sorrisos belos mais do que convém à vossa ordem, Sr. Padre. Nada tenho a ver com isso, é claro. Também me consta que gostais dum bom casal de cães, boas matilhas e bons cavalos. Nunca ouvi, contudo, afirmar que a opressão e a crueldade, em casos de amor, fossem do vosso gosto... Isaac, aqui, está disposto a ajudar-vos a alcançar algumas das coisas que mencionei, como prazeres e passatempos, mediante uma saca com cem coroas de prata, que te concederá se intercederdes junto do Templário para que liberte a sua filha...

— Tão sã e pura como quando nos separamos — intrometeu-se o Judeu -, senão não há negócio.

— Cala-te, Judeu — ordenou o fora-da-lei -, ou deixo de trabalhar para ti... Que me dizeis, prior Aymer?

— A questão é complicada — disse o Prior. — Se, por um lado, pratico o bem, pelo outro praticá-lo-ei em favor dum judeu, o que me desagrada, visto ser contra a minha consciência. Todavia, se um judeu contribui para o bem da Igreja, com um óbolo para as obras da construção do nosso dormitório, já a minha consciência me aconselha a ajudá-lo no caso da filha — Por uma importância em marcos para o dormitório... — ou por um punhado de prata para velas do altar, — disse o fora-da-lei. — não é por isso que o negócio se vai engravar.

— Mas, bom Diccon. Dobra-o-Arco... — tentou o Judeu falar.

— Bom Judeu, meu burro, meu lagarto! — explodiu o arqueiro já sem paciência. — Se queres pensar em nojentos lucros, quando são a vida e a honra da tua filha que estão em jogo, juro pelo Céu que te espremerei todos os maravedis que possuis em coisa de três dias! Isaac, encolhendo-se, calou-se.

— E que garantias terei eu nisto tudo? — indagou o Prior.

— Quando Isaac regressar com êxito, graças à vossa intervenção — respondeu o bandido -, juro por Santo Humberto que ou ele vos paga em prata fina, ou lhe trato da saúde de forma tal que preferiria ter tido de pagar vinte vezes mais.

— Portanto, Judeu — disse Aymer -, já que tenho de me meter neste assunto, passa-me material de escrita... espera... preferiria jejuar vinte e quatro horas a tocar na tua pena. Onde arranjo outra?

— Se os vossos escrúpulos religiosos vos permitem o emprego do restante material, para a pena há remédio pronto — disse o arqueiro. Levantou o arco e mandou uma frechada a um ganso que passava à frente dum numeroso bando, a caminho de distantes e solitárias paragens em Holderness. A ave veio abaixo, espanejando, trespassada pela seta.

— Pronto, Prior -, prosseguiu o capitão. — Eis aqui penas bastantes para os frades de Jorvaulx escreverem durante um século, a não ser que se decidam a fazer crônicas. O Prior sentou-se e, com toda a calma, compôs a epístola para Brian de Bois-Guilbert, que, após lacrada, entregou ao Judeu, recomendando-lhe: — Esta carta é o teu salvo-conduto para a Preceptoria de Templestowe e, julgo-o, a chave para a libertação da tua filha, desde que, é claro, a refores com mercadoria e proveitos a saírem-te das unhas. Nota bem que o bravo cavaleiro Bois-Guilbert e os da sua confraria não dão ponto sem nó.

— Bem, Prior — fez o fora-da-lei -, não vos prendo mais tempo, senão o necessário para passardes ao Judeu a promissória referente ao vosso resgate, fixado em quinhentas coroas. Torno-o como meu cobrador. Logo, se me constar que procurais fugir à liquidação, que Santa Maria me perdoe, mas incendeio a abadia, contigo lá dentro, nem que isso me leve à força dez anos antes do tempo com muito menos graciosidade do que aquela que empregara na carta para Bois-Guilbert, o Prior preencheu um documento a favor de Isaac de Iorque, declarando ter ele a receber quinhentas coroas para o seu resgate, importância que prometia, logo que pudesse, saldar.

— Peço-vos agora — disse o Prior — a restituição das minhas mulas e cavalos e a libertação dos irmãos que me servem, os anéis de pedras, as joias e as roupagens de que fui espoliado, uma vez que já paguei a minha remissão.

— Quanto aos vossos irmãos, Sr. Prior — sorriu Locksley —, estão livres e seria mesmo injusto detê-los por mais tempo. Igualmente vos darei as mulas e os cavalos e dinheiro para o bolso suficiente para chegardes a Iorque. Já no que toca a anéis, jóias, cordões e todo o resto, compreendereis que, sendo nós pessoas de consciência, não podemos consentir coisas desse gênero nas mãos de tão venerável criatura como vós, que deve desdenhar dos bens terrenos para que, fortemente tentado por elas, não viesse a agir contrariamente às regras da sua fundação, usando tais valiosas peças e enfeites.

— Pensai bem no que fazeis, senhores — avisou o Prior —, metendo a mão naquilo que é patrimônio da Igreja. Tudo aquilo é inter res sacras e não sei bem o que sucederá se manuseado por mãos laicas.

— Tomarei eu conta delas — interveio o eremita de Copmanhurst —, usando-as ou envergando-as eu próprio.

— Amigo ou irmão — disse o Prior em resposta a esta solução para as suas incertezas —, se na realidade foste ordenado, recordo-te que tens de responder perante os teus superiores pela parte que hás jogado nos acontecimentos de hoje.

— Prior amigo — retorquiu o eremita —, ficareis a saber que pertença a uma diocese muito pequenina, pois sou eu o único diocesano, que liga tanto ao bispo de Iorque como ao prior de Jorvaulx e ao seu convento inteiro.

— Sois duma irregularidade sem limites — surpreendeu-se o Prior —, um desses desordeiros que se cobrem de santidade a que não têm o mínimo direito, profanam os ritos sagrados e fazem perigar as almas dos que os escutam, lapides pro pane condonantes iis, dando-lhes pedras em vez de pão, como reza a Vulgata.

— De modo algum — opinou o frade. — Como a minha cabeça, para se não rachar, não aguentou o latim, dir-te-ei simplesmente que livrar o mundo de padres vaidosos e das suas jóias e bugigangas é tão justo como foi o saque dos Egípcios.

— Não passas dum padrego das bouças(2) — rosou, furibundo, o Prior —, excommunicabovos.

— E tu não és senão um herético e um ladrão — contestou — o frade, indignado também. — Não vou engolir, perante os meus paroquianos, essa afronta que, sem vergonha, me expões, embora saibas teu reverendo irmão. Ossa ejus perfringam, como reza a Vulgata.

— Olá! — gritou o capitão. — Será que os reverendos irmãos já chegaram tão longe? Calma, frade! E vós, Prior, se estais na paz do Senhor, não provoqueis mais o frade... Eremita, deixa que o Prior siga. Já nos pagou o resgate... Consegui assim separar os irados padres, que seguiam vituperando-se em mau latim, que o Prior usava com mais fluência, mas a que o eremita respondia com mais veemência. O primeiro controlou-se o suficiente para perceber que comprometia a sua dignidade a discutir com um padre das bouças, capelão dum fora-da-lei, e, reunindo-se aos seus acólitos, preparou-se para partir com muito menos pompa e em condições muito mais apostólicas, naquilo ao mundo concernente, do que ostentara anteriormente a este encontro.

Faltava apenas que o Judeu desse uma garantia do pagamento que ia adiantar do seu resgate e do do abade. Passou-lhe uma ordem, devidamente selada com o seu sinete, dirigida a outro membro da sua tribo, em Iorque, onde pedia que fossem entregues ao portador mil coroas e a mercadoria especificada na nota.

— O meu irmão Sheva — gemeu o Judeu — tem as chaves dos meus armazéns.

— E do subterrâneo abobadado? — segredou-lhe Locksley. — Não! Não! Deus nos livre! — gaguejou Isaac. — Solta-se o Inferno se mais alguém conhecer esse segredo.

— Comigo está guardado — garantiu o fora-da-lei —, desde que o teu escrito resulte na verba combinada e citada. Que há agora, Isaac? Morreste? Embruteceste? Será que o pagamento de mil coroas te tirou a ideia do perigo que corre a tua filha? O Judeu recompôs-se.

— Não, Diccon, não. Parto imediatamente. Adeus, ó tu, a quem não posso chamar de bom, mas que não posso classificar de mau. Antes de o Judeu partir, o chefe ainda o advertiu: — Sê liberal nas tuas ofertas, Isaac, e não olhes à bolsa no caso da tua filha. Vai por mim. Todo o ouro que poupares na defesa da causa dela te dará tanta agonia no futuro como se to derramassem derretido pela gorja abaixo. Isaac, gemendo, concordou e partiu, ladeado por dois salteadores altos e espadaúdos, que o guiariam e defenderiam dentro da floresta. O Cavaleiro Negro, que seguira os acontecimentos com interesse, despediu-se nesse momento do bandido. Não ocultava o seu espanto perante atitudes tão civilizadas entre gente vivendo à margem da lei.

— As árvores abandonadas — disse o chefe — também dão frutos bons e os maus tempos não originam mal somente. Entre os que à lei têm de fugir, muitos há moderados e até os que lastimam, por assim dizer, o dedicarem-se àquilo a que se dedicam.

— Estando eu, creio — complementou o cavaleiro —, a falar neste preciso momento com um desses últimos.

— Sr. Cavaleiro — respondeu Locksley —, todos temos os nossos segredos. Podeis fazer de mim o juízo que quiserdes, assim como eu posso conjecturar acerca de vós, na certeza de que nem um nem outro acertará ao alvo. Deste modo, e como eu não tento desvendar o mistério que vos encobre, rogo-vos me deixeis conservar o meu.

— Peço-vos perdão — disse o cavaleiro —, é justa a repreensão. Pode ser que nos tornemos a encontrar, nessa ocasião menos disfarçados já. Entretanto, separamo-nos como amigos, não é?

— Aqui tendes a minha mão — adiantou Locksley. — É a dum autêntico inglês, ainda que, na altura, fora da lei.

— Eis a minha — respondeu o cavaleiro —, que com toda a honra apertará a tua, porque quem faz o bem quando usufrui do

poder sem limites para o mal praticar merece louvor não só pelo que de bom executa, mas também pelo que de mau não faz. Que tudo te corra bem. Separaram-se em perfeita amizade, partindo o Cavaleiro do Aloquete, montado no seu possante cavalo de batalha, pela floresta dentro.

1. Diz-se ter um comissário sido da mesma forma confortado por um comandante-chefe a quem se queixara dum oficial general que lhe fizera ameaças parecidas com as do texto.

2. É curioso verificar-se que em todos os extratos da sociedade existe uma espécie de consolação espiritual para os respectivos elementos, mesmo quando reunidos para propósitos diametralmente opostos aos da religião. Uma chusma de pedintes tem o seu Patrico, os bandidos dos Apeninos contam, no Seu meio, com pessoas agindo como padres e monges, que os confessam e que dizem missas. Indubitavelmente, essas reverendas criaturas, em tais sociedades, terão de adaptar os seus métodos e proceder dentro da moralidade da comunidade na qual vivem, obtendo, ocasionalmente, um grau de reverência devido aos seus supostos dons espirituais, sendo, no entanto, normalmente sujeitos a ridicularizações impiedosas por se revelarem de carácter consistente com aquele dos que os rodeiam.

São assim o padre lutador da antiga peça de Sir John Oldeastle e o famoso frade do bando de Robin dos Bosques. Tais personagens estavam longe de ser imaginários. Existe uma advertência do bispo de Durham contra os eclesiásticos irregulares associando-se aos ladrões da raia que profanavam os mais sacros ofícios das funções, celebrando ritos em favor de larápios, ladrões e assassinos dentro de cavernas, sem respeito pela forma canônica, vestidos de farra sujos e alterando ou reduzindo a liturgia própria.

Capítulo XXXIV

REI JOÃO: — Deixa-me dizer-te, amigo, Que ele é qual serpente no caminho Onde quer que seja que pouse o pé, Lá está ele à frente. Percebes?

Rei João

Havia festa rija no castelo de Iorque, para a qual o príncipe João convidara aquela nobreza, clero e dirigentes cujo auxílio pretendia para poder usurpar o trono ao irmão. Waldemar Fitzurse, sem hábil conselheiro político, tinha andado a trabalhá-los à socapa, temperando-os com a necessária pitada de coragem para que às abertas se decidissem declarar pelo seu lado. A tarefa, no entanto, atrasava-se dada a ausência de vários elementos importantes da conspiração. A tenaz e audaciosa, se bem que brutal, coragem de Front-de-Boeuf, o espírito animado e atrevido de De Bracy, a sagacidade e experiência marcial de Brian de Bois— Guilbert, constituíam fatores importantes no projeto.

Assim, e ainda que intimamente praguejassem contra o fato de não terem aparecido até à altura, nem João nem o seu conselheiro se atreveriam a prosseguir sem eles. Isaac, o Judeu, parecia ter também desaparecido, e com ele a esperança de receberem determinadas quantias representativas do subsídio que o Príncipe contratara com aquele e outros israelitas. Esta deficiência podia revelar-se perigosa numa emergência tão crítica.

Foi na manhã seguinte à queda de Torquilstone que na cidade de Iorque principiou a correr um confuso boato, segundo o qual De Bracy, Bois-Guilbert e o seu aliado Front-de-Boeuf teriam sido aprisionados ou mortos. Waldemar transmitiu o rumor ao príncipe João, acrescentando temer fosse verdadeiro, pois soubera que tinham partido com um pequeno grupo para armarem uma cilada a Cedric, o Saxão, e aos seus. Noutra altura, o príncipe João teria visto esse ato de violência como uma piada, mas agora, que interferia com os seus planos, bradou contra os seus perpetradores, falou de leis contrariadas, de infração da ordem pública e perturbação de propriedade privada duma forma que melhor ficaria ao rei Alfredo.

— Rapinantes sem princípios! — exclamou. — Se alguma vez for monarca em Inglaterra, enforcá-los-ei, esse gênero de transgressores, no alto das pontes levadiças dos próprios castelos.

— Todavia, para que venha a ser o monarca de Inglaterra — comentou o seu conselheiro com frieza -, será não só necessário que Vossa Graça ature as transgressões desses rapinantes sem princípios, mas ainda que os defenda. Isto não obstante o vosso louvável zelo pela lei que eles se habituaram a ignorar. Estaríamos bem arranjados se os rurais dos saxões percebessem as ideias de Vossa Graça em transformar as pontes levadiças feudais em forcas. Aquele atrevido do Cedric parece ser um dos que aceitariam tal possibilidade. Como Vossa Graça sabe, será perigoso mexermos sem Front-de— Boeuf, Bracy e o Templário. Aliás, já fomos longe de mais para recuarmos em segurança.

O Príncipe bateu com a mão na testa, impacientemente, começando a percorrer o apartamento.

— Vilões — disse -, traiçoeiros e baixos vilões! Abandonem-me neste momento!

— Talvez, mais, loucos de cabeça vazia — acalmou-o Waldemar -, que andam na folia quando há coisas tão importantes a fazer.

— Que se faz? — perguntou o príncipe João, parando em frente de Waldemar.

— Não sei que mais possa ser feito — respondeu o conselheiro do que aquilo que já ordenei. Não vim para aqui lamuriar uma ocorrência sem ter tomado medidas para a remediar.

— Continuas a ser o meu anjo-da-guarda, Waldemar — sorriu o Príncipe. — com um chanceler como tu, o reino de João terá renome em todos os anais... Que mandaste fazer?

— Ordenei a Louis Winkelbrand, tenente de De Bracy, que, com a sua gente, montasse a cavalo e marchasse com bandeiras desfraldadas para o castelo de Front-de— Boeuf, a fim de o ajudar no que fosse preciso.

O rosto de João ensombrou-se como o de um menino amimado que se julga ofendido.

— Por Deus! — exclamou. — Que ousaste, tu, Waldemar Fitzurse? Que ousadia foi esta? Mandares reunir tropas, erguer bandeiras, dentro duma cidade onde nos encontramos e sem ordens nossas?

— Mil perdões, Senhor — disse Fitzurse, resmungando no íntimo contra a vaidade do amo -, mas o tempo urge e até a perda de alguns minutos pode ser fatal. julguei correto arcar eu próprio com essa questão de tanta importância para Vossa Graça.

— Estás perdoado, Fitzurse — concedeu o Príncipe muito sério. Os fins justificam a tua impensada atitude... Mas, quem vem aí? De Bracy em pessoa! Pela Cruz! Como seapresenta perante nós! Tratava-se, realmente, de De Bracy... ensanguentado, afogado pela pressa. A armadura ostentava todos os sinais de refrega recente, partida, deformada, coberta de sangue em muitos pontos. A terra e o pó quase cobriam o resto, da peneira às esporas. Libertando-se do casco, pousou-o numa mesa e, por momentos, ficou calado como a preparar-se para transmitir novas.

— De Bracy! — berrou o Príncipe. — Que significa isto? Fala! Ordeno-to! Os saxões revoltaram-se?

— Falai, De Bracy — pediu Fitzurse, quase ao mesmo tempo. --Sempre fostes homem a valer, onde para o Templário? E Front-de-Boeuf?

— O Templário fugiu e Front-de-Boeuf nunca mais o vereis. Um golpe de graça, rubro, desferido entre as labaredas que consumiam o seu castelo, acabou com ele. Apenas eu escapei para vos relatar o acontecido.

— Um banho de água fria — disse Waldemar -, embora nos fales de fogo e conflagrações.

— E ainda não vos disse o pior — continuou De Bracy, que, abeirando-se do príncipe João, lhe falou baixo e enfaticamente: — Ricardo está em Inglaterra... Vi-o. Falei com ele. João empalideceu, cambaleou e teve de se segurar às costas duma cadeira para se aguentar. Parecia alguém a quem uma flecha atravessara o peito.

— Deliras, De Bracy — titubeou Fitzurse. — Não pode ser!

— É pura verdade — garantiu De Bracy -, aprisionou-me e falei com ele.

— Com Ricardo Plantageneta, dizes tu,? — insistiu Fitzurse. — Sim. com Ricardo Plantageneta, com Ricardo Coração de Leão, com Ricardo de Inglaterra.

— E foste aprisionado por ele? — continuou Fitzurse. — Vem então à frente de forças?

— Não, somente alguns fora-da-lei o rodeavam, e esses mesmos não sabiam quem ele era. Escutei-o a dizer que tinha de seguir. Somente se lhes juntara para assaltar Torquilstone.

— Ai de nós! — gemeu Fitzurse. — isso é mesmo típico de Ricardo, um autêntico cavaleiro andante, que erra em busca de aventuras, confiando no seu possante braço, como um segundo Sir Guy ou Sir Brevis, enquanto os negócios do governo do reino continuam parados e a sua própria segurança periclita. Que nos propões que façamos, De Bracy?

— Eu? Eu ofereci a Ricardo os serviços dos mercenários, o que ele recusou. vou levá-los até Hull, arranjo espaço em barcos e partimos para a Flandres. Graças a estes tempos efervescentes, há sempre emprego para pessoas de iniciativa. E tu, Waldemar, porque não pegas na tua lança e no teu escudo, pondo de parte a política. e vens partilhar comigo a sorte que Deus nos destina?

— Já estou velho, Maurice, e tenho uma filha — respondeu o interpelado.

— Concede-me a sua mão, que, à custa da minha lança e do meu cavalo, lhe garantirei um futuro condicente com a sua posição — propôs De Bracy.

— De modo algum — disse Fitzurse -, pedirei santuário na igreja de São Pedro. O arcebispo é como se fosse meu irmão. No decorrer desta conversa, o príncipe João foi acordando do estado de estupor em que caíra devido à inesperada notícia e começando a prestar atenção ao que diziam os seus seguidores. "Afastam-se de mim", pensou. "Estão menos presos a mim do que as últimas folhas de Outono ao galho, que a primeira brisa soltará. Diabos os levem! Como conseguirei eu meios para me safar quando estes malandros me deixarem?" Parou e foi com uma expressão diabólica de riso reprimido que quebrou aquela troca de palavras: — Ah! Ah! Ah! Meus caros senhores! Pela frente de Nossa Senhora, tínhamo-vos por inteligentes, audazes e de raciocínio pronto. No entanto, desprezais todas as riquezas, honrarias e prazeres que vos foram prometidos exatamente no momento em que apenas uma jogada de arrojado se impõe.

— Não vos compreendo — disse De Bracy. — Logo que se espalhe a notícia do regresso de Ricardo, formar-se-á um exército atrás dele e tudo terá acabado para nós. Aconselho-vos, Senhor, a correr para França, ou a pedir proteção à Rainha-Mãe.

— Não procuramos proteção para nós — exclamou o Príncipe com altivez — que não aquela que conseguiremos falando com o nosso irmão. Mas, quanto a vós, De Bracy e Waldemar, embora Muito me custe, já vejo as vossas cabeças a apodrecerem na porta de Clifford, além. Estarás, tu, Waldemar, convencido de que o arcebispo não deixará levarem-te mesmo de ao pé do altar se vir que, dessa maneira, o rei lhe perdoará? E esqueces-te, De Bracy, que Robert Estoteville se encontra entre onde estás e Hull, com todas as suas forças, e que o conde de Essex reúne já os seus apoiantes? Se já tínhamos motivos para temer estas levadas anteriormente ao regresso de Ricardo, agora terás tu alguma dúvida quanto ao lado que os seus comandantes apoiarão? Repara que só Robert de Estoteville tem poder bastante para atirar com os mercenários todos para dentro do Humber. — Waldemar Fitzurse e De Bracy fitaram-se, estupefatos e temerosos. — Há somente um caminho para a segurança — continuou o Príncipe, cuja frente se obscurecera -, essa criatura que nos aterroriza viaja sozinha. Há que ir ao seu encontro.

— Não contem comigo — avisou De Bracy. — Aprisionou-me e concedeu-me mercê. Não tocarei numa pluma da sua peneira.

— Quem falou em lhe fazer mal? — riu, com dureza, o Príncipe.

— Amaldiçoarei quem sequer insinuar que eu o queria abater! Não... Uma prisão é preferível, seja ela na Grã-Bretanha ou na Áustria, não importa. Tudo ficará como quando iniciamos a nossa empresa, que se baseava no fato de Ricardo ficar para sempre cativo na Alemanha. o nosso tio Roberto viveu até morrer no Castelo de Cardife.

— Sim — concedeu Waldemar -, mas o vosso pai, Henrique, sentia-se mais firme no seu posto do que Vossa Graça pode sentir-se. Continuo dizendo que não existe melhor prisão do que aquela que os sacristãos fazem... Não há calabouço comparável com a cripta duma igreja. Nada mais tenho a dizer.

— Prisão ou caixão — disse De Bracy -, lavo daí as mãos.

— Vilão! — chamou-lhe o Príncipe. — E revelas o nosso plano?

— Nunca o fiz — ofendeu-se De Bracy -, nem o nome de vilão me pode assentar!

— Calma, Sr. Cavaleiro — pediu Waldemar. — Vós, meu Senhor, desculpai os escrúpulos do bravo De Bracy, pois julgo poder afastá-los.

— Tal ultrapassará a vossa eloquência, Fitzurse — disse o cavaleiro.

— Bem, Sir Maurice — prosseguiu o manhoso político -, não fujais para o lado como um corcel em pavor sem, ao menos, apreciar melhor a razão do vosso temor. Esse mesmo Ricardo desejáveis vós, uns dias faz, encontrar pela frente nas linhas de batalha. Era o mais forte dos vossos sonhos. Ouvi-vos dizê-lo centos de vezes.

— Sim — concordou De Bracy -, mas, nas condições que indicas, frente a frente no campo de batalha! Nunca me escutaste afirmar desejar assaltá-lo só e numa floresta.

— Se pensas assim, não és grande cavaleiro — seguiu Fitzurse.

— Teria sido numa batalha que Lancelot de Lac e Sir Tristan fama alcançaram? Ou teria sido num recontro de gigantes à sombra duma cerrada e desconhecida mata?

— Seja como for — respondeu De Bracy -, nem Tristan, nem Lancelot, seriam homens para um Ricardo Plantageneta, e também me parece que nunca colocariam um guerreiro isolado em inferioridade numérica.

— Serás louco, De Bracy? Que tem de extraordinário propormos-te, a ti, um comandante de mercenários, que te contrates e affiances ao serviço do príncipe João? Foste preso pelo nosso inimigo e em vista disso apareces com problemas, embora as fortunas do nosso patrono, dos teus camaradas e a tua própria perigüem tanto como a honra e as vidas de todos nós?

— Repito-te — teimou De Bracy. — Ele concedeu-me a graça de poder continuar vivo. É certo que me afastou da sua presença, recusando-se a deixar-me prestar-lhe homenagem, pelo que não lhe devo nem favor, nem apoio. Simplesmente, nada farei contra ele.

— Não precisas. Basta que ordenes a Louis Winkelbrand que, com um grupo de lanças, parta ao seu encontro.

— Tendes rufiões bastantes para esse trabalho — disse De Bracy. — Nenhum dos meus fará parte dum projeto desses.

— Serás assim tão teimoso — perguntou o príncipe João -, que me abandones depois de tantos protestos de lealdade me terdes feito escutar?

Não é exatamente desse modo — retorquiu De Bracy. — Ficarei a vosso lado tal como compete a um cavaleiro, seja nas liças, seja em combate. Como salteador, jamais! Não está incluído nos meus votos.

— Vem daí, Waldemar — disse o príncipe João, — Sou um príncipe infeliz. Meu pai, o rei Henrique, tinha fiéis servidores. Bastou-lhe dizer que um padre sedicioso o importunava para, de imediato, o sangue de Thomas-a— Beckett, santo que fosse, já tingir os degraus do próprio altar. Tracy, Morville, Brito(1), fiéis e bravos súbditos, já não há espíritos iguais aos vossos, ainda que Fitzurse tivesse deixado um filho que não herdou a sua coragem e dedicação!

— Não lhe faltam nem uma nem a outra — interpôs Waldemar Fitzurse -, e, como não existe outra forma, o melhor será eu encabeçar tão perigosa tarefa. Por muito cara que tivesse ficado a lealdade de meu pai, nada foi comparado com o que tenciono fazer. Mais valera ter de me haver com todos os santos do calendário do que com o Coração de Leão. De Bracy, a ti encarrego-te de velares pela pessoa do Príncipe e manteres os ânimos ao alto. Se vieses a receber o tipo de notícias que espero poder mandar, o nosso projeto não será mais duvidoso... Pajem — comandou -, acorre à minha residência, diz ao meu armeiro Thoresby para se pôr a postos e ordena a Stephen Wetheral, Broal Thoresby e aos três lanças de Spjnghow que venham imediatamente ter comigo. Que o batedor-Mor, Hugh Bardon, os acompanhe igualmente. Adeus, meu príncipe, até melhores dias. — Saiu da sala.

— Vai aprisionar o meu irmão — observou o príncipe João com tanta indiferença como se se tratasse dum banal saxão. — Conto que cumpra as minhas ordens e trate o meu caro Ricardo com todo O respeito. De Bracy limitou-se a sorrir.

— Pela luz da frente de Nossa Senhora — insistiu o Príncipe -, as nossas ordens foram bem claras, embora talvez as não tenhas escutado, pois encontrávamo-nos na sacada. Fui preciso e positivo no respeitante à segurança de Ricardo, e ai de Waldemar se transgredir!

— O melhor será eu passar pela residência dele e recordar-lhe as instruções de Vossa Graça, pois, tal como não chegaram aos meus ouvidos, podem não ter alcançado os dele também.

— Deixa, deixa — impacientou-se o príncipe João. — Estou certo de que me escutou e tenho outras coisas com que te encarregar. Aproxima-te, Maurice, deixa-me apoiar no teu ombro. Saíram da sala nesta atitude de familiaridade, dizendo o príncipe João com um ar da mais íntima confiança: — Que pensas de Waldemar Fitzurse, caríssimo De Bracy? Conta vir a ser o meu chanceler. Temos de ponderar, antes de confiar tão elevada posição a alguém demonstrando tão pouca consideração pelo nosso sangue nesta sua ideia de se precipitar contra Ricardo. És capaz de julgar teres caído na minha opinião por tão audaciosamente teres recusado tão repelente tarefa. Pelo contrário, Maurice, honrar-te-ei pela tua virtuosa constância. Há coisas precisas de executar sem que tenhamos de amar ou honrar o seu executante. Poderemos também receber recusas para nos servirem que exaltam a nossa estima pelos que nos negam pedidos. A prisão do nosso desafortunado irmão não constitui uma referência conveniente para o importante lugar de chanceler, mas a tua cavalheiresca e corajosa recusa concede-te o

bastão do marechal-mor. Pensando nisto, começa a agir dentro da tua nova posição.

— Tirano inconstante! — murmurou De Bracy, deixando a presença do Príncipe. — A má sorte cai sobre quem nele confia. Teu chanceler! Quem zelava pela tua consciência não terá problemas em sê-lo. Quanto a ser-se marechal— mor de Inglaterra — bradou, estendendo os braços como para empunhar o bastão do marechalato e adotando um ar mais importante -, isso, sim, isso é de grande valor. Mal De Bracy saíra e já o Príncipe exigia os serviços dum valete.

— Queremos que Hugh Bardon, nosso batedor-Mor, se nos apresente logo que tenha falado com Waldemar Fitzurse. Pouco depois, o batedor-Mor apresentava-se a João, que nervosamente media o compartimento.

— Bardon — indagou -, que desejava Waldemar de ti?

— Dois homens resolutos, conhecedores destas matas bravias do Norte, e peritos em seguir rastos de homens e cavalos.

— Arranjaste-lhos?

— Que Vossa Graça sempre confie em mim — respondeu o espião-chefe. — Um deles é de Hexamshire, habituado a perseguir os ladrões de Tynedale e Tewotdale como um sabujo fareja uma pista ou um gamo ferido, O outro é nado e criado no Yorkshire e fez ouvir muitas vezes a sua corda de arcos na feliz Sherwood. Conhece toda a floresta, bosques e clareiras, desde aqui até Richmond. — Está bem — anuiu o Príncipe com a cabeça. — Waldemar foi com eles?

— Imediatamente.

— Acompanhado por quem? — perguntou João descontraidamente.

— Broad Thoresby vai com ele e ainda Wetheral, aquele a que chamam o Coração de Aço, pela sua dureza e crueza, e mais três homens de armas do Norte que já pertenceram ao bando de Ralph Middleton. Denominam-se as Lanças de Spyinghow.

— Está bem — repetiu o Príncipe, que, depois duma pequena paragem, acrescentou: — Bardon, é de importância para o nosso serviço que Maurice de Bracy fique sob observação constante. Sem que ele o note, contudo. Deveremos ser informados de tudo quanto fizer, com quem conversa, o que propõe. Não falhes nesta responsabilidade. Hugh, baixando a cabeça, retirou-se.

— Se Maurice me traiu — disse o Príncipe -, e o seu comportamento leva-me a crer que sim, arranco-lhe a cabeça, nem mesmo que Ricardo esteja a assaltar as portas de Iorque.

1. Reginald Fitzurse, William de Tracy, Hugh de Morville e Richard Brito eram fidalgos da corte de Henrique II, que, instigados pelo soberano, abateriam o celebrado Thomas-a-Beckett.

Capítulo XXXV

Assanhar o tigre dos desertos hircanianos, Açular o esfaimado leão contra a presa, São perigos menores que atizar as brasas Do fanatismo incontrolado.

Anônimo

A nossa história leva-nos de novo até Isaac de Iorque. Montando uma mula oferecida pelo chefe fora-da-lei, escoltado por dois salteadores que lhe serviam de guias e guardas, o Judeu dirigia-se para a Preceptoria de Templestowe para negociar a libertação de sua filha. A Preceptoria não estava a mais de um dia de caminho do arrasado castelo de Torquilstone, esperando o Judeu lá chegar antes do cair da noite.

Despediu-se dos seus acompanhantes no extremo da floresta, recompensando cada um com uma peça de prata, e apressou-se tanto quanto conseguia. As forças faltaram-lhe, porém, e de forma completa, quando se encontrava a quatro milhas de Temple-Court. As costas e os membros doíam-lhe horrivelmente e a ansiedade que o invadia agora, acrescida pelos maus tratos físicos, tornavam-no incapaz de ir além duma pequena vila de feira, onde vivia um rabi, sabido na profissão médica e que conhecia Isaac perfeitamente. Nathan ben Israel acolheu o seu compatriota com toda a gentileza que a sua lei lhes recomendava e que os judeus sempre praticam uns para com os outros. Insistiu para que repousasse, deu-lhe medicamentos apropriados contra a febre que o terror, maus tratos e dor tinham acarretado ao pobre e velho judeu.

No dia seguinte, quando Isaac se dispunha a levantar-se e continuar caminho, Nathan objectou contra tal ideia, como anfitrião e físico. Poderia custar-lhe a vida, argumentou. Isaac, contudo, contestou, explicando-lhe tratar-se duma questão de vida ou de morte ir, nessa manhã, a Templestowe.

— A Templestowe! — espantou-se o anfitrião, que logo lhe tomou o pulso e resmungou: — A febre passou, mas parece-me alterado e perturbado.

— E porque não ir a Templestowe? — perguntou o paciente.

— É um ponto de reunião daqueles para quem o Povo Eleito é um empecilho e uma abominação. Sabes, igualmente, que, nas nossas transações, somos levados a contactar esses nazarenos de sangue sedentos e que visitamos as preceptorias do Templo, bem como as comendas dos Cavaleiros Hospitalários, como lhes chamam(1).

— Sei-o perfeitamente — assentiu Nathan -, mas saberás tu que Lucas de Beaumanoir, o chefe da ordem deles e a quem se referem como o Grão-Mestre, está, em pessoa, em Templestowe?

— Ignorava-o — reconheceu Isaac -, pois as últimas cartas dos nossos irmãos de Paris davam-no como encontrando— se ali a rogar a ajuda de Filipe contra o sultão Saladino.

— Veio, entretanto, para Inglaterra, sem que os seus irmãos o esperassem — informou Ben Israel -, e surgindo entre eles como um castigador para punir e corrigir. O seu rosto está contorcido de ira contra os que têm quebrado os votos e o medo grassa entre aqueles rebentos de Belial. Conhece-lo de nome?

— Perfeitamente — disse Isaac. — Os gentios veem Lucas Beaumanoir como um perfeito executor de todas as leis dos nazarenos. Os nossos irmãos veem-no como um fero destruidor dos sarracenos e um opressor do Povo Eleito.

— E com toda a razão o fazem — disse Nathan, o físico. — Os demais templários podem ser arredados dos seus intentos pelo prazer ou subornados com ouro e prata. Beaumanoir é de casta diferente. Abomina a sensualidade, odeia tesouros e procura aquilo que veem como a coroa do martírio. Que o Deus de Jacó o chame, e depressa, à sua presença! A ele e a todos os outros. Sobretudo porque este homem já se atira aos filhos de Judá qual David sobre Edom, considerando o assassinato de judeus tão meritório como a matança de sarracenos. Muita coisa ímpia e falsa tem ele proferido a propósito dos nossos remédios, como se de artifícios de Satanás se tratassem. Que o Senhor o castigue!

— Apesar de tudo — informou Isaac -, tenho de me apresentar em Templestowe, mesmo que o rosto dele fique mais rubro de fúria do que uma fornalha.

Explicou a seguir a Nathan as razões prementes da sua viagem. O rabi escutou-o com todo o interesse, demonstrando-lhe toda a simpatia, de acordo com os modos do seu povo, ou seja, rasgando as roupas e exclamando: — Ah! Filha minha! Pobre beleza de Sião! Ai do cativo de Israel!

— Percebes — disse Isaac — como me sinto e porque não Posso atrasar-me. Quiçá a presença do tal Lucas Beaumanoir, a pessoa que neles manda, possa afastar Brian de Bois-Guilbert do mal que congemma e me venha a entregar a minha querida filha Rebeca.

— Vai — acedeu Nathan ben Israel -, e usa de sabedoria, pois foi a sabedoria que salvou Daniel do covil dos leões para onde tivera sido lançado. Podem as coisas correr-te como desejas. Se puderes, evita a presença do Grão— Mestre, porque o Demônio troça de nós desde manhã até à tarde. Pode acontecer, se conversares com Bois-Guilbert em privado, que consigas

levar a tua a melhor. Diz-se que os malditos nazarenos estão em desacordo dentro da Preceptoria. Que as suas reuniões não resultem e os cubram de vergonha! Regressa para esta casa, como se fosse o teu lar paterno, mas manda-me novidades à tua frente. Espero fervorosamente que tragas Rebeca contigo, essa sábia aluna da sábia Miriam, cujas curas o gentio atribui a necromancia.

Isaac despediu-se do amigo e, uma hora passada, já estava na Preceptoria de Templestowe. Esta situava-se entre prados e pastagens, doados à Ordem pela devoção dum antigo preceptor.

Era robusta e bem fortificada, pormenor que os Templários jamais esqueciam e que a caótica situação de Inglaterra fazia recomendar. Dois alabardeiros, de negro vestidos, guardavam a ponte levadiça. deslizando para lá e para cá, ao longo da muralha, em passo cadenciado e lento, parecendo mais espectros do que sentinelas. Os componentes inferiores da Ordem vestiam-se desse modo, desde que o emprego de roupagens brancas, semelhantes às dos cavaleiros e graduados, originara uma grande confusão nas montanhas da Palestina, cobrindo a ordem de vergonha.

Volta e meia via-se um cavaleiro a atravessar o pátio, com a sua longa capa, cabeça caída sobre o peito e braços cruzados. Se passavam por outro, saudavam -se com um lento e solene cumprimento, seguindo a regra da ordem recomendando-lhes, baseada nos textos sagrados, "Evitaras o pecado usando poucas palavras" e "A vida e a morte estão à mercê da língua". Resumindo, o rigor ascético e rígido da disciplina do Templo, que há muito fora olvidado em favor duma pródiga indulgência licenciosa, parecia, subitamente, ter renascido em Templestowe, sob o olhar severo de Lucas Beaumanoir.

Isaac estacou ao portão para estudar qual seria a maneira de pedir ingresso que melhor resultasse em seu favor, pois estava totalmente consciente de que o reviver do fanatismo da Ordem não era menos perigoso para os da sua raça do que o desordenado descalabro anterior. A sua religião fazê-los-ia perigar, agora, exatamente como a sua riqueza os expusera a pressões na situação passada.

Lucas Beaumanoir passeava num jardimzinho, pertencente à Preceptoria e abrangido pelo cercado das fortificações exteriores, conversando confidencialmente com um irmão que viera consigo da Palestina. O Grão-Mestre era pessoa de idade já avançada, como o demonstrava a sua longa barba grisalha e as espessas sobrancelhas que cresciam sobre um par de olhos aos quais o tempo não extinguiu o fulgor. Era um formidável guerreiro, cujas finas feições conservavam ainda a ferocidade de expressão marcial, embora amaciadas pela abstinência e orgulho espiritual que, por gosto, aquele asceta intolerante lhes impunha.

Apesar de tudo, havia nestes duros traços fisionômicos algo chocante de nobreza, certamente devido ao fato de o seu elevado cargo o levar a frequentemente contatar com monarcas e príncipes e também do hábito do exercício e autoridade máxima sobre bravos e bem-nascidos cavaleiros que a ordem num todo juntava. Era alto e o seu porte não afetado nem pela idade, nem pelo trabalho, era majestoso e impressionante. O seu manto simples de burel branco, segundo o modelo de São Bernardo, ajustava-se— lhe ao corpo e ostentava no ombro a cruz octogonal de pano vermelho própria da Ordem. Não usava nem veiros, nem arminhos, mas, como sinal de respeito para com os seus muitos anos, fora-lhe, de acordo com as regras, permitido debruar o manto com finíssimo velo de anho, que, substituindo as peles e tendo a lã para o lado de fora, constituiria o único sinal de luxo.

Trazia numa mão o curioso abacus, ou báculo, com o qual os Templários são vulgarmente reproduzidos, na ponta do qual havia uma placa redonda com uma cruz da ordem, dentro dum círculo, ou orla, como se diz em heráldica, lá gravada. O companheiro deste importante personagem vestia quase igual ao seu superior, mas as suas Constantes mostras de deferência para com ele revelavam que a igualdade a isso se limitava somente. O preceptor, pois era essa a sua categoria, caminhava a par do Grão-Mestre, mas um pouco atrás, embora não tanto que Beaumanoir fosse forçado a voltar a cabeça enquanto com ele falava.

— Conrade — dizia o Grão-Mestre -, caro companheiro das minhas batalhas e tormentos, só à tua fiel pessoa Posso confidenciar as minhas preocupações. Só a ti me é permitido dizer quantas vezes, desde que vim para este reino, pedi para partir para junto dos Justos. Nada em Inglaterra agradou à minha vista, salvo os túmulos dos nossos irmãos sob o salão maciço da nossa igreja do Templo, naquela altiva capital. "Oh, valente Robert de Ros! ", exclamei interiormente, quando olhava para aqueles bravos soldados da Cruz esculpidos nos seus jazigos! "Oh, valoroso William de Marechal, abre a tua marmórea cela e deixa repousar junto de ti o teu exausto irmão, que preferiria haver-se com cem mil pagãos do que testemunhar a decadência da nossa sacra ordem! "

— Verdadeiro — respondeu Conrade de Mont-Fitchet -, inteiramente verdadeiro. As faltas dos nossos irmãos em Inglaterra ainda são maiores do que as dos de França.

— Porque são mais ricos — concluiu o Grão-Mestre. — Perdoa-me se for um nada vaidoso. Sabes o que tem sido a minha vida de luta contra Demônios encarnados e desencarnados, abatendo leões que, rugindo, buscam presas para devorar como um generoso cavaleiro e devoto padre, igual a nenhum que tenhas encontrado, agindo como o bendito São Bernardo nos recomenda no quadragésimo quinto capítulo da nossa ordem: Ut Leo semple feriat(2)

Mas, pelo Templo sagrado! O zelo com que me empenhei de corpo e alma tem-me devorado a substância e a vida, os nervos, as entranhas até ao tutano. Por esse mesmo sacro Templo te juro que, fora alguns antigos que ainda acatam a severidade da Ordem, não vejo nenhum irmão digno desse nome. Que rezam os nossos estatutos e como os cumprem os nossos irmãos? Não devem envergar qualquer peça fútil e mundana, não ter topete no elmo e ouro nos estribos e nas rédeas. Mas quem se arreja mais altiva e galhardamente do que os pobres soldados do Templo? Pelos estatutos é-lhes proibida a falcoaria, a caça com arco ou arcobalista, troar a trompa de caça ou esporear cavalos atrás de presas. Mas, agora, na caça e na altanaria, em todos os desportos da mata e das águas, quem mais pronto a praticá-los está do que os Templários? Não lhes é permitido ler senão o que os superiores lhes autorizam, ou escutar o que é lido, salvo aqueles textos sagrados que podem ser recitados a certas horas, ou às refeições. No entanto, os seus ouvidos abrem-se às palavras ocas de menestréis e os seus olhos percorrem, ávidos, rimações sem sentido. Foi-lhes comandado extirpar magias e heresias. Mas não! Estudam os segredos cabalísticos dos judeus e a mágica dos sarracenos de Painim. É-lhes prescrita a frugalidade, à base de raízes, caldos, sopas de aveia, carne somente três vezes por semana, pois o costume de ser comer carne corrompe o corpo. Vejam-se as suas mesas. Ajuizadas de delicadas iguarias. A sua bebida seria a água. Hoje, "beber-se como um templário" é sinal de se beber do bom e do melhor! Este mesmo jardim, pejado de ervas e árvores estranhas, vindas do levante, seria mais apropriado para o harém dum emir descrente do que para monges cristãos cujas hortas se deveriam limitar às ervas de vaso vulgares, E, oh Conrade! Se as quebras de disciplina se ficassem por aqui! Sabe,, perfeitamente que nos é vedado receber, agora, aquelas devotas irmãs que, no começo, se nos associaram como membros da ordem, porque, segundo o capítulo quadragésimo sexto, o Inimigo Imundo, servindo-se das companhias femininas, afastou muitos de nós do caminho para o Paraíso. O último capítulo, por assim dizer a pedra-base sobre a qual o nosso abençoado fundador ergueu a nossa imaculada doutrina, proíbe-nos de, mesmo às nossas mães e irmãs, oferecer o ósculo da afeição, ut omnium mulierum fugiantur oscula. Tenho pejo de falar, envergonha-me pensá-lo, mas a corrupção cresceu a tal ponto que mais parece, nestes tempos, um alude. As almas dos nossos puríssimos fundadores, os espíritos de Hugh de Payen, Godfrey de Saint Omer e os abençoados Sete que, primeiramente, se alistaram, pondo as suas vidas ao serviço da ordem, perturbam-se, certamente, lá no Paraíso a que ascenderam. Em visões noturnas, Conrade, aparecem-me os seus santos olhos marejados de lágrimas vertidas pelos pecados e loucuras dos nossos irmãos e pela suja e pecaminosa luxúria em que chafurdam. Beaumanoir, dizem-me, desperta! O tecido do Templo está manchado, coberto de muitas e entranhadas nódoas, semelhantes às marcas da lepra nas paredes das casas impuras de antigamente(3).

— Os soldados da Cruz, que deviam evitar olhares femininos como se de dragões fossem, vivem em pecado ostensivo não apenas com as mulheres da sua própria raça, mas também com as amaldiçoadas pagãs e as ainda mais amaldiçoadas judias. Beaumanoir, tu dormes! Levanta-te e faz vingar a nossa causa! Abate os pecadores! Homens e mulheres! Toma o tição de Fineias!... A visão desvaneceu-se, Conrade, mas, quando despertei ainda lhes escutei o ranger das armaduras e o adejar dos mantos. Procederei de acordo com as suas palavras. Purificarei o Templo. As pedras que o sujam serão arrancadas e deitadas fora.

— Pensai, reverendo pai — disse Mont-Fitchet -, que a mancha já se incrustou devido ao tempo e aos costumes. Que a vossa reforma seja tão cauta, como justa e sábia o é.

— Não, Mont-Fitchet — retorquiu o ríspido velho -, terá de ser acerada e célere, A Ordem atravessa a crise da sua existência. A sobriedade, abnegação e piedade dos nossos antecessores criaram-nos amigos poderosos... a nossa presunção, riqueza e luxo fizeram-nos potentes inimigos. Temos de nos libertar de tesouros que até aos príncipes tentam... temos de acabar com a presunção que é uma verdadeira ofensa... temos de reformar as maneiras que escandalizam o mundo cristão! Ou... nota as minhas palavras... a Ordem do Templo se demolirá... e o seu lugar será esquecido pelas nações.

— Que o Senhor nos proteja duma calamidade dessas! — disse o Preceptor.

— Amém! — entoou solenemente o Grão-Mestre.

— Mas bem, precisamos da Sua ajuda. Garanto-te, Conrate, que nem as forças do Céu, nem as forças da Terra, podem aguentar a maldade desta geração. Sei que os fundamentos da nossa organização já estão minados, pelo que cada pedra que lhes acresçamos só vem aumentar a importância da queda para o abismo. Temos de voltar atrás, tornando-nos outra vez nos Campeões da Cruz, sacrificando, na nossa vocação, não só sangue e vida, mas os nossos desejos e vícios e ainda o descanso, o conforto das nossas afeições naturais, e atuarmos na convicção de que muitos dos prazeres, legítimos para outros, são proibidos, por voto, aos Templários.

Neste momento, um escudeiro, cujas roupas eram puidíssimas (já que os aspirantes a esta sacra ordem vestiam, durante o noviciado, as roupas que os cavaleiros deitavam fora), atravessou o jardim e, baixando a cabeça numa mesura, aguardou que o Grão— Mestre lhe autorizasse transmitir o recado que trazia.

— Não é muito mais bonito — observou o Grão-Mestre – ver Damian dentro de roupas cheias de humildade cristã,

silêncio reverente perante o seu superior, do que, como andava dois dias atrás, com um gibão, pintado, bamboleando-se como um atrevido, na sua vaidade de peralvilho? Fala, Damian. Permitimo-lo-te. Que há?

— Está um judeu ao portão, nobre e reverendo pai — respondeu o escudeiro -, pedindo permissão para falar com o Irmão Brian de Bois-Guilbert.

— Fizeste bem em no-lo transmitir — aprovou o Grão-Mestre. Na nossa presença um preceptor não passa dum vulgar elemento da nossa ordem, que não se pode mexer sem nossa autorização... mesmo quando, conforme os textos "ouvindo-me, obedeceu-me"... Importa especialmente saber como está procedendo esse Bois-Guilbert — acrescentou, voltado para o companheiro.

— Os relatórios dizem-nos ousado e valente — informou Conrade.

— E com toda a veracidade — acrescentou o Grão-Mestre -, pois apenas em valor não degenerámos dos nossos predecessores, os heróis da Cruz. O Irmão Brian, todavia, acolheu-se à nossa ordem taciturno, desapontado, uma pessoa levada a aceitar os votos e a renunciar ao mundo não por sinceridade, mas mais como alguém que o faz para se penitenciar. Desde então tornou-se num activo e intenso agitador, num boateiro, num maquinador-chefe junto dos que impugnam a nossa autoridade. Não se lembra de que a regra é dada ao Mestre, juntamente com o bastão e a vara, o bastão para auxiliar os fracos, a vara para punir as faltas dos delinquentes... Damian — ordenou -, traz o judeu à nossa presença, O escudeiro cumprimentou-o profundamente, partiu e poucos minutos depois voltou, trazendo Isaac de Iorque. Nenhum escravo desnudo empurrado para a presença dum príncipe poderia aproximar-se do seu julgador com tantas e tão profundas reverências e terror como aqueles que o Judeu evidenciava perante o Grão-Mestre. À distância de três metros, Beaumanoir mostrou-lhe que não deveria avançar mais. O Judeu ajoelhou-se, beijou o solo em sinal de respeito, levantou-se e ficou perante os templários com as mãos em cruz sobre o peito, a cabeça tombada, as maneiras próprias de submissão no Leste.

— Damian — mandou o Grão-Mestre -, retira-te e arranja um guarda pronto a intervir ao primeiro chamamento. Que ninguém entre no jardim enquanto dele não sairmos. — Curvando-se, o escudeiro afastou-se. — Judeu — disse o arrogante velho -, não é próprio da nossa condição comunicar contigo por muito tempo ou gastar tempo e palavras com quem quer que seja. Sê, pois, breve nas respostas às minhas questões e que a verdade com elas venha. Se a tua língua te atraiçoar, arranco-te por entre essas queixadas de infiel. O Judeu ia dizer qualquer coisa, mas o Grão-Mestre calou-o.

— Silêncio, descrente! Nem uma palavra na nossa presença, a não ser quando a responder a perguntas nossas. Que queres tu tratar com o Irmão Brian de Bois— Guilbert? Isaac inspirou de pavor e dúvidas. Contar a história poderia ser interpretado como um escandalizar da Ordem. No entanto, se a não narrasse, como conseguiria a soltura da filha? Beaumanoir percebeu a sua imensa apreensão, compadeceu-se e deu-lhe alguma confiança: — Nada temas pela tua desgraçada pessoa. Judeu, desde que trates do caso com correção. Novamente te pergunto: que queres tratar com Brian de Bois-Guilbert?

— Sou portador duma carta — gaguejou o Judeu — reverendo e valoroso senhor, para o bravo cavaleiro, escrita pelo prior Aymer da Abadia de Jorvaulx.

— Eu não dizia que estávamos em má época, Conrade? comentou o Grão-Mestre. — Um prior cisterciense, desejando enviar uma carta a um soldado do Templo, não arranja melhor portador que não seja um judeu descrente... Dá-me a carta. O Judeu, com mãos trémulas, abriu as dobras do barrete armênio onde, para maior segurança, guardara a missiva do Prior e ia aproximar-se, estendendo o braço e vergando o corpo, do austero interrogador, quando escutou: — Para trás, cão! — bradou o Grão-Mestre. — Só toco em infiéis com a espada... Conrade, pega na carta e passa-me.

Quando lhe foi entregue, Beaumanoir examinou-a e desfazia o cordel que a prendia quando Conrade lhe perguntou, com a máxima delicadeza: — Reverendo, ides romper o selo?

— E porque não? — respondeu Beaumanoir com uma carranca.

— Não constará do quadragésimo segundo capítulo. De Lectione Literarum, que os Templários não devem receber cartas, mesmo dos pais, sem o comunicarem ao Grão-Mestre, perante quem as lerão? Percorreu a carta, apressadamente e com uma expressão de espanto e horror. Releu-a mais devagar e, depois, passou-a a Conrade com uma mão, enquanto com a outra lhe batia ao de leve, dizendo: — Se isto é maneira dum cristão escrever a outro, e ainda mais quando ambos são membros de comunidades religiosas! — Levantou o olhar ao Céu e pediu: — Quando descereis com os Vossos açoites para separar o trigo do joio? Mont-Fitchet ia ler a carta, quando o superior lhe ordenou: — Lê em voz alta, Conrade, e tu — isto para Isaac — presta boa atenção, pois vou-te interrogar a seguir. Conrade leu, portanto a carta, cujo teor era o seguinte: Aymer, pela graça divina, prior da casa cisterciense de Santa Maria de Jorvaulx, dirige-se ao Sr. Brian de Bois— Guilbert, cavaleiro da sacra Ordem do Templo, desejando-lhe saúde e felicidade nos reguengos de Baco e de nossa senhora Vénus. No referente à nossa momentânea condição, caro irmão, informamos estar cativos às mãos de certos homens sem Deus nem lei, que ousaram deter-nos e pedir, por nós, resgate. Por eles soubemos da infelicidade de Front-de-Boeuf e que tu houveras escapado com a bela feiticeira judia, cujos negros olhos te encantaram. Apraz-nos cordialmente saber-te a salvo, mas prevenimos-te para te precaveres contra essa segunda bruxa de Endor, que, sem ligar a faces rosadas ou olhos de veludo negro, avança da Normandia para diminuir ou corrigir os teus atos. Peço— te, pois, e com todo o ardor, que estejas tão alerta como o Santo Texto diz: Invenientur vigilantes. Como o abastado judeu, pai dela, Isaac de Iorque, me pediu letras, mando— te estas, aconselhando-te, com toda a sinceridade e quase como recomendação, que negocies com ele o resgate da donzela, procurando

que arranque de dentro das suas sacas de moedas o suficiente para libertar cinquenta donzelas em muito menores sarilhos, do que já me regozijo pensando na celebração que, juntos, faremos como irmãos de peito e sem esquecer os copos. Não é a Escritura que afirma Vinum laetificat cor hominis? E também Rex delectabitur pulchritudine tua? Até ao nosso jubiloso reencontro, desejo-te que passes bem. Escrito neste covil de ladrões cerca da hora das matinas. AYMER, PRIOR DE S. M. JORVOLCIENCIS. Post-scriptum. — A tua corrente de ouro não ficou, afinal, muito tempo comigo e está, agora, à cintura dum ladrão de cervos, que nela porá um apito para cães.

— Que dizes disto, Conrade? — perguntou o Grão-Mestre. Covil de ladrões! Não há residência mais apropriada para um prior assim. Não surpreende que a Mão divina esteja tombando sobre nós e estejamos perdendo a Terra Santa, palmo a palmo, para os infieis, que não têm religiosos como este Aymer... E, pergunto, quem é essa segunda bruxa de Endor? — fez em aparte ao seu confidente.

Conrade, mais habituado (quicá pela prática) à terminologia galante do que o seu superior, explicou-lhe ser a passagem que o intrigava uma espécie de linguagem que os homens mundanos empregavam a propósito de quem amassem ilicitamente. A explicação não agradou, porém, ao desconfiado Beaumanoir. — Deve ser muito mais do que isso, Conrade. A tua ingenuidade não abarca toda esta profana maldade. Esta Rebeca de Iorque foi aluna da Miriam, de quem ouviste falar. Vais ver como o Judeu o confirma. — Virou-se para Isaac e disse bem alto: — A tua filha está, portanto, prisioneira de Brian de Bois-Guilbert?

— Infelizmente, valoroso senhor — tartamudeou o infeliz Isaac -, e qualquer que seja o resgate que exijam a um pobre homem para salvar a filha...

— Silêncio! — gritou o Grão-Mestre. — Essa tua filha é curandeira?

— Na verdade, meu senhor — respondeu o Judeu já um pouco mais confiante -, cavaleiros e burgueses, escudeiros e vassalos, agradecem aos Céus as curas que ela pratica. Muitos podem testemunhar que as suas artes os sararam de males que outros não saberiam enfrentar. Ela, porém, goza da bênção do Deus de Jacó. Beaumanoir enfrentou o Judeu com um sorriso sinistro.

— Vede, irmão — disse -, os ludíbrios do inimigo! Vede os iscos com que pescam as almas, oferecendo-lhes tempo na Terra, em troca de felicidade eterna. Bem afirma a nossa santa regra, Semper percutiatur leo vorans. Ao leão! Abaixo o destruidor! — gritou, elevando o seu místico báculo como que a desafiar as forças do mal. — Não duvido que a tua filha consiga curas -disse ao Judeu -, por meio de palavras, vigílias, amuletos e outras cabalas.

— Não, reverendo e corajoso cavaleiro — retorquiu Isaac — , é quase sempre com um bálsamo de enorme virtude.

— Onde conseguiu ela o segredo? — perguntou Beaumanoir.

— Foi-lhe dado — explicou o Judeu com certa relutância -, por Miriam, uma grande sábia da nossa tribo.

— Ah! Judeu falso! — gritou o Grão-Mestre. — Da mesma Miriam cujos abomináveis encantamentos toda a cristandade conhece? — Benzeu-se. — Morreu queimada, amarrada a um poste, e as suas cinzas foram espalhadas aos quatro ventos. E que o pior sobre mim e a minha ordem caia se eu não fizer igual com a aluna dela. Ensinar-lhe-ei a não deitar mais encantos em soldados do abençoado Templo!... Damian, põe este judeu lá fora e mata-o se resistir ou tentar voltar. com a filha lidaremos nós, conforme a lei cristã.

O pobre Isaac foi assim expulso da Preceptoría. De nada lhe serviram as ameaças e promessas que, nem sequer foram ouvidas, quanto mais atendidas. Não teve outro remédio senão voltar para casa do rabi, onde tentaria, por intermédio dele, saber da sorte da sua filha. Se, até agora, temia pela sua honra, agora temia pela sua vida. Entretanto, o Grão-Mestre convocava o preceptor de Templestowe à sua presença.

1. Os centros dos cavaleiros do Templo eram denominados "preceptorias", sendo o título de quem à Ordem presidia, o de "preceptor". Como os mais importantes cavaleiros de São João eram conhecidos por "comandantes", as suas residências eram as "comendas". Por vezes, estes termos eram empregados indiscriminadamente.

2. Nos mandados dos cavaleiros do Templo esta frase é repetida sob variadíssimas formas e ocorre em quase todos os capítulos, como se fosse o mote da ordem. Talvez por essa razão tanta vez venha à boca do Grão-Mestre.

3. Ver capítulo. 13º de Levítico.

Capítulo XXXVI

Não é mentira, todos vivem fingindo.

Assim, pede o pobre, o cortesão Ganha terras e títulos iludindo, O clero, a troça, com hesitação, Admitem precisar para seu serviço.

*Todos o empregam e quem se contenta Em ser o que é nunca lucra com isso.
É desse modo que o mundo se aguenta.*

Peça antiga

Albert de Malvoisin, presidente, ou, na terminologia da ordem, preceptor de Templestowe, era irmão de Philip de Malvoisin, referido já, de passagem, neste romance, e muito próximo de Brian de Bois-Guilbert. Entre os elementos, dissolutos e sem princípios, pertencentes à Ordem do Templo, Albert de Templestowe sobressaía entre os demais. Diferenciava-se, todavia, do audacioso Bois-Guilbert por saber como cobrir os seus vícios e ambição com um manto de hipocrisia, assumindo exteriormente um fanatismo que dentro de si não sentia. Se o Grão-Mestre não tivesse aparecido sem ser esperado, nada teria visto em Templestowe que se pudesse parecer com qualquer relaxamento de disciplina.

Ainda que surpreso e apanhado em falta, Albert de Malvoisin escutou com tanto respeito e aparente contrição a descompostura do seu superior e apressou— se tanto a corrigir os pormenores sob censura, conseguindo tão bem e tão rapidamente incutir um todo de ascética devoção àquela casa de pouca-vergonha e prazer, que Lucas de Beaumanoir foi obrigado a sentir a sua opinião acerca da moralidade do preceptor afastar-se daquela que, nos primeiros contatos, formara.

Todas estas impressões favoráveis da parte do Grão— Mestre tinham, mesmo assim, ficado fortemente abaladas ao saber que Albert acolhera dentro dos muros daquele local de religião uma cativa judia, que temia fosse uma amante dum dos irmãos da Ordem. Assim, quando recebeu Albert, fê-lo com grande severidade.

— Está dentro desta mansão, dedicada ao propósito da sacra Ordem do Templo — disse o Grão-Mestre -, uma judia para aqui trazida, com vossa conivência, por um irmão nosso, Sr. Preceptor.

Albert de Malvoisin sentiu-se dominado pela confusão, já que a infeliz Rebeca fora confinada num lugar recôndito e secreto do edificio, tendo sido tomadas todas as precauções para que ninguém soubesse da sua presença ali. Nos olhos de Beaumanoir percebeu estarem as coisas muitíssimo graves, tanto para si como para Bois-Guilbert, se não conseguisse mudá-lhes o rumo que pareciam querer tomar.

— Por que vos conservais mudos — insistiu o Grão-Mestre. — Ser-me-á permitido responder-vos? — disse o Preceptor em tom humílimo e aproveitando a pergunta para ordenar as ideias. — Falai. Tendes permissão — afirmou o Grão-Mestre -, falai e dizei-me se ignorais o capítulo da nossa regra recomendando *De commilitonibus Templi in sancta civitate, qui cum miserrimis mulieribus versantur, propter oblectationem carnis* (1) ?

— Certamente, reverendo pai — responde o Preceptor. — Não alcancei o posto que ocupo na ignorância das regras mais importantes.

— Como acontece, então, torno a perguntar-te, o teres autorizado a um irmão o trazer para aqui uma amante e sobretudo uma amante que é uma feiticeira judia, que, certamente, poluirá este santo sítio?

— Uma feiticeira judia! — exclamou Albert de Malvoisin. Que os anjos nos protejam!

— Sim, irmão, uma feiticeira judia — repetiu o Grão— Mestre. Foi o que eu disse. Atreves-te a negar que essa Rebeca, filha de Isaac de Iorque, o usurário, e aluna daquela porca bruxa Míriam, não está (custa a pensá-lo e mais a dizê-lo) aqui na Preceptoría?

— O vosso saber, reverendo pai — murmurou o Preceptor -, clarificou o meu entendimento. Muito cismara porque teria sido que um cavaleiro tão bom como Brian de Bois— Guilbert poderia estar tão embriagado com os encantos daquela mulher, que recebi nesta casa com o fim exclusivo de travar as recentes intimidades que poderiam levar à perda dum dos nossos irmãos.

— Já aconteceu algo entre eles que corresponda ao romper de votos da parte dele?

— O quê? Sob este telhado? — persignou-se o Preceptor. — Que Santa Madalena e as dez mil virgens nos acudam. Não! Se pequei recebendo-a, fi-lo convencido de que, assim, atalharia a atração que um irmão nosso aparentava sentir por essa judia, tão intensa e pouco natural que quase a atribuí a a loucura, a ser curada mais pelo caminho do carinho do que pelo do castigo. Mas, uma vez que a vossa sabedoria me esclarece ser a rapariga uma feiticeira, entendo agora todos aqueles amores sem jeito.

— Claro, claro! — bradou Beaumanoir. — Vede, Irmão Conrade, o perigo que existe em não se estar atento às redes de

Satanás? Olhamos para uma mulher apenas para dar prazer à vista com aquilo a que os homens chamam beleza, e o Imundo Inimigo logo nos toma em seu poder, completando, por meio de talismãs e encantos, uma obra que fora, por descuido ou loucura, iniciada. É possível que, no caso presente, o Irmão Bois-Guilbert nos mereça mais piedade do que vontade de o castigar severamente. Mais o apoio do báculo do que a vergastada da vara. Pode ser que os nossos conselhos e orações o tragam, de novo, para o seio da sua irmandade.

— Tremenda perda seria — comentou Conrade de Mont— Fichet — se a Ordem ficasse sem uma das suas melhores lanças, na altura em que a santa comunidade tanto precisa de todos os braços. Bois-Guilbert, com o seu próprio punho, já abateu trezentos sarracenos.

— O sangue desses malditos cães — disse o Grão-Mestre — é oferenda digna para os santos e anjos de que eles, blasfemando, riem, com essa ajuda quebraremos os encantos, sob a alçada dos quais o nosso irmão caiu. Rebentaremos os laços de Dalila, como Sansão rompeu as cordas com que os Filisteus o amarraram, e exterminaremos os infiéis aos magotes. Quanto a essa meiga que enfeitiçou o nosso irmão templário, terá de morrer.

— Mas as leis de Inglaterra? — lembrou o Preceptor, que, embora encantado com o curso que o ressentimento do Grão-Mestre tomara, afastando-se de Bois-Guilbert, temia que as coisas fossem longe de mais.

— As leis de Inglaterra — interrompeu Beaumanoir — permitem e prescrevem que cada juiz execute a justiça dentro da sua jurisdição. O menor barão pode julgar e condenar ou prender qualquer bruxa, caçada dentro dos seus domínios. Será tal poder negado ao grão-mestre do Templo, dentro da preceptoria da sua Ordem? Não. Portanto, julgaremos e condenaremos. A feiticeira será afastada deste mundo, levando consigo a sua maldade. Que o salão do castelo seja preparado para o julgamento. Albert de Malvoisin cortejou e partiu — não para dar instruções para a preparação do salão, mas sim para avisar Bois-Guilbert de qual o fim que a questão iria ter. Levou-lhe tempo a encontrá-lo, espumante de indignação, pois fora, uma vez mais, repellido pela bela judia.

— A imponderada! A ingrata! — berrava. — Despreza aquele que, entre sangue e labaredas, a salvou, em risco da sua própria vida! Pelo Céu, Malvoisin. Esperei até que o telhado e as traves tombassem à minha volta! Um cento de flechas me procuraram, batendo-me na armadura como saraiva contra uma vidraça, e, mesmo assim, apenas empreguei o escudo para a defender. Isto fiz eu por ela. E agora aquela teimosa censura-me porque a não deixei perecer e recusa-me a mínima prova de gratidão ou, mesmo, uma remota esperança de alguma vez o vir a fazer. O Demo, senhor da sua raça, concentra-se em cheio dentro dela!

— O Demo apoderou-se — disse o Preceptor — de ambos. Quantas vezes te recomendei cautela quanto à continência, que te não era possível? Quantas vezes te disse haver inúmeras donzelas cristãs à tua disposição que veriam como pecado o recusarem ao bravo cavaleiro le don d'amoureux merci? para que foste dedicar-te a uma voluntariosa e teimosa judia? Pela santa missa! Estou a ver que o velho Lucas de Beaumanoir tem razão quando afirma que ela te enfeitiçou.

— Lucas de Beaumanoir! — exclamou Bois-Guilbert. — São essas as tuas precauções, Malvoisin? Deixaste que o caduco soubesse, que Rebeca está dentro da Preceptoria?

— Que poderia eu fazer? — perguntou o Preceptor.

— Nada esqueci para que o nosso segredo ficasse bem escondido, mas o caso é que alguém o desvendou. Se foi o Diabo, não sei. No entanto, conduzi o assunto o melhor que pude. Estás safo se renunciarestes a Rebeca. Ele lastima-te, vendo-te como vítima de bruxedos. Ela é uma feiticeira e como tal pagará.

— De modo algum! — berrou Bois-Guilbert.

— Pelos Céus, tem de ser assim — contradisse-o Malvoisin. Nem tu nem ninguém a pode salvar. Lucas Beaumanoir decidiu já que a morte duma pecadora judia representará um paliativo para as indulgências amorosas dos Cavaleiros Templários. Sabes que ele tem poder e força para levar avante esse pio propósito.

— Será que as gerações vindouras acreditarão que tanto fanatismo possa ter existido? — interrogou Bois-Guilbert, percorrendo a sala de ponta a ponta.

— Aquilo em que vão acreditar, não sei — comentou Malvoisin calmamente -, mas sei que, hoje em dia, noventa e nove por cento do clero e do povo dará o seu ámen à sentença do Grão-Mestre.

— Já sei! — disse Bois-Guilbert. — Albert, tu és meu amigo. Tens de ajudá-la a fugir. Levá-la-emos para qualquer ponto seguro e ignoto.

— Nem que quisesse o poderia fazer — replicou o Preceptor. A casa está cheia de gente do Grão-Mestre e de outros que lhe são afectos. E, para ser franco, amigo, não estou disposto a acompanhar-te neste caso, nem que isso me franqueasse os portais do Céu. Não tenciono ser despromovido ou mesmo perder a minha preceptoria por um naco de carne judaica. E tu, se me quiseres escutar, deixa esse pássaro e procura outros. Pondera, Bois— Guilbert. O teu posto atual e as tuas futuras honrarias dependem da tua posição dentro da Ordem. Se persistes nessa paixão por Rebeca, estarás a dar a Beaumanoir um motivo para te expulsar que ele não deixará escapar. É cioso do bastão que as suas mãos trémulas empunham e sabe que és um dos que mais anseiam tomar-lho. Arruinar-te-á, desde que lhe ofereças um pretexto fácil, como este da gentil judia. Deixa-o levar a dele para a frente porque mais não te é possível. Quando detiveres o ceptro, terás tantas filhas de Judá quantas quiseses, para queimar ou amar.

— Malvoisin, tu és de pedra...

— Amigo — cortou o Preceptor, não o deixando pronunciar o insulto que certamente se seguiria e que evitou acrescentando: — um amigo de cabeça fria, logo um bom conselheiro. Não podes, repito, salvar Rebeca. com ela somente poderás vir a perecer. Vai até junto do Grão— Mestre, jorra-te a seus pés e diz-lhe...

— A seus pés, nunca! Pelo contrário, dir-lhe-ei nas barbas...

— Está certo — interrompeu-o Malvoisin -, diz— lhe nas barbas que o teu amor pela judia cativa não conhece limites. Quanto mais revelares a tua paixão, mais depressa mandas a linda feiticeira para o seu fim, e tu, culpado de crime confesso contrário aos teus juramentos, escusarás de esperar apoio dos teus irmãos e terás de trocar os teus sonhos de poder e ambição por qualquer lugarzito onde possas servir como mercenário nas guerras entre as Flandres e Borgonha.

— Dizes bem — fez Brian de Bois-Guilbert após uns segundos de reflexão. — Não posso dar ao velho caquético qualquer vantagem. Rebeca, que, pela minha mão, iria longe e não o quis, que siga o seu destino, a não ser que...

— Não modifiques a sábia e necessária resolução que tomaste — recomendou Malvoisin -, as mulheres não passam de joguetes para as nossas horas de lazer. Ambição é o que mais importa nesta vida. Que morram mil graciosas ninharias como esta judia para que não se interrompa a trilha maravilhosa que tomaste para já, separemo-nos, pois não convém sermos vistos a conversar. Tenho de arranjar o salão para o julgamento, — O quê? — perguntou Bois-Guilbert. — É para já?

— É. Os julgamentos fazem-se depressa, quando o juiz já sabe o que vai sentenciar.

— Rebecca — murmurou Bois-Guilbert já só -, vais custar-me muito caro. Porque te não abandonarei ao teu fado como este hipócrita me recomenda. Um esforço mais farei para te salvar. Mas cuidado com a ingratidão! Porque, se de novo for repellido, a minha vingança equiparar-se-á à minha paixão. A vida e a honra de Bois-Guilbert não se põem em jogo quando os prêmios são repulsas e desprezo somente. Ainda o Preceptor quase nem terminara de dar as ordens precisas, quando Mont-Fitchet se lhe juntou. Este estava ao corrente da intenção do Grão-Mestre de julgar a judia como feiticeira.

— Deve tratar-se dum engano — disse o Preceptor. — Temos muitas médicas judias e não as classificamos como feiticeiras, embora façam curas fantásticas.

— O Grão-Mestre pensa doutro modo — lembrou Mont— Fitchet -, e vê, Albert, feiticeira ou não, é preferível que essa miserável donzela pereça do que a Ordem venha a perder Bois-Guilbert ou que se estabeleça uma cisão dentro dela. Conheces-lhe o posto elevado e a sua fama como guerreiro. Sabes como o consideram muitos dos nossos irmãos. Todavia, nada disso lhe servirá se o Grão— Mestre o considerar não uma vítima, mas, antes, um cúmplice da judia. Nem que dentro de si estivessem as almas das doze tribos, será preferível que seja ela a sofrer sozinha do que acompanhada por Bois-Guilbert na sua destruição.

— Tenho estado a convencê-lo a abandoná-la — disse Malvoisin.

— Haverá ainda motivos para se condenar Rebeca por feitiçaria? O Grão-Mestre não mudará de ideias perante tão débil evidência?

— Tem de ser tornada mais forte. Mais impugnativa. Entendes-me?

— Entendo — anuiu o Preceptor -, e não terei pejo em fazê-lo para o bem da Ordem. Só que há pouco tempo para se fazerem encaixar as coisas.

— Malvoisin, tens de o fazer — insistiu Conrade -, tanto para o bem da ordem como para o teu próprio. Templestowe é uma preceptoria pobre. A de Maison Dieu vale o dobro. Faz que esta questão ande para a frente e serás o preceptor de Maison Dieu. Conheces a minha influência junto do velho chefe. Prometo-te Maison Dieu no fértil Kent. Que dizes?

— Entre os que vieram com Bois-Guilbert há dois tipos que conheço bem. Eram criados do meu irmão Philip de Malvoisin que se passaram para o serviço de Front-de— Boeuf. Pode ser que saibam algo dos bruxedos desta mulher.

— Procura-os imediatamente e, escuta, se uma moeda ou outra lhes aguçar a memória, não hesites...

— Jurarão pela própria mãe que é bruxa por um vintém.

— Vai, pois. Ao meio-dia começa o juízo. Nunca vi o velho tão azafamado desde que mandou matar Hamet Alfagi, um converso que tornou para o islamismo.

Batia pausadamente as doze o sino do castelo quando Rebeca sentiu passos nas escadas que conduziam ao seu local de prisão. O ruído anunciava a aproximação de várias pessoas, o que, na ocasião, a animou, pois temia mais as solitárias visitas do fero e ardente Bois-Guilbert do que qualquer outro mal a cair-lhe em cima. A porta da câmara abriu-se e Conrade e o preceptor Malvoisin encontravam-se acompanhados de quatro guardas vestidos de negro e carregando alabardas.

— Filha da raça maldita — bradou o Preceptor. — Levantai-vos e segui-nos.

— Para onde e para quê? — perguntou ela.

— Donzela — respondeu Conrade -, não te compete interrogar, mas tão-somente obedecer. No entanto, ficarás sabendo que serás levada perante o tribunal do grão-mestre da nossa santa ordem para responderes pelas tuas ofensas.

— O Deus de Abraão seja louvado! — profériu Rebeca, unindo as mãos com devoção.

— Um juiz, mesmo que adversário do meu povo, é um protector. Será com toda a boa vontade que vos seguirei. Deixai-me apenas pôr o meu véu à cabeça. Desceram as escadas em passo lento e cadenciado, percorreram uma longa galeria, até que,

passando por uma porta dobradiça, penetraram no grande salão que o Grão-Mestre escolhera como sala de audiências. A parte inferior daquela ampla divisão estava plena de escudeiros e soldados, que abriram, não sem dificuldade, alas para que Rebeca, acompanhada pelo Preceptor e por Mont-Fitchet e seguida pela guarda de alabardeiros, chegasse ao assento que lhe fora designado. Quando atravessava a multidão, de braços cruzados e a cabeça caída sobre o peito, um bilhete foi-lhe posto numa mão. Quase inconscientemente, segurou-o sem o consultar. A certeza da existência dum amigo entre aquela tremenda assembleia encorajou-a a olhar em seu torno e ver perante quem fora chamada. Observou, portanto, a cena que procuraremos descrever no próximo capítulo.

1. A frase que cita refere-se à proibição de contatos com mulheres levianas.

Capítulo XXXVII

*Dura era a lei fazendo que o eleitor Lamentasse do coração dos homens a dor.
Dura era a lei que, dura, impunha, mandante, Se apagasse qualquer sorriso cativante.
Mas mais duro é o usar de poderes seus Um tirano a agir como se fosse Deus.*

The Middle Ages

O tribunal constituído para o julgamento da inocente e infeliz Rebeca ocupava um estrado no extremo do grande salão. Tratava-se duma plataforma semelhante àquela que já descrevemos como um lugar de honra destinado aos habitantes e hóspedes mais distintos nas antigas mansões.

Num assento elevado, precisamente em frente da ré, estava o grão-mestre do Templo em todo o esplendor do seu amplo e ondeante manto branco, segurando o bordão simbólico da sua ordem. A seus pés fora colocada uma mesa, que ocupavam dois escrivães, capelães da Ordem, cuja obrigação era a de registarem os acontecimentos do dia. As vestes negras, as calvas e a aparência recolhida destes dois religiosos contrastavam fortemente com a aparência marcial dos cavaleiros presentes, que ou eram residentes da Preceptoria, ou tinham vindo como acompanhantes do Grão-Mestre. Os preceptores, pois encontravam-se ali quatro, sentavam-se um pouco mais em baixo e atrás do superior. Os cavaleiros sentavam-se, por sua vez, também mais a baixo e atrás desses preceptores. Atrás deles, ainda no estrado, viam-se os escudeiros da Ordem, com as suas roupas de qualidade inferior.

Cercava-se toda esta assembleia dum aspecto da maior seriedade. Nos rostos dos cavaleiros percebiam-se traços de ousadia militar, a par de porte solene próprio dos homens da igreja, que, perante o Grão-Mestre, todos faziam por evidenciar. A restante e mais baixa porção do salão enchera-se de guardas, com as suas partasanas, e outros, cuja curiosidade chamara para verem, simultaneamente, um grão-mestre e uma feiticeira hebraica.

Desta gente de classe baixa, a maioria estava, porém, e duma forma ou doutra, ligada à Ordem e, de conformidade, vestia-se de preto. A entrada não fora vedada aos camponeses das cercanias, pois Beaumanoir fizera questão em mostrar e tornar público um tão edificante ato de justiça. Os seus grandes olhos azuis, apreciando o ajuntamento, pareciam exaltados por dignidade consciente e auto-atribuído mérito. Os trabalhos iniciaram-se cantando-se um salmo, a que juntou a sua voz doce e ainda não alterada pela idade. A solene frase *Venite exultemus Domi-no*, tantas vezes entoada pelos Templários antes de se atirarem ao inimigo, fora vista por Lucas como introdução apropriada para o próximo triunfo sobre as forças da escuridão. As profundas e longas notas, saindo das gargantas duma centena de homens acostumados ao canto coral, ecoaram na abóbada do salão e ribombaram, agradável e solenemente, entre os pilares como águas poderosas rugindo.

Quando o silêncio se fez, o Grão-Mestre olhou em sua volta, notando que o lugar dum dos preceptores estava vago. Bois-Guilbert, que o ocupara, havia-o deixado e sentava-se agora na ponta dum dos bancos destinados aos cavaleiros do Templo, com uma mão cobrindo o rosto e a outra segurando a espada embainhada, com a qual descrevia traços no soalho de roble.

— Infeliz! — soltou o Grão-Mestre, lançando-lhe um olhar de compaixão. — Vês, Conrade, como este santo officio o perturba. É a isto que uma mulher leviana, auxiliada pelo Príncipe das Trevas, pode levar um valente e merecedor cavaleiro! Repara que não nos encara. Também não a olha, a ela, e quem sabe quais serão os impulsos do seu atormentador, levando-o a desenhar traços cabalísticos no chão. Quiçá ameacem a nossa vida e segurança. Cuspimos-lhes, desafiando o sujo adversário. *Semper Leo percutiatur!* Tudo isto fora dito em voz baixa ao seu confidente Mont-Fitchet. Agora, elevando o tom, dirigiu-se a todos: — Homens reverendos e valorosos, cavaleiros, preceptores, companheiros desta sacra ordem, meus irmãos, meus filhos! — E também vós, bem-nascidos e pios escudeiros que aspirais ao emblema da Santa Cruz! E vós ainda, irmãos cristãos de todas as categorias! Sabei todos que não foi por mero prazer de exercício de poder que se convocou esta congregação. Por pouco merecedora que a nossa pessoa seja, foi-lhe concedido, com a entrega deste bastão, o poder julgar tudo que respeite à nossa santa ordem. O sagrado São Bernardo, na regra da nossa profissão religioso-militar, fez isto constar do quinquagésimo nono capítulo(1), que apenas por vontade do Mestre, os irmãos assim se juntariam em conselho, deixando-nos liberdade a nós e aos mestres de maior valor, que nos precederam neste officio, para decidirmos tanto quanto à ocasião como à hora e local nos quais um capítulo, incluindo toda a Ordem, ou parte dela, deveria ser convocado. É-nos também, em todos esses capítulos, permitido, escutando os conselhos dos nossos irmãos, atuar como melhor entendamos.

Mas, quando o lobo esfaimado cai sobre o rebanho e tenta arrastar uma das ovelhas, o pastor tem o dever de reunir os seus

colegas para que, com arcos e fundas, domine o invasor, de acordo com a recomendação de que o leão deve ser sempre abatido. Chamamos portanto à nossa presença uma judia, Rebeca de seu nome, filha de Isaac de Iorque, uma mulher infame, dada a sortilégios e bruxarias, que envenenou o sangue e alterou o siso, não dum rural, mas sim de alguém devotado ao serviço do Templo... não dum cavaleiro, mas sim dum preceptor da nossa ordem, o mais honrado entre todos. Conhecemos bem o nosso irmão Brian de Bois-Guilbert, reconhecido por todos que me ouvem como um vero e zeloso campeão da Cruz, cujos braços muitos feitos de valor tem praticado, sobretudo na Terra Santa, onde o solo está a ser lavado com o sangue dos infiéis que o poluíam. A sagacidade e a prudência do nosso irmão também não são inferiores à sua bravura e disciplina, pelo que muitos cavaleiros há, no Oriente e no Ocidente, que apontam já o nome de Bois— Guilbert como sucessor deste bastão que carrego quando o Céu me quiser aliviar do pesado cargo que ele constitui. Se nos tivessem contado que tal homem, tão honrado e ilustre, subitamente esquecera o seu carácter, os seus votos, os seus irmãos e os seus fins para se ligar a uma judia, na libidinosa companhia de quem se arrastava por lugares solitários, que preferia defendê-la a ela em vez de a si próprio e que, por fim, cego e aturdido pela sua loucura, a trouxera para dentro das paredes duma das nossas preceptorias, que poderíamos nós afirmar senão que o nobre cavaleiro estava possesso por um Demônio ou que fora enredado em qualquer encantamento? Se doutra forma pensássemos, esqueceríamos estirpe, valor, reputação ou qualquer outro atributo terreno e aplicar-lhe-íamos castigo apropriado para expulsar a coisa ruim, de conformidade com o texto rezando *Auferte malum ex vobis*. São vários e horrendos os atos de transgressão às regras da nossa bendita ordem nesta lamentável história: 1º Deslocou-se à sua vontade contra o que diz o capítulo trigésimo terceiro, *Quod nullus juxta propriam voluntatem incedat*, 2º Comunicou com pessoa excomungada, capítulo quinquagésimo sétimo, *Ut fratres non participant cum excommunicatis*, incorrendo em parte em *Anathema Maranatha*, 3º Conversou com mulheres desconhecidas, contrariamente ao capítulo *Ut fratres non conversantur cum extraneis mulieribus*, 4º Não evitou, e tememos mesmo que tenha solicitado, beijos a uma mulher, contrariando a última regra da nossa ordem, *Ut fugiantur oscula*, segundo a qual os nossos soldados podem cair em armadilhas. Por todas estas múltiplas e horripilantes faltas, Brian de Bois-Guilbert deveria ser expulso da nossa congregação, mesmo sendo a sua pessoa, o seu braço e olho direitos.

Fez uma pausa. Um cochichar percorreu a assembleia, e os mais novos, que se haviam sorrido do *De oculis fugiendis*, mostraram-se sérios e, suspensos, aguardaram o que o Grão-Mestre diria a seguir.

— Tal e dessa mesma severidade seria o castigo, na verdade, devido a um cavaleiro templário que, voluntariamente, ofendeu as regras da Ordem em pontos tão delicados. Mas se, por encantos e artes, Satanás dele se apossou só porque, talvez, pousou a vista numa donzela bonita, temos então de o lamentar e impor-lhe somente uma pena destinada a purificá-lo da sua iniquidade, descarregando toda a nossa indignação sobre o instrumento maldito e provocador da sua queda. Que avancem, portanto, todos os que testemunharam estes lamentáveis acontecimentos para que os avaliemos, apreciemos e decidamos se a nossa justiça se satisfará com o castigo desta mulher descrente ou se, com o coração sangrante, teremos de proceder contra o nosso irmão.

Foram chamadas diversas testemunhas, que comprovaram os riscos a que Bois-Guilbert se expusera para salvar Rebeca do castelo em chamas e o desprezo que revelara então pela própria vida na ocasião. Os depoentes pormenorizaram estes fatos com o exagero próprio das imaginações curtas quando excitadas por algo de notável, sendo essa tendência natural agravada pela satisfação que as suas informações pareciam transmitir ao eminente personagem a quem se destinavam. Deste modo, os perigos que Bois-Guilbert ultrapassara, grandes já de si, foram empolados para portentosos nas suas narrativas. A devoção com que o cavaleiro defendera Rebeca foi ampliada para lá não só dos limites da circunspecção como para além de qualquer excesso de zelo cavalheiresco. A deferência com que lhe escutava as palavras, por vezes severas e repreensivas, foi pintada com tamanho excesso a ponto de, num homem de temperamento altivo, se revelar sobrenatural.

O preceptor de Templestowe foi seguidamente convidado a descrever a forma como Bois-Guilbert e a judia haviam chegado à Preceptoría. O testemunho de Malvoisin foi prestado com habilidoso cuidado. Aparentemente tendente a poupar os sentimentos de Bois-Guilbert, incluía, aqui e ali, insinuações de onde se inferiria agir ele sob estado de alienação temporária, tais eram as mostras de paixão que evidenciava pela donzela que trazia. com penitentes suspiros, o Preceptor reconheceu, contrito, ter deixado entrar Rebeca e o seu apaixonado na Preceptoría.

— A minha defesa — Concluiu — já foi feita por confissão ao meu reverendo pai e grão-mestre. Ele sabe que não havia mal nos meus motivos, ainda que a minha conduta fosse incorreta com total prazer acatarei a penitência que me impuser.

— Falaste bem, Irmão Albert — disse Beaumanoir. — Os teus motivos eram bons, uma vez que julgaste certo parar um irmão que errava por precipitação louca. A tua conduta, porém, tão incorreta como a de alguém que, tentando segurar um cavalo em fuga, agarrando-o pelo estribo e não pelas rédeas, acaba por se machucar sem cumprir o seu propósito. Treze padres-nossos de manhã e nove à noite manda o nosso fundador que se rezem diariamente. No teu caso, o número será dobrado. Três vezes por semana é permitido aos Templários comerem carne, mas tu terás de a evitar durante os sete dias da semana, durante seis semanas. Esta será a tua penitência com um ar da maior submissão hipócrita, o preceptor de

Templestowe inclinou-se quase até tocar o chão ante o seu superior e regressou ao seu lugar.

— Não seria aconselhável, irmão — perguntou o Grão-Mestre aprofundarmos um pouco mais sobre a vida e relações desta mulher, nomeadamente para apurarmos se será dada à prática de bruxedos e encantamentos, sobretudo porque o que temos vindo a escutar nos aponta nesse sentido de o nosso pecaminoso irmão ter agido sob a ação de quaisquer tentações ou enganos infernais?

Herman de Goodalricke era o quarto preceptor presente, sendo os outros três Conrade, Malvoisin e Bois-Guilbert. Herman era um guerreiro idoso com o rosto traçado por cicatrizes causadas pelo alfange muçulmano, altamente considerado entre os irmãos. Ergueu-se, inclinou-se ante o Grão-Mestre, que logo lhe autorizou que falasse.

— Anseio saber, reverendo pai, o que o nosso bravo Irmão Brian de Bois-Guilbert tem a dizer destas espantosas acusações e também como vê ele o seu infeliz contato com esta moça.

— Brian de Bois-Guilbert — disse o Grão-Mestre -, ouviste a pergunta do nosso Irmão Goodalricke. Ordeno-te que lhe respondas. Bois-Guilbert voltou-se para o Grão-Mestre, mas deixou-se ficar em silêncio.

— Está possesso por um Demônio mudo! Esconjuro-te com este símbolo da nossa sacra ordem! Brian de Bois-Guilbert fez um esforço para ocultar o desprezo e a indignação que sentia e cuja exteriorização, sabia-o, de nada lhe valeriam.

— Brian de Bois-Guilbert — replicou finalmente — não responde, meu reverendo pai, a tão vagas e desvairadas acusações. Se a sua honra está maculada, defendê-la-á com a espada, que tantas vezes pôs ao serviço da cristandade.

— Perdoamos-te, Irmão Brian — declarou o Grão-Mestre -, embora o enaltecimento dos teus feitos guerreiros perante nós seja uma glorificação do que fizeste, logo uma atitude vinda do Maldito, que nos tenta a exaltarmo-nos na nossa própria adoração. Desculpamos-te porque não és tu quem fala, mas sim por ordens daquele que, com o auxílio celeste, venceremos e expulsaremos desta assembleia. — Um brilho de desdém perpassou pelos olhos de Bois-Guilbert, que, todavia, nada disse.

— E agora — prosseguiu o Grão-Mestre -, já que a questão do nosso Irmão Goodalricke foi tão incompletamente respondida, sigamos com o nosso inquérito e, com a ajuda do nosso patrono, havemos de chegar ao âmago deste mistério de abominação. Que aqueles que conheçam mais pormenores acerca da vida e relações desta judia aqui se apresentem.

Houve um certo rebuliço no fundo do salão, que, explicaram ao Grão-Mestre, se devia ao fato de se encontrar entre aquela gente um homem que, em tempos, estivera entrevado e que a prisioneira, graças ao seu bálsamo, curara, pondo-o a andar. O desgraçado camponês, saxão de nascença, foi arrastado à tribuna, aterrado à perspectiva de consequências penais em virtude de se ter sarado da paralisia por intermédio duma donzela judia. Não estava completamente bom, pois ainda se apoiava em muletas. As suas declarações foram prestadas de bastante má vontade e em grande choradeira. Reconheceu, contudo, que dois anos atrás, quando morava em Iorque, fora atacado por doença dolorosa, na altura em que, como marceneiro, trabalhava em casa de Isaac, o abastado judeu.

Ficou sem poder sair da cama até que os remédios receitados por Rebeca, especialmente um bálsamo de odor agradável e termogêneo, lhe haviam devolvido parcialmente a ação aos membros. Ademais, acrescentou, ela dera-lhe uma panela desse mesmo unguento e algumas moedas para a viagem até casa do pai, em Templestowe.

— Que Vossa Graça Reverendíssima me permita dizer — completou o homem -, mas nunca me pareceu que a donzela me quisesse fazer mal, embora, por sua má sorte, se tratasse duma judia. Quando aplicava o remédio, eu rezava sempre padre-nossos e credos e, mesmo assim, a mezinha não perdia a força.

— Cala-te, escravo! — bradou o Grão-Mestre. — Vai-te! Só os brutos como tu é que mexem e remexem com essas mezinhas diabólicas e oferecem o seu trabalho a descrentes. Aviso-te que o Demo pode trazer maleitas só com o objectivo de as curar, conseguindo assim algum mérito. Tens ainda esse unguento de que falaste? O camponês rebuscou entre as roupas, com mãos a tremer, e apresentou uma caixinha com alguns caracteres hebraicos na tampa, o que para a audiência constituía evidente prova de ter sido o Diabo o boticário. Beaumanoir benzeu-se e pegou na caixa. Conhecedor das línguas do Levante, leu com facilidade o que lá dizia: "O leão da tribo de Judá venceu."

— Estranho o poder de Satanás — observou -, que consegue transformar as Escrituras em blasfêmias, misturando venenos com os alimentos precisos!... Está aí algum médico capaz de nos dizer de que será feita esta misteriosa pomada?

Surgiram dois esculápios. Um, frade, outro, barbeiro. Ambos confessaram desconhecer do que aquilo seria feito. Apenas lhes sabia a mirra e a cânfora, que consideravam como ervas levantinas. com a habitual inveja profissional pelos seus colegas obtentores de bons sucessos, insinuaram ainda que, uma vez que o remédio lhes era desconhecido, devia, necessariamente, fazer parte de qualquer farmacopeia ilegal e misteriosa, já que eles próprios, que não eram mágicos, conheciam todos os ramos da sua arte e seu exercício de acordo com a boa fé cristã.

Terminada esta investigação médica, o saxão pediu delicadamente para lhe ser devolvido o remédio, mas o Grão-Mestre, carregando o sobrolho, interpelou-o: — Como te chamas?

— Higg, filho de Snell.

— Então, Higg, filho de Snell — disse o Grão-Mestre -, eu te informo ser melhor tornares a ficar acamado do que aceites drogas de descrentes, mesmo que elas te ponham a andar. É preferível arrancar os tesouros aos infiéis à força do que aceitar-lhes as dádivas ou servi— los por dinheiro. Vai e faz como te mando.

— Pobre de mim! — respondeu o camponês.

— Porque, desculpai-me, a lição já veio tarde de mais, pois não passo dum aleijado. Vou transmiti-la, porém, aos meus dois irmãos, que servem o rico rabino Nathan ben Samuel, lembrando-lhes o que me haveis dito de mais valer roubá-lo do que fielmente o servir.

— Ponham-me esse vilão na rua! — ordenou Beaumanoir, que não contava com aquela interpretação da sua máxima teórica. Higg, filho de Snell, juntou-se à turba, mas, interessado no destino da sua benfeitora, deixou-se ficar a aguardar o resultado do julgamento, mesmo sob o risco de desagradar ao severo juiz, cujo olhar somente era bastante para lhe gelar o coração. Nesta altura, o Grão-Mestre mandou que Rebeca retirasse o véu. Falando pela primeira vez, ela replicou, pacientemente e com toda a dignidade, que não era costume das raparigas da sua raça desvelarem-se em reuniões de estranhos. O tom doce da sua voz e a delicadeza da resposta encheram a assistência de simpatia e dó. Beaumanoir, que eliminara em si todo e qualquer sentimento que pudesse interferir com a sua suposta noção do dever, reiterou o comando. Guardas preparavam-se para o fazer cumprir, quando ela se pôs em frente do Grão-Mestre, dizendo: — Por amor a vossas filhas, não o façais! — Lembrando-se, continuou: — Ah! Vós não tendes filhas! Mas, pelo amor de vossa mãe, pelo amor de vossas irmãs e por amor à decência feminina, não permitais que me tratem assim na vossa presença. Fica mal a uma rapariga que rapazes lhe tirem quaisquer peças de roupa. Obedecer-vos-ei, todavia — isto numa voz revelando tanta resignação que até o próprio Beaumanoir algo sentiu.

— Sois um ancião entre os vossos e às vossas ordens exporei o rosto da infeliz moça que sou. Afastou o véu e fitou-os com um misto de acanhamento e grande dignidade. A sua espantosa beleza originou um murmúrio de espanto, tendo os cavaleiros mais novos trocado olhares onde se dizia ser compreensível estar Brian mais preso à sua beldade real do que às suas feitiçarias imaginárias. Higg, filho de Snell, foi tão afetado pela radiosa aparência da sua benfeitora que gritou para os guardas à porta: — Deixai-me passar! Deixai-me passar! Se olhar outra vez para ela, morrerei, pois também vou ser culpado do seu assassinato.

— Sossega, bom homem — observou Rebeca -, não me prejudicaste contando a verdade e não me podes valer com queixas e lamentações. Sossega, rogo-te, e vai em paz.

Os guardas quase o puseram fora por compaixão, pois temiam que a sua clamorosa dor lhe trouxesse e lhes trouxesse qualquer castigo. Ele, contudo, prometeu não mais abrir a boca e eles acederam. Os dois homens de armas que Albert de Malvoisin industriara foram, no momento, chamados. Ambos eram patifes calejados e inflexíveis, mas, mesmo assim, à vista da prisioneira e da sua extrema beleza, sentiram-se de início afetados. Um olhar significativo do preceptor de Templestowe fê-los, contudo, voltar ao normal, deixando— os recitar um colorário tão preciso que um juiz menos parcial logo deles suspeitaria, pois os pormenores eram ou inteiramente fictícios ou triviais e naturais, mas pintados de suspeitas, com exageros que lhe haviam sido ensinados, ou comentários sinistros da sua própria lavra. Os dados dos seus testemunhos teriam, modernamente, sido divididos em dois grupos: não importantes, uns, fisicamente impossíveis, outros. Todos, naquele obscuro tempo, foram aceites como provas de culpabilidade.

Os primeiros constavam de afirmações de terem ouvido Rebeca falar para consigo em língua estranha, que as canções que cantava para si eram estranhamente doces aos ouvidos e à alma, que falava consigo mesma, parecendo esperar respostas vindas de cima, que as suas roupas eram esquisitas e diferentes das das mulheres de boa reputação, que usava anéis com marcas cabalísticas e que bordava marcas desconhecidas nas roupas. Todos estes banais e naturais pormenores foram gravemente registados como provas ou, pelo menos, como indicações muito suspeitas de Rebeca poder contactar com poderes mágicos.

Um outro, não menos equívoco, testemunho foi posto à assembleia por um soldado, tendo-o aquela engolido, não obstante a sua evidente incredibilidade. De acordo com as suas palavras, havia-a visto a tratar dum homem ferido que, com eles, fora para Torquilstone. Fizera, afirmou, determinados gestos sobre as feridas, repetindo uma ladainha que, graças a Deus, ele não entendera, enquanto retirava a cabeça dum virote duma das feridas e logo o sangue estancou, a ferida cicatrizou e o moribundo, em coisa de um quarto de hora, já estava nas muralhas a ajudar a testemunha a manejar uma manganela ou máquina de atirar pedras.

Esta léria baseava-se, talvez, no fato de Rebeca ter atendido a Ivanhoé, quando no castelo de Torquilstone. Mais difícil se tornou o descrer da veracidade das afirmações deste depoente, quando ele, para reforçar fisicamente a sua evidência, tirou do bolso a ponta do virote em questão, que miraculosamente havia sido extraído do corpo do ferido. A coisa, que pesava uma boa

onça, serviu de confirmação do relato, por muito estranho que parecesse.

O seu camarada, dum a meia próxima, assistira à cena entre Rebeca e Bois-Guilbert quando ela ameaçara deitar-se da janela abaixo. para não ficar atrás do companheiro, declarou ter visto Rebeca empoleirar-se no parapeito do torreão e aí tomar a forma dum cisne alvo de neve que, por três vezes, voou em torno do castelo de Torquilstone para finalmente pousar no torreão, assumindo de novo a figura de mulher.

Menos de metade disto serviria para condenar irremediavelmente qualquer velha pobre e feia, mesmo que não fosse judia. Para Rebeca, apesar de toda a sua beleza e mocidade, era fatal. O Grão-Mestre, colhidas as opiniões dos seus, perguntou em tom imponente a Rebeca se ela teria alguma coisa a dizer contra a condenação que ele se preparava para pronunciar.

— Invocar a vossa piedade — respondeu ela trémula de emoção -, não estivera eu certa de inutilmente me aviltar. Declarar que tratar-se de feridos e mortos, sejam eles de que religião forem, nunca poderia ser do desagrado do fundador das nossas duas crenças, igualmente de pouco valeria. Argumentar que muito do que estes homens disseram (que o Céu lhe perdoe) contra mim é impossível, pouco me ajudaria, uma vez que lhes aceitais a veracidade. Nenhuma vantagem me adviria se explicasse que as diferenças da minha roupa, linguagem e modos provêm do meu povo, melhor diria, da minha pátria, se pátria tivéssemos. Também não tentarei salvar-me à custa do meu atormentador, que, além, está escutando todas estas conjecturas e invenções que o transformam de opressor em vítima... Deus julgará tanto a mim como a ele! Mas, sofra eu dez mortes iguais à que me destinais se vez alguma tivesse prestado atenção ao assédio a que ele me submeteu. Eu, uma prisioneira indefesa, desamparada. Ele, porém, segue a mesma fé que vós, pelo que uma só e ligeira frase sua pesa mais do que todos os veementes protestos dum judia. Não transferirei para a sua pessoa a incriminação que contra mim levantai, mas a ele diretamente... Sim, Brian de Bois-Guilbert, apelo para ti para que digas se as acusações que escutaste são verdadeiras! Diz se não serão senão autênticos e mortais monstros de calúnia! Todos se calaram, olhando para Brian de Bois-Guilbert. Este continuou em silêncio.

— Fala! — bradou ela. — Se és homem, se és cristão, fala! Mando-to, pelo hábito que envergas, pelo nome que herdaste, pelo cavalheirismo de que te ufanas, pela honra da tua mãe, pelo túmulo e restos do teu pai. Mando-te que respondas! Era verdadeiro o que ouviste?

— Responde-lhe, irmão — aconselhou o Grão-Mestre -, se o Maligno, que de ti se apossou, te der forças. Na realidade, Bois-Guilbert parecia perturbado por sentimentos opostos lutando e que lhe tornavam convulsas as feições. Finalmente, com voz constrangida, replicou, fitando Rebeca: — O pergaminho! O pergaminho!

— Senhor! — exclamou Beaumanoir. — Isto comprova tudo. O enfeitado apenas consegue falar do fatal pergaminho, onde está escrito o encantamento a que se deve o seu silêncio. Rebeca, no entanto, dera outra interpretação às palavras arrancadas a Bois-Guilbert e, percorrendo com os olhos a nota que lhe haviam entregue e que seguira segurando, leu o que lá dizia em caracteres árabes: "Pede um campeão." o sussurro que se seguira à incompreensível resposta de Bois— Guilbert deu tempo a Rebeca para examinar e de pronto destruir a estranha missiva. Quando tudo se acalmou, o Grão-Mestre disse: — Rebeca, nada consegues deste desafortunado cavaleiro, que, todos veem, o Demônio possui. Que mais tens a dizer?

— Para mim existe apenas uma possibilidade de salvação — respondeu Rebeca -, mesmo de acordo com as vossas duras leis. A minha vida tem sido miserável... pelo menos nos últimos tempos. Não desprezarei, mesmo assim, a divina dádiva, já que Deus me dá ainda um ensejo para a defender. Mantenho a minha declaração de inocência e declaro falsas as acusações que me são feitas. Reclamo o privilégio de ser julgada pelas armas, onde o meu campeão me representará.

— E quem, Rebeca — interrogou o Grão-Mestre -, alçará a sua lança em defesa dum bruxa? Quem será o campeão dum judia?

— Deus dar-me-á — replicou Rebeca, — É impossível que, nesta Inglaterra, feliz, hospitaleira, generosa e livre, onde sempre tantos estão prontos a oferecer as suas vidas em defesa da honra, não haja alguém disposto a combater pela justiça. Reitero o meu pedido de julgamento pelas armas. Eis o meu penhor!

Descalçou uma luva bordada e, com digna simplicidade, perante a admiração geral, lançou-a para a frente do Grão-Mestre.

1. De novo se referem ao leitor as regras da Pobre irmandade Militar do Templo, incluídas nas obras de São Bernardo. (N. do T.)

Capítulo XXXVIII

Eis aí o meu repto, Comprovando-te ao máximo O meu marcial penhor.

Ricardo II

Até Lucas de Beaumanoir se impressionou com a aparência e conduta de Rebeca. Não era de si cruel ou sequer severo, contudo, sendo, naturalmente, frio e de elevado mas errado sentido do dever, a alma fora-se-lhe encardindo pela vida ascética que levava, pelo poder supremo que usufruía e pela suposta necessidade de subjugar a descrença e erradicar a heresia, que considerava como incumbência pessoal. A sua fisionomia perdeu o costumeiro ar de severidade ao fitar a perfeita criatura na sua frente, só, sem amigos, e, assim mesmo, defendendo-se com toda a galhardia e coragem.

Persignou-se duas vezes, como que a duvidar donde lhe viria aquele não desejado amolecer de alma, que, usualmente e em questões do gênero, era mais dura do que o aço da sua espada. Finalmente, falou: — Donzela. Se a piedade que me invade deriva de alguma das tuas artes, enorme é a tua culpa. Julgo, porém, dever-se ao lado bom da natureza das coisas, que lamenta que tão belo vaso possa estar pleno de perdição. Arrepende-te, filha... confessa a tua feitiçaria... deixa a fé errada e abraça este santo emblema, e tudo ficará bem para ti doravante. Em qualquer irmandade de regra severa terás tempo para, pela oração e pelo sacrifício, conseguir um arrependimento de que te não arrependerás. Faz isso e vive... Que fez até agora por ti a lei de Moisés para que por ela morras?

— É a lei dos meus antepassados — respondeu Rebeca.

— Foi-nos dada, entre trovões e ventos, dentro duma nuvem de fogo, na montanha do Sinai. Nisto, se sois cristãos, acreditais também, e quem ma ensinou nunca me disse que tenha sido revogada.

— Que o nosso capítulo venha — ordenou Beaumanoir — e diga a esta teimosa infiel...

— Perdoai-me a interrupção — disse Rebeca brandamente. Não passo duma rapariga sem bases para discutir a minha religião, mas capaz de por ela morrer. Deixai-me, antes, rogar-vos resposta ao meu pedido dum campeão.

— Dai-me a luva dela — mandou Beaumanoir. — Trata-se realmente — continuou examinando o delicado tecido e os longos dedos da peça — dum ligeiro e frágil penhor para propósitos tão mortais! Vê, Rebeca! Esta luva está para as nossas pesadas guantes como a tua causa está para o Templo, pois é a nossa ordem que ousaste desafiar.

— Acrescentai a minha inocência à balança — sugeriu Rebeca — e a luva de seda pesará mais do que a manopla.

— Persistes, portanto, em recusar a confessar a tua culpa e a manter o atrevido desafio que lançaste?

— Persisto, nobre senhor.

— Que desse modo seja, em nome do Céu — aquiesceu o Grão-Mestre -, e que Deus nos aponte o caminho da justiça.

— Amen — entoaram os preceptores, cujas vozes foram repetidas pela assembleia.

— Irmãos — dirigiu-se-lhes Beaumanoir -, estais cientes de que poderia ter recusado a esta mulher o benefício dum julgamento por armas... Porém, embora judia, ela é também uma estrangeira indefesa. Deus nos defenda, pois, de ouvi-la invocar uma das mais brandas leis e nós recusarmos-lhe. Ademais, somos tão cavaleiros e soldados como religiosos, pelo que nos ficaria mal fugir à luta que nos é proposta. O caso pode resumir-se assim: Rebeca, filha de Isaac de Iorque, por várias e suspeitosas circunstâncias, acusada de feitiçaria sobre a pessoa dum nobre cavaleiro da nossa santa ordem, reclama um combate para provar a sua inocência. A quem, reverendos irmãos, deverá o penhor do combate ser entregue, nomeando-o nosso campeão?

— A Brian de Bois-Guilbert, a quem o assunto pessoalmente respeita — sugeriu o preceptor de Goodalricke — e que, melhor do que nós, conhece a verdade.

— Mas se o nosso irmão — contestou o Grão-Mestre -, se encontra sob o efeito dum encantamento? Falo por precaução, apenas, pois a melhor braço, dentro da nossa ordem, não poderia eu confiar "a ponderosa questão".

— Reverendo pai — interpôs o preceptor de Goodalricke -, nenhum encantamento pode afectar um campeão que voluntariamente se propõe lutar num julgamento divino.

— Tens toda a razão — reconheceu o Grão-Mestre. — Albert de Malvoisin, entrega o penhor a Brian de Bois-Guilbert... Encarregamos-te — prosseguiu voltado para Bois-Guilbert — do combate, sem duvidarmos de que lutarás como um homem, conseguindo a vitória para o lado justo... Quanto a ti, Rebeca, damos-te três dias, a contar de hoje, para que encontres o teu campeão.

— É muito pouco tempo — respondeu Rebeca — para uma estrangeira, de outra fé que não a vossa, arranjar quem queira batalhar, arriscando vida e honra, contra um cavaleiro de renome mais do que conhecido.

— Não o podemos ampliar — disse o Grão-Mestre. — A luta terá de ser presenciada por nós e vários assuntos exigem que partamos dentro de quatro dias.

— Seja feita a vontade de Deus — assentiu Rebeca. — Deponho a minha fé nas Suas mãos. para Ele, um instante é tanto

como uma era inteira.

— Falaste correctamente, donzela — assentiu o Grão— Mestre mas nós sabemos onde conseguir alguém que se arme como um anjo luminoso. Resta decidir quanto ao local da peleja, que, se calhar, será também o da execução... Onde está o preceptor desta casa? Albert de Malvoisin, ainda com a luva de Rebeca na mão, falava muito a sério e baixo com Bois-Guilbert.

— Que é? — perguntou o Grão-Mestre. — Não aceita o penhor?

— Aceita, já aceitou, reverendo pai — disse Malvoisin, escondendo a luva sob o manto. — Quanto ao local, entendo que a liça de São Jorge, pertencente a esta preceptoria, onde nos treinamos, estaria bem.

— De acordo — anuiu o Grão-Mestre. — Rebeca, nessa mesma liça apresentarás o teu campeão. Se o não fizeres, ou se o teu campeão for, por decisão divina, derrotado, tu morrerás a morte que reservamos para as bruxas. Esta é a nossa sentença. Que seja registada e o seu registo lido em voz alta para que ninguém duvide ou alegue, depois, ignorá-la. Um dos capelães, exercendo as funções de escriturário, imediatamente transcreveu a ordem para um enorme volume, onde se anotavam as atas dos Templários, quando se reuniam em ocasiões importantes como esta. Mal terminou de escrever, o outro leu alto a sentença do Grão-Mestre, que, depois de traduzida do francês da Normandia, assim corria: Rebeca, uma judia, filha de Isaac de Iorque, tendo sido acusada de feitiçaria, sedução e outras práticas condenáveis exercidas sobre a pessoa dum cavaleiro da sacra Ordem do Templo de Sião, negou-o, acrescentando que o testemunho nesse dia apresentado contra ela fora falso, perverso e desleal.

Assim, por essoine(1) físico, não lhe sendo permitido combater por sua conta, ofereceu em seu lugar um campeão para a defender nesta questão, dever que cumprirá lealmente e de forma cavalheiresca com as armas que forem convenientes, sendo tudo à custa material da vida dela própria. Por estes motivos, apresentou um penhor que foi entregue ao senhor e cavaleiro Brian de Bois-Guilbert, cavaleiro da Ordem do Templo de Sião, que aceitou entrar nesta pugna em defesa da sua ordem e de si mesmo, como vítima das práticas da apelante. Perante isto, o reverentíssimo e mui poderoso Sr. Lucas, marquês de Beaumanoir, aceitou o citado desafio e o citado essoine, marcando o combate para dentro de três dias, sendo o local o cercado conhecido como liça de São Jorge, perto da Preceptoria de Templestowe. O Grão-Mestre ordenou à apelante que apresentasse ali o seu campeão, sob pena de execução como pessoa condenada por bruxaria ou sedução. A apelante terá de aparecer também, sob pena de ser presa e vista como covarde em caso de não comparência. O nobre senhor e reverendíssimo padre atrás mencionado mostrou vontade de o mencionado combate dever ser travado na sua presença e de conformidade com tudo que é recomendável e conveniente em tais casos. Que Deus apoie a causa mais justa!

— Amém — entoou o Grão-Mestre. Todos o imitaram, exceto Rebeca, que, olhando para o céu, de mãos postas, se deixou ficar estática por cerca de um minuto. Lembrou depois ao Grão-Mestre, com humildade, que teria de lhe ser permitido contactar com os amigos para que soubessem da sua condição e lhe procurassem, se possível, um campeão que, em seu nome, lutasse.

— É justo e legal — assentiu o Grão-Mestre.

— Escolhe alguém em quem possas confiar e dar-lhe-emos livre facilidade de comunicação contigo no quarto, onde ficarás encerrada.

— Estará aqui alguém — indagou Rebeca — que, por amor ou a uma causa boa ou a uma valiosa recompensa, queira ajudar uma pessoa em aflição?

Tudo ficou calado, pois ninguém entendia ser seguro, na presença do Grão-Mestre, mostrar-se interessado na prisioneira, não fossem julgá-lo partidário do judaísmo. Nem a recompensa, quanto mais a generosidade, conseguiram ultrapassar esse temor. Rebeca ficou por instantes em estado de indescritível perturbação, para logo exclamar em inglês: — Poderá ser assim? Terei eu, em solo inglês, de ver cerceada a magra hipótese de salvação que me resta, por falta duma atitude de caridade que, até ao mais empedernido dos criminosos, se não recusa?

Por fim, Higg, filho de Snell, disse: — Não passo dum aleijado, mas o pouco que me mexo a ela o devo... Levarei o teu recado — acrescentou, falando para Rebeca -, tão bem quanto um entrevado o pode, e quisera eu as minhas pernas voassem, que mais não fora para mitigar o mal causado pela minha língua. Céus! Quando elogiei a tua caridade, mal imaginava que estava a pôr-te em risco.

— Deus — respondeu Rebeca — tudo decide. — Pode modificar o cativo de Judá utilizando os mais fracos instrumentos. Para levar uma mensagem, tanto serve o caracol (2) como o falcão, Procura Isaac de Iorque... aqui tens o bastante para pagares homens e cavalos... e entregai-lhe esta missiva. Não sei se será por inspiração divina, mas sinto no âmago que não sofrerei a morte que me ameaça e que um campeão virá auxiliar-me. Bom Fortúnio! A vida e a morte de ti dependem.

O camponês pegou no pergaminho, que continha meia dúzia de linhas em hebreu. Muitos o teriam dissuadido de tocar em tão suspeito documento, mas Higg queria mesmo ajudar a sua benfeitora. Ela salvara-lhe o corpo, pelo que não temia que lhe prejudicasse a alma.

— Levo — informou ele -, o bom capul (3) e pôr-me-ei em Iorque tão rápido quanto homem e besta conseguem. Por sorte, não teve de ir muito longe, pois a quatrocentos metros do portão da preceptoria encontrou-se com dois homens a cavalo, que, pelas roupas e grandes barretes amarelos, viu serem judeus. Aproximou-se e reconheceu num deles o seu antigo patrão, Isaac de Iorque, sendo o outro o rabi Ben Samuel. Ambos se abeiravam da preceptoria, tanto quanto ousavam, à notícia de o Grão— Mestre ter convocado um capítulo para o julgamento duma feiticeira.

— Meu irmão Ben Samuel — dizia Isaac -, a minha alma inquieta-se e eu conheço-lhe o porquê. Imputação de necromancia serve muitas vezes de capa para males a fazerem-se à nossa gente.

— Sossega, irmão — recomendava-lhe o físico. — Podes lidar com os nazarenos como o Demônio que preside às riquezas e, conseqüentemente, comprar-lhes a imunidade. Nas bárbaras cabeças destes ateus corre que até o selo de Salomão conseguia fazer gênios obedecerem-lhe... Mas quem é aquele infeliz que ali está agarrado às muletas e parecendo querer falar comigo?... Amigo — disse para Higg, filho de Snell -, não te negarei as faculdades que as minhas artes me consentem, mas não dou nem um aspre a quem pede na estrada. Afasta-te, portanto! Tens as pernas paralisadas? Usa os braços para ganhares a vida. Na verdade, ainda que não sirvas para trabalhos que exijam ligeireza, ou para seres um bom pastor, ou para a guerra, ou para servires um amo apressado, outras ocupações há... Que se passa, irmão? — perguntou, interrompendo a sua arenga e olhando para Isaac, que acabava de dar uma vista de olhos ao pergaminho que Higg lhe entregara e, com um fundo gemido, tombara da mula abaixo como morto, parecendo por algum tempo ter perdido completamente os sentidos.

— o rabino, alarmado, desmontou e com toda a celeridade lhe aplicou os remédios que via como mais indicados para o momento, tendo mesmo chegado a pegar em ventosas para o sangrar, quando o objecto dos seus cuidados subitamente voltou a si, arrancando o barrete e principiando a cobrir de pó a cabeça grisalha. O físico, de princípio, inclinou-se a atribuir tão repentina e violenta emoção a um ataque de loucura, mas Isaac cedo lhe demonstrou não ser assim.

— Filha do meu sofrer! — gritou. — Melhor te chamasses Benoni e não Rebeca! Porque me não leva a morte a mim, mesmo que, na minha amargura, amaldiçoe a Deus?

— Irmão — surpreendeu-se o rabino -, tu, um patriarca de Israel, dizes frases como essa? A tua filha vive ainda?

— Vive — confirmou Isaac -, mas como Daniel no covil dos leões. É prisioneira de lacaios de Belial, que sobre ela todas as crueldades exercerão, não poupando a sua juventude e beleza. Oh! Ela, que era a verde coroa de palmas nas minhas câs, vai mirrar como o fruto de Jonas! Filha do meu amor! Filha da minha velhice! Oh, Rebeca, filha de Raquel! As sombras da escuridão avassalam-te.

— Relê o pergaminho — propôs o rabino. — Talvez exista ainda alguma maneira de a libertarmos.

— Lê tu, irmão — respondeu Isaac.. — Os meus olhos estão rasos de água.

O físico leu, mas na língua dele, as palavras seguintes:

para Isaac, filho de Adonikam, a que os gentios denominam Isaac de Iorque. Que a paz e multiplicação da Promessa contigo estejam! Meu pai: fui condenada a morrer por razões que a minha alma não aceita. Por feitiçaria. Meu pai: se conseguir encontrar um homem valente para lutar pela minha causa, de espada e lança na mão, de acordo com os costumes dos nazarenos, na liça de Templestowe, de hoje a três dias, é provável que o Deus dos nossos antepassados lhe dê forças para defender uma inocente que ninguém ajuda! Caso isto se não consiga, que as virgens da nossa raça se cubram de luto por mim como se duma enjeitada se tratasse, dum veado ferido pelo caçador, da flor decepada pela foice do ceifeiro. Olha, pois, em teu redor e vê se auxílio haverá. Um guerreiro nazareno terçaria, quicá, armas em meu favor, Wilfred, filho de Cedric, que os gentios denominam de Ivanhoé. Porém, talvez ainda não agüente o peso da própria armadura.

Ele dá-se com a gente de valor entre os seus e, como fui sua companheira de cativo, talvez arranje alguém que lute a minha luta. Dizei-lhe, dizei-lhe mesmo, dizei a Wilfred, filho de Cedric, que, quer Rebeca viva, ou Rebeca morra, sê-lo-á na total inocência da culpa que lhe atribuem. E se de Deus for o desejo a filha retirar-te, não continues, ancião, nesta terra de sangue e crueldade. Vai para Córdoba, onde teu irmão vive em paz, à sombra do trono de Boabdil, o Sarraceno, pois as crueldades dos mouros sobre a raça de Jacó são muito menores do que as dos nazarenos de Inglaterra. Isaac escutara com relativa calma o que Ben Samuel lhe lera, No fim retomou as atitudes e exclamações de dó levantino, rasgando as roupas, cobrindo-se de poeira e bradando: — Minha filha! Minha filha! Carne da minha carne! Sangue do meu sangue!

— Dominai-vos — recomendou-lhe o rabino. — Essas manifestações de nada vos servirão. Levantai-vos e tratai de procurar esse Wilfred, filho de Cedric. Pode acontecer que te ajude com a sua força ou com a sua influência e conselho. Esse jovem é um favorito de Ricardo, que os nazarenos apelidam de Coração-de-Leão, acerca de cujo regresso rumores correm por todos os lados e constantemente. Talvez suceda ele conseguir uma carta do rei, com o seu sinete, ordenando a estes sanguinários, que, desonrando-o, tomaram o nome do Templo, que suspendam a barbaridade que tencionam levar a cabo.

— Vou por ele — aquiesceu Isaac. — Ele é um rapaz muito bom, a quem o exílio de Judá pena causa. Se ele não puder envregar a armadura, fará que outro cristão lute em defesa do Sião oprimido.

— Não é bem assim — corrigiu o rabino. — Falas como quem não conhece o gentio. com ouro compra-se-lhe a bravura, como com o ouro compras a tua segurança. Enche-te de ânimo e parte em busca de Wilfred de Ivanhoé. Também me mexerei, pois seria pecado abandonar-te nesta calamidade. Voarei para a cidade de Iorque, onde estão inúmeros guerreiros e homens

fortes, entre os quais, de certeza, algum acharei disposto a combater por tua filha. O ouro é o seu deus e por riquezas empenham vidas e terras... Preenches-me uma promissória, meu irmão, para que os contrate em teu nome?

— Certamente, irmão — anuiu Isaac. — E que o Céu seja abençoado por me ter dado quem me confortasse na minha dor. Seja como for, não aceites as propostas deles à primeira, pois está na maneira de ser dessa gente pedirem libras pelo que acabam por aceitar em onças. De qualquer modo, procede como entenderes, já que estou perturbado e o ouro sem a minha filha para nada me serviria.

— Boa viagem — desejou-lhe o físico. — Que tudo te corra a contento. Abraçaram-se e partiram por estradas diferentes. O aleijado ficou a vê-los seguir: — Cães judeus! — bradou. — Tratarem um membro da minha guilda como se fosse um escravo dum turco ou dum judeu circuncidado! Bem poderiam ter-me deixado ficar uma ou duas moedas. Não era obrigado a trazer-lhes os seus pergaminhos profanos, sob o risco de ficar embruxado, como muitas pessoas me avisaram. Que quero eu saber do nico de ouro que a rapariga me deu se, na próxima Páscoa, tenho de me haver, no confessionário, com um padre que me vai extorquir duas vezes o seu valor para me dar a absolvição e se vou ganhar a alcunha de correio de judeus para a vida inteira? Acredito ter ficado enfeitiçado pela moça, quando estava perto dela... Mas sempre assim vi ser. Quando dela se abeiravam, fossem eles judeus ou gentios, nenhum ficava parado, caso ela desejasse qualquer recado. Pensando bem, dava até a minha oficina e as minhas ferramentas para a salvar.

1. Essoine quer dizer desculpa, correspondendo, neste caso, ao privilégio de o apelante poder recorrer a outrem em virtude do seu sexo.

2.. Existe aqui um jogo de palavras intraduzível. Snell, o nome do pai de Higg, é, sem dúvida, derivado do anglo-saxónico snegl, o caracol. (N. do T.) 3.. Capul, isto é, cavalo. Em sentido mais limitado, cavalo de trabalho.

Capítulo XXXIX

Impiedosa e fria de alma donzela, Meu peito é tão orgulhoso como ela.
Seward

Apagava-se o dia do julgamento, se julgamento àquilo se podia chamar, quando alguém bateu à porta do quarto onde Rebeca estava presa. Em nada isso a perturbou, uma vez que rezava as suas orações do fim da tarde, que a sua religião recomendava e que terminavam com um hino que, traduzido, seria algo assim: Quando Israel por Deus amado deixou as terras de escravidão, o Deus de seus pais seguiu guiando-os entre fumo e fogo. De dia, através de países atônitos, como uma coluna deslizava, de noite, as vermelhas areias da Arábia refletiam-lhe o fero brilhar.

Ergueu-se um hino de graças, a que responderam trombetas e pandeiretas. As filhas de Sido acrescentaram-lhes as suas vozes, juntamente com as dos sacerdotes e guerreiros. Nenhum portento perturba agora os nossos inimigos e Israel erra, só e esquecido. Os nossos patriarcas tanto quiseram os Teus caminhos e Tu deixaste-os seguir aqueles que queriam. Mas, sempre presente, embora no momento invisível, quando brilharem melhores dias, que a Tua lembrança seja um nebuloso véu sobre o fulgor decepcionante e, quando a escuridão e a tempestade caírem sobre Judá, sê paciente e parco no castigo, apenas uma luz viva e brilhante.

As nossas armas ficaram nas águas de babilônia, brinquedos para os tiranos, desprezo dos gentios. Não há mais incenso nos nossos altares, estão mudas as pandeiretas, as trompas e as trombetas. Tu disseste que o sangue da cabra e a carne do carneiro eu não deveria apreciar. De coração contrito e pensamento humilde o sacrificio aceitarei. Terminado o hino e retornado o silêncio, de novo alguém bateu à porta levemente.

— Entrai — disse ela -, se sois amigo. Se sois inimigo, também vos não posso impedi-lo.

— Serei — respondeu Brian de Bois-Guilbert — amigo ou inimigo, conforme o resultado desta conversa.. Alarmada à vista daquele homem a cuja concupiscência e paixão atribuíra toda a sua infelicidade, Rebeca recuou,, com cautela atenta, mas não em pavor, para o fundo do apartamento, afastando-se o mais possível, mas disposta a lutar. Enfrentou-o, não em desafio, mas com a decisão de quem não quer provocar um assalto, mas disposto a repeli-lo com unhas e dentes.

— Não tendes razão para me temer, Rebeca — começou o Templário -, ou, se preferirdes, não tendes, agora, razão para me temer.

— Não vos temo, Sr. Cavaleiro — respondeu Rebeca, com um inalar que contrariava a bravura do seu tom. — É grande a minha fé, pelo que vos não temo.

— Não existe motivo — acrescentou Bois-Guilbert -, as minhas anteriores desvairadas tentativas já não são mais de temer. Ao alcance da tua voz encontram-se guardas em quem não mando. Compete-lhes conduzirem-te para a morte, Rebeca, mas, mesmo assim, não permitirão que ninguém te insulte. Nem mesmo eu, se, no meu delírio, porque de delírio se trata, a isso me conduzisse.

— Valha-me o Céu! — exclamou Rebeca. — A morte é o menor dos meus temores, mesmo neste covil de perfídia!

— É — concordou o Templário. — A noção de morte é facilmente aceite pelos corajosos, quando o seu caminho surge fácil e subitamente. Um enterrar de lança, uma estocada, nada significam para mim. para ti, um salto no vazio, uma punhalada, nada seriam comparados com o que se vê como desgraças. Escuta. Talvez os meus sentimentos de honra sejam não menos fantásticos do que os teus, mas ambos sabemos morrer por eles.

— Infeliz — disse a judia -, estás decidido a arriscar a vida por princípios cuja solidez, a frio, sabes não existir. Separares-te dum tesouro pelo que nada é? Comigo não é nada disso. A tua decisão pode oscilar ao louco sopro das opiniões humanas. A minha é firme como uma rocha.

— Calai-vos, menina — mandou o Templário. — As palavras de pouco vos servirão. Estás condenada não a uma morte rápida e fácil, como a miséria desejaria e o desespero bem acolhe, mas sim a perecer sob lenta, dolorosa e prolongada tortura, como é devida àquilo que o fanatismo destes homens denomina de crime.

— E a quem, se esse é o meu fado, a quem o devo? — interrogou Rebeca. — Certamente àquele que por brutal egoísmo me arrastou até aqui e no momento, por razões só dele conhecidas, tenta empolar o fim a que me levou.

— Não creias — disse Bois-Guilbert — que te expus dessa maneira. Bem quereria defender-te deste perigo com o meu peito, como o fiz contra as frechas que, doutro modo, te haveriam trespassado.

— Tivera o teu propósito sido o da defesa duma inocente — ripostou Rebeca -, que eu o teria agradecido. como é, pretendes apenas ganhar mérito, como tanta vez sucede, e levas-me a afirmar que a vida para mim nada vale para o preço que por ela tu queres exigir.

— Cala as tuas censuras, Rebeca — pediu o Templário. — Sofro dores também e não aceito que, repreendendo-me, mas acresças.

— Que queres, então, cavaleiro? — quis a judia saber. — Diz depressa. Se tens algo mais do que assistir à miséria que causaste, diz-me. E, nesse caso, pedir-te-ei que me deixes depois só. O passo entre o agora e a eternidade é curto, mas terrível, e tenho pouco tempo para me preparar.

— Entendo, Rebeca, que persistes em me atribuir as tuas desgraças, quando tanto gostaria de delas te aliviar.

— Sr. Cavaleiro — disse Rebeca -, não pretendo ralhar-vos... mas está mais do que visto que a minha morte se deverá à vossa desenfreada paixão.

— Errais, errais — apressou-se o Templário a afirmar imputando-me o que não podia prever ou evitar. Adivinhasse eu a inesperada chegada daquele velho baboso, lá em cima, a quem uns laivos de valor frenético e os elogios de loucos pela sua abnegação estúpida elevaram a posição acima dos seus méritos, acima do bom senso, acima de mim e dos centenares de membros da minha ordem, que pensam livres de doidos e fantásticos preconceitos que lhes servem de base às opiniões...

— Seja de que maneira for — cortou Rebecca -, haveis-me feito sentar perante um juiz, inocente como sabeis eu estar, haveis contribuído para a minha condenação e, se entendi direito, estais disposto a terçar armas em confirmação da minha culpa e como garante do meu castigo.

— Tem paciência, rapariga — bradou o Templário. — Nenhuma raça sabe tão bem como a tua aproveitar-se dos ventos contrários. — Maldita a hora em que tais artes foram ensinadas a Israel — disse Rebeca. — A adversidade verga as almas como o fogo dobra o ferro resistente, e aqueles que já não são mais senhores de si têm de se dobrar perante estrangeiros junto de quem vivem como naturalizados em terra alheia. É praga, Sr. Cavaleiro, sobre nós tombada, quiçá merecidamente, pelas nossas faltas e pelas dos nossos pais. Mas vós, vós, que enalteceis a liberdade como um direito nato, quão mais profunda não será a vossa desgraça quando vos baixais para diminuir os preconceitos de outros, fazendo-o contra as vossas convicções?

— Amargas são as tuas frases, Rebeca — respondeu Bois-Guilbert, que no momento se passeava no quarto com toda a impaciência. — Não vim, todavia, aqui para trocar acusações contigo. Fica sabendo que Bois-Guilbert não cede a homem nenhum, se bem que as circunstâncias o possam, às vezes, fazer alterar os planos. A sua vontade é como a torrente que a rocha pode desviar um pouco, mas que sempre acaba por encontrar o caminho para o mar. O pergaminho aconselhando-te a pedires um campeão de quem julgas que veio, senão de Bois— Guilbert, para quem tu tanto significas?

— Um curto descanso antes da morte de pouco me valerá. Foi somente isso o que pudeste fazer por alguém sobre cujas costas atraíste a tragédia e a quem conduziste para a beira da campaa?

— Não, menina — replicou Bois-Guilbert -, não foi só isso que resolvi fazer. Não fora a interferência danada do velho e do maluco de Goodalricke, que, como templário, finge pensar e julgar de acordo com as regras gerais da humanidade, o lugar de campeão não teria sido dado a um preceptor, mas a um companheiro da Ordem. Nesse caso, eu, e era essa a minha ideia, teria, ao soar da trombeta, surgido na liça como teu defensor, disfarçado, é certo, de cavaleiro andante em busca de aventuras para a sua espada e escudo. Nesse caso, mesmo que Beaumanoir tivesse eleito dois ou três dos irmãos aqui congregados, a todos teria derrubado com uma lança somente. Dessa forma seria a tua inocência comprovada e da tua gratidão aguardaria eu a recompensa.

— Tudo isso, Sr. Cavaleiro — disse Rebeca -, não passa de vã jactância. Uma fanfarronice do que faríeis se não houvésseis achado mais conveniente doutro modo proceder. Haveis recebido a minha luva, e o meu campeão, se uma abandonada como eu o conseguir, cruzará lanças convosco. Mesmo assim, ainda ousais armar-vos em meu amigo e protetor!

— Teu amigo e protetor — repetiu o Templário com toda a seriedade -, me mostrarei, mas, nota, sob que riscos, ou, mais certamente, sob que desonra. Não me acuses, depois, quando te apresentar as minhas condições para oferecer o que até agora de mais caro tenho na defesa duma donzela judaica. — Fala de forma que te entenda.

— Pois bem — concedeu Bois-Guilbert -, falarei tão francamente como o mais arrependido dos penitentes ante seu pai espiritual, de joelhos, num confessionário. Rebeca, se eu me não apresentar na liça, perderei honra e categoria. Perco o ar que respiro, a estima em que sou tido pelos meus irmãos e as esperanças que tenho de alcançar o elevado posto de autoridade, ora nas mãos do visionário e caquético Beaumanoir, mas que nas minhas tomaria rumos bem diferentes. Esse será o meu fim se não comparecer para contra ti pugnar. Maldito seja Goodalricke, que me apanhou na arola! E duplamente maldito seja Albert de Malvoisin, que me evitou a resolução que tomara de atirar com a luva à cara do supersticioso e antiquado louco que escutou uma tão absurda acusação contra uma pessoa tão inteligente e tão bela como tu!

— De que serve agora a lisonja e o palavreado bombástico? perguntou Rebeca. — Escolheste já entre o fazer uma inocente perder a vida e o perigar da tua situação e esperanças terrenas. De que vale falar nisso? A escolha está feita.

— Não, Rebeca — disse o cavaleiro em tom mais suave e aproximando-se dela -, a minha escolha não está feita. Repara... É a ti que a decisão compete. Se aparecer na liça, terei de defender a minha reputação e, se o fizer, arranjes ou não campeão, estás condenada à morte, amarrada a um poste, com feixes em chamas à tua volta, porque não existe cavaleiro que possa, nas armas, competir comigo, salvo Ricardo Coração de Leão e o seu favorito Ivanhoé. Ivanhoé, como sabes, não está em condições de combater e Ricardo está numa prisão no estrangeiro. Portanto, se eu me apresentar, tu morres, mesmo que os teus encantos possam ter atraído qualquer jovem estouvado que queira defender-te.

— Para que serve, diz-me, repetir o mesmo tanta vez?

— Para muito — replicou ele. — para que possas apreciar o teu destino sob todos os ângulos.

— Abri então a janela — sugeriu a judia -, para que possa ver o outro lado.

— Se eu aparecer — continuou o cavaleiro -, na liça fatal, morrerás a lenta e cruel morte, em tortura igual à que dizem estar destinada aos pecadores no Além. Se o não fizer, tornar-me-ei num cavaleiro degradado e desonrado, acusado de feitiçaria e conluio com infieis. O nome ilustre que tão alto levantei tornar-se-á num silvo, num insulto. Perderei a fama, a honra e possibilidades de grandeza que poucos imperadores jamais poderão ambicionar. Sacrificarei uma ingente ambição, destruirei projetos tão altos como algumas montanhas que os pagãos dizem nunca ter sido escaladas e, não obstante — atirou-se-lhe, no instante, aos pés -, tudo isto sacrificarei. Perderei a fama, esquecerei o poder já quase ao meu alcance desde que digas apenas que aceitarás Bois-Guilbert como teu amado.

— Ponde de parte essas loucuras, Sr. Cavaleiro — respondeu Rebeca -, e apressai-vos para junto do Regente, da Rainha-Mãe, do príncipe João, para que não consintam a decisão do Grão-Mestre. Assim me protegereis sem sacrificios da vossa parte ou exigências de retribuições minhas.

— Não trato com essa gente — disse ele agarrando-se à cauda do vestido. — É contigo e contigo somente que isto discuto. Que mais podes querer? Mesmo que eu fosse um Demônio, a morte é pior e o meu rival único é a morte.

— Não pondero nesses males — disse Rebeca, temendo provocar o cavaleiro,— mas, ao mesmo tempo, não desejando aturar-lhe a paixão ou, sequer, fingi-lo. — Procedei como um homem, como um cristão! Se, na realidade, a vossa fê recomenda a piedade, de que tanto falais, mas tão pouco praticais, salvai-me desta morte atroz sem exigir pagamentos, que transformariam a vossa magnanimidade numa mera permuta.

— Não, donzela! — exclamou o arrogante Templário, pondo— se, num salto, de pé. — Não te sobreporás à minha pessoa. Se renunciar ao meu atual renome e à ambição do porvir, será por ti e juntos teremos de fugir. Ouve-me, Rebeca — novamente adotou de tom -, a Inglaterra, a Europa, não são o mundo. Há sítios, onde poderemos viver, bastante grandes mesmo para ambições como a minha. Iremos para a Palestina, onde está Conrade, o marquês de Montserrat, meu amigo e, como eu, livre de peias que embotam o livre raciocinar. Aliar-nos-íamos a Saladino e não teríamos de aguentar a troça de fanáticos que desdenhamos. Abriremos novos rumos para a grandeza — prosseguiu, tornando a medir com largos passos o compartimento. — A Europa escutará as passadas daquele que expulsou do seu seio. Nem os milhões que, nas cruzadas, ela manda para o açougue poderão defender a Palestina, nem os alfanges das dezenas de sarracenos conseguem abrir caminho naquela terra pela qual as nações lutam, tão bem como a política e a força, minhas e daqueles meus irmãos que, apesar do velho, a mim se juntarão para o bem e para o mal. Serás rainha, Rebeca. No monte Carmelo te sentarei num trono que, com o meu valor, para ti ganharei, guardando para mim um cetro, em lugar do ambicionado báculo.

— Um sonho — comentou Rebeca -, um sonho vazio da noite. Mas, mesmo que se tratasse duma realidade, não me afetaria. Basta de ouvir falar do poder que desejas. Nunca o compartilharei, até porque não subestimo a pátria e a religião a ponto de querer negociar os seus laços com quem o quer fazer, esquecendo os votos da ordem a que, sob juramento, se ligou, apenas para dar asas aos seus desejos por uma mulher doutra raça. Não ponhais preços à minha liberdade, Sr. Cavaleiro. Não me vendais. generosidade. Protegeei os oprimidos por caridade e não Por egoísmo. Ide junto do trono de Inglaterra. Ricardo escutará o meu apelo contra estes homens cruéis.

— Jamais, Rebeca — opôs-se o Templário com ferocidade. — Se renunciar à minha ordem, será por ti e por mais ninguém. Se me recusares o amor, restar-me-á a ambição. Nem tudo perderei. Baixar-me a Ricardo? Pedir um favor a um orgulhoso daqueles? Nunca! Seria como colocar-lhe a ordem aos pés. Posso abandonar a Ordem do Templo, mas humilhá-la ou traí-la, não!

— Que Deus me socorra — pediu Rebeca -, porque dos homens nada posso esperar.

— É precisamente assim — concordou o Templário. — Altiva como és, encontraste em mim quem te faça frente. Se entrar na liça com a lança em riste, nada impedirá de a usar com todo o vigor. Pensa igualmente no teu destino... a morte que se dá aos nefastos mais nefastos entre os criminosos... desfazer-te numa pira... separar-te nos elementos estranhos que tão misteriosamente nos formam. Nem uma relíquia restará desse gracioso corpo, que nos permita recordar ter ele vivido e andado. Rebeca, isso não é próprio duma mulher. Tens de me aceitar!

— Bois-Guilbert — replicou a judia -, ignoras como são os corações das mulheres ou apenas tens lidado com aquelas que já perderam o seu lado melhor. Digo-te, orgulhoso templário, que nem na mais feroz das batalhas exibiste vez alguma tanta coragem como aquela de que uma mulher se reveste quando luta por afeição e dever. Sou uma mulher criada com carinhos, naturalmente medrosa e sensível à dor... mas, quando entrarmos nessa liça fatal, tu para lutares e eu para sofrer, sei, de certeza, que a minha valentia será superior à tua. Que passes bem, Não perderei mais palavras contigo. O tempo que resta na Terra a esta filha de Jacó deve ser gasto de maneira diferente. Procurará o Consolador, que oculta o rosto ao Seu povo, mas não se esquece de escutar os que se Lhe dirigem com sinceridade e verdade.

— É desta forma que nos vamos separar? — quis o Templário saber. — Tivesse o Céu querido que nunca nos tivéssemos cruzado ou que tu fosses nobre de nascimento e cristã na fê. Não, pelo Céu! Quando te fito e penso como vai ser, quando nos tornarmos a ver, chego a desejar fazer parte da tua aviltada nação, com as mãos traquejadas nos lingotes e nas moedas, e não

na espada e no escudo. Baixando a cabeça ante qualquer fidalgote e somente exibindo a minha ferocidade aos meus apavorados devedores em falência. Aceitava tudo isto, Rebeca, para te ter junto de mim em vida e fugir àquilo que vou fazer para a tua morte.

— Descreveste os judeus tal como a perseguição que lhes fazes os tornou — disse Rebeca.

— O Céu, na sua ira, expulsou-os do seu país, mas a habilidade que tinham abriu-lhes a única estrada que subsistia aberta para o poder e influência. Lê a história antiga do povo de Deus e diz-me se aqueles que, por intermédio de Jeová, tantos feitos maravilhosos executaram eram então uma nação de avaros e miseráveis. Ficai ainda sabendo, orgulhoso cavaleiro, que contamos entre nós nomes ao pé dos quais a vossa nobreza do Norte fica como a cabaça ao lado do cedro. Nomes que vêm dos tempos em que a Presença Divina se juntava à de Suas crianças e cujo esplendor deriva não de príncipes da Terra, mas da Voz tremenda que convocava os seus antepassados para se unirem à Visão. Assim eram os príncipes da casa de Jacó.

O rosto de Rebeca colorira-se-lhe à recordação das antigas glórias da sua raça, mas foi empalidecendo quando, com um suspiro, acrescentou: — Eram deste modo os príncipes de Judá, mas já o não são mais! São pisados como a relva cortada e com a lama misturados. Há, contudo, ainda alguns que se não envergonham da sua ascendência, encontrando-se entre esses a filha de Isaac, filho de Adonikam! Passai bem! Não vos invejo a ascendência de nórdicos pagãos e bárbaros. Não vos invejo a religião que sempre trazeis na boca, mas nunca na alma.

— Estou enfeitiçado, Deus meu! — bradou Bois-Guilbert. Quase acredito que aquele esqueleto em pé falou verdade e que a relutância com que me separo de ti tem algo de não natural. Formosa criatura — disse aproximando-se, mas com todo o respeito -, tão jovem, tão bela, tão impávida perante a morte e, apesar de tudo, destinada a morrer na infâmia e em agonia. Quem por ti não chorará? As lágrimas há vinte anos arredadas destes olhos acumulam-se agora ao olhar-te. O que tem de ser, será. Nada te salvará. Tu e eu não passamos de cegos instrumentos nas mãos do irresistível fatalismo que nos empurra como se naves fôssemos, que a tempestade impelisse uma contra a outra para que, chocando-se, se afundassem. Perdoai-me para que, quanto mais não seja, nos separemos em amizade. Não venci a tua pertinácia e a minha é tão firme e inquebrável como os desígnios do destino.

— Os homens — comentou Rebeca — sempre atribuem ao destino as suas loucas paixões. Perdoo-te, mesmo assim, Bois-Guilbert, se bem que sejas o autor do fim da minha passagem pela Terra. Coisas nobres perpassam pela tua mente poderosa, mas não passam de flores num jardim abandonado que as ervas daninhas já ocupam.

— Sim, Rebeca, serei assim — disse o cavaleiro — como tu dizes, por nascença e indomavelmente... e disso orgulhoso, pois sei ocupar, neste bando de loucos e manhosos fanáticos, um lugar Proeminente e forte. Estou feito para a guerra desde a minha juventude e com os olhos nela postos, firmes, inflexíveis e imutáveis, como o mundo verificará. Perdoas-me realmente, Rebeca?

— Tanto quanto a vítima o pode fazer ao algoz.

— Adeus — despediu-se o Templário, saindo. O preceptor Albert esperava-o impaciente, na divisão ao lado.

— Demoraste-te — observou. — Estou em brasa de impaciência. E se o Grão-Mestre ou o seu espião, o Conrade, tivessem vindo para aqui? Mas que tens tu, amigo? Cambaleias, estás toldado como a noite. Estás bem, Bois-Guilbert?

— Tão bem — retorquiu o Templário — como um condenado. Não! Nem mesmo metade tão bem, pois alguns há que, nessa situação, estão prontos a deixar a vida como se dum farrapo velho se tratasse. Por Deus, Malvoisin, aquela rapariga dominou-me. Estou meio decidido a ir junto do Grão-Mestre, renunciar à Ordem e recusar o ato de brutalidade que a sua tirania me impõe.

— Perdeste o juízo — exclamou Malvoisin. — Arruinar-te — ias sem conseguires salvar a judia que tão preciosa te é. Beaumanoir nomearia outro em teu lugar e a acusada morreria exatamente como se fosses tu quem lutasse.

— Isso é falso! Pegarei eu nas armas em sua defesa — gritou o cavaleiro — e, nesse caso, bem sabes, Malvoisin, não haveria ninguém na ordem capaz de aguentar o embate da minha lança.

— Sabes, porém — recordou o astuto conselheiro -, que nunca terás possibilidades de levar avante esse insano projeto. Vai e diz a Lucas de Beaumanoir que renuncias aos teus votos e verás o que o velho déspota fará com a tua liberdade. Ainda mal terás acabado de falar e já te encontrarás a muitos metros abaixo do nível do solo, no cárcere da Preceptoria, aguardando o julgamento devido aos cavaleiros covardes. Ou, se ele continuar pensando que estás possesso, terás um leito de palha, escuridão e correntes, dentro de qualquer convento distante, atordoado por exorcismos e encharcado de água benta para de ti afastar o Demônio que te tem. Tens de te apresentar na liça, Brian, se não queres ficar perdido e sem honra.

— Saio daqui e fujo — disse Bois-Guilbert -, fujo para qualquer terra longínqua que a loucura e o fanatismo não tenham encontrado ainda. Nem uma gota de sangue daquela excelente criatura será vertida por culpa minha.

— É-te impossível fugir — lembrou-lhe o Preceptor. — As tuas divagações já te levantaram suspeitas, pelo que não te será autorizado sair da Preceptoria. Tenta. Chega-te ao portão e manda baixar a ponte. Verás a resposta que te dão. Estás surpreso e ofendido? Mas não é isto preferível para ti? Se fugisses, que resultaria da tua fuga, senão o inverter do teu brasão, a desonra para o teu nome e a tua despromoção? Pondera. Onde esconderão a face os teus velhos companheiros de armas se Brian de Bois-Guilbert, a melhor lança entre os Templários, é dado como poltrão no meio dos assobios da assembleia? Quanto nojo não cobrirá a corte francesa! com que satisfação não receberá o arrogante Ricardo a notícia de que o cavaleiro

que lhe fez a vida negra na Palestina perdeu a fama e honra, por causa duma rapariga judia, por quem nem sequer soube fazer um sacrificio, salvando-a?

— Malvoisin — interpôs o cavaleiro. — Agradeço-te. Tocaste a corda que, em mim, melhor soa. Aconteça o que acontecer, o apodo de poltrão jamais se acrescentará ao nome de Bois-Guilbert. Quisera Deus que Ricardo, ou algum dos seus favoritos, surgisse na liça. Todavia, vão estar vazias. Ninguém se atreverá a quebrar lanças pela inocente desamparada.

— Tanto melhor para ti, se assim suceder — comentou o Preceptor.

— Se nenhum campeão se apresentar, não será por tua culpa que essa infeliz donzela perecerá, mas sim devido à sentença do Grão-Mestre, sobre quem cairá toda a falta, que ele, contudo, verá como um elogio e um louvor.

— Certo — concedeu Bois-Guilbert. — Se não surgir um campeão, não serei mais do que um elemento da representação, a cavalo, na liça, que nada tem a ver com o que se seguirá. — exatamente — disse Malvoisin. — Não representarás mais do que a imagem de São Jorge quando é carregada em procissão.

— Pronto. A minha decisão mantém-se — afirmou o Templário.

— Ela repeliu-me, desprezou-me, rebaixou-me. Porque hei de perder por ela a boa opinião que os outros têm de mim? Malvoisin, eu irei à liça! isto dizendo, saiu apressadamente, seguido do Preceptor, interessado em ver se ele se atinha à sua resolução. Tinha grande interesse na fama de Bois-Guilbert, devido às vantagens pessoais que gozaria, caso, um dia, ele viesse a ser o principal da Ordem, já não falando nas promessas insinuadas por Mont-Fitchet e dependentes da efetivação da condenação da desafortunada Rebeca. Deste modo, e ainda que opondo-se ao lado bom do seu amigo e dispondo de todos os trunfos que um homem sagaz, sereno e egoísta possa pretender para se sobrepor a outro, dominado por violentos e contraditórios sentimentos, Malvoisin tinha de se servir de todas as suas manhas para não permitir que Bois— Guilbert se desviasse da rota que aceitara seguir. Era obrigado a vigiá-lo continuamente, não fosse ele tornar a pensar em fugas, a interceptar-lhe quaisquer contatos com o Grão-Mestre, não acontecesse romper ele definitivamente com o superior e reacender, de quando em vez, os argumentos com os quais o convencera a apresentar-se como campeão e tudo isto sem apressar ou assegurar o destino de Rebeca, que tinha de seguir o seu curso sem o levar à perdição e desgraça.

Capítulo XL

Afastem-se as sombras... É Ricardo, ele próprio, outra vez.

Ricardo III

Quando o Cavaleiro Negro (temos de lhe acompanhar as aventuras) se afastou da árvore-da-reunião do generoso fora-da-lei, seguiu diretamente para uma casa religiosa de importância e rendimentos consideráveis, denominada Priorado de São Botolph, para onde Ivanhoé fora transferido, quando o castelo fora tomado, pelos cuidados do fiel Gurth e do magnânimo Wamba. Será escusado, nesta altura, relatar o que se passou neste intervalo entre Wilfred e o seu salvador. Bastará informar que, após séria e longa troca de impressões, o Prior despachou mensageiros com destinos variados e que no dia seguinte o Cavaleiro negro se preparava para prosseguir, acompanhado por Wamba, o bobo, que lhe serviria de guia.

— Encontrar-nos-emos — disse a Ivanhoé — em Conningsburgh, o castelo do falecido Athelstane, já que é lá que o teu pai, Cedric, dá a festa fúnebre em honra do seu nobre parente. Quero ver os vossos parentes saxões, Sr. Wilfred, para que, reunidos, melhor os fique a conhecer. A nós vos juntareis para que eu vos reconcilie com vosso pai. Despediu-se afetuosamente de Ivanhoé, que mostrou toda a vontade de ir também, servindo-o, oferta que o Cavaleiro Negro declinou.

— Descansa ainda hoje. Pouca força terás, quiçá, amanhã. Não terei outro guia senão o honesto Wamba, que, de acordo com a minha disposição, tanto me servirá de padre como de bufão.

— Do meu coração vos acompanharei — interpôs-se Wamba aos festejos fúnebres de Athelstane, que, se não forem completos e a preceito, o poderão fazer levantar-se do caixão para rezingar com o cozinheiro, com o mordomo e com o escanção, coisa que mereceria ser apreciada. Conto, Sr. Cavaleiro, que me desculpareis junto de meu amo, Cedric, caso as minhas piadas o não convençam.

— E onde é que o meu fraco valor pode, Sr. Bobo, quando a graça brejeira não vale? Dizei-mo.

— O espírito, Sr. Cavaleiro — respondeu o bobo -, pode muito. É um patifezinho que vê por que lado pode chegar-se a alguém e como se defender do vento das suas paixões quando elas sopram raivosas. O valor, porém, é um tipo robusto que tudo leva na sua frente. Rema contra o vento e contra a maré, vencendo-os. Portanto Sr. Cavaleiro, embora eu esteja ao de cima, com bom tempo na casa do meu amo, espero que vós intervenhais se a borrasca se levantar.

— Sr. Cavaleiro do Aloquete, já que assim gostais de ser conhecido — disse Ivanhoé. — Temo tendes escolhido um louco turbulento e palrador como guia. É certo que conhece todas as veredas e caminhos da mata tão bem como qualquer caçador habituado a percorrê-los e, fora isso, é um indivíduo fiel como um cão, como sabeis.

— Ná — respondeu o cavaleiro -, se me sabe indicar o caminho, nada me importa que mo torne agradável. Passa bem, Wilfred. Não te permito que te desloques senão amanhã, no máximo.

— Estendendo a mão, Ivanhoé levou-a aos lábios. Despediu-se do Prior, saltou para a montada e partiu, com Wamba ao lado. Ivanhoé ficou, seguindo-os com a vista, até que se perderam nas sombras da floresta que os circundavam, após o que regressou ao convento. Pouco depois do cântico das matinas, pediu para falar com o Prior. O velho apareceu, todo apressado, perguntando-lhe como se sentia.

— Estou muito melhor — informou Ivanhoé — do que alguma vez poderia esperar. Ou o meu ferimento era mais leve do que a efusão de sangue me levou a entender, ou este bálsamo é uma maravilha. Sinto-me perfeitamente capaz de pôr a armadura, e ainda bem, pois odeio a inatividade.

— Valham-me todos os santos! — invocou o Prior. — Que não deixem o filho de Cedric abandonar o convento antes de totalmente curado! Seria uma vergonha para nós!

— Nem eu quereria deixar o vosso hospitaleiro telhado, venerando senhor — sossegou-o Ivanhoé -, se me não sentisse capaz de aguentar a jornada.

— E qual será o motivo para tão súbita partida?

— Nunca haveis sentido, santo padre — perguntou o cavaleiro -, uma sensação de algo mau no ar, sem saber a que atribuí-la? Nunca a vossa mente se ensombrou como uma paisagem soalheira, de repente coberta por nuvens augurando a borrasca? Entendeis serem esses avisos indignos de atenção e não vindos do nosso anjo-da— guarda, avisando-nos de perigos vindouros?

— Não o desdigo — benzeu-se o Prior. — Tais coisas são e vêm do Céu. Mas, normalmente, têm objectivos e tendências úteis. Mas tu, ferido como estás, que poderias fazer se te assaltassem?

— Prior — esclareceu Ivanhoé. — Estás errado. Sinto forças bastantes para trocar socos com quem quer que, no caminho, a isso me desafie. E, mesmo que assim não fosse, não arranjará eu meios para ajudar quem em perigo estivesse que não fossem as armas? É sabido que os Saxões não gostam dos Normandos, e quem sabe o que sucederá, quando ele surgir entre eles, furiosos com a morte de Athelstane e aquecidos pela beberagem que lhes é servida? Vejo a sua ida ali, neste momento, como perigosa, e por isso vos peço me empresteis um cavalo de passo menos duro do que o do meu corcel de batalha.

— Com certeza — concordou o bom religioso. — Levareis a minha égua treinada, que vos carregará tão bem como se fôsseis o abade de Saint Albans. Digo-te ademais que, como Malkin, pois é esse o nome dela, não há outra, a não ser cavalos de circo, treinados a andar no meio de ovos, quanto a meiguice e suavidade de passo. Às costas dela já compus muitas homílias para o bem dos meus irmãos e demais cristãos.

— Rogo-vos, reverendo — pediu Ivanhoé -, que mandeis arrear Malkin, ordenando ao mesmo tempo a Gurth que se prepare.

— Recordo-vos — persistiu o Prior — que Malkin sabe tanto de combates como o seu dono e aviso-vos não saber se poderá com todo o peso das vossas armaduras e armas. Malkin é um animal esperto e tudo fará para evitar peso a mais. Lembro-me de que, uma vez, pedi o Fructus Temporum ao padre de Saint Bees e ela não se moveu enquanto não substituí o pesado volume por um breviário pequenino.

— Confie em mim, padre — pediu Ivanhoé. — Não a carregarei em demasia, mas, se tentar opor-se-me, ficará mal.

Esta frase foi dita quando Gurth já lhe afivelava um par de esporas douradas com tamanho suficiente para convencerem qualquer cavalo relutante das vantagens da obediência. As imensas e aceradas rosetas das esporas de Ivanhoé levantaram agora algumas dúvidas ao bom prior quanto à sua amabilidade, levando-o a dizer: — Mas, senhor, Malkin não está habituada a esporas! Seria talvez melhor levardes a égua que temos na granja. Deve estar livre dentro de uma hora, está acostumada a carregar-nos lenha e não gosta de comer grão.

— Muito obrigado, reverendo padre — agradeceu Ivanhoé -, mas fico-me com a primeira oferta, tanto mais que Malkin já está ali ao portal. Gurth leva-me a armadura e, quanto ao resto, garanto-vos que não sobrecarregarei Malkin, até porque a não quero aborrecer. Adeus!

Ivanhoé desceu as escadas mais depressa e melhor do que seria de esperar dum ferido em convalescença e montou a égua, ansioso por se livrar do maçador do Prior, que se lhe colava tanto quanto a sua idade e peso lhe permitiam, ora cantando os méritos de Malkin, ora pedindo ao cavaleiro que a não esfalasse.

— Ela está na pior na altura para as raparigas e éguas. — Riu-se da própria piada. — Tem mais ou menos quinze anos. Ivanhoé, que tinha mais que fazer do que aturá-lo, não lhe prestou atenção, nem às recomendações, nem às graças, mandando de cima da égua que o seu escudeiro (pois era esse atualmente o título de Gurth) se lhe pusesse ao lado, e seguiu o mesmo caminho para a floresta que o Cavaleiro Negro tomara. O Prior ficou ao portão resmungando: — Santa Maria, que impetuosos e decididos são estes guerreiros! Não lhe deveria ter emprestado Malkin, pois, se lhe acontece algo, o que será de mim com o meu reumatismo! No entanto, não devo pensar assim tanto nos velhos quando a velha Inglaterra de alguma coisa precisa. Malkin terá de se arriscar. Até pode ser que traga mérito à nossa casa e algumas recompensas das boas. Se não suceder deste modo, como muitas vezes acontece como os grandes que esquecem os serviços dos pequenos, dar-me-ei por bem pago com a boa ação que pratiquei. Bom, vão sendo horas de juntar os irmãos no refectório para o pequeno-almoço. Nestas circunstâncias, são bem mais prontos a obedecer-me do que quando os chamo, com os sinos, para as primas e para as matinas. O Prior lá tornou, mancando, para o convento, onde presidiria a uma refeição de bacalhau e cerveja, que iriam ser servidos aos frades como pequeno-almoço. Convencido e cheio de importância, sentou-se à mesa, comentando de forma vaga o muito que sempre fizera pela instituição, o que, noutra altura, teria chamado as atenções. Porém, como o bacalhau fora bem curado e a cerveja era da forte, os monges concentravam-se mais no que engoliam do que no que se dizia à sua volta. Aliás, não temos conhecimento de nenhum membro daquela comunidade se ter permitido especular quanto às misteriosas insinuações do seu superior, exceptuando, talvez, Frei Diggory, que, devido a uma terrível dor de dentes, somente conseguia comer para um dos lados.

Entretanto, o Campeão Negro e o seu guia iam, calmamente, atravessando a floresta. O bom cavaleiro, ora trauteava um lai, ora, com perguntas, atiçava a tagarelice do criado, o que tornava o seu diálogo numa espécie de comédia musicada impossível de transcrever para os leitores. Terão, pois, de imaginar este cavaleiro, tal como o desenhamos, possante, alto, espadaúdo, pesado de Ossos, montado num enorme cavalo de guerra que parecia feito à medida do seu corpo e peso, tão ligeiro era o seu caminhar. Levava a viseira alçada para melhor respirar, mas, como mantinha a parte inferior para cima, não era, mesmo dessa maneira, fácil perceberem-se-lhe as feições. Notavam-se, contudo, as faces trigueiras e coradas, os olhos azuis brilhantes faiscando sob o elmo.

Todos os gestos e modos do campeão exprimiam alegria e confiança e uma disposição que, ignorando perigos, se sentia, todavia, pronta a enfrentá-los, caso surgissem, pois a eles estava acostumado, como só pode estar quem conhece bem o que são a guerra e as aventuras.

O bobo vestia-se bizarramente, como de costume, tendo somente, e devido aos últimos acontecimentos, substituído a espada de pau por uma boa cimitarra e um pequeno escudo a condizer e no uso dos quais, não obstante a sua profissão, se revelara bem eficiente aquando do assalto ao castelo de Torquilstone. Na realidade, o que Wamba sofria era dum

irrequietismo constante, que o não deixava parar por muito tempo ou prender-se a qualquer ideia, embora lhe permitisse o tempo necessário para, bem alerta, executar qualquer tarefa imediata ou apreender algo a suceder em breve. No cavalo movia-se, ora para a frente, ora para trás, chegando-se quase até às orelhas do animal ou até à cauda, pondo as duas pernas para o mesmo lado, sentando-se ao contrário, fazendo caretas e macaquices, a tal ponto que o seu cavalo, não aguentando mais todas aquelas partes, o atirou para a erva, para grande gáudio do Cavaleiro Negro, mas que fez que se passasse a comportar mais ajuizadamente daí para diante.

No momento em que nos aproximamos deles, este alegre duo cantava um viralai muito mais difícil para o palhaço do que para o mais culto Cavaleiro do Aloquete. Era assim a sua letra:

Já há sol, Ana Maria, amor, Já faz sol, amor. Faz sol e calor, Amor, logo de manhã, Ana Maria.

É manhã e tens de te levantar, O caçador já partiu a caçar, Sua trompa toca na pradaria, Acorda-te, amor, Ana Maria.

WAMBA

Ó Tybalt, amor, não me acordes ainda, Quero do sonho ver a história finda, Quebrada perderá todo o seu sabor.

Permite-me que durma, Tybalt, meu amor.

Que as aves soltem os seus sons de cristal, Que o caçador procure no matagal, Eu quero desta almofada o fragor, A sonhar contigo. Tybalt, ó meu amor.

— Uma bela cantiga — comentou Wamba, quando acabaram. — E, juro pela minha vara com orelhas de jerico, muito moral.

— Costumava cantá-la junto com Gurth, meu parceiro de brincadeiras, mas agora, graças a Deus e a meu amo, nada, mais nada do que um... homem livre. Uma vez apanhamos porque ficamos tão entusiasmados com ela que só saímos da cama, entre dormir e cantar, duas horas depois de o Sol ter nascido. Dói-me o corpo só à lembrança disso. Mesmo assim, cantei-a para vos agradar, senhor.

O bobo iniciou então outra cantilena, que o cavaleiro acompanhou.

O CAVALEIRO E WAMBA

Três homens do Sul, Oeste e Levante Cantavam e cantavam um viralai Para a viúva de Wycombe, a galante.

Mas a qual deles escolher ela vai?

O primeiro, de Tynedale, é cavaleiro, E que bem canta ele o viralai.

Seus pais, conhecidos do mundo inteiro, Será que a viúva não o querer vai?

De seu pai rico, nobre de seu tio, Orgulha-se disso no seu viralai, Ela convidou-o p'rá lareira p lo frio Porque a viúva não o querer vai.

WAMBA

O outro jurou pelos seus bens e mates, Cantando alto e bem um viralai.

Era um cavaleiro vindo de Gales, Que preferir a viúva também não vai.

O Sr. Fulano Cicrano de Tal Cantou com força um lindo viralai, Dizendo que uma para três era mal, Diz ao galês ser o primeiro que vai.

A seguir, um nobre de Kent, cheio de prendas, Trinou mui bem trinado um viralai, Falando à viúva de ouro e rendas.

Qual é a viúva que nisto não cai?

AMBOS

Nobre e guerreiro ficaram na lama E, em coro, cantando um viralai, O homem de Kent, que com ouro abana, É aquele por quem a viúva cai.

— Bem apreciaria que o nosso anfitrião da árvore grande e o alegre monge, seu capelão, tivessem ouvido esta canção enaltecendo o homem de Kent — disse o cavaleiro.

— Eu não — disse Wamba. — Só se me dêsseis essa trompa suspensa do vosso boldrié.

— Não passa duma prova duma boa promessa de Locksley, de que certamente não precisarei. Ao seu toque, sei, acorreria

um feroz grupo daquela boa gente.

— Aposto que, se não fosse esse presente, não nos passearíamos tão à vontade.

— Quê?! Julgas que se não fosse a promessa nos assaltariam? -Eu cá não digo nada — respondeu Wamba. — As árvores têm ouvidos e as paredes também. Mas, respondi-me, Sr. Cavaleiro, quando é melhor terem-se o pichel e a bolsa vazios?

— Nunca pensei nisso — respondeu o cavaleiro.

— Então nunca mereceste qualquer um cheio, com uma resposta dessas. A certa é: pichel vazio quando se cruza com um saxão, bolsa vazia quando se marcha na mata.

— Consideras os nossos amigos como foras-da-lei? — Eu não disse isso, ilustre senhor — recordou Wamba. — Pode aliviar-se um cavalo cansado ao fim do dia e livrar o cavaleiro daquilo que é a semente de todos os males. Só que, pessoalmente, os arreios na cavalaria e a bolsa no quarto são preferíveis quando me encontro com esses tipos. Poupa-me trabalho.

— Temos também de rezar por eles — lembrou o cavaleiro apesar da má conta em que os tens.

— Fá-lo-ei com todo o fervor — concordou Wamba — mas dentro da vila e não na mata, para me não acontecer como ao abade de Saint Bees, que obrigaram a dizer missa dentro dum carvalho oco.

— Digas o que disseres, aqueles homens prestaram um grande serviço a Cedric em Torquilstone.

— Claro — reconheceu Wamba., mas isso foi devido ao seu acordo com o Altíssimo.

— Acordo com o Altíssimo? — espantou-se o cavaleiro.

— Deus me valha — implorou Wamba. — Eles têm uma conta corrente no Céu, tal qual como o nosso despenseiro chamava às suas contas, direitinhas como as que Isaac, o Judeu, faz com os seus devedores, e, como ele dá pouco e muito recebe, igualmente recebem muito. Calculam. A sua usura é calculada multiplicando por sete, como os textos sagrados recomendam nos empréstimos de caridade.

— Explica-te melhor. Nada sei de números e juros — pediu o cavaleiro.

— Muito bem. Se Vossa Graça não sabe, fica a saber que aquela honesta gente equilibra as boas ações com outras muito menos louváveis. Dão uma Coroa a um mendicante e tiram cem bezâncios a um nédio abade, consolam uma viúva à custa da rapariga que apanham na mata...

— Quais dessas eram as boas ações e as más? — interrompeu-o o cavaleiro.

— Boa piada! Excelente piada! — bradou Wamba. — Companhia espirituosa e sempre espirituosa é sempre agradável. Não haveis dito nada tão engraçado naquela noite de borracheira com o eremita. Continuando: os homens da mata constroem uma cabana depois de derrubarem um castelo, colmam uma capela depois de saquearem uma igreja. Soltam um preso desgraçado depois de matarem um altivo xerife. E, para chegarmos onde quero: auxiliam um saxão em troca dum normando que queimam vivo. São, enfim, ladrões muito gentis e corteses. Mesmo assim, é sempre bom só os encontrar quando estão em débito.

— O quê, Wamba? — quis o cavaleiro saber.

— Quando se sentem arrependidos e tentam fazer as pazes com o Céu. Quando as contas estão equilibradas, aí de quem se encontra com eles nessa altura! Os viandantes que apanharam a seguir a um gesto bom, como o de Torquilstone, devem ter levado coças tremendas. No entanto — prosseguiu Wamba, chegando-se para mais perto do guerreiro -, há coisas piores de encontrar do que aqueles bandoleiros.

— E que serão, senão lobos e ursos? — perguntou o guerreiro. — Temos, por exemplo, os homens de armas de Malvoisin — citou Wamba. — Numa guerra civil são como alcateias. Preparam-se, no momento, para fazer a colheita, reforçados pelos soldados fugidos de Torquilstone. Se nos cruzarmos com um bando destes, teremos de pagar caro os nossos feitos de armas. Que faríeis, senhor, se encontrásseis dois deles?

— Pregava-os à terra com a lança se nos aborrecessem.

— E se fossem quatro?

— Apanhavam a mesma dose — respondeu o cavaleiro.

— E se fossem seis? — teimou Wamba. — Lembro-vos que somos só dois. Continuaríeis sem recorrer à trompa de Locksley?

— O quê? Tocar pedindo socorro? — explodiu o cavaleiro. — para me defender dessa rascaille (1) que qualquer cavaleiro enxota à sua frente como o vento sopra as folhas secas?

— Bem. Então peço-vos — rogou Wamba -, que me deixeis dar uma vista de olhos a essa trompa de tão poderoso troar. O cavaleiro retirou-a do boldrié e estendeu-a ao companheiro, que imediatamente a pôs ao pescoço.

— Tra-la-rá — assobiou as notas. — Conheço a música tão bem como outra qualquer.

— Que dizes, patife? — rosnou o cavaleiro. — Passa-me a minha trompa!

— Sossegai, senhor! Está em boas mãos. Quando a Bravura e a Loucura viajam juntas, compete à Loucura levar a trompa, porque a sabe soprar melhor.

— Ná, ná, malandro! — bradou o Cavaleiro Negro. — Estás a sair dos limites. Não me rales a paciência.

— Não recorrais à violência, Sr. Cavaleiro — pediu o bobo — , ou terei de dar às de vila-diogo e ficareis sozinho à

procura do caminho.

— Vá lá, levaste-me. Além de que não tenho tempo para o perder contigo. Fica lá com a trompa, mas vamos andando.

— Não me fareis mal, portanto? — perguntou Wamba. — Garanto-te que não!

— Mas dai-me a vossa palavra de cavaleiro — insistiu o bobo, aproximando-se a medo.

— Dou-te, mas anda daí — foi a resposta.

— Pronto. Tornamos a ser companheiros — disse o bufão, chegando-se à vontade. — A verdade é que não aprecio socos do gênero do que haveis dado ao frade, fazendo Sua Santidade rolar na erva como um meco. E agora, que a Loucura tem a trompa nas unhas, será conveniente que a Bravura se prepare, pois, se me não engano, naquela moita, além, há companhia à nossa espera.

— Que te leva a dizê-lo? — perguntou o cavaleiro.

— Por duas ou três vezes vi brilhar algo parecendo capacetes no meio da verdura. Se fosse gente de bem, seguia o seu caminho e não escolhia aquele sítio, que lembra uma capela para os devotos de São Nicolau.

— Bofê o dizes — disse o cavaleiro descendo a viseira -, pois creio que acertaste.

Em bom tempo o fez, já que três flechas saíram do ponto indicado, batendo-lhe na cabeça e no peito. Uma delas ter-lhe-ia chegado aos miolos se não fosse a proteção de aço. As outras duas foram desviadas pela couraça e pelo escudo que carregava.

— Obrigado, minha rica armadura! — proferiu o cavaleiro. — Wamba, vamos a eles! — bradou arrancando direito à moita, onde se chocou com seis homens de armas de lança em riste. Três das armas quebraram-se contra ele com tanto resultado como se batessem numa muralha de ferro. Os olhos do Cavaleiro Negro dardejavam por entre os interstícios da viseira. Erguendo-se nos estribos com um ar de indescritível dignidade, indagou: — Que significa isto, meus senhores?

Ao que os homens responderam desembainhando as espadas e, carregando de todos os lados, bradando: — Morte ao tirano!

— Ah! Santo Eduardo! Ah! São Jorge! — respondeu o cavaleiro, abatendo um adversário a cada imprecação. — Haverá aqui traidores?

Os seus oponentes, atrevidos como eram, afastaram-se, mesmo assim, daquele punho que trazia a morte em cada golpe, tudo indicando já que, na sua força, lhes incutira terror bastante para que fugissem, não fora um cavaleiro de armadura negro-azulada, que se conservara, até então, oculto, avançar com a sua lança apontada, não ao cavaleiro, mas à sua nobre montada, que, dum só lance, abateu.

— Golpe de covarde! — exclamou o Cavaleiro Negro, arrastado na queda pelo seu cavalo.

Nesse mesmo instante, Wamba soprou com toda a força a trompa. Tudo se passara tão velozmente que, antes, não houvera tempo para nada. O som fez estacar os assaltantes de novo e deu possibilidade a Wamba, mal armado como estava, de acorrer a ajudar o Cavaleiro Negro a levantar-se.

— Tende vergonha, poltrões! — gritou o da armadura azulada, que parecia ser o chefe. — Será que temeis um toque de trompa soprada por um bobo?

Animados por esta admoestação, atacaram o Cavaleiro Negro, que, encostando-se a um carvalho, tratou de se defender com a espada. O criminoso cavaleiro, que pegara noutra lança e aguardava que o adversário estivesse bem entretido, galopou na sua direção, esperando empalá-lo contra a árvore. O seu intento não se concretizou, porém, devido à intervenção de Wamba, que, substituindo a força pela agilidade e pela pouca atenção que os homens lhe prestavam, e se mantivera um pouco à margem da luta, alterou a falta carreira do cavaleiro, paralisando-lhe o cavalo com uma espadeirada. Cavaleiro e montada tombaram em roldão. Apesar disso, a situação do Cavaleiro do Aloquete mostrava-se precária, pois, acossado por vários homens bem armados, já mostrava sinais de cansaço, uma vez que tinha de se defender de todos os lados ao mesmo tempo. Eis senão quando uma seta emplumada com penas de ganso fez, subitamente, um dos mais fortes dos atacantes comer a terra, logo seguida por um bando de homens que, com Locksley e o prazenteiro frade à frente, surgiram na clareira. Estes, entrando na refrega, dispersaram os rufiões, dos quais somente ficaram os mortos ou mortalmente feridos, O Cavaleiro Negro agradeceu com toda a dignidade e de forma muito diferente daquela que, anteriormente, ostentara. Já não era mais um ousado soldado a fazê-lo, mas sim alguém de categoria Muito elevada.

— Muito me interessa — começou -, mesmo antes de vos agradecer, meus prontos amigos, descobrir quem serão os meus não provocados inimigos. Wamba, levanta a viseira desse cavaleiro blau, que parecia comandar os bandidos. Wamba dirigiu-se para junto do comandante dos vilões, que, aturdido pela queda e preso pelo cavalo, ficara sem hipótese de fuga ou resistência.

— Por favor, senhor — disse Wamba -, além de vosso palafreireiro, também sou vosso armeiro. Desmantei-vos e agora retirar-vos-ei o elmo. — Sem ponta de gentileza, tirou-lhe o casco, que rolou pelo relvado, deixando ver— se uma cabeça cheia de cãs que o Cavaleiro Negro nunca esperaria ver ali.

— Waldermar Fitzurse! — surpreendeu-se. — Que leva uma pessoa da vossa categoria a descer tão baixo?

— Ricardo — respondeu o prisioneiro, olhando-o. — Conheces os homens mal se não sabes até onde a ambição e a vingança podem conduzi-los.

— Vingança? — continuou, surpreso, o Cavaleiro Negro. — Nunca te prejudiquei. De mim nada tens para te vingar.

— A minha filha, Ricardo, que recusaste! Achas isso pouco para um normando tão nobre como és?

— A tua filha? É ela a razão do teu ódio, o motivo por me queres o sangue?... Afastai-vos, senhores, pois quero falar a sós com ele... E agora, Waldemar, conta-me a verdade. Confessa quem te mandou levar avante esta traição!

— O filho de teu pai — respondeu Waldemar -, que, fazendo-o, se limitava a vingar a tua desobediência a teu pai. Os olhos de Ricardo fuzilaram de indignação. Levando a mão à testa, fitou o rosto do humilhado barão, onde a vergonha e o orgulho contendiam.

— Não me pedes que te perdoe? — quis o rei saber.

— Quem está nas garras do leão — disse Fitzurse -, sabe que não valeria a pena.

— Conservarás a vida se, dentro de três dias, saíres de Inglaterra, indo esconder a tua infâmia no teu castelo na Normandia, e na condição de nunca mais citares o nome de João de Anjou em ligação com as tuas patifarias. Se te encontrar em solo inglês depois do prazo que te dei, morres... e se te ouço dizer algo contra a honra da minha casa... Por São Jorge! Nem o altar te servirá de asilo. Pendurar-te-ei para que sirvas de manjar aos corvos no alto do teu próprio castelo... Dai um cavalo a este cavaleiro, Locksley. Um daqueles à solta que os vossos homens estão a apanhar.

— Se não ouvisse uma voz que tem de ser obedecida — comentou o arqueiro -, espetava um chuçõ neste vilão, poupando-lhe os aborrecimentos da viagem.

— És um verdadeiro inglês — cumprimentou-o o Cavaleiro Negro.

— Fazes bem em acatar o meu comando... Eu sou Ricardo de Inglaterra! A estas palavras impressionantes e majestosamente pronunciadas, como convinha a alguém de tão alta estirpe, como o Coração de Leão, os fora-da-lei ajoelharam-se, prestando-lhe homenagem e pedindo-lhe lhes desculpasse as faltas.

— De pé, amigos — ordenou graciosamente Ricardo, fitando-os com o usual bom humor, que já substituía o ressentimento que o combate recente lhe incutira às feições. Arfando ainda um pouco devido à ação a que fora forçado, repetiu: — De pé... bons amigos! As vossas faltas, na mata ou nos campos, estão desculpadas pelos leais serviços que haveis prestado aos meus súbditos em aflição ante as muralhas de Torquilstone e pelo salvamento, hoje, do vosso soberano. Quanto a ti, Locksley...

— Por favor, não me chameis mais Locksley, meu real senhor, mas sim pelo nome que, temo, é demasiado conhecido para não ter chegado aos vossos ouvidos ainda. Sou Robin dos Bosques na floresta de Sherwood (2).

— Rei dos fora-da-lei e príncipe de boa gente! — disse o rei.

— Quem não conhece esse nome, que até à Palestina já chegou? Assegurai-vos, meu bravo, de que nada do que haveis feito durante a nossa ausência e nestes anos turbulentos que ela provocou será lembrado em vosso desfavor.

— Bem diz o provérbio — comentou Wamba com um pouco menos de petulância do que a do costume: *Quando o gato está fora, Prós ratos chegou a hora.*

— Quê, Wamba, estás aí? — riu-se Ricardo. — Já não te ouvia há tanto tempo que pensara tivesses fugido.

— Fugir, eu? — exclamou Wamba. — E desde quando é que a Loucura abandona a Bravura? Ali jaz como troféu a minha espada, naquele bom cavalo cinzento que bem gostaria de ver de pé, outra vez, conquanto que o seu dono ficasse quedo. É certo que, a princípio, a minha roupa às pintas não me deixava combater tão bem como, com uma armadura, o faria. Mas, mesmo neste caso, tereis de reconhecer que me saí muito bem, tocando quando toquei e batendo quando bati.

— E para bom fim, honesto rapaz — completou o rei. — Os teus serviços, Wamba, não serão esquecidos. São Dunstan... bendito seja ele... deixa-se ficar quietinho no seu nicho mesmo quando me esqueço das minhas orações para Perseguir um veado gordo. Às vezes passo a noite fora da cela, fazendo nem sei bem o quê, e São Dunstan nunca se lamuria. É um amo dos mais pacientes dos que há entre os que são de pau.

Mas, se fosse um membro da guarda do meu rei, embora a honra não tivesse medida, como poderia eu consolar uma viúva aqui, apanhar um veadito acolá? Já sei que seria: "Onde está aquele cão do padre?", "Alguém viu o Tuck maldito?", "O vilão à paisana mata mais caça do que um condado inteiro", diria um guarda, e "Apanha as corças todas", diria outro. Em resumo, majestade, deixai-me ficar tal como me haveis encontrado, ou, se quiserdes estender a vossa magnanimidade sobre uma pessoa, fazei que eu passe a ser visto apenas como um frade da cela de São Dunstan de Copmanhurst, que aceita sempre qualquer esmolinha.

— Compreendo-te — disse o rei -, e o santo frade gozará do direito de caçar veação nas minhas matas de Warncliffé. Nota, porém, que apenas podes apanhar três machos por estação, embora não seja eu rei se não souber que trinta serão.

— Vossa Graça pode estar certo de que, com a graça de São Dunstan, arranharemos forma de multiplicar essa generosa dádiva.

— Não duvido, bom irmão — concordou o rei. — E como veação não é mais do que comida, o nosso despenseiro receberá instruções para te entregar, todos os anos, uma pipa de xerez, outra de malvasia e três de cerveja da boa. Se isso não

te saciar a sede, terás de ir à corte e ser apresentado ao meu mordomo, — E para São Dunstan? — Perguntou o frade.

— Uma capa, uma estola e uma mesa de altar terás tu também. Mas acabemos com as brincadeiras, não vá Deus castigar-nos por pensarmos mais nas nossas loucuras do que na Sua honra e culto.

— Pelo meu padroeiro respondo eu — exclamou o frade, radiante.

— Responde por ti, frade — disse Ricardo um tanto severamente. No entanto, logo estendeu a mão ao eremita, que, um pouco envergonhado, se ajoelhou saudando-o. — Menos me honrais com ela aberta do que quando a cerrei — observou o monarca. — À primeira ajoelhaste-te, enquanto à segunda te prostraste. O frade, receando praticar nova ofensa caso continuasse mantendo a conversa em tom demasiado jocoso (atitude sempre de evitar por aqueles que falam com a realeza), fez uma grande vénia e afastou-se. Nesse instante, dois novos personagens apareceram em cena.

1. Ralé. (N. do T.) 2. Sabe-se, pelas baladas, que este notório bandido tomava, às vezes, o nome de Locksley, o nome da aldeia onde nascera, que se não sabe onde exatamente era situada.

Capítulo XLI

*Todos convidam a nobreza elevada, De vida melhor que a nossa, e mais nada A ver a nossa festa No verde da floresta.
Vinde prontos para vós tudo se apresta.*

Macdonald

Eram eles Wilfred de Ivanhoé, montado na égua do prior de Botolph, e Gurth, a seu serviço, no cavalo do guerreiro. A surpresa de Ivanhoé foi enorme ao ver o seu senhor todo salpicado de sangue e seis ou sete mortos estendidos na pequena clareira onde o combate se travara. Também muito o espantou ver que Ricardo estava rodeado de muita gente da mata, os fora-da-lei, que lhe pareceram séquito pouco apropriado para um príncipe. Hesitou, não sabendo se dirigir-se-lhe como ao rei ou como a um cavaleiro andante. Ricardo percebeu— lhe o embaraço.

— Não temas, Wilfred, dirigir-te a Ricardo Plantageneta em pessoa. Está na companhia de bons ingleses, ainda que algo à margem do seu caminho devido ao seu sangue um pouco exaltado.

— -Sr. Wilfred de Ivanhoé — disse o chefe dos fora-da-lei aproximando-se. — De nada servirão as nossas garantias depois das do nosso soberano. Dir-vos-ei, contudo, que, entre aqueles que têm sofrido, poucos súbditos melhores terá do que aqueles que o rodeiam no momento.

— Não duvido, meu bravo — disse Wilfred -, pois és daqueles... Mas que significam estes sinais de morte e de perigos? Estes homens abatidos e o sangue tingindo a armadura do meu príncipe?

— A traição surgiu entre nós, Ivanhoé — informou o rei -, mas, graças a estes valentes, a traição recebeu o que merecia. Mas, lembro-me no momento, tu és um traidor também — acrescentou sorrindo -, um traidor pela desobediência. Não foram as nossas instruções para que repousasses em Saint Botolph até a tua ferida se cicatrizar?

— Está cicatrizada — respondeu Ivanhoé. — Importa-me tanto como uma alfinetada. Mas porquê, porquê, nobre príncipe, preocupais os vossos seguidores expondo assim a vida em jornadas solitárias e atrevidas aventuras, como se fôsseis um vulgar cavaleiro sem outros interesses que não os que a sua lança e escudo lhe possam trazer?

— Porque Ricardo Plantageneta — disse o Rei -, se orgulha mais das suas aventuras, ajudado somente pela sua boa espada e pela força do seu braço, do que de batalhas onde comandasse cem mil homens.

— Mas o vosso reino, Senhor — lembrou Ivanhoé -, o vosso reino ameaça extinguir-se numa guerra civil... os vossos súbditos ficarão sujeitos a males sem fim se perderem o seu soberano num desses perigos que enfrentais diariamente e a um dos quais acabais exatamente de escapar.

— Ora, ora! O meu reino e os meus súbditos — replicou Ricardo sem paciência. — Digo-te, Wilfred, os melhores entre eles fazem os mesmos disparates que eu. O meu fiel súbdito Wilfred de Ivanhoé, por exemplo, esquece ordens minhas, bem claras, e prega-me sermões a mim, seu rei, por não fazer precisamente o que ele quer. Qual de nós tem mais motivos para ralhar ao outro? Desculpa, no entanto, dedicado Wilfred. O tempo que passei e que vou ainda passar sob incógnito é, como te expliquei em Saint Botolph, necessário para que os meus amigos e nobres fiéis possam reunir as forças, a fim de que, quando o regresso de Ricardo for anunciado, ele possa surgir encabeçando gente bastante para pôr os inimigos a tremer e dominar traições premeditadas, sem sequer desembainhar a espada. Estoteville e Bohun precisam de vinte e quatro horas para avançarem sobre Iorque. Aguardo novas do Sul, de Salisbúria, de Beauchamp, no Warwickshire, e de Moulton e Percy, no Norte. O chanceler tem de se assegurar no concernente a Londres. Uma aparição demasiado súbita submeter-me-ia a perigos demasiados mesmos para as minhas espada e lança, ainda que apoiadas pelo arco de Robin, pelo varapau de Frei Tuck e pela trombeta do sábio Wamba. Wilfred fez uma vénia acedendo-lhe, pois bem sabia da inutilidade de discussões com o seu arrojado amo, que tanta vez procurava perigos inúteis, que podia evitar, mas que considerava imperdoável não procurar. com um suspiro, o jovem cavaleiro calou-se, enquanto Ricardo, que o fizera calar, ainda que no íntimo lhe desse razão, se dirigia a Robin dos Bosques.

— Rei dos fora-da-lei — disse. — Não tens nada que comer para oferecer ao teu real irmão? Esses patifes para aí estendidos, pelo exercício a que me obrigaram, fizeram— me abrir o apetite.

— Honestamente — replicou o chefe -, pois detesto mentir— vos, a nossa despensa está principalmente cheia de... — Calou-se, um tanto embaraçado.

— De veação, quererás dizer? — terminou o rei, todo bem disposto. — Melhor comida não existe. Além disso, um rei que não pode andar a caçar não pode protestar muito com quem para ele caça.

— Então, se Vossa Graça quiser de novo honrar um dos nossos pontos de encontro — disse Robin -, não faltará carne ali, assim como cerveja e um pouco de vinho para ajudar.

O fora-da-lei indicou o caminho, seguido pelo hercúleo monarca, mais feliz, talvez, com esta oportunidade de conhecer

Robin dos Bosques e os seus mateiros do que se sentar no seu trono a presidir a um magnífico grupo de pares e nobres. A novidade e a aventura eram como o sal para a vida de Ricardo Coração de Leão, que somente a apreciava enfrentando e vencendo perigos. Ricardo Coração de Leão era o exemplo típico, brilhante mas inútil, do espírito dos cavaleiros andantes de romance, dentro do qual se realizava e revivia. A glória pessoal trazida pelos seus feitos era-lhe bem mais querida à imaginação do que aquela que uma boa e inteligente política de governação o poderia fazer. Por isso o seu reinado foi como o célere e brilhante passar dum meteoro, que cruza o céu, o ilumina com uma desnecessária e portentosa luz, para logo ser engolido pela escuridão total. Os seus atos de cavalaria serviram de tema a bardos e menestréis, mas não concederam ao seu país nenhuns dos sólidos benefícios que a história aprecia e conserva como exemplos para a posteridade.

Claro que na companhia do momento Ricardo se sentia o melhor possível. Era alegre, bem disposto e apreciador de boa camaradagem a todos os níveis sociais. Foi preparada, sob a copa dum carvalho enorme, uma excelente refeição silvestre para o rei de Inglaterra por homens que o seu Governo via como marginais, mas que, agora, lhe serviam de corte e de guardas. À medida que as canecas iam passando de mão em mão, eles perdiam o acanhamento que a presença do soberano lhes impusera, começando a cantar e a soltar piadas.

Nas canções, os seus feitos eram realçados a ponto de começarem a alardear as suas bem sucedidas infrações à lei, sem se recordarem de estar na presença do seu natural executante. O alegre rei, ligando tanto à sua própria dignidade como aqueles a seu lado, ria-se, bebia e gracejava também. O rude e inato senso de Robin dos Bosques fazia-o ansiar pelo fim de tudo aquilo, até porque temia que algo surgisse a perturbar e, sobretudo, porque notou um certo ar de preocupação em Ivanhoé.

— Sentimo-nos muito honrados — disse em aparte a Ivanhoé pela presença do nosso soberano. Preferiria, contudo, que, assim, não perdesse tanto tempo precioso para as necessidades do reino.

— Dizeis bem e com sabedoria, bravo Robin dos Bosques — concordou Wilfred. — E ficai ainda sabendo que aqueles que brincam com Sua Majestade, quando ele está na melhor das disposições, estão a fazê-lo com um leão que, à mínima provocação, põe as garras e os dentes de fora.

— Haveis tocado no que mais temo — concordou o fora-da-lei. Os meus homens são rudes por natureza e vida e o rei é tão impetuoso como bem-humorado. Ignoro o que o possa ou não ofender. É altura de acabar com esta brincadeira.

— Tereis de ser vós a fazê-lo, meu bravo, pois todas as sugestões que tenho dado ao rei apenas parecem levá-lo a querer continuar por muito mais tempo ainda.

— Terei então de me arriscar à ousadia de pedir um favor ao meu soberano — disse Robin dos Bosques. — Por São Cristóvão, tem de ser. Seria mal servi-lo o não me arriscar para seu bem... Eh, Scathlock, põe-te atrás daquela moita e toca-me nessa tua Corneta normanda sem demora, sob risco de perderes a cabeça se o não fizeres. Scathlock obedeceu ao capitão e, passado pouco tempo, a atenção dos convivas era despertada pelo som da corneta.

— É a corneta de Malvoisin — exclamou Miller, erguendo-se e agarrando o arco. O frade pousou uma garrafa e empunhou o varapau. Wamba parou a meio duma anedota e pegou na sua espada e no escudo. Todos se achegaram às armas. A gente de vida arriscada muda muito rapidamente duma mesa para um campo de batalha, e para Ricardo a interrupção era apenas uma continuação do prazer. Pediu o elmo e outras porções da armadura, de que se aliviara, e, enquanto Gurth lhas enfiava, foi dando a Ivanhoé instruções muito severas para que, de forma alguma, entrasse na escaramuça que, julgava, se avizinhava.

— Lutaste por mim centenas de vezes, Wilfred, e eu vi-o. Hoje lutarei por ti e serás tu a apreciar.

Robin dos Bosques mandara, entretanto, homens em diversas direções em reconhecimento do inimigo. Quando viu a companhia perfeitamente desfeita, aproximou-se de Ricardo, já completamente armado, e de joelhos pediu perdão ao soberano.

— De quê, bom homem? — perguntou o rei sem grande paciência. — Não te perdoamos já todas as transgressões? Julgas que a nossa palavra anda, como as penas, ao sabor do vento? Não tiveste tempo para praticar qualquer novo crime.

— Pratiquei-o, mesmo assim — respondeu o fora-da-lei. — O crime de enganar o meu príncipe para seu próprio bem. A corneta que haveis escutado não é de Malvoisin, mas somente tocada por minha ordem para se acabar com um banquete que podia demorar horas de grande importância para todos nós.

Ergueu-se, cruzou os braços, com mais respeito do que submissão, e aguardou a decisão do rei, consciente da ofensa, mas confiante na razão que a motivara. O sangue subiu ao rosto de Ricardo, mas isso não passou duma primeira reação, que o seu sentido de justiça logo dominou.

— O rei de Sherwood — perguntou — chora a carne e o vinho que dá ao rei de Inglaterra? Muito bem, atrevido Robin, quando me fordes ver a Londres, receber-vos-ei com muito mais largueza. Claro que fizestes bem. Montemos e partamos... Wamba está impaciente. Dizei-me, Robin, não tereis no vosso bando alguém que não só dê conselhos e indicações e que fique aborrecido quando ages por tua conta?

— Tenho, sim — assentiu Robin -, o meu tenente João Pequeno, no momento ausente numa expedição até junto da fronteira escocesa. Confesso, senhor, que os seus conselhos acabam por me maçar. Mas, quando penso melhor, vejo que não me posso

zangar com quem só pensa no bem do seu chefe.

— Estás certo — anuiu Ricardo. — E eu, com Ivanhoé, dum lado, a aconselhar-me com o seu ar sisudo e tu, do outro, a levara-me com enganar para o que pensais convir-me, fico com menos liberdade para usar a minha cabeça do que qualquer outro rei, cristão ou pagão... Meus senhores, partamos para Conningsburgh e não pensemos mais no assunto. Robin dos Bosques informou ter destacado um grupo para a estrada que seguiriam e que não deixaria de descobrir e preveni-los de qualquer emboscada que lhes fosse montada. Disse-lhe estar seguro de não correrem perigo, mas que, se o houvesse, recuassem, pois mandara um forte contingente de arqueiros atrás deles.

As inteligentes e cuidadas precauções tomadas por sua causa impressionaram e provocaram a maior satisfação a Ricardo, apagando-lhe quaisquer restos do aborrecimento que tivesse ainda quanto ao engano em que o capitão o fizera cair. De novo lhe estendeu a mão, garantindo-lhe total perdão e futuros favores, bem como a sua firme resolução de reprimir o tirânico exercício quanto a direitos na floresta e outras leis opressivas que tantos ingleses levaram à rebelião. As boas intenções de Ricardo para com o ousado fora-da-lei não se concretizaram devido à morte prematura do rei, e à Carta da Floresta, arrancada à força das mãos de João, que sucederia ao seu heroico irmão.

Quanto ao resto da história de Robin dos Bosques e da sua morte por traição, encontram-se naqueles manuscritos que outrora se vendiam quase de graça: Outrora por nada, hoje a peso de ouro. As coisas correram como o fora-da-lei dissera. O rei, Ivanhoé, Gurth e Wamba chegaram sem qualquer percalço ao castelo de Conningsburgh, com o Sol ainda acima do horizonte. Poucas paisagens haverá tão belas, na Inglaterra, como a que rodeia aquela velha fortaleza saxônia. O rio Dom corre suavemente frente a um anfiteatro, onde campos cultivados se misturam com a floresta e, num monte subindo do rio, bem defendido por muralhas e valas, se eleva a velha construção, que, como o seu nome significa, era, antes da Conquista, a residência dos reis de Inglaterra.

As muralhas exteriores talvez tenham sido acrescentadas pelos Normandos, mas a interior mostra a sua muita antiguidade. Está na encosta dum dos ângulos do pátio, formando um círculo perfeito com cerca de oito metros de diâmetro. Os muros espessos são defendidos por botaréis que, saindo do círculo, vão encontrar-se e encostar à torre, como que para a sustentar ou defender. Estes arcos botantes são maciços desde a base quase até ao topo, que termina em torreões que comunicam com a fortaleza. A visão a distância da imensa construção e dos seus extraordinários pormenores dá tanto prazer aos apreciadores do pictórico como o seu interior e oferece aos antiquários, cuja imaginação os transporta para os tempos da Heptarquia. Uma elevação, nas vizinhanças, é tida por ser o túmulo de memorável Hengist e no adro da igreja próxima existem vários monumentos, curiosos e muito antigos(1).

Quando Ricardo Coração de Leão e o seu séquito se aproximaram da rude mas imponente construção, esta não ostentava as defesas extensas que agora tem, o arquitecto saxão esgotara a sua arte tornando a Torre principal defensável e não construía à volta mais do que uma grosseira paliçada. Uma imensa bandeira negra no cimo duma torre anunciava estarem em curso exéquias do senhor defunto. Não ostentava qualquer emblema demonstrativo do nascimento e categoria do finado, pois os brasões eram ainda uma novidade entre a própria cavalaria normanda e totalmente desconhecidos pelos Saxões.

No entanto ao portão via-se outro estandarte, com um cavalo branco, o símbolo bem conhecido de Hengist, indicando a nacionalidade e a estirpe do morto. Á volta do castelo era a confusão, pois esses banquetes funéreos davam lugar a geral e profusa hospitalidade, não só para os parentes, mas também para quem quer que passasse. A riqueza e a nobreza do falecido exigiam que o costume fosse seguido a rigor.

De conformidade, viam-se vários grupos subindo e descendo o monte, onde o castelo se situava, e, quando o rei e os seus acompanhantes atravessaram os portais, depararam-se-lhes cenas pouco condicentes com o motivo do ajuntamento. Aqui, cozinheiros tratavam de assar bois enormes e carneiros, ali, pipos de cerveja prontos a serem servidos a quem fosse chegando. Via-se gente de toda a sorte devorando a comida e emborcando as bebidas postas à sua discrição. Um servo saxão seminu procurava apagar num só dia a quase fome e secura de seis meses, enquanto burgueses e comerciantes, mais evoluídos, iam engolindo os seus petiscos e apreciando a qualidade da cerveja. Alguns normandos mais pobres, que se reconheciam pelo queixo rapado e roupa curta, apreciavam com desdém as solenidades, embora partilhassem com todo o gosto do que de graça lhes era oferecido.

Havia, claro, mendigos às dúzias, a par de soldados recém-chegados da Palestina (de seu moto-próprio, imagina-se), vendedores ambulantes expondo os seus artigos, artífices em busca de emprego, palmeiros e padres errantes, menestrais saxões, bardos galeses, orando ou tocando melancólicas músicas nas suas harpas, crowths e rotes (2). Um deles elogiava Athelstane em dolente panegírico, enquanto outro, em poema genealógico, ia dizendo os complicados nomes da sua fidalga

linhagem. Bobos e malabaristas não faltavam e ninguém via qualquer falta de respeito no exercício das suas artes.

Na verdade, o pensar dos Saxões quanto a estes momentos tinha tanto de rude como de natural. Se a dor fazia sede, bebia-se, se dava fome, comia-se. Se se estava abatido e triste, havia motivos, havia formas, para se animarem e se divertirem os assistentes sabiam disso e tratavam de se consolar, se bem que, de quando em quando, recordando-se do motivo que ali os trouxera, os homens gemessem e as mulheres, que eram muitas, carpissem em altos gritos.

Tal era O espetáculo que Conningsburgh oferecia a Ricardo e aos seus. O administrador, que não se dignava ligar aos grupos de convidados menores, constantemente para cá e para lá, a não ser nos casos em que era necessário manter a ordem, foi atraído pelo aspecto imponente do monarca e de Ivanhoé, até porque, como se lembraria depois, aquelas feições lhe eram vagamente familiares. Ainda, além disso, era raro, em cerimônias saxônicas, aparecerem cavaleiros, pelo que a sua presença teria de ser vista como honra especial para com o finado e sua família. Deste modo, nas suas vestes negras e segurando o bastão branco da sua posição, abriu-lhes caminho entre a multidão e levou-os até junto da entrada da torre. Gurth e Wamba logo encontraram conhecidos entre os presentes e prepararam-se para por ali ficarem até que os chamassem.

1. Quando pela última vez visitei esta interessante e vetusta ruína, um dos poucos restos de fortificações saxônicas que ainda existem, pensei muito seriamente em desenvolver uma espécie de teoria que o recente contato com a arquitetura dos Velhos escandinavos me sugerira. As circunstâncias obrigaram-me, porém, a seguir viagem e não tive tempo para mais do que uma rápida vista de olhos a Conningsburgh. No entanto, a ideia tem persistido na minha mente de modo tal que não resisto a escrever uma ou duas páginas para promenorizar a minha hipótese, deixando que melhores antiquários corrijam ou refutem as minhas talvez demasiado apressadas conclusões. Quem visitou as ilhas Shetland conhece os castelos que os locais denominam de burghs e os escoceses das Terras Altas, que igualmente os têm, quer nas ilhas, quer em terra firme, de duns. Pennat fez uma gravura famosa, com Um motivo desses, Dun-Dornadilla em Glenelg. Muitos outros existem, todos com as mesmas características arquitetônicas apontando um estado social muito primitivo. O espécime mais perfeito encontra-se na ilha de Mousa, perto da Shetland principal, que deve estar quase como quando era habitado. Consta duma só torre redonda, com as paredes convergindo levemente, para depois se salientarem, formando um recôncavo, que permitiria aos defensores melhor protegerem a sua base. É feita de pedras toscas, cuidadosamente escolhidas e colocadas em círculo, muito maciças, mas sem qualquer espécie de argamassa. A torre, ao que parece, nunca teve telhado. No centro do local que envolvia fazia-se uma fogueira, sendo natural que originalmente a Construção não passasse duma parede erguida para defender reuniões de conselho. Mas, ainda que a habilidade dos construtores não tivesse chegado para a cobrirem, chegou para que tivessem feito muitos apartamentos no seu interior. A parede é dupla, criando um espaço de mais ou menos um metro e meio, que é coberto por lajes a diversas alturas, formando como que diversos andares até ao cimo da torre. Cada uma destas galerias dispõe de quatro friestas voltadas para os pontos cardeais e subindo, precisamente umas sobre as outras, piso a piso. Estas linhas perpendiculares de aberturas deixariam entrar o ar e sair o fumo do fogo que, em baixo, se acendia. O acesso das galerias umas para as outras é também primitivo. Um caminho inclinado corre em espiral ao longo do edifício, ligando os vários andares. No exterior não há janelas. Acrescento que o Pátio deveria igualmente servir para guardar gado.

Era assim a arquitetura vulgar do tempo em que os Nórdicos, errando pelos mares, iam arrancar às nações mais civilizadas o que podiam. Nas Shetland há muitas dezenas destes burghs em cabos, promontórios, ilhotas e outros pontos bem escolhidos. Recordo-me de um deles, numa ilhazinha, no lago, perto de Lerwick, que, na preia — mar, comunicava com o mar e cujo acesso era de alto interesse, visto ser feito por um carreiro coberto por sete centímetros e meio a dez centímetros de água.

Fazia ângulos muito agudos no seu percurso até ao burgh, devendo os seus utentes conhecê-lo muito bem, enquanto os estranhos, quiçá aproximando-se com intentos hostis, lhe ignoravam os desvios e cairiam no lago, que, ali, tem os seus dois metros de profundidade, mais ou menos. Trata-se, evidentemente, dum esquema do Vauban ou do Cohorn da época. A construção mostra não conhecer o arquiteto nem argamassa, nem qualquer outro tipo de cimento, nem de ser capaz de lançar um arco, construir um telhado ou abrir uma escada. Mesmo nesta ignorância, Porém, sabia como escolher os locais, regulamentar o seu acesso e dar uma correta formação às suas obras, já que todas evidenciam um conhecimento das artes pouco condicente com tanto desconhecimento de arquitetura.

Sempre julguei que um dos mais curiosos e valiosos objetivos das pessoas interessadas em antiguidades seria o descobrir os progressos da sociedade nos seus esforços, desde há muito para trás, para procurar melhorar a rudeza das suas primeiras tentativas até alcançarem a excelência ou, como frequentemente sucede, fazerem novas e fundamentais descobertas, que, sobrepondo-se a conhecimentos mais antigos, neles se adaptam.

Um exemplo seria a descoberta recente do gás, suficientemente desenvolvida de modo a poder ser aplicada no uso doméstico, levando, daqui a algumas centenas de anos, os cabeças da Sociedade de Antiquários a, perante umas espevitadeiras, criarem as mais sábias teorias acerca da forma e fim de tais acessórios dentro do mesmo princípio, vejo o curioso castelo de Conningsburgh (a porção saxônica dele, claro) como um passo em frente naquela rude arquitetura, se tal nome era, como é natural, já conhecido pelos Saxões e outras gentes do Norte.

Os construtores já sabiam usar argamassa e fazer telhados em edifícios, o que representava grandes melhoramentos em relação ao burgh original. Mas, no seu traçado redondo, formado apenas próprio dos castelos mais antigos, as divisões como que escavadas nas paredes e muralhas, a dificuldade de acesso entre os andares, Conningsburgh ainda retém a simplicidade inicial e revela claramente os muitos passos que os homens teriam de ter dado desde os seus primitivos abrigos, como as galerias do castelo de Mousa, até aos esplêndidos castelos normandos de severa graça gótica.

Ignoro se o que digo é novidade e se um exame mais atento o confirmará, mas penso, baseado na minha apressada visita, que Conningsburgh será de interesse para quem se dedicar a estudos mais profundos da arquitetura castrense anterior à Conquista normanda. Seria conveniente fazer-se um modelo de cortiça do castelo de Mousa, uma vez que em plano não se entende bem. O de Conningsburgh poderá ser descrito assim: "O castelo é grande e situado numa agradável encosta subindo desde o rio, mas muito abaixo do monte onde cresceu a cidade, e fica num extremo dum magnífico e fértil vale, num anfiteatro florestado por onde corre o manso Dom. Perto do castelo encontra-se a elevação que se diz ser o túmulo de Hengist. A entrada é flanqueada à esquerda por uma torre redonda de base, alargando-se ao de leve, semelhante à qual existem várias outras na muralha exterior, A entrada possui pilares para o portão e, do lado leste, o fosso e os aterros são duplos e muito fundos. No cimo do muro do adro da igreja vê-se um túmulo com dois corvos ou pássaros semelhantes em alto-relevo. No lado sul do adro há uma pedra em forma de caixão, com um homem a cavalo nela esculpido, outro homem com um escudo lutando com uma serpente alada e ainda outro atrás dele, com escudo também. Pertenceria, talvez, a um dos estranhos cruzeiros vulgares na região. O nome de Conningsburgh, que aparece já em edições antigas da Britannia, leva a concluir-se ter sido residência de reis saxônicos. Pertenceu, depois, ao rei Harold. O Conquistador ofereceu-o a William de Warran, com todos os privilégios e jurisdição extensiva a vinte e oito vilas. Num dos cantos da sua área, que é irregular, eleva-se uma torre maior, ou de menagem, numa elevação onde há, ainda, seis botaréis, que se estendem escorando e suportando a construção e que, continuando, terminam em torreões. A torre no interior forma um círculo completo de seis metros e trinta, tendo as paredes quatro metros e vinte de espessura. A subida para dentro da torre é feita por uma escaleira muito íngreme de um metro e trinta e cinco de largo, saindo do lado sul e conduzindo a um portal baixo, sobre o que existe um arco cruzado por uma pedra de trave. Para lá desta porta há uma escada que atravessa a parede sem comunicar com a divisão do primeiro piso no centro da qual se abre a passagem para a masmorra. Nenhum destes compartimentos é iluminado a não ser por uma abertura no chão do terceiro andar, quarto que, como o que lhe fica por cima, é de macia pedra lavrada, com fogões e um arco apoiado em colunas. No terceiro andar, ou quarto da guarda, vê-se uma pequena alcova com uma friesta, quiçá um quarto de dormir, e um nicho para uma imagem ou pia de água benta. Mr. King entende ser este um castelo saxão dos primeiros anos da Heptarquia. Mr. Watson descreve-o como segue: "Do primeiro para o segundo andar (o terceiro a contar de baixo) há uma escada de um metro e meio de largo. A escada seguinte, a que

se chegava talvez por uma escada de mão, leva ao quarto andar. A dois metros da porta, no topo da escada, há uma abertura virada quase para leste, acessível se se caminhar pelo saliente da parede que é vinte centímetros menos espessa ali em cima. Esta última abertura dá para um quarto ou capela com três metros por três metros e sessenta e quatro metros e meio de pé-direito, arcada, de cantaria e suportada por colunas pequenas e cilíndricas. Os seus capitéis e arcos são saxônicos. Possui uma abertura virada a nascente e em cada lado da parede, a cerca de um metro e vinte do solo, estão pias de pedra e canos de ferro para levar água através ou para dentro da parede. A capela faz parte dum dos botaréus, mas não se nota de fora, pois até a friesta, que é comprida, mal se vê. No lado esquerdo desta capela há um oratório com dois metros e quarenta por metro e oitenta, metido no muro, com um nicho e um postigo. A quarta escada, vinda debaixo, a três metros da porta da capela, conduz até ao topo da torre, por dentro da muralha, que, em cima, não tem mais de três metros. O pé-direito de cada andar é de quatro metros e meio, pelo que a torre terá uns vinte e dois metros de alto. O seu interior forma um círculo com cerca de três metros e sessenta de diâmetro. O poço, no fundo da masmorra, está cheio de pedras.

" Edição da "Britannia" de Camden, de Gough, 2ª ed., vol. In p. 267.

2. Crowths, ou crowds, eram uma espécie de violinos. A rote, um gênero de viola, ou, melhor, realejo, cujas cordas eram comandadas por uma roda, donde O Seu nome.

Capítulo XLII

Encontrei-os a Marcelo velando, Ao som de muitas suaves melodias, De cantos, lágrimas e elegias, Carpideiras o morto a carpir, Toda a noite gritando, sem sorrir.

Peça antiga

O acesso à torre de menagem de Conningsburgh é muito peculiar, refletindo a rude simplicidade dos dias em que ela foi construída. Uma escada de degraus íngremes e estreitos, quase precipitosa, leva a um baixo portal do lado esquerdo, onde, o curioso por coisas antigas pode, ou podia, pelo menos há uns anos atrás, seguindo outra pequena escada cavada na parede principal, chegar ao terceiro andar da construção. Os dois inferiores são masmorras ou armazéns sem ar ou luz, salvo os que vêm duma abertura quadrada no terceiro andar, com o qual deveriam comunicar por escadas de mão. O acesso ao último piso é feito por escadas dentro do botaréu exterior. Foi por esta difícil e complexa entrada que o bom rei Ricardo, seguido pelo seu dedicado Ivanhoé, foi conduzido ao apartamento circular que ocupa todo o terceiro piso a contar do solo. Wilfred aproveitou a ocasião para tapar o rosto com o manto, pois fora tido como conveniente o não se apresentar ao pai sem que o rei lhe fizesse sinal para tal. No apartamento, à volta duma grande mesa de carvalho, sentavam-se cerca de uma dúzia de representantes das mais dignas famílias saxônicas dos condados adjacentes. Eram todos velhos, ou, pelo menos, de certa idade, já que os mais novos, para grande aborrecimento dos seus maiores, haviam, como Ivanhoé, saltado a barreira que há meio século separava os Normandos, vitoriosos, dos Saxões, vencidos. Os olhos baixos e expressões tristes destes venerandos senhores, o seu silêncio e posturas sombrias, contrastavam fortemente com a descontração que reinava na parte de fora do castelo. As suas cãs e negros mantos soltos enquadravam-se bem naquele esquisito e rude apartamento que ocupavam.

Pareciam antigos adoradores de Woden, ressuscitados para carpirem a decadência da sua glória passada. Cedric, embora ocupando um lugar igual ao dos demais, assemelhava ser, por acordo geral, o principal da assembleia. A entrada de Ricardo, que, para ele, era o Cavaleiro do Aloquete, ergueu-se muito compenetrado, dando-lhe a usual saudação de Waes hael, e, simultaneamente, levantou uma taça. O rei, para quem os costumes dos seus súbditos ingleses não eram desconhecidos, replicou com as palavras apropriadas, Drinc hael, e serviu-se duma taça que o copeiro lhe passara. A Ivanhoé foi dirigida uma semelhante cortesia, que acusou baixando apenas a cabeça, não fosse o pai reconhecer-lhe a voz. Terminado este cerimonial, Cedric, dando a mão a Ricardo, conduziu-os a uma pequena e tosca capela, ao lado, encaixada, por assim dizer, na parede. Como ela dispunha somente dum postigo, seria muito escura se lá dentro não ardessem duas tochas, cuja rubra e fumarenta luz iluminava o tecto arcado, as paredes nuas, o rude altar de pedra e a cruz, também de pedra, que ali havia. À frente do altar estava um ataúde com três padres de cada lado, dedilhando os seus rosários e resmungando as suas orações, com grandes mostras exteriores de profunda devoção. Pelo serviço seriam pagas boas graças ao seu convento, o de Santo Edmundo, pela mãe do finado. Assim, e para que fossem bem merecidas, todos os irmãos, exceto o sacristão coxo, tinham ido para Conningsburgh, onde, por turnos, seis deles estavam ininterruptamente praticando os ritos devidos junto do caixão de Athelstane, enquanto os restantes aproveitavam para compartilhar dos petiscos e divertimentos que estavam sendo oferecidos. Mantendo a sua pia guarda e companhia, os bons monges prestavam especial atenção de modo a nunca interromperem os seus hinos, não fosse Zerneck, o velho Demônio saxão, aproveitar-se e pôr as garras no falecido Athelstane. Tinham também todo o cuidado em não permitir que nenhum leigo tocasse a mortalha que servira no funeral de Santo Edmundo, profanando-a com as suas impuras mãos. Se, na realidade, alguma entre todas estas ações fosse de alguma utilidade para o defunto, ele teria de fato todo o direito a esperá-las, pois, além de cem marcos de ouro, pagos com almas, a mãe de Athelstane revelara a sua intenção de doar àquela fundação as melhores terras que ele possuía, garantindo assim orações perpétuas não só pela alma dele como pela do seu falecido marido. Ricardo e Ivanhoé seguiram Cedric, o Saxão, até ao mortuário, onde o último lhes indicou com solenidade o extemporâneo descanso final de Athelstane. Seguindo-lhe o exemplo, benzeram-se devotadamente, balbuciando umas orações pela bem-aventurança da alma do defunto.

Executada esta piedosa atitude, Cedric fez-lhes sinal para que seguissem o seu silencioso vogar pela sala. Subiu uns poucos degraus e, com grande cautela, abriu a porta do oratoriozinho junto da capela. Era de dimensões reduzidas e, como a capela, construído na própria muralha. Como o postigo que tinha estava virado a poente e se alargava para cima, um raio de sol, caindo por ele, penetrava, iluminando uma mulher de aspecto muito digno e cujo rosto continha ainda todas as marcas duma grande beleza. As suas longas vestes de nojo e a sua negra touca realçavam-lhe a brancura da pele e a beldade das claras e exuberantes tranças, onde nenhum cabelo branco surgira ainda. Mostrava-se profundamente triste, mas resignada. Numa mesa de pedra, à sua frente, viam-se um crucifixo de marfim e um missal com as páginas plenas de maravilhosas iluminuras e a capa recamada de ouro. — Nobre Edith — disse Cedric, após profundo silêncio premeditado, para que Ricardo e Ivanhoé observassem bem a senhora. — Eis aqui ilustres desconhecidos que desejam apresentar-vos os seus pêsames. Um

deles é o bravo cavaleiro que tão valorosamente lutou pela defesa daquele que ora lamentamos. — Os meus agradecimentos pela vossa bravura — disse a dama -, ainda que o Céu a não tivesse tomado em conta. Agradeço de qualquer modo a vossa gentileza, e a do vosso companheiro, que vieram perante a viúva de Adeling e mãe de Athelstane nesta hora dolorosa e de lamentações. Cuidai bem deles, meu querido parente. Confio-vo-los para que nada lhes careça sob este tecto. com uma grande vénia à mãe dorida, os visitantes retiraram-se atrás do seu guia. Outra escada coleante levou-os a outra sala de tamanho idêntico ao da primeira onde tinham ido e que, igualmente, ocupava todo o andar imediatamente superior. Dali, mesmo antes de a porta se abrir, saía música coral, grave e melancólica. Entrando, viram-se na presença duma vintena de matronas e donzelas, de sangue azul saxão. Quatro delas, com Rowena a dirigi-las, cantavam um hino pela ama do defunto, do qual eles só conseguiriam recordar o pouco que se segue:

Pó és e pó serás, Nada mais tu darás, Tua alma se foi, Foi do que a encerra Ser comida pela terra Como a todos sói.

Agora, só, sozinha, Tua alma caminha, Procurando lugar

Onde ser castigada Pla maldade causada Aqui, neste passar.

Aí sofrerás tortura, Mas a Virgem mui pura Dela te livrará.

Graças a orações, Salmos e canções, Ela te livrará.

Enquanto esta endecha era cantada, baixo e circunspectamente, outras bordavam um grande pálio destinado a cobrir o caixão de Athelstane, com toda a agilidade e arte, e outras seleccionavam flores dos cestos ali colocados, preparando coroas. Portavam-se com o maior decoro, se bem que sem grandes evidências de perturbação. No entanto, de quando em vez, um cochicho ou sorriso tinham de lhes ser calados pelas mais velhas e muitas das raparigas se mostravam bem mais interessadas em ver se os vestidos lhes ficavam bem do que nas tetricas cerimônias que decorriam. Nenhuma destas atitudes, sejamos francos, se alterou com a entrada dos dois cavaleiros, que, pelo contrário, originou muitos olhares, espreitadelas e segredinhos. Apenas Rowena, demasiado orgulhosa para se mostrar vã, cumprimentou o seu salvador com uma demorada saudação, séria mas não dorida e, quiçá, muito mais preocupada com o destino de Ivanhoé do que com o funeral do seu parente. para Cedric, porém, que não discernia muito bem um certo número de coisas, a dor da sua pupila parecia-lhe mais funda do que a de qualquer outra das donzelas, pelo que achou por bem declarar ser ela "a noiva do nobre Athelstane". É de crer que tal afirmação não terá feito aumentar muito a simpatia de Wilfred pelos doridos de Conningsburgh... Tendo assim feito os visitantes passar pelos vários apartamentos onde, sob formas diversas, as exéquias de Athelstane se celebravam, Cedric transportou-os para um quatinho destinado, como afirmou, aos hóspedes de maior categoria, que, talvez, não conhecendo bem o morto, preferissem não se juntar àqueles mais afetados pela lamentável perda. Depois de ver se tudo estava em ordem, ia retirar-se, quando o Cavaleiro negro lhe pegou na mão, dizendo: — Permito-me lembrar-vos, nobre fidalgo, que, quando nos separámos, vós me haveis prometido um obséquio em recompensa do serviço que tive a felicidade de vos prestar. — Está concedido, logo que o mencioneis. No entanto, num momento destes... — Também isso me veio à ideia — concordou o rei -, mas, sendo o meu tempo curto, permito-me dizer que entendo que, ao fechar-se o túmulo de Athelstane, certos preconceitos e opiniões tomados de ânimo leve com ele deverão ser enterrados. — Sr. Cavaleiro do Aloquete — cortou-o Cedric, corando um pouco -, julgo que essa recompensa vos dirá respeito somente e a mais ninguém, pois, no que respeita à honra da minha casa, os estranhos não têm voz. — Nem eu imporia a minha — aquiesceu o rei suavemente -, a não ser que me reconheçais tal direito. Por agora, julgais-me ser apenas o Cavaleiro do Aloquete... Reconhece-me então como Ricardo Plantageneta. — Ricardo de Anjou! — bradou Cedric, recuando de surpresa. — Não, nobre Cedric!... Ricardo de Inglaterra!... cujo maior interesse e desejo é o de ver os seus filhos unidos todos uns aos outros. Então, valoroso fidalgo, não vos ajoelhaiis perante o vosso príncipe? — A sangue normando nunca o fiz — respondeu Cedric. — Guarda pois a tua homenagem — acedeu o monarca — para quando te tiver provado que protejo igualmente normandos e saxões. — Príncipe — declarou Cedric — sempre fiz justiça à vossa bravura e valor. Não ignoro igualmente a vossa pretensão à coroa como descendente de Matilda, sobrinha de Edgar Atheling e filha de Malcolm da Escócia. Acontece, todavia, que Matilda, ainda que de sangue real saxão, não era herdeira do trono. — Não serei eu a discutir o meu título contigo, bom fidalgo disse Ricardo calmamente. — Pedir-te-ei somente que olhes em teu torno e me apontes quem comigo entendes deva competir. — E vieste tu aqui, Príncipe, para me dizeres isso? — perguntou Cedric. — para me mostrares a ruína da minha raça, exatamente no momento em que a campã se vai fechar sobre o último rebento da realza saxônia? — A face escureceu-se-lhe. — Haveis soltado palavras duras e inoportunas... — Não, não, pela Santa Cruz — interpôs o soberano. — Apenas as disse com toda a confiança que um homem de valor tem noutra valente também. — Falaste bem, rei... pois rei reconheço seres e continuares a ser, mesmo com a minha débil oposição. Eu nunca o poderia evitar, embora a tentação seja muita e ao alcance. — Tratemos antes da minha recompensa — mudou o rei -, que reclamo, com toda a confiança, não obstante não reconhecerdes a legitimidade da minha soberania. Exijo-te que, como homem de palavra e que não quebra juras, sob pena de te considerar um falso e niding (1), que perdoes e recebas nos teus braços paternais o bom cavaleiro Wilfred de Ivanhoé. Tenho interesse pessoal nessa reconciliação... a felicidade dum amigo meu e um acabar de dissensões entre dois dos meus fiéis súbditos. — Aquele é, então, Wilfred? —

apontou Cedric para o filho. — Meu pai! Meu pai! — exclamou Ivanhoé, prostrando-se — lhe aos pés. — Perdoai-me, peço-vos! — Tens o meu perdão, filho meu — concedeu Cedric, fazendo-o levantar-se. — O filho de Hereward sabe cumprir a sua palavra, mesmo quando dada a um normando. Simplesmente quero ver-te dentro de roupas inglesas. Sem capas curtas, bonés arrebicados, sem plumagem, dentro da minha decente casa. Aquele que volta a ser o filho de Cedric não pode negar a sua ancestralidade inglesa... Ias dizer qualquer coisa — cortou-o com severidade -, e eu calculo o quê. Lady Rowena tem de cumprir dois anos de luto pelo noivo. Todos os nossos antepassados saxões nos amaldiçoariam se procurássemos um novo casamento para ela perante a campa daquele a que estava prometida. Aquele que, por nascimento e nobreza, tanto a merecia, mas que se foi. O fantasma de Athelstane rasgaria as suas sangrentas mortalhas e surgiria à nossa frente para proibir tal desonra à sua memória. Foi como se as palavras de Cedric fizessem levantar um espectro, pois, mal acabara de as proferir quando Athelstane, amortalhado, escancarou a porta e se apresentou perante eles, pálido e desfigurado como algo vindo do Além (2). Os resultados desta aparição junto dos presentes foram pavorosos. Cedric encostou-se à parede, o mais longe que lhe era possível e ali apoiado, pois quase nem se tinha em pé, fixava, esgazeado, o amigo, com a boca aberta. Ivanhoé benzeu-se, orando em saxão, latim e francês, enquanto Ricardo entoava um Benedicite, logo seguido dum Mort de ma vie!, praguejado. — Em nome do Santo Deus! — dirigiu-se Cedric ao suposto espectro do defunto amigo -, se és mortal, fala! Se és um espírito, diz-nos porque nos procuras ou se existe algo que eu possa fazer para que em paz descanses. Vivo ou morto, fala comigo, nobre Athelstane, fala comigo, Cedric! — Fá-lo-ei — respondeu a aparição com toda a compostura — logo que tenha retomado o fôlego e quando me deres tempo. Vivo, disseste? Tão vivo quanto pode estar alguém que, vão três dias, melhor, três séculos, está a pão e água. Sim, pão e água, pai Cedric! Por todos os santos do Céu! Há três dias que não me passa na gorja coisa melhor, e valha-me Deus o eu podê— lo dizer agora! — Mas, nobre Athelstane — disse o Cavaleiro Negro -, vi com estes olhos o fero Templário abater-vos lá para o fim do assalto a Torquilstone e pensei, tal como Wamba, que ele vos rachara de alto abaixo até aos dentes (3). — Pensastes mal, Sr. Cavaleiro — respondeu Athelstane -, e Wamba mentiu. Os meus dentes estão no sítio e em ordem, como demonstrarão à refeição que quero já, graças à espada do Templário, que me bateu de lado, quando a desviei com a minha boa clava. Se tivesse um elmo, nem teria sentido nada e ter-lhe-ia respondido de modo tal que lhe cortaria a retirada. Tal como aconteceu, caí, estendido e estonteado, mas não ferido. Outros dos dois campos tombaram em cima de mim, de forma que só recuperei os sentidos já dentro do caixão, aberto, graças a Deus!) junto do altar de Santo Edmundo. Espirrei, gemi, acordei, e ter-me-ia levantado se o sacristão e o abade não acorressem ao barulho, surpresos e, decerto, desagradados ao verem vivo aquele de quem se criam herdeiros. Pedi vinho e deram-me uma gota, mas devia estar drogado, pois adormeci, só acordando muitas horas depois, com os braços enfaixados e os pés tão amarrados que ainda me doem os tornozelos à lembrança, no meio da escuridão total, talvez na masmorra do maldito convento deles. Pelo ar abafado, parado e cheiro mofento, entendi também ser sítio de enterros. Pensava muita coisa estranha sobre o que me acontecera, quando a porta se abriu e os patifes dos monges apareceram. Queria convencer-me de que estava no Purgatório, mas eu conhecia muito bem a voz grossa e arfante do abade. Por São Jeremias! Como o seu tom era diferente daquele que usava para me pedir que lhe passasse um pouco mais de carne! Aquele cão comeu em minha casa desde o Natal até aos Reis. — Tende calma, nobre Athelstane — recomendou o rei, — Tomai ar. Contai a vossa história mais devagar. Diabos me levem se ela não merece ser ouvida como se dum romance se tratasse. — Ah! Mas, pela vara de Bromeholm, não houve ali romance nenhum! — bradou Athelstane. — Um pão de cevada e uma pinga de água foi tudo quanto eles me deram, aqueles sovinas traidores que o meu pai encheu com carne de porco e trigo quando eles andavam a massacrar os pobres dos servos e dos escravos com as suas lamúrias. Víboras dum ninho de víboras! Darem pão de cevada e água a um protetor como tenho sido para eles! vou deitar-lhes fumo na toca, nem que me excomunguem! — Em nome de Nossa Senhora, nobre Athelstane — pediu Cedric, agarrando-lhe um braço -, como escapastes a tão grave perigo? Tiveram piedade? — Piedade, eles? — berrou Athelstane. — As rochas derretem-se ao sol? Ainda ali estaria se não fora o distúrbio que veio do convento (que, agora, sei tratar-se de movimento para irem comer durante a minha fúnebre celebração), que os afastou, pois queria sepultar-me vivo. Bem os ouvi a grasnar salmos pela alma do corpo com que, mal sabia eu, queria acabar. Foram-se, de qualquer modo, e eu fiquei à espera de alimentos.

Em vão, claro, pois o reumático do sacristão estava mas era a encher-se sem se lembrar de mim. Por fim apareceu, aos bordos e a feder a vinho tratado. A animação desempederniu-lhe o coração, levando-o a dar-me uma fatia de empada e uma garrafita de vinho, em lugar da razão anterior. Comendo e bebendo, senti-me mais fortalecido e, ao ver que o sacristão, demasiado tocado para cumprir bem as suas funções de chaveiro, deixara a porta aberta, ganhei ânimo. A luz, a comida e o vinho puseram-me a imaginação a trabalhar. A argola a que as minhas correntes se prendiam estava bem mais ferrugenta do que eu e o abade imaginávamos, pois até o ferro não aguenta aquelas caves infernais...

— Tomai ar, nobre Athelstane — aconselhou outra vez Ricardo -, e petiscai algo antes de prosseguirdes com tão tétrico relato.

— Petiscar? — repetiu Athelstane. — Já comi hoje cinco vezes e, mesmo assim, um naco daquele apetitoso presunto não me cairia nada mal. Peço-vos, ilustre senhor, que o façais acompanhar dum bom copo. Os presentes, ainda embatocados, satisfizeram o ressuscitado, que continuou.

— Tinha, no momento, audiência acrescida, já que Edith, após ter dado algumas ordens a executar dentro do castelo, entrara atrás do morto-vivo, no compartimento dos visitantes, juntamente com tantos convidados, homens e mulheres, quantos ali coubessem, ficando muitos na escadaria a receber versões completamente modificadas dos fatos que iam, ainda mais alterados, passando para os de baixo, que, por sua vez, os transmitiam à população lá fora completamente deturpados.

— Athelstane, como dizíamos, continuou descrevendo a sua fuga: — Solto da argola, arrastei-me pelas escadas acima, tão bem quanto um homem algemado e fraco de jejum o pode conseguir com esforço imenso e guiado pelo som alegre de música, alcancei o quarto do ilustre sacrista, que, se me permittem afirmar, dizia uma missa-negra ao lado dum enorme e espadaúdo irmão, de hábito e capuz cinzentos, que recordava mais um ladrão do que um monge. Surgi no meio deles e com a minha mortalha e correntes chocalhando, como uma alma do outro mundo. Ambos se mostraram estupefatos, mas, quando virei o sacristão com um murro, o outro desferiu uma tremenda porrada com um varapau...

— Tem de ser o nosso amigo Frei Tuck — comentou Ricardo para Ivanhoé.

— Que seja o Demo em pessoa! — admitiu Athelstane. — Felizmente, fálhou-lhe a pontaria e quando me viu avançar, deu às de vila-diogo. Libertei as minhas pernas com uma chave que estava à cinta do sacristão. Pensei rebentar-lhe os miolos, mas a lembrança da talhada de empada e do vinho que o maroto me levara travaram-me o intento. Descarreguei-lhe meia dúzia de pontapés, deixei-o no chão, introduzi na bolsa um bocado de carne cozida e uma bota de vinho com que os dois veneráveis irmãos se estavam a regalar, fui ao estábulo, onde encontrei o meu cavalo preferido, que, quiçá, fora posto de parte para o serviço do abade. Vim tão depressa quanto pude para aqui, espavorindo todos com que me cruzei, sobretudo porque tapei a cabeça com o carapuço para que não me distinguissem. Só consegui entrar no meu próprio castelo porque me julgaram ser o ajudante do malabarista que divertia as pessoas lá dentro, esquecendo-se de que assistiam a um funeral. O administrador julgou-me disfarçado de urso para uma representação e permitiu-me o acesso. Apresentei-me a minha mãe, comi qualquer coisita e vim procurar-vos, meu bom amigo.

— E encontraste-me — concluiu Cedric — pronto a levar avante os nossos projetos de honra e libertação. Nenhum dia será mais auspicioso do que o de amanhã para a nobre raça saxônia.

— Não me faleis em livrar quem quer que seja. Já me livreis a mim mesmo e desejo agora punir o patife do abade. Vai ficar dependurado no alto de Conningsburgh pela capa e estola. Se as escadas forem estreitas de mais para as suas banhas, faço-o içar lá para riba.

— Mas, meu filho — lembrou a mãe -, pensa na posição dele.

— Penso! nos meus três dias de jejum — replicou Athelstane. — vou sangrá-los todos! Front-de-Boeuf ardeu vivo por muito menos, pois, ao menos, dava boa mesa, mesmo aos seus prisioneiros, ainda que o cozinheiro abusasse do alho. Estes hipócritas e ingratos escravos, tantas vezes autoconvidados para a minha farta mesa, onde alho não aparece, morrerão! Morrerão! Pela alma de Hengist!

— E o papa? — recordou Cedric.

— E o Demônio? — contestou Athelstane. — Morrem e não se fala mais neles. Mesmo que fossem os melhores frades do mundo, todos passariam bem sem eles.

— Acalmai-vos, nobre Athelstane — disse Cedric -, esquecei essa malandragem, pensando na gloriosa carreira que se vos abre. Dizei a este príncipe normando, Ricardo de Anjou, que, mesmo tendo coração de leão, não poderá ocupar o trono de Alfredo quando um dos descendentes do Confessor vive para lho disputar.

— O quê!? — bradou Athelstane. — Este é o mui nobre rei Ricardo?

— É Ricardo Plantageneta em pessoa — confirmou Cedric. — Escuso de vos lembrar que, como visitante de boa-fé, não pode ser injuriado ou aprisionado. Bem conheceis os vossos deveres para com ele.

— E, por minha fé — disse Athelstane -, o meu dever, como súbdito, é prestar-lhe menagem, com toda a minha alma e coração.

— Filho — recordou Edith -, recorda os teus reais direitos.

— Lembra-te da liberdade da Inglaterra, príncipe degenerado! — gritou Cedric.

— Minha mãe e meu amigo, acalmai-vos. Pão, água e cárcere são ótimos contra ideias ambiciosas, e posso dizer que me ergui da tumba muito mais sabedor do que era quando a ela baixei.

Parte dessas loucas folias fora— me incutida pelo pérfido abade Wolfram, e bem vistes que tipo de conselheiro ele é. Desde que essas tramoias foram postas em funcionamento, não tenho feito mais do que andar daqui para ali, apanhar indigestões, golpes, prisões e fome. Além do mais, para se concretizarem, exigiriam a morte de milhares de pessoas de paz. Digo— vos: quero reinar dentro dos meus domínios e em mais parte nenhuma. O meu primeiro gesto como tal será enforcar o abade.

— E a minha pupila, Rowena? — perguntou Cedric. — Não acredito que a ireis abandonar.

— Pai Cedric — disse Athelstane -, sede razoável. Lady Rowena não quer saber de mim. Adora mais o dedo mindinho da luva do meu parente Wilfred do que toda a minha pessoa. Ei-la para o confirmar... Não enrubesças, querida parenta, pois não é vergonha nenhuma o amares um cavaleiro da corte em lugar de um fidalgo da província. E não te rias também, pois as

mortalhas e rosto pálido não são motivos para mofa. Bem, se queres continuar a rir, arranjar-te-ei melhor motivo. Dá-me a mão, ou, melhor, empresta ma, porque somente ta estou a pedir por amizade. Aqui está, primo Wilfred de Ivanhoé, em teu favor, renuncio... Eh!. Por São Dunstan! O primo Wilfred desapareceu. Mas, a não ser que os meus olhos ainda estejam zonzos pelo jejum, ainda agora ele aí estava.

Todos procuravam Ivanhoé, mas ele sumira-se. Descobriu-se, por fim, que um judeu tinha vindo procurá-lo e que, após curta conversa, chamara por Gurth e pelo seu armeiro e deixara o castelo.

— Bela prima — dirigiu-se Athelstane a Rowena -, se não pensasse que esta partida repentina se deve a razões gravíssimas... — Só então reparou que, tendo-lhe largado a mão ao notar a falta de Ivanhoé, Rowena, muito envergonhada com toda aquela cena, se escapara do apartamento.

— Claro — comentou Athelstane -, as mulheres são bichos em que nunca se pode confiar, à excepção dos monges e dos abades.

Que Deus me castigue se não contava com os seus agradecimentos e talvez com um beijo. Se calhar, esta mortalha deita olho mau, pois todos me fogem... A vós, nobre rei Ricardo, com os mais sinceros votos, presto a minha homenagem..

Ricardo igualmente partira, não se sabendo para onde. Mais tarde apurar-se-ia que, no pátio, fizera o Judeu vir à sua presença, trocara umas palavras com ele, pedira um cavalo, montara-o, obrigando o Judeu a fazer o mesmo noutro animal, e partira a uma velocidade que, segundo Wamba, fazia perigar o toutiço do israelita.

— Pela minha salvação! — exclamou Athelstane. — Estão possessos. Zerneck entrou no meu castelo durante a minha ausência. Volto amortalhado, saído do sepulcro, e todos desaparecem ao som da minha voz. Não vale a pena pensar mais nisso.

Venham, amigos que ainda restam. Vamos para o salão de banquetes, antes que mais de vós desapareçam. Conto esteja ainda bem sortido, como sói nas exéquias dum nobre saxão. Não nos atrasemos, não vá o mafarrico levar a ceia consigo.

1. Infame.

2. A ressurreição de Athelstane tem sido muito criticada como uma improbabilidade, mesmo nesta tão fantasiosa obra. Trata-se duma manobra a que o autor teve de recorrer para satisfazer a vontade do seu impressor e amigo, que se mostrava inconsolável ao ver aquele saxão, pura e simplesmente, enviado para a cova.

3. Como já se disse atrás, Sir Walter Scott usa as segundas pessoas do singular e do plural indiferentemente. (N. do T.)

Capítulo XLIII

Que os pecados de Mowbray pesem tanto para ao corcel seu ímpeto travar, Atirando-o para o meio do chão. O patife, o malvado!
Ricardo III

Regressemos para fora do Castelo, ou Preceptoria, de Templestowe, quando a fatal sorte de vida ou de morte de Rebeca fora lançada. Havia grande movimento e animação, como se toda a vizinhança tivesse ido para a rua, para qualquer festa ou romaria. A triste verdade é que o gosto de apreciar o sangue e a morte era comum naquela época, com os torneios e lutas singulares habituando as gentes aos sanguinolentos espetáculos de valentes abatendo-se uns aos outros. Mesmo agora, quando a moral é melhor compreendida, uma execução, um desafio a doer, um tumulto, uma reunião de reformistas radicais, atraem, com perigo para ela própria, grande multidão de gente, sem outro interesse que não o de ver o que dá, ou verificar se os heróis do dia são mesmo bons ou não.

Os olhos duma apreciável quantidade de pessoas estavam, assim, pregados no portão da Preceptoria de Templestowe, a fim de apreciarem a procissão, enquanto um número maior ainda se apinhava em torno da liça pertença do estabelecimento. Este cerrado abrangia um pedaço de terreno plano, colado à Preceptoria, que fora cuidadosamente aplanado para que lá pudessem ser praticados os desportos militares e de cavalaria.

Situava-se no cume duma suave eminência e estava rodeado por uma paliçada. Uma vez que os Templários apreciavam gente a vê-los executar os seus feitos de cavalaria, bancadas e galerias encontravam-se ali à disposição de todos.

Nesta altura tinha sido montado um trono para o Grão— Mestre, no lado poente, com bons lugares para os preceptores e cavaleiros da Ordem. Sobre estes drapejava o sagrado estandarte denominado Le Beau-Séant, a insígnia, como o seu nome era o grito de guerra dos cavaleiros do Templo.

No lado oposto da liça, uma pilha de toros, dispostos em torno dum mourão profundamente enterrado no solo, de forma a deixarem espaço para a vítima que iam consumir poder entrar no círculo fatal, no centro do qual seria presa à estaca com cadeados que já lá se encontravam. Junto deste aparelho de tortura e morte viam-se quatro escravos negros, cuja cor e feições, então pouco conhecidas em Inglaterra, atemorizavam a massa que os fixava, como se fossem Demônios aguardando para levarem a cabo as suas infernais tarefas. Aqueles indivíduos quase não se moviam, exceto a sinais do que parecia comandá-los, para então ajustarem ou acrescentarem qualquer cavaco. Não olhavam para ninguém, parecendo afastados de tudo que não fosse a sua horrível função. Se falavam uns com os outros, os beiços bolbosos abriam-se-lhes, deixando à mostra dentes alvíssimos, como que num esgar de antecipação à ideia do que iam fazer. O povo, nesses momentos, não podia deixar de julgar serem eles os espíritos com que a bruxa comunicara e que, chegado a termo o seu tempo, tinham acorrido para colaborar no seu medonho castigo, Cochichavam entre si, relatando o que Satanás tinha ultimamente feito, exagerando, como seria de esperar, as demoníacas capacidades.

— Ouvistes, padre Dennet — dizia uma daquelas bisonhas criaturas, já bastante velha -, que o Diabo em carne e osso levou o grande fidalgo saxão Athelstane de Conningsburgh?

— Ouvi. Mas teve de o trazer de volta, graças a Deus e a São Dunstan.

— Como é? — perguntou um jovem vivo, com um gibão verde bordado a ouro e tendo a seu lado um rapazote gordo com uma lira às costas, revelativa da sua profissão.

Aliás, o menestrel parecia ter categoria, pois, além da sua rica vestimenta, trazia ao pescoço um cordão de prata do qual pendia a *wrest*, ou chave, com que afinava o seu instrumento. No braço direito carregava uma placa, de prata também, que, em lugar de os tentar, como era usual, o brasão do fidalgo de quem dependia, tinha somente gravada a palavra SHERWOOD.

— Que quereis dizer com isso? — disse metendo-se na conversa.

— Vim procurar um motivo para as minhas rimas e, por Nossa Senhora, parece que encontrei dois!

— Está mais do que provado que Athelstane de Conningsburgh, depois de ter estado morto durante quatro semanas...

— Isso não é possível — interveio o menestrel -, pois vi-o vivo no torneio de Ashby-de-la-Zouche.

— Morto ou trasladado — disse outro -, ouvi os monges de Santo Edmundo cantar-lhe hinos fúnebres. Além disso, o Castelo de Conningsburgh abriu-se para um banquete fúnebre, onde davam esmolas e onde eu teria ido se a Mabel Parkins...

— Sim, senhor, Athelstane era morto — confirmou com um abaixar de cabeça, o velhote -, e tanto pior, pois o velho

sangue saxão...

— Contai-me, contai-me essa história — pediu insistentemente o menestrel.

— Sim, sim. Arranja lá uma história — sugeriu um corpulento frade do grupo e que segurava um pau que tanto parecia um bordão de peregrino como um varapau e que, certamente, seria qualquer um deles, conforme as conveniências. — Venha a tua história — insistiu -, não deixes passar o dia sem no-la contar. O tempo urge.

— Com licença de Vossa Reverência — disse Dennet -, um padre bêbado veio de visita ao sacristão de Santo Edmundo...

— Não agrada a nossa reverência — atalhou o frade -, a existência dum bicho que seja um padre com os copos, ou, melhor ainda, que um leigo a ele se refira. Tende modos, homem, e dizei antes que a santa criatura tinha estado a meditar, o que põe a cabeça à roda e os pés pouco seguros, como quando a barriga está cheia de vinho novo. Já me encontrei nesse desagradável estado.

— Está bem — prosseguiu Dennet -, um santo irmão veio visitar o sacristão de Santo Edmundo. Bem, o visitante era um padre feito à pressa, que caça metade dos veados que são abatidos na floresta, que gosta do som duma caneca mais do que do da campainha e acha que uma boa refeição é superior ao breviário. Também é um bem— disposto que volteia o cajado, estica o arco e dança como ninguém no Yorkshire.

— Esse último troço do teu discurso — comentou o menestrel -, acaba de te salvar uma ou duas costelas.

— Schiu! Não lhe tenho medo — disse Dennet. — Posso estar velho, mas quando combati pela Cruz e pela caldeirinha em Doncaster...

— Esquece isso! Conta a história — pediu o menestrel.

— Pronto. A história é apenas: Athelstane de Conningsburgh foi enterrado em Santo Edmundo, — É peta e das grandes — vociferou o frade. — Vi-o ser levado para o seu Castelo de Conningsburgh.

— Então contai vós a história, senhores — amou-se Dennet ao ver-se contradito. Deu um trabalhão até que o menestrel e o outro o convencessem a retomar a palavra. — Aqueles dois frades sóbrios — soltou por fim -, já que o reverendo, aqui, os quer sempre assim, tenham ou não bebido muito ou pouco durante o dia, foram despertados por uns angustiantes gemidos e arrastares de correntes e Athelstane entrou-lhes pelo quarto dentro, gritando: "Ah! pastores malditos!"

— É falso — atalhou o frade -, ele não abriu bico.

— Com que então — interrompeu o menestrel, afastando-se dos rústicos -, levantou-se outra perdiz?

— Fica sabendo, Allen-a-Dale — disse o eremita -, que vi Athelstane com estes olhos que a terra há-de comer. Vinha envolto numa mortalha e fedia a defunto. Nem o cheiro do melhor vinho mo limpa do nariz.

— Bá! — exclamou o menestrel. — Estás a gozar comigo.

— De modo algum — replicou o frade. — Desferi-lhe uma porrada com o meu varapau, daquelas de virar um touro, que lhe passou através do corpo como se este fosse de fumo.

— Por Santo Humberto — bradou o menestrel. — Essa é uma história de pasmar, merecedora de ser posta a rimar com alguma velha música. o velho frade começa a arrepender— se!

— Ri-te quanto quiseres — disse Frei Tuck -, mas, se te apanho a cantar um tema desses, que o espírito maligno ou benigno mais próximo me leve já se não levas uma tosa. Não é nada como estás a pensar, tanto que resolvi logo fazer qualquer coisa de bom, como ver uma bruxa a arder, entrar num combate judicial ou algo semelhante, e por esse motivo aqui vim.

Assim conversavam, quando o pesado sino da Igreja de São Miguel de Templestowe, um imponente edifício erguido numa aldeia um pouco afastada da preceptoria, lhes cortou a palavra. Uma após outra, as graves batidas encheram o vazio, com intervalos entre elas suficientes para que cada uma morresse ecoando ao longe, antes de a seguinte tudo vir a atordoar. Este bater anunciava a cerimônia a que uma multidão de corações constrangidos acorrera, olhando, no momento o portão da Preceptoria, donde viriam o Grão-Mestre, o campeão e a ré.

A ponte levadiça foi finalmente baixada e um cavaleiro empunhando uma desmedida bandeira da Ordem saiu, precedido por seis trombeteiros e seguido pelos cavaleiros, preceptores, dois a dois, e pelo Grão-Mestre, montando um poderoso mas modestamente arreado corcel. Atrás deste vinha Brian de Bois-Guilbert, com uma brilhante armadura, mas sem a lança, que era transportada por dois escudeiros. O seu rosto, meio tapado pela pluma do seu boné, revelava uma expressão de forte paixão, mas na qual o orgulho e a dúvida se gladiavam. Pálido como a cera, como se não dormisse há muitas noites, mas dominando o seu cavalo de batalha com a graça e o jeito habituais e próprios da melhor lança do Templo. Todo ele era grandioso e imponente, mas os que melhor lhe examinavam as feições logo delas afastavam a vista.

De cada lado cavalgavam Conrade de Mont-Fitchet, e Albert de Malvoisin, padrinhos do campeão. Traziam roupagem de paz, as vestes brancas da Ordem. Seguiam— se outros companheiros do Templo, muitos escudeiros e pajens, de preto, aspirantes à honra de um dia virem a ser cavaleiros da Ordem. Depois destes neófitos marchavam guardas apeados, também de negro, entre os quais se destacava a mancha branca da acusada, avançando lenta e compassadamente para o local onde o seu destino se decidiria. Tinham-lhe sido retirados todos os ornamentos, não estivesse, por acaso, entre eles, alguns dos

amuletos que Satanás costuma dar às suas Vítimas para lhes retirar a capacidade de confissão, mesmo sob tortura. Um grosseiro vestido branco substituíra os seus trajes levantinos. Mesmo assim, era tanta a coragem e a resignação no seu rosto que, mesmo naquelas roupas sem qualquer decoração, a não serem as longas tranças pretas, faziam vir as lágrimas aos olhos de todos que a apreciavam e até os mais ferozes fanáticos lamentavam que o Demo tivesse ocupado tão bela habitação.

Uma turba de pessoas inferiores da Preceptoría andava a seguir a ela, com toda a ordem, de braços cruzados e olhos postos no chão. Esta lenta procissão subiu a suave eminência no cume da qual estava a liça, que entraram e percorreram, começando pela direita e só parando quando haviam completado todo o círculo.

Houve então um burburinho momentâneo, quando o Grão-Mestre e todos os outros desmontaram, exceto o campeão e os padrinhos, que, sempre a cavalo, foram conduzidos para fora da liça por escudeiros que os esperavam. A desgraçada Rebeca foi conduzida para uma cadeira preta perto da pira. Viu-se que estremeceu quando olhou pela primeira vez para aquele sítio horrível, onde continuavam preparativos para o fim do seu corpo. Fechara os olhos e, certamente, rezara, pois que os lábios se lhe moviam quase imperceptivelmente.

Passado um pouco, abriu os olhos, fixou a pilha, como que para com ela se familiarizar, e depois, com toda a naturalidade, afastou a vista de lá. O Grão-Mestre já se sentara e, quando todos os cavaleiros da Ordem se instalaram igualmente, atrás e à sua volta, de acordo com as diversas categorias, um longo e floreado trombetear anunciou ter o tribunal aberto. Malvoisin, um dos padrinhos do campeão, avançou e colocou a luva da judia, o símbolo do repto, aos pés do Grão-Mestre.

— Valoroso senhor e reverendo pai — disse -, eis aqui o bom cavaleiro Brian de Bois-Guilbert, preceptor da Ordem do Templo, que, tendo aceite este repto que acabo de depor aos pés de Vossa Reverência, se comprometeu a fazer o seu dever combatendo, hoje, para que se prove que a donzela judia, Rebeca de seu nome, merece a sentença lida em capítulo da mui sacra Ordem do Templo de Sião, condenando-a à morte como feiticeira. Está aqui, repito, para batalhar, com toda a honra e cavalheirismo, caso seja esse o vosso nobre e santificado desejo.

— Já jurou — perguntou o Grão-Mestre — em como a causa é justa e honrosa? Trazei o crucifixo e o Te igitur. — Senhor e mui reverendo pai — respondeu Malvoisin -, o nosso irmão aqui presente já prestou essa jura perante o bom cavaleiro Conrade de Mont-Fitchet. Aliás, nem necessitaria de o ter feito, uma vez que o seu adversário é descrente e não pode fazer igual declaração.

A explicação foi considerada satisfatória, com grande alegria para Albert, fino cavaleiro, que previra a dificuldade, ou talvez a impossibilidade, de se conseguir que Bois-Guilbert fizesse um juramento daqueles, perante a assembleia, e recorresse àquele subterfúgio. O Grão-Mestre, aceite a justificação de Albert de Malvoisin, mandou que um arauto cumprisse os seus deveres. Novamente soaram trombetas e um arauto proclamou bem alto: — Oyez, oyez, oyez! Eis aqui o cavaleiro, Sr. Brian de Bois-Guilbert, pronto a competir com qualquer cavaleiro livre de nascimento que deseje defender a causa da judia Rebeca como campeão, a quem será dada igualdade de sol e de vento no campo e tudo o mais que um combate leal possa exigir. As trombetas fizeram-se ouvir mais outra vez, seguindo-se-lhes um absoluto silêncio.

— Não se apresenta qualquer campeão para a apelante — comentou o Grão-Mestre. — Arauto, vai e pergunta-lhe se espera alguém para defender a sua causa. O arauto obedeceu e Bois-Guilbert, virando, de súbito, a sua montada, trotou também para lá, contrariando os conselhos de Malvoisin e Mont-Fitchet.

— É isto compatível com os regulamentos? — interrogou Malvoisin, olhando para o Grão-Mestre.

— É, sim — informou Beaumanoir -, pois neste apelo ao Juízo Divino não se pode proibir que os adversários se comuniquem para que a peleja melhor possa ser travada. Entretanto, o arauto dirigia-se a Rebeca nos seguintes termos: — Donzela, o honorável e reverendo Grão-Mestre manda— te perguntar se tens campeão para por ti, neste dia, lutar, ou se te reconheces culpada e merecedora da sentença.

— Dizei ao Grão-Mestre — replicou Rebeca — que insisto na minha inocência e que reconhecer o crime corresponderia a tornar-me culpada da minha própria morte. Dizei-lhe ainda que lhe rogo atrase tanto quanto possível o torneio para se ver se Deus, sempre a última esperança dos homens, me manda um salvador. O arauto retirou-se para transmitir estas palavras.

— Deus nos livre — exclamou Lucas de Beaumanoir — de permitir que judeu ou pagão nos acuse de injustiça. Esperaremos, até que a sombra cubra o campo de nascente a poente, a ver se alguém aparece a ajudar aquela infeliz. Quando o dia acabar, ela que se prepare para com ele morrer.

Esta decisão foi comunicada a Rebeca, que, primeiro, baixou a cabeça em assentimento e, a seguir, cruzou os braços, voltou os olhos para O alto, como que esperando que de lá viesse o que da terra não parecia vir. Foi durante essa pausa que a voz de Bois-Guilbert lhe soou aos ouvidos. Fora em sopro, mas assustou-a mais do que o que o arauto lhe informara.

— Rebeca — fizera o Templário -, ouves-me?

— Contigo nada quero, homem cruel e sem Coração — foi a resposta da pobre menina.

— Está bem. Mas será que me entendes? — insistiu o cavaleiro.

— O som da minha própria voz é horrível para mim mesmo.

Desconheço o chão que piso, porque o piso é o que me trouxe para aqui. Esta fica... essa cadeira... aquelas achas... Sei que são... para o que são, mas parecem-me irrealis... espetáculo medonho que me apavora os sentidos com visões mais tremendas, todavia, mas em que não acredito.

— A minha mente e sentidos estão lúcidos — respondeu Rebeca -, ambos me dizem serem aquelas achas destinadas a acabar com o meu corpo para que, num momento horrível de dor, possa passar para lugar melhor.

— Sonhos, Rebeca, sonhos — disse o Templário. — Visões sem nexo, rejeitadas até pelos vossos mais doutos saduceus. Escuta-me — propôs com animação: — há melhores possibilidades para ti do que aquelas que aqueles idiotas e aquele caquético imaginam. Monta, atrás de mim, no meu corcel Zamor, que nunca deixou o amo ficar mal. Ganhei-o em combate singular com o sultão de Trebizonda... Monta, digo-te, e em coisa de uma hora os nossos perseguidores terão ficado muito para trás e um mundo novo se revelará perante nós, de prazer para ti, uma nova carreira e fama para mim. Rio-me do que comentarem e disserem e não me importo que apaguem o nome de Bois-Guilbert da sua lista de escravos monásticos. com sangue lavarei toda e qualquer nódoa que me ponham.

— Some-te, tentador! — gritou Rebeca. — Nem nesta última extremidade conseguirás que me afaste um nada sequer donde estou, ainda que de inimigos rodeada, Pois tu és, certamente e ainda, o meu pior inimigo... Some-te, em nome de Deus! Albert de Malvoisin, preocupado com a demora, chegou— se, interrompendo-os.

— A rapariga reconheceu-se culpada? — indagou. — Ou teima na sua inocência?

— A sua resolução é inabalável — disse Bois-Guilbert.

— Anda, então — recomendou Malvoisin -, e ocupa o teu lugar, aguardando. As trevas crescem. Vem, bravo Bois-Guilbert. Vem, ó esperança da nossa ordem, que em breve encabeçarás, — Ao falar colocara uma mão na brida do cavalo, puxando-a com firme gentileza, para que voltasse ao seu posto.

— Eh! falso vilão! — zangou-se Brian. — Que fazem as tuas mãos nas minhas rédeas? — Libertando-se dele, seguiu para o topo da liça.

— Ainda subsiste ânimo dentro dele — observou Malvoisin em aparte para Mont-Fitchet -, mas, como o fogo— greguês, queima quem dele se abeira.

Os juízes já aguardavam, na liça, há duas horas, o aparecimento dum lidador.

— Há bons motivos — opinou Frei Tuck -, pois ela é uma judia. Porém, segundo a minha ordem, não está bem que alguém tão jovem e tão bela morra sem que ninguém alce um dedo em sua defesa. Fosse ela dez vezes mais bruxa, mas um niquinho cristã, que eu levantaria o meu varapau para o deixar tombar sobre o casco daquele altaneiro templário, e as coisas não ficavam como estão...

Era contudo opinião geral que ninguém tomaria posição por uma feiticeira judia. Os cavaleiros, instigados por Malvoisin, principiavam, portanto, a murmurar que chegara a altura de se executar a sentença. Foi então que se avistou um cavaleiro, a galope, na planície, dirigindo— se para ali. Centos de vozes bradaram: "Um campeão! Um campeão! ", e, pondo de parte todos os preconceitos, aclamaram-no quando entrou na liça. Vendo melhor, poucas garantias oferecia, porém. O cavalo, estafado por muitas milhas de correria, quase caía sob o peso do cavaleiro, e este, embora impávido, quase se não aguentava na sela, por fraqueza, cansaço, ou ambas as coisas.

Ao arauto que lhe perguntara o nome, o título e o propósito, o cavaleiro desconhecido respondera pronta e arrojadamente: — Sou um cavaleiro nobre e honesto que aqui venho sustentar com a minha lança e espada a justa causa de Rebeca, filha de Isaac de Iorque, demonstrando a injustiça e a falsidade da sentença que lhe impuseram. para tal, desafio o Sr. Brian de Bois-Guilbert, que considero um traidor, um assassino e um mentiroso. Neste campo, em corpo-a-corpo, com o auxílio de Deus, de Nossa Senhora e de São Jorge, o provarei!

— O desconhecido terá de provar — interveio Malvoisin — que é de fato cavaleiro e de boa linhagem. O Templo não envia os seus campeões contra gente sem nome.

— O meu nome é mais conhecido — respondeu o cavaleiro, retirando o elmo — e a minha linhagem mais pura do que a tua, Malvoisin. Sou Wilfred de Ivanhoé.

— Não combaterei contigo agora — disse o Templário com voz cava. — Cura-te, arranja um cavalo fresco, e pode ser então que me digne acalmar-te os impulsos juvenis que te levam a tais bravatas.

— Ah!, orgulhoso templário! — gritou Ivanhoé. — Esqueces-te de que por duas vezes esta lança te fez ir a terra? Lembra-te das liças de Acre e de Ashby! Recorda a tua gabarolice nas arcadas de Rotherwood, onde, apostando a tua corrente de ouro contra o meu relicário, prometeste que batalharias com Wilfred de Ivanhoé, recuperando a honra perdida! Por esse mesmo relicário e pela sagrada relíquia que contém, denunciar-te-ei como um covarde em todas as cortes da Europa, em todas as preceptorias, a não ser que comigo lutes e sem demora.

Bois-Guilbert olhou, irresoluto, para onde Rebeca estava, para logo a seguir bradar com fereza: — Cão saxão! Empunha a lança e prepara-te para a morte, que vieste procurar!

— O Grão-Mestre permite o combate? — perguntou Ivanhoé.

— Não posso deixar em claro o teu desafio — disse o Grão-Mestre — desde que a donzela te aceite como campeão. No entanto, preferiria ver-te em melhores condições. Sempre foste inimigo da nossa ordem, mas desejaria que houvesse equilíbrio no combate.

— Assim estou, assim lutarei — replicou Ivanhoé. — Será Deus a resolver. É nas Suas mãos que me ponho. — Marchou até junto de Rebeca e perguntou-lhe: — Rebeca, aceitas-me como teu campeão?

— Aceito, aceito — anuiu, emocionada e agora muito mais trémula de comoção do que anteriormente de temor à morte. — Aceito-te como o campeão que o Céu me envia. Mas... não... os teus ferimentos não se fecharam ainda... Não lutes com aquela orgulhosa criatura... para que hás-de morrer também?

Ivanhoé, porém, já ocupara a sua posição, baixara a viseira e aprontara a lança. O mesmo fizera Bois-Guilbert, tendo o seu escudeiro notado que o seu rosto, para lá das muitas emoções que o crispavam e que todo o dia se apresentara cinéreo, estava, no momento, afogueado.

O arauto, vendo os campeões em posição, levantou a voz por três vezes: — Faites vos devoirs, preux chevaliers! — Ao terceiro grito, afastou-se para um dos lados da liça e declarou que ninguém, sob risco de morte imediata, perturbasse o campo de luta. O Grão-Mestre, que empunhava o símbolo do repto, a luva de Rebeca, atirou-o para a liça, exclamando a ordem fatal: — Laissez aller!

Soaram as trombetas e os cavaleiros correram um para o outro a todo o galope. O esfalfado cavalo de Ivanhoé e o seu não menos cansado cavaleiro caíram, como era de esperar, sob o forte impacte da lança do Templário e sua possante montada. Já se sabia que assim seria. Contudo, e apesar de a lança de Ivanhoé somente ter tocado o escudo de Bois-Guilbert, este lidador, para surpresa geral, rolou na sela, perdeu os estribos e caiu na terra batida.

Ivanhoé libertou-se do cavalo tombado e, pondo-se de pé, preparou-se para tentar melhor sorte com a espada. O seu antagonista, todavia, não se movia. Wilfred, pisando— lhe o peito com um pé e encostando-lhe a espada à garganta, ordenou-lhe que se rendesse, ao que Bois— Guilbert nada respondeu.

— Não o acabeis, Sr. Cavaleiro! — gritou o Grão-Mestre. — Não está confessado nem arrependido. Matar-lhe-eis corpo e alma. Damo-lo por vencido.

Baixou à liça e ordenou que o elmo do campeão tombado fosse retirado. Tinha os olhos fechados. A vermelhidão ainda se lhe notava na testa. Abriu nesse momento os olhos. Estavam fixos e vidrados. O rubor desvaneceu-se, dando lugar à palidez da morte. A lança do adversário nada lhe causara. Morrera vitimado pela violência das próprias paixões.

— Trata-se, sem sombra de dúvida, duma decisão de Deus — anunciou o Grão-Mestre olhando o firmamento: — Fiat voluntas tua!

Capítulo XLIV

E tudo acabou como um conto de velhas.

Webster

Quando se refez do espanto que o invadira, Wilfred de Ivanhoé perguntou ao Grão-Mestre se entendia ter ele pugnado dentro da justiça e hombridade.

— Sim, com toda a hombridade e legalidade — acordou o Grão-Mestre. — Declaro a donzela livre e inocente. As armas e o corpo do vencido estão ao dispor do vencedor.

— Não lhe tomarei as armas — disse o cavaleiro Ivanhoé -, nem lhe vexarei o corpo. Lutou pela cristandade. Foi a mão de Deus e não a do homem que hoje o venceu. No entanto, que as suas exéquias sejam o mais simples possível, como convém a quem morreu por causa injusta. No que refere à donzela... Passos de muitos cavalos ouviam-se e tão depressa que tudo faziam estremecer. O Cavaleiro Negro entrou na liça com um numeroso grupo de homens de armas e vários cavaleiros com as armaduras rebrilhando.

— Cheguei tarde — proferiu, olhando em seu redor. — Queria ser eu a impor justiça a Bois-Guilbert... Ivanhoé, achas bem teres-te arriscado a uma aventura destas, quando mal te aguentas na sela?

— Foi o Céu, meu senhor — respondeu Ivanhoé -, quem venceu este homem orgulhoso, não lhe permitindo a honra de por vós ser abatido.

— Que descanse em paz — acrescentou Ricardo fixando o corpo -, se puder ser. Foi um garboso cavaleiro e morreu com a sua armadura... Mas não percamos tempo. Bohum, cumpre o teu dever! Este cavaleiro destacou-se do meio dos acompanhantes reais e, colocando uma mão no ombro de Albert de Malvoisin, declarou: — Prendo-te por alta traição! O Grão-Mestre, que o espanto calara, falou agora: — Quem se atreve a prender um cavaleiro da Ordem do Templo de Sião, dentro dos limites da sua própria preceptoria? Por autoridade de quem acontece um ultraje destes?

— Sou eu quem executa a prisão — informou o cavaleiro -, eu Henry Bohum, conde de Essex e grão-condestável de Inglaterra.

— E prende Malvoisin — concluiu o rei, levantando a viseira — por ordem de Ricardo Plantageneta, aqui presente... Conrade Mont-Fitchet, tens sorte em não seres meu súbdito, senão acontecer-te-ia como a Malvoisin e a seu irmão Philip, que morrerão antes que uma semana passe.

— Opor-me-ei a tal sentença combatendo-a — declarou o Grão-Mestre.

— Templário a quem o orgulho cega! — bradou o rei. — Não podes! Olha e vê que naquelas torres é o estandarte real inglês que flutua e não a bandeira do Templo. Ganha juízo, Beaumanoir, e não te oponhas em vão. Tens a cabeça metida entre as fauces do leão.

— Contra ti apelarei em Roma — disse o Grão-Mestre -, como usurpador das imunidades e privilégios da nossa ordem.

— Faz isso — concordou o rei -, mas, para teu bem, convirá que não me acuses agora de usurpação. Dissolve o teu capítulo e parte com os teus seguidores para outra preceptoria (se alguma conseguires encontrar) onde não se tenha conspirado traiçoeiramente contra o rei de Inglaterra... Ou, se preferires, deixa-te ficar como nosso hóspede e espectador da nossa justiça.

— Hóspede na casa onde fui patrão? — explodiu o Templário.

— Nunca... Capelães, cantai o salmo Quare fremuerunt Gentes?... Cavaleiros, escudeiros e seguidores do sagrado Templo, aprontai-vos para acompanhar a bandeira de Beau-Séant!

O Grão-Mestre exprimira-se com dignidade à altura da do próprio rei de Inglaterra, incutindo coragem aos seus surpresos e desnorteados seguidores, que o rodearam como ovelhas em volta dum cão de guarda quando escutam os lobos a uivar ao longe. Não se mostravam, porém, atemorizados como um rebanho. Os seus semblantes carregados e os olhares hostis diziam tudo o que as palavras não podiam. Agruparam-se num ouriço de lanças, saindo dos mantos brancos dos cavaleiros pontilhando as vestimentas pretas dos seus inferiores, como caudas de arminho num manto negro. A multidão, que levantara um brado de protesto, calou-se e observou em silêncio temeroso aquele formidável e experimentado corpo que sempre temera e sempre evitara. O Conde de Essex, ao vê-los agruparem-se, roseteou as ilhargas do cavalo e, galopando para trás e para a frente, preparou os seus para um possível embate com aquela força tão potente.

Somente Ricardo, que se sentia deleitado com a perigosa situação provocada pela sua presença, marchou lentamente ao longo da vanguarda dos Templários, dizendo bem alto: — O quê, senhores? Não existe, entre tantos e tão garbosos cavaleiros, um único que queira cruzar lanças com Ricardo? Senhores do Templo, vossas damas tornar-se-ão torresmos se nenhuma merece o quebrar duma lança.

— Os irmãos do Templo — soltou o Grão-Mestre, colocando-se-lhe na frente — não entram em querelas tão ocas e

profanas... e nenhum templário cruzará lanças contigo na minha presença. O papa e os príncipes europeus serão os juizes da nossa questão e resolverão se um príncipe cristão, como tu, bem procedeu tomando a posição que acabaste de tomar. Se não nos atacarem, partiremos sem ninguém atacar. À tua honra confiamos as armas e bens que não levamos e à tua consciência deixamos o escândalo e ofensa que neste dia causaste à cristandade.

Isto dito e sem aguardar réplica, o Grão-Mestre deu o sinal de partida. As trombetas entoaram um selvático acorde de gosto levantino, o toque de marcha próprio dos Templários. Formaram-se em coluna e afastaram-se tão lentamente quanto possível, demonstrando desta maneira obedecerem às ordens do seu mestre e não por medo à força superior que se lhes opunha e os obrigava a retirarem-se. — Pela frente de Nossa Senhora! — exclamou o rei Ricardo. -Que lamentável é não serem estes Templários tão leais como disciplinados e valentes são.

A populaça, como um canito que só ladra quando aquele que desafia desaparece, soltou um grito fraco, logo que o último esquadrão se afastou. Na confusão desta retirada, Rebeca nada viu e ouviu. Estava nos braços do seu idoso pai, tonta, quase sem sentidos, devido a toda a alteração de coisas. Uma frase de Isaac a chamaria à realidade.

— Vamos, querida filha, meu tesouro recuperado. Vamo— nos pôr aos pés daquele generoso jovem.

— Isso não — disse Rebeca. — Não, não... não. Nesta altura não me atrevo a falar-lhe, pois... ai de mim!... diria mais do que quero. Não, meu pai, saíamos já deste sítio de perversidade.

— Mas, filha minha — insistiu Isaac -, deixar quem voou, como se gozasse de toda a saúde, com lança e escudo na mão, esquecendo a própria vida, para te salvar, apenas para te salvar? E logo tu, que és de raça diferente da dele. Temos de lho agradecer.

— Estou... estou-lhe o mais completa... totalmente grata — gaguejou Rebeca. — Muito, muito mais, do que... mas agora, não. Pela memória de Raquel, pai, faz-me a vontade. Nesta altura, não.

— Terá de ser — persistiu Isaac -, ou pensará que somos cães ingratos.

— Vê, pai. O rei Ricardo está lá e...

— Certo, minha maravilha, meu tesouro. Afastemo-nos. Deve necessitar de dinheiro, pois acaba de regressar da Palestina, ou, como dizem, da prisão, e, se precisar de algum, pode exigir-me baseando-se na minha simples transação com seu irmão João. Tens razão. — Apressando-se ele agora, levou a filha ao longo da liça até ao transporte de que se servira, chegando muito depressa a casa do rabino Nathan.

Tendo-se retirado a judia, cuja sorte fora o fulcro das atenções do dia, o interesse da populaça transferira-se para o Cavaleiro Negro, aplaudindo, no momento: "Viva, o rei Ricardo Coração de Leão! Abaixo com os Templários usurpadores!" — Não obstante toda esta lealdade de boca — comentou Ivanhoé para o conde de Essex -, foi bom o rei ter tido o cuidado de ter trazido consigo tantos dos seus fiéis colaboradores. Abanando a cabeça e sorrindo, o conde disse: — Bravo Ivanhoé! Tu, que tão bem conheces o nosso amo, julgas capaz de tão prudente precaução? Eu caminhava para Iorque, pois sabia que o príncipe João para lá se dirigia, quando me encontrei com o rei Ricardo, tal cavaleiro andante, galopando como um louco para aqui para, sozinho, resolver o assunto do Templário e da judia. Deixou-me acompanhá-lo de má vontade.

— E que novas há de Iorque, caro conde? — perguntou Ivanhoé.

— Os rebeldes esperam-nos?

— Tanto como as neves do Inverno esperam o sol do Verão. Dispersaram-se e foi o próprio príncipe João quem trouxe a notícia!

— O traidor! O traidor insolente! — surpreendeu-se Ivanhoé. — Ricardo não mandou confiná-lo?

— Recebeu-o como se estivessem a chegar duma caçada. Apontou para mim e para os nossos homens de armas, comentando: "Sabes, irmão, tenho comigo alguns homens enfurecidos. Seria conveniente que te juntasses a nossa mãe, apresentando-lhe os meus votos de afeição, e com ela te deixares ficar até que esta gente esfrie."

— Foi só isso que disse? — perguntou Ivanhoé. — Qualquer um pode afirmar que este príncipe, com tanta clemência, convida à rebelião — exato — assentiu o conde. — Precisamente como brinca com a morte todo aquele que, ainda com grandes ferimentos, se mete em combates.

— Perdoo-te a graça, conde — sorriu Ivanhoé -, mas lembrai-vos de que arriscava apenas a minha vida, enquanto Ricardo o faz com o bem-estar do seu reino.

— Os que pouco cuidam do bem-estar próprio raramente atentam no dos demais... Mas apressemo-nos para o castelo, onde Ricardo pondera como castigar alguns elementos rebeldes menores, ao mesmo tempo que desculpa os maiores.

Das investigações, que se seguiram e que nos são prolongadamente descritas no Manuscrito de Wardour, conclui-se, ao que parece, que Maurice de Bracy fugiu para lá do mar, oferecendo os seus serviços a Filipe de França, Philip de Malvoisin e seu irmão Albert, o preceptor de Templestowe, foram executados, mas Waldemar de Fitzurse escapou, partindo para o desterro. Quanto ao príncipe João, por causa de quem toda a traição se urdira, não foi nem sequer repreendido pela mãe.

Ninguém, porém, chorou a sorte dos dois Malvoisins, que apenas tiveram a morte que os cruéis, os falsos e os opressores merecem.

Pouco tempo após o torneio, Cedric, o Saxão, foi chamado à corte do rei Ricardo, que, a fim de pacificar os condados que a ambição de João levantara, estava reunida em Iorque. Cedric resmungou e bufou à convocação, mas não deixou de a acatar. Na realidade, o regresso do rei Ricardo abafara-lhe toda e qualquer esperança que tivesse de reposição duma dinastia saxônia em Inglaterra. Na verdade, se os Saxões se juntassem sob o pendão de fosse quem fosse para desencadear uma guerra civil, nada alcançariam, pois a posição de Ricardo era indisputável, pela sua popularidade, qualidades pessoais e fama guerreira, ainda que a sua administração fosse descuidada e indiferente, ora indulgente, ora despótica.

Além de tudo mais, até mesmo Cedric tinha relutantemente de reconhecer que o seu plano para uma completa unificação dos Saxões mediante o casamento de Rowena com Athelstane não era exequível, visto ambas as partes o não desejarem. Nunca, no seu entusiasmo, contara com um pormenor destes, e, mesmo quando a falta de atração mútua se manifestou clara e evidentemente, muito lhe custou a aceitar que saxões de sangue real pudessem opor-se, por razões pessoais, a uma aliança necessária para a prosperidade da nação. Era um fato, contudo. Rowena sempre mostrava o seu desdém pela pessoa de Athelstane e este era agora igualmente claro e positivo ao proclamar a sua decisão de não mais desejar cortejá-la. Mesmo a obstinácia de Cedric teve de ceder perante tamanhos obstáculos, pois não podia juntá-los agarrando cada um pelo braço e obrigando-os ao que não queriam. Fez ainda uma derradeira tentativa junto de Athelstane, que em nada resultou, pois aquele renascido rebento da realeza saxônia somente se interessava agora, como os senhores rurais de hoje, por tremendos conflitos com o clero local.

Consta que, depois de todas as suas ameaças ao abade de Santo Edmundo, o espírito de vingança de Athelstane, abalado pela sua bondosa indolência e rogos de sua mãe, Edith, muito chegada, como a maioria das senhoras (de época) à Ordem, se satisfez encerrando o abade e os monges na masmorra de Conningsburgh por três dias, quase sem alimentos.

Por esta atrocidade ameaçou-se o abade com a excomunhão, queixando-se atrozmente de males estomacais e intestinais que o achacavam, e aos seus frades, resultantes do injusto e tirânico tratamento recebido. Foi no meio desta controvérsia que Cedric o foi encontrar, sem cabeça para pensar noutras coisas. Quando o nome de Rowena foi citado, Athelstane logo aproveitou para beber uma taça à sua saúde, desejando que brevemente se confirmasse o seu noivado com o seu parente Wilfred de Ivanhoé. Era óbvio nada mais se poder fazer com ele ou, como Wamba diria, numa frase que conseguiu chegar desde esse tempo até aos nossos dias, "era um galo que cantava baixo".

Entre os dois namorados e Cedric levantavam-se agora duas barreiras: a teimosia do último e o muito pouco que gostava da dinastia normanda. A primeira foi-se derretendo com o carinho da pupila e com o muito orgulho que não conseguia disfarçar pela fama do filho. Também não era de todo insensível a ideia de juntar a sua linhagem à de Alfredo, uma vez que as mais altas pretensões de Eduardo, o Confessor, tinham para sempre sido abandonadas. A aversão de Cedric à raça dos reis normandos também perdia bases, primeiro pela impossibilidade de livrar a Inglaterra da nova dinastia, sentir que levou muitos ingleses a prestarem homenagem ao rei de fato, e segundo pelas atenções de Ricardo, que altamente apreciava o seu humor sem papas na língua e que, para se citar o Manuscrito de Wardour, de modo tal lidou com o fidalgo saxão que não se tinham ainda passado sete dias e já ele dera o seu consentimento para o enlace da sua pupila Rowena com o filho, Wilfred de Ivanhoé.

As núpcias do herói, assim formalmente aprovadas, foram celebradas no mais augusto dos templos, a Catedral de Iorque. Assistiu o próprio rei, cujo comportamento nesta ocasião, como em tantas outras, concedeu aos até então espoliados e degradados Saxões uma melhor esperança de obterem os seus justos direitos do que certamente iriam conseguir recorrendo a hipotéticas guerras civis. A Igreja revestiu a boda com toda a solenidade e esplendor que Roma tão bem e com tão brilhantes efeitos sabe emprestar.

Gurth, elegantemente vestido, serviu de escudeiro ao seu jovem amo, que tão dedicadamente servira. Wamba ostentava um barrete novo, cheio de guizos de prata. Companheiros de Wilfred em muitos perigos e na adversidade, para sempre ficariam, como é natural, ao seu lado e com ele compartilhando da sua próspera carreira.

Além destes convidados da casa, assistiram a este distinto casamento muitos fidalgos, tanto normandos como saxões, a que, jubilosamente, se juntaram as classes mais baixas. Este matrimônio constituiria, pois, um sinal de paz e harmonia entre as duas nações, que, a partir dessa data, tão completamente se misturaram que qualquer distinção entre elas se tornou impossível de perceber. Cedric viveria para ver essa união quase se completar, pois, à medida que socialmente se mesclavam e entre si

se casavam, os Normandos foram perdendo a sua altivez e os Saxões saindo da sua rusticidade. Porém, seria somente no reinado de Eduardo III (1327-1377) que o idioma híbrido, agora denominado inglês, passou a ser falado pela corte em Londres e a hostil separação entre Normandos e Saxões desapareceria por completo.

Dois dias depois deste feliz enlace, Lady Rowena foi informada por sua aia, Elgitha, de que uma donzela pedia licença para vir à sua presença, que rogava fosse em privado. Rowena surpreendeu-se, hesitou, teve curiosidade e, por fim, mandou que a menina fosse admitida e que a criadagem se retirasse.

Entrou, nobre e imponente, com o longo véu branco que a envolvia delineando, mais do que escondendo, a sua elegância e majestade. O seu porte era respeitoso, sem ponta de temor ou inferioridade. Rowena tinha tendência para reconhecer e respeitar os sentimentos dos outros. Pôs-se de pé e teria acompanhado a sua formosa visitante até à cadeira se ela, olhando para Elgitha, não tivesse reiterado o pedido para falarem a sós. Elgitha tinha acabado de sair e já, para surpresa da Sr.a de Ivanhoé, a sua radiosa hóspede, pousando um joelho no solo, lhe pegava numa mão, que encostou à testa.

Levou depois a cabeça ao soalho e, indiferente aos protestos de Rowena, beijou-lhe a orla da saia.

— Que significa tudo isto? — perguntou, surpresa, a jovem noiva. — Ou, melhor, porque me prestais tão raras deferências? — Porque é a vós, Sr.a de Ivanhoé — disse Rebeca, erguendo-se e retomando toda a compostura e dignidade de maneiras —, que, completamente e sem recusas, poderei pagar a dívida de gratidão que tenho para com Wilfred de Ivanhoé. Sou, e perdoai-me que uma mulher da minha nação vos homenageie, a infeliz judia pela vida de quem o vosso esposo pôs em risco, e em ásperas circunstâncias, a própria vida, na liça de Templestowe.

— Donzela — respondeu Rowena -, nesse dia Ivanhoé não fez mais do que parcialmente liquidar a imensa caridade que lhe haveis estendido quando ferido e em sofrimento. Dizei: algo haverá que por vós possa fazer?

— Nada há — disse Rebeca calmamente -, senão transmitir — lhe a minha gratidão e o meu adeus.

— Deixais, portanto, a Inglaterra? — indagou Rowena, ainda mal refeita da surpresa que esta visita lhe causara.

— Deixá-la-ei ainda antes da Lua se tornar a mudar. O meu pai tem um irmão ocupando um lugar exaltado na corte, Mohammed Boabdil, rei de Granada. para lá iremos, certos de paz e proteção, que o pagamento que os muçulmanos cobram à nossa gente nos garante.

— E não vos sentis protegida em Inglaterra? — quis Rowena saber. — O meu marido goza da benevolência do rei... e o rei é justo e generoso.

— Senhora — retorquiu Rebeca -, não o duvido... mas as gentes de Inglaterra são de raça fera, estando sempre em querelas com os vizinhos ou entre si, sempre prontos a enfiar espadas nas tripas uns dos outros. Terra assim não é segura para o nosso povo. Efraim é uma rola tímida... Isaac um escravo de trabalho. Nesta terra de guerras e sangue, cercada de inimigos e revolvida por lutas intestinas, Israel não pode esperar o descanso.

— Mas vós, donzela — disse Rowena -, vós nada tendes a temer de certeza. Aquela que tratou de Ivanhoé ferido — e, entusiasmado-se, continuou — nada tem a temer nesta terra, onde normandos e saxões entre si disputarão o direito de vos servir.

— As tuas palavras são belas e mais belo o teu propósito. Mas não pode ser... Levanta-se entre nós um muro. A nossa educação, a nossa religião, proibem-nos a ambas que o ultrapassemos. Adeus... Mas, antes, concede-me uma graça, dignando-vos levantar esse véu para que vos aprecie o tão cantado rosto.

— Quase nem merece ser olhado — respondeu Rowena. Porém, certa de que a minha visitante o mesmo fará, retirarei o meu véu. Tirando-o e, em parte por se saber formosa, em parte por acanhamento, corou tanto que rosto, testa, pescoço e colo lhe ficaram rubros. Também Rebeca se ruborizou, mas por instantes apenas. Dominada por sentimentos mais elevados, a cor apagou-se como o Sol, à tarde, no horizonte.

— Senhora — disse -, o rosto que acabais de me revelar nunca o esquecerei. Nele reina a gentileza e a bondade e, se um pouco de orgulho ou vaidade terrenos se misturarem em tão belas feições, como poderemos nós reprovar que o que é da terra dela alguma mostra tenha. Nunca, nunca olvidarei vosso rosto, e Deus seja abençoado por o saber deixar unido ao meu nobre salvador a... — Parou subitamente, com os olhos cheios de lágrimas. Limpou-as à pressa e respondeu às ansiosas questões de Rowena. — Estou bem, senhora. Só que o meu coração se aperta à ideia de Torquilstone e da liça de Templestowe. Adeus. Aceitai este cofrezinho. Que o seu conteúdo vos não surpreenda.

Rowena abriu a caixinha encastrada de prata. Lá dentro refulgiam um colar e uns brincos de brilhantes de valor incalculável.

— É-me impossível — disse, entregando-lhe a caixa -, não posso aceitar um presente desta valia.

— Conservai-o, senhora — insistiu Rebeca. — Tendes poder, posição, respeito e influência. Nós temos fortuna, a base da nossa força e fraqueza. O valor destas minhas ninharias, mesmo que multiplicado por dez, valeria menos do que o menor dos vossos desejos, para vós o presente é, pois, de pouco valor e para mim, que vo-lo ofereço, bastante menos ainda.

Não me deixeis crer que pensais tão mal da minha gente como a maioria o faz. Pensareis que darei mais valor a estes pedaços reluzentes de pedras do que à minha liberdade? Ou que o meu pai os aprecia mais do que à honra da sua única filha? Aceitai-os, senhora. Eu jamais tornarei a usar qualquer joia.

— Sois infeliz? — perguntou Rowena, a quem o tom das últimas palavras chocara. — Oh! Fica connosco. Os conselhos dos nossos santos homens afastar-te-ão da tua fé errada e eu serei uma irmã para ti.

— Não, senhora — prosseguiu Rebeca, sempre calma e com voz na mesma triste -, não pode ser. Não deixarei a fé dos meus antepassados como um vestido velho impróprio para novos climas, que se deita fora. Aquele a que devotarei a minha vida futura confortar-me-á se lhe obedecer à vontade.

— Tendes então conventos para onde vos retirar? — indagou Rowena.

— Não — respondeu a judia -, mas, entre a nossa gente, desde os tempos de Abraão, sempre houve mulheres dedicando-se ao Céu, bons atos e bondade praticando, tratando dos doentes, alimentando os famintos e ajudando os aflitos. Rebeca será mais uma delas. Dizei isto a vosso marido, caso ele pergunte por aquela que do mal livrou.

A voz de Rebeca tremera-lhe sem querer e rodeara-se dum carinho muito superior àquele que pretendia, talvez, deixar transparecer. Apressou-se a despedir-se de Rowena. — Adeus — disse. — Que Aquele que nos fez, judeus e cristãos, vos cubra das maiores bênçãos. A barca que nos levará levantará ferro logo que chegemos ao porto.

Como que deslizando, saiu do apartamento, deixando Rowena tão confundida como se tivesse estado a contatar com uma aparição. A bela saxônia relatou esta entrevista ao marido, que com ela ficou muitíssimo perturbado.

Juntos viveram muitos anos, felizes na sua afeição tão cedo nascida. Ainda mais amor sentiam um pelo outro à recordação dos empecilhos que haviam surgido no seu caminho para a felicidade.. Apesar de tudo isto, teria interesse saber-se se a recordação da beleza e magnanimidade de Rebeca não viriam à mente da linda descendente de Alfredo com mais frequência do que aquela que desejava.

Ivanhoé distinguiu-se ao serviço de Ricardo e foi, por muitas vezes, largamente agraciado com favores reais. Mais alto subiria se não fora a prematura morte do heroico Coração de Leão, cerca do Castelo de Châlus, perto de Limoges. com a vida do generoso mas impetuoso e romântico monarca acabaram-se os projetos que a sua ambição e generosidade haviam criado.

A ela poderão, com pequenas alterações, ser dedicadas as linhas compostas por Johnson para Carlos da Suécia:

A praias estranhas seu fado destinou, Uma praça menor e mão larga herdou; Seu nome o mundo tem na memória Como grande, com lugar na HISTÓRIA.

FIM